Pérolas do Centauro

40 anos da música cearense
30 anos da musicalidade de Pingo de Fortaleza
(1972 - 2012. Compositores e Intérpretes)

(org.) Pingo de Fortaleza

© Copyrihgt by Pingo de Fortaleza, 2013

FichaTécnica

Idealização, Organização e Coordenação de Produção
Pingo de Fortaleza

Produção Executiva
Arnóbio Santiago

Assistentes de Produção
Patrício Barros e Tieta Pontes

Apoio
Eliahne Brasileiro

Concepção do Desenho da Capa
Sílvio Gurjão

Desenho da capa
Faso

Concepção Gráfica, Arte da Capa, Mosaicos de Fotos e Fotos (acervo SOLAR)
Papinha Rodrigues

Editoração Eletrônica
Gilberlânio Rios

Revisão de Texto
Rodrigo Oliveira

Realização
Associação Cultural Solidariedade e Arte (SOLAR)

Contato com autor
Associação Cultural Solidariedade e Arte (SOLAR)
Av. da Universidade, 2333 - Benfica - Fortaleza - CE - CEP: 60.020-180
associacaosolar@gmail.com
(85) 3226.1189
pingodefortaleza1@gmail.com
(85) 9987.7321

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

Pérolas do Centauro / Pingo de Fortaleza [organizador] .- Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora e Associação Cultural Solidariedade de Arte (SOLAR), 2013.

240 p.

(Pingo de Fortaleza - pseudônimo usado para João Wanderley Roberto Militão)
ISBN: 978-85-420-0171-6

1. Musica cearense I. Título

CDD: 787

Os textos apresentados neste livro são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores, não refletindo obrigatoriamente a opinião dos realizadores ou do corpo editorial.

Agradeço a oportunidade de ter organizado e produzido este livro (projeto), inicialmente aos meus ancestrais musicais da nação Paiaku (povo indígena do litoral cearense) pelo espírito de paz e guerreiro que povoa em mim; aos meus familiares que me ensinaram o prazer da alegria de viver , a todos os amigos que sempre compartilham e estimulam minhas ações, aos parceiros e irmãos da SOLAR que acreditam e investem em nossos projetos coletivos; a todos os profissionais que inspiraram e contribuíram para a feitura dos produtos deste projeto (livro, CDs e documentário) e a todas as instituições que possibilitaram a concretização desta iniciativa. Serei sempre pleno de gratidão...

Dedico esta realização a todos que de alguma forma concretizaram em todos os tempos o fazer musical criativo no Ceará e também a todos que com sua sensibilidade fazem ecoar cotidianamente os sons universais desta terra...

Especialmente aos meus filhos: Iara, Teui, Aitan, Iarin, Maria e Caique, porque filho é seguir em frente e sempre ficar...

Primeira nota: Parabéns ao trovador

Lira Neto
Jornalista e escritor

Embora celebratório, este não é um livro de autocongratulação. Para marcar seus trinta anos de carreira, Pingo de Fortaleza preferiu o caminho mais generoso e, ao mesmo tempo, mais expressivo. Em vez de tecer loas ao próprio percurso individual, decidiu nos oferecer um mosaico colorido e coletivo da história da música popular cearense — história da qual ele, Pingo, emerge como um personagem de peculiar significação.

Pingo de Fortaleza tem todos os motivos para comemorar. Afinal, aquele jovem trovador, vindo do Conjunto José Walter e que despontou no finalzinho dos anos 70 com seu violão a tiracolo nas recreações da antiga Escola Técnica Federal do Ceará, construiu uma trajetória consistente e respeitada na cidade. Impôs seu nome e sua música em meio à pródiga geração de artistas que, na Fortaleza dos anos 80, marcou a efervescência cultural típica do período da abertura política em nosso país.

Conheci Pingo naquelas nossas jovens andanças lítero-musicais no bairro do Benfica. Entre poemas rabiscados em guardanapos de papel e canções entoadas nas mesas do Quina Azul, do Jazz Blues Bar e do Bar das Letras, descobríamos então a força — e a sedução — da arte e da política estudantil. O Teatro Universitário, a Concha Acústica da UFC e a quadra do CEU eram então os cenários privilegiados de nossas paixões e rebeldias juvenis.

O Centro da cidade também era uma extensão de nossas vidas: chuvas de poesia, shows sob a carroceria de caminhões na Praça do Ferreira, o Projeto Pixinguinha no palco do José de Alencar, noitadas artísticas memoráveis no Teatro da Emcetur...

Entretanto, em vez de simplesmente propor uma viagem saudosista em torno do próprio umbigo, Pingo decidiu, com este livro, prestar uma bela homenagem a todos os artistas que vieram antes dele. E, do mesmo modo, homenagear os que chegaram depois e, ainda hoje, continuam a chegar e a abrir novos caminhos para o cenário musical de nosso estado.

Ao reunir textos que remetem à época áurea do rádio e, em especial, à maestria indiscutível do chamado Pessoal do Ceará, esta obra presta o devido tributo a todos os cantores, compositores e músicos cearenses que, com seus respectivos e notáveis talentos, injetaram uma dose revolucionária de invenção e criatividade na MPB.

E ao propor um voo de apresentação e de reconhecimento sobre o trabalho da novíssima geração de artistas cearenses, o livro nos chama a atenção para a pluralidade de vertentes, ritmos e influências que a caracteriza — e sempre a caracterizou.

Pingo está de parabéns. A música de Fortaleza e do Ceará, também.

ÍNDICE

Primeira parte – Solos de Introdução

A- Primeira Nota: Parabéns ao trovador, por Lira Neto ***07***

B- Acordes Iniciais: lapidando "Pérolas do Centauro", por Pingo de Fortaleza..... ***13***

C- Base Harmônica: Música do Ceará dos primórdios até aproximadamente 1972, por Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez) ***19***

Segunda parte – No tempo e No Compasso

D- Ceará, Voz Teimosa, Canto Torto, por Gilmar de Carvalho (texto escrito originalmente em 1977 para Jornal de Música) ***27***

E- PESSOAL DO CEARÁ – uma breve História entrelaçada de histórias (1972 – 1980), por Pedro Rogério ***31***

F- Música do Ceará de 1981- 1989: o "Pessoal" segue em frente, outros do Massafeira também e sempre surgem novos atores no mundo que se transforma, por Pingo de Fortaleza ***43***

G- A música autoral do Ceará na década de 1990, por Nelson Augusto..... ***79***

H- A música do Ceará no novo milênio: altos, baixos e uma revolução (2000 a 2012) por Fábio Marques..... ***135***

Terceira parte – Ad Libitum

I- Ceará da Música Plural, por Flávio Paiva..... ***161***

J- Artistas Cearenses: Os Festivais de Música, Sociabilidades e Indústria Cultural, por Wagner Castro..... ***175***

K- Algumas reflexões sobre os percursos da música cearense na contemporaneidade, por Mary Pimentel..... ***187***

L- Dos registros fonográficos no Ceará, por Marcílio Mendonça..... ***195***

M- Massafeirantes, por Calé Alencar ***199***

N- Poetas-letristas (1972 - 2012) – Mestres Cearenses do Encanto das Palavras, por Guaracy Rodrigues..... ***201***

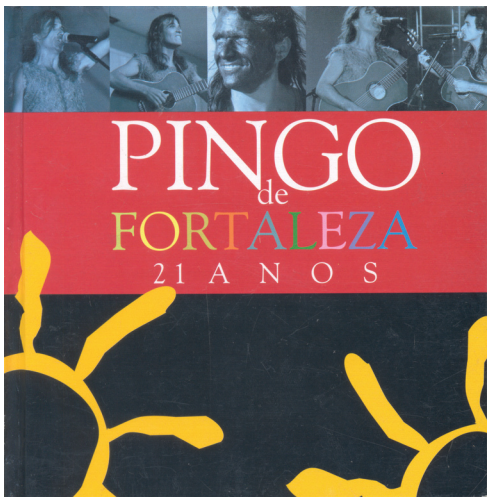
O- Pingo de Fortaleza – Ressonâncias de Um Centauro – 30 Anos de Uma Obra, por Joanice Sampaio ***215***

SOLOS DE INTRODUÇÃO

Acordes iniciais: Lapidando “Pérolas do Centauro”

Pingo de Fortaleza
(compositor, cantor, produtor cultural, pesquisador e pós-graduado em Arte Educação e Cultura Popular pela Faculdade Darcy Ribeiro)

O projeto “Pérolas do Centauro – 40 Anos da Música Popular do Ceará e 30 Anos da Musicalidade de Pingo de Fortaleza (1972-2012, compositores e intérpretes)”, teve início com uma ideia de demarcar de forma contundente meus trintas anos de carreira, contados a partir do ano de 1982 quando coloquei em prática de forma mais intensa minhas atividades musicais na cidade de Fortaleza. Durante toda minha trajetória tenho realizado algumas iniciativas e alguns registros, sempre compartilhados com parceiros e amigos, que de certa forma fazem um apanhado cronológico de meu trabalho e o contextualizam de maneira sintética, situando-o naquele momento histórico. Foi assim com os CDs “ao vivo” em 1992 (dez anos de carreira), “Pingo de Fortaleza 21 Anos” em 2003-2004 e Prata 950 (25 anos de carreira, 2008 - 2009).



Capa do CD Pingo de Fortaleza - 21 Anos

Porém, na hora de escrever o projeto desta iniciativa (desde cedo a terminologia “projeto” me acompanha, pois quando fui solicitar meu primeiro apoio cultural me perguntaram sobre um tal de “projeto”, que eu não sabia exatamente o que era, e deste então, tenho me especializado em “projetos” culturais dos mais diversos – lá em casa até os meninos desde pequeno escutam e reproduzem esta expressão) pensei que poderia ir mais adiante e contextualizar meus trinta anos de carreira dentro do meu universo de formação musical, que tem como marco definitivo a audição da produção musical do “Pessoal do Ceará”, na década de 1970, e dos trabalhos criativos de seus artistas expoentes (Fagner, Ednardo, Belchior, Rodger, Téti, entre outros), bem como na produção dos músicos que se evidenciaram no “Massafeira” no final da década de 1970 e início de 1980, tais como o parceiro Calé Alencar, e também nos artistas que surgiram comigo nos anos 80. Desta forma, estaria também explicitando ainda mais meu processo criativo através das múltiplas relações de parcerias e ações conjuntas que venho realizando durante minha caminhada artística. Contudo, como essa teia de relações continua sistematicamente e de maneira mais intensa e plural até os dias atuais, finalmente concluí que desenvolver as ações e os produtos do projeto “Pérolas do Centauro” num espaço cronológico compreendido de 1972 até 2012, envolvendo um maior número de artistas referenciais deste período seria o ideal para dar maior densidade e profundidade ao conteúdo desta iniciativa.

Ednardo, Téti e Rodger - Acervo Téti

Além de coincidir ao representar 10 anos a menos do início de minha carreira, o ano de 1972 foi escolhido como marco inicial do "Pérolas do Centauro", por ser o ano em que os artistas do "Pessoal do Ceará" definitivamente se estabelecem fora do Ceará e começam a lançar seus registros fonográficos individuais, tais como Raimundo Fagner que lança neste ano o compacto duplo "Cavalo Ferro" e por ser também o ano da gravação do emblemático LP que ficou conhecido como "Pessoal do Ceará". O amigo e professor Gilmar de Carvalho, no livro "Massafeira – 30 Anos", reforça essa concepção em relação ao ano de 1972 como marco para a música cearense.

Já a escolha do ano de 2012 para o término do marco desta iniciativa se dá por fechar em 40 anos o recorte do projeto e de seus produtos e por apresentar, com esse ano, um perfil bem próximo da atualidade da produção musical do Ceará.

Outro recorte deste projeto está em se referir, em seu conteúdo, ao que veio a se chamar convencionalmente de Música Popular Brasileira – MPB, adaptada ao cenário cearense. Essa abrangente definição no "Pérolas do Centauro" está associada a uma produção autoral, que embora esteja em algum aspecto vinculada a indústria cultural não tem neste universo sua diretriz. Também para efeito de unidade de conteúdo e abrangência, trabalhamos no "Pérolas do Centauro" focados prioritariamente na historicidade e produção de compositores e intérpretes, deixando o universo de bandas, corais, orquestras, instrumentistas e músicos, para outras abordagens e registros vindouros, que com certeza com o tempo acontecerão, para fazer justiça a esse conjunto de agentes culturais de importância ímpar na produção musical cearense.

Capa do disco "Cavalo Ferro" - Fagner, 1972 (Philips – Compacto Duplo)

Para ilustrar o cenário do projeto "Pérolas do Centauro – 40 Anos da Música Popular Brasileira do Ceará e 30 Anos da Musicalidade de Pingo de Fortaleza (1972-2012 – Compositores e Intérpretes)", pensamos inicialmente num livro, que passei a organizar a partir da produção textual de estudiosos, pesquisadores e parceiros sobre o conteúdo abrangente do projeto. Os outros produtos são: dois CDs que referenciassem os 40 anos desta produção coletiva e meus 30 anos de carreira, um documentário que sintetizasse todas as ações e o conteúdo do projeto, além de um conjunto de aulas espetáculos a serem realizadas no âmbito das redes públicas de ensino do estado do Ceará e Prefeitura de Fortaleza para difundir e possibilitar, principalmente aos jovens, o reconhecimento da história desta música produzida no Ceará nos últimos 40 anos (1972-2012).

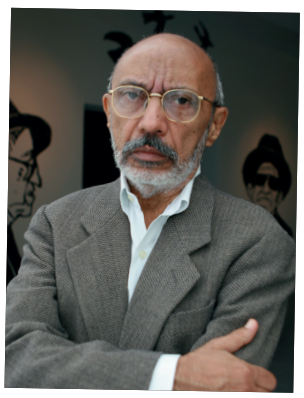
Capa livro "Pérolas do Centauro"

O Livro "Pérolas do Centauro – 40 Anos da Música Popular do Ceará e 30 Anos da Musicalidade de Pingo de Fortaleza (1972-2012, Compositores e Intérpretes)"

O livro, dividido em três partes, apresenta na Parte 1 (Solos de Introdução), além dessas minhas linhas introdutórias, um prefácio escrito pelo jornalista Lira Neto e um preâmbulo representado por um texto do pesquisador Nirez, originalmente publicado no livro "Ah Fortaleza" que situa a produção da música cearense dos seus primórdios até o início da década de 1970, servindo de base para as considerações dos textos produzidos para este trabalho, que situam seus conteúdos prioritariamente a partir de 1972 até o ano 2012.

Na segunda parte deste livro, intitulada "No tempo e No Compasso", são apresentados cinco textos que em tese discorrem sobre a produção da música popular cearense nas décadas de 70, 80, 90 e de 2000 a 2012. Esta parte tem início com uma reedição de um texto escrito em 1977 pelo Professor Gilmar de Carvalho, no qual o autor apresenta um quadro real deste período e aborda o tema da musicalidade cearense com argumentos bastante atuais. Em seguida, o professor e amigo Pedro Rogério situa poeticamente a produção do pessoal do Ceará na década de 1970 e tece outras considerações analíticas sobre a música produzida no Ceará até 1980. Em seguida, criei um texto em que procuro situar cronologicamente de 1981 a 1989 as produções paralelas dos diversos artistas e coletivos cearenses no universo da MPB realizadas neste período. O amigo jornalista Nelson Augusto dá sequência a esta parte do livro com a produção de um texto que situa a produção musical cearense na década de 1990 e apresenta um conjunto de informações sobre trabalhos fonográficos lançados neste período. Finalmente, para concluir a primeira parte do "Pérolas", o jornalista Fábio Marques faz um relato sobre a produção musical cearense contemporânea de 2000 a 2012 dimensionando sua abrangência e diversidade.

Fábio Marques
Acervo Fábio Marques



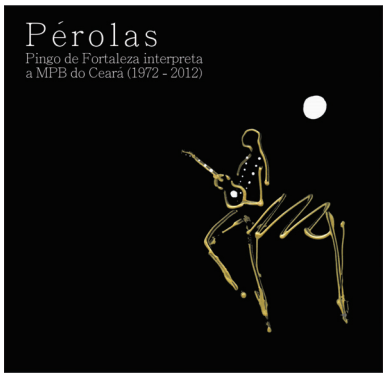
Gilmar de Carvalho
Foto: Francisco Sousa
Acervo Gilmar de Carvalho

Pedro Rogério
Foto: Papinha Rodrigues, 2013
Acervo SOLAR

Em sua terceira parte, intitulada "ad libitum", este livro apresenta textos correlatos e livres sobre o conteúdo tratado cronologicamente no capítulo dois e que expressam visões analíticas de seus atores sobre o tema, assim o multiartista e jornalista Flávio Paiva discorre sobre um Ceará da música plural. Em seguida o historiador e compositor Wagner Castro apresenta um painel sobre os festivais de música acontecidos no Ceará nas últimas décadas. Em seguida, a professora Mary Pimentel faz em seu texto algumas reflexões sobre os percursos da música cearense na contemporaneidade. Dando continuidade à segunda parte do "Pérolas", o músico e proprietário do Estúdio Proáudio, Marcílo Mendonça, apresenta um relato sobre sua vivência nos processos de gravação de discos no Ceará e situa sua experiência historicamente. Ainda nesta parte do livro, Calé Alencar tece impressões sobre sua vivência no movimento Massafeira e o o escritor Guaracy Rodrigues escreve um criativo e inusitado texto sobre os letristas cearenses. Para concluir esta terceira parte do "Pérolas" a jornalista Joanice Sampaio apresenta um relato sobre os 30 anos de carreira de Pingo de Fortaleza.

O CD "Pérolas" (Pingo de Fortaleza interpreta a MPB do Ceará – 1972-2012)

O CD "Pérolas" apresenta a interpretação de Pingo de Fortaleza para um repertório de 12 composições referenciais de autores cearenses que têm seus processos criativos situados cronologicamente entre 1972 a 2012, tais como a música "Cavalo Ferro", de Fagner e Ricardo Bezerra, gravada por Fagner em 1972, e "Força, Facão e Fé", composição do músico Ciço Lifrat, natural de Lavras da Mangabeira, vencedora da VII Edição do Festival de inverno da Serra da Meruoca, em 2010 (música inédita em disco solo).



Capa CD "Pérolas"

As canções do CD "Pérolas" revelam diversos momentos dos últimos 40 anos da MPB do Ceará e traduzem algumas ações coletivas, como é o caso de "Vento Rei", de autoria de Zé Maia e Calé Alencar, que integra o repertório do movimento Massafeira, e "Passarim de Assaré", de Fagner e Fausto Nilo, que faz parte do disco coletivo "Soro", lançado em 1980. O CD "Pérolas" ainda apresenta clássicos do Pessoal do Ceará, tais como "A Palo Seco", de Belchior (1974), e "Pavão Mysterioso"(1974), de Ednardo, além de "Falando da Vida"(1973), canção de Rodger Rogério e Dedé Evagelista, integrante do LP "Pessoal do Ceará" de 1973. As outras composições do "Pérolas" são: "Canção pra Ninar o Cariri" (Abidoral Jamacaru, 1986), "Catavento" (Eugênio Leandro e Oswald Barroso, 1990), "Estação Fortaleza" (Rogério Franco, 1995), "Breu de Mim" (Jácio Cidade e Marcos Rocha, 2004) e "O Que Eu Queria" (David Duarte, lançada em 2000 por Aparecida Silvino no CD "Presente").

Mimi Rocha, Giselle Tigre, Ednardo, Pingo de Fortaleza e Zé Milton - Acervo SOLAR

Téti – Foto: Papinha Rodrigues, 2013 - Acervo SOLAR

David Duarte - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 - Acervo SOLAR

Serrão - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 – Acervo SOLAR

O CD "Centauros" – Intérpretes da Música Popular do Ceará cantam Pingo de Fortaleza em seus 30 anos de Carreira – 1982 a 2012

Pensado numa perspectiva de dar unidade ao projeto, o CD "Centauros" apresenta 12 canções de autoria de Pingo de Fortaleza, algumas divididas com grandes parceiros e produzidas durante os 30 anos de carreira do artista. As canções do CD contam com a interpretação de cantores e cantoras cearenses representativos dos 40 anos abordados no projeto (1972 a 2012), e vão desde nomes do Pessoal do Ceará a novos intérpretes inéditos em disco no Ceará. São estas as canções e seus respectivos intépretes: "Cantares" (Pingo de Fortaleza e Fernando Neri), com Marcos Lessa, "Mourão" (Pingo de Fortaleza e Guaracy Rodrigues), com Anna Canário, "Noite Azul" (Pingo de Fortaleza, Parahyba e Augusto Moita), com Ednardo e Giselle Tigre, "Centauros e Canudos" (Pingo de Fortaleza e Guaracy Rodrigues), com Rodger Rogério, "Pode Crer" (Pingo de Fortaleza), com Téti, "Solencanto" (Pingo de Fortaleza), com Eugênio Leandro, "Brincar de Brinquedo" (Pingo de Fortaleza), com David Duarte, "Natureza do Amor" (Pingo de Fortaleza e Henrique Beltrão), com Aparecida Silvino, "Lógica" (Pingo de Fortaleza), com Serrão, "Caminho de Luz" (Pingo de Fortaleza), com Edinho Vilas Boas, "Aproveite o Dia" (Pingo de Fortaleza e Henrique Beltrão), com Lorena Nunes, "Negreiros" (Pingo de Fortaleza e Alan Mendonça) com interpretação de Mona Gadelha e "Maculelê" (Pingo de Fortaleza e Guaracy Rodrigues), com Calé Alencar.

Augusto Moita e Pingo de Fortaleza
Foto: Papinha Rodrigues, 2013 - Acervo SOLAR

O Documentário "Pérolas do Centauro"

O documentário "Pérolas do Centauro" procura sintetizar e apresentar de forma mais didática, através da linguagem do audiovisual a ideia central do projeto homônimo, que é a de procurar historiar a produção musical dos últimos 40 anos dos compositores e interpretes cearenses vinculados ao que convencionalmente se intitula de Música Popular Brasileira (MPB). Seu roteiro tem como referencial as visões dos autores dos textos do livro "Pérolas do Centauro – 40 anos da música popular cearense e 30 anos da musicalidade de Pingo de Fortaleza (1972-2012, compositores e intérpretes)" e depoimentos de alguns dos artistas participantes dos CDs "Pérolas" e "Centauros", além de apresentar um pouco da iconografia dessa história e as músicas gravadas nos CDs que procuram simbolizar esta produção musical.

A aula-espetáculo "Pérolas do Centauro"

Pensado não só como uma forma de registro e consolidação da memória da música popular brasileira produzida nos últimos 40 anos no Ceará, mas como uma maneira concreta de difundir esta produção entre as novas gerações cearenses, o projeto "Pérolas do Centauro" contempla a realização de uma aula espetáculo protagonizada pelo idealizador deste projeto, o cantor e compositor Pingo de Fortaleza, que apresentará através de uma *performance* musical , uma síntese da produção musical do Ceará vinculada a Música Popular Brasileira entre os anos de 1972 e 2012, evidenciando seus movimentos coletivos e os nomes referenciais desta produção. A aula-espetáculo "Pérolas do Centauro" será apresentada na rede púbica de ensino do estado do Ceará e em outras ambiências.

Rodger Rogério, Gilmar de Carvalho, Pingo de Fortaleza e Dedé Evangelista - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 - Acervo SOLAR

Pingo de Fortaleza, Rodger Rogério e Leandro Gomes
Foto: Papinha Rodrigues, 2013 - Acervo SOLAR

Leandro Gomes, Caio Castelo e Pingo de Fortaleza
Foto: Papinha Rodrigues, 2013 – Acervo SOLAR

Uma pequena conclusão entre "Pérolas do Centauro"

Plenamente consciente que esse projeto, suas ações e produtos representam apenas uma pequena amostragem do real universo de produção da música cearense concretizada por seus compositores e intérpretes nos últimos 40 anos, o "Pérolas do Centauro" pode ser considerado um passo a mais na construção da memória desta história de múltiplas visões, que como a própria cultural, se modifica a cada instante e se adapta a trajetórias de novos artistas que surgem a cada momento e também as novas formas do viver e do fazer arte e do criar e difundir musical. Esta iniciativa surge como uma contribuição a mais que se somará a um conjunto de outras produções do gênero na perspectiva de consolidação da memória musical dos artistas do Ceará, todas pensadas no plural com ações no coletivo.

Lembro-me agora de uma história que costumo contar de quando ia a Canoa Quebrada, antes da chegada da energia elétrica nesta comunidade, e sempre passava inicialmente na casa de meu amigo artista Toquinho, que prontamente e animadamente acendia uma fogueira em sua casa, onde também funcionava uma pousada, para tocarmos violão até pela manhã. Um certo dia, após uns seis meses da chegada da energia em Canoa (tinha um pensamento poético que o efeito dessa ação se daria apenas na luminosidade das ruas e etc.), estive em sua casa e para surpresa minha esse meu grande saudoso parceiro, mandou avisar por sua mulher, no portão, que não podia me atender naquele instante porque estava assistindo à novela.

É assim a cultura e também a própria produção musical. Se hoje gravamos uma música até num celular, se quisermos, e a enviamos naquele instante para qualquer lugar do mundo via email. Há 40 anos artistas cearenses tiveram que ganhar o mundo para registrarem suas criações em compactos discos e LPs, porém o mais importante em relação à arte, como diria o escritor Rainer Maria Rilke (na minha opinião, autor do maior tratado sobre arte já publicado intitulado "Cartas a Um Jovem Poeta") está na verdade de cada artista quando cria suas obras , e nesta dinâmica cultural, desejamos que as obras deste "Pérolas do Centauros" lhes sejam realmente verdadeiras.

Gratidão e Axé de luz.

Base Harmônica: Música do Ceará dos primórdios até aproximadamente 1972

Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez)
(jornalista e pesquisador)

As primeiras manifestações musicais em nosso país foram os sons produzidos pelos nativos da terra, os chamados indígenas ou índios.

Os "descobridores" trouxeram para esta terra outro tipo de cultura, oriunda da Europa, vinda através dos portugueses, holandeses e franceses, logo seguida das várias culturas africanas.

Essa mistura de raças, ritmos e sons permitiu a construção de uma música nacional que ficou dividida na música do povo e música da corte.

Ao longo do tempo produzimos músicas de vários "sabores", até o advento da gravação sonora, em 1901, iniciativa do tcheco Frederico Figner, que passou a gravar as músicas já sobejamente conhecidas, pois tinham vendagem certa.

O segundo passo foi o rádio, que passou a difundir a música por todo o país, tornando o disco um instrumento de lançamento de músicas e não mais um mero registro das peças tradicionais.

Até o final do século XIX não existia o Carnaval, apenas o Entrudo, festa pagã de muito mau gosto, onde mascarados sujavam, amedrontavam, desmandavam... Era, enfim, um período de exceção, quando as pessoas de bem tinham que ficar escondidas em suas casas.

Com o advento do Carnaval, no início do século XX, surgiram os préstitos, com carros alegóricos, grupos de foliões formando blocos, desfile pelas ruas, porém, com músicas europeias, com ritmos como valsa, schottisch, polca, dobrado etc.

O ambiente descrito acima é do Carnaval do Rio de Janeiro, então Capital Federal, na qual se espelhavam todas as cidades do país.

No Ceará também ocorreu, de maneira um pouco diferente, o mesmo fenômeno.

O mais antigo compositor cearense de que se tem notícia é Sátiro Bilhar, modinheiro e chorão, nascido em Baturité em 1860 e que morreu no Distrito Federal em 1926. Era tio da também compositora Ana Bilhar.

Disco de cera (78 rotações) roda em uma velha vitrola Pathé de 1903. Acervo Nirez

Capa da partitura de “Folha d’Album” de Alberto Nepomuceno, impressa no início do Século XX - Acervo Nirez

Partitura de “Improviso”, peça de Alberto Nepomuceno, editada no início do Século XX - Acervo Nirez

Capa de “Beijos em Excesso”, de Hilda Matos, para piano, edição do Ceará Musical de 1926 - Acervo Nirez

Capa da parte musical do charleston para piano “Trianon”, de autoria de Hilda Marçal Matos, de 1926 - Acervo Nirez

Capa da partitura do fox-trot “Miss Ceará” de Hormisdas de Oliveira e Sobreira Filho, em homenagem a Maria Nazaré Silveira, Miss Ceará 1929 - Acervo Nirez

Capa da partitura para piano de canto da peça “Para Ninar”, de Paurílio Barroso, editada em 1935 - Acervo Nirez

Alberto Nepomuceno nasceu em Fortaleza em 1864 e faleceu no Rio de Janeiro em 1920. Apesar da formação erudita, compôs muitas peças populares com versos de Juvenal Galeno. Com Tomás Lopes, é autor do Hino do Ceará. Foi o primeiro brasileiro a explorar o nacionalismo na música.

Catulo da Paixão Cearense, nascido no Maranhão em 1866, era filho de cearenses e aqui passou a mocidade, indo em seguida para a Cidade Maravilhosa, onde faleceu em 1946.

Outro cearense músico foi Francisco Gurgulino de Sousa, nascido em 1867 e que chegou a professor de harmonia do Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, apesar de cego.

Raimundo Ramos, que se assinava R. Ramos, conhecido por Ramos Cotoco, nasceu em 1871 e faleceu em 1916. Publicou, em 1906, o livro “Cantares Bohemios”, onde vinham suas músicas, versos e partituras, algumas gravadas em disco da Casa Edison.

O maestro Henrique Jorge Ferreira Lopes, nascido em 1872, fundou a Escola de Música Alberto Nepomuceno, regeu várias orquestras e deixou várias composições em partituras. Faleceu em 1928.

Nas rodas boêmias de Fortaleza tivemos nomes como Abel Canuto, Adolfo Raposo, A. de Maria, Abelardo Ipirajá, Alfredo Martins, Aristides Rocha, Antônio Rayol, Antônio Mouta, Antônio Moreira “Moreirinha”, Boanerges Gomes, Augusto Cabral, Ataíde Cavalcante, Branca Rangel, José Ulisses de Sousa, Oscar Feital, Carlos Severo, Teixeirinha, Gustavo Araújo, Manoel Cândido, Stefânia Gomes, Sinhasinha Mota, Raimundo Nonato (Pai), Romeu Menezes, Rossini Silva, Pedro Gomes “Pedro Piston”, Pierre Freire, Moacir Ribeiro de Carvalho, Nadir Papi Sabóia, Lauro Maia Teles, Litrer Ribeiro, José Gomes do Carmo, Quincas Dantas, João Gomes do Carmo (introdutor dos grupos de pau e corda no Ceará), Joaquim Aristóteles, Francisco Florêncio e muitos outros.

Da época é a troupe do Pequeno Edison (Edison Alcântara), onde também estavam seus irmãos Pedro de Alcântara "Xerém" e Tapuia.

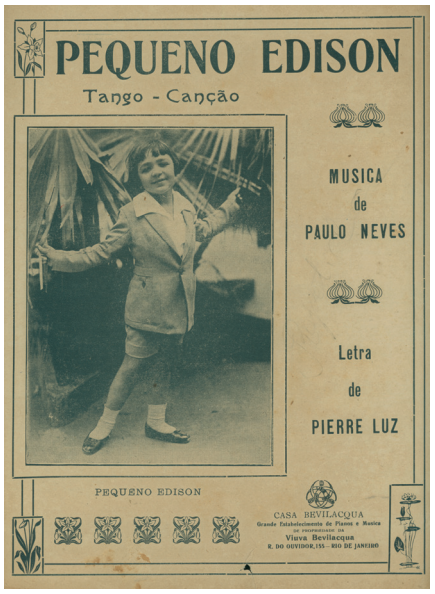
Tivemos ainda Diva Câmara, J. Carvalho, Adolfo Raposo, Antônio Moreira "Moreirinha", Antônio Mouta, dono do Ceará Musical, Mozart Ribeiro, Pierre Luz – este nascido em Recife –, Hilda Matos, Euclides Silva Novo, os Donizetis (Francisco Mozart, Wagner, Raimundo Pai e Filho), os irmãos Cirino (Oscar, João e Mamede), Paurilo Barroso, que dirigiu no Rio de Janeiro o Cassino da Urca e o Teatro Municipal e, aqui em Fortaleza, o Theatro José de Alencar e a Sociedade de Cultura Artística.

Outro nome da música em Fortaleza foi Edgard Nunes. Nascido no Pará, fundou aqui a Escola de Música Carlos Gomes. Também José Emygdio, que musicou versos de vários poetas cearenses.

No início da década de 1930 surgiu no Liceu do Ceará um grupo de músicos que formaram o Conjunto Liceal, composto por Valnir Chagas, Esdras Falcão Guimarães (Pijuca), Danúbio Barbosa Lima, Olavo Cordeiro de Sena (Leto), Laura Santiago (Luri), Coaci, La Corderi Ribeiro Filho e Francisco da Costa Gadelha, grupo do qual saíram alguns conjuntos, entre eles os Vocalistas Tropicais, que atuaram no Rio de Janeiro com grande sucesso, deixando muitos discos gravados.

Com a fundação do Ceará Rádio Clube (PRE-9), a música cearense teve um grande impulso, apareceram como cantores Ildemar Torres, Moacir Weyne, José Jatahy, Paulo Sucupira "Bill James", Danilo de Vilar, Luri Santiago, Aracati, Altair Ribeiro, Gilberto Milfont e outros; músicos, Lauro Maia, Luiz Róseo, Francisco Alenquer, Afonso Aires, Carlos Alenquer, Paulo de Tarso, José Menezes "Zé Cavaquinho", Zezé do Vale, Francisco Soares, Alcides Curinga, Milton Moreira, Aleardo Freitas, José Artur de Carvalho, Leão Manso, Vicente Ferreira; e os conjuntos Vocalistas Tropicais, Trio Cearense, Quinteto Lupar e outros. A orquestra da PRE-9 era das melhores do país e seu conjunto Regional também.

O Quinteto Lupar era formado por Lauro Maia (compositor e pianista), Paulo Pamplona (violino), Ubiraci Carvalho Lima (violão), Antônio Fiúza e Roberto Fiúza. As iniciais dos componentes formavam o nome do conjunto.



Capa da partitura do tango-canção "Pequeno Édison", de autoria de Paulo Neves e Pierre Luz – Acervo Nirez

Conjunto Liceal, formado no Liceu do Ceará e que serviu de lastro para vários conjuntos vocais e instrumentais. 1938 – Arquivo Nirez

Grupo vocal-instrumental Vocalistas Tropicais e seu primeiro disco, gravado em 1946. Arquivo Nirez.

Conjunto cearense 4 Ases e 1 Coringa que fez sucesso nacional em disco, rádio e cinema. Arquivo Nirez

Trio Nagô, formado por Epaminondas Sousa, Evaldo Gouveia e Mário Alves. Surgiu na velha PRE-9 e brilhou no Rio de Janeiro nas décadas de 50 e 50 (Séc. XX) – Arquivo Nirez

Compositor Lauro Maia Teles, músico fortalezense que brilhou nacionalmente e lançou o ritmo balanceio – Arquivo Nirez

O Trio Cearense era formado por Leda Santiago, José Artur de Carvalho e Artur de Oliveira.

Lauro Maia foi um compositor que teve projeção nacional. Nasceu no Benfica, em 1913 e faleceu em 1950, no Rio. Iniciou sendo gravado pelo grupo 4 Ases e 1 Curinga e chegou a ter como intérprete o maior cantor da época, Orlando Silva. Em 1945 lançou o novo ritmo, "balanceio", no Sul, criado por Danúbio Barbosa Lima e Aleardo Freitas aqui em Fortaleza.

Os 4 Ases e 1 Curinga formaram-se no Rio de Janeiro com o nome de Conjunto Cearense, em 1940, todos cearenses que lá estudavam. Ao virem ao Ceará pela primeira vez, lhes foi dado o nome de Quatro Ases e Um Melé pelo jornalista Demócrito Rocha. De volta ao Rio, foram rebatizados como 4 Ases e 1 Curinga, já que os cariocas não conheciam o termo "Melé".

Os Vocalistas Tropicais tiveram várias formações desde o início, na PRE-9, até suas gravações no Sul. Aqui chegaram a gravar várias peças em acetatos, mas suas melhores gravações foram feitas no Sul.

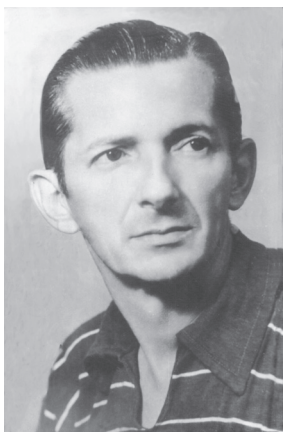
Gilberto Milfont também começou na PRE-9 e foi para o Rio juntamente com os Vocalistas e logo chegou já foi chamado para gravar. Além de intérprete é também compositor, tendo várias peças gravadas por grandes cantores como Dick Farney.

Humberto Teixeira nasceu em Iguatu em 1915 e na década de 1930 foi para o Rio de Janeiro. Juntamente com Luiz Gonzaga lançou em 1946 o ritmo "baião". Sempre cantou o Ceará em suas canções.

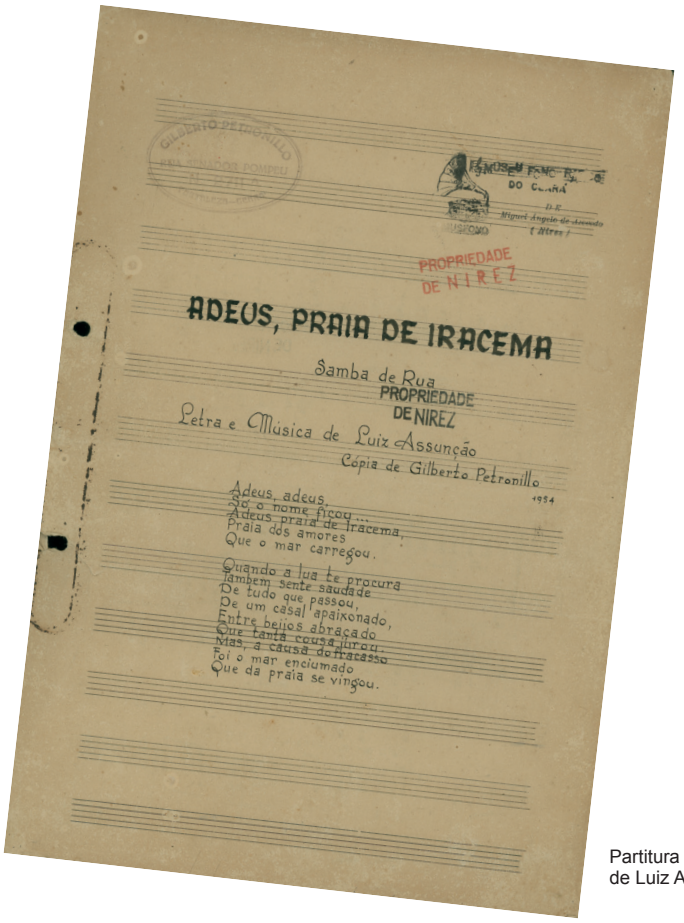
Eleazar de Carvalho iniciou na Marinha e tocava tuba em gravações na Victor. Depois foi grande maestro conhecido universalmente. Hélio Sindô é um cantor cearense radicado no Rio. Rogaciano Leite, poeta repentista nascido em Pernambuco, também se fez cearense e são de sua autoria os versos de "Cabelos cor de prata".

Escola de Samba Lauro Maia – Arquivo Nirez

Compositor Humberto Teixeira, cearense de Iguatu, que em 1946 lançou em parceria com Luiz Gonzaga o ritmo "Baião" – Arquivo Nirez



Compositor Luiz Gonzaga Assumpção (Luiz Assunção), maranhense que se fez cearense. Arquivo Nirez



Partitura de “Adeus Praia de Iracema”, de Luiz Assunção – Acervo Nirez

Luiz Assunção, maranhense que aqui chegou em 1928, era filho de uma cearense de Pacajus e também cantou o Ceará em várias de suas peças, sendo a mais conhecida “Adeus, Praia de Iracema”.

César de Alencar, locutor cearense que fez sucesso na Rádio Nacional, também era compositor e cantor.

No Rio de Janeiro estavam dois cearenses chamados Waldemar, o Ressurreição e o Gomes. Do Waldemar Ressurreição, do Cariri, é o sucesso “Que Rei sou eu?”, em parceria com Herivelto Martins e “Aquarela Cearense”. Do Waldemar Gomes, de Fortaleza, temos “Seus olhos na canção”, e “Reconciliação”, ambas com Marino Pinto.

Na década de 1950 era bem maior o número de cearenses no Sul. Evaldo Gouveia, Mário Alves e Epaminondas Sousa formaram o Trio Nagô e logo estavam gravando.

Mozart Brandão, pernambucano, maestro e compositor, após vários anos na PRE-9 vai para o Sul. Josimar Leite assina com Luiz Assunção “Saudade do Ceará”; Gabriel Antônio de Azeredo gravou no violino músicas suas e de Luiz Assunção. Tivemos ainda Jacques Klein, Otávio Pereira de Souza, Julinho do Acordeon, Cleóbulo Maia, o violonista Francisco Soares, que gravou um LP.

No rádio, militavam Maria Guilhermina, Maurício Sucupira, Humberto Sucupira “Juan Fernandez”, Celina Maria, Paulo Neves, Aloísio Milfont, Fátima Sampaio, Santos Meira, Vanda Santos, Artur Oliveira, Giácomo Gmari, Gilberto Silva, Lourdes Martins, José Lisboa, Solteiro, Pequeno Aírton (Aírton Rocha), João Lima, Guilherme Neto, Ayla Maria, Luiz Irapuan, Nozinho Silva, Zuila Achiles, João Bob, Raimundo Moura, Ivanilde Rodrigues, Keila Vidigal, Terezinha Holanda, Adamir Moura, Cleide Moura, estas da família Moura, toda de artistas, da qual saiu o Antônio de Sousa Moura, que adotou o pseudônimo de Carlos Augusto.

Ivan de Alencar foi outro cantor cearense radicado no Rio de Janeiro. Otávio Santiago nasceu em Niterói, filho de cearenses e cedo veio para a terra de seus pais. Gravou na etiqueta Chantecler e outras.

Capa da partitura da opereta “Valsa Proibida”, de Paurilo Barroso, primeira edição (1941), encenada no Theatro José de Alencar, com fotos dos cenários de Otacílio de Azevedo – Acervo Nirez

Mas existem ainda muitos nomes cearenses como José Luciano, Ed Lincoln, Catulo de Paula, Heitor Catunda, Moreira Filho, Aluísio Antunes, Hortêcio Aguiar, Olavo Barros, José Marçal, Mundico Calado, Miranda Golignac, Francisco Anísio "Chico Anísio", Augusto Borges, Irapuan Lima, Mário Filho, Joran Coelho, Holanda Júnior, Ayla Maria, Salete Dias, Milton Santos, Vera Lúcia, César Coelho, Gerardo Gerardi, José Guimarães, Ademar Batista, Geraldo Sousa, Milton Alves, Zé de Sales, Doutor Batérico, Chico Rodrigues, Talito Silva, Maria de Lourdes Gondim, Andrade Lima, Antônio Gondim, Laura Lima, Luiz Milfont, José Bruno Magalhães, Lauro Benedito Silva, Carvalho Nogueira, Haroldo Serra, Clóvis Pereira, Félix de Carvalho "Sapeca", Jackson de Carvalho, Trio Uirapuru, Bráulio Martins, Zemilton, Jesus F. Moura, José Vasconcelos "Murici", Aníbal Façanha, Osvaldo Rocha, Barreto Roma, Marta Fernandes e outros.

Tivemos os conjuntos vocais Trovadores do Luar; Paulo Cirino e Suas Pastoras, Trio Jangadeiro; Trio Guarani (Valter Valmir e Cunha); Vocalistas Orientais, Acadêmicos do Ritmo, Milionários do Ar, Sexteto Tupi, Ases do Havaí, Trio Jangada.

Formavam os Trovadores do Luar: Jack Schaumman (violão e 3a voz); Aldeci Duarte "Dedé" (tanta e Ia voz); José Cláudio Cisne (pandeiro e 2a voz); Ernani Carvalho (violão e intermediário); Epaminondas (crooner); e Célio Cavalcante (violão tenor e intermediário).

Paulo Cirino e Suas Pastoras era formado por Paulo Cirino (líder e crooner), Isis Martins (Ia voz), Maria Alice Bernardo (2a voz) e Lourdes Martins (3a voz).

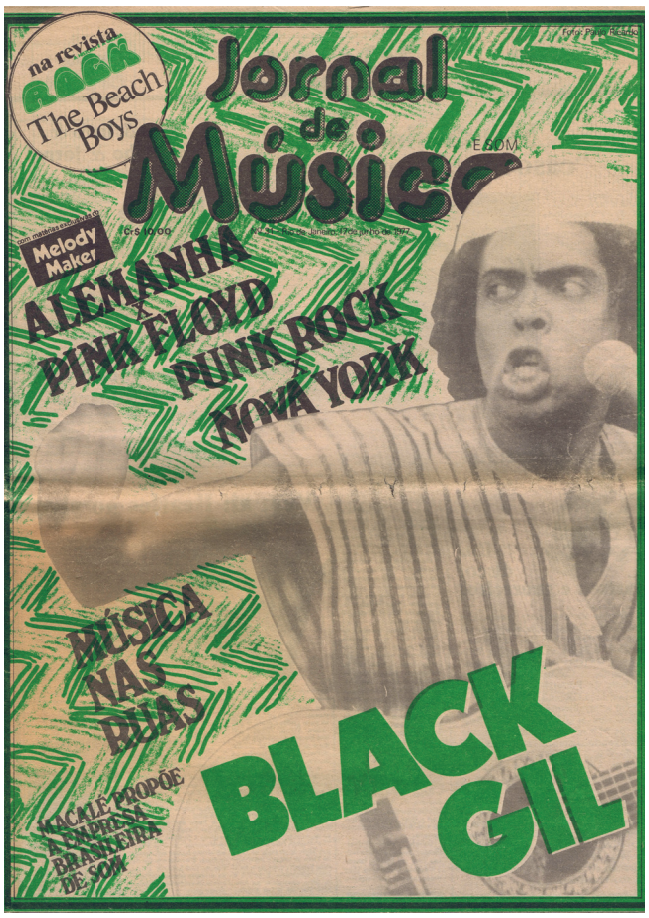
Muitos dos nomes acima citados ainda estão em plena atividade, porém em outras profissões, pois a partir dos anos 1970 o panorama musical mudou de tal forma que os estilos, os ritmos e a formação melódica deixaram de representar a formação latina do brasileiro e a música passou a obedecer aos ditames anglo-saxões da América do Norte.

NO TEMPO E NO COMPASSO

Ceará, Voz Teimosa, Canto Torto

(texto publicado originalmente em 1977 no Jornal de Música)

Gilmar de Carvalho
(jornalista, professor da UFC (1984/2010) e Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP)



Capa do Jornal de Música, Rio de Janeiro, 1977

Música é uma expressão de arte que sempre teve vez por aqui. Houve sempre um trabalho sério e de boa qualidade neste campo feito no Ceará. Há uma ambiência, um clima de efervescência que motiva qualquer manifestação de criatividade musical. Se não podemos falar em tradição numa terra que tenta, desesperadamente, apagar qualquer vestígio de passado, podemos falar em processo e, até mesmo, em herança indígena. Alegres ou tristes, somos um povo que canta.

Talento não faltava a Lauro Maia que, se não conseguiu impor sua música nacionalmente, foi por distância do eixo Rio - São Paulo, ainda hoje (ou principalmente hoje) quem dita os padrões e a linguagem para todo o país, através das redes nacionais de televisão. Lauro Maia quando foi para dentro da engrenagem conseguiu impor seu "Trem de Ferro", que pode ser citado como exemplo de sucesso. Não que a qualidade de uma música se meça pelas paradas, mas ninguém pode negar a importância desse dado, apesar de todas as manipulações. E todo compositor deve gostar de ouvir sua canção na boca do povo. Aleardo Freitas e Luiz Assunção completam a trindade da velha geração e ainda hoje deixam as marcas de suas criatividades.

Passado o apogeu do rádio, houve um longo intervalo – não de embotamento – mas de pausa. Então, começou a vez dos universitários, um pessoal inquieto, informado e com muita coisa para dizer. Aqui a história pode ser subdividida em quatro fases.

A primeira, da dispersão. Num mesmo período, muita gente começou a fazer música e a tocar para os amigos, nas serenatas para as namoradas e nas festinhas de família. Um traço em comum: consciência do papel do artista, desmistificação dos rótulos e das coroas de rei, veemência.

Numa segunda etapa,veio a descoberta do Anísio, o bar onde o pessoal começou a se encontrar para curtir. O Anísio tinha bossa e pintou como o lugar para onde o pessoal ia. Foi lá que se solidificaram amizades, se formaram parcerias e, no meio da madrugada, muita canção foi composta.

Música é uma expressão de arte que sempre teve vez por aqui, houve sempre um trabalho sério e de boa qualidade neste compo feito no Ceará. Há uma ambiência, um clima de efervescência que motiva qualquer manifestação de criatividade musical. Se são podemos falar em tradição numa terra que tenta desesperadamente apagar qualquer vestígio de passado, podemos falar em processo e até mesmo em herança indígena. Alegres ou tristes somos um povo que canta.

Talento não faltava a Lauro Maia que se não conseguiu impor sua música nacionalmente foi por distância do eixo Rio-São Paulo, ainda hoje (ou principalmente hoje) quem dita os padrões e a linguagem para todo o país através das redes nacionais de telerisão. Lauro Maia quando foi para dentro da engrenagem conseguiu impor seu **Trem de Ferro** que pode ser citado como exemplo de sucesso. Não que a qualidade de uma música se meça pelas paradas, mas ninguém pode negar a importância desse dado apesar de todas as manipulações. E todo compositor deve gostar de ouvir sua canção na boca do povo. Aleardo Freitas e Luis Assunção completam a trindade da velha geração e ainda hoje deixam a marca de sua criatividade.

Passado o apogeu do rádio houve um longo intervalo, não de embotamento, mas de pausa. Então começou a vez dos universitários, um pessoal inquieto, informado e com muita coisa pra dizer. Aqui a história pode ser subdividida em quatro fases. A primeira, da dispersão. Num mesmo período muita gente começou a fazer música e [illegible] para os amigos, nas serenatas para as namoradas e nas festinhas de família. Um traço em comum: consciência do papel do artista, desmistificação dos rótulos e das coroas de rei, veemência.

Numa segunda etapa veio a descoberta do Anísio, o bar onde o pessoal começou a se encontrar para curtir. O Anísio tinha boca e pintou como o lugar para onde e pessoal ia. Foi lá que se solicidificaram amizades, se formaram parcerias e, no meio da madrugada, onde muita canção foi composta. Na terceira fase vieram a televisão e os festivais. Os programas **Porque Hoje é Sábado** e **Gente que a Gente Gosta**, no canal 2, ambos produzidos e apresentados por Gonzaga Vasconcelos, passaram a recrutar o pessoal novo. Então pintou a possibilidade de mostrar um trabalho para um público maior, de se encarregar da direção musical, era a fase de aprendizagem. Os festivais, por sua vez, ao invés de separar pelo caráter de competição, juntava mais a turma. Era a certeza de que havia um trabalho, um processo e de que todo mundo estava perseguindo a mesma meta, apesar de serem diversos os caminhos. E houve o Festival Aqui, promovido pela Rádio Assunção e pelos direitórios acadêmicos das escolas de Arquitetura e Serviço Social e Orgacine, em cujos estúdios, em Fortaleza, foi gravado um LP artesanal, depois prensado pela Companhia Industrial de Discos. É o primeiro registro, doze músicas de um total de mais de cento e cinquenta inscritas. Depois vieram os festivais promovidos pelo DCE e TV Tupi, o nordestino, também pela Tupi e o de músicas de carnaval, pela cervejaria Astra. Nomes como o de Rodger, Ricardo Bezerra, Petrúcio Maia, Belchior, Ednardo, Fagner, Lauro Benevides, Jorge Melo, Cirino, Luis Fiuza, Ribamar, PT, Dedé, Braguinha, Sérgio Pinheiro, Maninho despontavam.

Então o pessoal começa a se mandar. O êxodo seria a quarta fase. Era a consciência da qualidade do trabalho e a constatação de que fora do Rio-SP, centros de geração e difusão de idéias e atitudes era inútil insistir. Faltaria ressonância ao trabalho e nenhuma proposta de arte sobrevive dissociada do público que ela visa a atingir. Foi-se a primeira leva. Belchior grancou a matrícula no curso de medicina e se mandou, cantou na barra pesada e venceu com **Hora do Almoço** um festival universitário de âmbito nacional, era o começo. Jorge Melo foi dos primeiros a emigrar. Ednardo e Fagner foram depois. O Ceará invadia, mas logo começaram as dificuldades da luta contra os rótulos. Depois dos baianos a tendência era classificar a partir da procedência. E foi difícil convencer que não se tratava de um grupo cearense, mas de pessoas que [illegible] ner. Ricardo anda meio desligado mas pretende reiniciar um trabalho sem compromisso com o sucesso e de preferência ocm seu antigo parceiro. A musicalidade de Ricardo transborda como a dos violeiros e repentistas de feiras. E é isso o que ele persegue, uma não-urbanização de seu trabalho e para tanto se afastou da cidade e mora em Maracanga, à beira de uma lagoa.

Petrucio Maia, talvez o mais importante e significativo dos compositores cearenses também resolveu ficar. Sociólogo e atualmente funcionário do INPS. Pet estuda realmente e leva essas coisas muito a sério. É perfeccionista sem descambar para o virtuosismo castrante e procura se aperfeiçoar cada vez mais. É pesquisador e tenta descobrir novos caminhos para a música. Pet é um dos poucos que não se preocupa em ser rotulado. Não se importa de ser chamado de cearense, mas de pessoas que embora tendo nascido no mesmo lugar e apesar das afinidades e amizades seguiam caminhos diferentes e tinham recados diversos a dar.

Mas nem todos se mandaram. Ricardo Bezerra optou pelo Ceará Arquiteto, programador visual, parceiro de Fag

embora tendo nascido no mesmo lugar, e apesar das afinidades e amizades, seguiam caminhos diferentes e tinham recados diversos a dar.

Mas nem todos se mandaram. Ricardo Bezerra optou pelo Ceará. Arquiteto, programador visual, parceiro de Fagner, Ricardo anda "meio desligado", mas pretende reiniciar um trabalho, sem compromisso com o sucesso, de preferência, com seu antigo parceiro. A musicalidade de Ricardo transborda como a dos violeiros e repentistas das feiras. E é isso o que ele persegue, uma "não-urbanização" de seu trabalho e, para tanto, se afastou da cidade e mora em Maraponga, à beira de uma lagoa.

Petrúcio Maia, talvez o mais importante e significativo dos compositores cearenses, também resolveu ficar. Sociólogo e atualmente funcionário do INPS, Pet estuda e realmente leva essas coisas muito a sério. É perfeccionista, sem descambar para o virtuosismo castrante e inibidor que não leva a nada.

Numa entressafra igualmente talentosa podemos destacar Alano de Freitas, também desenhista, Stélio Vale e Roberto Aurélio, letrista, todos por aqui, sem pretensões de atravessar o deserto e chegar ao "sul maravilha". E Chico Pio, no Rio, tentando.

Do trabalho dos novíssimos, tivemos uma amostra nos shows "Aves do Céu", "Rodagem", "Aqui e Agora" e na peça "Cancão de Fogo". Constata-se facilmente que existe muito talento, além do entusiasmo de quem entra pra valer numa jogada. Graccho Sílvio faz administração de empresas e começou curtindo a Jovem Guarda, a corte do "rei". Depois, veio um violão e fatalmente as primeiras músicas foram compostas. Tocou em muitas festinhas e participou de muitos festivais intercolegiais. Caio Sílvio estudou piano e depois passou para o violão. Faz engenharia de pesca e compõe há dois anos. Célio Loureiro também preferiu as cordas: violão e contrabaixo. Universitário, faz administração e engenharia química. Tarcísio Lopes começou tocando flauta, de ouvido, depois começou a estudar porque passou a levar a música a sério. Cursa engenharia mecânica. José Maia também compõe e toca baixo e guitarra, faz engenharia elétrica e pretende fazer curso de música de nível superior. Ferreirinha é estudante de arquitetura e curte piano, compõe, e segundo Ricardo Bezerra será a revelação cearense para 1980. Vicente Lopes tem a postura agressiva de um cantador e um recado sempre incisivo nas coisas que diz e canta. Elaine Batista, que faz o curso superior do Conservatório, toca flauta e compõe, já fez teatro e produziu o show "aqui e Agora". Betty Albano, parceira de Elaine, estudante de letras, também se mandou para o Rio.

Capri já fez show em Curitiba e correu quase todo o Brasil, compõe e canta. Um de seus parceiros é Zaza Sampaio.

Lúcio Ricardo faz rock, uma figura magnética em cena, o que contrabalança toda a pobreza instrumental dos nossos grupos de rock. A composição básica de sua banda é Wertz Feijó. T.S. Lima e Siegbert Franklin. Todos são unânimes em afirmar que é um sonho fazer rock num contexto de subdesenvolvimento e sem um equipamento adequado. Siegbert diz que chega a ser cômico o esforço de tirar algum som de uma guitarra Giannini. Gordo transa outra banda de rock. Dizem que ele faz misérias ao piano e que, encastelado no sótão de uma casa muito "kitsch" na Treze de Maio, é uma espécie de Rick Wakeman do rock cearense. O pessoal do rock, basicamente, transa muito mais e curte muito mais do que mostra o trabalho, o que dificulta qualquer prognóstico ou avaliação de um atual ou futuro desempenho. O resto do pessoal segue as passadas dos cearenses que emigraram ou que apareceram antes e faz uma recodificação a nível urbano de um universo nordestino, tudo isso situado num Brasil pós-1968.

Os letristas são poetas que têm seus textos cantados por milhares de pessoas (ou pelo menos ouvidos) e participam de um processo de integração ou síntese de som e palavra. Fausto Nilo, arquiteto, é um dos letristas mais inspirados e solicitados e aqui falamos dos que lidam apenas com as palavras, material perecível e perigoso. Fausto é parceiro de Petrúcio Maia em "Dorothy Lamour" e de Fagner em "Fim do Mundo" e "Calma Violência", por exemplo. Antonio José Brandão, também arquiteto, fez a letra de "Alazão", do Ednardo, dentre muitas outras. José Capelo Filho (Pepe), também é arquiteto, é letrista e tem um livro de poemas publicado. Yeda Estergilda, Iracema Melo, Tânia Cabral e Marly Vasconcelos também se dedicaram ao difícil exercício de elaborar letras de músicas.

Augusto Pontes, mais que letrista inspirado e professor do Curso de Comunicação da UnB foi e continua sendo, de certa forma, uma espécie de "guru", não no sentido estrito de ditar regras ou "meizinhas", ou de restringir caminhos ou propor fórmulas,mas de estimular e aglutinar, por ter livre trânsito, criatividade e espírito crítico, pessoas e trabalhos. Augusto seria uma espécie de consciência crítica de todo esse movimento.

Na novíssima geração de letristas, temos Ricardo Alcântara, preocupado em buscar um equilíbrio entre a linguagem musical e a poética. Floriano Martins, poeta que também curte bateria e juntamente com Ricardo editou a revista "Foilha", e, sozinho, a coletânea "Composição", de poemas mimeografados.

Outros poetas virão e outros cantores também, porque o mundo não para e tudo é um vir-a-ser. De Lauro Maia até hoje, a mesma inquietude e a evidência de que existe um trabalho sério no campo da música no Ceará.

PESSOAL DO CEARÁ – uma breve História entrelaçada de histórias (1972 – 1980)

Pedro Rogério
(professor da Universidade Federal do Ceará, vice-coordenador do Curso de Música – Campus de Fortaleza. Doutor em Educação – Eixo de Ensino de Música pela UFC (2011). Coordenador do Grupo de Pesquisa e Estudos da Música Cearense – GRUPECE e do Laboratório de Epistemologia da Música da UFC)

Rodger Rogério e Téti – Acervo Téti

Que pessoal é esse? É do Ceará, de Fortaleza, do Bairro Benfica, da Universidade do Federal do Ceará – UFC, do Centro Acadêmico de Arquitetura da UFC, da casa da mãe do Rodger Rogério ou da residência do seu colega do Departamento de Física – o Dedé Evangelista, dos Institutos Básicos, do Clube dos Estudantes Universitários – o CEU, do bar Balão Vermelho, do Estoril – reduto dos artistas e intelectuais na Praia da Iracema, do bar do Anísio na Beira Mar que certamente inspirou compositores em suas belas canções. Mas esses lugares só fazem sentido porque, na verdade, estamos pensando nas pessoas que se encontram com pessoas e fazem a história convivendo, vivendo, construindo, aprendendo, errando, acertando nesses lugares. Então, quando queremos saber do Pessoal do Ceará, queremos saber: quem são as pessoas do Pessoal? Gostam de quê, de quem? Fazem o quê, com quem?

Entrevistando Rodger Rogério – físico, músico, compositor, cantor e, atualmente, ator – e Téti – uma das vozes femininas mais marcantes da música cearense no final da década de 1960 (ambos integrantes do movimento musical do Ceará do final da década de 1960 e membros primeiros do movimento que veio a se chamar Pessoal do Ceará).

Rodger Rogério e Téti – Acervo Téti

E Téti abre completamente o leque dos participantes desse grupo de intelectuais e artistas nos informando que: "Pessoal do Ceará não sou eu, Ednardo e Rodger. São todas as pessoas que de uma maneira ou de outra tenham uma relação com a arte, seja ela música, cinema, artes plásticas...". (Téti, 13 de fevereiro de 2006).

Então já sabemos que estamos falando de pessoas que gostam de arte, que fazem arte e que além de se relacionarem com arte, também se relacionam umas com as outras.

E, a partir dessas relações, encontramos várias maneiras de se contar uma mesma estória ou história (ou seriam várias histórias dos mesmos artistas?).

Em uma primeira sondagem, Rodger sugere os seguintes nomes: "Petrúcio Salvino Mesquita Maia, Iracema Melo, Olga Paiva, Nonato Freire, Renato Serra, Wilson Cirino, Cláudio Roberto de Abreu Pereira, Francisco Augusto Pontes, Sergio Costa, Mércia Pinto, Ângela e Chica, Antonio José Soares Brandão, Delberg Ponce de Leon, Fausto Nilo Costa Jr., João Braga de Lima, Aderbal Freire Filho (então assinando "Aderbal Jr.") Rodger e Dedé Evangelista, João Ramos, Augusto Borges, Neyde Maia, Gonzaga Vasconcelos, Paulo e Narcélio Lima Verde, Wilson Ibiapina, Mauro Coutinho, Audífax Rios, Polion Lemos, Ednardo Costa Sousa, Raimundo Fagner Lopes, Antônio Carlos Belchior, Amélia Colares, Ricardo Bezerra" (Rodger, 12 de fevereiro de 2006).

Capa do disco "Chão Sagrado" de Rodger e Téti, 1974, gravado pela RCA Victor

Capa do disco de bolso (compacto) da revista Pasquim, 1972, Fagner & Caetano

Por exemplo: era uma vez um garoto chamado Fagner que vivia em Orós; se encantou com as músicas que tocavam no rádio, com o irmão mais velho cantando acompanhado pelo violão de Evaldo Gouveia, com os lamentos árabes de seu pai libanês. Este garoto chegou à adolescência e ouviu Beatles, Rolling Stones e adorou os sons das guitarras, depois ouviu Chico Buarque e abriu sua cabeça para o melhor que existia em música no Brasil. Ficou amigo do Ricardo Bezerra e fez algumas parcerias que anos depois foram ouvidas e cantadas por grande parte da população universitária brasileira. Este rapaz cresceu e de encantado pelo rádio tornou-se um encantador de ouvintes. Durante a passagem de ouvinte para produtor ganhou credenciais de altíssimo valor: prêmios em festivais de música em Brasília, música gravada no Pasquim, morou com a cantora Elis Regina no Rio de Janeiro. Esta estrela – Elis – gravou sua parceria com o cantor e compositor Belchior – a canção "Mucuripe" – assim como o rei Roberto Carlos. Vejam só: em início de carreira o jovem artista é gravado por dois consagrados – um rei e uma estrela!

Desta forma este garoto cearense vem até hoje cantando e cumprindo sua sina, tal qual Patativa do Assaré descreveu: "Eu venho desde menino / desde muito pequenino / cumprindo o belo destino / que me deu Nosso Senhor / não nasci pra ser guerreiro / nem infeliz estrangeiro / eu não invejo dinheiro nem diploma de doutor / eu nasci pra ser vaqueiro / sou mais feliz brasileiro / eu não me entrego ao dinheiro / só ao olhar do meu amor".

E esta história conta parte da História do Pessoal do Ceará.

Registramos aqui parte da discografia que consideramos relevante para uma visão da trajetória do rapaz de Orós:

1971 - Cirino e Fagner (RGE - compacto simples)
1972 - Cavalo Ferro (Philips - compacto duplo)
1972 - Fagner & Caetano (Disco de Bolso de Pasquim)
1973 - Manera Fru Fru, Manera (Polygram - LP)
1975 - Ave Noturna (Continental - LP)
1975 - Ney Matogrosso e Fagner (Continental - compacto simples)
1976 - Raimundo Fagner (CBS - LP)
1977 - Orós (CBS - LP)
1978 - Eu canto – Quem viver chorará (CBS - LP)
1979 - Beleza (CBS - LP)
1979 - Soro (CBS - LP)
1980 - Raimundo Fagner (CBS - 1980)

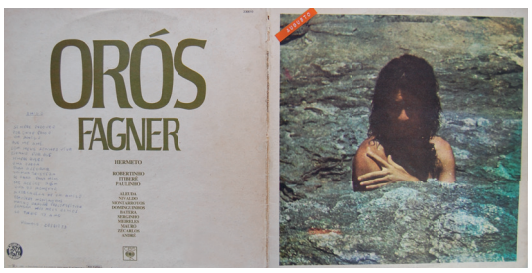
Capa do disco "Manera Fru Fru, Manera", 1973 (Philips-Polygram - LP)

Contracapa do disco "Manera Fru Fru, Manera", 1973 (Philips- Polygram - LP)

Capa do disco "Raimundo Fagner", 1976 (CBS – LP)

Capa do disco "Ave Noturna", 1975 (Continental – LP)

Contracapa e capa do disco "Eu Canto – Quem Viver Chorará", 1978 (CBS – LP)



Contracapa e capa do disco "Orós", 1977 (CBS – LP)

Capa do disco “Mote e Glosa”, 1974 (Continental - LP)

Contracapa do disco “Alucinação”, 1976 (Polygram – LP)

Outro jeito de contar a mesma estória – na verdade é outra estória, mas é a mesma história: era uma vez um garoto – Belchior – que gostava de ouvir rádio e morava em Coreaú (pequena cidade da Zona Norte do Ceará) com sua família. Seu pai era bodegueiro, mas não era um bodegueiro qualquer, era um homem de uma belíssima caligrafia e por isso, provavelmente, era o Juiz de Paz da região. Este menino foi para Sobral (cidade polo da região Norte do Ceará), estudou no Colégio Sobralense e depois ingressou no seminário. No âmbito familiar adorava cantar as músicas que seus tios ouviam no rádio, também se encantava com as músicas que tocavam nas quermesses da cidade e nas festas da igreja. No dia que o aparelho de rádio chegou à sua casa foi um reboliço, pois tiveram que atravessar o equipamento pelo rio Acaraú.

Chegando à residência, o objeto de desejo ficou na sala e aquele importante eletrodoméstico mudou a dinâmica do lar. O garoto foi seminarista durante alguns anos, quando estudou música. Depois foi para Fortaleza, permaneceu ainda um período no seminário, até ingressar no Liceu do Ceará. Inicialmente, sem compreender muito do que estava acontecendo, viu ônibus sendo quebrado, incendiado e uma juventude que clamava e reclamava por liberdade. Mas, ao compreender, logo utilizou a habilidade com a palavra adquirida nas leituras de seminarista, nas aulas de música, juntou sua sabedoria ao movimento político da década de 1960 e tornou-se um “porta-voz” de sua geração. Entrou no curso de Medicina da UFC, estudou até o quarto ano, mas decidiu seguir a carreira musical. Foi para o Rio de Janeiro, venceu festivais, foi reconhecido por Elis (esta estrela foi uma espécie de guia para os compositores desta geração) que gravou duas músicas emblemáticas de Belchior: “Como nossos pais” e “Velha roupa colorida”.

Aqui, também, registramos parte importante da discografia do rapaz que de Coreaú – Sobral – Ceará ganhou o Brasil e o mundo:

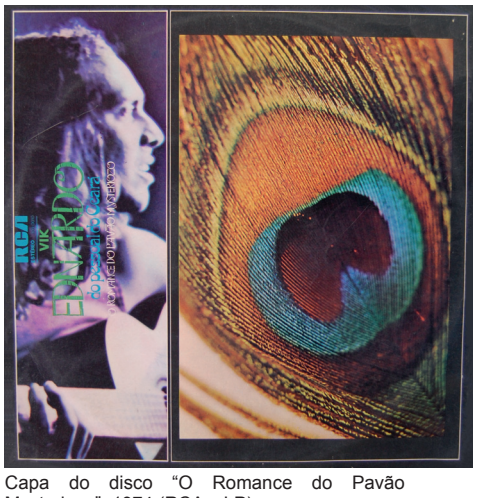
1971 - Na Hora do Almoço (Copacabana - compacto)
1973 - Sorry, Baby (Copacabana - compacto)
1974 - Mote e Glosa (Continental - LP)
1976 - Alucinação (Polygram - LP)
1977 - Coração Selvagem (Warner - LP)
1978 - Todos os Sentidos (Warner - LP)
1979 - Era uma Vez um Homem e Seu Tempo (Warner - LP)
1980 - Objeto Direto (Warner - LP)

Capa do disco “Alucinação”, 1976 (Polygram – LP)

Completando a tríade musical cearense que conquistou o Brasil e o mundo, via Universidade Federal do Ceará, a partir da década de 1970, passando pelos festivais locais, regionais, nacionais e ganhando as telinhas dos televisores, os telões do cinema e o mercado fonográfico, encontramos Ednardo. E com ele podemos contar mais outras estórias que enriquecem a história: Ednardo morava dentro de uma escola chamada Ginásio Dom Bosco, de propriedade do seu pai, Oscar Costa Sousa, localizada na Av. Visconde do Rio Branco, no bairro Joaquim Távora, na cidade de Fortaleza, no Ceará. Este seria o homem de confiança do futuro reitor da UFC, Antônio Martins Filho, para assumir a administração da Escola de Comércio Pe. Champagnat. Ednardo formou-se no curso superior de Química – UFC e, no período da faculdade, encontrou Augusto Pontes, um de seus melhores parceiros. Augusto veio a ser uma espécie de guru para essa geração de intelectuais e artistas das décadas de 1960, 1970, continuou sendo referência importante para as gerações seguintes e mesmo depois de deixar a cultura cearense sentindo-se um pouco órfã, suas inestimáveis contribuições continuam construindo Pontes entre gerações.

Ednardo ainda garoto estudou piano erudito e popular, teve aula de acordeom, mas o instrumento escolhido, de fato, como companheiro de belas e inusitadas composições foi o violão. Frequentou auditórios de rádio, de televisão e se encantou com os maracatus desfilando na cidade de Fortaleza. Aqueles maracatus que ouviu e viu na infância o inspirou a compor um dos hinos da música cearense-brasileira: "Pavão Mysteriozo" – esta canção foi tema da novela global Saramandaia de 1976, de maio a dezembro e projetou Ednardo nacionalmente.

Em parceria com Augusto Pontes, compôs "Carneiro" e, com esta música, Pontes disse para essa turma de artistas cearenses – que ficariam conhecidos como Pessoal do Ceará – ganhar o mundo: "Amanhã se der o carneiro / O carneiro / Vou m'imbora daqui pro Rio de Janeiro / As coisas vem de lá / Eu mesmo vou buscar / E vou voltar em videotapes / E revistas supercoloridas / Pra menina meio distraída / Repetir a minha voz / Que Deus salve todos nós / E Deus guarde todos vós".



Capa do disco "O Romance do Pavão Mysteriozo", 1974 (RCA – LP)

Contracapa do disco "O Romance do Pavão Mysteriozo", 1974 (RCA – LP)

1973 - Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem – Pessoal do Ceará – Ednardo, Rodger e Téti (Continental - LP)
1974 - O romance do pavão mysteriozo (RCA - LP)
1976 - Berro (RCA - LP)
1977 - O azul e o encarnado (RCA - LP)
1978 - Cauim (WEA - LP)
1979 - Ednardo (CBS - LP)
1980 - Ímã (CBS - LP)
1980 - Massafeira (CBS - LP Duplo Coletivo)

Capa do disco "Berro", 1976 (RCA – LP)

Contracapa e capa do disco "Cauim", 1978 (WEA – LP)

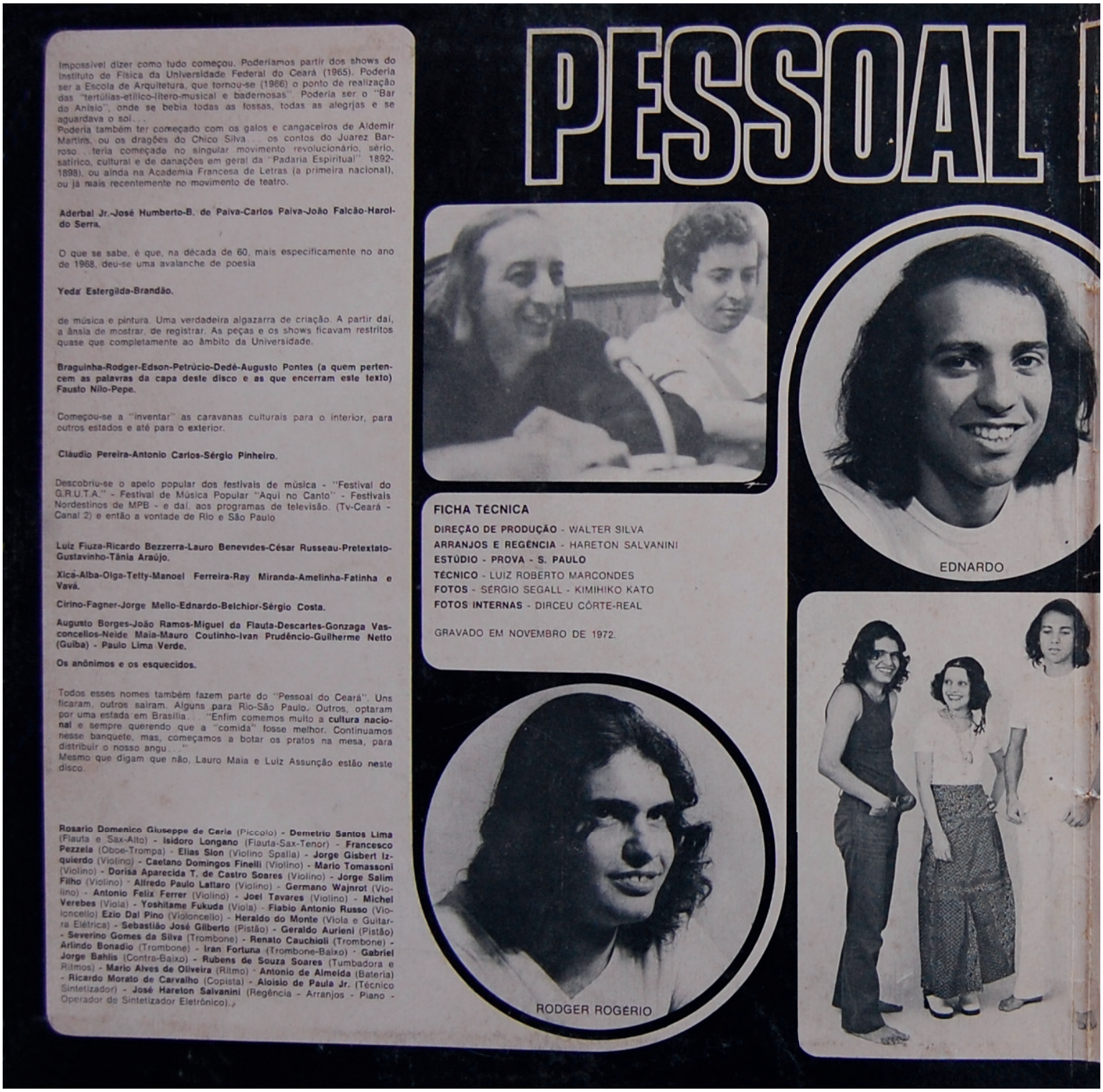
interior da capa e contracapa do disco "Cauim", 1978 (WEA – LP)

Contracapa e capa do disco "Ímã", 1980 (CBS – LP)

Interior da capa e contracapa do disco "Ímã", 1980 (CBS – LP)

Importante registrar que o Massafeira foi idealizado por Augusto Pontes que com o talento e a força empreendedora de Ednardo enriqueceu sobremaneira esta parceria e a música brasileira. Ednardo liderou e transformou em realidade um dos belos sonhos de Augusto Pontes: juntar em um mesmo espaço toda a diversidade de linguagens artísticas em uma polifonia que teceu Pontes entre gerações.

Com sua reconhecida capacidade visionária, Augusto Pontes – o irmão mais velho do Pessoal do Ceará e com mais experiência – lançou a frase que intitulou o disco-marco desta geração, gravado com as vozes de Rodger, Téti e Ednardo: "Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem" (1972). Aproveitamos esta frase para formular a seguinte pergunta: quando a embalagem se desgasta toda, o que fica? E respondemos: fica o que é relevante, o que realmente interessa, a essência, os valores, os sonhos, a fé. Fica o invisível. E como nos ensina há muito tempo o Pequeno Príncipe: "Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos" (Antoine de Saint-Exupéry).



Interior da capa e contracapa do disco "Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem – Pessoal do Ceará - Ednardo, Rodger e Téti, 1973 (Continental – LP)

Capa do disco “Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem – Pessoal do Ceará - Ednardo, Rodger e Téti, 1973 (Continental – LP)

Contracapa do disco “Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem – Pessoal do Ceará - Ednardo, Rodger e Téti, 1973 (Continental – LP)

DO CEARA

Era um sábado. Sábado à tarde e o rádio mostrava uma das mais inteligentes entrevistas. Nela, Júlio Lerner mostrava ao público de São Paulo um novo grupo. Como não houvesse uma marca, ainda para esse grupo, ele era designado a cada intervalo como Pessoal do Ceará. E no dia seguinte já moravam nos ouvidos da gente a nova informação e o quase susto que as composições e as interpretações dos meninos nos passara. O mesmo produtor levou-os à televisão, onde o grupo tomou parte num dos mais inteligentes programas de São Paulo: "Proposta". Apresentados ao grupo por Moracy Do Val, adotamos a "cidadânia musical" cearense de hoje. E eis o disco pronto. Nosso trabalho foi todo feito com o mesmo amor e carinho como se tecem os lindos bordados que esta capa estampa. Ponto a ponto, movidos pelos bilros da amizade fomos nos juntando. Hareton Salvanini, este excelente maestro-cantor-compositor que até agora, vinha trabalhando em publicidade e em trilhas sonoras para cinema e televisão, também juntou-se a nós e como eles faz aqui a sua estréia em disco . . a renda vai ficando cada vez maior, que só será completa se você também entrar nela.

Rodger Rogério e Tétty, são casados e pais de dois lindos filhos. Ele, professor de Física da USP, não aparenta os vinte e oito anos que tem. Ela, com aquela voz pequena e incrivelmente afinada, é a "estrela" deste grupo. Todos os desvelos são para Tétty, importante revelação musical deste ano. Ednardo é, talvez, o mais habituado com as transas todas do ambiente, uma vez que até produção de programas musicais já fez. Tem vinte e sete anos e tem mais identificação com o grande público, ao primeiro ouvir, por serem suas obras mais agitadas e comunicativas, nem porisso menos importantes do que as de Rodger Rogério. O Pessoal do Ceará, não é um conjunto vocal. É um grupo de novos mensageiros que, cada um à sua maneira, dá o recado mais importante desta temporada.

WALTER SILVA

PS.: INGAZEIRAS foi feita para Aldemir Martins. A MALA foi gravada exclusivamente por Tétty e Hareton que toca piano, órgão, sintetizador e faz o vocal inicial. Em BEIRA-MAR note-se a participação de Tétty.

INGAZEIRAS
(Ednardo) EDNARDO
TERRAL
(Ednardo) EDNARDO
CAVALO FERRO
(Fagner-Ricardo Bezerra) EDNARDO-TETTY-RODGER
CURTA METRAGEM
(Rodger Rogério-Dedé) TETTY
FALANDO DA VIDA
(Rodger Rogério-Dedé) RODGER ROGÉRIO
DONO DOS TEUS OLHOS
(Humberto Teixeira) TETTY
Arranjos - HARETON SALVANINI
PALMAS PRA DAR IBOPE
(Ednardo-Tania Araújo) EDNARDO
BEIRA MAR
(Ednardo) EDNARDO
SUSTO
(Rodger Rogério) RODGER ROGÉRIO
A MALA
(Rodger Rogério-Augusto Pontes) TETTY
Arranjos - HARETON SALVANINI

"**SUSTO**" - RODGER - O que nos importa/Que se feche a porta/Por esse caminho/Ninguém quer passar/É muito grande a dor/Um sofrimento enorme/Um susto./Que se fechem as contas bancárias/Que se fale de bem ou de mal/Que se brinque na areia da praia/Que se retorne ao planalto central./Nada disso importa/Alegria morta/ Nada disso importa/Alegria/Por ela sentiu febre a noite inteira/Saiu e não deu bolas pra ninguém/Por ela sentiu febre a noite inteira/Saiu a não dar bolas pra ninguém/Pela menina lá da rua da viradа. - "**PALMAS PRA DAR IBOPE**" - EDNARDO-TANIA ARAÚJO - Palmas pra dar ibope/Palmas pra dar ibope/Palmas pra dar ibope/Bate, bate, bate./O desassossego/Ronda nossa aldeia/As nuvens cativas/E canções radioativas/O desassossego/Ronda nossa aldeia/Orações e a teia/De súbitas virtudes/Céus, celuloses/Celulites tropicais/As elites e os demais/Rondam nossa aldeia/Sons, megatons/De uns versos obscenos/A vingança e veneno/Rondam nossa aldeia/Mas tanto faz. - "**CURTA METRAGEM**" - RODGER-DEDÉ - Embaixo das marquizes/Nem tristes nem felizes/Olhando, olhando a chuva cair/Não há nada para ser feito/Esta tudo, tudo tão direito./A noite vem chegando/Um ônibus parando/A vida, a vida o mesmo normal/Será que ninguém sabe/Aquilo aquilo que não cabe/Nas folhas, nas folhas/Nas folhas de jornal./Primeiro, uma atitude/Segundo, algo que muda/Terceiro, ação/Ação de mudar/Porem, nada acontece/Um táxi./Um táxi aparece./Melhor/Bem melhor/Melhor se desculpar. - "**BEIRA MAR**" - EDNARDO - Na beira-mar/Entre luzes/ que lhe escondem/Só sorrisos me respondem/Que eu me perco de você/Você nem viu/A lua cheia que eu guardei/A lua cheia que eu esperei/Você nem viu/Você nem viu./Viva o som, velocidade./Forte, praia, minha cidade/Só o meu grito nega aos quatro ventos/A verdade que eu não quero ver./Na beira-mar/Entre luzes que lhe escondem/Só sorrisos me respondem/Que eu me perco de você/E o seu gosto/Que ficando em minha boca/Vai calando a voz já rouca/Sem mais nada pra dizer./E eu fugindo de você/Outra vez me desculpando/— É a vida . . . é a vida! . . /Simplesmente e nada mais./E um gosto/De você que foi ficando/E a noite enfim findando/Igual a todas as demais/E nada mais. . . - "**INGAZEIRAS**" - EDNARDO - Nascido pela Ingazeiras/Criado no fim do mundo/Meus sonhos descendo ladeiras/Varando canceiras, abrindo porteiras/Sem ter o espanto da morte/Nem do ronco do trovão/O sul, a sorte, a estrada/Me seduz/É ouro/É pó/É ouro em pó/Que reluz/É ouro em pó/É ouro em pó/É ouro em pó/Que reluz/O Sul/A sorte/A estrada/Me seduz. - "**A MALA**" - RODGER-AUGUSTO - Meus olhos cansados de ver o mundo/Meus olhos molhados de ver o mundo/Meus olhos cansados de viver no mundo/Meus olhos molhados de viver no mundo/Meus olhos parados no meio do mundo/Mil olhos olhados no canto da sala/do mundo onde vou/Nossos olhos guardados, dentro da mala/do mundo onde estou/Nos olhos olhares sem ver o mundo/Mil mundos rondando no canto da sala/Na sala morriça, a mala piscando/Na sala a preguiça da mala no canto/A mala estende seu manto na sala/A sala se cala no canto da mala/Mil olhos se flecham/No canto da sala, da sala/Sentado, sentido, ouvido, perdido/Comovido, comedido, com que digo, consentido/Áspera a espera/Aspirina, aspirando, respirando, suspirando/Vendendo, vendado, vedando/Pisca,piscando/Preguiça na sala, na mala/Fumaça azul/Luz, Luz e lágrima/No nicho, no luxo, no lixo/Num minuto, escuto: luto e luto/Vendo, só vendo/Sorvendo, vendendo, vendido/Na mala perdido/No canto da sala/Voz mansa de criança/Dança e trança a esperança/No embalo da mala/Embalagem vendendo/Vedando/Minhas portas, meus sentidos/Minha chave, meu segredo/Mil cuidados, não ter medo/Pisca Pisca/Em ti, em mim/Coisas assim/Coisas assim/E etc., etc., etc., Etc., etc., etc., etc. - "**FALANDO DA VIDA**" - RODGER-DEDÉ - No meio do dia/Não venha tentar/Quebrar meu encanto/Não venha chorar por enquanto/Meus olhos de olhar/De olhar querem ver o que há/Não venha me encher de mistérios/Não vou prometer ficar sério/Não venha/Não venha tentar quebrar meu encanto/Não venha chorar por enquanto/Não venha me encher de mistérios/Não vou prometer ficar sério/Não venha estragar meu prazer/Não, não vou prometer/Não venha estragar/Enquanto durar/No meio da noite/Não posso deixar/Não posso deixar e sair/Se você quiser, pode vir/Não quero mudar minha sorte./Se a morte/Se a morte vier me encontrar/Ela sabe que estou entre amigos./Falando da vida/Falando da vida/Falando da vida/E bebendo num bar. - "**TERRAL**" - EDNARDO - Eu venho das dunas brancas/Da onde eu queria ficar/Deitando os olhos cansados/Por onde a vida alcançar/Meu céu é pleno de paz/Sem chaminés ou fumaça/No peito, enganos mil/Na terra é pleno abril./Eu tenho a mão que aperreia/Eu tenho o sol e a areia/Sou da América/Sul da America/South America/Eu sou a nata do lixo/Eu sou do luxo da aldeia/Eu sou do Ceará./Aldeia, aldeota,/Estou batendo na porta./Pra lhe aperrear./Eu sou a nata do lixo./Eu sou do luxo da aldeia./Eu sou do Ceara./A praia do futuro/O farol velho e o novo/São os olhos do mar/O velho que apagado/O novo que espantado/O senso a vida espalhou/Luzindo na madrugada/Abraços corpos suados/A praia falando amor. - "**DONO DOS TEUS OLHOS**" - HUMBERTO TEIXEIRA - Não te esqueças que eu sou dono dos teus olhos./Faz favor não espia pra mais ninguém./Esse azul cor e promessa dos teus olhos./Faz qualquer cristão gostar de tu também. . /Que Nosso Senhor perdoe os meus ouvidos./Quando penso em cegar os olhos teus./Pra que eu somente eu seja o teu guia/Os olhos teus ôo!, a luz dos olhos teus! - "**CAVALO FERRO**" - FAGNER-RICARDO BEZERRA - Montado num cavalo ferro/Vivi campos verdes me enterro/Em terra tropicamericana/tropicamericana/tropicamericana/E no meio de tudo/Num lugar ainda mudo/Concreto, ferro, surdo, cego/Por dentro deste velho,/Desse velho, desse velho mundo./Pulsando num segundo letal/No planalto central/ "Onde se divide, se divide/Se divide o bem e o mal/mal/mal/mal/Vou achar o meu caminho de volta/Pode ser certo, pode ser direto/Caminho certo sem perigo/sem perigo/sem perigo/Sem perigo fatal.

Aparecida Silvino - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 - Acervo SOLAR

Stélio Valle – Acervo Tieta Pontes

Calé Alencar – Acervo Calé Alencar

Neste contexto musical, não apenas se fixam acordes em tríades perfeitas maiores, existem bemóis e sustenidos, acidentes musicais que embelezam ainda mais a harmonia. São criadas tensões para que se encontrem repousos prazerosos. E, nesta progressão harmônica, surgem dois compositores cheios de bossas e outras novas: Petrúcio Maia e Rodger Rogério. Este, influenciado por João Gilberto, impregnou seus ouvidos com o estilo de tocar do violonista e, por sua sensibilidade e criatividade musical, naturalmente, misturou a bossa com os baiões, cocos e xaxados do rei do baião, tangos, boleros, blues e rocks, diversificando ainda mais as possibilidades artísticas – ouça-se "Retrato Marrom" (Rodger Rogério e Fausto Nilo) e "Falando da vida" (Rodger Rogério e Dedé Evangelista). Petrúcio, um sociólogo que estudou no Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, no bairro de Benfica em Fortaleza, encantou amantes da música com melodias e harmonias sem iguais – ouça-se Lupiscínica" (Petrúcio Maia e Augusto Pontes) e "Passarás, passarás, passarás" (Petrúcio Maia e Capinam).

E as histórias entrelaçam-se, desenvolvem-se, desenrolam-se na construção de um tecido histórico consistente e variado de belezas.

Os encontros, em escala musical, desses artistas – Pessoal do Ceará – fizeram ressoar, no Ceará, as ideias do movimento da Padaria Espiritual, do historiador Mário de Andrade, da Semana de Arte Moderna de 1922, dos compositores cearenses Luiz Assumpção, Lauro Maia e Humberto Teixeira, do I Festival de Música "Aqui no Canto" (produzido por Aderbal Freire Filho, gravado em 1969), Soro (que é Orós ao contrário) gravado em 1980, dos compositores Pachelli Jamacaru, Ângela Linhares, Stelio Valle, Calé Alencar participantes do movimento musical Massafeira Livre, do movimento coral nos anos 1980 e 1990 (Izaíra Silvino, Elvis Matos, Erwin Schrader, Gerardo Viana Jr., entre muitos outros) Aparecida Silvino, Marcus Caffé, Kátia Freitas, Cristiano Pinho. E, agora? Chegando ao século XXI, Bora! Ceará Autoral Criativo – com Alan Mendonça e vários outros artistas cearenses, o ManiFesta com Júlia Limaverde, Daniel Medina e muito mais pluralidade do "Pessoal do Ceará"! Cidadãos instigando a vida musical mundo a fora (salve Rian Batista, Catatau, Boquinha, Regis Damasceno, Dustan Galas!) – estes, atualmente, estão no eixo Rio/São Paulo, tecendo parcerias do Ceará com o Brasil.

Mas, qual a ligação desse Pessoal do Ceará com as gerações seguintes? É que embalados pelo sentimento de coletividade os encontros continuaram. Por exemplo: Rian Batista (integrante do grupo Cidadão Instigado que se encontra atualmente em São Paulo), ainda quando iniciante nas noites roqueiras de Fortaleza com a banda "Tribo", na década de 1990, passou a frequentar a casa de Téti, onde conheceu o Nilton Fiore, Manassés e muitos outros músicos, chegando a ser convidado para tocar ao lado de nomes já consagrados na cidade de Fortaleza. Essa é mais uma maneira de contar os encontros e reencontros que se entrelaçam na linha do tempo.

Augusto Pontes nos mandou mais um recado:

"Comemos muito a cultura nacional e sempre querendo que a 'comida' fosse melhor. Continuamos nesse banquete, mas começamos a botar os pratos na mesa, para distribuir o nosso angu..." (frase registrada na capa do disco "Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem").

Capa do disco “Massafeira”, 1980 (Selo EPIC-CBS – LP Duplo Coletivo)

A MEMÓRIA MUSICAL CEARENSE E SUA POLIFONIA INTERPRETATIVA

Prosseguimos afirmando que a História é tecida com muitas histórias... Logo, existem muitas formas de olharmos para a história da música cearense. É possível observarmos as trajetórias e produções de seus artistas, músicos, compositores, cantores, arranjadores, produtores culturais etc. Este viés nos convida a uma análise microssocial e nos mergulha em uma diversidade riquíssima. O ângulo macrossocial, por outro lado, permite perceber eventos que aparecem como marcadores, é como se fossem âncoras que nos levam a momentos que catalisam pensamentos, tendências, sonhos e se traduzem em unidade.

Contracapa do disco “Massafeira”, 1980 (Selo EPIC-CBS – LP Duplo Coletivo)

Interior da capa e contracapa do disco “Massafeira”, 1980 (Selo EPIC-CBS – LP Duplo Coletivo)

O Massafeira Livre que reuniu mais de uma centena de artistas nos dias 15,16, 17 e 18 de março de 1979, no Theatro José de Alencar, marca o encontro entre os artistas que ficaram conhecidos como “Pessoal do Ceará” e os novos compositores, músicos e intérpretes cearenses na década de 1980. É um evento que figura como um marco na nossa história, assim como outros que também merecem nossa atenção, como por exemplo: “I Festival de Música Popular Aqui no Canto” (1969), que gerou um disco com o mesmo nome.

Capa do disco “I Festival de Música Popular Aqui no Canto”, (independente Coletivo – 1969)

[1] O festival ocorreu em dezembro de 1968 e o registro foi realizado nos estúdios da Orgacine – Fortaleza, no Edifício Seguradora Brasileira, 8º andar. O disco foi fabricado pela Cia. Industrial de Discos no Rio de Janeiro.

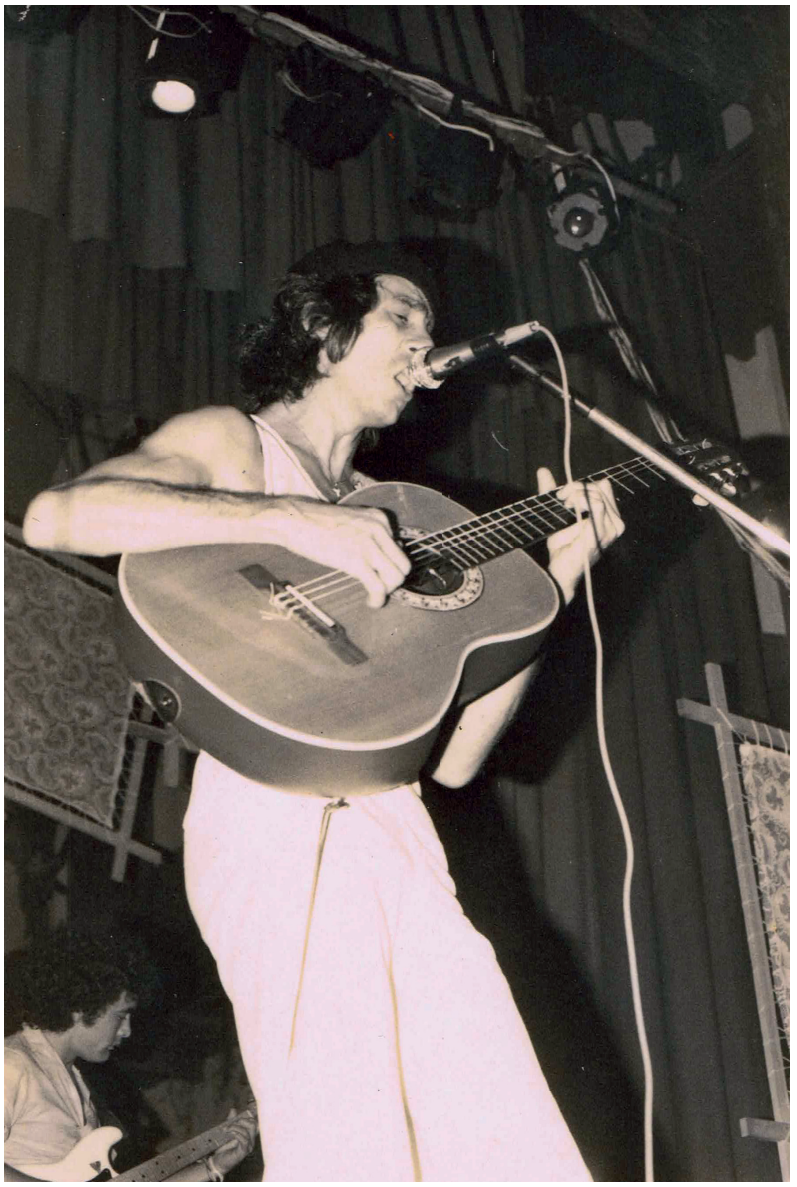
Fagner e Rodger, lançamento LP “Soro” – Acervo Téti

Téti e Rodger, lançamento LP “Soro” – Acervo Téti

Este é o irmão mais velho – disco gravado em 1969 – do Massafeira que já contava com a arte da capa do poeta e arquiteto Antônio José Soares Brandão, o mesmo que pintou o carneiro no cartaz de divulgação e disco do irmão mais novo – o Massafeira. Neste mesmo ano nasce um irmão gêmeo bivitelino, o “Soro”, um projeto coletivo iniciado em Fortaleza com Francis Vale e que agregou um grande número de artistas de vários lugares do Brasil sob o comando de Fagner.

O período de 1969 a 1980 revela dez anos de intensa produção musical no Ceará para o Brasil e para o mundo. Alguns outros discos também nos servem de referência para compreendermos melhor esse período: como o já citado na discografia de Fagner, “Disco de bolso do Pasquim” editado pela revista histórica “Pasquim” que, em 1972, deu uma projeção muito importante para o nome de Fagner. Pasquim era uma edição impressa produzida por jornalistas de esquerda que veiculavam as ideias consideradas de vanguarda naquele período. O objetivo era reunir um artista consagrado com um estreante, no primeiro número o “novato” era João Bosco ao lado de Tom Jobim e, o segundo, registrou de um lado Caetano Veloso cantando “A volta da Asa Branca” de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira e, do outro lado, do compacto, Fagner cantando “Mucuripe” – parceria sua com Belchior.

Capa do disco “Soro”, gravado pelo selo EPIC-CBS em 1979.



Fagner, lançamento LP “Soro” (detalhe Manassés de Sousa) – Acervo Téti

DISCO LANÇADO EM 1972

A boa recepção que Fagner obteve com “Mucuripe” chegou ao conhecimento de Elis Regina que gravou a música no mesmo ano pela Phonogram. O reconhecimento ao artista cearense rendeu-lhe um contrato com a gravadora Philips em 1972, quando foi convidado para registrar mais quatro músicas em um compacto: de um lado “Fim do mundo”, em parceria com Fausto Nilo, e “Cavalo Ferro”, em parceria com Ricardo Bezerra, do outro lado, “Quatro graus de latitude”, em parceria com Dedé Evangelista, e “Amém, amém”, com letra e música de Fagner.

Capa do disco “Cavalo Ferro” - Fagner, 1972
(Philips – Compacto Duplo)

Ainda em 1972, Ednardo, Rodger e Téti gravam pela Continental o disco “Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem”, que tem como subtítulo o nome que nos serve de referência para identificação desta geração de artistas: “Pessoal do Ceará”. Importante registrar que essa expressão não foi escolhida pelos próprios artistas e sim pelo produtor e radialista Walter Silva – também conhecido como “Pica Pau” nos meios radiofônicos –, inclusive alguns preferem não utilizá-la, mas é recorrentemente evocada para identificá-los.

Todos os nossos consagrados artistas continuam com uma larga produção que lhes garantem espaço no cenário musical brasileiro.

Os discos aqui apresentados são documentos sonoros de relevância histórica. Olhar para esses discos na qualidade de marcos da música cearense nos enriquece. Seus registros exercem uma função educativa e formadora que nos orienta no tempo e no espaço da cultura brasileira.

São momentos que têm como pano de fundo a bandeira da liberdade e aquele grito clamando por uma sociedade mais justa, que por tanto tempo preso, perseguido pela ditadura militar, ainda hoje ecoa nas obras dos músicos cearenses. Ao analisarmos nossa memória musical estamos, de certa forma, fazendo reverberar o som de uma expressão de liberdade em nossas memórias. São projetos coletivos que apostam na democracia, em um ideal iluminista (talvez com mais características humanistas) que, ainda que não tenham se concretizado plenamente, foram fundamentais para avançarmos na história.

O fato de serem projetos coletivos, não significa uma harmonia de acordes perfeitos, constituídos apenas por consonâncias, mas, sim, são construções tocadas por tensões e repousos. O sentido do trabalho em grupo é diametralmente oposto, pois se enriquece pela diversidade de pensamentos, de posicionamentos e de ideias que transbordam do mesmo caldeirão cultural. São releituras da antropofagia modernista de 1922. A harmonia musical cresce com a tensão dos acordes dissonantes, na variação dos timbres, na comunicação entre as diversas linguagens.

Hoje, continuamos em plena aprendizagem, ouvindo vozes variadas que se geram e se diferem nas suas tensões e repousos dessa tonalidade modernista, mas os tempos pós-modernos já estão vibrando e anunciando que todos os timbres, os ritmos, os andamentos e as percepções diversas da realidade, podem e devem expressar suas melodias.

Myrla Muniz – Acervo Pingo de Fortaleza

(Augusto) Pontes com todos! Do Pessoal do Ceará podemos viajar em pontes que vêm da Padaria Espiritual, de 1892, Semana de Arte Moderna, de 1922, Patativa do Assaré, Quatro Azes e Um coringa, Vocalistas Tropicais, Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, passando pela Massafeira e Soro e nos levam a Cirino, Nonato Luiz, Cláudio Pereira, Francis Vale, Ray Miranda, Manassés, Stélio Vale, Mona Gadelha, Lúcio Ricardo, Caio, Graco, Francisco Casaverde, Kátia Freitas, Valdo Aderaldo, Carlinhos Patriolino, Miguel, Paula Tesser, David Duarte, Flávio Paiva, Edmar Gonçalves, Eugênio Leandro, Ângela Linhares, Gigi Castro, Alano Freitas, Calé Alencar, Dilson Pinheiro, Amaro Pena, Pingo de Fortaleza, Chico Pio, Quinteto Agreste, Abidoral Jamacaru, Jabuti, Ana Fonteles, Humberto Pinho, Totonho Laprovitera, Orlando Leite, Paulo Abel, Coral da UFC, Izaíra Silvino, Paulo Façanha, Aparecida Silvino, Marcus Caffé, Marta Aurélia, Myrla Muniz, Marcílio Homem, Rogério Franco, Isaac Cândido, Lúcia Menezes, Waldonis, Italo e Reno, Marimbanda, Syntagma, Dona Zefinha, Karine Alexandrino, Cainã Cavalcante, Davi Silvino, Adriano Azevedo, Ricardo Pontes, Descartes Gadelha, Edmundo Vitoriano Jr., Nélio Costa, Miquéias, Marcos Lessa, Joana Angélica, Rogério Lima, Weber dos Anjos, Marcos Maia, José Mário de Araújo, Marco Túlio, Moacir BD, Evaristo Filho, Ronaldo Lopes, Bernardo Neto, Ronaldo Cavalcante, Mimi Rocha, Lu de Sousa, Edson Távora Filho, Heriberto Porto, Elismário, Ana Cléria, Renegados, Fulô da Aurora, Cidadão Instigado, Breculê, Bora! E claro, tem muito mais!

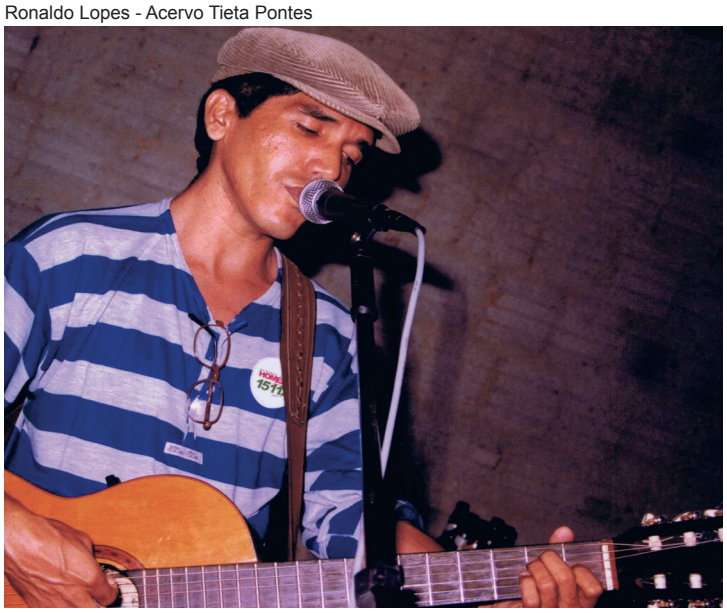
Mário Mesquita e Arlindo Araújo – Acervo Tieta Pontes

Nossa intenção não é constituir aqui uma lista fechada nem um catálogo, mas simbolizar, através desses nomes a diversidade e abundância da música cearense.

Esse Pessoal do Ceará é múltiplo e inclusivo, já lembrava-nos Téti no início deste texto.

Viva a memória viva da música cearense e sua polifonia retativa!

Ronaldo Lopes - Acervo Tieta Pontes



Descartes Gadelha - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 - Acervo SOLAR

Música do Ceará de 1981-1989: o Pessoal segue em frente, outros do Massafeira também e sempre surgem novos atores no mundo que se transforma.

Pingo de Fortaleza
(compositor, cantor, produtor cultural, pesquisador e pós-graduado em Arte Educação e Cultura Popular pela Faculdade Darcy Ribeiro)

FAIXA 1

TUDO QUE TOCA LÁ OU AQUI TOCA EM TODO MUNDO: UM PANORAMA GERAL DE 1981 A 1989

Discorrer sobre a produção e a difusão da música realizada por cearenses no período de 1981 a 1989 – mesmo que de forma segmentada no universo autoral daquilo que se enquadra numa arriscada definição de Música Popular Brasileira (MPB) e ainda focada em seus compositores e intérpretes, requer, minimamente, uma visão abrangente da sociedade humana e de suas formas de sociabilidade e convivência. No curto espaço de tempo de nove anos, embora muitas transformações não sejam plenamente visíveis numa análise mais superficial da realidade, todo um conjunto de importantes mudanças ocorre no campo da produção humana e de suas relações socioeconômicas, culturais e artísticas, atingindo também o segmento da música e suas práticas.

Em âmbito mundial os anos da década de 1980 representam, para muitos, o término da Idade Industrial e o início da Idade da Informação, movimento este que pode ser exemplificado com o início da fabricação em massa dos Computadores Pessoais – PCs, que irão transformar significativamente as relações de vida da maioria da população do planeta e refletir em suas formas de comunicação, bem como na produção e difusão musical. Embora sejam visíveis os importantes avanços no campo da produção cultural nesta década, os homens continuam suas antigas práticas bélicas, verificadas nos diversos conflitos universais (Guerra Civil na Colômbia (1964), Guerra da Independência da Namíbia (1966-1988), Ocupação Soviética do Afeganistão (1979-1989), Guerra do irã-Iraque (1980-1988), Guerra das Malvinas (1982), Primeira Guerra do Líbano (1982), Guerra de Nagorno-Karabakh (1988-1994), que permeiam esse momento histórico.

Iniciada com a morte prematura do artista Bob Marley, em 1981, a década termina em 1989 com o tibetano Dalai Lama agraciado pelo Prêmio Nobel da Paz, por seus esforços na construção efetiva de uma cultura de paz.

No Brasil, os anos de 1980 começam ainda sob a égide da Ditadura Militar, iniciada na década de 1960, com a ameaça de sua continuidade presente em várias situações e ilustrada pelo frustrado atentado ocorrido no "Rio Centro", por ocasião das comemorações do dia 1º de maio de 1980, quando dois militares são vitimados em um acidente com uma bomba no interior do veículo onde se encontravam.

Em meados da década de 1980 visualiza-se uma campanha apaixonada pelas eleições Diretas para presidente do Brasil, no contexto das lutas pela redemocratização do país. Vitoriosa nas ruas, em virtude da forte participação popular, este movimento é derrotado no Congresso, que elege posteriormente o primeiro presidente civil desde os anos de 1964, na figura do político mineiro Tancredo Neves.

Ato-show 1º de maio, praça do Ferreira, (Apresentação Pingo de Fortaleza)

Na véspera de sua posse o então presidente eleito é subitamente acometido por uma grave enfermidade, vindo a falecer alguns dias após sua internação. A morte de Tancredo Neves ocasiona profunda comoção social na população brasileira, que embalada pela canção "Coração de Estudante", de Milton Nascimento e Fernando Brant, lamenta essa enorme perda. Ao fim desse processo e após intermináveis reuniões que vararam a madrugada, seu vice José Sarney é empossado como o novo Presidente da República.

No campo da política, a década termina com a eleição de Fernando Collor de Melo, primeiro presidente eleito de forma direta pelo povo após a ditadura de 1964, que ironicamente viria ter seus direitos políticos cassados após um processo de impeatchman. Nesse período, em meados de 1985, registra-se no cenário brasileiro a criação do Ministério da Cultura.

No universo da produção musical, a década de 1980 tem início com a indústria fonográfica dando prosseguimento à produção de Long Playing (LPs) e seus variantes (compactos duplos e simples), além dos Compact Cassete (fita cassete), finalizando com a produção simultânea apenas de Long Play (LP) e Compact Disc (CD). Este último, logo se transformará, nos idos de 1990, na ferramenta padrão de difusão da música produzida no mundo.

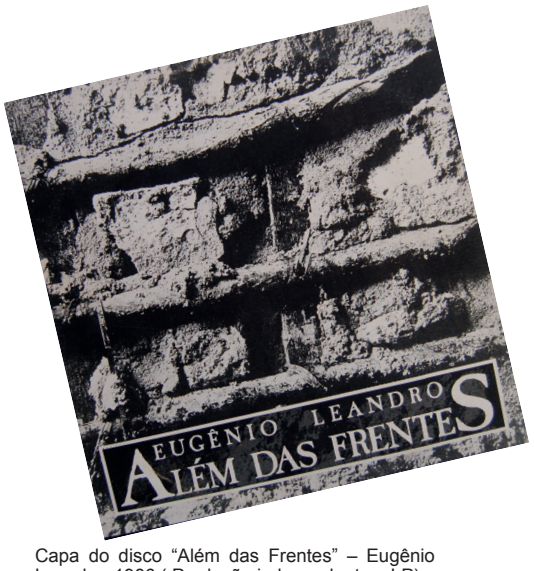
Em pleno ano de 1982, de forma autoritária, a censura ainda interferia e atrasava o lançamento de alguns discos de autores tais como Elba Ramalho, em função da análise de liberação das canções "Chego Já", de Alceu Valença, e "Sete Cantigas pra Voar", de Vital Farias. Em 1985 a rádio FM do Povo toca o primeiro CD no Ceará: "Thriller" de Michael Jackson. Dois anos antes, em 1983, a Philips em parceria com a Sony haviam lançado o projeto do Compact Disc.

No Brasil de 1985 acontece um evento de grande repercussão internacional, o Rock in Rio, que conta com inúmeras atrações artísticas. O Rock in Rio surge como primeiro grande festival internacional de música no Brasil e de forma clara evidencia o surgimento e consolidação de artistas e bandas de Rock Pop no mundo (Queen, AC/DC, Ozzy Osbourne, Yes...), dando destaque também para o que acontecia nacionalmente (Rita Lee, Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho, Blitz...).

Os discos independentes com produção desvinculadas das grandes gravadoras, que já constituíam uma prática em alguns países como Estados Unidos da América (EUA) e Inglaterra, desde os anos de 1960, tornam-se realidade no Brasil no final da década de 1970, principalmente no eixo Rio- São Paulo, onde se concentram de forma mais densa os mecanismos de produção musical (estúdios, fábricas etc.). E enquanto alguns artistas cearenses dão continuidade a suas produções vinculadas a indústria fonográfica nacional, os anos de 1980 começam, no contexto do estado do Ceará, com o diferencial do lançamento dos primeiros discos independentes produzidos por artistas cearenses, mesmo que com suas gravações concretizadas fora do estado.

Capa do disco "Brilho" (Stélio Valle), 1982 (Produção independente - LP)

No início de 1982 o compositor cearense Stélio Valle lança o LP de sua autoria intitulado "Brilho", gravado no Rio de Janeiro, que pode ser considerado o primeiro disco individual independente lançado no Ceará. Neste mesmo ano o cearense do Cariri Tiago Araripe lança o LP "Cabelos de Sansão", pelo selo alternativo Lira Paulistana, uma espécie de produtora independente com uma forma eficaz de difusão de seus trabalhos em seu espaço (teatro) e distribuição em parceria com a gravadora Copacabana.



Capa do disco "Além das Frentes" – Eugênio Leandro, 1986 (Produção independente – LP)

Contracapa e capa do disco "Avalon" – Abdoral Jamacaru, 1986 (Produção independente – LP)

Este movimento se fortalece nos anos seguintes com o lançamento dos LPs de Eugênio Leandro ("Além das Frentes" – 1986), Pingo de Fortaleza ("Centauros e Canudos" – 1986 e "Lendas e Contendas" – 1988) e Abidoral Jamacaru ("Avalon" – 1986), todos ainda gravados fora do estado do Ceará.

No final dos anos de 1980, vários discos independentes continuam sendo lançados no Ceará, porém tendo agora suas gravações concretizadas no próprio estado, especificamente na cidade de Fortaleza. Estas gravações ocorrem prioritariamente no estúdio Pro-áudio (situado na rua José Lourenço), de propriedade de Marcílio Mendonça (ex-integrante do grupo Quinteto Agreste), que com oito canais grava e mixa em fita rolo de 1/2 polegada (inicialmente os registros fonográfico cearenses eram realizados no estúdio do Sr. Paulo Guedes, em dois canais e com gravação ao vivo e sem mixagem).

Capa do disco "Fotografia" – Ricardo Augusto, 1988 (produção independente – LP)

Contracapa e capa do disco "Sumaré" - Bernardo Neto, 1989 (produção independente, revista O Saco Cultural – LP)

Entre os primeiros discos produzidos de forma independente gravados e mixados integralmente no Ceará estão O LP "Fotografia", do compositor Ricardo Augusto, lançado em 1988 com a participação de Rossé Sabadia, Kátia Freitas, Lúcio Ricardo, Mona Gadelha e Tânia Militão, dentre outros intérpretes. E os LPs "Sumaré" do compositor Bernardo Neto, lançado como suplemento da revista "O Saco Cultural" e que contém a musicalização de vários poemas de escritores cearenses, tais como Caetano Ximenes, Francisco Carvalho, Manuel Raposo e Moreira Campos, e "Liberado", LP que conta com composições de Francis Vale e Alano Freitas e participações, por exemplo, de Chico Pio, Rossé Sabadia, Mirlla Muniz, Ana Fonteles, Kátia Freitas, Olguinha, Ângela Linhares. Ambos LPs lançados em 1989.

Importante resaltar que na década de 1980 no campo da criação e produção fonográfica vinculada as gravadoras, um artista cearense consegue a marca de mais de um milhão de discos vendidos, trata-se do cantor e compositor Raimundo Fagner com seu LP "Romance no Deserto", lançado em 1987 e que tem várias de suas canções executadas por mais de seis meses nos primeiros lugares nas rádios brasileiras.

Cearenses que ficaram

Ângela Linhares

O destino cigano dos nordestinos

Ângela Linhares começou a tocar piano aos sete anos de idade. Dentro daquela velha história, "de mãe para filha". Sua mãe tocava muito bem e talvez daí venha o gosto de Ângela pela música e por todas as manifestações artísticas de um modo geral, pois além de cantar, compor e tocar flauta transversal, ela escreve e é atriz profissional.

O teatro, inclusive, tomou grande dimensão antes mesmo da música. Foi com a ida da família à São Paulo, que Ângela começou a fazer teatro. "Meu pai dirigia colégios e a gente estava sempre se mudando. Não sei mesmo o que é morar dois anos na mesma cidade, na mesma casa. É nunca pensei em sair daqui. Quando estou aqui, eu fico mesmo. A mudança para São Paulo foi uma coisa circunstancial."

Ela havia concluído o colegial e na cidade paulista fez um trabalho intenso como atriz. Como as peças que representava eram sempre musicais, Ângela também cantava e aos poucos descobria também o mundo mágico do palco. Era considerada uma atriz que cantava. Mas não foi só o teatro do palco que chamou a atenção de Ângela. Tinha a vida agitada de São Paulo que a sufocava, tinha o próprio teatro da vida. "Queria conhecer o mundo-cão de São Paulo: as boates do bairro do Bexiga, os sambões da Freguesia do Ó, as pessoas novas que faziam teatro, o pessoal paulista e toda a música que se fazia lá. A gente tentava os teatros numa segunda ou terça-feira porque eram estes os dias melhores para quem estava começando."

Trabalhando profissionalmente em teatro, Ângela Linhares viajava pelo o interior paulistano ao mesmo tempo que vivia todos os anseios, as descobertas e as artimanhas da capital. "Nessa época a gente viajava muito, fazendo teatro pelas cidades. Fazíamos muitos shows também. Lembro de uma peça infantil que fizemos que era uma espécie de jogo de armar. Eram jogos dramáticos com o público. As peças eram sempre musicais e eu cantava. Com o grupo Raízes fiz shows para todas as entidades pró-menor abandonado. A

O meio da música tem suas próprias leis e códigos.

shows."

Com o tempo, Ângela começou a cantar em boates. "Era uma experiência para conhecer tudo aquilo da cidade, aquela vida de artista. Era de fato, um carinho para a sobrevivência. Conheci toda aquela tradição do Bexiga, dos sambistas, enfim, aquela coisa que não era Nordeste e que foi muito importante para mim. Eu era praticamente menor de idade. Então por ser nova, achava que tudo que eu estava conhecendo era um mundo-cão. A noite e sua vida de barras, os empresários e o lado que não é claro das coisas. Aquilo tudo me sufocava. Eu tinha uma voracidade muito grande, me precipitei em conhecer de tudo, em tomar tudo de um gole só. Eu acho que isso foi ingênuo, mas foi verdadeiro. No fundo, eu estava tentando acertar, conhecer profundamente, a arte de cantar."

ponto de eu estar me sentindo muito só e essa solidão interior me fez dar uma parada para refazer minha vida afetiva. Havia uma coisa errada para justificar esta solidão. Eu estava sufocando os outros lados de mim e queria crescer, inveja. Tinha que voltar para o Ceará e foi o que fiz, puramente por instinto, Resolvi reestruturar tudo."

Ângela voltou com a filha, Cassana. Decidida a fazer vestibular para Letras, ela até hoje estuda na Universidade Federal do Ceará e não se fomos ainda porque tem sempre as outras coisas que gosta de fazer. Mas espera concluir o curso ainda este ano. "A arte empolga a gente e temos que tentar o fio com o comum senão a gente se distancia do real. A gente nesse muito com a fantasia e sufocamos o universo comum que todo mundo tem. Temos que ir fora e voltar

Alano, Ricardo Bezerra, Renato das Neves (paulista que mora aqui), Lázaro, Ilfe (também do sul), Tarcísio Lopes, Caio Silvio, Jabuti, Zezé, Calé e Petrúcio Maia; Ricardo Guilherme fez uma excelente direção de luz. Para Ângela, **Como as primeiras chuvas do Caju** foi extremamente gratificante. "Era tudo que eu queria conseguir em termos de aceitação". O perfeito entrosamento dos músicos foi uma das coisas mais importantes. "Eu trabalhei com pessoas maravilhosas".

"**UM SHOW É UM DEPOIMENTO**-Com uma nova mudança da família, desta vez para Brasília. Ângela faz um novo show junto com Caio Silvio, que também morava lá. O show **Circo Cigano** supera todas as expectativas e é sucesso de público e de crítica. Antes em Fortaleza, ela faz algumas apresentações esporádicas. "Um show meu mesmo é sempre um depoimento de vida, um posicionamento. Ele tem que ser o resultado do seu momento, do seu jeito de pensar".

Durante o tempo que ficou em Fortaleza, Ângela também fez teatro. "Acho que o pessoal que faz teatro aqui é herói anônimo. Pessoas que vivem de suas forças muito mais marginalizada do que o pessoal de música. Eles não tem veio de comunicação" Durante a SBPC, Ângela participou da montagem **Casa História de Poesia** dirigida por José Carlos Matos. Era um conjunto de poemas do grupo Siriará, de Literatura. Com Gracinha Soares fez **Serafim–fim-fim** peça infantil, no teatro da Emcetur.

No show **Circo Cigano**, Ângela falava de musicalidade nordestina e do lado errante do nordestino, quase cigano. O contato com os músicos de Brasília resultou num dos quatro melhores shows do ano. "Foi com um salto no escuro. Eu havia encontrado o Caio e tratamos o show com a Funarte, mas o resultado foi maravilhoso."

Depois de estudar na Universidade de Brasília, ela ganhou também o concurso

Reprodução de trecho de matéria jornal O Povo

Cumpre esclarecer que somente no segmento musical especificado e ilustrado nesta reflexão, são inúmeras as variantes e movimentações realizadas pelo conjunto de artistas que concretizam seus trabalhos no período de 1981 a 1989 no estado do Ceará. Muitos compositores e intérpretes que já vinham realizando suas produções na década de 1970 continuam consolidando suas iniciativas nos anos da década de 1980. Agrupados por iniciativa própria ou por uma necessidade externa de simplificação e sistematização de suas produções ou de forma individual, outros muitos artistas surgem neste contexto no campo da música em terras cearenses e dão início as suas criações e produções de espetáculos e discos.

O processo migratório de músicos cearenses para o sudeste, constatado na década de 1970 e justificado por uma série de fatores, diminui, ocorrendo um fenômeno do regresso de alguns artistas para o Ceará. A inversão desse processo pode ser exemplificada no caso de retorno para o Ceará da intérprete Ângela Linhares que durante seis anos vivera em São Paulo, participando do grupo Raízes, bem como na volta do compositor e cantor Abidoral Jamacaru, que durante os anos de 1979 e 1980 esteve no Rio de Janeiro em busca de maiores espaços para a difusão de suas criações.

PORONDEANDA

canto DOCE

LINA MOSCOSO

Markinhos Moura se consagrou nos anos de 1980 com a música "Meu Mel" e hoje continua sua carreira

MARCUS MOURA

DOMINGO, 22 DE JULHO DE 2012

DIÁRIO DO NORDESTE

Matéria Jornal Diário do Nordeste, julho de 2012

Em menor escala, contudo, outros músicos cearenses continuam saindo do Ceará para o eixo Rio/SP, como é o caso do intérprete Markinhos Moura que revelado no movimento teatral em Fortaleza, onde atuava e também cantava, no início dos anos de 1980, viaja para o rio e posteriormente emplaca vários sucessos de público como a canção "Meu Mel", em 1986.

A partir desse momento percebe-se que a maioria dos compositores e intérpretes cearenses passa a desenvolver suas iniciativas, no campo da produção musical, no estado do Ceará. Outros artistas que surgem entre os anos de 1981 e 1989 dão prosseguimento a essa prática, permanecendo em solo cearense, não só por uma questão da lógica de um mercado fonográfico limitado e sem perspectivas de expansão e renovação, mas principalmente por perceberem as possibilidades reais de concretização de suas iniciativas dentro do estado.

Por fim, o emaranhado desta produção musical cearense se torna cada vez mais abrangente e complexa. Entre os anos de 1981 e 1989 sua dinâmica caminha em vários sentidos e direções, passando de múltiplos "Pessoais do Ceará" (que se distanciam em suas produções) a "massafeirantes" que solidificam suas produções através da realização de shows e discos, até novos atores musicais que emergem com a revitalização do movimento estudantil cearense. Assim, entre caravanas culturais e manifestações de "Arte no Céu", como também em outros festivais, guiam-se todos sempre pela necessidade individual e coletiva presente no homem e na vida de se fazer e de se conviver com a música.

FAIXA 2

UM PESSOAL DO CEARÁ: COM TRAJETÓRIAS DISTINTAS EM ESPAÇOS DIVERSOS

Dos muitos compositores e intérpretes cearenses atuantes na década de 1970 identificados com o que se denominou de maneira mais abrangente de "Pessoal do Ceará" só alguns permanecem de forma explícita a produzir discos individuais vinculados as grandes gravadoras e a lançá-los quase que anualmente nos anos de 1980, bem como a dinamizar suas carreiras nacional e internacionalmente, podendo ser citados artistas como Raimundo Fagner, Ednardo e Belchior.

Na década de 1980 outros protagonistas desse movimento arrefecem suas produções e alguns que haviam migrado para o sudeste retornam para Fortaleza e dinamizam suas criações por meio da realização de shows individuais e coletivos, a exemplo da cantora Téti e do cantor e compositor Rodger Rogério.

De fato, de 1981 a 1989 é possível constatar através das trajetórias e carreiras individuais um "Pessoal do Ceará" numericamente pequeno e cada vez mais diverso, os quais por meio de suas produções musicais ocupam espaços estéticos, geográficos, de comunicação e público distintos:

FAIXA 2.1

RAIMUNDO FAGNER "MONTADO NUM CAVALO FERRO" FEZ ACONTECER UM "ROMANCE NO DESERTO"

Raimundo Fagner inicia a década de 1980 gravando alguns discos no exterior, dentre os quais se registra o LP "Traduzir-se", na Espanha, em 1981. Na ocasião o cantor grava também o LP "A Picasso", lançado por volta dos anos 1982/1983. Fagner lança ainda em 1981 o LP "Raimundo Fagner Canta em Espanhol" com versões de seus sucessos em língua espanhola, com arranjos originais das canções.

Em 1982, Fagner lança o LP "Raimundo Fagner – Sorriso Novo", registrado nos Estados Unidos com músicos brasileiros (Lincoln Olivett, Manassés de Souza e Jamil Jones) e músicos americanos (Tom Molone, Michael Brecker, Alan Rubin, dentre outros). Raimundo Fagner é o primeiro músico brasileiro a gravar em 48 canais, no famoso estúdio "Double Fantasy", o mesmo estúdio onde John Lennon gravou seu último disco.

Capa do disco "Romance no Deserto" – Fagner, 1987 (BMG – Ariola – LP)

No ano de 1983, Raimundo Fagner dá prosseguimento à gravação de seus discos realizada anualmente. Nesse ano registra-se o lançamento do LP "Palavras de Amor", dedicado às bodas de ouro de seus pais. Autor apenas de duas canções do LP, o destaque do disco é a composição "Guerreiro Menino", do cantor e compositor Gonzaguinha.

No ano de 1984, Raimundo Fagner, músico cearense com maior destaque no plano da difusão musical deste período, comemora 10 anos do lançamento de seu primeiro LP e lança pela Editora Abril o disco intitulado "Histórias da MPB" dentro da coleção história da música popular brasileira. Neste mesmo ano, mesmo com o mercado em baixa, o cantor lança pela gravadora CBS o LP "A Mesma Pessoa" registrado em Londres e no Brasil. Fagner apresenta o show "A Mesma Pessoa", com cenário do cearense Leonilson no teatro João Caetano, no Rio de Janeiro.

Contracapa do disco "Romance no Deserto" – Fagner, 1987 (BMG – Ariola – LP)

No ano de 1985 Raimundo Fagner marca sua presença no cenário artístico com o lançamento pela CBS do LP "Deixa Viver" (produzido por ele com a inclusão de elementos eletrônicos em sua concepção) e por sua participação no 12º Festival Mundial da Juventude, realizado na cidade de Moscou, na URSS. Ainda neste ano Fagner faz críticas a CBS com relação à divulgação de seus últimos trabalhos, principalmente na difusão do LP "Deixa Viver".

Em 1986, Raimundo Fagner muda de gravadora e assina contrato com a RCA, depois de 12 anos de vínculo com a CBS. Neste ano Fagner lança o LP "Lua do Leblon", em um trabalho com direção de Guto Graça Melo, que atinge a marca de 300 mil cópias vendidas e garante um disco de "Platina" aos seus criadores. Ainda neste ano é lançado outro importante trabalho de Fagner, em parceria com o "Rei do Baião", o antológico LP "Gonzagão e Fagner".

O ano de 1987 constitui uma referência no trabalho de Raimundo Fagner, pois registra o lançamento de seu LP "Romance no Deserto" (BMG – Ariola), concedendo ao artista o mérito de ultrapassar a marca de um milhão de cópias de LPs vendidos. Merece destaque o fato de que as canções "Deslizes" (Michael Sullivan e Paulo Massadas) e "À Sombra de um Vulcão" (Fagner e Fausto Nilo) permanecem 700 dias entre as mais executadas nas rádios AM e FM do Brasil.

Raimundo Fagner dedica dois anos de trabalho a esse disco e em julho de 1988 faz seu lançamento em Fortaleza, no estádio Presidente Vargas (PV), para um público de aproximadamente 30 mil pessoas. Cabe ressaltar que "Romance no Deserto" foi um dos primeiros discos brasileiros a ser lançado nos Estados Unidos.

Fagner termina a década com o lançamento do disco "Quinze", seu 15º LP, atingindo a marca de 500 mil cópias vendidas e confirmando sua popularidade e capacidade de movimentação do mercado fonográfico. Este foi o primeiro disco de Fagner lançado simultaneamente em formato de LP e CD, (em virtude das mudanças na indústria fonográfica que por este período deixam de fabricar as fitas K7). Ainda em 1989, a CBS lança o LP/CD "Cartaz – Sucessos de Fagner" com uma coletânea dos sucessos: "Revelação", "Eternas Ondas", "Noturno", "Jura Secreta", "Conflito", dentre outros, o que revelava uma trajetória artística marcada por muitos sucessos e a consagração do artista com uma expressão de grande alcance no cenário nacional.

FAIXA 2.2

EDNARDO – TRILOGIA EM DISCO E TRILHAS PARA CINEMA NA DÉCADA DE 1980

Depois de lançar o LP "Imã", em 1980, o cantor e compositor Ednardo dedica-se, no decorrer da mesma década, a produção de uma trilogia inteiramente de sua autoria pela gravadora EMI Music – Odeon, lançando os discos "Terra da Luz" (1982), "Ednardo" (1983) e "Libertree" (1985), bem como se dedica a produção das trilhas para Cinema: "Tigipió" (1985) e "Luzia Homem" (1987).

A Trilogia:

"Terra da Luz" (1982), o álbum azul da trilogia, tem direção e produção de Mário Rocha, com arranjos e regência de Ednardo. Esta produção apresenta uma sonoridade híbrida que compreende aspectos da influência pop na canção "Pastoril", bem como de um misto de baião e maracatu na canção "Baião de Dois", além de revelar outras influências implícitas nas canções "Xote Rock" e "Blue A flor da Pele". Participam deste LP os músicos Lincoln Olivetti, Manassés e Robertinho do Recife, dentre outros.

Capa do disco "Terra da Luz" – Ednardo, 1982
(Emi Music – Odeon – LP)

Capa do disco "Ednardo" – Ednardo , 1983
(Emi Music – Odeon – LP)

Capa do Disco "Libertree" – Ednardo, 1985
(Emi Music – Odeon – LP)

O LP da trilogia intitulado com o mesmo nome do cantor "Ednardo", lançado em 1983, tem direção de Renato Correia, arranjos de Ednardo e José Américo, que também assina os teclados. Este LP da trilogia "oitentista" de Ednardo, além de contar com os músicos Manassés, Ife e Paulinho Braga, dentre outros, apresenta uma sonoridade pessoal do artista, próxima do pop rock, explicitada nas faixas "Rockcordel" e "Papai mamãe". As canções do LP "Ednardo" passeiam entre o olhar telúrico, sempre umbilical de Ednardo em relação a sua terra natal e sua antena sensível ao mundo contemporâneo, expressos em "Terral Ceará" e "Rubi".

"Libertree", o álbum verde e rosa da trilogia oitentista de Ednardo, lançado em 1985, evidencia e confirma a tendência "new wave" de seus lançamentos nesta década. Com a presença de sons eletrônicos (bateria e sintetizadores) executados principalmente por Fernando Moura, mesclados com instrumentos acústicos executados por Manassés, Jamil Jones e Paulinho Braga, o LP "Libertree" acentua as misturas rítmicas e melódicas em suas criações: "Libertree", "Agreste Blues", "Toque", "Esquinas" e "Outro Romance", entre algumas faixas presentes no LP.

Trilhas para Cinema:

Ainda na década de 1980, Ednardo produz duas trilhas para filmes nacionais, fato que configura mais uma faceta de sua grandeza artística. Em 1985, o cantor assina a trilha do filme Tigipió, do cearense Pedro Jorge de Castro, baseado no conto do também cearense Herman Lima, publicado em 1924. O filme foi rodado no município de Itaiçaba (CE), acentuando em sua fotografia aspectos da realidade nordestina, expressa tanto na violência da natureza submetida à seca como na exuberância da paisagem após a chegada das águas. Em 1987 Ednardo, que já havia composto canções no universo temático de "Luzia Homem", assina a trilha para o filme homônimo dirigido por Fábio Barreto e filmado no município cearense de Madalena, com Cláudia Ohana no papel principal. Em 1988 Ednardo se apresenta em Fortaleza na Associação Atlética do Banco do Estado do Ceará – AABEC, onde apresenta ao vivo as trilhas dos filmes "Tigipió" e "Luzia Homem".

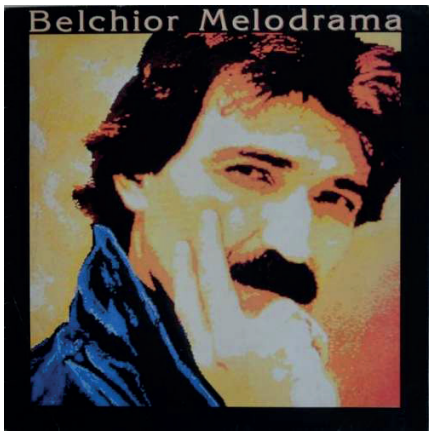
FAIXA 2.3

BELCHIOR

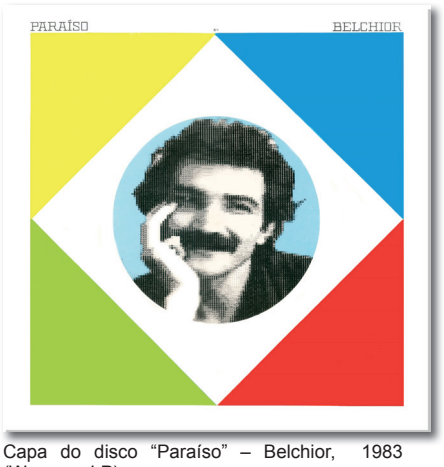
Em meio ao contexto efervescente da década de 1980, é digna de registro a regularidade com o que o cantor e compositor Belchior mantém sua criação musical, tanto em relação a sua produção fonográfica (com registro entre os anos de 1980 e 1989 de seis discos gravados), quanto em relação a sua dinâmica de shows.

Belchior lança em 1980 pela gravadora Warner, o LP "Objeto Direto". Em 1983 lança também pela Warner o LP "Paraíso", no qual abriu espaços para novos artistas da época, tais como Guilherme Arantes, Ednardo Nunes e Arnaldo Antunes. No ano de 1983, Belchior funda sua própria gravadora e produtora, a Paraíso Discos. Em 1984, lança o LP "Cenas do Próximo Capítulo". Em 1985, Belchior se apresenta em Fortaleza, no hotel Samburá, onde canta seus dez anos de sucesso e neste mesmo ano recebe o título de Cidadão Honorário de Fortaleza. Em 1986, lança pela Continental o LP "Um Show: 10 Anos de Sucesso", no qual comemora seus dez anos de sucesso, com regravações das músicas "Velha Roupa Colorida" e "A Palo Seco", entre outras.

Em 1987 Belchior lança pela Polygran o LP "Melodrama" e em 1988 encerra seus lançamentos na década de 1980 com a gravação do LP "O Elogio da Loucura", com estreia de lançamento no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro.



Capa do disco "Melodrama" – Belchior, 1988 (Polygram – LP)

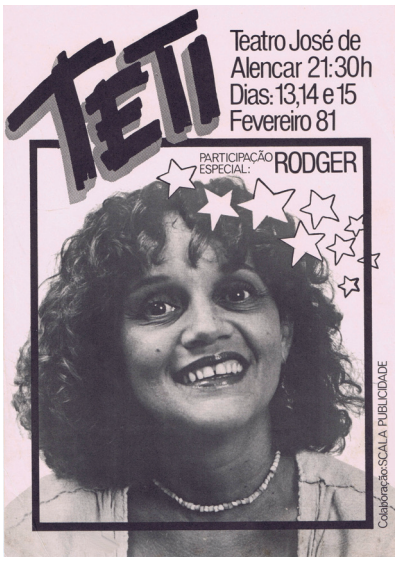


Capa do disco "Paraíso" – Belchior, 1983 (Warner – LP)

FAIXA 2.4

RODGER E TÉTI – UMA CASAL E MUITAS PARCERIAS EM FORTALEZA

A cantora Téti inicia a década de 1980 com uma agenda de shows. Em 1981, no Teatro José de Alencar, por ocasião do projeto Som da Gente, com a participação especial de Rodger Rogério, em uma promoção do jornal O Povo. Em 1984, produz o show "Falando da Vida" com canções de compositores cearenses, apresentado na Cearte e em outros espaços. Ainda este ano Téti participa ao lado das cantoras Ayla Maria e Terezinha Silveira do show "Luzes da Ribalta", apresentado no Centro de Convenções em homenagem a Charles Chaplin. Em 1985, ela integra o elenco nacional do projeto Pixinguinha. Em 1986 participa do show Ame Canoa, realizado na Concha Acústica da UFC. Ao lado de Abidoral Jamacaru se apresenta em 1986 no Circo Voador quando de sua estada em Fortaleza. Em 1987 apresenta o show "Sorriso Novo", no BNB Clube, dentro do projeto Chique-Xique, ocasião em que participa também do projeto Zona Cultural, no parque do Cocó, ao lado de André e Cristina, Dilson Pinheiro e Adauto Oliveira. Ainda em 1987 Téti apresenta o espetáculo "Esquinas do Brasil" na Churrascaria Avenida. Em 1988 participa do projeto "Amar a Beira Mar" no Anfiteatro da Volta da Jurema e neste mesmo ano toma parte no Liberd'art, evento de caráter coletivo, realizado no Teatro José de Alencar e também do show Dia da Mulher ao lado das cantoras Olguinha, Kátia Freitas, Marta Aurélia, Mariângela e Myrlla Muniz. Em 1988, apresenta o show "Malandragem" no Pirata Bar e no final deste ano participa ao lado de vários artistas (Dilson Pinheiro, Stélio Valle, Calé Alencar, Amaro Pena, Chico Pio, Lucinha Menezes, Kátia Freitas e Rossé Sabadia) do evento ecológico pacifista "Limpando a Lagoa", realizado às margens da lagoa de Messejana. Em 1989 participa do show coletivo em comemoração a um ano de existência do bar Academia, realizado no próprio espaço do bar. Ainda em 1989 Téti participa ao lado de Ângela Linhares, Calé Alencar, Marcus Brito e Bá Freire de um show da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência – SBPC, realizado na Concha Acústica da UFC.



Panfleto show Téti, 1981 – Arquivo Téti

Rodger Rogério apresenta em 1984 o show "Consciência Cósmica Fantasia", com participação de Téti, no teatro Universitário e na Cearte (Fundação de Arte e Cultura), em comemoração a um ano de existência desta fundação. Em 1986 participa do show Ame Canoa, realizado na Concha Acústica da UFC. Depois de algum tempo afastado de shows, em 1988, Rodger apresenta o espetáculo musical "Os Muitos Amores da Vida", no bar Academia e também se apresenta no bar Fors Seansons. Ainda em 1988 toma parte, ao lado de vários outros artistas, do show coletivo com renda destinada à gravação do disco da intérprete Ana Fonteles, realizado na concha Acústica da UFC. No final de 1988, participa de um show coletivo no espaço cultural Babilônia, ao lado de Téti, Ana Fonteles, Diassis Martins, Dilson Pinheiro e Aparecida Silvino. Em 1989 Rodger Rogério apresenta o show "Esquina Predileta", em vários espaços, entre estes no bar Veredas Grill.

Palfleto show Téti, 1988 – Arquivo Téti

Capa do disco "Flor da Paisagem" – Amelinha, 1977, LP

FAIXA 2.5

AMELINHA – UMA TRAJETÓRIA À PARTE QUE SE ENCONTRA COM O PESSOAL

Mesmo sem ter uma vinculação embrionária com o "Pessoal do Ceará", a intérprete Amelinha, que saiu do Ceará no ano de 1970 para estudar Comunicação em São Paulo, passa a realizar algumas apresentações nesse estado, ao lado dos seus amigos cearenses, principalmente com Fagner. Alguns anos depois Fagner estava produzindo seu primeiro disco, em 1977, intitulado "Flor da Paisagem". Nessa década, Amelinha lança ainda o LP "Frevo mulher", que obteve boa vendagem e garante a cantora o disco de ouro.

No início da década de 1980, Amelinha se consagra definitivamente como uma das maiores cantoras brasileiras ao interpretar a canção "Foi Deus Que fez Você" de autoria de Luiz Ramalho, durante o MPB 80, festival promovido pela Rede Globo de televisão. A música "Foi Deus Que fez Você" é uma das primeiras canções brasileiras a ocupar o primeiro lugar entre as executadas, tanto na rádio FM quanto AM.

capa do disco "Água e Luz" – Amelinha, 1984, LP

Em 1982 Amelinha lança o disco "Mulher Nova Bonita e Carinhosa Faz o Homem Gemer Sem Sentir Dor". A música título do LP, assinada por Zé Ramalho (muitos atribuem a letra a Otacílo Batista) é tema de abertura da série Lampião e Maria Bonita, da rede Globo, e o LP permanece durante mais de 30 semanas entre os 50 LPs mais vendidos no Brasil, no ano de 1982.

No restante da década de 1980 Amelinha lança mais quatro discos: Romance da Lua, Lua (1983), Água e Luz (1984), Caminho do Sol (1985) e Amelinha (1987). Nestes trabalhos recebe a direção musical de vários profissionais e registra vários gêneros musicais, como o pop. Este processo de diversificação em sua produção musical culmina, em 1989, com a realização do espetáculo "Saudades da Amélia", no qual Amelinha interpreta composições de Tom Jobim e Caetano Veloso.

FAIXA 2.6

OUTROS POETAS, MÚSICOS E ARTICULADORES DO PESSOAL E SUAS DINÂMICAS PRODUÇÕES

Cirino lança em 1981 seu 2º LP intitulado "Moenda". Fausto Nilo lança em 1987 o LP "12 letras de Sucesso". Augusto Pontes em 1989 assume a Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza – FUNCET. Patativa do Assaré lança em 1981 o LP "A Terra é Natura".

Capa e contracapa do disco "A Terra é Natura" – Patativa do Assaré, 1981 (CBS especial – LP)

Capa do disco "12 Letras de Sucesso" – Fausto Nilo, 1987 – LP

FAIXA 3

DEPOIS DA FEIRA EM BUSCA DA MASSA

Do conjunto de inúmeros compositores e intérpretes que participaram ativamente das atividades do "Massafeira", que culminou com a realização do maior evento do movimento no Theatro José de Alencar, em Fortaleza no ano de 1979 e com a gravação e o lançamento do LP duplo com o registro de algumas obras desse coletivo de artistas em 1980, é possível visualizar por parte destes uma grande movimentação no período de 1981 a 1989, principalmente com a realização de shows individuais e coletivos e também com o lançamento de discos individuais por parte de alguns e participações em discos através de composições e interpretações.

No geral, após o lançamento do LP "Massafeira" e uma grande peregrinação, quase em vão, de todos(as) seus participantes pelas emissoras de rádio visando sua execução, a maioria do conjunto desses artistas permanece em Fortaleza e, embora não mais como um movimento, de alguma forma dinamizam e desenvolvem suas carreiras. Mesmo tendo sido lançado por uma grande gravadora, no caso a CBS, o LP Massafeira não alcança uma repercussão nacional e com isso impede uma maior visibilidade nacional aos compositores e intérpretes que dele participaram. Tal fato, contudo, não arrefece a dinâmica de produção da grande maioria de seus participantes, que permanecem de forma contínua a dinamizar suas carreiras, podendo ser citados entre eles: Calé Alencar, Mona Gadelha, Tazo Costa, Regis e Rogério Soares, Ana Fonteles, Lúcio Ricardo, Chico Pio e Stélio Valle.

Capa do disco "Maraponga" – Ricardo Bezerra , 1987 (CBS – LP)

Stélio Valle, por sua vez, como atuante artista no Massafeira, lança em 31 de janeiro de 1982, no anfiteatro Flávio Pontes, na volta da Jurema, o LP "Brilho", gravado no Rio de Janeiro, que pode ser considerado o primeiro LP independente lançado por um artista cearense. Em 1983 Stélio realiza inúmeros shows, entre estes, um em parceria com Dilson Pinheiro no mês de julho também no anfiteatro da Volta, dentro da programação de férias da FM do Povo e outro intitulado "Futuro Blues" em parceria com Lúcio Ricardo no BNB Clube. Em 1984 apresenta o show "Todas as Cores" na Fundação Cearense de Arte e Cultura – CEARTE e em vários espaços de Fortaleza. No ano de 1986, juntamente com outros artistas cearenses, participa da "Janela para os Novos", no projeto Pinxiguinha. Ainda este ano participa do show "Acordes de Shoonenborch" de Pingo de Fortaleza no bar Ponte Para o Céu, tendo em 1987 sua música "Cobra" incluída no LP "Maraponga" do compositor Ricardo Bezerra. Stélio termina a década atuando em vários shows individuais e coletivos e se apresenta em 1989 no "Subindo ao Céu" na Praia de Iracema.

Capa do disco “Equatorial”, Téti, 1979 (CBS – LP)

Calé Alencar é outro artista, que depois de participar do projeto Massafeira se destaca em Fortaleza na década de 1980, através de uma produção sólida e dinâmica viabilizada por meio da realização de inúmeros espetáculos individuais e coletivos, e também por sua participação em vários Festivais de música que culminam com o lançamento de seu primeiro LP no final dos anos de 1980. Sua música “Cristal” figura em primeiro lugar na segunda eliminatória do I Festival de Música d´O Povo, realizado em 1981. Já em 1982 monta e apresenta em diversos espaços culturais de Fortaleza o show “Além da Voz” em parceria com intérprete Lúcio Ricardo, também participante do Massafeira. Em 1983 encerra com show a programação do projeto Temporada de Férias, uma promoção da FM O Povo, no Anfiteatro da Volta da Jurema.

Versátil compositor e intérprete, Calé Alencar tem suas composições gravadas pela cantora Téti em seu LP “Equaltorial” (1979), por meio das canções Equatorial (Calé Alencar e Fausto Nilo) e “Vento Rei” (Zé Maia e Calé Alencar), esta última também inclusa no repertório do LP Massafeira. O cantor segue os anos de 1980 com a produção de uma série de shows individuais e participações em shows coletivos: Projeto Pixinguinha (1984), show “Lipando a Cidade (1985), “Toque Pessoal” com a banda Sinal Verde (1986), “Quem Fica é quem Traz o Sol” (1986), este apresentado também no espaço do Circo Voador quando de sua passagem por Fortaleza, com as participações de Tony Abreu (artista baiano que residiu muitos anos em Fortaleza) e Edmar Alencar (que posteriormente adotou o nome artístico de Edmar Gonçalves), e ainda em 1986 o show “Por Dentro da Hora”. Ainda este ano participa do show “Acordes de Shoonenborch” de Pingo de Fortaleza no bar Ponte Para o Céu. Em 1988 apresenta o show “Amar a Beira Mar”.

Capa do disco “Um Pé em Cada Porto”, Calé Alencar, 1989 (Produção independente – LP)

Calé Alencar termina os anos da década de 1980 produzindo e realizando o show de encerramento do Festival de Camocim (CE), e em outubro de 1989 realiza o pré-lançamento de seu LP independente “Um Pé em Cada Porto” no projeto Bar das Seis do Sindicato dos Bancários do Estado do Ceará.

É digno de registro o fato de outros participantes do Massafeira se destacarem e manterem suas atividades contínuas na década de 1980, entre estes:

Contracapa do disco “Um Pé em Cada Porto”, Calé Alencar, 1989 (Produção independente – LP)

Lúcio Ricardo: Esse compositor e intérprete realiza show individual no teatro da Emcetur em 1981 e em 1982 divide o show “Através da Voz” com Cale Alencar; em parceria com Stélio Valle realiza ainda este ano o show “Futuro Blues” no BNB Clube. Lúcio Ricardo segue a década realizando vários shows individuais e coletivos e participa de alguns discos, entre estes do LP “Fotografia” (1988) do compositor Ricardo Augusto.

Chico Pio: artista nascido na Parnaíba (PI) que se considera cearense, pois desde 1960, aos sete anos, reside no Ceará. Lança em 1984 na TV Educativa o videoclipe da canção de sua autoria "Ao Sucesso" uma produção própria em parceria com Ubaldo Solon, que também assina a direção. Em 1985, Chico Pio apresenta o show "Em Cima" em homenagem a Zé Ramalho no teatro da Emcetur. Em 1986 se apresenta nos bares Ponte para O Céu e Dama da Noite. Em 1987 divide o palco com Regis Soares no show "Cruzando Ruas" apresentado no bar "Chez Moi". E ainda neste ano se apresenta na boate Eclipse. Em 1989, Chico Pio participa do LP "Liberado" dos compositores Alano Freitas e Francis Vale e neste mesmo ano se apresenta no bar Czar e no Veredas Grill. Chico Pio termina a década com a apresentação do show "Saudades do Futuro" realizado na barraca Subindo ao Céu.

Capa do disco "Liberado" - Alano Freitas e Francis Vale, 1989 (Produção independente – LP)

Tazo Costa: Em 1982, embora morando entre o Rio de Janeiro e São Paulo se apresenta no teatro Móvel. Retornando a Fortaleza se apresenta no teatro da Emcetur, em 1983, e em 1985 apresenta o show "Giração" no bar Ponte para o Céu, em comemoração aos seus 10 anos de trabalho. Em 1986 se apresenta no Bar Dama da Noite. Depois de um tempo afastado dos palcos Tazo Costa volta a se apresentar em 1988 na barraca Subindo ao Céu cantando a "Ilusão do Sul", e neste mesmo ano, juntamente com Marcus Brito, é escolhido melhor intérprete do festival de Música dos bancários do Ceará. Em 1989 Tazo Costa se apresenta no bar Academia e consegue o segundo lugar no festival de Camocim.

Contracapa do disco "Liberado" - Alano Freitas e Francis Vale, 1989 (Produção independente – LP)

Rogério e Regis Soares: Os irmãos Regis e Rogério apresentam-se em 1982 no Teatro Móvel e em 1983 produzem e excursionam pelo estado do Ceará com o show "Brilho da Serra", contando com a participação de Dilson Pinheiro. Rogério Soares em 1984 interage com "A Nação Baque Virado" e divide show com os pernambucanos Zé Rocha e Fubá no teatro da Emcetur. O cantor Regis, neste mesmo ano, apresenta-se no bar Censura Livre, e em 1987 divide o palco com Chico Pio no show "Cruzando Ruas", apresentado no bar "Chez Moi". Em 1988, entre outros espaços, Rogério e Regis se apresentam no Pirata Bar e ainda em 1988 Rogério e Regis apresentam o show "Pedras Rolantes" no Anfiteatro da Volta da Jurema. No final de 1988 Regis apresenta o show "Regis Soares e Amigos" na praia de Iracema com as participações de Dilson Pinhero, Tazo Costa e Chico Pio, entre outros. Em 1989 Regis apresenta-se no Four Seasons com o espetáculo musical "Um Beijo Branco de Paz".

Rogério e Regis Soares – Acervo Tieta Pontes

Mona Gadelha: Depois de quatro anos ausente dos palcos, Mona Gadelha apresenta em 1985 o espetáculo "Emoções Perigosas" no teatro da Emcetur e no BNB Clube. O roteiro contendo rocks e blues é composto de canções de autores cearenses, tais como Zé Maia, Lúcio Ricardo e Ricardo Augusto. Ainda em 1985, Mona Gadelha lança de forma independente o compacto "Emoções Perigosas" também no teatro da Emcetur. Mona Gadelha participa com alguns cearenses no projeto "Verão Praia Show" em Parnaíba, uma iniciativa dos músicos da família Fonteles (Ana e Zezé) oriundos deste município e residentes em Fortaleza. Dando continuidade a sua produção ainda em 1985, Mona Gadelha apresenta o show "Cenas de rock Explícito" na danceteria Eclipse com acompanhamento da banda Emoções Perigosas. Em 1988 participa do show "Ricardo Augusto e Sociedade Anônima" no Pirata Bar.

Vicente Lopes: Realiza em 1982 show no teatro Móvel e depois de residir no Rio de Janeiro retorna pra Fortaleza e se apresenta no Theatro José de Alencar.

Cartaz do show "Emoções Perigosas" – Acervo Mona Gadelha

Mona Gadelha e Ronald Carvalho – Show "Emoções Perigosas" – Acervo Mona Gadelha

Mona Gadelha e Banda "Emoções Perigosas" – Acervo Mona Gadelha

Ana Fonteles: Conhecida também como Aninha, esta cearense-parnaibana, como ela mesma se definia, interpreta em 1981 a música "Pedra do Sal" de Felipe Cordeiro e Zezé Fonteles no I Festival O Povo. Em 1982, a cantora apresenta o show "Bico de Pena" no teatro da Emcetur e no mesmo ano realiza o show de encerramento do Festival de Música no VI Mulher Maio Mulher. Em 1983 Ana Fonteles toma parte dos shows da programação de férias da FM O Povo, na Volta da jurema, em 1984 apresenta o show "Feito Canção" no bar Cio da Terra e em 1986 apresenta-se no bar Le Baton. Em 1987 se apresenta, dentre outros espaços, no bar Veredas Tropical. Em 1988 faz show no bar "Recanto 42". Em 1989 Ana Fonteles participa do LP "Liberado" dos compositores Alano Freitas e Francis Vale e ainda este ano, grávida realiza o show "Baby" nos bares Veredas Grill e Subindo ao Céu.

Capa do disco "Emoções Perigosas" - Mona Gadelha, 1985 (Independente – Compacto)

O fato é que os artistas que participaram do movimento Massafeira seguem em grande número produzindo nos anos de 1980. Além de interagirem entre si, esses artistas participam de atividades conjuntas com outros colegas egressos do Pessoal do Ceará, principalmente com Roger e Téti, que já residindo novamente em Fortaleza na década de 1980, também vão tecendo relações com um conjunto de novos compositores e intérpretes que vão surgindo no Ceará na década de 1980. Essa interação ocorre principalmente pela via de shows coletivos, prática muito comum no estado, e também por meio da construção de parcerias que surgem por afinidades, de tal forma que esses artistas vão moldando, espontânea e criativamente um contexto por vezes imperceptível, de comunicação e interlocução entre várias gerações de artistas cearenses.

FAIXA 4

SURGE UM PESSOAL PELAS CARAVANAS, NA CONCHA COM ARTE NO CÉU E OUTROS MAIS VÃO SURGINDO

Se fosse possível refletir apenas sobre a música produzida e difundida no universo da MPB no Ceará, somente por artistas que surgiram ou começaram a evidenciar suas carreiras nos anos de 1981 a 1989, o que inicialmente seria o objetivo deste texto, talvez este tópico se bastasse, assim como seu conteúdo.

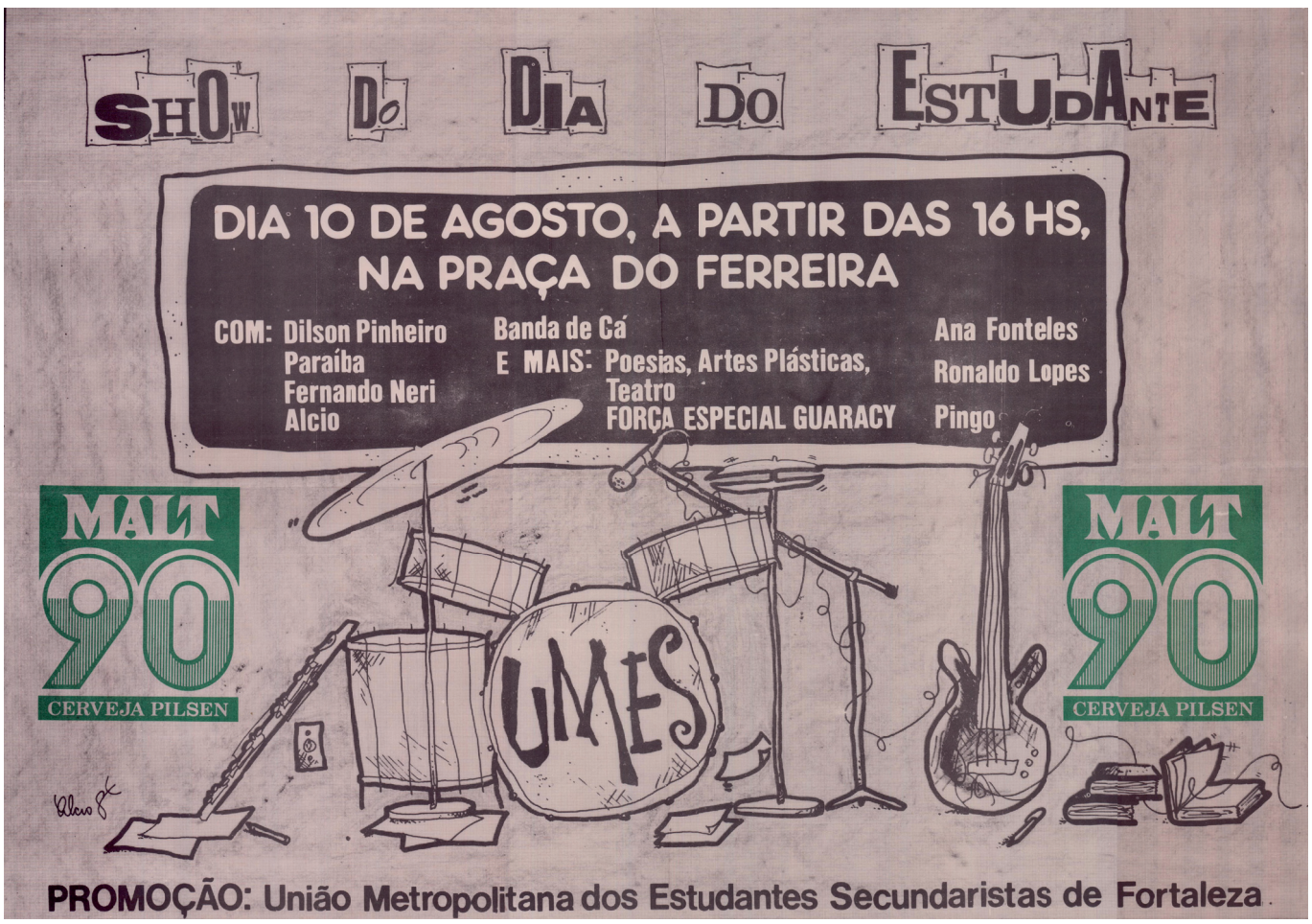
No entanto, as informações e questionamentos aqui apresentados, revelam que as diferentes gerações de compositores e intérpretes cearenses se interrelacionam em suas realizações. Assim, a função de tentar precisar o período do surgimento desses novos artistas, bem como de historicizar suas produções, é apenas uma tomada de direção para uma análise de um quadro geral de uma sociedade em que todos estão inseridos.

O desenvolvimento de uma carreira musical autoral, seja no campo da composição ou da interpretação de canções inéditas, é algo em geral que requer algum esforço inicial, pois se trata da tentativa de efetivar uma comunicação de um conjunto de informações novas e sua aceitabilidade e receptividade por parte do público, que por sua vez já carrega, de forma densa um grande legado de informações musicais em sua memória, em grande parte estimuladas por meio de processos midiáticos contínuos. Raramente este fenômeno de afirmação no mundo musical se dá de forma pontual no tempo e no espaço, pois o estabelecimento deste vínculo – compositor-intérprete-público – requer um processo de várias etapas e ações que permitem estes sujeitos se firmarem em seus meios e consolidarem seus papeis. Isso, excetuando-se os processos de massificação mercadológica de grande escala que propiciam num pequeno espaço de tempo, o surgimento e o desaparecimento imediato de obras e artistas desvinculados de suas verdades criativas e atrelados especificamente aos projetos comerciais de um mercado lucrativo no campo da música.

Na sociedade cearense dos anos de 1981 a 1989, existe uma forte tendência de que estes processos não pontuais de afirmação de novos compositores e intérpretes da MPB ocorram geograficamente na cidade de Fortaleza, por ser esta a maior cidade do estado do Ceará, sua capital e a cidade que agrega de forma urbana um conjunto sólido de características que irão de certa maneira facilitar suas iniciativas de produção e difusão musical, oferecendo-lhes mais possibilidades de circulação, tais como: escolas e faculdade de música, teatros, bares, espaços abertos, festivais, rádios, estúdios e outros.

A cidade de Fortaleza dos anos de 1981 a 1989 possui alguns teatro e espaços culturais onde prioritariamente as iniciativas musicais iriam ocorrer, tais como: Theatro José de Alencar (TJA), Teatro Carlos Câmera (conhecido por teatro da Emcetur, por se situar no interior da Empresa Cearense de Turismo), Teatro Paschoal Carlos Magno (conhecido por Teatro Universitário, pois pertence à UFC), Teatro Móvel (lona de circo instalada na avenida 13 de maio), Teatro Arena (no final da década), ginásio do SESC São Sebastião, quadra do CEU, espaço da Concha Acústica da UFC, auditório da faculdade de direito da UFC, Anfiteatro da Volta da Jurema, BNB Clube, Espaço cultural do sindicato dos bancários do estado do Ceará (final da década), espaço CEARTE (Fundação Cearense de Arte), além de praças públicas, principalmente as praças José de Alencar e Ferreira situadas no centro de Fortaleza e uma infinidades de bares (muitos surgem e desaparecem num pequeno espaço de tempo), para onde compositores e intérpretes, mesmo os autorais, migram na busca de evidenciarem suas produções musicais, entre estes: Bar das Letras, Jazz Blues Bar, Ponte Para o Céu, Pirata, Veredas Grill, Caras e Bocas, Dama da Noite, Duques e Barões, Censura Livre, Overdose, Piano Bar, Shy Moor, Cio da Terra, Álibe, For Seasons, Vereda Tropical, Churrascaria Avenida, Bar Academia, My Way, Recando 42, Czar e London London, entre muitos outros.

Porém, mesmo em quantidade, esse conjunto de espaços culturais existentes na cidade de Fortaleza nos anos de 1981 a 1989 se concentrava numa pequena região da cidade e representava uma área específica da cidade, considerada central e litorânea, situando-se entre o centro da cidade, a Praia de



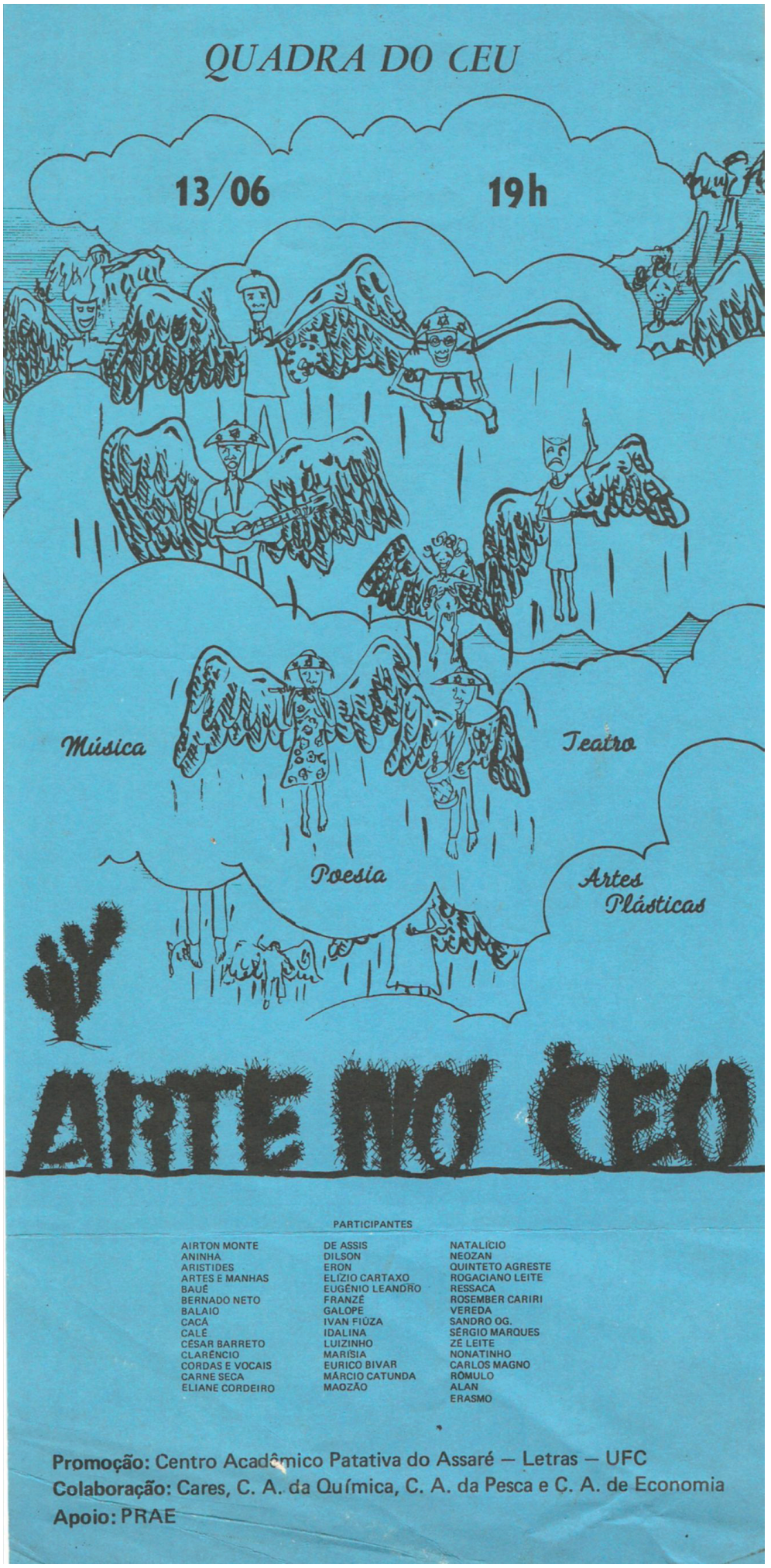
Cartaz show Dia do Estudante, Fortaleza, 1983 – Acervo Pingo de Fortaleza

Iracema, a Beiramar (Aldeota) e o bairro do Benfica, onde se situa a Universidade Federal do Ceará e seus equipamentos culturais. Uma citação do professor Gilmar de Carvalho no Jornal O Povo de 1981 relaciona alguns outros espaços culturais existentes em Fortaleza: "Saindo um pouco da Beiramar, show Music Clovis Club no João XXIII; o 'Apache II' próximo ao Conjunto Ceará; a 'Aquários' no Parque São José e o 'Grêmio Recreativo' no José Walter". Outros equipamentos também em atividades neste período eram os Centros Sociais Urbanos (CSUs), localizados no Conjunto José Walter, Pirambu, Vila União, Antônio Bezerra e Conjunto Ceará.

As atividades musicais realizadas nos bairros periféricos de Fortaleza são nesta época pontuais e fruto de movimentos organizados por artistas de bairros específicos, como por exemplo: MOCUPP (Movimento de Cultura Popular do Pirambu), do qual participam inúmeros artistas (Ronaldo Lopes, João Soares, João Batista, Everardo Viana, Marcos Tim, dentre outros). Movimento do José Walter (Nonato Natureza, Tião, Dila, Hamilton, Clodoaldo Mota, Gilberto e Pingo), Movimento Tauarte no bairro do São João do Tauape e no final da década no conjunto Ceará, vinculados ao Espaço Shangrilá de Cultura. Outros movimentos culturais agregam artistas e difundem suas ações em várias regiões da cidade de Fortaleza e outras cidades do estado do Ceará; é o caso do Movimento Nação Cariri. O movimento Nação Cariri, originário da região do Cariri Cearense, teve como idealizadores os artistas Rosemberg Cariry e Oswald Barroso. Tendo como veículo um jornal que posteriormente virou revista, este movimento agregava um conjunto de artistas de várias linguagens e possuía como proposta a prática do exercício da resistência social e política através das práticas artísticas. Participaram ativamente do Movimento Nação Cariri os seguintes compositores e intérpretes: Eugênio Leandro, Abidoral Jamacaru, Pachelly Jamacaru, Cleivan Paiva, Tiago Araripe, Bá Freire, Tadeu Franco, João Batista, Ronaldo Lopes, Pingo de Fortaleza e Fernando Neri, entre outros.

Na Fortaleza do início dos anos 1980, contudo, outros novos compositores e intérpretes tiveram suas primeiras possibilidades de aparição em atos e shows coletivos realizados no universo do movimento universitário e vinculados a retomada do movimento estudantil e de suas ações culturais. Nesse período de grande efervescência política e cultural, realiza-se em 1981 na quadra do Centro Esportivo Universitário - CEU o show coletivo Arte no CEU. Este evento contou com a direção artística de Aristides Braga, agregando em sua realização uma dezena de artistas, numa programação com duração de 12h e um público aproximado de 1.000 pessoas. Participam do show Arte no CEU os seguintes artistas: Eugênio Leandro, Dilson Pinheiro (na época apenas Dilson), Eugênio Leandro, Aninha (Ana Fonteles), Bernardo Neto, Calé Alencar, César Barreto, Clarêncio, De Assis, Idalina, Eliane Cordeiro, dentre outros. Ainda secundarista, pois estudava este ano na ETFCE, e mesmo sem ter meu nome no material de divulgação do evento, dirigi-me até a quadra do CEU e cantei duas canções de minha autoria no palco do show Arte no CEU.

Neste mesmo ano, no mês de dezembro, em outra atividade cultural coletiva, a polícia invade a quadra do CEU e efetua vários disparos em seu interior, dispersando o público presente ao evento.



Cartaz show Arte no Céu, 1981 – Acervo Elísio Cartaxo

PROGRAMA

Dias 22, 24 e 25/06/81	– Torneio de Futebol de Salão – Prof. ANTÔNIO MARTINS FILHO, a ser realizado na Quadra do CEU.
Dia 23/06/81	– Quadrilhão Universitário, a partir das 21:00 horas, na Quadra do CEU.
Dia 27/06/81	– Show Artístico-Cultural "UNIVERSIDADE NA RUA" 10:00 horas na Praça do Ferreira 20:00 horas no Stúdio FM da VERDES MARES, na Volta da Jurema.
Dia 28/06/81	– 08:00 horas VI Volta ao *Campus* Universitário.

Cartaz Arte na Rua, 1981 – Acervo Pingo de Fortaleza

CARA

CAMPOS SALES 28/1

QUITAIUS 31/1

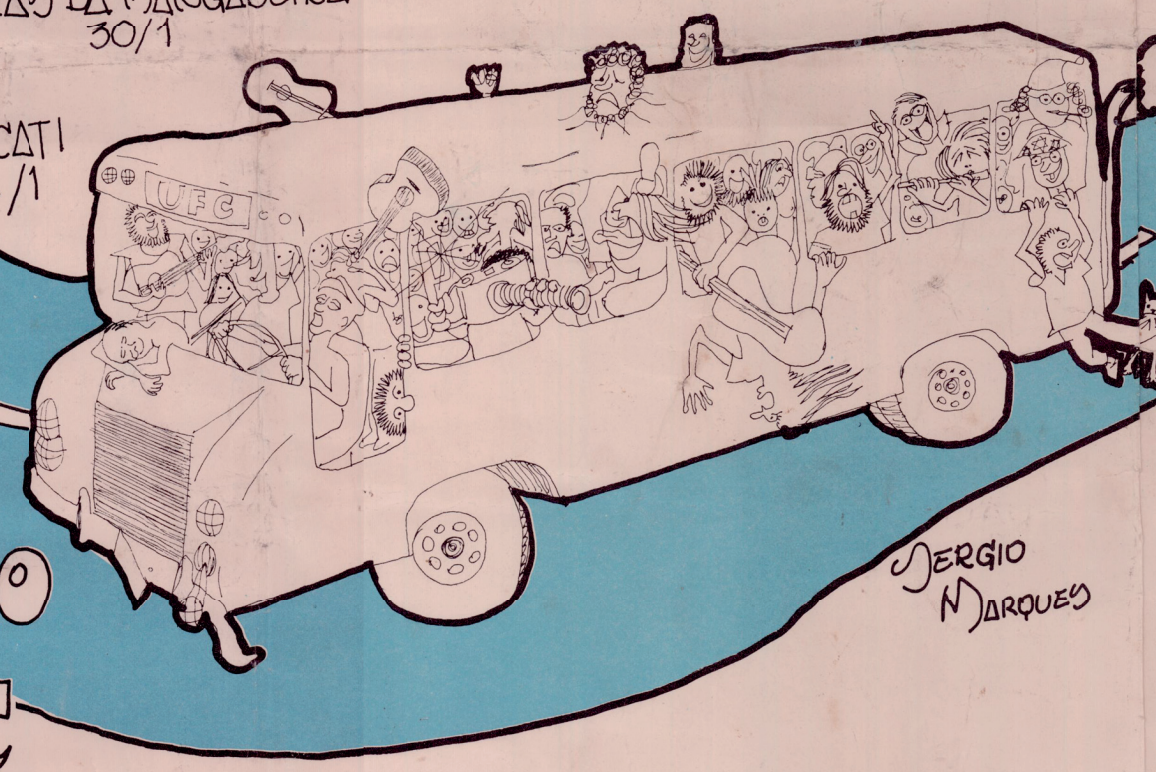
JA

IGUATU 26/1

BREJO SANTO 1/2

LAVRAS DA MANGABEIRA 30/1

ARACATI 24/1



PROMOÇÃO
DCE-UFC

SERGIO MARQUES

JARDIM 2/2

JUAZEIRO 6/2

ITAPIPOCA 13/2

CARAVANA

QUIXERAMOBIM 11/2

CRATO 4/2

LIMOEIRO DONORTE 9/2

1/2

CULTURAL UNIVERSITÁRIA

IDALINA
MAREGÍA
EUGENIO LEANDRO
PAULO GÓES
PARAÍBA, ÁLCIO, PENINHA, SILVINO
DILSON
BERNARDO NETO

GUARACY
ALUIZIO
ARISTIDES BRAGA
TUPINAMBÁS

O bom demais.

Cartaz Caravana Cultural DCE, 1982 – Acervo Aristides Braga

Este processo de dinâmica das atividades musicais vinculadas ao movimento estudantil da década de 1980 se consolida com a realização do projeto da Caravana Cultural do DCE da UFC, em 1982, quando dezenas de artistas viajam durante aproximadamente um mês realizando apresentações musicais coletivas em mais de 12 cidades cearenses. A Caravana Cultural do DCE da UFC também fortalece as programações das Semanas Culturais, realizadas neste período por universitários de determinados municípios e que movimentavam bastante suas cidades, tais como: Iguatu, Cedro e Lavras da Mangabeira.

Se por um lado, na dinâmica do movimento estudantil se abrem novos espaços para compositores e intérpretes cearenses que vão surgindo nos anos de 1981 a 1989, por outro, continua também toda uma dinâmica de shows e apresentações individuais e coletivas em vários espaços e teatros. A cidade de Fortaleza se destaca como espaço privilegiado para esses eventos que passam a acontecer em locais tais como no Anfiteatro da Volta da Jurema ou dentro da programação do projeto da prefeitura de Fortaleza intitulado Luiz Assunção, agregando diversos artistas e grupos musicais que circulavam por diversos espaços públicos e praças da cidade. Além desses espaços temporários outros ambientes se abriam em determinados projetos, como por exemplo, o espaço Janela Para os Novos, vinculado ao projeto nacional Pixinguinha, que passou por Fortaleza nos anos de 1983,1984, 1985 e 1986.

NATALÍCIO BARROSO FILHO
19/1/57

"Não sei se foi de noite ou de dia nem se chovia ou fazia calor – isto ninguém escreveu. O que eu sei – e até agora ninguém negou – é que estou no mundo; o que ninguém sabe é que, embora no mundo, nada ainda tenho vivido".

LUIZ DILSON PINHEIRO DE OLIVEIRA
28/10/56

"Nas minhas veias corre sangue artístico, se não for muita pretensão usar esse termo..." – Primeira música aos 12 anos de idade; participação em corais de igreja; três vezes consecutivas melhor samba enredo de Escolas de Samba – "...música pra mim é o que sinto, vivo e respiro, sem me preocupar com métricas, palavras de efeito ou estilo."

EUGÊNIO LEANDRO
25/10/58

Fortaleza. Compositor e cantor – "18 anos de interior, Limoeiro do Norte, onde promoveu festivais de música, publicações de jornais e revistas". Faz parte da Comissão Editorial da Revista Pirauru e do Grupo Sirius; parcerias com Rogaciano Leite, Osvaldo Barroso, Rosemberg Cariri, Lázaro etc.; trabalho a ser apresentado no primeiro semestre do próximo ano.

CARLOS CALVET
2h da manhã; 29/05/52, Messejana

Psicologia qualquer semestre
"Participei quatro anos seguidos do chatíssimo Salão de Abril". Outros salões: Brasília (prêmio), Salvador, Rio e Ceará. Como músico "... aliás não é pretensão denominar-me de músico, quando muito alguém que gosta de trabalhar com a música". Participante de shows de importância (Fortaleza). Para o próximo ano um trabalho englobando mídias, artes plásticas, um pouco de teatro...

JOSÉ AMARO ALEXANDRE DA FONSECA
15/01 – Qualquer ano

Aluno do curso de Artes-Dramáticas – UFC; Compositor e Instrumentista; Estuda Música UECE.

ANTÔNIO LUIZ (LUIZINHO)
Agosto de qualquer ano

"...Signo de Leão, porém prefere torcer pelo Ceará e veio do Piauí". – História. "Gosta de fotografia a uns quatro anos. Porém lamenta que seja uma mania que custa muito caro..."

MARIA ELEUDA DE CARVALHO
10/10/59 – Jaguaruana
Estatística (em fase de abandono)

"Considero o que escrevo como arte, porque faço quase um diário das coisas vistas e vividas minhas, e vida é arte". Planeja criar uma revista com alguns escritos e desenhos do Calvet.

ANTÔNIO MARTINS
11/12/56 – Itapipoca
Psicologia

Desde pequeno tocava na banda do colégio. Grupo de Samba. "...hoje é que vim despertar para uma realidade musical nossa...". Componente do Grupo Carne Seca.

FERNANDO SÉRGIO
1961 – Ubajara
História, segundo semestre
percussão do Grupo Carne Seca.

ELIZIO CARTAXO
27/03/57 – Santana do Cariri
História, sexto semestre

Crismado "Frei Damião". Participou: I salão dos novos; 4 salões de abril; prêmio no II salão universitário de artes plásticas; sétimo lugar no Festival Universitário de Música, participante do Grupo Carne Seca.

ALUÍZIO MOISÉS (PARAÍBA)
23/02/59 – Sítio Pitombas - Pb

"...a lua escondida eu também vi / na cabeça do morro que brilhava...". Componente do Grupo Carne Seca (viola).

ALCIO
Qualquer ano - qualquer lugar - Psicologia

"De manhã eu já cantava e minha mãe vivia me chamando para almoçar".

JOSÉ NASSER NETO
22 anos – Fortaleza – Psicologia

"Na cooperativa universitária estou ligado ao teatro... por que o teatro? ah, sei lá, liberdade".

ESPERANÇA

No fundo do abismo
de toda dor
tão fundo que a dor
seja dor menor
há a saída.

O TEMPO URGE

Prisões...
As florestas alongadas
espelhadas
espalmadas
entre areias brancas
das praias
e há mil pássaros presos
mesmo vezes cortadas
mil gritos contidos
tantas asas esparadas
paradas
paredes
que amordaçam a liberdade
partindo o medo
dos átomos estéreis.

Prisões...

As cidades crescem para os lados
para baixo
e apontam para o alto suas longas mãos
que tem um gesto de súplica

Nas ruas,
nas praças,
o silêncio.
Nas prisões mil homens
torturados
sem testemunho
sem testículos.
Quantos filhos de puz
tenaz feridas nascidas
das flores.
Quantos bardes
fazendo bordes.

– Cadê os olhos que sorriam?
– Cadê as mãos que amavam?
Onde a paz?
Onde há paz?
Nos pardes.

LEU

SEM TÍTULO

Ah se com a ajuda do vento
pudesse soprar para longe as mágoas.
Ah se pudesse com a asa do pássaro
voar até a droave onde o pouso é suave.
Inventar minha vida
como quem decide uma brincadeira,
mergulhar no pote das fantasias e tirar uma pra mim
não mais me arrastar pela vida
despedaçando meu ser rasgando minha poesia.
preciso abaixo uma casa na rua da felicidade
que fique do lado do sol da manhã,
da janela eu veja outras janelas felizes,
pra mim pelo inquieto não mais bafejar
e parar uma lágrima, uma fonte de água clara
a correr.
nascer um sorriso e espelhar como um sol na flor
da água.
Ah, minha vida eu nem sonhara de qualquer jeito
e no entanto... perdi a chave
depois de abrir a porta da minha existência.

CARLOS CALVET

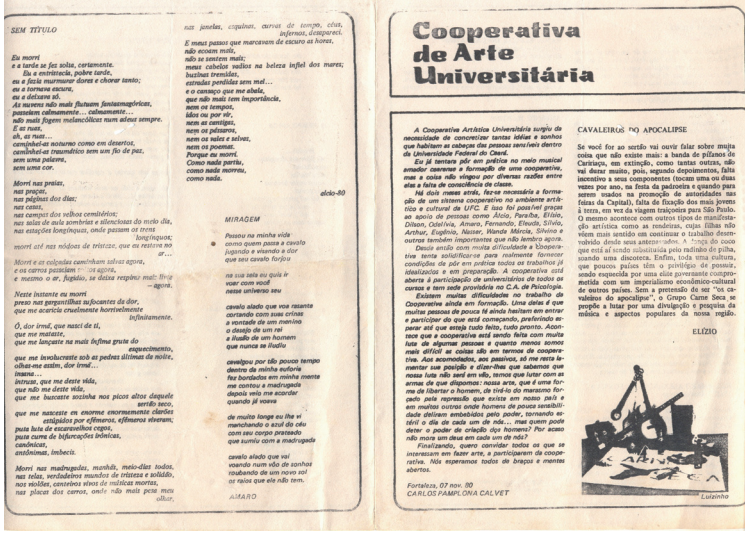
DESENHO

deixa que as minhas mãos riquem
os traços do brasil no teu caderno.
ele não foi feito por reis ou por
republicanos.
não o fizeram os militares
nem o fardo jamais os imperialistas.
o brasil há de ser feito com um
único grito
liberdade
em todas as suas fronteiras.

deixa que eu desenhe o brasil no teu caderno
o brasil descolorido e babélico
como o mundo.
deixa que eu desenhe o brasil
neste palsagem agreste
branca
de teu caderno
como uma vela do meu e do teu coração
mestiço.

NATALÍCIO

Parte interna de panfleto da Cooperativa de Arte Universitária – Acervo Aristides Braga



SEM TÍTULO

Eu morri
e a tarde se fez solta, certamente.
Ela o entristecia, pobre tarde,
ou a fácil murmurar dores e chorar tanto;
ou o tornava escuro,
ou o deixava só.
As nuvens não mais flutuam fantasmagóricas,
passeiam calmamente... calmamente...
não mais fogem melancólicas num adeus sempre.
E as ruas,
oh, as ruas...
caminhei-as noturno como em deserto,
caminhei-as tranquilo e sem um fio de paz,
sem uma palavra,
sem uma cor.

Morri nas praias,
nas praças,
nas páginas dos dias;
nas casas,
nas campas dos velhos cemitérios;
nas salas de aula sombrias e silenciosas do meio dia,
nas estações longínquas, onde passam os trens
longínquos;
morri até nas nódoas de tristeza, que eu restava no
ar...

Morri e as colegas caminham salvas agora,
e os carros passeiam mortos agora,
e mesmo o ar, fugidio, se deixa respirar mais livre
– agora.

Neste instante eu morri
preso nas garganthas sufocantes de dor,
que me acaricia cruelmente horrivelmente
infinitamente.

Ó, dor irmã, que nasci de ti,
que me matastes,
que me lançaste na mais ínfima gruta do
esquecimento,
que me involucraste sob as pedras últimas de noite,
olhai-me assim, dor irmã!...
insana...
intruza, que me deste vida,
que não me deste vida,
que me buscaste sozinha nos picos altos daquele
serrão seco,
que me nasceste em enorme enormemente clarões
estilgidos por effemeros, effmeros stevram;
puta lute de escarnecidos cegos,
puta curva de bifurcações bônicas,
cadmicas,
antônimas, imbecis.

Morri nas madrugadas, manhãs, meio-dias todos,
nas telas, verdadeiros mundos de tristeza e solidão,
nos olohos, cantoiros vivos de músicas mortas,
nas placas dos carros, onde não mais pela meu
olhar.

nas janelas, esquinas, curvas de tempo, céus,
infernos, desaparecí.
E meus passos que marcavam de escuro as horas,
não ecoam mais,
não se sentem mais;
meus cabelos vadios na beleza infiel dos mares;
buzinas tremidas,
estradas perdidas sem mel...
e o cansaço que me abela,
que não mais tem importância,
nem os tempos,
idos ou por vir,
nem as cantigas,
nem os pássaros,
nem os sales e salvas,
nem os poemas.
Porque eu morri,
Como nada partiu,
como nada morreu,
como nada.

abril-80

MIRAGEM

Passou na minha vida
como quem passa a cavalo
jogando e vivendo a dor
que seu cavalo forjou

na sua sela eu quis ir
voar com você
nesse universo seu

cavalo alado que vos rasante
cortando com suas crinas
a verdade de um menino
o desejo de um rei
a ilusão de um homem
que nunca se iludiu

cavalgou por tão pouco tempo
dentro da minha euforia
fez bordados em minha mente
me contou a madrugada
depois veio me acordar
quando já vioava

de muito longe eu lhe vi
manchando o azul do céu
com seu corpo prateado
que sumiu com a madrugada

cavalo alado que vai
voando num vôo de sonhos
roubando de um novo sol
os raios que ele não tem.

AMARO

Cooperativa de Arte Universitária

A Cooperativa Artística Universitária surgiu da necessidade de concretizar tantas idéias e sonhos que habitam as cabeças das pessoas sensíveis dentro da Universidade Federal do Ceará.

Eu já tentara pôr em prática no meio musical amador casrense a formação de uma cooperativa, mas a coisa não vingou por diversas razões entre elas a falta de consciência de classe.

Há dois meses atrás, fez-se necessária a formação de um sistema cooperativo no ambiente artístico e cultural da UFC. E isso foi possível graças ao apoio de pessoas como Álcio, Parafba, Elízio, Dilson, Catelvia, Amaro, Fernando, Eleuda, Silvio, Arthur, Eugênio, Nasser, Wanda Márcia, Silvino e outras também importantes que não lembro agora.

Desde então com muita dificuldade a bisperativa tenta solidificar-se para realmente fornecer condições de pôr em prática todos os trabalhos já idealizados e em preparação. A cooperativa está aberta à participação de universitários de todos os cursos e tem sede provisória no C.A. de Psicologia.

Existem muitas dificuldades no trabalho da Cooperativa ainda em formação. Uma delas é que muitas pessoas de pouca fé ainda hesitam em entrar e participar do que está começando, preferindo esperar até que esteja tudo feito, tudo pronto. Acontece que a cooperativa está sendo feita com muita luta de algumas pessoas e quanto menos somos mais difícil se coisas são em termos de cooperativa. Aos acomodados, aos passivos, só me resta lamentar sua posição e dizer-lhes que sabemos que nossa luta não será em vão, temos que lutar com as armas de que dispomos: nossa arte, que é uma forma de libertar o homem, de tirá-lo do marasmo forçado pela repressão que existe em nosso país e em muitos outros onde homens de pouca sensibilidade detiveram embebidos pelo poder, tornando-o têrri o dia de cada um de nós... mas quem pode deter o poder de criação dos homens? Por acaso não mora um deus em cada um de nós?

Finalizando, quero convidar todos os que se interessam em fazer arte, a participarem da cooperativa. Nós esperamos todos de braços e mentes abertos.

Fortaleza, 07 nov. 80
CARLOS PAMPLONA CALVET

CAVALEIROS DO APOCALIPSE

Se você for ao sertão vai ouvir falar sobre muita coisa que não existe mais: a banda de pífanos de Caritaiçu, em extinção, como tantas outras, não vai durar muito, pois, segundo depoimentos, falta incentivo a seus componentes (tocam uma ou duas vezes por ano, na festa da padroeira e quando para serem usados na promoção de atividades nas férias da Capital), falta de fixação dos mais jovens à terra, em vez da viagem traiçoeira para São Paulo. O mesmo acontece com outros tipos de manifestação artística como as rendeiras, cujas filhas não vêem mais sentido em continuar o trabalho desenvolvido desde seus antepassados. A França do coco que está al sendo substituída pelo radinho de pilha, soando uma discoteca. Enfim, toda uma cultura, que poucos países têm o privilégio de possuir, sendo esquecida por uma elite governante comprometida com um imperialismo econômico-cultural de outros países. Sem a pretensão de ser "os cavaleiros do apocalipse", o Grupo Carne Seca se propõe a batar por uma divulgação e pesquisa da música e aspectos populares da nossa região.

ELÍZIO

Luizinho

Contracapa e capa panfleto Coorperativa de Arte Universitária – Acervo Aristides Braga

Importante também citar que nesta década de 1980 foram realizadas no Ceará inúmeras edições de festivais, tais como as três edições do festival O Povo, quatro edições do Festival de Camocim, uma edição do festival do BNB Clube, dentre outras, e que estes festivais propiciaram o surgimento e a consolidação de muitos nomes no novo cenário de compositores e intérpretes cearenses vinculados a MPB, sem falar na dinâmica sempre importante dos bares com suas programações culturais autorais.

Na sequência deste escrito optamos por sistematizar as produções dos artistas de acordo com o ano nas quais ocorreram, registrando algumas das mais relevantes iniciativas de compositores e intérpretes cearenses que passaram a ter maior visibilidade e/ou que surgiram somente no período de 1981 a 1989 (proposta deste artigo) e que não participaram efetivamente do Pessoal do Ceará e nem do Movimento Massafeira. Bem como destacamos alguns fatos correlatos deste universo, possibilitando assim uma visão bastante abrangente e diversificada de suas movimentações e de um contexto cada vez mais plural e diversificado que se consolidava no campo da música no estado do Ceará, principalmente na cidade de Fortaleza neste período:

Capa e Contracapa do disco “Nordestinados”, 1981 (Copacabana – LP)

- EM 1981:

Cesar Barreto lança o LP “Nordestinados – A poesia de Marcus Accioly com música de César Barreto”. E também se apresenta na Praça José de Alencar dentro do projeto Luis Assunção.

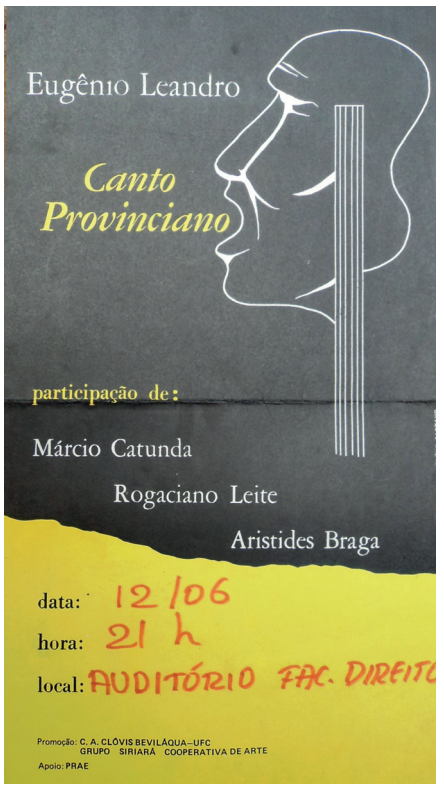
Eugênio Leandro, de Limoeiro do Norte, vinculado às comunidades de base da Igreja Católica, que no ano 1978 se classifica em 4º lugar no festival de UFC com a música “Canoa Quebrada”, em parceria com Rogaciano Leite Filho, realiza seu primeiro show individual intitulado “Canto Provinciano” no Auditório da Faculdade de Direito, em uma promoção do Centro Acadêmico Clovis Beviláqua do curso de direito da UFC, com organização de Rogaciano Leite Filho, Márcio Catunda e Aristides Braga.

Bernardo Neto se apresenta na Praça José de Alencar dentro do projeto Luis Assunção.

Dias 12 e 13 de junho acontece o show Arte no CEU, agregando vários artistas e dinamizando o movimento cultural, artístico e estudantil no âmbito da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Marcus Tadeu lança disco independente.

Dilson Pinheiro é o primeiro colocado no I Festival “O Povo” com a canção de sua autoria “Saudade de Casa”.



Cartaz show “Canto Provinciano”, 1982 – Acervo Eugênio Leandro

- EM 1982:

O Diretório Central de Estudantes (DCE), da UFC, realiza a Caravana Cultural em diversos municípios cearenses com a participação de vários artistas.

Diassis Martins participa do II Festival de Canção Popular de Barbalha.

Bernardo Neto apresenta o show “Qualquer Jeito é Viver” em vários espaços de Fortaleza.

Alano Freitas realiza o show “Coisas que Quebram” com as participações de Rodger Rogério, Ângela Linhares e Stélio Valle.

Rosmir Teixeira apresenta o espetáculo “Rumbora Negrada” no Teatro Universitário e no Teatro da Empresa Cearense de Turismo (EMCETUR).

No VI Mulher Maio Mulher Festival de Música, Viviane Cavalcante Silva se classifica em primeiro lugar com a canção “Falo da Natureza” e Catarina Maltez com a canção “Regresso”, recebe a segunda colocação.

Rogério Franco dá entrevista ao tabloide do Jornal o Povo.

Show “Canto Provinciano”, Eugênio Leandro, Faculdade de Direito, 1982 – Acervo Eugênio Leandro

Luis Sérgio faz apresentação no programa de TV Som Brasil, após haver se destacado nos anos anteriores em vários festivais. Dentre os quais podemos destacar o Festival da Crédimus, em 1980, classificando-se em segundo lugar com a música "Flor da Idade", projetando-se com visibilidade também nos Festivais d'O Povo e BNB. Neste último Luís Sérgio recebe o primeiro lugar com a canção "Samba pra Esbanjar".

Abidoral Jamacaru, natural da cidade do Crato, iniciou sua carreira com o show "Margem Virgem", em 1975, e realizou, em 1979, o show "Minha Sangria". Depois de morar no Rio de Janeiro em 1980, volta ao Ceará e passa a integrar o Movimento Nação Cariri.

Peninha (Amaro Pena) e Álcio Barroso se apresentam na Concha Acústica da UFC.

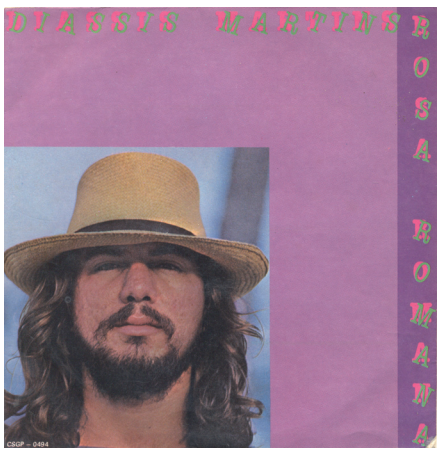
Jair Morais participa do projeto Matinhos com vários artistas do bairro Vila União com show no Teatro Universitário.

Realiza-se na Concha Acústica da UFC o show Canto Popular, com a participação dos artistas Fidelis, Abidoral Jamacaru, Ângela Linhares, Calé Alencar e Lúcio Ricardo, dentre outros.

Álcio e Amaro Pena são os vencedores do II Festival "O Povo" com a música "Pretexto".

Dia 31 de dezembro realiza-se a "Chuva de Poesia", evento que mobiliza um número significativo de artistas do Ceará das áreas da literatura e da música no sentido de difundir a produção cultural naquele momento, com panfletos poéticos lançados do alto dos prédios no centro da cidade de Fortaleza e show coletivo na Praça do Ferreira.

Capa do disco "Deixa a Noite Chegar" – Ednardo Nunes, 1983 (Independente – LP)



Capa do Disco "Rosa Romana" – Diassis Martins, 1983 (Independente – Compacto)

- EM 1983:

Ednardo Nunes, de São Luis do Curu, lança o LP independente "Deixa a Noite Chegar", com participação especial de Belchior.

Bá Freire, natural de Cajazeiras (PB), ex-integrante do grupo "Aves de Arribação", depois de morar em São Paulo, volta pra Fortaleza e se apresenta no Teatro Universitário.

Gigi Castro, integrante do coral da UFC, vence como intérprete o VII Festival Mulher Maio Mulher.

Ana Lúcia Fontenele apresenta o show "Avis Rara" no teatro da EMCETUR apresentando parcerias com Carlos Augusto Viana, Marly Vasconcelos, Nirton Venâncio, Ângela Linhares e Vander Sílvio.

Pela primeira vez projeto Pixinguinha abre espaços para cearenses.

Dilson Pinheiro apresenta o show "Painel de Telhas" no BNB Clube e também na semana universitária de Iguatu.

Morre precocemente o artista cearense Assis Filho.

Álcio e Amaro Pena abrem o show de Nara Leão e Camerata no projeto Pixinguinha.

César Barreto apresenta o show "Sarabanda" no BNB Clube com cenário assinado por Audífax Rios.

Bernardo Neto apresenta o show "Becos e Escadarias" no teatro da EMCETUR.

André e Cristina realizam em parceria com Álcio e Amaro Pena show no BNB Clube.

Diassis Martins, natural do Ipu, lança o compacto independente gravado em Fortaleza intitulado “Rosa Romana”.

Marcus Vinícios, que depois adotou o nome artístico de Marquinhos Moura, se destaca na semana cultural do colégio Lourenço Filho.

Pingo (depois Pingo de Fortaleza) apresenta seu primeiro show individual no auditório da Faculdade de Direito da UFC, intitulado “Que Espetáculo é Este?” com direção de Guaracy Rodrigues e participação de Marta Aurélia.

- EM 1984:

Pingo de Fortaleza, ao lado de Patativa do Assaré e Taiguara participa do show comemorativo aos 86 anos de Luis Carlos Prestes, realizado no Grêmio Recreativo do José Walter.

O cantor cearense Luis Carlos Porto, ex-integrante do grupo “O Peso”, depois de lançar três compactos individuais, lança seu primeiro LP solo.

Diassis Martins se apresenta no bar Caras e Bocas.

O compositor maranhense Luiz Assunção, aos 82 anos recebe a medalha da Abolição, em reconhecimento ao seu trabalho musical e poético realizado no estado do Ceará.

Dilson Pinheiro, Ronaldo Lopes, Pingo de Fortaleza, Álcio, Amaro Pena, Eugênio Leandro, Rogério Franco, Lamarque e Parahyba entre outros participam do show da II Chuva de Poesia realizado na Praça do Ferreira.

Natural do município de Jardim, Chico Cariri lança pela Fermata o LP “Terra Quente”.

O compositor Evaldo Gouveia, com mais de 500 sucessos gravados, faz show em Fortaleza e prepara seu primeiro LP solo.

Realiza-se no pátio da reitoria da UFC o show promovido pelo DCE da UFC intitulado “Arte e Resistência – 20 Anos”, uma alusão ao golpe militar de 1964, com a participação de Fernando Néri, César Barreto, Ronaldo Lopes, Dilson Pinheiro, Pingo de Fortaleza, Álcio, Amaro Pena, Parahyba e Batista. Após o show artistas e público participante se dirigem à Praça do Ferreira, onde inauguram o painel pelas Diretas Já.

Capa do disco “Guerra e Paz” – Cleivan Paiva, 1984 (Independente Nação Cariri – LP)

Pingo de Fortaleza apresenta o show “Que Espetáculo é Este?” no Jazz Blues Bar, no bairro do Benfica.

César Barreto apresenta-se ao lado do pernambucano Marcus Accioly na Cearte.

Acontece o show em homenagem ao movimento Nação Cariri, por ocasião do lançamento do livro “Histórias Populares” de Oswald Barroso, no Anfiteatro da Volta da Jurema, com as participações de Fernando Neri, Ronaldo Lopes, Eugênio Leandro e Pingo de Fortaleza.

"Pró-letrário" é título do primeiro show individual de Ronaldo Lopes (membro do Nação Cariri e morador do Pirambu), realizado no teatro da EMCETUR.

Natural de Canindé, Wanderley Duarte, apresenta o show "Universo Som" no teatro da EMCETUR.

Os artistas do bairro José Walter Nonato Natureza e Dylan apresentam o show "Cordas e Vocais" no auditório do Centro Social Urbano Adauto Bezerra (CSU) localizado no mesmo bairro.

Luis Sérgio se apresenta no BNB Clube e assina contrato de cinco anos com a editora Saci Produções.

Inês Lima, que reside no Rio de Janeiro, se apresenta no Ideal Clube.

Cleivan Paiva, Piauiense, que se considera cearense, residente no Crato, lança o LP independente "Guerra e Paz" com direção artística de Rosemberg Cariry.

Bernardo Neto é convidado a apresentar sua música "Cora Coralina", composta em homenagem a poetisa de Goiás Ana Lins dos Guimarães, no programa de TV Som Brasil.

Ronaldo Lopes se apresenta no bar Censura Livre.

A intérprete alagoana Fátima Santos, desde 1978 no Ceará, se apresenta em diversos espaços de Fortaleza, entres estes: Bar Imperial Palace, V Whisky e Cassino Guarani.

Marcus Brito (depois Marcus Caffé) é destaque musical no Festival Escolar Farias Brito.

Pingo de Fortaleza em parceria com Fernando Néri e Carlos Magno apresentam o espetáculo "Nem Só Sons" na Cearte.

Eugênio Leandro e Dilson Pinheiro fazem show na AABEC e lançam o selo "DISCORDEL".

Estreia a peça "O Pão" de Oswald Barroso com os grupos de teatro Grita e Grapo e músicas de Firmino Holanda, Pingo de Fortaleza, Ronaldo Lopes e Dedé Nunes.

Bernardo Neto faz show no encontro de comunidades portuguesas no Náutico Atlético Cearense.

Adauto Oliveira classifica-se em primeiro lugar no Festival de Música do BNB Clube com a canção "Cavaleiro da Manhã".

Luis Sérgio classifica a música de sua autoria "Pintando Alegria" no festival de músicas de carnaval da TV Manchete.

Show da Fundação Valdemar de Alcântara na Praça do Ferreira, com as participações de Eudes Fraga, César Barreto, Bá Freire, Eugênio Leandro, Cleivan Paiva e Dilson Pinheiro.

Dilson Pinheiro e Eugênio Leandro lançam o compacto duplo "Discordel" em vários municípios cearenses: Morada Nova, Iguatu e Crateus, dentre outros.

Capa do disco "Discordel" – Eugênio Leandro e Dilson Pinheiro, 1984 (Independente Selo Discordel – compacto duplo)

- EM 1985:

George Farias se apresenta no bar Censura Livre.

Show "Canto de Praia" na Marina do Morro Branco, com Dilson Pinheiro, Eugênio Leandro e Adauto Oliveira.

Ciribá Soares, que trabalhou quatro anos em São Paulo, tocando com o grupo "Bocantando", apresenta o show "Renascença" com a participação do artista carioca Job, no teatro da Emcetur.

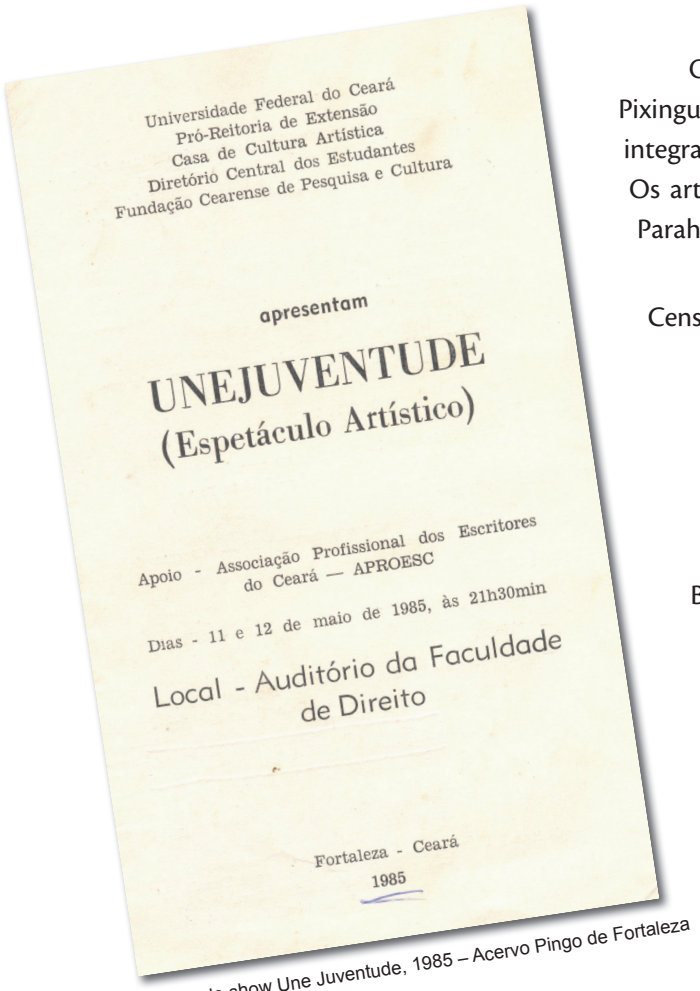
César Barreto apresenta o show "Mudamérica" que conta um pouco da história de Cuba, no auditório da faculdade de direito da UFC.

Participam da Calourada da UFC 1985, Fernando Néri, Parahyba, Álcio, Pingo de Fortaleza e Nanan, que lança seu disco "Banda de Cá".

Damata apresenta o show "Barranco" no teatro da Emcetur.

"UNE-Juventude-DCE UFC", é o título do show realizado por Marta Aurélia, Álcio, Fernando Néri, Pingo de Fortaleza, Parahyba, Nanan e Didi no auditório da faculdade de direito da UFC, como forma de recepcionar os novos alunos desta universidade.

Cartaz Show Canto de Praia, Dilson Pinheiro, Eugênio Leandro, Adauto Oliveira e Lourinaldo Vitorino, 1985 – Acervo Eugênio Leandro


Universidade Federal do Ceará
Pró-Reitoria de Extensão
Casa de Cultura Artística
Diretório Central dos Estudantes
Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura

apresentam

UNEJUVENTUDE
(Espetáculo Artístico)

Apoio - Associação Profissional dos Escritores do Ceará — APROESC

Dias - 11 e 12 de maio de 1985, às 21h30min

Local - Auditório da Faculdade de Direito

Fortaleza - Ceará
1985

Panfleto do show Une Juventude, 1985 – Acervo Pingo de Fortaleza

O projeto Pixinguinha realiza festival de seleção para escolha de artistas cearenses que integrarão o espaço "Janela para os Novos" na abertura dos shows do projeto. Os artistas selecionados são: André e Cristina, Nanan, Pingo de Fortaleza, Parahyba, Calé Alencar, Eudes Fraga, Amaro Pena e Fátima Fontenele.

Pingo de Fortaleza apresenta o show "Eterno Esperançar" no bar Censura Livre.

Márcio Thé se apresenta no programa Terral.

Lily Alcalay se apresenta na Cultura Francesa.

Terezinha Silveira, depois de 20 anos de carreira lança o LP "Bar da Noite".

É criado o Ministério da Cultura do Brasil.

Show coletivo de Luis Sérgio, César Barreto e Dilson Pinheiro no BNB Clube.

Lucas Pinto lança LP independente.

Poty se apresenta no VI Encontro Musical da UFC com Eugênio Leandro e Aparecida Silvino ao piano.

Lourinaldo Vitorino e Adauto Oliveira realizam show no Estoril.

Depois de 11 anos afastado dos palcos cearenses o cantor e compositor Lauro Benevides (que atualmente assina Lauro Jaia), natural de Guaiuba/Pacatuba, apresenta os show "Fortaleza" no BNB Clube. Lauro participou em 1969 do LP "Aqui em Canto" fruto do festival de mesmo nome.

Nanan e Lauro Benevides se apresentam no Anfiteatro da Volta da Jurema.

Cantor e compositor Antônio Edson, natural de Quixadá, lança o compacto "Sônia".

A intérprete Goretti apresenta-se exclusivamente no Piano Bar.

Álcio e Gisele Castro, além de outros convidados se apresentam no Shy Moon.

Marcus Brito se destaca e vence o III Festival Farias Brito.

Eugênio Leandro e Dilson Pinheiro realizam show no Estoril.

Terezinha Silveira canta no Iate Clube.

II Mostra de Arte Popular do Pirambu, uma promoção do MOCUPP (Movimento de Cultura Popular do Pirambu), com a participação de Fernando Néri, Ronaldo Lopes, Cristina e André e João Batista, entre outros.

Nonato Natureza faz show no bar Duques e Barões.

Terezinha Silveira grava o LP "Marcas" com canções de Jair Amorim.

Rose apresenta "Canto Livre" no teatro da Emcetur.

Abreu apresenta o show "Eu Show Abreu".

Barros Pinho instala a Fundação Cultural de Fortaleza.

Paulo e Valérie apresentam o show "A Volta do Cometa Halley" no bares Ponte para o Céu e Eclipse, com canções de Valdo Aderaldo, Eugênio Leandro e Amaro Pena, entre outros compositores.

Show "Personagens" no bar Cio da Terra, com Gigi Castro, André Lopes, Cristina e David Duarte, que fala da pluralidade de sua música e do trabalho que esteve desenvolvendo em São Paulo com o grupo Lótus.

Capa do Disco "Marcas" – Terezinha Silveira, 1985 (Independente – LP)

Panfleto do Ato-show Dia do Estudante, 1985 – Acervo Pingo de Fortaleza

Gravação do LP "Além das Frentes" – Eugênio Leandro – Acervo Eugênio Leandro

- EM 1986:

Marcus Tim, cantor e compositor do bairro do Pirambu, produz o III Coqueiral no Pirambu com o intuito de lançar talentos da periferia.

Adauto Oliveira e Lourinaldo apresentam o show "Baião de Dois Misturado" no Estoril.

Rosé Sabadia se apresenta no bar "Ponte para o Céu".

Pingo de Fortaleza e Fernando Néri apresentam o espetáculo "Por Todos os Cantos" no auditório da faculdade de direito da UFC. Fernando Néri é cantor, compositor, poeta e ator; durante alguns anos esteve residindo em Araraquara (SP), retorna ao Ceará em 1983.

Eugênio Leandro e Cleivan Paiva participam do 10º Encontro Universitário em Juazeiro do Norte (CE).

Rose apresenta o show "Mistura Fina" no bar "Ponte para o Céu".

Caio Silvio, autor de vários sucessos, tais como "Noturno" e "Coração Alado" apresenta o show "Romance Litoral" no bar Ponte para o Céu.

Músicos cearenses criam a Associação de Músicos – FAM

Valter Trote, que residia em São Paulo, retorna para Fortaleza e lança o compacto independente "Água Doce".

FAM promove show no bar "Ponte para o Céu" intitulado "Tô a Fim de Ti no Camarim" com as participações de Gigi Castro, Olguinha, Walfredo Carlos, Rogério Franco, Marcus Cruz, Calé Alencar, Dilson Pinheiro, Tuca, banda Escala e banda Pré-história das Moças Donzelas.

Show "Mulheres em Cena" com Gigi Castro, Olguinha, Lily Alcalay e participação de Gisele Castro no bar Dama da Noite.

FAM promove show na calçada da Casa de Cultura Raimundo Cela (atual sede da Academia Cearense e Letras) com Eugênio Leandro, Diassis Martins, Ronaldo Lopes e Lily Alcalay.

Christianne, cantora e compositora lidera a banda "Chris e os Outros".

Lily Alcalay se apresenta no bar "Duques e Barões".

Pingo de Fortaleza apresenta o show "Acordes de Shooonenborch"(um mutirão para gravar seu primeiro disco) no bar Ponte Para o Céu, com apoio da FAM e participações de Stélio Valle, Téti, César Barreto, Calé Alencar, Parahyba, Arlindo, Valter Trote, Mário Mesquita, Amaro Pena, Ronaldo Lopes, Adauto Oliveira, Fernando Néri, Gigi Castro, Rogério Franco, Olguinha, Jabuti, Falcão, Marcos Maia, dentre outros.

Parahyba apresenta-se na Sala Interarte.

"Cantos de Maio" é o título do show que Adauto Oliveira e Lourinaldo Vitorino apresentam no bar Ponte para o Céu.

Rose apresenta o show "Em novo Tempo" no teatro da Emcetur.

Paulo e Válerie se apresentam no Circo Voador em Fortaleza.

Amaro Pena e Luis Sérgio fazem show que antecede a apresentação de Vital Farias no Ciro Voador em Fortaleza.

George Farias e Didi se apresentam no Álibe.

Toquinho e Índio, moradores de Canoa Quebrada participam do show "Canoa Tombada" no Circo Voador em Fortaleza.

Eugênio Leandro lança o LP independente "Além das Frentes" no ginásio do SESC (Mercado São Sebastião).

Dilson Pinheiro apresenta o show "Templo dos Segredos" no Circo Voador em Fortaleza.

Pingo de Fortaleza lança o LP independente "Centauros e Canudos" no teatro da Emcetur.

Rossé Sabadia, Eugênio Leandro, Paulo e Válerie participam do "Janela para os Novos" do projeto Pixinguinha.

Realiza-se o Festival Universitário da Canção Cearense (FUC), na Concha Acústica da reitoria da UFC, participam das eliminatórias, entre outros: Diane Peixoto, Parahyba, David Bezerra, Fernando Néri e Eurico Bivar, Marcus Brito, Valdo Benevides, José Damata, Marcos Amorim, Anunciação, Fernando Abreu e Rodolfo Sabiá. Rossé Sabadia é considerado o melhor intérprete do festival, Fernando Néri e Eurico Bivar tiram o primeiro lugar com "Cavaleiro dos Espelhos", Olguinha o segundo com "Jobiniana" e em terceiro fica a banda Budega interpretando a canção "Chama-se".

Parahyba - Acervo Tieta Pontes

Eudes Fraga se apresenta na "Janela para os Novos" do Projeto Pixinguinha.

Olguinha apresenta o espetáculo "Olga Taborralheira" no "Janela para os Novos" do projeto Pixinguinha.

André e Cristina apresentam o show "cidadania", que aborda questões sociais, no Theatro José de Alencar.

Paulo e Valérie apresentam o espetáculo "Show Bizz In Ceará" no teatro da Emcetur.

Ronaldo Lopes apresenta-se no bar Censura Livre.

Edmar Gonçalves vence o I Festival de Música de Camocim.

- EM 1987:

Pingo de Fortaleza faz assina trilha musical do Espetáculo teatral "O Conselheiro e Canudos" encenado por José Dumont, Ricardo Guilherme e Tamanini e dirigido por B. de Paiva.

Acontece o I Festival de Música de Canoa Quebrada com shows de Adauto Oliveira, Dilson Pinheiro e participação de Patativa do Assaré.

Eugênio Leandro realiza novos lançamentos do LP "Além das Frentes" no Pirata Bar e no BNB Clube dentro do projeto Chique-xique.

Olguinha e Gigi Castro se apresentam no Blue Bar.

Marta Aurélia faz show no Pirata Bar.

Ronaldo Lopes apresenta o show "Banda de Lata" no teatro da Emcetur.

Gigi Castro e Olguinha apresentam o show "Recado Original" no restaurante Aquariano.

André Leoni lança o quarto LP intitulado "Fotografando Fortaleza".

Luis Sérgio, depois de quase dois anos sem shows individuais, apresenta o espetáculo "Viajar" no BNB Clube.

Ricardo Black apresenta o espetáculo "Black Entre Amigos".

Kátia Freitas apresenta o espetáculo "Preto no Branco" no Centro de Estudos e Ação Cultural – CEAC, na avenida da universidade, 2189, com abertura de Anastácia Azevedo e participações de Zé Eugênio (violão) e Nilton Fiore (percussão).

Rogério Franco apresenta-se no restaurante Veredas.

André Melo lança compacto duplo.

Pingo de Fortaleza apresenta-se ao lado do baiano Gereba no Theatro José de Alencar.

Amaro Pena realiza seu primeiro show individual no BNB Clube.

Paulo e Valérie apresentam-se no projeto Zona Cultural no parque do Cocó e realizam o espetáculo "A Família Marquise" no Centro de Convenções.

Nanan apresenta-se no Vereda Tropical com o espetáculo "De Outro Sabor".

Kátia Freitas é escolhida a melhor intérprete do II Festival de Camocim. A canção "Irmã Clara e os Capuchinhos" de Valdo Aderaldo interpretada por Kátia fica em primeiro lugar, "Betos e Betos" de Marcelo Otávio em segundo e "Leila" de João Barbosa e Duarte Júnior em terceiro.

Rose realiza o show "Canto Livre" no Recreio Clube.

Abidoral Jamacaru lança o LP independente "Avalon" na Concha Acústica da UFC.

Zé Carlos apresenta-se no Veredas Tropical.

Paulo e Valérie realizam o show "Festa Nº 1".

Parahyba apresenta-se no BNB Clube.

Diassis Matins apresenta o espetáculo "Canto Natural" no Theatro José de Alencar.

- EM 1988:

Acontece no Pirata Bar o show "Ricardo Augusto e Sociedade Anônima" com a participação de diversos artistas.

Eudes Fraga apresenta-se na Churrascaria Avenida.

Inauguração do bar Academia.

Dilson Pinheiro apresenta o show "Mutalambô" no espaço cultural Babilônia.

Rossé Sabadia, Kátia Freitas e Calé Alencar apresentam-se no projeto "Amar a Beira Mar" no Anfiteatro da Volta da Jurema.

Manassés lança seu segundo LP intitulado "Pra Você" no espaço cultural Babilônia.

Eudes Fraga apresenta-se no BNB Clube.

Ronaldo Lopes, Marcus Tim e Osmar Júnior se apresentam no projeto Coqueiral na praça do bairro Carlito Pamplona.

Idalina Bezerra apresenta-se no Four Seanons.

André e Cristina fazem show no BNB Clube.

Marquinhos Moura retorna a Fortaleza para participar de show da rádio AM d'O Povo.

Pingo de Fortaleza lança seu 2º LP intitulado "Lendas e Contendas" no Theatro José de Alencar.

Isaac Cândido e Jômafre apresentam o show "Missão Nova" no bar Cana Verde situado no bairro de Fátima.

Bernardo Neto lança o LP "Sumaré", um dos primeiros discos gravados e mixados integralmente no Ceará.

André Lopes – Acervo Tieta Pontes

Aparecida Silvino realiza seu primeiro show individual intitulado "Voz e Magia" no Theatro José de Alencar, com direção de Izaíra Silvino.

"Nós Dois. Dois Nós ou um Só" é o título do espetáculo que Olguinha e Eugênio Matos realizam no BNB Clube.

Alex Holanda apresenta o show "Do Porto ao Caribe" no bar Academia.

Lucinha Menezes apresenta o show "Fragmentos" no Espaço Cultural da Teleceará.

Eurico Júnior apresenta no espaço cultural Babilônia.

Kátia Freitas apresenta-se no projeto Zona Cultural no parque do Cocó.

Show "Lendas e Contendas" – Pingo de Fortaleza, da esquerda para a direita: Pingo de Fortaleza, Dilson Pinheiro, Farias (Zabumba), Nonato (Acordeon) e Nonato Natureza (Voz e Violão), Theatro José de Alencar, 1988 – Acervo Pingo de Fortaleza

Anastácia Azevedo e Zé Eugênio apresentam-se na barraca "Subindo ao Céu".

Ricardo Augusto lança o LP "Fotografia" com a participação de dezenas de artistas, gravado e mixado em Fortaleza.

Lucinha Menezes e Marcus Brito (Marcus Caffé) apresentam-se no projeto Zona Cultural do Cocó.

Kátia Freitas apresenta o show "Kaótica" no teatro Arena.

Pingo de Fortaleza realiza o show "Reencontro" no auditório do CSU Adauto Bezerra, no bairro José Walter.

Gigi Castro e Rossé Sabadia participam ao lado de Ednardo do projeto Zona Cultural do Cocó.

Isaac Cândido, Jômafre e Marcos Dias apresentam o show "Nossa Voz" no bar Academia.

Eugênio Leandro e Paulo Rocha apresentam-se no Sebastian Bar.

Gigi Castro apresenta o show "Nina Brasil" no Sebastian Bar e na barraca "Subindo ao Céu"

Ayla Maria e Arraes realizam o primeiro espetáculo juntos.

Lucinha Menezes apresenta-se no bar Academia, com direção de Aparecida Silvino.

Realiza-se o Festival de Música dos Bancários do Estado do Ceará. "Canto Bregoriano" de Tarcísio Matos e Falcão é a canção de grande destaque.

Aparecida Silvino abre projeto "Cantares" no Espaço Cultural da Teleceará.

Ronaldo Lopes e João Rodrigues apresentam-se no bar Academia.

Diassis Martins vence Festival da Canção promovido pelo bar My Way.

Ricardo Black apresenta o espetáculo "Certas Canções" na barraca "Subindo ao Céu".

Kátia Freitas apresenta-se ao lado de Ângela Rô Rô no Pirata Bar.

Marcílio Homem apresenta o show "Filho da América" no bar Academia com participações de Marcus Brito, Aparecida Silvino, Anastácia, Lucinha Menezes e Myrlla Muniz.

Jômafre apresenta o espetáculo "Revoar" no Cântaro bar, no bairro de Fatima.

Edilva se apresenta no teatro Arena.

Késia lança seu primeiro LP.

- EM 1989:

Capa do disco "Cheiro de Amor" – Diassis Martins, 1989 (Independente – LP)

Lucinha Menezes apresenta o espetáculo "Pontos de Mágica" no bar Badauê.

Mariaângela e Késia se apresentam no Pirata Bar.

André e Cristina realizam o show "Aruanã" para arrecadar recursos de gravação do disco "Estação Aroeira".

Fernando Néri apresenta "Fótons de Mim" no Cântaro bar.

Érico Baymma, apresenta o espetáculo "Caminhos Cruzados" no bar Badauê.

Rossé Sabadia apresenta o espetáculo "O que é do Homem o Bicho não Come" no Pirata Bar, e se despede de Fortaleza, optando por realizar mestrado em São Paulo.

Parahyba e Álcio se apresentam do Teatro Universitário.

Abidoral Jamacaru apresenta o show "Canção Viagem" no bar Academia.

Eugênio Leandro e Lúcia Menezes se apresentam no projeto Lua Cheia na AABEC.

"Toda Forma de Poder" é o título do show de Heleno Araújo realizado no espaço Shangri-lá, no Conjunto Ceará, com as participações de Rozamato e Acauã.

Os compositores Alano Freitas e Francis Vale lançam o LP "Liberado" com a participação de vários intérpretes.

Edmar Gonçalves apresenta o show "na Marra" no Pirata Bar.

Myrlla Muniz apresenta-se no Veredas Grill.

Jôse Daniel apresenta-se no Veredas Grill.

Lucinha Menezes apresenta o show "Ovelha Negra" no Veredas Grill e no projeto Bar das Seis do Sindicato dos Bancários do Estado do Ceará.

Acauã realiza o show "Raízes" no Espaço Cultura Shangri-lá, localizado no conjunto Ceará.

Pingo de Fortaleza, depois de realizar temporada no sudeste, apresenta-se no projeto Bar das Seis, do Sindicato dos Bancários do Estado do Ceará.

Parahyba apresenta o show "Corações Abertos" na barraca Marulhos.

Érico Baymma apresenta-se no Piano Bar.

Freddy lança o disco "Cenas do dia-a-dia" no bar Le Baton.

Gigi Castro apresenta "Paixão e Fé" no veredas Grill.

Ricardo Black apresenta o show "Rítmos Negros" no Four Seasons.

Sávio Barros lança disco "Diapasão" no bar Czar.

Lucinha Menezes apresenta o show "Me Lugar" na barraca Subindo ao Céu.

Pingo de Fortaleza realiza show no auditório da faculdade de direito da UFC.

Cida Olímpio e Anunciação apresentam-se no Veredas Grill.

Alemberg Quindins participa do show de Marlui Miranda no BNB Clube.

Ronaldo Lopes e Bernardo Neto participam do no projeto Bar das Seis, do Sindicato dos Bancários do Estado do Ceará.

Cistina Francescutti e André Lopes lançam o LP "Estação Aroeira".

Alcântara (depois Alcântara das Luzes) faz show no Veras Grill.

Ângela Linhares, depois de residir um tempo em São Luis retorna a Fortaleza e apresenta o show "Cantares" na no encontro da SBPC em Fortaleza e também no Pirata Bar.

Foto: Papinha Rodrigues, 2013 – Acervo SOLAR

Eugênio Leandro, Bá Freire, Aparecida Silvino, Edmar Gonçalves, Lucinha Menezes e Pingo de Fortaleza, entre outros artistas, fazem show no encontro da SBPC.

Marcus Dias e Isaac Cândido apresentam-se no bar Czar.

Mário Miranda e Arlindo (Quinteto Agreste) apresentam-se no Veredas Grill.

André Melo lança o compacto "Vontade de Voar"

Wagner Castro apresenta o show "Lados da Moeda" na churrascaria Avenida.

Realiza-se o IV Festival de Camocim com shows de Dilson Pinheiro e Belchior, e que tem como melhor intérprete Aparecida Silvino.

Acauã apresenta-se no teatro da Emcetur.

Fernando Néri apresenta o espetáculo "Porque me Quero Muitos" no projeto Bar das Seis, do Sindicato dos Bancários do Estado do Ceará.

José Washigton (Tom Canhoto) participa do projeto Bar das Seis, do Sindicato dos Bancários do Estado do Ceará.

Diassis Martins lança LP "Cheiro de Amor".

Humberto Pinho estreia no projeto Boca da Noite no IBEU-CE.

Pingo de Fortaleza faz show no movimento TAUARTE.

Fidelis lança o LP "Retrato" no Cariri e na cidade de Fortaleza.

Lucinha Menezes canta Luiz Gonzaga no projeto Bar das Seis, do Sindicato dos Bancários do Estado do Ceará.

Edilva apresenta "Café & Cointreau" no Pirata Bar e no bar London London.

Marajoara apresenta-se no projeto Bar das Seis, do Sindicato dos Bancários do Estado do Ceará.

Lucinha Menezes apresenta o show "Cenas e Sonhos" no Teatro Universitário.

Acauã apresenta “O Canto Nordestinado” no Pirata Bar.

Anunciação apresenta-se o bar Última Sessão.

Paulo Façanha apresenta-se na barraca Subindo ao Céu e Lily Alcalay no bar London London.

Os inúmeros registros aqui apresentados nos permite constatar a riqueza e a diversidade da produção musical na efervescência do período histórico por nós destacado (1981-1989). Cumpre esclarecer, todavia, que a tentativa de apresentar uma relação com os nomes de alguns compositores e intérpretes de uma MPB no Ceará que, tiveram seus trabalhos evidenciados entre os anos de 1981 a 1989, incorre no risco da omissão de alguns nomes. Aventuramos-nos, contudo, nessa empreitada destacando os seguintes artistas: Eugênio Leandro, Marta Aurélia, Dilson Pinheiro, Gigi Castro, Olguinha, André e Cristina, Álcio, Peninha (depois Amaro Pena), Ronaldo Lopes, Marajoara, Bernardo Neto, Parahyba, Adauto Oliveira, Pingo de Fortaleza, Cleivan Paiva, Kátia Freitas, David Duarte, Nonato Natureza, Rossé Sabadia, Serrão, André Melo, Lily Alcalay, Paulo e Válerie, Fernando Néri, Luiz Fidelis, Anunciação, Eudes Fraga, Chistiane, George Farias, Edmar Gonçalves, Anastásia Azevedo, Késia, Nanan, Valdo Aderaldo, João Barbosa, Duarte Júnior, Tânia Militão, Lamarque, Chico Cariri, Rogério Franco, Marcus Brito (posteriormente Marcus Caffé), Marcos Tim, Isaac Cândido, Jômafre, Glaypsom e Washigton, Roberto França, Jair Moraes, Marquinhos Moura, Aparecida Silvino, Lucinha Menezes, Eurico Júnior, Alemberg Quindins, Marcos Dias, Ricardo Black, Edilva, Rosmir Teixeira, Alano Freitas, Ciribá Soares, Luis Sérgio, Ana Lúcia Fontenele, Celinho Barros, Mariângela, Zé Carlos, Érico Baymma, Damata, Abreu, Acauã, Rozamato, Wanderley Duarte, Dedé Nunes, Myrlla Muniz, Freddy, Cida Olímpio, Josy Daniel, Adauto Oliveira, Geraldo Urano, Márcio Thé, Idalina Bezerra, Gisele Castro, Poty, Wagner Castro, Ednardo Nunes, Marcus Tadeu, Juracy Medonça, Tom Canhoto, Humberto Pinho, Felipe Cordeiro, Valter Trote, André Leoni, Rose, Inês Lima, Messias Braga, Gerson Oliveira, Eliahne Brasileiro, Alcântara das Luzes, Paulo Façanha, João Soares, João Batista e muitos e muitos outros.

Foto: Papinha Rodrigues, 2013 – Acervo SOLAR

FAIXA 5

FESTIVAIS DO LITORAL AO SERTÃO DO CEARÁ (1981-1989): "O POVO", "BNB", "CAMOCIM", "BARBALHA" E OUTROS

Os Festivais de Música, inspirados nos formatos competitivos, iniciados e bem sucedidos pelas redes de TV brasileiras na década de 1960, sempre tiveram edições realizadas no estado do Ceará. Organizados por instituições diversas, de maneira significativa contribuíram com a dinâmica da cena musical do estado e propiciaram o estímulo e a difusão da música autoral e o reconhecimento e o surgimento de valores individuais e coletivos no segmento da Música Popular Brasileira. Nos anos de 1981 a 1989, foram realizados continuamente festivais deste gênero em terras cearenses.

Capa do disco "1º Festival Bancário da Canção", 1988 (Independente Coletivo – LP)

Em agosto de 1981 é lançado o I Festival de Música d'OPovo, que obtém grande repercussão de imprensa, por, de certa forma, também estar vinculado a um órgão de comunicação de massa, no caso o jornal O Povo. Participaram deste festival, que teve suas eliminatórias e sua final realizadas no Anfiteatro da Volta da Jurema, um conjunto de artistas cearenses, alguns egressos do Movimento Massafeira, tais como Calé Alencar, e muitos outros que começam a desenvolver seus trabalhos na década de 1980, como no caso do cantor e compositor Dilson Pinheiro, que se consagra em primeiro lugar, neste festival, com a canção de sua autoria "Saudade de Casa".

Este significativo festival teve ainda mais uma edição, o II Festival de Música d'OPovo, realizado em 1982, que apresenta entre seus finalistas os compositores e intérpretes, Fernando Néri e Eurico Bivar, Carlinhos Magalhães, José Malaquias e Raimundo Nonato Lopes, Francisco Joaquim Farias, Cristiano Pinho (Rossé Sabadia interpreta sua música), Aulo Sílvio, César Barreto, André Batista e ainda João Bezerra Morais (terceiro colocado com a música "Assalto à Língua Armada"), Paulo Rossiglow (segundo colocado e melhor intérprete com a música "Trem do Futuro") e Álcio, Amaro Pena (primeiros colocados com a música "Pretexto").

Em 1982 é realizado o II Festival da Canção Popular de Barbalha. Ainda neste ano o "VI Mulher Maio Mulher" (VI MMM), elege a canção "Falo de Natureza" de Viviane Cavalcanti e Silva, em primeiro lugar de seu Festival de Música e "Regresso" de Catarina Maltez, classificada em segundo lugar. Já na edição de 1983, Gigi Castro é escolhida a melhor cantora do concurso de intérpretes do VII Mulher Maio Mulher (VII MMM).

Outro festival que dinamizou a cena musical cearense na década de 1980 foi o Festival do BNB Clube, com sua primeira edição realizada em 1984 que contou com participação de dezenas de compositores e intérpretes, entre estes: Marcílio Homem, Da Mata, André Lopes, Álcio, Olguinha, Wagner Castro, Calé Alencar, Ângela Linhares, Eugênio Leandro, André Melo, Valdo Benevides e Pingo de Fortaleza. Os compositores Adauto Oliveira e Lourinaldo Vitorino sagraram-se campeões deste festival com a música "O Romance da Donzela com o Cavaleiro da Manhã".

Em 1986 é realizado o Festival Universitário da Canção Cearense, que acontece na Concha Acústica da UFC e conta com as participações de Diani Peixoto, Parahyba, David Bezerra, Fernando Néri, Marcus Brito, Anunciação, Marcos Amorim, Valdo Benevides e Francisco Haroldo, dentre outros.

Ainda em 1986, tem início a realização das edições do Festival de Camocim (CE), que por acontecerem no município litorâneo de Camocim, marcam de forma peculiar a presença do formato dos festivais competitivos no estado do Ceará. Edmar Gonçalves vence o Primeiro Festival de Camocim realizado neste mesmo ano. Em 1987, Kátia Freitas é considerada a melhor interprete do II Festival de Camocim, com a música "Irmã Clara e os Capuchinhos" de autoria de Valdo Aderaldo. Outras edições deste festival acontecem posteriormente, em anos alternados, sempre com uma agenda de shows reunindo um conjunto significativo de artistas.

Em 1988 ocorre o Primeiro Festival Bancário da Canção com a participação de inúmeros compositores e interpretes que em parceria com profissionais bancários dinamizam esta iniciativa, concretizada através da gravação de um LP contendo as canções finalistas deste festival. Ainda em 1988 Diassis Martins Vence o Festival Universitário da Canção promovido pelo bar My Way.

É oportuno salientar que durante todos os anos da década de 1980, acontecem festivais competitivos de música no Ceará, alguns com grande alcance de difusão e outros caracterizados como pequenas mostras. De forma generalizada esses espaços são otimizados, pelos compositores e intérpretes cearenses que deles participam não só visando suas premiações, mas por considerarem estes momentos especiais para a divulgação de seus trabalhos autorais e também em função da capacidade e da dinâmica agregadora desses encontros.

FAIXA 6

"INTÉRPRETES DA NOITE" E OUTRAS CITAÇÕES DESSE TEMPO

Capa do disco "Sonho" – Branco (Independente – LP)

A música autoral e o universo de sua produção dentro do gênero que convencionalmente se denominou de MPB encontra no que genericamente se designa de "A noite" uma de suas mais dinâmicas formas de difusão.

Comumente, a expressão "A noite" define todo um conjunto de eventos e apresentações musicais que ocorrem sistematicamente em bares, restaurantes, clubes e churrascarias e por isso se convencionou designar os artistas que atuam nestes espaços como "Artistas da Noite". No Ceará, e mais especificamente na cidade de Fortaleza, é possível identificar entre os anos de 1981 a 1989, um conjunto de inúmeros intérpretes que emprestam suas vozes à "Noite", para a difusão da MPB. Neste cenário, podemos citar: Mariângela, Terezinha Silveira, Branco, Vitor Portela, Neide Parente, Lourdes Athayde, Nilsinho, Otávio Santiago, Milton Alves, Luciana Santiago, Pedro Ventura, Luiz Armando, Marilac, Natércia, Goretti, Ray Miranda, André Melo, Veloso, Milton Nunes, Edson e Toinho, Luisinho, Ronald Blunm, Glaypson, José Maria, Piter Sall, Rubinho Sucupira, Patrícia, Baby, Márcio Cavalcanti, Renato Black e Selma Maria, entre tantos outros.

FAIXA 7

UMA CONCLUSÃO COM RETICÊNCIAS...

O conjunto de informações reveladas neste artigo nos permite perceber a dinâmica do florescer de artistas (compositores e intérpretes) de determinadas regiões, no caso específico de um segmento convencionalmente definido como MPB, que surgem a cada tempo e de forma contínua. O estado do Ceará tem sido um espaço privilegiado de surgimento desse gênero de artistas em todos os seus tempos e regiões. Individualmente ou em grupos e através de movimentos criados naturalmente ou de forma intencional, esse conjunto de artistas constrói de forma diferenciada suas carreiras e também de certa maneira interage de forma mais superficial ou aprofundada com seus pares, independentemente do período em que cada um surgiu, e de certa forma, por meio de suas iniciativas e produções, confere visibilidade as suas criações.

Não existem carreiras artísticas individuais e movimentos musicais coletivos que possam ter de forma concreta demarcadas suas datas definitivas de inícios e términos. Os marcos históricos de seus surgimentos são apenas referências e suas inspirações, influências e consequências são atemporais e ilimitadas.

O Pessoal do Ceará que de maneira mais simbólica teve início nos primeiros anos da década e 1970, interage nos anos seguintes, principalmente com o Pessoal do Massafeira (evento que acontece no final desta década) e estes, por sua vez, se relacionam com os compositores e intérpretes que começam a dar visibilidade no Ceará as suas iniciativas da década de 1980 ou mesmo, que conseguem ter concretizadas suas primeiras criações neste período. Sejam por laços de afetividade, amizade ou identificação musical, ou mesmo por meio da participação em eventos,

movimentos e produções coletivas, ou ainda em festivais, todos se entrelaçam, quer diretamente ou através de processos próprios e particulares, e desta forma interagem, tecendo uma rede de produção musical de influências mútuas.

No estado do Ceará, onde é costumeira a ladainha, em forma de reclamação, da desunião entre artistas e da falta de interlocução maior entre músicos de distintas gerações, contraditoriamente é possível visualizar, que compositores e intérpretes conseguem, na década de 1980, viabilizar suas produções, mesmo que vivenciadas de maneiras distintas, quer no seguimento da realização de shows ou mesmo no campo da produção fonográfica e de difusão de suas obras.

Observa-se que neste período, alguns desses artistas atingem a marca de mais de um milhão de cópias de discos vendidos e realizam shows para um público de milhares de pessoas (Raimundo Fagner), outros conseguem produzir seus primeiros shows e de alguma maneira vão dando voz e vez as suas criações e à necessidade de viver a sua música e de compartilhá-la com qualquer número de pessoas, realizando seus sonhos da produção independente de seus primeiros discos.

Quer seja através da produção do Pessoal do Ceará, que permanece pulsando no universo nacional e internacional difundindo suas criações, ou por meio dos remanescentes do Movimento Massafeira, dinamizadores da cena musical da cidade de Fortaleza e do estado do Ceará nos anos de 1980, ou mesmo por meio das iniciativas dos compositores e intérpretes que surgem neste estado a partir desse ano, a música cearense se fortalece e amplia seu leque de diversidade. Neste período já é possível visualizar um universo que revela seu caminhar em inúmeras direções individuais e coletivas, que traduzem diversas formas do criar, produzir e do difundir musical, mesmo dentro do segmento convencionalmente definido como MPB.

De 1981 a 1989 a música dos compositores e intérpretes cearenses no universo da MPB se transforma e se amplia, porque é mais plural, em todas as suas características, principalmente nas suas formas de produção. Embora, na sua grande maioria seja limitada no campo da difusão (ainda sem as ferramentas virtuais que se concretizam no século XXI), esse conjunto de ações e iniciativas, mesmo sem uma uniformidade, desenha uma teia rica e complexa de uma existência concreta desse processo criativo musical no estado e evidencia a possibilidade do surgimento contínuo de artistas e de público neste segmento em terras cearenses e dentro do pulsar de sua gente.

Depois desse período (1981 - 1989) a história da MPB cearense segue com o Pessoal do Ceará, com o Pessoal do Massafeira, com o Pessoal da Concha Acústica, com o Pessoal dos Festivais e, reinventada, emerge, em “outros pessoais” que sempre surgirão...

Mãos de Calé Alencar e Pingo de Fortaleza - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 - Acervo SOLAR

A música autoral do Ceará na década de 1990

Nelson Augusto
Jornalista, produtor e apresentador da Rádio Universitária FM (radiouniversitariafm.com.br) e editor de conteúdo do site musical nelsons.com.br(nelson@nelsons.com.br)

Nos anos 90, a música popular no mundo inteiro sofreu uma enorme modificação, principalmente no que se refere ao aspecto de sua veiculação. Foi exatamente em 1993 que foi lançado o primeiro Compact Disc, que ficou conhecido até os dias de hoje como o famoso CD.

Também foi na década de 90, precisamente em 29 de junho de 1995, que foi aprovada a Lei Estadual de Incentivo à Cultura, que se tornou conhecida com o nome de Lei Jereissati. O ordenamento jurídico tornou possível a implementação e realização de vários eventos artísticos, desde a produção e realização de shows e gravação de CDs, entre outros.

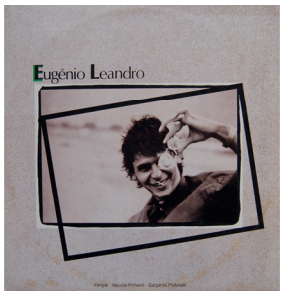
Capa do disco "Ana Fonteles" – Ana Fonteles, 1990 (Independente – LP)

DISCOS DE VINIL

Ainda no início da década de 90, foram lançados álbuns do então produto em vinil, discos importantes para a música produzida no Ceará. Entre eles, "América" (1992) uma reflexão sobre os 500 anos do Continente, produção do jornalista e compositor Flávio Paiva, com a cantora Olga Ribeiro, álbum ainda é inédito em lançamento digital.

Ainda da era do vinil destacamos também os elepês lançados na década de 90: "Ana Fonteles" (1990), de Ana Fonteles; "Lindo, Bonito e Joiado" (1990), de Falcão; "Catavento" (1990), de Eugênio Leandro; "Maculelê – Loas Catu Ibya" (1991), de Pingo de Fortaleza; "Vidro e Aço" (1991), de Aparecida Silvino; "Divina Comédia Humana" (1991), de Lúcia Menezes, "Estação do Trem Imaginário" (1992), de Calé Alencar; "Trem dos Beradeiros" (1992), de Adauto Oliveira; "Festa de Arromba Cearense" (1992), de Juracy Mendonça; e "A Vitória do Forró", de César Barreto, no qual ele regravou com sua letra irreverente o clássico "Rato Molhado" e também incluiu a dançante "Esquenta Moreninha".

O que também favoreceu os lançamentos de discos pelos artistas da música no Ceará na década de 90, antes restritos aos que conseguiam viabilizar a gravação e prensagem dos então vinis no Rio de Janeiro e São Paulo, após a chegada do CD, foi o surgimento do Estúdio Pró Áudio, iniciativa dos integrantes do Quinteto Agreste, ainda na década de 80. Nos anos 90, Marcílio Mendonça e Ronaldo Pessoa assumiram os equipamentos, os quais registraram todas as vertentes da música feita no Ceará, além dos jingles de publicidade nas diversas áreas.



Capa do disco "Catavento" – Eugênio Leandro, 1990 (Independente – LP)

Capa do disco "Divina Comédia Humana" – Lúcia Menezes, 1991 (Independente – LP)

Capa do disco "Festa de Arromba Cearense" - Juracy Mendonça, 1992 (Independente – LP)

Capa do disco "Vidro e Aço" – Aparecida Silvino, 1991 (Independente – LP)

Capa do disco "Estação do Trem Imaginário" – Calé Alencar, 1992 (Independente – LP)

DISCOS EM CD

Particularmente aqui no Ceará o novo formato, agora digital, em vez de analógico, de distribuir a música para o público, também acompanhou a evolução mundial e iniciou seus primeiros passos, disponibilizando os seus primeiros discos disponibilizados em CD.

LAURO MAIA – 80 ANOS

Numa realização da Equatorial Produções, o informativo álbum "Lauro Maia – 80 Anos" colocado no mercado fonográfico em 1993 nas versões em LP e CD resgata em novos registros e gravações antigas, as versáteis criações do compositor que é nome de rua no Bairro de Fátima e seus parceiros, do nível de Humberto Teixeira e Penélope.

Capa do disco "Lauro Maia" – 80 Anos, 1993 (Independente, Equatorial Produções – LP e CD)

Assim, podemos desfrutar dos talentos vocais de Fagner, acompanhado pelo violão de Roberto Menescal em "Trem de Ferro", Ayla Maria e Raimundo Arrais em "Febre de Amor", Ednardo em "Poema Imortal" e Rodger Rogério em "Deus me Perdoe", num mesmo disco que traz os lançamentos originais das décadas de 40 e 50 do porte de "Samba de Roça" com Orlando Silva; "É Muito Tarde", com Gilberto Milfont, "Tão Fácil, Tão Bom", com Vocalistas Tropicais; "Tenha dó de Mim", com Ciro Monteiro; e "Trem ô Lá Lá", com Carmélia Alves, só para citar algumas. Bem que esse disco podia ser lançado numa nova edição em 2013, no ano do centenário de nascimento do compositor Lauro Maia.

COMPOSITORES & INTÉRPRETES DO CEARÁ

Gravado nos estúdios Clave e Pró-Áudio em Fortaleza, Sonoviso no Rio de Janeiro e Scandinavium em Teresina, nos meses de maio e junho de 1993, o CD "Compositores & Intérpretes do Ceará" historicamente é o primeiro disco autoral e coletivo da geração contemporânea digital. Foi produzido pelo então, NUCIC – Núcleo de Compositores e Intérpretes Cearenses com apoio da SIC – Secretaria de Indústria e Comércio do Estado do Ceará e a AAMA – Associação dos Amigos da Música.

Capa do disco "Compositores & Intérpretes do Ceará", 1993 (Independente Coletivo – CD)

No *set list* tem Eugênio Leandro cantando "Criatura", de Abidoral Jamacaru, e em dueto com Chico Pio, deles, "O Dado". Adauto Oliveira interpreta ao lado de Josie Daniel, "O Romance da Donzela" e empresta sua voz solo para "Canção de Caminhão", dele e Fausto Nilo. Amaro Penna interpreta de sua autoria, "Momento" e "Eterno Laço". A dupla André Lopez & Cristina Francescutti atua em "Do amor" e "Nordestina". Dilson Pinheiro canta suas composições, "Duende" e "Saudade Boa", esta, em parceria com Adauto Oliveira. Parahyba interpreta dele e Bené Fonteles "Cajuína" e "Alice no País das Bananeiras", assinada com Eduardo Braga. A cantora Zezé Fonteles traz a sua "A Idade, o Tempo e o Espelho" e "Espelho", feita com o mano e instrumentista Jabuti. Marcus Brito, agora Caffé, nos brinda com "A Noite" e "Tendências", ambas de David Duarte, e Luís Fidélis canta suas "Na Ponta do Pé" e "Beija-Flor".

IBEU CANTA CEARÁ

Ainda em 1993, no cinquentenário de fundação do Instituto Brasil-Estados Unidos, o conceituado estabelecimento de ensino da língua inglesa em Fortaleza também disponibilizou um CD coletivo intitulado "IBEU Canta Ceará". No disco, que teve produção de Amaro Penna e foi gravado no Clave Studio, o coral da entidade, com a regência do maestro Marcus Roozgilo, interpreta "Mucuripe" (Fagner e Belchior); "Viola" (Juvenal Galeno e Branca Rangel); "Último Pau-de-Arara" (J. Guimarães, Venâncio e Curumba); "Flor da Paisagem" (Robertinho de Recife e Fausto Nilo); "Cavalo Ferro" (Fagner e Ricardo Bezerra) e "No Ceará Não Tem Disso Não" (Guio de Moraes). Nesses temas, algumas participações de Liduíno Pitombeira no teclado, programação e arranjo.

Também no álbum, Amaro Pena canta de sua autoria, "Ilse; em dueto de Eudes Fraga e Joãozinho Gomes, deles, "Puçangueira"; Álcio Barroso e Messias Batalha interpretam sua parceira com o poeta Luciano Maia, "Banabuiú"; Ana Fonteles em "Pau dos Montes" (Amaro Penna e Eugênio Leandro); Dilson Pinheiro dele e Adauto Oliveira, "Saudade Boa"; a dupla Glayton e Irapuan assina "Sol Maior"; Teti em "Estação Celeste" (Petrúcio Maia e Carlos Pita); Adauto Oliveira no seu "Trem dos Beradeiros"; Sérgio Sá na sua "Pra Ser Prazer" e Amelinha empresta sua voz para "Nampalla" (Celso Bahia). Além das músicas cantadas, os temas instrumentais, "Lembranças de Mãe" de Nonato Luiz, com ele ao violão e "Deixa Eu Entrar Nessa Pião" sob as teclas do pianista Antônio José Forte, com citações do Folclore Brasileiro.

veja 28 graus

CULTURA

Lúcia Meneses *(à esq. na foto)* e o Novo Pessoal do Ceará: gravações independentes e sucesso em shows e rádios

FOTOS ALCIDES PEREIRA

Nova safra musical

Artistas independentes encontram seu público

Muitos dos fãs de Fagner, Belchior e Ednardo ainda não haviam nascido quando os três, a bordo de um grupo que ficou conhecido como Pessoal do Ceará, desceram para o sul do país e emplacaram no gosto nacional. Duas décadas depois, Fagner, Belchior e Ednardo têm público fiel no Brasil inteiro, enquanto uma nova fornada de cantores cearenses está ganhando espaço sem passar pelos estúdios das grandes gravadoras. "Com produção independente, posso dizer as coisas à minha maneira", explica Eugênio Leandro, 33 anos, cantor de temas sociais, que vendeu 7 000 cópias de seu LP *Além das Frentes* e 3 000 de *Catavento*.

Ainda timidamente, reunindo até 500 pessoas em cada um de seus shows, os novos músicos cearenses, cerca de 25 artistas, lançaram entre 1986 e 1991 quarenta LPs. Alguns deles encontraram inspiração e até parcerias em seus antecessores mais famosos e já não estranham mais quando alguém os chama de Novo Pessoal do Ceará. Claro que boa parte desses artistas preferia ter o suporte de um bom selo em seus discos, mas, como esperar não garante o sucesso a ninguém, eles foram à luta com os próprios recursos. "Por enquanto essa é a melhor forma para divulgar meu trabalho", confidencia Calé Alencar, 36 anos, autor de músicas de boa aceitação que estão reunidas em *Um Pé em Cada Porto*, de 1990.

"A produção independente cearense é muito fértil e a qualidade técnica das gravações, em geral, nada deixa a desejar à de outros discos do mercado", analisa o produtor musical da FM Atlântico Sul, Evangê Costa. Sua emissora e a FM Universitária estão entre as que mais atenção dão ao Novo Pessoal. Só aos poucos os músicos independentes começam a aparecer também nas outras rádios. Mas hoje não é raro entrar no ar uma das canções de Aparecida Silvino, 26 anos, que já vendeu 1 000 cópias de seu primeiro LP, *Vidro de Aço*. Ela ganhou uma canção de Belchior, além de sua participação no disco. Se a influência de Belchior foi importante para a formação musical de Aparecida, também foi fundamental para outra integrante do Novo Pessoal do Ceará. Foi ele quem aconselhou Lúcia Meneses, 33 anos, a escolher apenas músicas já conhecidas para integrar seu primeiro disco, *Divina Comédia Humana*, que será lançado neste mês com 2 000 cópias.

Com maior ousadia e mais fôlego financeiro, a estréia em disco solo da intérprete Olga Ribeiro, 26 anos, promete ser o acontecimento do ano entre os músicos cearenses e seus fãs. A produção das 3 000 cópias do LP *América*, que será lançado em junho, está calculada em 15 000 dólares. O disco é resultado de uma pesquisa que durou cinco anos e que será levada ao público, não por coincidência, no ano em que se completa o quinto centenário da chegada de Colombo ao continente. "Queremos mostrar nossa visão dessa história", explica Olga.

A PREOCUPAÇÃO EM fazer uma música voltada para as raízes, mas de conteúdo moderno, é uma marca positiva no trabalho dessa nova safra de músicos do Ceará. E a formação eclética do grupo conquista um público heterogêneo. A estudante Flávia Lovatel, 19 anos, é tiete de Calé Alencar e Pingo Fortaleza. "Eles fazem resistência cultural", elogia. Uma opinião que é compartilhada pelo bancário João Bosco Cardoso, 31 anos. Para ele, o fato de os músicos terem permanecido no Ceará, sem se aventurar no tentador mercado do eixo Rio—São Paulo, já é motivo para admiração. "Eles produzem aqui e traduzem em suas músicas a valorização e o resgate da nossa cultura", define. Além dos fãs, os artistas da terra ganharam mais um aliado na batalha pela divulgação e venda de seus discos. O Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa criou a Seção de Discos e Fitas de Artistas Cearenses no showroom do Palácio da Microempresa. Os discos são deixados lá em consignação, com preços estipulados pelos próprios autores.

MIGUEL MACEDO

Matéria revista Veja (28 Graus), Março de 1992 – Acervo Pingo de Fortaleza

PINGO DE FORTALEZA AO VIVO

O primeiro registro feito em Fortaleza, no momento do encontro do artista com a sua plateia, na nova forma do então "compact disk" é o CD "Pingo de Fortaleza ao Vivo", gravado nos dias 21 e 22 de maio de 1993, no palco principal do Theatro José de Alencar, pelo Pró-Áudio Estúdio em Digital Sistema ADAT (DDD).

Além do artista principal, João Wanderley Roberto Militão, de voz e violão, as participações especiais dos percussionistas Decartes Gadelha e Nilton Fiore e as atuações vocais de Calé Alencar, Fernando Neri, Marta Aurélia e Ricardo Black. No repertório, criações de Pingo de Fortaleza, ao lado de seus parceiros Guaracy Rodrigues, Laerte Magalhães, Fernando Neri, Oswald Barroso, Ivor Lancellotti e Franzé Rodrigues e as regravações de "Ladainha Prá Canudos" (Gereba e João Bá), "A História Fará sua Homenagem à Figura de Antônio Conselheiro" (Ivanildo Vila Nova) e ""Guerra de Facão" (Wilson Aragão). Pingo de Fortaleza também lançou o álbum "Cantares", em 1996.

CORPO DE DELITO

Em 1994, César Barreto realizou o projeto "Corpo de Delito" em parceria com o poeta, escritor e membro da Academia Cearense de Letras, Virgílio Maia.

NO CEARÁ É ASSIM

Com realização da Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, foi gravado no ano de 1994 em Fortaleza, no Studio Trilha Sonora, e lançado um ano depois, o álbum "No Ceará É Assim", com clássicos da música cearense de compositores de várias gerações e interpretados pela nova geração de cantores da época. O CD teve direção de Manassés (viola de 12 cordas, violão e cavaquinho), o qual assinou os arranjos em parceria com Aroldo Araújo (baixo e violão); Luizinho Duarte (bateria e violão de 7 cordas) e Carlinhos Ferreira (saxofone e teclados). Também tocam no disco, Cristiano Pinho (guitarra), Nilton Fiori (percussão), Maria Helena Lage (teclados) e Ronaldo Pessoa (guitarra).

No repertório, "Asa Partida" (Fagner e Abel Silva) – Abreu Marinho; "Palavra de Amor" (Manassés e Fausto Nilo) – Paulo Façanha; "Passa um Balão" (Antônio Gondim) – Ângela Linhares; "17 Légua e Meia" (Humberto Teixeira e Carlos Barroso) – Cesar Barreto; "Sorvete" (Stélio Valle, Chico Pio e Alano Freitas) – Paulo Rossglow; "Dois Querer" (Fagner e Brandão) – Téti; "Clara Jericoacoara" (Calé Alencar) – Humberto Pinho, "Pobre Bichinho" (Fagner) – Edmar Gonçalves; "Apaixonadamente" (Stélio Valle e Francis Vale) – Fátima Santos; "Lupiscínica" (Petrúcio Maia e Augusto Pontes) – David Duarte; "Nova Ilusão" (Zé Menezes e Luiz Bittencourt) – Marta Aurélia; "Beira Mar" (Ednardo) – Marcus Britto, agora Caffé; "Papão Feio" (Paurílio Barroso) – Aparecida Silvino; "Sem Dizer Nada" (Aleardo Freitas) – Rodger Rogério e "Adeus Praia de Iracema" (Luiz Assumpção) – Ricardo Black.

LEI JEREISSATI

Outro fator preponderante para a expansão das gravações de discos nas mais variadas amplitudes da música, notadamente no campo da canção alternativa em contraponto ao que era disponibilizado pelo mercado das multinacionais, foi a aprovação da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, de 29 de junho de 1995, a qual ficou popular com o nome de Lei Jereissati.

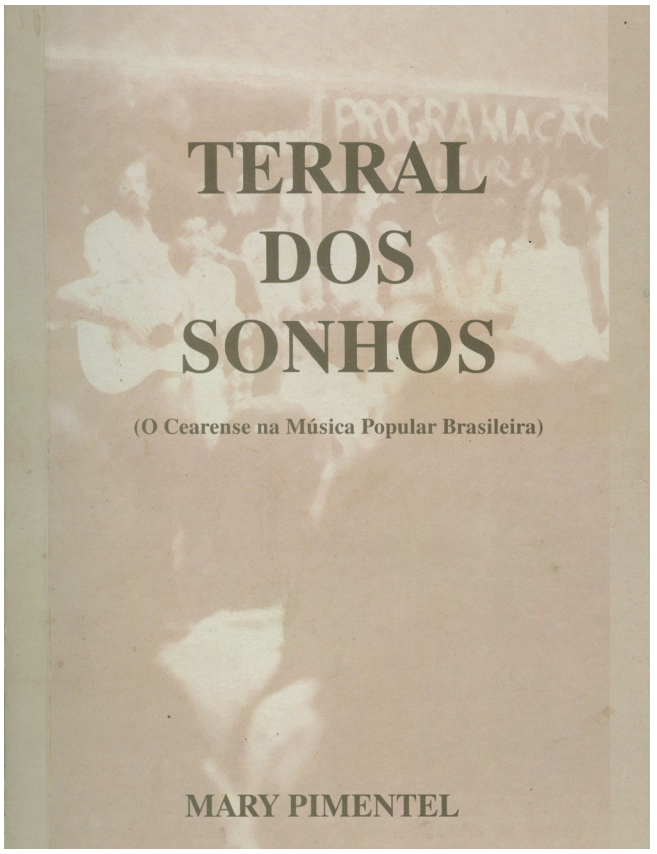
No texto, "A Lei de Incentivo à Cultura permite aos empresários investir em projetos culturais no Estado, através da transferência de recursos financeiros deduzindo mensalmente até 2% do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) devido. A Lei Jereissati, como é conhecida, criou também o Fundo Estadual de Cultura (FEC) para incentivo e financiamento de atividades culturais tradicionalmente não absorvidas pelo mercado formal. O Fundo apoia até 80% do valor do projeto proposto por órgãos municipais ou estaduais de cultura e entidades culturais de caráter privado sem fins lucrativos".

Ainda na década de 90, mais precisamente em 1992 foi lançado a primeira edição do livro Terral dos Sonhos – O Cearense na Música Popular Brasileira, da socióloga Mary Pimentel. Com essa publicação, a professora se tornou a precursora do estudo contemporâneo das obras dos artistas da canção alencarina. Na terceira edição do trabalho, lançada em 2006, escrevi um prefácio sobre a importância do reconhecimento da academia, no que se refere ao seu interesse também nesse assunto cultural, antes, muito restrito aos ditos campos científicos.

Cartaz do I ENMI - Encontro Nordestino de Músicos Independentes, 1990 – Acervo Pingo de Fortaleza

TERRAL DOS SONHOS – O CEARENSE NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Defendida originalmente em 1992 como dissertação no Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará e publicada em livro dois anos depois no volume seis da Coleção Teses Cearenses, pela Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, "Terral dos Sonhos – O Cearense na Música Popular Brasileira", da socióloga Mary Pimentel, chega à sua terceira versão com uma roupagem atualizada, notadamente no que se refere à discografia dos artistas que compõem o Pessoal do Ceará, entre os quais Belchior, Ednardo e Fagner. Na nova edição do livro, foi listado também o material fonográfico de Amelinha, Fausto Nilo e Pingo de Fortaleza.



Capa do Livro "Terral dos Sonhos", Mary Pimentel, Secretária de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1994

"Terral dos Sonhos – O Cearense na Música Popular Brasileira" mapeia como objeto de estudo a música popular composta no Ceará de 1964 a 1979. Nesse período aconteceu a formação, propagação e consagração do movimento que ficou conhecido na MPB como Pessoal do Ceará, o qual agrega a geração de artistas cearenses (músicos, cantores e letristas) que, a partir da década de 70, começa a ingressar no cenário musical brasileiro.

Dessa geração de compositores que foram tentar a sorte na cidade grande, os que obtiveram maior destaque nacional foram Belchior, Fagner e Ednardo. A origem do nome do grupo se deve ao LP Ednardo e o Pessoal do Ceará, que tem como subtítulo "Meu Corpo, Minha Embalagem, Todo Gasto na Viagem", lançado em 1972, pelos cantores/compositores Ednardo e Rodger Rogério e pela cantora Téti. Esse disco, que teve produção de Walter Silva, pode ser considerado um marco na incursão desses novos compositores no mercado fonográfico. Logo em seguida, Fagner disponibiliza o LP "Manera Fru Fru, Manera" (1973) e Belchior grava seu também disco de estreia, "A Palo Seco" (1974).

A publicação "Terral dos Sonhos – O Cearense na Música Popular Brasileira" é uma minuciosa pesquisa feita em acervos de jornais, revistas e livros do gênero, além de entrevistas com artistas, colecionadores e pessoas envolvidas com a cultura alencarina. Para produzir sua dissertação, Mary Pimentel também se valeu da sua condição de colaboradora do movimento musical cearense, contudo com isenção científica de socióloga. A autora integrou inicialmente o grupo de canto coral "O Canto do Aboio" e fez parte do grupo Garotas 70, chegando a participar de shows e festivais.

Mary Pimentel Aires, ao situar os personagens do tempo de "Terral dos Sonhos – O Cearense na Música Popular Brasileira", também foi buscar os antecessores da canção alencarina, os quais, desde 1908 inscreveram seus nomes na história da Música Popular Brasileira. Entre eles, Ramos Cotoco, Hilda Marçal Matos, Lauro Maia, Humberto Teixeira, 4 Ases & 1 Curinga, Luis Assunção, Evaldo Gouveia e o Trio Nagô. Todos incluídos na nossa hereditariedade musical trazida do século XIX pelos precursores Alberto Nepomuceno, Branca Rangel e Juvenal Galeno e também revelada em seguida por talentos do quilate de Aleardo Freitas, Gilberto Milfont, Catulo de Paula, Paulo Neves, Pierre Luz, Mário Alves, Moacir Ribeiro de Carvalho, Waldemar da Ressureição, Caetano Accioly, Vocalistas Tropicais, Euclides Silva Novo, Mozart Brandão, Guilherme Neto, José Auriz Barreira, Zé Menezes, Jacques Klein e Eleazar de Carvalho.

Com este livro, Mary Pimentel Aires tornou-se a precursora do estudo científico contemporâneo dos artistas da canção alencarina, cujo trabalho já desperta interesse de outros estudantes e professores. Nesse sentido, podemos citar pesquisadores de áreas acadêmicas diversas , entre os quais: Wagner Castro, que produziu em seu curso de especialização na UFC a monografia "Os Festivais de Música em Fortaleza de 1968 a 1979 – Artistas Cearenses da Universidade e da Televisão" e publicou depois sua dissertação "Meu Corpo, Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem – Artistas Cearenses : Do Centro Popular de Cultura, da Universidade e dos Bares; Pedro Rogério, que desenvolveu na Pós-Graduação em Educação da UFC a dissertação "Educação Estética – Pessoal do Ceará: Trajetórias Formativas da Sensibilidade; José Américo Bezerra Saraiva, que pesquisou "A Constituição Dialógica do Discurso do Pessoal do Ceará", no Doutorado em Linguística da UFC; Josy Teixeira, que elaborou a dissertação, também na Pós-Graduação em Linguística da UFC, intitulada "Muito Além de um Rapaz Latino-Americano Vindo do Interior: Investimentos Interdiscursivos nas canções de Belchior"; e Nelson Barros da Costa, o qual defendeu na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo a tese "A Produção do Discurso Lítero-Musical Brasileiro", que também versa sobre a produção musical cearense.

Na letra da música "Carneiro", Ednardo canta o êxodo dos artistas cearenses na busca do sucesso, através dos versos de Augusto Pontes: Amanhã se der o carneiro, carneiro / vou-me embora daqui pro Rio de Janeiro / As coisas vêm de lá / Eu mesmo vou buscar / e vou voltar em videoteipes e revistas super coloridas / Pra menina meio distraída / repetir a minha voz. Da atual geração de músicos cearenses que se destacam fora do nosso estado, citamos a cantora e compositora Kátia Freitas e as bandas O Jardim das Horas e Cidadão Instigado, que residem em São Paulo. No Rio de Janeiro, moram os baixistas Adriano Giffoni e Jorge Helder, além da intérprete Lúcia Menezes.

Capa do disco "Do Pessoal do Ceará" – Téti, 1998 (Independente – LP)

Esperamos que esses repitam o sucesso dos componentes do Pessoal do Ceará. E que novos livros sejam publicados e venham futuramente a também contar as histórias dos atuais artistas da música, nascidos na terra de Alencar!

Assim, funcionando como uma espécie de crônica de uma previsão anunciada, foram publicados depois, os livros: "Pessoal do Ceará – Habitus e Campo Musical na Década de 70", de Pedro Rogério (Fortaleza, Edições UFC, 2008), e "No Tom da Canção Cearense – Do rádio e TV, dos Lares e Bares na Era dos Festivais (1963 – 1979)", de Wagner Castro (Fortaleza, Edições UFC – 2008).

PESSOAL DO CEARÁ

Os integrantes do Pessoal do Ceará, já conceituados na música popular brasileira, também lançaram seus discos com destaques nacionais nos anos 90. Amelinha teve dois lançamentos: "Só Forró" (1994) e "Amelinha" (1998). Fausto Nilo também teve sua estreia solo com o CD "Esquinas do Deserto" (1996). Em 1998 Téti registra seu primeiro CD, "Do Pessoal do Ceará". O saudoso compositor Petrúcio Maia, que faleceu em 1994, teve seu primeiro CD "Cantos do Planeta", gravado em parceria com a cantora e compositora mineira Bigha Maia, disponibilizado postumamente em 1996.

BELCHIOR

Belchior foi produtivo com os discos "Eldorado" – Belchior em Espanhol com Eduardo Larbanois e Mario Carrero", em cassete e CD, e "Baihuno" em CD,

ambos de 1993. Três anos depois disponibilizou o CD "Vício Elegante", o primeiro como intérprete de composições de outros autores. Em 1999 registrou o CD duplo "Auto-Retrato", fruto de uma releitura de parte da sua obra que traz os álbuns "1 – Pequeno Perfil de Um Cidadão Comum" e "2 – Pequeno Mapa do Tempo".

Na década de 90, as coletâneas de Belchior também proliferaram nas prateleiras das lojas especializadas, nos mais variados formatos de vinil, cassete e CD. Senão vejamos: "Trilhas Sonoras (Ao Vivo) – Grandes Sucessos de Belchior em 1990" (LP e cassete); no mesmo ano, "Antologia" (LP e Cassete). Em 1991, "Divina Comédia Humana" (CD); "Projeto Fanzine" (LP, Cassete e CD); "Cancioneiro Geral" (LP). Em 1992 "Contradança" (Acústico, LP e CD) e "Personalidade" (LP, Cassete e CD). Em 1993 "Geração Pop" (LP, Cassete e CD). Em 1994 "Minha História" (LP, Cassete e CD). Em 1995 "Acústico – Um Concerto Bárbaro (Cassete e CD) e "Belchior Ao Vivo" (CD). Em 1996 "2 é Demais" (CD). Em 1998 "O Melhor da Música de Belchior" e "Belchior – Millenium – 20 Músicas do Século XX". Numa produção feita especialmente para a Casa de Cultura de Sobral, também foi lançado em 1999, "Antologia Lírica", somente com voz e violão.

EDNARDO

Ednardo lançou apenas um disco na década de 90. Trata-se do então LP "Rubi (Ao Vivo)", ainda inédito no formato digital. Em CD foram disponibilizados respectivamente em 1994 e 1998, dois discos solos gravados em vinil anteriormente, "Ednardo" (1979) e "Imã" (1980). As coletâneas foram: "Ednardo – Acervo Especial" (1993); "Ednardo – Série Brilhantes" (1994, que mereceu nova edição em 1999); "Ednardo – Mitos e Músicas" (1994); e "Ednardo" (1996). No ano de 1998 saíram os álbuns, "O Melhor de Ednardo" e "Ednardo – Grandes Sucessos".

Capa do disco "Rubi" (ao vivo) – Ednardo, 1991, (Aura Edições Musicais / Devil Discos – LP)

FAGNER

Fagner teve vários discos lançados na década de 90. Em 1991 o LP "Pedras que Cantam" e um ano depois, no mesmo formato, "Fagner em Espanhol". Em 1993, já em CD e também em LP, "Demais" e "Uma Noite Demais – Com Roberto Menescal e Zico (Ao Vivo no Japão)". A partir de então, só lançou álbuns em CD: em 1994 "Caboclo Sonhador", em 1995 "Retrato", em 1996 "Bateu Saudade", em 1997 "Terral" e em 1998 o duplo "Amigos e Canções", que um ano depois teve disponibilizado o show ao vivo em DVD.

ROCK E O FALSO FORRÓ

Apesar de não serem o foco principal da proposta do texto, o rock e o forró, principalmente o eletrônico – ambos os estilos com audiência de público até hoje – não deixamos de dedicar algumas reflexões sobre os trabalhos que mais se tornaram conhecidos, também fora do circuito cearense na década de 90.

OBSKURE

No campo roqueiro, citamos primeiramente a Obskure, que começou sua carreira em maio de 1989 com os manos Amaudson e Jolson Ximenes. A banda, identificada com o death metal se destacou também na cena brasileira, lançando as fitas demo "Uterus and Grave" (1990), "Opressions in Obscurity" (1992) e "The Singing of Hungry" (1994). Também colaborou com suas criações para vários álbuns coletivos de selos independentes do Brasil e do estrangeiro. Mais informes também sobre a Associação Cultural Cearense do Rock, idealizada por Amaudson Ximenes, em http://acr-rock.blogspot.com.br.

TREM DO FUTURO

Inspirada no clássico rock progressivo, a banda Trem do Futuro também tem sua formação a partir da década de 80 e em 1995 disponibilizou no mercado o seu primeiro CD, que leva o nome do grupo. O álbum se espalhou pelo mundo, sendo inclusive chamada como matéria principal de capa da conceituada revista carioca "A Clava do Sol".

No continente europeu, o lançamento também teve citações na Harmone Magazine, da França, e no Arlequim, da Itália. Além disso, o disco também recebeu reconhecimento no Japão, onde foi elencado como um dos dez melhores do ano, em sua área específica de rock progressivo. Mais informes sobre a Trem do Futuro em http://tremdofuturo.tnb.art.br.

FORRÓ ELETRÔNICO

Também na década de 90, surgiu no Ceará e persiste até hoje, com o caráter essencialmente comercial de entretenimento popular, o denominado forró eletrônico, o qual, também se espalhou pelo Brasil inteiro. A ideia foi do empresário Emanuel Gurgel que através de sua banda mais bem sucedida, Mastruz com Leite, ergueu um império que se solidificou no mercado musical com estúdio, discos, shows, rede de emissoras de rádio e até amplificadores.

A queda do reinado começou através do surgimento de grupos que copiavam os originais e também principalmente por conta da multiplicação dos CDs através da pirataria. No entanto, o "forró de plástico", como bem definiu o compositor paraibano Chico César, ainda resiste até os dias de hoje e ainda arrebanha muitos admiradores com suas festas dançantes.

REMANESCENTES DO MOVIMENTO MASSAFEIRA LIVRE NA DÉCADA DE 1990

Alguns dos cantores e compositores remanescentes do movimento artístico Massafeira Livre que se lançaram no mercado fonográfico através do homônimo álbum duplo de vinil, lançado originalmente em 1979, também disponibilizaram alguns discos na década de 90 como Mona Gadelha, Lúcio Ricardo e a dupla Régis & Rogério, dentre outros.

Além deles, outros cearenses, também disponibilizaram seus lançamentos fonográficos nos mais variados estilos musicais, cantados e instrumentais. A seguir, temos um painel bastante variado de artistas alencarinos, ou residentes no Ceará, os quais gravaram e distribuíram no mercado, seus discos.

ABIDORAL JAMACARU – CD "O PEIXE" – 1998

Segundo lançamento fonográfico do cantor, compositor e músico cearense Abidoral Jamacaru, nascido no Crato, que saiu em 1998. O primeiro foi o então elepê "Avalon", da década de 80 e que anos mais tarde também saiu em CD, pelo projeto Memória 107. Em "O Peixe" cuja faixa-título é uma parceria com o conterrâneo do Cariri, Patativa do Assaré, mais uma vez o talento criativo de Abidoral revela sua universalidade musical.

Além de criações suas, "Cigano", "Incomensurável", "Vá com o Sol, o Vento, a Luz, os Anos", "O Pingo e os Óculos", "Menestrel" e "Canto de Coco pra Azuleika e Asa Branca", esta última registrada originalmente por Eugênio Leandro, as parcerias com Flávio Paiva ("Estrelas Riscantes"), com o irmão Pachelly Jamacaru ("Outros Maios") e, ao lado de Tiago Araripe, "Oxum".

Também suas interpretações para composições de outros autores: "Lua de Oslo", da dupla caririense Luiz Carlos Salatiel e Geraldo Urano; "Consolança", de Eugênio Leandro e Oswald Barroso, e "O Vale, a Cidade e Nós", de Pachelly e Célia Regina. Em todas, a marca registrada das cativantes interpretações de Abidoral, cantando sozinho ou dividindo os vocais com João do Crato, Luiz Carlos Salatiel e Eugênio Leandro.

FICHA TÉCNICA

Abidoral Jamacaru (voz, violão e arranjos), Lifanco (guitarra, violões e arranjos), Cristiano Pinho (guitarras), Herlon Robson (teclados, programação e arranjos), Roberto Pereira (trompete), Aroldo Araújo (baixo), Marcos Vinnie (teclados), Denilson Lopes (bateria), Jairo (percussão), Melquíades (violão e arranjo), Júnior da Gaita, Evilásio Bilas (percussão), Ferreira Júnior e Timóteo (sax), Hamilton Aguiar (trombone) e Fred Barreto (violinos).

Concepção artística - Abidoral Jamacaru; produção - Eugênio Leandro; direção de estúdio - Lifanco; partituras - Maestro Bonifácio; gravação - Josiel (Cabeça) e Airton Montezuma; secretária - Nájila Montezuma; técnicos de mixagem - Airton Montezuma, Luís Wagner e Marcílio Mendonça; capa/criação - Sérvulo Esmeraldo; computação gráfica - Expressão Gráfica; foto - Maurício Albano. Gravado no Planeta Estúdio; mixado e masterizado no Pró Áudio Studio, Fortaleza, de julho a setembro de 1997.

Participações – As participações especiais ficam por contado trombonista de São Paulo, Bocato, na música "Cigano"; João do Crato, que dividiu os vocais com Abidoral em "Oxum"; e Luiz Carlos Salatiel e Eugênio Leandro, que cantaram com Jamacaru, "Lua de Oslo".

ACAUÃ – CD "DUAS PARTES" – 1999

Nascido em São João do Jaguaribe, Acauã traz na sua música toda a influência vivida principalmente em sua infância nesta região do sertão cearense. Do nome de batismo, Francisco Narcélio ele transformou para o codinome artístico Acauã, a ave agourenta do sertão nordestino. Só que, ao contrário, sua interpretação vocal é bastante agradável em sua dezena de cantigas, feitas somente por ele, ou em parceria com Ésio Costa, Rosemberg Cariry, Mano Alencar, Luciano Maia e Claudo e incluídas no CD "Duas Partes".

Em todas as composições a sonoridade essencialmente acústica obtida com os instrumentos tradicionais da música popular brasileira, e em particular a nordestina. Nada dos modernos teclados e máquinas eletrônicas. Tudo é corretamente executado por músicos competentes. Para quem tem sensibilidade musical para ouvir um cantador nordestino de talento, é só escutar a obra de Acauã.

FICHA TÉCNICA

Acauã (voz), Marcílio Homem (violões e viola de 12), Gladson Carvalho (viola de arco e arranjos), Marcos Farias (acordeom e cordas), Evilásio Bilas (percussão e efeitos), Jorge Cardoso (bandolins), Eriberto Porto (flautas) e Jeovar (violão e baixo acústico).

Direção e produção artística - Acauã; gravação e mixagem - Estúdio Pró-Áudio; técnico - Jeovar; técnico de pré-masterização - Marcílio Mendonça; projeto da capa - Acauã; desenhos da capa - Heleno Araújo; foto – Cira; e concepção gráfica - Miro.

Capa do disco "Duas Partes" – Acauã, 1999 (Independente – CD)

ALEX HOLANDA E NONATO LUIZ – CD "NAVE DO FUTURO" – 1996

CD totalmente produzido, gravado e mixado em Fortaleza, o álbum "Nave do Futuro" revela uma parceria até tão inédita entre dois músicos cearenses de alta competência: o violonista Nonato Luiz e o percussionista Alex Holanda, este último ex-integrante da banda Hanói Hanói.

A atmosfera musical registrada no CD "Nave do Futuro" foi gravada ao vivo no Estúdio Planeta. Foi utilizado o sistema de play-back apenas para colocação de percussões adicionais. Todos os arranjos foram feitos pela criativa dupla em composições de Nonato, "Maracatu em Prelúdio", "Carioca", "Caroline" e "Choro de Mariana"; da autoria de Alex, "Mr. Peace" e "Mares de Portugal" e dos dois, "Valsa Negra/Espanha".

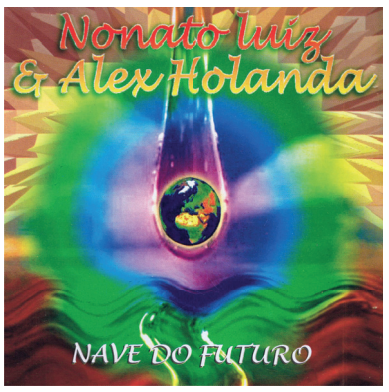
Além delas, recriações para "Zambí" (Edu Lôbo / Vinícius de Moraes), "Eleanor Rigby" (John Lennon / Paul McCartney) – que originou o embrião para Nonato Luiz gravar seu CD do ano 2000 tocando músicas dos Beatles – e a "Quinta Fragmentada de Beethoven", num trecho da sinfonia clássica do compositor erudito com um tempero essencialmente popular e com destaque para outro instrumentista cearense de alta classe, o Waldonys do Acordeom.

Sobre o CD "Nave do Futuro", o compositor Ricardo Alcântara num texto essencialmente poético escreveu o seguinte: "Na aldeia universal do planeta acústico, ritmos e arpejos se encontram para celebrar a deusa Música. Cordas e repiques, guizos e bordões: Nonato e Alex fazem as estradas por onde vão e nelas abrem surpreendentes horizontes de sonoridade. Leblon e sertão. Rap repente. Tudo igual e bem diferente. Um idioma só deles, mas que todo mundo entende. Nordeste World. Todo lugar no mundo é o mundo".

FICHA TÉCNICA

Nonato Luiz (violão Takamine e arranjos), Alex Holanda (caixa, surdo, triângulo, block, panela d`água, moringa com duas bocas, congas, pote com uma boca, egg, guizo, clave, sinos, bongô, prato com vassourinha, caxixis, gongo, sementes africanas e arranjos), Waldonys (acordeom), Cláudio Raposo (piano elétrico), Luiz Miguel (baixo 5 cordas), Airton Montezuma (vassourinha), Tim Fonteles (baixo 6 cordas e violão base) e Adelson Viana (piano elétrico).

Engenheiro de gravação - Josiel Alves (Cabeça); engenheiro de mixagem - Airton Montezuma; produção musical - Nonato Luiz e Alex Holanda; produção executiva - Hélio Santos; produção fonográfica - Luz do Sol; gravado e mixado no Planeta Studio em Fortaleza no inverno de 1996; texto - Ricardo Alcântara; e projeto gráfico - Carlos Wagner.



Capa do disco "Nave do Futuro" – Nonato Luiz e Alex Holanda, 1996 (Independente – CD)

BELCHIOR - CD ANTOLOGIA LÍRICA - UM CONCERTO A PALO SECO – 1999

Homenagem musical de um dos filhos artistas mais ilustres de Sobral, localizada na região norte do Ceará, o CD "Antologia Lírica - Um Concerto A Palo Seco", de Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenele Fernandes é dedicado ao Tombamento do Patrimônio Histórico Cultural da cidade pelo IPHAN e produzido especialmente para a Casa de Cultura de Sobral.

O encarte revela fotos de casarões, igrejas e monumentos, além de artistas da música de décadas passadas, das lembranças de poucos, como a primeira banda de música da cidade, a Euterpe Sobralense, do início do século, a Orquestra Jazz Band Alcântara (1937) e Deusdete e seu Conjunto (1950).

Com edição inicial limitadíssima de apenas mil exemplares, o álbum é essencialmente acústico e traz a voz de Belchior alicerçada apenas pelos violões, direção musical e arranjos do competente Gilvan de Oliveira.

No repertório, uma dúzia de clássicas criações do autor do nível "De primeira grandeza", "Pequeno mapa do tempo", "Velha roupa colorida", "Medo de avião", "Paralelas", "Galos, noites e quintais", "Na hora do almoço", "Alucinação", "Tudo outra vez", "Divina comédia humana", "A palo seco" e "Mucuripe", esta última em parceria com o conterrâneo Fagner.

Para quem já conhece os registros feitos anteriormente, pode se deliciar agora com uma gravação bem mais despojada e simples, a qual também tem seu valor artístico de alto nível.

FICHA TÉCNICA

Belchior (voz) e Gilvan de Oliveira (violão, direção musical e arranjos). Produtor fonográfico - Camerati Produções Artísticas; produção executiva - Ednardo Nunes; produção artística - Belchior. Técnicos de gravação e mixagem - Ricardo Cheib e Dirceu Cheib; assistente de mixagem - Gilvan de Oliveira; masterização - Dirceu Cheib e gravação no Estúdio Bemol, São Paulo. Arte, fotolito e criação – Paralelo's Assessoria Fonográfica Ltda. Fotografia - Jaques Antunes.

CHICO PIO – CD "CHICO PIO" – 1995

Parnaibano de nascença e cearense por adoção, Francisco Pio Napoleão trabalha com música desde 1962, atuando em shows individuais e coletivos com parceiros como Stélio Vale, Cirino, Fausto Nilo e Francis Valle e os mais "novatos" Isaac Cândido, Edmar Gonçalves e David Duarte, só para mencionar três.

Em 1975 teve sua principal aparição pública em show ao lado de Ivan Lins, Milton Nascimento, Fagner e Caetano Veloso, no teatro Casa Grande, no Rio de Janeiro. No mesmo ano, em São Paulo fez apresentações com os conterrâneos Clôdo, Climério e Clésio e Jorge Mello. Ao longo de sua carreira, Chico Pio participou de muitos festivais, conquistando o primeiro lugar no "Festival Universitário" (Rio de Janeiro, 1977) e no Festival do BNB (1982), sendo também premiado no "Crédimus da Canção" (1980), "Rádio Jornal O POVO" (1981) e duas vezes no "Verão Musical" (Camocim, Ceará, 1991/1992).

Capa do disco "Beira do Mundo" – Chico Pio (Independente – CD)

Antes de gravar seu CD de estreia em 1995, Chico Pio já havia tido registros de suas parcerias: "Sorvete", por Lúcio Ricardo e Paulo Rossglow, em dois registros distintos; "Água", na voz de Ângela Linhares, e "Forróbodó", pelo cantador paraibano Zé Ramalho, além de ter interpretado "Alfa e Beta", no disco "Liberado", de Alano Freitas e Francis Valle, e cantado "O que foi que você viu?" e "Jardim do olhar" no álbum duplo "Massafeira", coordenado no início dos anos 80 por Ednardo.

Na dezena de canções de seu disco primeiro, Chico Pio resgata suas composições divididas com letristas da estirpe de Nertan Moreno, Soares Brandão, Luciano Cléver, Alano Freitas, Neudo Figueiredo, Dunga Odakam, Olímpio Rocha, Eugênio Leandro e Ubaldo Solon. São elas: "Desgaste", "O Amor e o Defeito", "Paixão – Noturna", "Diana de Éfeso", "Impressionismo", "Paragem", "Nau", "Joana", "Feedback" e "O Dado". Nesta última o intérprete cearense Eugênio Leandro também atua em dueto cantante com Chico Pio. Entre o bolero, o reggae e o tempero latino, Pio detona sua rascante voz inoxidável em canções que nos remetem a MPB de qualidade.

FICHA TÉCNICA

Chico Pio (voz e violão e arranjos), Isaac Cândido (violão), Nilton Fiore (percussão), Nélio Costa (baixo e arranjo), Vitório (bateria), Luiz Miguel (baixo), Cristiano Pinho (guitarra e teclados), Marcos Melo (percussão) Carlinhos Ferreira (sax, teclados e arranjos), Luizinho Duarte (bateria), Amilton Aguiar (trombone), Etevaldo (trompete), Carlinhos Patriolino (violão, guitarra e arranjo), Josué Dominguez (baixo), Murilo (bateria), Ronaldo Carvalho (violão e guitarra), Tarcísio Sardinha (violão de 12 cordas), Aroldo Araújo (baixo e arranjo), Océllo Mendonça (flauta e arranjo).

CHICO PIO & LUCIANO CLÉVER – CD "MARCA CARMIM" – 1997

Em parceria com o jornalista e letrista cearense Luciano Cléver, o cantor compositor e músico piauiense de Parnaíba, mas radicado em Fortaleza desde a infância, Chico Pio, lançou em 1997 e CD "Marca Carmim", que reúne a participação de instrumentistas e intérpretes cearenses desde o Pessoal do Ceará (Téti e Rodger Rogério), aos que surgiram mais recentemente como Olga Ribeiro, David Duarte, Edmar Gonçalves, Ricardo Black, Paulo Façanha, Dunga Odakam, Isaac Cândido e Serrão.

Para o também jornalista e compositor cearense Flávio Paiva: "Trabalho de autor, (o CD) "Marca Carmim" traz composições de um presente concreto e tem exatos 87,5% de suas melodias criadas pela pulsação musical desse Cyborg lunar chamado Chico Pio. Elas captam eternidades em instantes, como se Luciano Cléver tivesse escrito letra por letra olhando através das lentes de Cartier-Bresson. São músicas basicamente carregadas pelo glacê da paixão, saudade e despedida, geradas em clima de simbiose artística".

Ricardo Black – Acervo Ricardo Black

Chico Pio canta apenas duas de suas parcerias com Luciano Cléver: "Garça" e "Delta", esta última em homenagem à cidade de Parnaíba. O restante do repertório é interpretado pelos artistas já citados.

FICHA TÉCNICA

Nesse time de craques bailam também instrumentistas de primeira linha da música cearense atual: Tarcísio Sardinha (arranjos, guitarra, violão e teclados), Aroldo Araújo (baixo, guitarra e violões), Cristiano Pinho (guitarra e violões), Nilton Fiore (percussão), Carlos Magno (sax), Luizinho Duarte (bateria), Zé do Norte (acordeom e teclados), Gladson Carvalho (arranjos), Luís Miguel (arranjos, baixo e programação), Manassés (viola de 12 cordas), Aldemir Rocha (arranjos, guitarra synth, teclados e programação), Júnior da gaita, Eugênio Matos (arranjo, violão, guitarra portuguesa, acordeom e programação) e Ocelo Mendonça (violoncelo).

CHICO PIO – CD "BEIRA DO MUNDO" 1999

Terceiro lançamento fonográfico do cantor, compositor e músico piauiense radicado no Ceará, Chico Pio onde ele imprime mais uma vez sua digital criativa de compositor. Atua também como cantor, interpretando de modo peculiar com sua voz cortante feito aço inoxidável, as criações de outros autores.

São dez composições que revelam suas autorias com Totonho Laprovítera ("Solitudine" e "Beira do Mundo"); "Aquarela Japonesa", com letra do conceituado Fausto Nilo; "Ecoera", dividida com Ricardo Bezerra; "Será Brilhante", sobre poema de Marcelo Serpa; "Amor Urgente", em parceria com Luciano Cléver; "Tanta Luz", compartilhada com Manassés de Sousa e Olímpio Rocha; e "Boi Espacio", sobre poema extraído do livro "O Sertanejo" de José de Alencar. Além delas, "Estradas" de Manassés de Sousa, Herlon Robson e Totonho Laprovítera e "Natureza Noturna" de Fagner com o poeta baiano Capinam, gravada originalmente por Fagner.

FICHA TÉCNICA

Participação do cantor, compositor e músico cearense Humberto Pinho dividindo os vocais com Chico Pio na música "Aquarela Japonesa".

Chico Pio (voz), Manassés de Sousa (violão de aço, viola de 12 e arranjos), Cristiano Pinho e Aldemir Rocha (guitarras), Pantico Rocha (bateria), Luiz Miguel (baixo), Denilson Lopes (bateria), Márcio Resende (flauta e sax tenor) Hoto Júnior Evilásio Bilas e Mingo (percussões), Adelson Viana e Herlon Robson (teclados) e Luiz Duarte (bateria).

Gravado e mixado no Olho D'Água - Digital Music Studio, Fortaleza-CE em 1998; masterizado por Ricardo Garcia no Magic Master Studio - Rio de Janeiro em 1998; produção executiva Modo Maior; produção artística e direção musical - Manassés de Sousa; técnico de gravação - Luís Miguel; assistente de gravação - Moésio Lourenço; assistente administrativa - Neyla; projeto gráfico e ilustração - Totonho Laprovítera; fotos - Gentil Barreira e arquivo da família Pio Napoleão.

CALÉ ALENCAR, DILSON PINHEIRO E PINGO DE FORTALEZA – CD "DRAGÃO VIVO" – 1999/2000

Registrado ao vivo no Teatro do IBEU Aldeota em Fortaleza, nos dias 12,13 e 14 de agosto de 1999 esse CD reúne três grandes artistas da música cearense contemporânea: Calé Alencar, Dilson Pinheiro e Pingo de Fortaleza. Os três cantando juntos, em duetos ou individualmente, no momento da emoção maior do palco, com o apoio de uma banda super competente, resgatam todas as nuances do autêntico maracatu cearense, ritmo que ficou conhecido no Brasil inteiro com a criação do conterrâneo Ednardo "O Romance do Pavão Mysteriozo", canção tema da novela global "Saramadaia", do início da década de 70.

De lá para cá, o maracatu cearense resistiu bravamente, principalmente no carnaval alencarino e desde 1999 vem sendo fortalecido pela nova geração de artistas que está participando ativamente dos grupos na cidade do quilate do Reis de Paus, Az de Ouro, Nação Baobab, Vozes da'África e Nação Pirambu.

"Dragão Vivo" é uma homenagem a Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar, como era conhecido entre os jangadeiros. Nasceu em Canoa Quebrada, então distrito de Aracati no dia 15 de abril de 1839. Ao tempo de suas atividades de Prático, na Capitania dos Portos, aderiu à causa abolicionista e junto com seus colegas decretou a primeira intervenção política impedindo o comércio de negros no Ceará.

Capa do disco "Dragão Vivo" – Calé Alencar, Dilson Pinheiro e Pingo de Fortaleza, 1999 (Independente – CD)

FICHA TÉCNICA

Luizinho Duarte (percussão, arranjos e direção musical), Mimi Rocha (guitarra), Marcus Vinnie (teclados), Edmundo Jr. (baixo elétrico), Denilson Lopes (bateria), Descartes Gadelha e Nilton Fiore (percussões) e Lidiane & Mr. X (vocais). Produção executiva e projeto gráfico - Calé Alencar; editoração eletrônica Elias Sabóia; sonorização - Carlos Calvet & Renato; fotos & ilustrações - Amatércio, Calé Alencar, Carlos Julião, Cláudio Lima, Deise Jeffiny, Descartes Gadelha, Dorothee Schon, Eurico Alencar Filho, Israel Cisnesiros e Kid Júnior; foto da capa - Calé Alencar (detalhe da Capa do Baliza do Maracatu Reis de Paus); técnicos de gravação e mixagem em Sistema Pro Tools 24 bits - Marcílio Mendonça, Jeovar Maia e Franzé Ramos; masterizado em Sistema Sonic Solutions no Pró Áudio Estúdio em Fortaleza.

DIDEUS SALES – "FRUTOS POÉTICOS" – 1999

Primeiro lançamento em CD do poeta popular e compositor cearense Dideus Sales, o qual é recheado com uma dúzia de temas, de sua autoria, parcerias com Geraldo Amâncio e Hernandes Pereira e criações de Luiz Campos, Chico Pedrosa, Daudeth Bandeira, Pedro Bandeira e Zé Laurentino, que oscilam entre a toada de martelo agalopado, poemas, canções e cantoria.

Tudo também com a temática essencialmente nordestina e interpretada pelo próprio Dideus Sales: "Minha infância", "Vicença", "O Abilolado", "Meu sertão é assim", "O plantador de milho", "Casamento de doidos", "O mal se paga com o bem" e "Fugitivos da seca", esta última dividindo os vocais com o cantor Acauã, o qual também canta "Nordestino desgarrado".

Os convidados são: Rogério Franco, intérprete atuante na canção "Lábios de rubi", Toninho di Moraes na toada de martelo agalopado "Não precisa o Brasil ser dividido" uma espécie de resposta a criação de Ivanildo Vilanova, "Imagine o Brasil ser dividido e o nordeste ficar independente", mais popularizada pela cantora paraibana Elba Ramalho e a dupla de repentistas Zé Cardoso & Zé Viola na cantoria "Mamãe eu estou morrendo de saudade da senhora".

Para quem quiser se inteirar mais um pouco da autêntica cultura nordestina atual essencialmente acústica sob a atmosfera de violas, violões e percussões, fora do eixo Rio-São Paulo, é uma boa oportunidade ouvir o CD "Frutos Poéticos".

FICHA TÉCNICA

Dideus Sales, Rogério Franco, Toninho di Moraes, Acauã e Zé Cardoso & Zé Viola (vozes), Manassés de Souza (violas, violões e arranjos) e Nilton Fiori (percussões). Gravação, mixagem e masterização - Estúdio Olho D'Água em Fortaleza Ceará.

JOAQUIM ERNESTO & PARCEIROS – CD "NA BEIRA DO CAIS" – 1999/2000

Produção eminentemente coletiva que reúne a fina flor da atual música em Fortaleza, o CD "Na Beira do Cais", traz a mais recente criação do cantor, compositor e músico Joaquim Ernesto em parceria com seus companheiros de canção e poesia. São 18 composições com melodias do Mestre Quim, cinco delas com colaborações dos músicos Macaúba, Tarcísio Sardinha e Carlinhos Patriolino. Todas divididas com as letras de Luciano Maia, Pardal, Alano Freitas, Chico Barreto, Newton Fortaleza, Sílvio Barreira e Airton Monte.

Nelas desfilam os mais variados gêneros musicais, desde o samba em "Meu Pandeiro", com Paulinho do Pandeiro; "Três gotinhas de Limão", na voz de Titico e "Passeio no Samba", cantada por Melquíades; blues em "Futuro Azul" interpretada magistralmente por Karine Alexandrino; "Abrigo" com Lúcio Ricardo"; "Debaixo do Meu Lençol" onde Aparecida Silvino empresta seu talento vocal e "Two Beers or not two Beers" com um ar de rock na voz de Laerte Duarte; boleros em "O Cheiro do Bogari", com Chico Barreto; "Na Beira do Cais", na interpretação de Arnaldo Sá e "Mona Lisa" cantada por David Duarte.

Choro em "Velho Amigo", na voz de Valquíria Casé. Baião em "Praia de Iracema", com Serrão e "Canção de Mar e Paixão", interpretada por Janaína Cavalcante. Afoxé em "Bailarina", com Amaro Pena. Samba Canção em "Deletando Vozes", na interpretação de Humberto Pinho. Choro Canção em "Meu Oásis" sob o canto de Ana Fonteles. Valsa Canção em "Sete Estrelas" com o cantor Darwinson e a cantiga de ninar "Júlia", com Joaquim Ernesto.

O CD "Na Beira do Cais" que é a estreia cantante e instrumental de muita gente boa, também traz os intérpretes e músicos consagrados desta nova cena cultural cearense. Tem todos os ingredientes sonoros do ecletismo, da filosofia da composição de qualidade com informação requintada de arranjos, melodia, harmonia e mensagem da letra. Ouça e se envolva na atmosfera deste ancoradouro musical.

Capa do disco "Na Beira do Cais" - Joaquim Ernesto & Parceiros, 1999/2000 (Independente – CD)

FICHA TÉCNICA

Tarcísio Sardinha (violões, cavaquinho, viola de 10 cordas e arranjos), Luizinho Duarte (bateria), Aroldo Araújo (baixo e arranjos), Hoto Júnior (percussões), Adelson Viana (acordeom, órgão e piano), Carlinhos Patriolino (guitarra), Márcio Resende (sax e flauta), Carlos Magno (sax soprano), Cristiano Pinho (guitarra e arranjos), Amilton Aguiar (trombone), Édison Távora (acordeom, piano e arranjo), Gildo (pandeiro), Mário (Flauta), Pardal (cavaquinho), Macaúba (bandolim), Pedro Ventura (violão 7 cordas), Beto Porto (flauta), Melquíades (violão), Fernando Mourão (tamborim), Roberto Carioca (surdo), Serginho (pandeiro), Maestro Gladson Carvalho (viola), Manassés (viola de 12 cordas), Antônio Alves (acordeom), Carlinhos Ferreira (clarineta), Ferreira Júnior (sax alto) e Elismário Pereira (flauta). Produção fonográfica - Estúdio Iracema; produção executiva - Joaquim Ernesto e Roberto Flávio; produção musical - Joaquim Ernesto, Tarcísio Sardinha e Aroldo Araújo; direção musical - Tarcísio Sardinha; fotos - Jaques Antunes; desenho da capa - Alano Freitas; arte gráfica - Laerte Duarte; direção artística - Joaquim Ernesto; técnicos de gravação - Toty Silva e Bernardo Arturo; assistente de gravação - Eder Jofre; mixagem - Toty Silva e Tarcísio Sardinha e masterização - Tim Fonteles e Airton Montezuma. Gravado em outubro e novembro de 1999 no Estúdio Iracema, Fortaleza.

FELIPE CORDEIRO – CD "OUTRA ESQUINA" – 1999/2000

Primeiro CD do cantor, compositor e músico cearense Felipe Cordeiro onde ele reúne suas parcerias com os conterrâneos nordestinos, os manos Tim, Zezé e Gilberto "Jabuti" Fonteles, Récio Araújo, Torquato Neto, Érico Baymma, Alano Freitas, David Duarte, Gustavo Krause, Oscar Magalhães e Francis Vale.

Nelas, interpretações do grupo Boca Livre para "Juba San" e "Outra Esquina" Lô Borges em "Estrela Mágica", Beto Guedes e Kátia Freitas em "Flor de Maio", Karine Alexandrino em "Olhar de Caramelo", Zé Renato e Toninho Horta em "Janela do Quintal", David Duarte em "Rio" e "Letra de Música", Joyce em "Banda De Lua", Érico Baymma em "Qualquer Dia", Kátia Freitas em "Natureza dos Oceanos", Jorge Vercilo em "Romance da Noite", Edmar Gonçalves em "Favela", Carol Costa em "Anseio", David Duarte, Edmar Gonçalves, Ana Fonteles e Karine Alexandrino em "Elemental" e Paulo Façanha em "Cecy II".

Além delas, a instrumental "Prelúdio" da filha de Felipe, Janaína Cordeiro, em parceria com Nonato Luiz, onde ele atua com seu violão criativo ao lado de outros músicos (ver ficha técnica).

Como se percebe, são cantores cearenses da nova geração, ao lado de baluartes da MPB e em particular da música mineira. É uma homenagem a Milton Nascimento e aos que fazem o Clube da Esquina com um ingrediente da cultura nordestina.

Para Felipe Cordeiro, tudo começou "quando veio ao meu encontro um disco de Milton Nascimento e Lô Borges, senti que aquele jeito de fazer música marcaria para sempre meu modo de compor, de escrever, de sentir a música e a vida. Aquela esquina, também frequentada por tantos outros, muito me

Capa do disco "Outra Esquina" – Felipe Cordeiro, 1999/2000 (Independente – CD)

impressionou pela sonoridade, harmonização, vocalização, melodias, letras e ritmos. Aquilo tudo, somado aos sons das sanfonas e violas do sertão nordestino, ficaria guardado definitivamente em minha memória e meu coração. Fazer esse CD é, para mim, realizar um sonho, uma festa onde celebram juntos minha influências, meus amigos e ídolos. Essa 'Outra Esquina' homenageia Milton Nascimento e todas as pessoas que participaram do Clube da Esquina".

Gravado entre fevereiro de 1998 e julho de 1999 nos estúdios: Planeta (Fortaleza) por Josiel "Cabeça", Airton Montezuma e Tim Fonteles; Vila (Fortaleza), por Adelson Viana e José Dantas; Pro-Ádio (Fortaleza) por André Motta, Jeimes Teixeira e Jeová Maia; Via Sonora (Belo Horizonte) por Demerval "Dedé" Filho; Polifonia (Belo Horizonte) por Peron Rarez; Discover (Rio de Janeiro) por Guilherme Reis; Fibra (Rio de Janeiro) por Marcos Vicente; Impressão Digital (Rio de Janeiro) por Marco Hoffer.

Todas as bases foram gravadas no Planeta Studio, exceto "Mel e Sal" e "Romance da Noite", gravadas interiramente nos estúdios Via Sonora e Discover, respectivamente. Mixado no Discover em julho de 1999 por Guilherme Reis e Airton Montezuma e Masterizado no Estúdio Magic Master, no Rio de Janeiro, em julho de 1999, por Ricardo Garcia.

Idealização e produção - Felipe Cordeiro; produtores assistentes: Tim Fonteles, Renata Moura, Ana Cecy e Récio Araújo; projeto gráfico - Karla Holanda e Eliane Terra; finalização e impressão - Inprima Bureau Digital; fotogafias - Ranphis Zenith, André Luiz da Cunha, Chiquinho Gadelha, Mauro Guimarães, Neli Rosa e Arquivo Pessoal; desenhos - Janaína Cordeiro, Maíra Cordeiro e Vânia Nascimento.

FICHA TÉCNICA

Tim Fonteles (violão e arranjos), Jorge Helder (baixo e arranjos), Pantico Rocha (bateria), Adelson Viana (teclados, acordeom e arranjo), Robertinho Silva (percussões), Maurício Maestro (arranjos vocais), Cristiano Pinho (violão, arranjo e guitarra), Gilberto "Jabuti" Fonteles (guitarra e arranjo), Ed Júnior (baixo), Denilson Lopes (bateria),Nivaldo Ornelas (sax tenor, soprano e flautas transversas), Toninho Horta (violões, arranjo e guitarras), Lena Horta (flauta), Marcos Suzano (percussões), Beto Lopes (guitarra), Paulinho Carvalho (baixo), Esdras "Nenê" Ferreira (bateria), Telo Borges (teclados), Julinho Barbosa (pandeirola e efeitos), Luizinho Duarte (bateria), Marcelo Bernardes (flautas, sax tenor e soprano), Luiz Brasil (violão e guitarra), Manassés de Sousa (violão), Gerônimo (baixo), Flávio Venturini (teclados) , Hoto Júnior (percussão), Nonato Luiz (violão e arranjo) e Felipe Cordeiro, David Duarte, Cristiano Pinho e Kátia Freitas (vocais).

MILTON NASCIMENTO

Ao ter acesso as composições gravadas, Milton Nascimento escreveu o seguinte texto: "Disse um poeta, amigo meu, que isso: "Outras esquinas virão, outras manhãs, plenas de sol e de luz". Eu levei um susto, no bom sentido, quando me chegou esta ideia, misturando as águas de Fortaleza, com as lagoas e rios das Gerais. Uma profunda e generosa ideia de uma pessoa que ainda não conhecia. Novas canções, novas reuniões, como há muito tempo não se vê, meus amigos de sempre, junto com novos e futuros. É assim que se faz história. Para isso serve a arte verdadeira, sem preconceitos, com a meta de se espalhar pelo mundo aquela que é a linguagem universal - a música.

Felipe, parabéns e obrigado. Sempre. Milton Nascimento.

FLÁVIO PAIVA – "ROLIMÃ" – 1994

Lançado em 1994, o coletivo CD "Rolimã - Flávio Paiva em Parcerias" revela a inquietação do compositor e jornalista, cearense de Independência, com a atual realidade do cruel mercado de divulgação da música brasileira. O álbum se enquadra na resistência cultural de qualidade que foge aos ditames da indústria do disco, sobre a qual o artista dispara: "Por trás dos apelos da bundofilia aeróbica, da tautologia axé, do forró bichado, da força da economia breganeja e da pagodização musical brasileira, a nossa diversidade inventiva prossegue, como quem acredita no futuro, sedimentando a sua importância de patrimônio imaterial". Acrescentando que seu "Rolimã" é, "movido pelo magnetismo informal que a música sempre provocou em mim, acabei cedendo à tentação de fazer este registro de pulsações mestiças e giros lúdicos universais. 'Rolimã' é uma espécie de reportagem de comportamento, de jeito de ser e viver, que me leva a transitar por sensações caóticas, sincronizadas em um ladrilho de distintas peças reais e imaginárias, cuja química compartilho com amigos que são compositores, músicos, intérpretes e, principalmente, parceiros de tantos mimos, crenças e danações".

Capa do disco "Rolimã" – Flávio Paiva em Parcerias, 1994 (Independente – CD)

Tudo isso se faz presente numa dúzia de canções, três somente criações de Flávio Paiva, "Baião na Manchete", por Marta Aurélia, "Escarlate", na voz de Edmar Gonçalves, e "Bolha", interpretada por Mona Gadelha. Além delas, as parcerias com Cristiano Pinho e Kátia Freitas, "Estroboscópia", pela própria Kátia, "O Continente Encontrado", dividida com Tarcísio José de Lima, na singela voz de Olga Ribeiro, "Luiz Assumpção", samba com os outros Tarcísios (Sardinha e Matos), com o potente vocal de Ricardo Black, "As Acácias têm Alma", bossa com melodia de Manuel González e cantada por Eugênio Leandro, "Como me dá!" balanceio composto ao lado de Calé Alencar e interpretado por Armando Telles, "Cantiga de Bárbara, a borboleta", que tem música de João Monteiro Vasconcelos e vem na voz de Norberta Viana, "Flávio & Andréa", escrita com o tecladista Eugênio Matos, onde Aparecida Silvino empresta seu privilegiado talento vocal, e "Sou mais no tempo do Figueiredo", rock irreverente feito em 1987 com os parceiros Tarcísio Matos / Falcão, dupla dinâmica do sucesso atual do bregastar cearense, nas vozes de Valdo Aderaldo e Paula Tesser.

Somente "Serenata", que tem a voz de André Vidal, uma modinha ultramarina, não é de autoria de Flávio Paiva. No entanto foi pesquisada e adaptada por ele, quando a colheu num dia de feira em 1986, na cidade de Juazeiro do Norte, com o rabequeiro Cego Oliveira, na época com 74 anos, o qual afirmou ter aprendido a canção quando era criança em Palmeira dos Índios, Alagoas.

FICHA TÉCNICA

Cristiano Pinho (guitarra, violão, teclados, programação de bateria e percussão, arranjos), Edmundo Júnior e Aroldo Araújo (baixos), Luizinho Duarte (bateria e percussão), Tarcísio Sardinha (violão, bandolim, viola de 12 cordas, guitarra e arranjos), Zé do Norte (teclados e acordeom), Tarcísio José de Lima (violões e arranjo), Edmar Gonçalves (violão e matraca), Jeca (pandeirão, tambor onça, apito, chocalho de cazumbá, maracá e matraca), Tito Freitas (teclados), Cláudio Lucci (violão), Ocelo Mendonça (flauta). Concepção e direção artística - Flávio Paiva; direção musical - Tarcísio Sardinha, Cristiano Pinho e Tarcísio José de Lima.

Gravado entre os meses de janeiro e fevereiro de 1994 em 24 canais no Proáudio Studio, Fortaleza Ceará por Anfrísio Rocha, Hamilton Silva, Jeovar Maia e Marcílio Mendonça; mixado por Cláudio Lucci no Estúdio Camerati, em Santo André (SP), com Assistência de Mona Gadelha; pré-masterizado por Carlos Freitas na Cia de Áudio em São Paulo. Masterizado nos Estados Unidos e Manufaturado no Canadá sob a responsabilidade da Camerati. Capa - Travessia Metálica na Fronteira das Cores, trabalho em óleo de Flávio Paiva com foto de Alcides Freire. Projeto gráfico - Edmilson Marini.

OBSERVAÇÕES

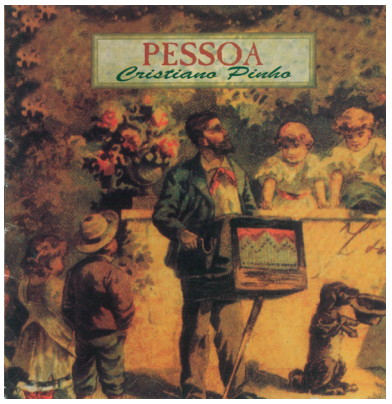
Todos os intérpretes – Kátia Freitas, Marta Aurélia, Olga Ribeiro, Edmar Gonçalves, Ricardo Black, Mona Gadelha, André Vidal, Eugênio Leandro, Armando Telles, Norberta Viana, Aparecida Silvino e Valdo Aderaldo e Paula Tesser – participaram da concepção dos arranjos. Bia Bedran e Luís Carlos Prata deram uma contribuição especial em "Cantiga de Bárbara, a Borboleta".

Aroldo Araújo participou dos arranjos assinados por Tarcísio Sardinha. As músicas "O Continente Encontrado" e "Sou mais no tempo do Figueiredo", que foram gravadas originalmente nos elepês "América" (1992), de Olga Ribeiro e "Bonito, Lindo e Joiado" (1990), do Falcão, estão em "Rolimã" com novos arranjos. O álbum é dedicado ao amigo Farias Frazão (1950 - 1982). "Rolimã – Flávio Paiva em Parcerias" teve sua primeira edição esgotada e atualmente o artista está em entendimentos para uma nova tiragem.

CRISTIANO PINHO – CD "PESSOA" – 1997

Como guitarrista, violonista, arranjador, programador, diretor musical e produtor, Cristiano Pinho já participou de inúmeros discos gravados em Fortaleza, entre eles, "No Ceará É Assim" (coletivo), "Um Quarto de Lua" (Olímpio Rocha), "Fábula" (Júlio Medeiros), "Rolimã" (Flávio Paiva), "Digital" (Marcus Brito), "Kátia Freitas" (Kátia Freitas), "Parto" (Paulo Façanha), "Com a Boca no Mundo" (Humberto Pinho) e "Esquinas do Deserto" (Fausto Nilo), só para citar alguns.

No palco já participou de shows dos artistas já citados e também com Ednardo, Dominguinhos, Mauro Senise e Oswaldinho do Acordeom, entre outros, e atualmente integra a banda de Raimundo Fagner. Em 1997, Cristiano Pinho lançou seu CD solo, um dos primeiros da nova safra de música instrumental no Ceará. O CD "Pessoa" traz dez composições de Cristiano Pinho: "Deserto", "Por Aí", "Destino", "Oásis", "Dança nas Cordas", "Amolando Faca", "A Bolha", "Pesadelo", "Blue" e "Árvore da Vida", além de "L'Eternel Désir", composição de Philip Catherine. Em todas, Cristiano Pinho e banda reverenciam seus talentos para a deusa música.



Capa do disco "Pessoa" – Cristiano Pinho, 1997 (Independente – CD)

FICHA TÉCNICA

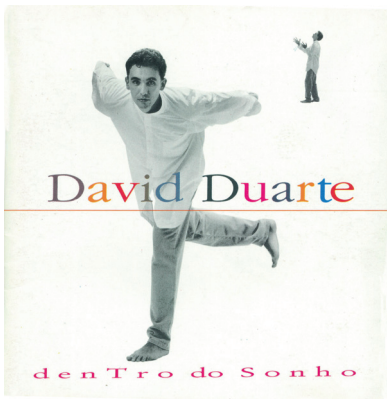
Em "Pessoa", Cristiano Pinho tocou violões, guitarras, teclados, fez vocal e programação de percussão, além de concepção, arranjos e direção musical. Teve como convidados músicos que começaram com ele e que hoje atuam no palco e em estúdios com grandes estrelas da MPB: Pantico Rocha (bateria), Jorge Hélder (baixo acústico e elétrico), Adelson Viana (teclados e acordeom), Hoto Júnior e Nilton Fiore (percussão), Antônio José (piano), Adriano Giffoni (baixo acústico) e Kátia Freitas, que emprestou seu vocal para "Destino".

DAVID DUARTE – CD "DENTRO DO SONHO" – 1997

Primeiro álbum solo do cantor, compositor e músico cearense David Duarte um dos mais criativos compositores da atual geração que reside em Fortaleza. Já teve suas composições registradas pelos conterrâneos Kátia Freitas, Rogério Franco,Téti, Daniela Montezuma, Edmar Gonçalves e Marcus Brito entre outros,sendo inclusive estes três últimos, títulos dos discos deles, "Pela Vida", "Bússola" e "Matiz" respectivamente.

David Duarte foi finalista no Festival Canta Nordeste, promovido pela Rede Globo, com sua criação "Código" presente no seu primeiro CD. Sua estreia em disco solo é uma prova da renovação que pode ser implementada na música popular brasileira atual e que é elogiada por muita gente boa que tem acesso ao trabalho, que também tem nas artes gráficas outro grande destaque.

Isso sem mencionar o aspecto de qualidade musical com os instrumentistas e gravação e mixagem. É ouvir e se apaixonar pelo trabalho de David Duarte, que traz uma dezena de suas melodias e mensagens. Elas, esperamos, ainda vão dar muito o que falar na MPB.



Capa do disco "Dentro do Sonho" – David Duarte, 1997 (Independente – CD)

FICHA TÉCNICA

David Duarte (violões e voz), Manassés de Sousa (violão de aço, steel guitar, violão midi (cítara e flute synth), cavaquinho e viola de 12), Adelson Viana (piano, clavinet synth, órgão e synth), Marcelo Randemarck (baixo), Mingo Araújo (percussões), Luiz Miguel (baixo), Aldemir Rocha (guitarras), Paulinho Trompete (flugel e trompete) e Carlinhos Ferreira (sax soprano).

Produção e Direção musical - Manassés de Sousa; Produção executiva - Olímpio Rocha, Helder Lima e David Duarte; Concepção e Arranjos - Manassés de Sousa, Mingo Araújo e David Duarte; Técnico de Gravação - Luiz Miguel; Mixagem - Luiz Reis; Assistente de Mixagem - Rodrigo; Masterização - Ricardo Garcia; Capa e Design - Ivan Ferraro; Fotos - Delfina Rocha; Grvado no Estúdio Olho D`água de outubro a novembro de 1996 - Fortaleza e Mixado no Studio Discover em janeiro de 1997 - Rio de Janeiro.

DJACI CARVALHO E RENAN DO VALE – CD "ÁLBUM DE FAMÍLIA" – 1997

Lançamento em doze faixas de resgate das criações da família cearense Vale. A maioria – uma dezena – entre valsas, baiões, choros, marcha, xote e samba, do cantor, compositor e acordeonista ipuense Zezé do Vale, artista muito popular em todo o Ceará, nas décadas de 30 e 40.

São suas as criações: "Dolorosa renúncia", "Hino do Ferroviário", "Passados do meu Ipu", "Baião de dois", "Cabrocha da Aldeota", "Xote da Mariana", a única instrumental, "Complexo de Getulio", "Paredão", "Latada de Oiticica" e o poema "Filho do Ipu".

Além delas, a valsa da dupla da família – Antônio do Vale e Teresinha Vale – "Quilombo do Mateu", recolhida do folclore do Sítio Salgado, em Ipu, por Florival Vale de Paiva.

Todas elas interpretadas pela voz de Renan do Vale e o violão de Djacir Carvalho, ambos netos de Zezé do Vale, acompanhados por outros conceituados músicos que residem em Fortaleza.

FICHA TÉCNICA

Djacir Carvalho (violão e arranjos), Renan do Vale (voz e vocal), Adelson Viana (acordeom, teclados, arranjos e instrumentos digitais), José Roberto (baixo elétrico, arranjo e vocal), Luizinho Duarte (bateria, violão de sete cordas e percussão) e Carol (vocal).

Produção - Renan do Vale e Djacir Carvalho; direção musical - Adelson Viana; gravação e mixagem - José Dantas no Up` Arte Studio em Fortaleza no mês de abril/97; masterização - Alberto Ranellucci no Tom Brasil Studio em São Paulo, no mês de maio/97. Arte gráfica - Mônica Mendes Carvalho.

HOMENAGEM AO POETA ZEZÉ DO VALE

O trabalho de preservação da memória musical e poética de José do Vale, nascido no Sítio Salgado, distrito da cidade de Ipu, no dia 22 de maio de 1900, fica imortalizado neste CD através da voz e violão dos seus netos Djacir e Renan do Vale.

Resgate histórico de um trabalho sem registro fonográfico, está agora entregue à sociedade o primor da música e poesia de Zezé do Vale.

Este notável artista, nas décadas de 30 e 40, animava as casas noturnas da época, apresentava-se em Fortaleza e outras cidades do Ceará; era presença requisitada nos principais ambientes musicais por ser a expressão máxima do acordeom.

Percebemos nas sequências musicais do CD, excelentes músicas deste compositor, que passou por esse mundo deixando duradouras recordações.

É gratificante ter convivido com o Grande Mestre desde os tempos da PRE-9 até os últimos momentos. Privou-me de uma bela amizade, natural do seu estilo; era eu o primeiro a conhecer as canções e poesias, sempre com profunda sensibilidade às coisas do sertão, do Ipu, do Martir São Sebastião e do glorioso Ferroviário.

Transportados no tempo, os sons do seu acordeom entram em harmonia perfeita com a capacidade musical de Djacir e Renan, o primeiro através das primas e bordões do seu violão, o segundo com sua voz firme e enternecedora, o que se estende aos excepcionais músicos que compõem este trabalho.

Aqui estão expressivas manifestações da nossa cultura musical resistindo ao tempo. Ao cheiro do "bambu-ralo" e ao "Véu de Noiva do Ipuçaba", nós te agradecemos, Zezé do Vale".

24 de abril de 1997, Francisco de Assis Martins - Professor, radialista e músico.

MAZÉ DO BANDOLIM – CD "TERRA DOS BANDOLINS" (1999)

Disco registrado quando a instrumentista cearense Maria José Leite Araújo, a Dona Mazé do Bandolim já contava com 75 anos, em 1999. O repertório é composto de 14 temas instrumentais inéditos de autores do início do século, em que o clima das retretas das praças das antigas cidades do interior se transporta para a atualidade.

Nele o fio condutor é o bandolim da Dona Mazé, que tem o auxílio luxuoso de um regional de primeira qualidade num desfile de fox, valsas, choros e maxixes, só para citar alguns gêneros.

As faixas são: 01 - Cely Correia (São Roque); 02 - Zezim é Meu (Zé Francisco); 03 - Zé Alves na Ferira de Amostra (São Roque); 04 - Hilda (Zé Ribeiro); 05 - Rumba (São Roque); 06 - Luar de Estrelas (São Roque); 07 - Sedutora (São Roque); 08 - Maria Alvení (Zé da Glória); 09 - 4 de Agosto (São Roque); 10 - Dona Euclides (Álvaro Correia); 11 - Um e Dois (São Roque); 12 - Zezim do Maxixe (Zé Facundo); 13 - Miss Crato 1930 (Zé Abelha): 14 - Hino do Aliado (São Roque).

Capa do disco "Terra dos Bandolins" – Mazé do Bandolim, 1999 (Independente – CD)

FICHA TÉCNICA

Direção musical e arranjos - Adelson Viana e Luis Duarte; teclados e acordeom - Adelson Viana; violões e bateria - Luis Duarte; clarinete - Carlos Ferreira; flauta e flautim - Heriberto Porto; trombone - José Edson; cavaquinho - Paulo de Tarso; pandeiro - Paulo Rubens; e banjo - José Aldemir.

Fotografia/design - Arnaldo Fontenele; produção executiva e artística - Francisco Marto; gravação e mixagem - Vila Real Estúdio Sonoro; técnicos de gravação - José Dantas e Ismael Viana; pré-masterização - Estúdio Tom Brasil; técnico de pré-masterização - Alberto Ranellucci.

TEXTO DE APRESENTAÇÃO DO CD "TERRA DOS BANDOLINS", POR GILMAR DE CARVALHO.

...Como se ao som de uma caixinha de música escapasse pelas frestas e se amplificasse pelo mundo.

Uma pitada de delicadeza em um tempo marcado pela agressividade, mas longe de parecer anacrônico, atual como um sentimento doce/amargo que nos envolve e nos faz evocar um universo idealizado pelos sons.

É o que nos propõe o bandolim de Maria José Leite Araújo, em sua comovente estreia em disco, aos setenta e cinco anos.

Um trabalho marcado pela memória, que recupera uma tradição que passou despercebida a muitos.

Uma tradição que tem sua origem em uma banda de música, que passa pelas retretas e que revela um celeiro de compositores, longe da capital, à margem da chamada indústria cultural, na longínqua Jucás.

Só esse trabalho, de revelar guardados, valeria a pena, por ajudar a desvendar uma parte do que precisa ser melhor compreendido nesse quebra-cabeças que é nosso desafio armar.

Maria José Leite Araújo nos conduz a uma dimensão sonora de um tempo que se cristalizou na lembrança, sua música é documento e rememoração. Bandolim em que foi iniciada pela mãe, herança do som de dobrados, e pelo pai fundador da filarmônica.

A sensibilidade com que faz vibrar as cordas do instrumento nos chama a atenção para os ecos de uma chamada idade de ouro da música brasileira, com um toque de seresta e um ar de era do rádio.

É como se um dial fantástico nos conduzisse à dimensão do sonho e instaurasse o palimpseto de uma partitura que escapou do fogo e de acender o cachimbo da mulher de São Roque.

Uma Jucás mítica, antiga São Mateus dos Inhamuns, perdida nos ermos do sertão, uma terra dos bandolins que, dedilhamos em meio a arranjos que recorrem aos avanços das tecnologias, evidenciam a limpidez de uma interpretação em que a técnica é suplantada pela emoção.

Uma ideia oportuna e louvável de abrir esse baú, um tesouro, e colocar em cena Maria José Leite de Araújo, abrindo a todos nós a possibilidade de ouvi-la infinitas vezes, como em um sarau só nosso e de aplaudi-la (Bravo!) com o entusiasmo que merece.

Gilmar de Carvalho

EDMAR GONÇALVES – CD "BÚSSOLA" – 1998

Segundo lançamento fonográfico do cantor, compositor e músico cearense Edmar Gonçalves. Egresso dos festivais, o artista já foi finalista de certames na sua cidade natal, Camocim, como também no "Canta Nordeste", promovido pela Rede Globo de Televisão, este último com suas parceiras ao lado de Evaristo Filho, as músicas "Miragem" e "Canto Sem Eira Nem Beira", ambas incluídas neste CD.

Além delas, "Temporal", com letra e música de Edmar; "Cigano", dividida com Adelmar Carlos e Etinho; "Alcôva", feita com Amicir Pinto; "Loucura", ao lado de Jaqueline Fernandes; "Loucura", em parceria com Mano Alencar e João Duarte; e "Lira da Ilha", em dueto criativo com Adelmar Carlos. A faixa-título, "Bússola", é composição do conterrâneo David Duarte, "Vidente" do autor maranhense Erasmo Dibel; "Violeiro e Canção" somente de Amaro Pena que também divide "Mariana" com Mano Alencar.

Apenas uma regravação. Trata-se do clássico "Que Será", bolero da dupla Marino Pinto e Mário Rossi, imortalizado pela estrela Dalva de Oliveira, agora com um arranjo modernissimo de tango/rock do próprio Edmar com o auxílio luxuoso do músico Herlon Robson, que também tocou teclados. O cantor, compositor e músico cearense Nilson Chaves canta junto com Edmar Gonçalves a bonita música "Cigano".

FICHA TÉCNICA

Edmar Gonçalves (voz e arranjos), Eric Matos (programação de efeitos), Ricardo Pontes (bateria), Hoto Júnior e Nilton Fiore (percussões), Tim Fonteles (baixo e arranjo, percussão e violão); Cristiano Pinho (arranjo, sequencer, guitarra e violão de aço), Aroldo Araujo (baixo e arranjo), Adelson Vianna (teclados e acordeom), Marcos Farias (arranjo e teclados), Herlon Robson (teclados, percussão programada e arranjos), Evilásio Bilas (percussão), Pantico Rocha (tambor vanezuelano), Manassés (viola, arranjo e violão de 12 cordas), Aldemir Rocha (guitarras), Júnior Ferreira (sax e trompete), Tarcísio Sardinha (guitarra), Luiz Duarte (bateria), Zé do Norte (teclados), Carlos Magno (sax), Karine Alexandrino, Fabiana Paim, Luciana Paim, França e Jaqueline (vocais). Produção - Edmar Gonçalves e Fernando Fernandes; técnicos de gravação - Josiel "Cabeça", Eric Matos, Tim Fonteles e Airton Montezuma; técnicos de mixagem - Airton Montezuma e Tim Fonteles; técnicos de masterização - Marcílio Mendonça e Airton Montezuma; direção musical - Tim Fonteles; fotografia - Ricardo Damito; projeto gráfico - Máxima Publicidade; direção de arte - Christiano Barbosa e Gravado no Estúdio Planeta e Masterizado no Estúdio ProÁudio, ambos em Fortaleza entre os anos de 1996 e 1997.

Capa do disco "Bússola" – Edmar Gonçalves, 1998 (Independente – CD)

ÉDISON TÁVORA – CD "EXPRESSÕES DIGITAIS" – 1999

O instrumentista, compositor e arranjador cearense Edison Távora depois de mais de trinta anos de atividades na música, finalmente lançou seu primeiro disco em 1999. Não teve muito tempo de desfrutar da sua estreia fonográfica, pois faleceu em setembro do mesmo ano, deixando uma enorme lacuna para a música cearense.

No CD "Expressões Digitais" Edison Távora toca acordeom e teclados. Deste último, com os modernos recursos da eletrônica sequenciada, obteve sutilmente a sonoridade de outros instrumentos como a bateria, o violão e a percussão que imprimiram uma atmosfera bastante agradável aos temas executados.

Entre eles, as composições de sua autoria: "Secreto", "Tempos Idos" e "Haydèe", esta última uma valsa dedicada a mãe do humorista cearense Chico Anysio, que o músico teve a oportunidade de conhecer. Também no repertório os chorinhos "Samambaia" (César Camargo Mariano / Hélio Delmiro), "13 de Dezembro" (Luiz Gonzaga), "Língua de Preto" (Horondino Lopes), "Choro Triste" (Aimoré) e "Um Chorinho Pra Ele" (Hermeto Pascoal); as consagradas internacionalmente "Sur Le Ciel de Paris" (Dréjac), "All The Things You Are" (Kern / Harmerstein), "Dizzy Fingers" (Zez Confrey) e "La Dança" (Rossini), os clássicos da MPB como "Nuvens Douradas" (Tom Jobim), "Subindo ao Céu" (Aristides Borges) e "Olha Maria" (Tom Jobim / Chico Buarque / Vinícius de Moraes) e "Elisa" (José de Freitas). De Fábio Girão, amigo conterrâneo também já falecido, Edison Távora registrou "Alma Boêmia".

A única faixa cantada é "Deixa Eu Te Seguir" que é uma parceria de Márcia Távora com Amaro Pena, onde a filha do músico empresta seu criativo talento vocal e faz repetir o velho ditado: "Filho de peixe, peixinho é".

FICHA TÉCNICA

Edison Távora fez a concepção musical, arranjos e regência e tocou todos os instrumentos em "Expressões Digitais": Acordeom Dega (Musette), XP 80 Rolland (Sequencer) e A-90 Rolland, somente na música "Deixa Eu Te Seguir", que é cantada por Márcia Távora. O CD foi registrado em outubro de 1998 no Estúdio Áudio Design pelo técnico de gravação, mixagem e pré-masterização Joaquim Façanha, produzido por Afonso Ângelo da C. Ribeiro, a arte da capa foi de Laerte Duarte e as fotos de Jaques Araújo.

TRAJETÓRIA DE ÉDISON TÁVORA

A carreira musical de Edison Távora começa aos 15 anos quando ganha de seu pai seu primeiro instrumento, um acordeom, ao qual se dedica, motivado pelo trabalho dos brasileiros Sivuca, Orlando Silveira e Chiquinho do Acordeom, além dos estrangeiros Jô Basile e Art Van Damme.

Em meados dos anos 60, passa a integrar os principais grupos musicais em Fortaleza, época em que se dedica ao contrabaixo, atuando com Maninho (piano) e Ernane (bateria), no Maninho`s Trio, formação muito comum na divulgação da bossa nova.

Com a chegada da década de 70, passou a tocar órgão eletrônico, sendo o primeiro cearense a utilizar esse novo equipamento em Fortaleza, revelando seu talento sozinho, atuando como músico do Palácio da Abolição, sob a supervisão da cerimonialista Ignez Fiuza, nas gestões dos governadores Plácido Castelo e César Cals.

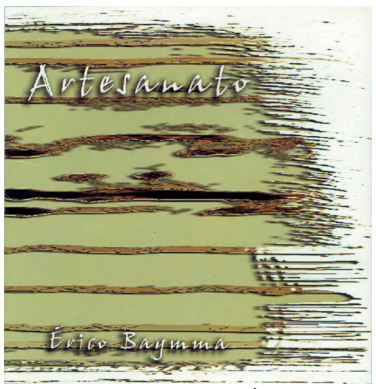
Nessa época participa como músico, ao lado de Manassés, das gravações do antológico LP "Chão Sagrado" da dupla Rodger e Téti. Em 1974 conclui o Curso Superior de Música, pela UFC, quando era diretor o maestro Orlando Leite. No ano seguinte fixa residência em para São Paulo, onde passa a trabalhar gravando e tocando com artistas cearenses e radicados por lá, atuando também como pianista na noite.

Em 1982 retorna a Fortaleza, com temporadas periódicas em *nightclubs* da cidade. Paralelamente, até 88, se torna representante da Casa Milton Pianos, do Rio de Janeiro, quando funda "Minami Musical Center" (Av. Santos Dumont, 2113), especializada em vendas de instrumentos musicais e aulas de teclados eletrônicos.

A partir de 1997, Edison Távora dedica-se outra vez ao acordeom, com o objetivo de elevar novamente o prestígio do instrumento, tendo em vista o baque sofrido em virtude do seu mau uso por pessoas inexperientes. Em dezembro de 1998 grava o CD "Expressões Digitais", onde incluiu músicas de sua autoria e de autores consagrados no Brasil e no mundo. Nele colocou músicas de "Bom Gosto" (título no novo projeto) que tem vários estilos musicais como a bossa nova, o choro, o bolero, a valsa, o samba, entre outros, em que espera contar com a adesão dos ouvintes de sensibilidade artística do Ceará e do Brasil.

ÉRICO BAYMMA – CD "ARTESANATO" – 1997

O cantor, compositor e instrumentista mineiro, radicado em Fortaleza, Érico Baymma é formado em administração de empresas, profissão que utiliza também, para facilitar a sua atividade artística. É intérprete e criador de suas canções, músico (piano e violão), autodidata (e lida com outras formas de expressão artística também). Assim sendo, faz dois trabalhos paralelos, instrumental e vocal.



Capa do disco "Artesanato" – Érico Baymma, 1997 (Independente – CD)

Gravou um disco instrumental, feito em casa, em MD (com ótimos resultados sonoros), onde fez tudo (de gravação à arte final do disco), chamado "Artesanato" – por isso o título – (indicado para o prêmio Sharp 1998) e ótima recepção da crítica em Fortaleza.

Lançou outro instrumental ainda de 2001, utilizando gravação em casa e mixagem em computador (faixa por faixa e overdubs e efeitos etc), um tanto mais elaborado que o primeiro.

Por gostar muito da música do grupo mineiro Uakti, Philip Glass, Peter Gabriel, Jan Garbarek e alguns outros – na área instrumental – Érico Baymma faz uma música em que mescla o minimalismo com alguns elementos do regionalismo nordestino, estes presentes mais em seu futuro segundo disco.

Na área vocal, trabalha com elementos da bossa nova e MPB, em geral. O compositor pretende ainda fazer uma nova tiragem de sua estreia instrumental, agora com uma faixa multimídia em vídeo, a ser ainda produzido.

Em "Artesanato", cujo título foi dado como homenagem aos artesãos de todos os tempos, entre os quais Érico Baymma se inclui, o compositor impulsiona sua atmosfera musical, utilizando-se de tecnologias e mostrando os trabalhos marginalmente, numa tentativa de vida à parte da grande indústria fonográfica.

No álbum traz seus temas instrumentais, "Reflexões", "O Trem do Dia", "A Nave", "Os Peixes", "O Mar", "Caça Submarina", "Vênus", "Reflexões II" e "Litoral", esta última em parceria com Carlinhos Crisóstomo além da sua recriação, agora apenas tocada de "Consolança", criação da dupla cearense Eugênio Leandro/ Oswald Barroso.

FICHA TÉCNICA

Érico Baymma: produção, arranjos, execução, gravação, masterização e arte gráfica. Artesanato foi gravado através de overdubs em 2 canais entre 1995 e 1997. Assistente de gravação em "O Trem do Dia" - Cláudio Rôla.

TRAJETÓRIA DE ÉRICO BAYMMA

Érico Baymma faz trilhas sonoras para vídeo e teatro, havendo recebido prêmio de melhor Trilha Sonora Original do Festival de Vídeo de Fortaleza e Destaque do Teatro Cearense, pela Direção Musical de um espetáculo infantil.

Participou do Festival Canta Nordeste, promovido pela Rede Globo com a música "Beco sem saída", em parceria com Glícia Rodrigues, composição gravada por ele com arranjo de Carlinhos Ferreira (sax e teclados), a qual está incluída na coletânea "10 anos - Pessoal do Cais Bar" (um bar que reúne e incentiva grande parte dos nomes atuais da música cearense, entre eles: Aparecida Silvino, Fernando Nery, Issac Cândido, Paulo Façanha e Humberto Pinho, só para citar alguns, todos também presentes com registros no CD).

Gravou no disco "Outra Esquina", de Felipe Cordeiro, sua parceria com ele chamada "Qualquer dia", em que Érico Baymma canta e na qual tocaram músicos como Jorge Helder (baixo acústico), Nivaldo Ornelas (sax soprano), Adelson Viana (teclados), Pantico Rocha (bateria) e Tim Fonteles (violão e arranjo).

No final do ano 2000 registrou uma variação de "Round Midnight", com versão do poeta cearense Alano Freitas e participação de nosso grande baixista Aroldo Araújo, além de "Hoje o porre é uma canção", arranjos e baixo do Aroldo e percussão de Otto Júnior.

Érico Baymma fez apresentações em São Paulo, Rio e EUA, percorrendo New England, em curta temporada, incluindo participação na Feira anual de Sunapee Crafts, representando o Brasil. Tem projetos e já começando a produção de um disco vocal, com interpretações e músicas próprias.

Trabalha com masterização sonora, artes gráficas (fez a capa de CDs de pessoas e grupos como Marcílio Homem, Nélio Costa, Coral do DCE-UFC etc). Também dá aulas de softwares de edição sonora (Soundforge) e midi (Cakewalk).

Dispõe de algumas faixas em mp3 nos sites:

Beco sem saída: http://mp3.musicmatch.com/artists/artists.cgi?id=3010

Reflexões:http://mp3.musicmatch.com/artists/artists.cgi?id=3670
Diversas: http://www.chadel.com.br/m-musica

EUDES FRAGA – CD "POR TODOS OS CANTOS"

Artista cearense radicado em Belém do Pará, o cantor, músico e compositor Eudes Fraga lançou seu primeiro CD solo em 1994. O álbum já revela seu amadurecimento num trabalho começado uma década antes nos palcos e nos discos do Quinteto Agreste em Fortaleza e também pelo Brasil afora em vários festivais, notadamente nas regiões sul e sudeste.

O próprio Eudes diz da sua estreia individual: "'Por Todos os Cantos' é como o batismo do meu trabalho de compositor e intérprete. É o meu primeiro disco solo. Ele passou por várias oportunidades de acontecer. O importante é que ele chegou no momento mais feliz da minha vida. No ano em que nasceu o meu Tiago. Na gravação deste disco, contei com o profissionalismo dos amigos músicos. Serei sempre grato a Dominguinhos, Pantico Rocha, Fernando Merlino, Geraldo Azevedo, Manassés, Cláudio Nucci, Roberto Stepherson, Jaques Morelembaum, Carlinhos Patriolino, Marcos Cunha, Johnson Joanesburg, Marcelo Mariano, Marco Lobo, Fernando Carvalho, Vital Lima, Letícia Carvalho, Marco André e Meire Braga... A jornada não foi nada fácil. Mas Deus me deu a emoção e o coração pra cantar as coisas que eu acredito. E isso sempre foi motivo bastante pra ser feliz com minha música".

O álbum contem 13 canções: duas somente de Eudes, "Meu Molequim", dedicada a seu filho Tiago e "Tô que tô saudade"; oito parcerias, "Por todos os cantos", "Mudando a rima", "Minha cidade", "Puçangueira", "Mestiço", "Baião da Mazé", "Bailarina" e "Espírito dos afogados" divididas com Guaraciara Barros Leal, Arlindo Araújo, Vinícius Brum, Joãzinho Gomes, Rafael Altério, Eduardo Santana, Dudu Falcão e Airtinho Montezuma e três de outros autores, "É assim o meu amor" (Mário Mesquita/Roberto Pinto), "Fragmento azul" (Nilson Chaves e Joãzinho Gomes) e "Hora de Silêncio" (Lauro Maia e Jaime de Carvalho).

Em todas, a agradável voz de Eudes passeia em mensagens singelas de letras bem construídas. Em "Espírito dos afogados" contou com a voz e o vocal de Cláudio Nucci e em "Mestiço" o dueto foi com Geraldo Azevedo.

FICHA TÉCNICA

Eudes Fraga (voz, vocal, violão e arranjos), Pantico Rocha (bateria e arranjo), Marcelo Mariano (baixo e arranjo), Fernando Merlino (piano e arranjo), Roberto Stepherson (sax, flautas, pífano, triângulo e arranjos de cello), Manassés de Souza (viola de doze cordas e arranjo), Marco Lôbo (percussão e arranjo), Fernando Carvalho (violão, viola de doze cordas e arranjo), Johnson Joanesburg (clarineta), Marcos Cunha (baixo e arranjo), Dominguinhos (sanfona), Jaques Morelembaum (cello e arranjo) e Carlinhos Patriolino (bandolim e arranjo).

Produção geral - Eudes Fraga; Gravado no The Cheese Factory Studio (RJ) em novembro de 1993 e outubro de 1994, em 16 canais por Guto Dufrayer, Daniel Cheese, Fernando Carvalho e Eudes Fraga; masterizado no estúdio Pro-Master (RJ) por Denilson Campos; vozes adicionais no M&M Studio (RJ). Produção musical - Eudes Fraga e Fernando Carvalho; produção executiva - Eudes Fraga e Elton Ribeiro; projeto gráfico - Andrey Ohama; arte-final - Eliezer Lima; diagarmação - Giuvan Santos; Fotografias - Fábio Montenegro e Álbum de Família.

OBSERVAÇÕES:

No CD "Por Todos os Cantos" as participações especiais foram de Cláudio Nucci (voz) em "Espírito dos Afogados"; Geraldo Azevedo (voz) em Mestiço" e Dominguinhos (sanfona) em "Baião da Mazé" e "Puçangueira".

Eudes Fraga - Acervo Eudes Fraga

FAUSTO NILO – CD "ESQUINAS DO DESERTO" – 1997

Compositor que a partir do início da década de 70 teve suas primeiras parcerias gravadas, o cearense de Quixeramobim Fausto Nilo contabiliza atualmente mais de 300 registros para sua grande obra. Entre os talentos que emprestaram voz para suas letras, vale ressaltar nomes da importância de Gal Costa, Simone, Maria Bethânia, Lulu Santos, Moraes Moreira, Dominguinhos, Fagner, Ednardo, Téti e Ney Matogrosso, só para citar alguns.

Como dublê de cantor, Fausto Nilo já havia atuado no disco "Soro" (79), dividindo os vocais com Núbia Lafayette, no bolero "Coração Condenado". Ainda no mesmo ano, cantava em dueto no álbum "Melhor que mato verde", do seu conterrâneo e parceiro Petrúcio Maia, a criação da dupla intitulada "Dorothy Lamour".

Em 1997 resolve gravar seu primeiro CD individual, "Esquinas do Deserto", no qual interpreta suas letras mais representativas, frutos de parcerias com Zé Ramalho, Geraldo Azevedo, Nonato Luiz, Lisieux Costa, Graco, Stélio Vale, Fernando Falcão, Fagner, Moraes Moreira e Petrúcio Maia.

O álbum traz uma seleção criteriosa de 14 músicas e entre elas destacam-se "Baião de Rua", "Você se lembra", "Dorothy Lamour", "Lua do Leblon", "Chorando e Cantando", Letras Negras", Pão e Poesia" e "Cidades e Lendas". Todas com a assinatura de letrista que sabe interpretar como ninguém a sua obra.

FICHA TÉCNICA

Fausto Nilo (voz), Manassés (violões, cavaquinho, viola de 12 cordas, sitar e arranjos), Aroldo Araújo (baixo), Adelson Viana (teclados e acordeom), Luizinho Duarte (bateria, violões de 6 e 7 cordas, pandeiro e arranjo), Nilton Fiore e Mingo Araújo (percussões), Áurea Regina (harmônica e flauta), Carlinhos Ferreira (saxofone e clarinete), Cristiano Pinho (violão, guitarra e arranjos), Antônio José Forte (piano e arranjos), Jorge Cardoso (bandolim), Zivaldo (violão e arranjo), Beto Porto (flauta), Moraes Moreira (violão e arranjo) e Waldonis (acordeom).

Fausto Nilo - produção e direção artística; Manassés - direção musical; produção executiva - Amaro Pena; técnicos de gravação - Eric Matos, Airton Montezuma; mixagem - Guilherme Reis; design gráfico - Ruth Freihof; assistente de design gráfico - Luciana Perpétuo; fotos - Gentil Barreira. Gravado no Planeta Studio, Fortaleza, e mixado no estúdio Discover, Rio de Janeiro.

OBSERVAÇÕES

Fausto Nilo, que também atua na área de arquitetura, é autor, dentre outras obras no Ceará, do projeto do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

GRUPO ESPERANDO A FEIJOADA – CD "ESPERANDO A FEIJOADA" – 1998

Inspirado no título de uma música do mineiro Paulinho Pedra Azul o regional cearense Esperando a Feijoada atua desde o início da década de 90 constantemente nas rodas de choro em Fortaleza. Em seu primeiro CD o grupo traz para o estúdio o mesmo ar boêmio das tardes de sábado, no Cais Bar na Praia de Iracema. No álbum estão os maiores sucessos de quatro dos grandes nomes do choro: Ernesto Nazareth, Jacob do Bandolim, Pixinguinha e Waldir Azevedo.

São trinta e duas composições, ao longo de dezesseis faixas, que praticamente contam a histórias desse ritmo tipicamente brasileiro. Alegria rítmica e eterno saudosismo em interpretações impecáveis que aliam vigorosa técnica e apaixonante expressividade, com destaque também para as passagens (emendas), nos pot-pourrits, entre uma música e outra.

FICHA TÉCNICA

Tarcísio Sardinha (arranjos, direção musical, violão seis cordas e cavaquinho), Macaúba (bandolim), Pedro Ventura (violão sete cordas), Mário Carneiro (flauta), Pardal (cavaquinho), Gildo (pandeiro) e Roberto Carioca (surdo). Participações especiais de Beto Porto (flauta) e Fernando Mourão (tamborim). Gravado entre os meses de abril e novembro de 1997 no Estúdio Iracema, em Fortaleza e produzido por Cais Produções Musicais. Produtores - Roberto Flávio e Joaquim Ernesto; técnico de gravação - Joaquim Saldanha; Assistente de gravação - Bernardo Arturo; mixagem - Joaquim Saldanha e Tarcísio Sardinha; masterização - Érico Baymma; layout - Henrique Baymma e Ricardo de Avelar; fotos - Jaques Antunes e caricaturas - Valber Banevides.

ORIGENS DO CHORO

A criatividade e o talento do músico brasileiro transformaram a polca, gênero dançante de origem francesa, num dos ritmos mais representativos da nossa cultura musical popular, o chorinho. Especula-se que tudo teve início a partir da maneira "chorosa" de se tocar a flauta nas serestas. O "chorão" era o músico de rua, o seresteiro boêmio, que interpretava o saudosismo melancólico e o sentimentalismo. Posteriormente, com a substituição dos metais – típicos das orquestras de polca – pelas cordas, o choro foi adquirindo um surpreendente virtuosismo, num andamento alegre e ligeiro.

Capa do disco "Esperando a Feijoada" – Grupo Esperando a Feijoada, 1998 (Independente – CD)

GRUPO MIRA IRA – CD "MÚSICA FOLCLÓRICA CEARENSE - ISPINHO E FULÔ" – 1999

O primeiro álbum do Grupo Mira Ira – Música Folclórica Cearense - Ispinho e Fulô, do IFCE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, é um verdadeiro panorama sonoro da cultura popular alencarina, além de ser uma prova concreta da resistência aos que apostam nos produtos musicais industrializados.

A professora Lourdes Macena apresenta o disco: "'Ispinho e Fulô' é um CD que contém a música do homem simples cearense. Fala dos seus costumes, cantos, encantos, danças e dores. 'Ispinho e Fulô' nasceu da nossa sede de conhecimento sobre a cultura popular do nosso povo. 'Ispinho e Fulô' é o universo da vida do homem simples e seus vários momentos e maneiras, criadas pela sua espontaneidade na busca da resolução dos seus problemas cotidianos. 'Ispinho e Fulô' fala do cearense que somos – naturalmente – sem a educação global e formal da escola. Fala daquilo que aprendemos em casa, no meio familiar, e que nos torna inconfundíveis. Fala do nosso cheiro local. Nós, do Mira Ira, buscamos conhecer para respeitar, amar e preservar. O IFCE nos dá esse espaço na tentativa de ter um profissional mais humano e consciente de sua verdadeira brasilidade. Nós, do Mira Ira, nos inspiramos na poesia 'Ispinho e Fulô', de Patativa do Assaré, para fazer esse momento de cantar o popular e a vida do homem simples. Fizemos isto, talvez para nos aproximar um pouco mais do universo sensível deste homem que é Patativa do Assaré, que nos orgulhamos de conhecer e ter como cearense. Nestes 17 anos de trabalho, nós do Mira Ira convivemos com muitos e muitos 'ispinhos', porém também colhemos muitas 'fulô'. Buscando entender e sentir sua música e sua dança, nos envolvemos cada vez mais com sua forma de viver, descobrindo o povo que somos. 'Ispinho e Fulô' vem para provar a insensatez da colocação 'o Ceará, infelizmente, não é tão rico culturalmente quanto este ou aquele estado'. Na verdade, grande é a ignorância de tantos intelectuais que se dizem cultos e desconhecem totalmente o que realmente representa o nosso povo. Infelizmente, muitos destes ocupam pastas governamentais, prejudicando com sua ignorância o desenvolvimento do Folclore e Turismo cultural do nosso estado. 'Ispinho e Fulô' tenta trazer isto para você também. Este envolvimento com aquilo que nos é de direito e natural e que negamos a toda hora, para tornar possível ser cantado por nossas crianças para que nos sirva de identidade neste mundo globalizado em que vivemos. 'Ispinho e Fulô' tenta sensibilizar você, principalmente com a realidade do povo do interior que nós da capital, às vezes, sem querer, tentamos esquecer".

FICHA TÉCNICA

Nonato Cordeiro (voz, sanfona e arranjos), Carlinhos Crisóstomo (voz, violão, bandolim, cavaquinho, ganzá, caixote, zabumba e arranjos), Edneymar (cavaquinho), Josemberto (triângulo e zabumba), Marcelo Leite (flautas - doce e transversal), Daniel Ruoso (voz e rabeca), Érica, Isabelle de Morais, Lourdes Macena, Henriete, Margarida, Ana Paula, Shirley, Castro Segundo e Alexandre (vozes). Direção geral - Lourdes Macena; produção -[IFCE] (instituição, funcionários e grupo); pesquisa e seleção musical - Lourdes Macena; direção musical - Nonato Cordeiro e Carlinhos Crisóstomo; técnico de gravação - Carlinhos

Crisóstomo - Fermata Estúdio, em Fortaleza. Mixagem e masterização - Tim Fonteles; capa e fotografia - Francisco Costa; projeto gráfico - Yone Saraiva; digitação - William Macau.

INTOCÁVEIS PUTZ BAND – 1999

Imagine uma banda que se enquadra no perfil do pop com pitadas de rock com uma mensagem carregada de muito humor e escracho tão característicos dos cearenses. Assim é a Intocáveis Putz Band que em seu disco de estréia inclui as criações de seus colaboradores, "Rapariguinhas do bairro", "Mulher", "Elizabeth & Flávia", "AA Alcoólatra", "Prefácio", "Manifesto Neo-Maxista Liberal", "Sexy sou", "Ovo Virado", "Meu nome é Mário" e "Severina", além de "Canto Bregoriano", do brega star Falcão em parceria com o conterrâneo Tarcísio Matos.

Com sua voz privilegiada de recursos personalíssimos, a cantora Karine Alexandrino é o grande destaque da Intocáveis Putz Band, tanto que, sempre é convidada para participar de discos outros artistas. O CD "A Arte Menor de Intocáveis Putz Band" tem quatro capas diferentes e no encarte uma história de foto/quadrinhos e a íntegra dos 30 artigos do Manifesto Neo-Maxista.

FICHA TÉCNICA

Toinho Martin (voz, despertador, bateria, violão, vocais), Karine Alexandrino (voz, locução e vocais), Flávio Rangel (voz e guitarras), Emílio Schlaepfer (baixo), Cláudio Gurgel (teclados), Pantico Rocha (bateria), João Netto (sinos), Fabiana e Luciana Paim (vocais), Márcio Roger (guitarra solo), Tim Fonteles (guitarra base e programação), Denilson Lopes (bateria), Grupo Vocal Das Águas, Ricardo Kelmer (voz), Jabuti (violões), Moacir Bedê (guitarra), Marcus Vinnie (teclados), Ruthemberg de Brito (guitarras) Rossé Sabadia (voz) e Seu Manel do Ferro Dentro (voz e percussão peitoral).

Direção - Toinho Martin e Karine Alexandrino; produção - Toinho Martin e Airton Montezuma; gravação - Planeta Studio por Josiel "Cabeça", Tim Fonteles e Airton Montezuma; mixagem - Pro Áudio - Jeovar Maia, Airton Montezuma, Tim Fonteles e Toinho Martin; masterização - Pro Áudio - Airton montezuma e Luís Wagner, todos em Fortaleza.

BANDA CABAÇAL DOS IRMÃOS ANICETO – CD "IRMÃOS ANICETO" – 1999

Álbum de estreia do conjunto instrumental/vocal cearense do Crato, o qual une pífanos, zabumba, caixa e prato a voz em 24 faixas de 65min38seg de duração, numa celebração sonora passada de pai para filho de algumas gerações, o CD Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto inaugura a Coleção Memória do Povo Cearense Volume I.

O álbum é apresentado pelo pesquisador popular e cineasta Rosemberg Cariry: "'Irmãos Aniceto - O Ceará Profundo' - Os irmãos Anicetos formam o mais importante grupo musical, de origem

Capa do disco "Irmãos Aniceto" – Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto, 1999 (Independente – CD)

popular, do Ceará. São descendentes dos índios Cariri, aldeados na antiga Missão do Miranda, pelos frades italianos da ordem dos Capuchinhos. Os índios Cariri eram tidos como excelentes músicos e improvisadores e, para muitos estudiosos, essa seria uma explicação para a diversidade e a riqueza musical da região. A banda de Pífano ou de Zabumba, ou ainda Banda Cabaçal, mescla as tradições indígenas originais com as influências afro-brasileiras e europeias. O nome popular pife vem do italiano *piffero*. As antigas bandas, como ainda hoje acontece nos sertões de Canudos, usavam flautas diretas para a dança do Torê.

Segundo Baptista Siqueira, no livro 'Os Cariris do Nordeste', a flauta vertical era um símbolo de masculinidade, sendo proibida para as mulheres. Só posteriormente, com a presença dos religiosos na missão e nos alardeamentos, é que as flautas verticais, desencantadas dos antigos mistérios, transformaram-se nas atuais flautas ou pifes transversais. O sagrado tornou-se profano e, em sua função, a Banda Cabaçal tanto toca nas festas religiosas, como anima os forrós e as festas populares, adquirindo, assim, a graça da alegria e da intenção erótica. Não é por acaso que em Alagoas esse tipo de conjunto é conhecido pelo sugestivo nome de Esquenta Muié.

Quando eu realizava o filme-documentário 'Irmãos Anicetos – Pífanos e Zabumbas', na cidade do Crato, no ano de 1987, entrevistei o velho mestre Chico Aniceto. Perguntei-lhe pela origem da banda e ele, muito sério, respondeu-me: 'A Banda Cabaçal vem desde a criação do mundo. Você já viu o retrato do Descobrimento do brasil? Pois bem, pode reparar direito que lá tem uma banda de música dos índios tocando'. Ao seu modo, o mestre Chico afirmava a antiguidade e a origem indígena da Banda Cabaçal.

Muitas das músicas dos Anicetos são reminiscências de antigas danças sagradas e rituais totêmicos dos índios Cariri: o Caboré, a Acauã, o Cururu, etc.. O mesmo Chico, em sua sabedoria, gostava também de dizer que a sua Banda Cabaçal tinha nascido da cultura: da cultura do algodão, da cultura do milho, da cultura da cana de açúcar... Da cultura da terra, da agricultura. Mas enganaram-se os que pensam que os Irmãos Anicetos são apenas um grupo folclórico a repetir as tradições. Não. Trata-se de artistas de intensa criatividade, sempre no trabalho de reelaboração da herança coletiva.

Esse grupo, onde a música e a dança se harmonizam em elaborada manifestação estética, tem características profundamente brasileiras e deita as suas raízes nas profundezas da alma do povo do Ceará. Os Anicetos, em suas apresentações, vêm fascinando os mais diferentes públicos, populares e eruditos, jovens e velhos, por todo o Brasil. A música/dança dos Anicetos, pela beleza e profundidade, rompe a camisa de força do original e insere-se em um contexto de universalidade e de contemporaneidade.

Encontramos, assim, esse grupo trabalhando com a genialidade de Hermeto Pascoal, com o free-jazz internacional de Ivo Perelman, com a renovação musical/nordestina do Quinteto Violado e com dezenas de outros músicos brasileiros. A música dos Anicetos, não me canso de dizer, representa uma base sólida, a partir da qual pode surgir uma renovação da música pop cearense, capaz de tornar-se uma presença forte no cenário nacional".

FICHA TÉCNICA

João José da Silva (zabumba), Antônio José Lourenço da Silva (pífano e voz), Raimundo José da Silva (pífano), Benedito Gomes de Souza (caixa) e Cícero dos Santos Silva (pratos).

ISAAC CÂNDIDO – CD "ISAAC CÂNDIDO" – 1999

Primeiro CD do cantor, compositor e músico cearense Isaac Cândido que traz um material gráfico de alto nível, apesar de ser um lançamento alternativo. O material artístico também não fica atrás e reúne a fina flor da música dos que residem em Fortaleza, como também alguns talentos reconhecidos no Brasil inteiro.

A voz pessoal de Isaac, aliada ao auxílio luxuoso dos arranjos e as *performances* dos instrumentistas, resultam num trabalho de alto nível para a moderna música popular brasileira.

FICHA TÉCNICA

Isaac Cândido (voz e violão), Adelson Viana (acordeom, arranjos e teclados), Arismar do Espírito Santo (baixo), Pantico Rocha (bateria), Cristiano Pinho (guitarras), Márcio Resende (sax e flauta), Nilton Fiore, Hoto Júnior, Mingo Araújo e Alex Holanda (percussões), Marcílio Homem (violão e arranjo), Jorge Cardoso (violão de 7 cordas e bandolim), Gerônimo Neto (baixo), Carlinhos Patriolino (bandolim), Luizinho Duarte (violão 7 cordas), Tarcísio Sardinha (violão e cavaquinho), Marcus Melo (percussões e efeitos), Manassés (violões de aço e arranjo), Luiz Miguel (baixo), Denilson Lopes (bateria), Marcelo Randemarck (baixo), Aldemir Rocha (guitarras) e Liduíno Pitombeira (piano, baixo e arranjos).

OUTRAS PARTICIPAÇÕES

O CD de estreia de Isaac Cândido tem as participações especiais da cantora Andréa Rincon que dividiu os vocais com ele em "Descontrole"; o ex-Boca Livre Cláudio Nucci que cantou em dueto com Isaac em "Segredo" e o Coral Infantil do Colégio Nossa Senhora das Graças que fez os vocais na música "Bicicleta", sob a regência do maestro Erwin Schader.

Isaac Cândido – Acervo Isaac Cândido

JORGE CARDOSO – CD "SOM DE BANDOLIM" – 1996

A estreia em disco do bandolinista, compositor e arranjador, nascido no Rio de Janeiro e criado e radicado em Fortaleza, Jorge Cardoso, já revela o talento de um artista pronto para ter seu trabalho nivelado aos grandes nomes do choro brasileiro atual. Seu "Som de Bandolim" traz suas próprias composições "Gingando no Choro", "Modulado", "Uma Rosa para ela", "Trocadilhando", "Impressões Digitais", "Perna de Alicate" e "Minha Terra" numa atmosfera que nos remete ao samba-choro, valsa, baião, provando sua versatilidade em escrever música, com predominância para o choro, gênero de maior identificação como artista.

Além delas, suas inclinações para executar com maestria, ao lado de um competente regional, clássicos consagrados da MPB como "Quanto dói uma Saudade", de Aníbal Augusto Sardinha, o Garoto; "Espinha de Bacalhau", de Severino Araújo; "Para eu ser Feliz", de Amador Pinho; "Quando me Lembro", de Luperce Miranda e "Lembranças do Recife", de Rossini Ferreira, todas em perfeita sintonia com criações universais do quilate da valsa "Melancolia Cigana", de Emile Prodoume e o "Moto Perpétuo" de Paganini, a qual tem um criativo arranjo do próprio Jorge Cardoso pautado com o auxílio luxuoso do regional, impulsionando ao movimento do concerto um tempero do mais autêntico estilo de música nacional, o choro.

Sobre o trabalho de Jorge Cardoso, o bandolinista Marcos César, do Conjunto Pernambucano de Choro, escreveu o seguinte: "Além de virtuoso no bandolim, Jorge Cardoso é também compositor e profundo conhecedor da Música Popular Brasileira instrumental, que há muito vem pesquisando e cultivando. Poucos são os instrumentistas brasileiros que executam as músicas de Luperce Miranda com tanta perfeição".

FICHA TÉCNICA

Jorge Cardoso (bandolim e arranjos), Maurício Carrilho (violão 6 cordas), José Antônio "Tony" (violão 7 cordas), Luciana Rabello (cavaquinho) e Jorginho (pandeiro). Participações especiais de Paulo Sérgio Santos (clarinete e sax soprano) e João Lyra (viola 12 cordas e triângulo e coco). Produzido por Jorge Cardoso; direção musical - Maurício Carrilho; arregimentação - Elismar Pontes; concepção do projeto - Isaac Cândido e Manoel Guerreiro; coordenação de produção - Sarau Promoções Culturais - Ana Luisa Lima e Andréa Alves; produção executiva - Bete Santana, Felipe de Castro e Glauber Teixeira; gravação - Estúdios Musidisc, Rio de Janeiro em agosto de 1996; técnico de gravação - Nilo Sérgio; mixagem - Nilo Sérgio, Maurício Carrilho e Jorge Cardoso; edição e masterização - Eduardo Monteiro; projeto gráfico - Ruth Freihof; assistente de projeto gráfico - Rafaela Wiedemann - foto - Silvana Marques.

LUCINHA MENEZES – CD "AO VIVO – HOMENAGEM A CARMEN MIRANDA" – 1996

Em seu segundo lançamento fonográfico, a cantora cearense Lucinha Menezes faz uma celebração musical ao fenômeno Carmem Miranda que, embora tenha nascido em Portugal, é reconhecida como a primeira artista brasileira que fez sucesso nos EUA e consequentemente no mundo inteiro.

É o CD "Homenagem a Carmen Miranda" que resgata 26 sucessos da Pequena Notável registrados no momento da emoção maior no palco, ao vivo em janeiro de 1996: "I Like You Very Much", "South American Way", "Good Bye, Boy", "Disseram que eu Voltei Americanizada", "Minha Embaixada Chegou", "Na Baixa do Sapateiro", "No Tabuleiro da Baiana", "Coração", "Eu Queria Ser Ioiô", "O Tique Taque do Meu Coração", "Chica Chica Boom Chic", "Isto é Lá Com Santo Antônio", "Balão que Muito Sobe", "Sonho de Papel", "Chegou a Hora da Fogueira", "Uva de Caminhão", "Burucuntum", "Amor! Amor!", "Eu Dei", "Camisa Listada", "... E o Mundo Não se Acabou", "Adeus Batucada", "Taí (Prá Você Gostar de Mim", "Querido Adão", "Mamãe Eu Quero" e "Cantores de Rádio".

Lucinha Menezes, Teatro São José, foto Cláudia Lima, 1996 – Acervo Lucinha Menezes

O CD "Homenagem A Carmen Miranda" foi gravado ao vivo no Teatro São José, em Fortaleza, e contou com músicos muito competentes: Tony Carlos Maranhão (direção musical, arranjos, voz, vocal e violão), Marco Túlio (violão), Henrique Studart (teclados), Alex e Carlinhos (percussão e vocais), Denilson (bateria) e Jerônimo Neto (baixo), além da participação especial da Banda de Música do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará, que muito abrilhantou o espetáculo, principalmente na atmosfera carnavalesca, tanto no CD, quanto no show que permaneceu por muito tempo com sucesso, tanto de público, quanto de crítica, nos palcos em Fortaleza.

MANASSÉS, NONATO LUIZ E WALDONYS – CD "AO VIVO NO THEATRO JOSÉ DE ALENCAR" – 1998

Como tentar definir a criatividade de três cearenses virtuoses do instrumento do nível de Manassés (viola de 12 cordas), Nonato Luiz (violão) e Waldonys (acordeom) quando se reúnem para tocar um repertório decidido por eles como seus temas preferidos. Agora imagine também o registro de tudo isso no momento da emoção maior, isto é, "Ao Vivo" com o calor dos aplausos da plateia e com a acústica do Theatro José de Alencar, em Fortaleza.

Tudo isso está gravado no CD "Filhos do Solo" que na definição do poeta e letrista Ricardo Alcântara, diz: "Enquanto eles misturaram batuque, Bach e baião, dois anjos velhos abençoam lá no céu o que na música é beleza e comunhão: escutam – Luiz Gonzaga e Maurice Ravel – Manassés, Nonato Luiz e Waldonys revelar que na arte tudo é contraste sem atrito. Quem sabe, sabe que o erudito é popular, no som dos gênios tudo é popular e erudito".

Com o auxílio luxuoso das percussões de Alex Holanda e Mingo Araújo, os três executam clássicos como "Algodão" (Luiz Gonzaga/Zé Dantas), "Carioca" (Nonato Luiz), "Lamento Sertanejo" (Dominguinhos / Gilberto Gil) e o medley com "Ponta de Areia / San Vicente" (Milton Nascimento / Fernando Brant).

Waldonys empresta seu talento no acordeom para "Skerzo" (tradicional Italiano) e Nonato Luiz toca violão no *pot-pourri* "Sons de Carrilhões" (João Pernambuco) / "Xangô" (Nonato Luiz) / "Berimbau" (Baden Powell/Vinícius de Moraes) e em "Aquarela do Brasil" (Ary Barroso), e os dois juntos atuam juntos num trecho erudito de Beethoven intitulado por eles de "Quinta Fragmentada", que tem um belo arranjo de Waldonys.

Manassés executa sua viola de 12 cordas na sua criação "Passeio de Ônibus" e na suíte nordestina com tempero clássico que traz "Mulher Rendeira" (folclore) / "Asa Branca" (Luiz Gonzaga / Humberto Teixeira) / "A Volta da Asa Branca" (Luiz Gonzaga / Zé Dantas) / "Bolero" (Maurice Ravel).

Em ambas, o criativo arranjo de Manassés em perfeita sintonia com a percussão de Mingo Araújo. São mais de setenta minutos de uma viagem musical com três talentos nordestinos e suas visões universais de música contemporânea.

MARCÍLIO HOMEM – CD "LEMBRANÇAS" – 1998

Avant premiére individual do violonista, compositor e arranjador cearense Marcílio Homem, artista de uma geração que reside em Fortaleza, a qual também idealiza criações para as cordas e enumera, entre outros, Marcos Maia, Tarcísio Sardinha, Marcos Façanha, Rogério Jales e Marco Túlio.

Marcílio dedilha seus dedos ágeis em cordas certeiras, ora de nylon, ora de aço, em dez temas, quatro deles sozinho e o restante em perfeita sintonia ao lado de vários companheiros de labuta instrumental.

São oito criações do músico que viveu sua infância em Juazeiro do Norte, terra do Padim Ciço e tem inclinações melódicas de Luiz Gonzaga a Beatles, impulsionando um caráter harmônico com tons universais nos seus temas sonoros "Expresso Brasil", "Setembro", "Moça Nua", "Pomar", "Difícil Acesso", "Água do Rio", "Canção Para Enya Lara" e "Lembrança", alem de também nas alheias "Caminho das Índias", de Manassés de Souza, o qual energiza seu violão de 12 cordas com maestria, ao lado de uma competente banda, e "Juazeiro", de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, numa sutil versão de Marcílio somente com o seu instrumento.

Para ele, seu álbum solo representa um pedaço de sua existência: "Todos os temas neste disco são símbolos de lembranças marcantes que ressoam todos os dias na acústica da minha memória... Sonoridades que rebuscam a saudade de lugares, amigos, amores e acontecimentos inesquecíveis, assim como uma viagem... nas trilhas do pensamento". É ouvir e descobrir a arte de Marcílio Homem.

Capa do disco "Lembranças" – Marcílio Homem, 1998 (Independente – CD)

FICHA TÉCNICA

Marcílio Homem (violões de nylon e aço e arranjos), Tony Maranhão (teclados), Aroldo Araújo e Ricardo Leite (baixos), Evilásio Bilas e Hoto Júnior (percussões), Luizinho Duarte e Ricardo Pontes (baterias), Manassés de Souza (violão de 12 cordas), Eugênio Matos (teclados) e Ocelo Mendonça (cello). Produção e direção musical - Marcílio Homem; Gravado, mixado e masterizado no Pró Áudio Studio, 32 canais em Fortaleza entre os meses de agosto/96 e novembro/97; técnico de gravação - Hamilton Silva; mixagem - Marcílio Homem, Wagner e Jeová. Fotos - Ricardo Damito; produção gráfica - Érico Baymma e Óleo sobre tela da capa, do artista plástico J. Stélio.

MARCOS MAIA – CD "CICLOS" – 1998

O disco de estreia do violonista, compositor e arranjador cearense Marcos Maia revela uma vertente da nova geração de músicos que criam para o instrumento, como também fazem entre outros Marcílio Homem, Marco Túlio, Rogério Jales e Marcos Façanha. Dos 14 temas de "Ciclos" uma dúzia é de autoria de Marcos Maia, "Tosco", "Amor de mãe", "Temarina", "Sem choro", "Andaluzes", "Do baião", "Samboso", "Tanguito", "Navio Negreiro", "Estudo cíclico Nº 1", "Quartzo verde" e "Ciclos", outro em parceria com Júlio Serra, "A espera" e um composto pelo amigo de arte, Cristiano Pinho, a música "Pinho".

Pelos títulos das composições podemos imaginar a sonoridade que nos oferece o violonista que também contou com outros músicos, em quatro faixas. Mesmo assim, seu instrumento sempre é o fio condutor de tudo. Sobre seu trabalho ele mesmo afirmou,"... Soam as notas musicais naturais, brilham as cores do arco-íris, passam-se os dias da semana... 'Perdoai até setenta vez sete!' ... Santíssima trindade, elementos naturais: união entre Céu e Terra... Compassos ternários, ternos compassos, valsas 3/4, retratos 3x4... Soam as notas musicais cromáticas, apóstolos a postos, passam-se os meses do ano... movimento pendular, posição de repouso, extremos, intervalos de segundas... Ciclos! A cada sete anos o homem se recicla".

Além de instrumentista, compositor e arranjador, Marcos Maia também é professor do curso de música da de música da Universidade Estadual do Ceará.

FICHA TÉCNICA

Marcos Maia (violão, concepção, composições, arranjos e direção musical), Adriano Azevedo (bateria), Pedro Ortale (baixo elétrico), Carlos Alberto (cello), Nélio Barros (baixo elétrico) e Rogério Jales, Marcos Nunes e Weber dos Anjos (violões). Gravado por Victor de Campos no Vox Studio; técnico - Felipe Campos; Up'Arte Studio; técnico - Jeovar Maia; mixado por Victor de Campos e Marcos Maia no Vox Studio; pré-masterizado por Victor de Campos, assistente de estúdio - Felipe Campos; masterizado por Marcílio Mendonça no Pró-Audio Studio, todos em Fortaleza entre fevereiro e julho de 1998. Gráfico da capa - "Um Atrator Estranho", solução de uma equação diferencial não linear, gentilmente cedido pelo Professor Maurício Matos do Departamento de Física da UFC. Foto - Júlio Serra e arte gráfica de Danilo de Carvalho.

MARTA AURÉLIA – CD "SÍNTESE" – 1999

A estreia solo da cantora e compositora cearense Marta Aurélia, seu CD "Síntese", mais uma vez reafirma seu talento de intérprete de voz refinada com repertório de extremo bom gosto. Atuando também como atriz, com um trabalho reconhecido e premiado em várias mostras de cinema e teatro, a também locutora da Rádio Universitária e produtora de "Por uma Cultura de Paz", no ano de 2000 também obteve ótima repercussão pela sua atuação no filme "Milagre em Juazeiro", a qual lhe rendeu o prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante no Festival de Brasília.

Capa do disco "Síntese" – Marta Aurélia, 1999 (Independente – CD)

Com toda essa bagagem cultural, Marta Aurélia faz também sua "Síntese" musical, depois de emprestar seu talento vocal em álbuns alheios e também participar de shows individuais e coletivos, esses, com destaque para o "Estritamente Feminino", realizado com outras "canárias" dos trinados de Lúcia Menezes, Lily Alcalay, Cristina Francescutti, Késia, Ana Fonteles e Cristiane Gomtos.

No disco inaugura suas composições "Rastro", "Íntima", "Harbans" e "Sincronicidade", grava as inéditas "Onde seja" (Lily Alcalay) e "Tambor da madrugada" (Flávio Paiva / Anna Torres) e tatua sua impressão musical em regravações para "Cavalo Ferro" (Fagner / Ricardo Bezerra), "Um Qualquer" (Kátia Freitas), "O ano passado que vem" (Paulinho Moska) , "Tudo vale a pena" (Pedro Luís / Fernanda Abreu) e "Síntese" (Flávio Paiva / Rogério Soares / Geo Benjamim.

Nesta última, faixa título do CD, no álbum vem com três versões. Marta Aurélia, mística por natureza, imprime essa sua virtude na sua criação "Harbans", homenagem a uma autoridade no assunto, o indiano radicado em Fortaleza, Harbans Lal Arora e também quando convida a cantora Laura Finocchiaro que adapta sua voz em "Síntese", para incluir na composição o "Mantra de Zambala (Divindade da prosperidade)". Esse presente da cantora e compositora gaúcha tem como fonte um texto preparado pelo Centro de Dharma Shi de Choe Tsog (São João da Boa Vista/SP) para retiro com Lama Michel Rimpochè.

FICHA TÉCNICA

Marta Aurélia (voz), Gerardo Gondim (guitarra, violões de 6 e 12 cordas e arranjos), Luiz Miguel (baixo), Herlon Robson (teclados, sequencer, sampler, produção e arranjo), Denilson Lopes (bateria), Ed Júnior (baixo e arranjos), Adelson Viana e Marcus Vinícius (teclados), José Carlos Barbosa (trumpetes), Aldemir Rocha e Dionísio Filho (guitarras), Nilton Fiore e Hoto Júnior (percussões), Márcio Resende (sax), Ruthemberg de Brito (guitarra wah-wah) e DJ Sílvio de Paula (produção, sampler e sequencer).

Concepção, produção artística e direção geral - Marta Aurélia; produção executiva - Modo Maior; direção musical e produção - Gerardo Gondim, Herlon Robson e Ed Júnior; ponte musical - Gerardo Gondim; gravado e mixado em 1999 no Estúdio Olho D'água - Fortaleza; direção de estúdio - Manassés de Souza; técnico de gravação e mixagem - Luiz Miguel; assistente de gravação - Daniel Alencar; assistente de produção - Moésio de Souza; secretária - Neyliana Alcântara; masterização - Ricardo Garcia, Rio de Janeiro.

Gravações adicionais do estúdio Herlon Robson (guitarra e violão de "O ano passado que vem"; guitarra, percussão e trumpete de "Sincronicidade" e todos os teclados); no estúdio do DJ Sílvio de Paula (guitarras, sequencer, sampler e edição dos remixes de "Síntese") e no Vila Estúdio (computador em "Onde Seja"). Projeto gráfico - Sérgio Helle; fotografia - Tibico Brasil; maquiagem - Braguinha; cabelo - Marquinhos Salão de Beleza; estúdio - Galba Sandras; e figurino - Hipólito Marinho.

Marta Aurélia, Faculdade de Direito, 1983 (Acervo Pingo de Fortaleza)

GRAVAÇÕES ANTERIORES

Antes do seu primeiro CD solo, Marta Aurélia já havia gravado em discos alheios. Seu primeiro registro foi em "Desafio" (1990), elepê de estreia do cantor Acauã, onde dividiu o vocal na faixa "Flor sertaneja". Em 1993 interpretou o bolero "Clandestinos olhos", poesia de Franzé Rodrigues, no CD "Pingo de Fortaleza Ao Vivo", gravado no Theatro José de Alencar. No ano seguinte registrou "Baião na Manchete", no CD "Rolimã" de Flávio Paiva. Em 1996, participou do disco coletivo "No Ceará é assim" cantando a música "Nova Ilusão", do conterrâneo compositor, multi-instrumentista, arranjador e maestro radicado no Rio de Janeiro, Zé Menezes, em parceria com o letrista Luiz Bittencourt.

MARUÇA – CD "UTUKUTU" 1999/2000

A cantora cearense Maruça, radicada desde 1992 na Itália, grava seu primeiro álbum intitulado "Utukutu". O disco foi produzido por Radio-Line Edizione Musicali (radioline@libero.it) e a atmosfera sonora brasileira se faz presente em todas as faixas, com pitadas de jazz e *world music*, num repertório que traz desde temas folclóricos nacionais como "Borboleta Pequenina" e "Muriquinho" e, de Cuba/Angola, "Mama Hue", além de criações do quilate de "Baba Alapalá" (Gilberto Gil), "Cantoria" (Chico Cesar), "Serpente Negra" (Itamar Tropicália / Valmir Brito / Gibi Roqui), "Miragem no Porto" (Lenine / Bráulio Tavares / Lula Queiroga), "Magia (Foi Bôto Sinhá)" (Waldemar Henrique / Antonio Tavernard), "Canto de Ossanha" (Baden Powell / Vinícius de Moraes) e "Lágrimas do Sul" (Milton Nascimento / Marco Antônio Guimarães).

Completam o repertório duas composições dos conterrâneos cearenses: "Faceira" (Eugênio Leandro) e "Negra Magia" (Calé Alencar).

Maruça Rodrigues de Lima nasceu em Fortaleza e começou na música estudando viola na Orquestra de Cordas do SESI. Em 1991 faz seu primeiro show intitulado "Mundana" e no ano seguinte é convidada para cantar na Itália na Banda Zuera. Depois de um hiato de três anos para dedicar-se a seu primeiro filho, volta como vocalista da Banda Favela onde se apresenta no circuito musical italiano passando por festivais, feiras, praças, pubs, discotecas e clubes de jazz, entre outros.

FICHA TÉCNICA

Em "Utukutu", Maruça canta e faz vocal, acompanhada por Fabbri Moris (guitarras), L. V. Sound (ritmos e arranjos sequenciados), Valerio Semplici (teclados), Luca Galloni (baixo), Luciano Titi (acordeom) e Anastácia Azevedo, Zezé Fonteles, Ricardo Black e Luca Galoni (vocais).

MONA GADELHA – CD "MONA GADELHA" – 1996

Em seu primeiro disco solo, a cantora e compositora cearense radicada em São Paulo mescla informações musicais com temperos do rock/rhythm and blues e do pop com uma atmosfera essencialmente moderna. Tudo isso se faz presente em suas criações "Cinema Noir", "Cor de sonho", "Ilha", "Identidade secreta", "Sete vidas", "Imagine nós" e "Blues diário", e suas parcerias "Fugitivo" e "Pobre rapaz", ambas com João Alberto e Sérgio Cruz.

Além delas, sua interpretação para "Sinal", do bluseiro paulista Edvaldo Santana, e a recriação para uma conhecida canção do conterrâneo do Pessoal do Ceará, Ednardo, dedicada ao artista plástico alencarino, também radicado em São Paulo, Aldemir Martins, a música "Ingazeiras".

Mona Gadelha é uma artista pronta para deslanchar no cenário da MPB onde já tem obtido espaço na mídia, notadamente no Rio de Janeiro e São Paulo, onde se apresenta com mais regularidade e na sua terra natal, Fortaleza, onde começou no movimento Massafeira Livre no final da década de 70. Sua criação "Cinema Noir", incluída neste CD primeiro foi também lançada na coletânea "A Gema do Novo - Volume 2" da Rádio Musical FM de São Paulo.

FICHA TÉCNICA

Mona Gadelha (voz), Alexandre Fontanetti (violões, guitarras e vocais), Sylvinho Mazzucca (contrabaixo), Bocato (arranjo de metais e trombone), Gerson Galante (saxofone e clarinete), Marcelo Mangabeira (saxofone), Sérgio Della Monica (bateria), Chacalzinho (percussão), Rubens e Beto Nardo (vocais), Marcus Rampazzo (pedal steel e coral sitar), Alexandre Fontanetti (violões, guitarras, programação de bateria e vocais), Fábio Fontanetti (contrabaixo), Aden (guitarra), Paulinho Trompete, Fernando Moura (teclados), Mané Silveira (saxofones), Pete Woolley (contrabaixo acústico), Ruy Motta (bateria), Marcus Ottaviano (guitarra), Paulo Pagotto (órgão), Marcos Otaviano (guitarra), João Cristal (piano).

Produzido por Alexandre Fontanetti; co-produzido por Vladimir F. Ganzerla; gravado e mixado e no Estúdio Camerati (SP) por Vladimir Ganzerla. Piano em "Sinal" gravado no Fruto da Terra (SP) e teclados em "Sete Vidas" e "Pobre Rapaz" gravados no Estúdio República da Música (RJ). "Cinema Noir Remix" produzido por Marden Jam. Assistente de estúdio - Daniel "Lanchinho" Augusto. Masterizado na Cia. de Áudio (SP) por Carlos Freitas e Marcos Eagle. Produção executiva de Rosely Loderllo; projeto gráfico de Marco Antônio Corrêa de Almeida; fotos de Marise Rangel; produção das fotos - Deise Barduche e Joaquim Gomes.

NÉLIO COSTA – CD "DAS ORIGENS" – 1999

Integrante da banda Officina, grupo instrumental participante ativo do movimento musical de Fortaleza na década de 80 revelando para a MPB outros instrumentistas do nível de Cristiano Pinho (guitarra), Eugênio Matos (teclados), Pantico Rocha (bateria), Roberto Stepherson (saxofone) e Ocelo Mendoça (flauta), o baixista cearense Nélio Costa chega a seu primeiro disco solo mostrando maturidade adquirida ao longo de duas décadas de atividade no ramo.

O CD "Origens" foi registrado em dois estúdios: um em Gesenlkirchen, na Alemanha, com amigos das mais diversas nacionalidades, onde o músico desenvolveu seu aprendizado na escola Musikhochchule Koln, e o outro em Fortaleza, impulsionando o caráter melódico/harmônico dos instrumentistas locais. Daí, a universalidade sonora de "Das Origens" que em seus 51 minutos é oxigenado com nove temas de Nélio Costa: A faixa-título, dedicada a Tom Jobim, "Na mistura do swing", "Partes", "Nó partido", "Cantando","Officina", "Transparência", "Será um funk?"e "Teus olhos", esta última dividida com o mano Hugo Barros e Ivan Santos, única cantada, a qual vem na agradável voz de Rosani Reis.

Completa o repertório o clássico de Tom Jobim, "Triste", em que o baixo de seis cordas de Nélio dialoga apenas com a percussão de Renis Mendoza no momento mais acústico do álbum, transmitindo uma emoção de rara beleza. A participação especial fica por conta do conceituado músico do universo jazzístico Paquito D'Rivera que atuou com um solo de clarinete em "Na mistura do swing" e soprando seu sax alto em "Partes".

FICHA TÉCNICA

Nélio Costa (baixos - seis cordas e sem trastes-, bandolim, cavaquinho, violão baixo e teclados adicionais), Cláudio Wilner (bateria), Tobias Drentwett (teclados), Fúlvio Paredes (guitarra e violão), Gabriel Perez (clarinete e flauta), Renis Mendoza, José Luiz e Afonso Garrido (percussões), Lothar von Staa (sax tenor e soprano), Norbert Kupper (bateria), Andreas Lonardoni (baixo slap), Peter Schwatlo (trombone), Thomas Inderka (trompete) todos na Alemanha.

Em Fortaleza: Luizinho Duarte (bateria), Cristiano Pinho (guitarra), Hoto Júnior (percussão), Adelson Viana (piano, sanfona e teclados), Adriano Azevedo (bateria) e Márcio Resende (flauta). Produção - Nélio Costa; coprodução - Klaus Ramma; gravação - Perspective Studios em Geselkirchen, Alemanha por Klaus Ramma e Villa Studio em Fortaleza por Dantas e Adelson Viana; mixado no Perspective Studios por Nélio Costa e Klaus Ramma. Direção musical e arranjos - Nélio Costa e músicos participantes. Fotos - Gláucia Rebouças; arte gráfica - Alexandre Santos e Érico Baymma; e produção executiva - Leonardo Rocha e Valdir Filho.

Capa do disco "Das Origens" – Nélio Costa, 1999 (Independente – CD)

NONATO LUIZ – CD "REFLEXÕES NORDESTINAS" (1989/1997)

20 temas compostos e arranjados pelo talento das cordas afinadas e afiadas do violão do instrumentista e compositor cearense de lavras da Mangabeira, Nonato Luiz. Sobre o disco, o artista disse: "Este álbum representa a própria essência de toda minha vida. Minha Alma, meu corpo, meus sofrimentos, minhas alegrias, meus desejos, minhas loucuras. Tudo e todos estão na minha música. Pelas cordas do meu violão eu falo, eu grito, eu vibro, eu sofro, eu amo, eu sinto, eu peço, eu agradeço. Aqui sou eu, todo, transparente, sincero".

Amplo painel sonoro de quase 60 minutos, que inaugura o projeto "Memória 107", idealizado pelo jornalista e produtor cultural Nelson Augusto e que está tornando possível, agora com a tecnologia do CD, a audição de grandes peças musicais registradas originalmente em LP, bem como gravações inéditas.

Todos os lançamentos terão difusão radiofônica e distribuição, inclusive via internet, contando com o apoio decisivo de todos os canais de divulgação da música alternativa. Mais informações no link do "Memória 107" em nelsons.com.br.

FICHA TÉCNICA

Faixas 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 19, 20 foram gravadas na Alemanha, em 1989 com produção de Ulrich Otto;

Faixas 3, 13, 15, 18 registradas no Planeta Studio, em Fortaleza (CE), Brasil, em 1997 com os técnicos Airton Montezuma e Josiel Cabeça; produção: Nelson Augusto e Jorge Pieiro e engenheiro de som: Airton Montezuma;

Idealização do projeto "Memória 107": Nelson Augusto com direção musical de Nonato Luiz; capa e coordenação gráfica: Henilton Menezes; produção geral: Henilton Menezes; fotografias: Tibico Brasil, Tiago Santana, Celso Oliveira (foto-arquivo Tempo d`Imagens); masterização: Marcílio Mendonça e Airton Montezuma.

TRAJETÓRIA DE NONATO LUIZ

Mais detalhes sobre Nonato Luiz é só acessar nonatoluiz.com.br Sobre o artista, o produtor Henilton Menezes escreveu o seguinte: "Ouvir Nonato Luiz é sentir que a música é um presente divino. Conhecer Nonato é entender que o músico é o canal de criação dessa divindade. Trabalhar com Nonato é aprender que a música e o músico são produtos do mesmo criador".

Nonato Luiz - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 (Acervo SOLAR)

PAULO FAÇANHA – CD "PAULO FAÇANHA" 1996/2001

O cantor, compositor e músico cearense Paulo Façanha começou sua trajetória profissionalmente cantando na noite de Fortaleza aos 17 anos e até hoje ainda é um dos artistas mais atuantes na atividade, sempre divulgando a MPB de qualidade.

Paralelo a isso também já surgiam suas primeiras criações as quais começaram a se destacar em festivais na cidade de Camocim e em Fortaleza, na Universidade Federal do Ceará.

Em Camocim foi finalista em duas oportunidades com "Kuarup", em parceria com Paulo Fraga e "Uma Canção a Mais" feita com Marinho Júnior. Já em Fortaleza conquistou o primeiro lugar e também foi o melhor intérprete do Festival Universitário da Canção, da UFC, de 1993, com "Calabouço", composta com Marcílio Homem e Beto Paiva.

A partir de 1994 começaram seus primeiros registros fonográficos cujos destaques foram os seguintes discos coletivos:

- Pessoal do Cais Bar – "Jericoacoara" (Jonas Marinho Filho);

- D`alma – "Imagem Nua" (Roberto Pinto / Nilo Alves);

- No Ceará é Assim – "Palavra de Amor" (Manassés / Fausto Nilo);

- Marca Carmim – "De Madrugada" (David Duarte / Luciano Cléver);

- Outra Esquina – "Cecy II" (Tim Fonteles / Felipe Cordeiro);

- Tanta Luz – "Tanta Luz" (Manassés / Chico Pio / Olímpio Rocha).

Em 1996 Paulo Façanha gravou e lançou de modo independente seu primeiro disco solo, "Parto" que foi muito bem recebido, tanto pelo público, como pela crítica.

Nele, suas parcerias com Beto Paiva, Paulo Fraga, Arnaldo Oliveira, Marcílio Homem e David Duarte, "Ávido", "Kuarup", "Amor Avesso", "Calabouço" e "Parto" e as alheias "Felt" (Tim Fonteles / Felipe Cordeiro); "Afora" (Eudes Fraga / Airton Montezuma); "Voo Livre" (Manassés / J. Doma); "Faz Favor" (Tim Fonteles / Zezé Fonteles) e "Falso Blasé" (Flávio Venturini / Ronaldo Bastos), esta última inclusive com a participação de Venturini, cedida por ele antes de fazer a sua gravação.

O CD "Parto" está fora de catálogo e o projeto "Memória 107" fez seu lançamento outra vez, no dia 20 junho de 2001, com show do artista no Teatro do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

Além das músicas originais do CD "Parto", o novo lançamento, agora "Paulo Façanha" traz também as músicas que o cantor registrou nos discos dos amigos: "Jericoacoara", "Imagem Nua", "Palavra de Amor", "Cecy II" e "De Madrugada".

FICHA TÉCNICA

Paulo Façanha (voz, violão e vocais), Cristiano Pinho (guitarras e violão aço), Tim Fonteles (baixo, violão e programação de teclados), Ricardo Pontes (bateria), Flávio Venturini (teclados), Gerônimo (baixo), Nilton Fiore (percussão e efeitos), Guto Pontes (piano e voz), Luiz Miguel (baixo), Carlinhos Ferreira (sax alto), Manassés (violas) e Adelson Viana (teclados, piano e voz).

Produção executiva - Paulo Façanha; produção musical - Manassés; arranjos e direção - Tim Fonteles; fotos - Gentil Barreira; projeto gráfico - Andrey Ohama; editoração eletrônica - Giulvan dos Santos; técnico de gravação - Eric Matos; mixagem - Airton Montezuma; auxiliar de mixagem - Tim Fonteles; masterização - Pró Master - Sérgio Murilo – RJ; e gravação e mixagem - Planeta Studio 24 canais Digital - Ceará.

CARREIRA INTERNACIONAL

No segundo semestre de 1999, Paulo Façanha fez uma temporada de seis meses com grande sucesso no México, atuando numa casa noturna que divulga a música popular brasileira de qualidade. Realizou muitos contatos e recebeu convites para atuar em outros espaços culturais, onde pretende voltar outra vez.

Capa do disco "Paulo Façanha" – Paulo Façanha, 1996/2001 (Independente – CD)

PINGO DE FORTALEZA – CD "PINGO DE FORTALEZA AO VIVO" – 1993

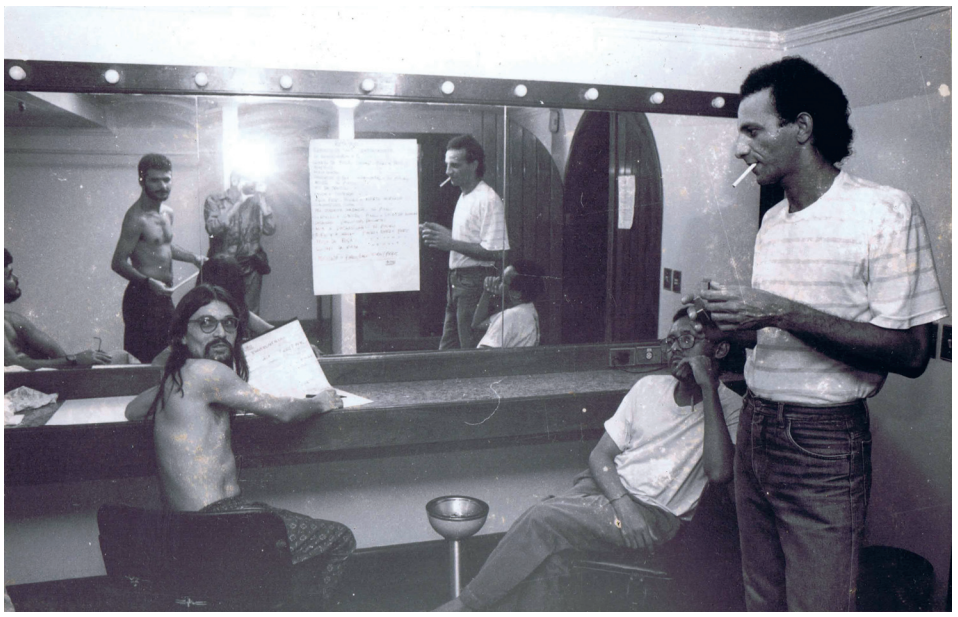
Registro no momento da emoção maior do palco o CD foi gravado no Theatro José de Alencar em Fortaleza nos dias 21 e 22 de maio de 1993 e traz uma coletânea de canções dos discos "Centauros e Canudos", "Lendas e Contendas", "Maculelê" e "Cantares", lançamentos anteriores de Pingo de Fortaleza, todas com uma releitura acústica, sob a agradável atmosfera de violão, vozes e percussões.

FICHA TÉCNICA

Pingo de Fortaleza (voz e violão), Descartes Gadelha e Nilton Fiore (percussões), Marta Aurélia (voz) no bolero "Clandestinos Olhos", Calé Alencar, Fernando Néri e Ricardo Black (vozes) no maracatu "Maculelê" e Teuí Militão (vocal), filho de Pingo de Fortaleza, que estava na plateia do show, em "Guerra de Facão". Produção, direção artística e musical - Pingo de Fortaleza; assistentes de produção - Giordani Carvalho, Ronaldo Cavalcante e Paulo Renato; técnico de gravação e mixagem - Marcílio Mendonça; auxiliar de gravação - Hamilton Silva; som - Carlos Calvet; iluminação - Brasil; projeto gráfico - Viapress Impressão Digital - Márcio Queiroz; e fotos - Jânio Ferreira.

PIONEIRO DAS GRAVAÇÕES AO VIVO

O álbum "Pingo de Fortaleza Ao Vivo" foi o primeiro no gênero do novo formato, em CD, gravado em Fortaleza.



Camarim do show de gravação do disco "Pingo de Fortaleza ao Vivo", Theatro José de Alencar, 1992, foto Jânio Ferreira, da esquerda para a direita: Giordani, Ronaldo Cavalcante, Jânio Ferreira, Pingo de Fortaleza, Fernando Neri (sentado) e Nilton Fiore

PINGO DE FORTALEZA – CD "CANTARES" – 1996

Quarto CD do cantor, compositor e músico Pingo de Fortaleza, lançado em 1996, em que o artista começa a experimentar uma nova sonoridade em sua trajetória fonográfica, aliando modernos teclados eletrônicos, jamais incluídos em seus discos anteriores, "Centauros e Canudos", "Lendas e Contendas" e "Maculelê", às tradicionais percussões e instrumentos acústicos. O resultado foi satisfatório e merece ser ouvido pelos admiradores da música brasileira de qualidade.

FICHA TÉCNICA

Pingo de Fortaleza (voz, violão, viola de 12 e arranjos de base), Tarcísio Lima (violão, arranjos, programação e regência), Marcus Farias (acordeom, teclados e arranjo), Gerônimo Neto (baixo), Descartes Gadelha e Hoto Jr. (percussões), Tony Maranhão (piano, violões, teclados, arranjos e regência) e Nonato Natureza (voz e violão). Produção, direção artística e musical - Pingo de Fortaleza; direção de estúdio - Tarcísio Lima e Tony Maranhão; técnico de mixagem - Marcílio Mendonça; técnicos de gravação - Hamilton silva, Jeovar Maia e Luís Wagner; capa - Descartes Gadelha; 2ª Edição - 1999; editoração eletrônica - Vailton Cruz e composição - Cícero.

OBSERVAÇÕES

As participações especiais ficam por conta de Fernando Néri, que em sua composição "Claves" dividiu os vocais com Pingo de Fortaleza; Nonato Natureza, que cantou e tocou violão na sua "Passarinho", único registro seu; e o Coral Zoada, tendo a frente o regente Elvis Matos, que emprestou suas vozes para "Cantares", " Belo Monte", "Solencanto" ,"A Cor do Meu Amor (Caramelo)" e "Cabumba".

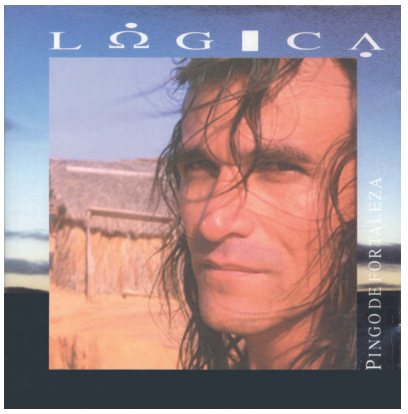
Na época da gravação, março/abril de 1996, o Coral Zoada tinha a seguinte formação: Sopranos - Vádia Tavares, Fabíola Araújo, Janaína Lopes, Liduína Rodrigues e Simone Sousa; Contraltos - Alcione Gadelha, Clarissa de Castro, Sandra Barroso e Sandra Guimarães; Tenores - Alexandre Havt, Erwin Schrader, Gerardo Viana Jr., Marcelo Santos e José Roberto Almeida; e Baixos - Arnaldo Filgueiras, Fábio Mudo, Luiz Carlos Prata e Otacílio de Almeida.

PINGO DE FORTALEZA – CD "LÓGICA" – 1999

Quinto disco do cantor, compositor e músico João Wanderley Roberto Militão, na MPB Pingo de Fortaleza, em que o artista experimenta mais novas sonoridades, apostando definitivamente num caminho mais abrangente de seu trabalho. Ele mesmo define a trajetória:

"Janeiro/Fevereiro de 1999. Assumindo as funções de produtor e diretor artístico do "Lógica", defino o repertório do CD e encontro-me com o amigo Manassés de Sousa, quando decidimos que a gravação será realizada no Estúdio Olho D'Água (Fortaleza/CE) e que ele se encarregará da produção, direção musical e dos arranjos. Nesta ocasião gravo uma fita com os arranjos de base (violão) das canções escolhidas que servirá para audição do diretor musical. Agora já é possível afirmar que o barco está navegando. Março de 1999. Iniciamos as gravações das bases: Manassés no violão, Denilson Lopes na bateria e minha voz guia. Luiz Miguel nosso baixista, assume os trabalhos técnicos da gravação. Consigo espaço para o meu violão nylon em "Niilista" e "Estrela".

Neste mês intensifico as gravações do CD "Instrumental - Pingo de Fortaleza" (outra onda). Abril/Maio - 1999. Viajo para uma pequena turnê na Espanha. O "Lógica" não pára, Manassés coordena os trabalhos no estúdio. Aldemir Rocha coloca as guitarras, Luiz Miguel os baixos, Manassés os violões de aço e midi e Hoto Júnior as percussões. Márcio Resende com seu sax e flauta dá brilho em "Estrela" e "Niilista". De volta ao Brasil decido com Ivan Ferraro fazer as fotos da capa em minha casa no Morro Branco. Descartes Gadelha coloca o ritmo do Maracatu Baobá em "Maracondê" e Nilton Fiore as percussões em "Estrela" e "Niilista". Nosso barco se encontra em alto mar e o destino dessa viagem começa a ser decidido. Junho de 1999. Coloco as vozes definitivas (brinco com o Celular em "Niilista") e Daniel também trabalha conosco como técnico de gravação. Calé Alencar e Dilson Pinheiro participam com suas vozes em "Maracondê". Silvina Ribeiro faz coro em "Filhos do Mar".



Capa do disco "Lógica" – Pingo de Fortaleza, 1999 (Independente – CD)

Chicão, nosso *roadie*, agora está no estúdio, participa e ajuda em tudo. Neyliana, secretária do Olho D'Água encaminha os telefonemas, datas e horários de gravação. Meus amigos Risadinha, Bira e Caboré, da Cia.Terreiro do Brasil do Mestre Samuray, dão ginga com seus berimbaus ao "Coração de Pedra".

Muitos amigos passam no estúdio e tornam a viagem mais animada. Waldonys coloca sutil acordeom em "Caminho de Luz". O "Lógica" apruma o rumo e às vezes se deixa levar pelas correntezas e ventos.

Julho de 1999. Ivan Ferraro inicia o trabalho de programação visual da capa e do encarte do CD, acompanho e dou sugestões. Marcus Vinnie coloca os necessários teclados em "Filhos do Mar", "Estrela do Porto" e "Lógica". Manassés capricha na direção. A viagem flui naturalmente e agora já estamos na reta final. Agosto de 1999. Luiz Miguel mixa o CD no Olho D'Água. Ivan Ferraro se aproxima da finalização da arte gráfica do disco. Lanço o CD "Instrumental - Pingo de Fortaleza", produzido paralelamente. Avistamos terra firme, a viagem está chegando ao fim. Setembro de 1999. Decidimos masterizar o CD no Olho D'Água. Luiz Miguel dirige os trabalhos ao lado de Ivan Ferraro. Manassés acompanha tudo atenciosamente e opina. Finalizamos a capa e o encarte do CD. Escolho a ordem das canções e "queimamos" o master do "Lógica"... Agora é só imprimir a capa e fabricar o CD. Lembro-me de uma frase de Euclides da Cunha: "Uma viagem se começa a fazer quando se termina de fazer".

FICHA TÉCNICA

Pingo de Fortaleza (voz e violão), Manassés de Souza (violões e cavaquinho), Luiz Miguel (baixo), Denilson Lopes (bateria), Marcos Vinnie (teclados), Aldemir Rocha (guitarra), Waldonys (acordeom), Nilton Fiore e Hoto Jr. (percussões), Márcio Resende (sax e flauta), Bira, Risadinha e Caboré (Cia. Terreiro do Brasil) nos berimbaus e Descartes Gadelha (percussões, com a levada de maracatu e balanceio). Técnico de gravação, mixagem e masterização - Luiz Miguel e Artes Gráficas e fotos da capa e encarte - Ivan Ferraro.

PARTICIPAÇÕES

Participações especiais de Calé Alencar e Dilson Pinheiro cantando em "Maracondê", em que também se destaca a percussão com levada de maracatu e balanceio de Descartes Gadelha. A cantora Silvina Ribeiro empresta seu talento vocal para dividi-lo com Pingo de Fortaleza em "Filhos do Mar" e o grupo de capoeira Cia. Terreiro do Brasil traz a ginga dos berimbaus de Bira, Risadinha e Caboré para a música "Coração de Pedra".

PINGO DE FORTALEZA – CD "INSTRUMENTAL PINGO DE FORTALEZA" – 1999/2000

Sempre incluindo temas instrumentais em seus álbuns, a partir do elepê "Lendas e Contendas", de 1988, Pingo de Fortaleza idealizou e gravou em fevereiro e março de 1999, lançando em 2000 seu primeiro trabalho, tocando somente o violão. Teve o auxílio luxuoso de outras feras do instrumento do nível dos conterrâneos Nonato Luiz, Marcos Maia e Manassés de Sousa, os quais abrilhantaram as cordas do CD também fazendo arranjos.

São 12 faixas onde a atmosfera violonística cearense contemporânea cearense é renovada em 13 criações de Pingo de Fortaleza, "Belo Monte", "Floresta de Santana", "Pequeno tema", "Amanheceu o Beberibe", "Caminho de luz", "Amor de Filho","De Quixeramobim a Canudos", "Lendas e contendas", "Centauros Guerreiro" e "Cantares", essas três últimas já letradas respectivamente pelos parceiros Guaracy Rodrigues, Eurico Bivar e Fernando Néri e cantadas por Pingo em outros lançamentos; uma dividida com o parceiro Ronaldo Lopes ("Boas Festas") e "Caminhos Incidentais" e "Suite Nordestina e Ré Menor" as duas com citações ("O Trenzinho Caipira", "Madana Mohana Morari", "Asa Branca", "Bolero", "Lamento Sertanejo", "Sodade", "Arreio de Prata", "Cantiga Caicó" e "Cajuína").

FICHA TÉCNICA

Pingo de Fortaleza, Manassés de Souza, Nonato Luiz e Marcos Maia (violões e arranjos). Gravação no estúdio Olho D`Água em Fortaleza; produção e direção artística - Pingo de Fortaleza; direção musical e de estúdio - Marcos Maia; técnicos de gravação - Luiz Miguel e Daniel Alencar; técnico de mixagem - Luiz Miguel; masterização - Midiamix / Olho D`Água; fotos e projeto gráfico - Ivan Ferraro; e mural nas fotos da capa, contracapa e espelho - Antenor Lago.

ROGÉRIO FRANCO – CD "ESTAÇÃO FRONTEIRA" – 1995

Estreia fonográfica do cantor, compositor e músico cearense Rogério Franco que foi lançado originalmente em 1995. No CD, o artista conta com a participação do seu irmão Rodger Rogério, lendário integrante do Pessoal do Ceará, movimento musical que lançou para a MPB Ednardo, Fagner, Belchior, Téti e Amelinha, entre outros. Rodger divide os vocais com Rogério em "Falando da Vida", que foi registrada originalmente no disco primeiro do Pessoal do Ceará – "Meu Corpo, Minha Embalagem, Todo Gasto na Viagem", de 1973.

Além dela, as criações de Rogério Franco, "Bomba de Hidrogênio", "Mungango de Matuto", "Capital do Sol" e "Estação Fronteira". Além delas, suas parcerias, "Eu em Ti", com poesia de Gilmar Chaves; "Ir Passando", feita com David Duarte; "Poema a João Cabral", dividida com Oswald Barroso; e "Estradas", em comunhão com Aroldo Araújo e Oswald Barroso. Rogério também canta "Baião de Cem", de Luiz Sérgio, e "Nem Azuis, Nem Beira Mar" de Rodger Rogério e o letrista baiano, conceituado na MPB, Capinam.

Nas onze faixas, Rogério Franco faz sua trajetória com a música de maior informação de melodia, harmonia e mensagem, com foco no tempero dos gêneros aqui da região nordestina.

Capa do disco "Estação Fronteira"- Rogério Franco, 1995 (Independente – CD)

FICHA TÉCNICA

Rogério Franco (voz, violão e arranjos), Herlon Robson (teclados, arranjos e programação em todas as faixas), Aroldo Araújo (baixo e arranjo), Márcio Roger e Cristiano Pinho (guitarras), Manassés de Sousa (viola de 12), Carlinhos Crisóstomo (violões), Nilton Fiore (percussão) e Maestro Poty, Socorro Raulino, Tino Freitas, Marcus Brito e Rogério Franco (vocais). Produção e direção musical - Rogério Franco; gravado no Estúdio Clave e Mixado no Pró Áudio Studio; programações - Braz Music Studio; técnico de gravação - Eric Matos; mixagem - Marcílio Mendonça, Herlon Robson e Rogério Franco; fotos - Ricardo Batista (Cadinho); projeto gráfico e capa - Francisco R. C. Júnior; direção de arte - Rogério Franco; e arte-final - Brunno Galvão.

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

Participação especial do irmão de Rogério Franco, Rodger Rogério em "Falando da Vida", faixa que os dois cantam juntos um clássico da música cearense contemporânea, do antológico Pessoal do Ceará, que destacou para a MPB a partir de 1973 talentos do quilate de Ednardo, Téti, Belchior, Jorge Mello, Wilson Cirino, Fagner e Amelinha, só para citar alguns.

SERRÃO – CD "PALAVRAS NO VARAL" – 1999/2000

A música plural brasileira recebe de bandeja mais um CD que merece ser escutado por quem tem bom gosto. É o disco "Palavras no Varal" em que o cantor, compositor e instrumentista Serrão faz um amplo passeio na moderna canção nacional, injetando sua atmosfera criativa e reciclando um verdadeiro caldeirão sonoro que une a tecnologia eletrônica com os efeitos dos modernos teclados, em perfeita sintonia com os instrumentos tradicionais, principalmente a percussão.

Capa do disco "Palavras no Varal" – Serrão, 1999/2000 (Independente – CD)

Na linha evolutiva da MPB como já fizeram Zé Ramalho e Alceu Valença e mais recentemente Lenine, Zeca Baleiro e Chico Cesar, Serrão mescla elementos da música pop/rock com pitadas essencialmente nordestinas. Isso não quer dizer que seu trabalho não tenha uma identidade própria. Claro que tem, apenas possui identificações rítmico-harmônico-melódicas com essa corrente da canção, o que garante uma sonoridade atual e imediata ligação ao trabalho dos já citados, sem desmerecer nada aos mesmos.

Essa afirmação já se sente na primeira audição de "Palavras no Varal", "Combustão", "In Memoriam", "Camarada", "Sina de Cantor", "Bicho Papão", "Usura", "Vento e Veleiro" e "Ideia", esta última inclusive citando percussionistas que fazem toda essa alquimia rítmica da música plural brasileira contemporânea: Marcos Suzano, Naná Vasconcelos, Carlinhos Brown e Simone Soul.

Todas com mensagens atuais destacamos na faixa título a amplitude da proposta de Serrão: "Eu quero as rimas nessas línguas misturadas, onde a sua procedência genealógica é vital. É do Nordeste; do Sudeste; Centro-Oeste; Norte e Sul...". Esperamos que seu CD de estreia atinja também essas regiões, pois qualidade é o que não falta.

Além das já citadas, o maracatu contemporâneo "Bolinhas de Sabão" feito em parceria com o não menos criativo Manassés, que atua no registro tocando violões e fazendo vozes; e a composição "Até Mais", singela declaração

de amor musical de Serrão e Dunga Odakam, para a "Loira desposada do sol" que tem as participações especiais de Néo Pinel na gaita e Karine Alexandrino nos vocais, em versos, "... Um poema alencarino, Divina ninfeta do sol, Fortaleza... Pajeú corre nas veias, Dragão traduzindo o mar, negritude sem correntes, céu azul marinho, mirante sobre as luzes...".

Depois de sua vasta experiência tocando na noite, participando de vários festivais com destaque para os das cidades paranaenses de Cornélio Procópio (II FEPROMUP-95) e Maringá (FEMUCIC-95), além de cantar em discos coletivos como o "Dez Anos de Cais Bar", "Marca Carmim" e "Na Beira do Cais", só para citar três deles, Serrão chega ao seu tão aguardado trabalho solo.

É um trabalho antenado com o que de mais criativo está sendo feito na música plural brasileira com qualidade de atingir o grande público que tem bom gosto. Vamos torcer por isso.

FICHA TÉCNICA

O time completo dos músicos de "Palavras no Varal" traz: Serrão (voz), Aldemir Rocha e Cristiano Pinho (guitarras), Edmundo Jr., Marcelo Randermarck e Luiz Miguel (baixo), Pantico Rocha e Denilson Lopes (bateria), Marcos Farias (sanfona, teclados e efeitos), Nilton Fiore e Hoto Jr. (percussões), Márcio Resende (sax e flauta) e Herlon Robson (teclados).

É mais um lançamento essencialmente cearense, desde a gravação por Josiel Cabeça e Airton Montezuma no Planeta e mixagem e masterização no Olho D`água por Luiz Miguel e prensagem na CD+.

TÉTI – CD "DO PESSOAL DO CEARÁ" – 1998

Integrante do grupo de artistas da música cearense que teve grande destaque nacional na década de 70, Maria Elisete Morais de Oliveira e Rogério, a cantora Téti começou na área musical com seu parceiro Rodger Rogério. Os dois, unindo seus talentos ao de Ednardo, registraram em 1973 o então antológico LP "Meu Corpo, Minha Embalagem, todo gasto na viagem", o qual, por uma estratégia de marketing da gravadora, acabou assumindo o rótulo de "Pessoal do Ceará".

Ainda com Rodger, Téti gravou ainda "Chão Sagrado" (1975) e sozinha o conceituado "Equatorial" (1979), ambos inéditos no atual formato do Compact Disc. No retorno aos estúdios, a "eterna canária do nosso Pessoal do Ceará, que tantas vezes afinou minhas letras tortas" no afirmar do conterrâneo Fausto Nilo, Téti em 1998 lança seu primeiro CD solo.

No álbum em que Fagner aconselha "É um disco para ser ouvido com o coração" e teve direção musical de Manassés, a afinada intérprete burila onze canções de compositores cearenses de variadas gerações: "Comentário a respeito de John" (Belchior / José Luz Penna), "Carruagens" (Rodger Rogério / Clôdo), "Outra Vez" (Beto Fae / Fausto Nilo), "Amor Escondido" (Fagner / Abel Silva), "Sol e Mariana"(Chico Pio / Alano Freitas), "Castelo Encantado" (Rodger Rogério / Pepe Capelo), "Amor demais" (Nonato Luiz / Olímpio Rocha), "Estrada de Santana" (Petrúcio Maia / Brandão), "Vá lá e faça" (Manassés /

Ricardo Alcântara), “Amor de Sol” (Francisco Casaverde / Caio Sílvio) e “Outra canção” (David Duarte).

Além delas, o desconhecido samba “Teu retrato” resgatado no repertório do “Metralha” Nelson Gonçalves, parceria dele com Benjamim Baptista, uma sugestão de Fausto Nilo.

Na dúzia de canções de “Do Pessoal do Ceará”, Téti se revela uma cantora plena e em sua melhor fase de amadurecimento, talento que Rodger Rogério reconhece de longa data, quando escreve no CD: “A Téti é afinadíssima desde criancinha quando se apresentava no Clube dos Motoristas em Quixadá. Cresceu com uma voz lindíssima e maturou-se uma grande intérprete”.

Além da escalação de craques do primeiro time da música dos que residem em Fortaleza, também batem um bolão no álbum Dominguinhos, Nonato Luiz e Paulinho Trompete. É ouvir e se emocionar.

FICHA TÉCNICA

Téti (voz e vocal), Manassés (violão aço, violão de 12 cordas, violão midi, viola de 12 cordas e arranjos), Aldemir Rocha (guitarra), Edson Távora e Dominguinhos (acordeons), Luiz Miguel (baixo), Denilson Lopes (bateria), Nilton Fiore e Mingo Araújo (percussões), Carlinhos Ferreira (clarinete), Cristiano Pinho (violão, guitarra e arranjos), Adelson Viana (piano e acordeom), Edmundo Júnior (baixo), Nonato Luiz (violão e arranjo), Luizinho Duarte (bateria, violão 6 cordas, violão 7 cordas e arranjo), Jorge Cardoso (bandolim), Paulinho Trompete (trompete), Paulinho do Pandeiro (pandeiro), Jorge Helder (baixo acústico), Ocello Mendonça (cello), Aroldo Araújo (baixo) e Daniela, David Duarte (vocais).

Produção e direção musical - Manassés de Souza; produção executiva - Olímpio Rocha e Helder Lima; concepção - Téti e Fausto Nilo; concepção de vocais - David Duarte; técnico de gravação - Luiz Miguel; assistente de gravação - Moésio de Souza; masterização - Ricardo Garcia; foto da capa - Neysla Rocha; e projeto gráfico - Ivan Ferraro.

Gravado no Studio Olho D`água, em Fortaleza de outubro a dezembro de 1997 e mixado no Studio Discover, Rio de Janeiro em janeiro de 1998.

TRAJETÓRIA

A dupla Téti & Rodger Rogério gravou em 1975 o então elepê “Chão Sagrado”, título inspirado na firmação do biólogo e compositor Paulo Vanzolini, autor de “Ronda”, sobre a terra cearense. Em 1979, Téti registra seu primeiro álbum solo, “Equatorial” (faixa título composta por Calé Alencar e Fausto Nilo), no qual reuniu músicos consagrados do nível de Toninho Horta e Túlio Mourão, só para citar dois, e teve direção artística de Fagner e produção musical de Fausto Nilo.

Esses dois discos, estão em negociações iniciais para futuro lançamento em CD através do selo Memória 107. Ainda em

Téti - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 - Acervo SOLAR

1979, Téti canta do lado de Ednardo, no seu disco homônimo, o bolero "Lupiscínica", dos conterrâneos Petrúcio Maia e Augusto Pontes.

De 1980 aos dias atuais, a intérprete participou cantando em alguns discos coletivos e de amigos. Entre eles, "Melhor que mato verde", (Petrúcio Maia), "Lauro Maia 80 Anos", "Verdade absoluta" (José Carlos), "Maculelê" (Pingo de Fortaleza), "IBEU Canta Ceará", "No Ceará é assim", "Um Quarto de lua" (Olímpio Rocha), "D`alma" (Nilo Alves, Roberto Pinto e Hermano Carvalho) e "Marca Carmim" (Chico Pio e Luciano Cléver).

TINO FREITAS – CD "INVERNO E VERÃO" – 1999

Primeiro CD do cantor, compositor e músico cearense Tino Freitas em que ele revela uma atmosfera musical que passeia principalmente pelo pop/rock e a MPB, com oito de suas criações e três de autores já conhecidos no cenário artístico nacional. O álbum foi todo gravado e mixado em Fortaleza e traz uma sonoridade digna dos registrados nos grandes estúdios do Brasil.

Tino Freitas começou por uma grande escola, tocando na noite de Fortaleza e isso foi de grande importância para a sua formação. Ele revela a razão de seu primeiro disco se chamar "Inverno e Verão": "Existem bares que extrapolam o conceito de mero ponto de encontro casual para uns drinks ou uma paquera e se transformam em verdadeiros ícones de uma geração. Assim foi com o 'Inverno e Verão' – aquele barzinho da Avenida Abolição – onde comecei a tocar os primeiros acordes profissionalmente em 1989. Hoje existe em Fortaleza uma imensa geração entre 25 e 35 anos (alguns ainda mais jovens) que se refere a esse tempo com uma nostalgia gostosa. Foi da cobrança desses 'irmãos' e da vontade imensa de romper fronteiras e abraçar novos amigos que surgiu a força para gravar esse CD. Sei que algumas canções preferidas por vocês, infelizmente ficaram de fora, mas estarão presentes com certeza nos próximos trabalhos. Que vocês possam ouvir esse disco com o mesmo carinho que foi feito. Não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que foram importantes neste projeto: Meu querido 'irmão' Rogério Franco... Você foi MUITO nesse disco; Ferrugem, valeu a força em todos os momentos; Dante, você é outro grande irmão musical; Hemetério... DEMAIS; Dominguinhos, você foi uma grata surpresa no estúdio. Muito obrigado. Queria agradecer também a algumas pessoas que de uma forma ou de outra participaram deste CD: Rita e Moacir, Dan e Paulo, Maria Carlos, a Turma do Tequila, Zoreia, Flávio, Glawder, Mauro e Rai, a todos os músicos, à turma do Planeta (Nárgila, Airton e Cabeça). Juanito, valeu pelos primeiros acordes. Este disco é para vocês! Chell, aqui está o CD. Um beijo no coração!!! Amo vocês ! ...E o que há de bom para nós ainda vai chegar..." (Tino Freitas).

FICHA TÉCNICA

Tino Freitas (voz, vocais e violões, de aço e nylon), Tim Fonteles (contrabaixo e violão), Evilásio Bilas (percussão), Cristiano Pinho (slide guitar e violões de aço), Leandro Filho (contrabaixo), Karine Alexandrino (voz e vocais), Carlos Magno (sax alto), Herlon Robson (viola de 12, Hammond, Rhodes e teclados), Dante Accioly (guitarras, viola de 12 e violão solo), Júnior Faheina (teclados), Carlinhos Perdigão (bateria), Boquinha (voz, guitarras e viola de 12), Danilo de Carvalho (gaita), Fábio Amaral (contrabaixo), Dustan Galas (guitarra), Dominguinhos (acordeom), Denilson Lopes (bateria), Aldemir Rocha (guitarra base), Edson Pinheiro (trombone), Carlos Barbosa (trompete) e Samuel Lopez (sax alto).

Produzido por Tino Freitas; direção musical - Rogério Franco; arranjos e concepção - Dante Accioly, Rogério Franco e Tino Freitas, com a colaboração dos músicos participantes. Gravado e mixado no Planeta Estúdio/Fortaleza (CE) por Josiel (Cabeça) e supervisão de Airton Montezuma; mixado no mesmo estúdio por Josiel (Cabeça), Tino Freitas e Rogério Franco; masterizado por Airton Montezuma e Luiz Wagner no Pró-Áudio Estúdio. Projeto gráfico, desenhos e montagens - Hemetério Rufino; e fotos de Tino Freitas - Gustavo Pinheiro.

AUTORIA DAS CANÇÕES

As músicas "Inverno e Verão", "Noite 18", "Aprendiz", "Beija-Flor", "Olhos Verdes", Vamos Ver o Sol","Canto de Felicidade" e "Fazendo Música" são de autoria de Tino Freitas e "Vida Cigana", de Geraldo Espíndola, "Me Dê Uma Chance", de Marcelo Nova, Karl Hummel e Gustavo Mullem, e "Quem me Olha Só", de Arnaldo Antunes e Roberto Frejat.

WAGNER CASTRO – CD "AMBIGUIDADES" – 1993/1999

Primeiro lançamento do cantor, compositor e músico cearense Wagner Castro. Gravado entre novembro de 1992 e junho do ano seguinte foi lançado originalmente em vinil e chegou ao CD em 1999.

O artista também tem formação superior em História e algumas de suas letras enfocam diretamente seus aprendizados nesta área, sempre com a ótica crítica da realidade política e social brasileira.

Isso se faz patente em "Ambiguidades", música inspirada e dedicada ao poeta Caetano Veloso e sua palavra cantada que vai na linha de "Podres Poderes", do cantor baiano.

Em "Cidadãos do Mundo" a questão ecológica é colocada de modo criativo e no samba "Zé Pinto", homenagem ao nosso grande artista plástico, ele desfila na história do Brasil em plena Marquês de Sapucaí. Em "República Metálica" revela sua preocupação de "desmistificar a farsa dos homens bons de gravata".

Além delas, em outra face poética, o lirismo em "Meio a Meio", com palavras de Paulo Leminski e Evaldo Lima; "Sans Parler", "Ansiedade", "Confesso"

Wagner Castro - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 – Acervo SOLAR

e “Naturalmente (Bicicleta)”, todas com letra e música de Wagner Castro; “Delírio Puro” com palavras de Chacal e Evaldo Lima, além das criações alheias “Meninos”, da dupla Isaac Cândido e Marcus Dias, e “Calado”, de David Duarte, três promessas de alto nível da atual canção cearense.

Destaque também para os músicos.

FICHA TÉCNICA

Wagner Castro (voz e violão), Cristiano Pinho (programação de teclados e bateria, guitarras e arranjos), Gerônimo Neto (baixo), Nilton Fiore (percussões), Luizinho Duarte (bateria, pandeiros e tamborins), Manuel Firmino (timbales), Tony Maranhão (teclados, guitarra e arranjos), Carlinhos Ferreira (sax alto), Marcílio Homem (violão e arranjo), Edison Távora Filho (teclados), Júnior Ferreira (flautas), Geraldo Filho (cuíca), Maria Helena Lage (cordas), Ricardo Bacelar (teclados), Ocello Mendonça (flautas e violoncelo), Webster Lima (piano Yamaha), Sidney Pepeco (trompete), Liduíno Pitombeira (programação de teclados e arranjo) e Alison Ambrósio, Eliã Ambrósio, Elienai Ambrósio, David Duarte, Marcus Britto, Kátia Freitas, Clayton Roncel e o Coral Infantil do Colégio Juvenal de Carvalho (vocais).

Produzido por Wagner Castro; concepção artística - Wagner Castro e Isaac Cândido; coordenação musical - Isaac Cândido. Gravado entre novembro de 1992 e junho de 1993 no Pró Áudio Estúdio por Hamilton Silva, Ronaldo Pessoa, Marcílio Mendonça e Anfrísio Filho; assistente de estúdio - Leo Aguiar; mixagem no Pró Áudio Estúdio por Marcílio Mendonça, Isaac Cândido, Wagner Castro e Cristiano Pinho. Capa e criação - Adauto Camargo; encarte - Jonas Medeiros; e fotografia - Drawlio Joca.

PARTICIPAÇÕES

Participações especiais de Chico Batera que executou percussões em “Calado”, música de David Duarte, que também tocou violões; Nonato Luiz em “Delírio Puro”; e as cantoras Aparecida Silvino que fez a voz em inglês em “Sans Parler” e Kátia Freitas que mostrou seu talento em “República Metálica”. A música “Naturalmente (Bicicleta)” foi gravada no Estúdio Clave por Airton Montezuma e mixada por Liduíno Pitombeira.

Zivaldo Maia – CD “Zivaldo Maia Canta” – 1999

Após uma boa estreia instrumental em “Zivaldo, Violão Puro e Simples” o violonista cearense Zivaldo Maia empresta agora o seu talento vocal para o seu “Zivaldo Canta”. Em 12 faixas, mostra sua nova investida revelando suas parcerias e resgatando clássicos da MPB do quilate de “Lua Branca” e “Naquele Tempo”, agora com criativa letra de Jair Amorim, e juntos numa só faixa, os tradicionais sambas “Pois é”, “Aperto de Mão”, “Arrependimento”, “Boneca da pano”, “Feitiço da Vila”, “Fita Amarela”, “Adeus, Praia de Iracema”, “Não me diga adeus”, “Lata D’Água”, “Só pra chatear”, além de atuar ao lado de outros músicos do primeiro time que reside em Fortaleza.

O jornalista Carvalho Nogueira avalia o lançamento: "Gosto de lua, lua branca. Cheiro de saudade. Recordações de velhas serenatas, Fortaleza espiando pelos olhos de lampiões a gás. É a sensação que nos transmite a voz de Zivaldo Maia neste segundo trabalho fonográfico. Eis que surge do seu jeito doméstico, cantando, cantando, cantando. Homenageando Chiquinha Gonzaga, Luiz Assumpção, Hildeberto Torres. Registrando parcerias com Fausto Nilo, Olímpio Rocha, Totonho Laprovítera, Alano Freitas, Ana Cléria. E vai e segue. De repente, como nas reuniões da turminha de casa, ele romantiza um tom de carnaval despetalando um *pout-purri* de samba da velha guarda, êpa que legal. É o genial Zivaldo Maia. Um CD de muito bom gosto, valorizado pela participação de excelentes instrumentistas e cantores da terra. Um disco cearense da gema. Mensagem de paz e amor".

FICHA TÉCNICA

Zivaldo Maia (violão e voz), Adelson Viana (piano, teclados, strings e acordeom), Tarcísio Sardinha (violão, cavaquinho e arranjos), Aroldo Araújo (baixo e arranjos), Carlinhos Ferreira (clarinete, sax alto e arranjos de metais), Luizinho Duarte (bateria e percussão), Aluísio (pandeiro), Aguiar (trombone), Zé Carlos (trompete) e Carlinhos Patriolino (bandolim). Gravado, mixado e masterizado no Pró Áudio Estúdio em Fortaleza - Ceará em 1999.

Produção executiva - Modo Maior; produção artística e direção musical - Tarcísio Sardinha e Aroldo Araújo; técnicos de gravação - André Motta, Jeovar Maia e Luís Wagner; assistente de gravação - Otacílio; projeto gráfico - Totonho Laprovítera; fotos do Arquivo de Zivaldo Maia.

PARTICIPAÇÕES

As participações especiais ficam por conta de Ayla Maria, a voz orgulho do Ceará que dividiu os vocais com Zivaldo Maia na composição "Violando", e o arquiteto e letrista Fausto Nilo que cantou o bolero "Ianê (Fio de Esperança)", sua parceria com Zivaldo Maia.

FESTIVAIS NO CEARÁ NA DÉCADA DE 1990

Após a edição do pioneiro, "I Festival de Música Popular do Ceará – Aqui no Canto", promovido em 1968 pelo então iniciante Aderbal Freire, hoje dramaturgo consagrado no Rio de Janeiro, outros festivais de músicas aconteceram no Ceará ao longo dos anos e na década de 90 não foi diferente.

COMPOSITORES PARTICIPANTES DE FESTIVAIS

Na década de 1990, Gigi Castro venceu o Festival Chapada do Araripe, no Crato, com a composição "Cariri", composta por ela e Ângela Linhares. Outro grande ganhador de festivais é o cantor e compositor cearense Joaquim Ernesto, nascido em Pedra Branca, que, entre outros, foi laureado em algumas edições do Festival de Camocim, inclusive com o primeiro lugar, em 1996. O cantautor alencarino Serrão Castro, também foi um dos finalistas, em 1999 do Festival de Paranavaí, no Paraná.

Cayman – Acervo Cayman

A jornalista e compositora Joanice Sampaio participou do Festival dos Comerciários realizado em 1992. No ano de 1993, foi promovida outra edição do evento, o qual acontecia no SESC da Rua 24 de maio, no centro de Fortaleza, no restaurante dos comerciários.

FESTIVAIS QUE LANÇARAM CDS

Com produção da Rede Globo Nordeste, o Canta Nordeste 94 produziu um CD os finalistas do evento que teve a composição "Canto Sem Eira Nem Beira" dos cearenses Evaristo Filho e Edmar Gonçalves, defendida no palco pelo próprio Edmar, e que conquistou o quarto lugar. Além deles, também participaram do certame o potiguar Pedro Mendes, com sua criação "Fera Nova"; a piauiense Myriam Eduardo, cantando de Cruz Neto "Um Violeiro, Uma Viola, Um Luar"; os maranhenses César Nascimento e Erasmo Dibel com suas composições, "Munição Pós-Moderna" e "Ira de Jah", respectivamente; e o baiano Duda Valverde, defendendo a sua "Salva-Vidas de Salvador".

No ano seguinte, o Canta Nordeste 95 também teve duas participações cearenses no CD. Ricardo Black foi o Melhor Intérprete cantando o blues, "Latitude", uma declaração de amor musical para a cidade de Fortaleza, de Flávio Paiva e Tato Fisher, e João Barbosa, que foi finalista com a sua canção, "Quebra Cabeça", concorrendo na Paraíba, estado onde residia, na época. Também participaram, entre outros, o grupo piauiense Ensaio Vocal com "Meio Tom", da dupla Raimundo Aurélio e Glauco Cavalcante; e os maranhenses Mano Borges, dele, "Bangladesh" e a dupla Ubiratan Souza e Ubirajara, na música da parceria deles, "Tributo a Chico Mendes".

Capa do disco "Mostra de Música do SESC"

Em 1996, Gigi Castro ficou com o prêmio de melhor intérprete na Mostra de Música SESC - 50 Anos de Musicalidade Brasileira, do SESC Ceará, com a sua criação, dividida com Ângela Linhares, "Boizinho", evento realizado no BNB Clube, em Fortaleza. Também no CD, as composições "Dona do Meu Astral" (Bebé de Natércio), "O Motor da Ciranda" (Raimundo Cassundé), "Corisco, O Cavaleiro das Arestas" (Ronaldo Cavalcante e Rogério Franco), "Araguaia" (Everardo Matos, Humberto Ibiapina e Masôr Costa), "Duas Partes" (Acauã e Rosenberg Cariry), "Boi Flecheiro" (Paulo Renato), "Cavalo de Fogo" (Tom Canhoto e Chagas Correia), "Canta Cariri" (Ricardo Bezerra e Chico Joânio), "Jeri" (Rinaldo Lasalvia e Fernando Lima), "Criação" (Cayman) e "Serrado" (Acauã).

Sobre a Mostra de Música SESC - 50 Anos de Musicalidade Brasileira, do SESC Ceará, João Luís Ramalho de Oliveira, Presidente do Conselho Regional do SESC, na época, assinou no encarte do CD: "O SESC comemora o seu cinquentenário também junto aos músicos, cantores e compositores, por entender que uma empresa se mostra moderna e contemporânea na medida em que atua junto aqueles que acreditam e trabalham por um mundo melhor".

Ainda em 1996, dois cearenses que moravam em João Pessoa, Tom Canhoto e João Barbosa, foram laureados no X MPB – SESC / Banco do Brasil – Festival de Música Popular Brasileira, certame que também teve apoio da Sub-Secretária de Cultura do Governo do Estado da Paraíba. No CD dos finalistas, João Barbosa obteve o prêmio de Melhor Melodia, com sua parceira ao lado de Chagas Correia, "Cólica Filosófica", e Tom Canhoto conquistou o terceiro lugar, concorrendo com a composição de sua autoria, "Bicho Homem".

Numa modalidade diferente, que selecionava canções autorais e cantores, o Prêmio Banco do Brasil de Música, em 1998, celebrava os 150 anos do BB. A participação dos funcionários da instituição financeira foi muito concorrida. Foram 595 inscrições de todo o Brasil, das quais foram selecionados 10 composições e 10 intérpretes. O júri foi formado por instrumentistas e autores de destaque na MPB de qualidade, os quais escolheram como uma das finalistas, a música "Na Lua Cheia Dessa Solidão", parceria do trio alencarino Evaristo Filho, Fernando Crateús e Rogério Lima, música que foi gravada pela cantora baiana Vânia Abreu, irmã da famosa Daniela Mercury.

Caro leitor,

Ao escrever esse texto sobre os artistas da música no Ceará na década de 1990, procurei centrar o foco nos cantores, compositores e instrumentistas que gravaram discos e atuam no âmbito da MPB. Mesmo assim, também incluí algumas informações sobre os festivais, o rock e o falso forró, pois seria um equívoco não citar essas manifestações. Principalmente esta última, a qual se espalhou por todo o Brasil e transparece para o grande público que é a nossa melhor produção artística, quando na verdade não é, e, só sufoca com sua massificação, nossas criativas melodias e mensagens, presentes nos outros estilos musicais.

Em momento algum, com esse texto, pensei em encerrar o assunto e peço encarecidamente aos artistas da música no Ceará nos anos de 1990, que não se sentiram contemplados no texto, por qualquer motivo, que me enviem suas colaborações para o e-mail nelson@nelsons.com.br ou pelo telefone (85)3366-7474, no período da tarde.

Saudações musicais,
Nelson Augusto

Nelson Augusto - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 – Acervo Solar

A MÚSICA DO CEARÁ NO NOVO MILÊNIO: ALTOS, BAIXOS E UMA REVOLUÇÃO (2000 a 2012)

Fábio Marques
Jornalista

"Se você correu, correu, correu tanto, não chegou a lugar nenhum
Baby, oh baby, bem vindo ao século XXI"
Raul Seixas e Marcelo Nova

Tantas vezes cantada, filmada, idealizada... A aguardada década de 2000 não poderia se dar ao luxo de passar sem algo de extraordinária. Nem o intransponível Bug do Milênio, nem o apocalíptico Nostradamus, nem a investida armamentista internacional dos Estado Unidos, em pânico com os atentados de 11 de setembro, a impediram. Para o mundo, para a música e para Fortaleza. Ainda que longe do que se sonhou - sem carros, nem skates voadores, sem prova de vida alienígena nem colônias em marte - da fantástica ficção aos palpáveis altos e baixos do tempo presente, com o inadiável fim da década de 1990, chegaram os distantes e inatingíveis anos 2000.

No campo musical, a virada do século foi marcada por pelejas jurídicas contra o cada vez mais popular gatinho da Napser, a cruzada das grandes produtoras musicais contra o compartilhamento de MP3 em rede e a popularização de uma nova forma de acesso à música, que implicaria também em uma nova maneira de se aprender, produzir e consumi-la.

"Feira da música", 2012

Em Fortaleza, os reflexos destas questões chegam com mais ou menos intensidade, de acordo com o estilo musical – o rock descobriu a internet muito precocemente, o jazz, nem tanto – segundo a percepção, aspiração e necessidade individual de cada artista e através ou incentivada em fóruns, por eventos aglutinadores que pautaram este debate como a Feira da Música.

De uma maneira ou de outra, o avanço da tecnologia, em uma concepção mais ampla do que apenas a internet, é um quesito que marcou a produção musical da década na Cidade. Para o bem e para o mal. Aos bons estúdios profissionais surgidos a partir de meados dos anos 1990, somam-se ao longo da década seguinte os chamados home-studios, permitindo que se chegue ao disco mais facilmente. O formato MP3 e plataformas como o Trama Virtual (pioneira no formato, com foco nas bandas brasileiras) tiram a hegemonia do disco, agindo como suporte virtual e abrindo a possibilidade de distribuir, divulgar em longas distâncias e de forma ampla e gratuita.

Para o bem e para o mal, pois, ao passo que os artistas consolidados de nossa música tinham acesso a essas transformações, também o tinham músicos de todas as outras partes, que passaram a chegar mais facilmente e disputar o público local, via internet. Neste balaio, há ainda uma enxurrada de novos artistas, novas propostas, que surgem e gravam com mais facilidade. A rede reduziu porteiras.

"Muitas áreas mudaram bastante (nos anos 2000), isso é algo muito claro, muito perceptível. Mas acho que poucas áreas mudaram tanto quando a música. Quando a gente fala de novas tecnologias, novos veículos de comunicação, mídias sociais, informação circulando, talvez poucas áreas exemplifiquem isso tanto quanto a música. No que diz respeito ao consumo da música. Acho que temos dois movimentos que são interessantes perceber em relação a esse período de tempo. Tem uma turma de artistas que vem de antes, que vai buscar um espaço nessa década e que nessa busca vai enfrentar dificuldades em chegar ao público, de como se colocar para esse período novo. Mas são artistas que continuam realizando um trabalho. E os novos artistas, que começam já nessa nova realidade e vão construir a carreira neste contexto"
Dalwon Moura, letrista, jornalista e crítico musica

Na análise do jornalista Dalwton Moura – que atuou no período como repórter supletivo cultural Caderno 3, do jornal Diário do Nordeste, e enquanto letrista, com parceria com diversos compositores cearenses, em especia, os ligados à música instrumental - de forma geral, diferente das décadas de 1970, 1980, tornou-se mais fácil gravar um disco no Ceará, criar produtos a partir de sua produção musical.

Se a partir de meados de 1990, a produção foi garantida pelos incentivos fiscais da Lei Jereissati, apesar do fim da lei, em 2001, na nova década a gravação de discos foi facilitada pelos avanços tecnológicos, a multiplicação de estúdios profissionais e home-studios e pelo surgimento dos editais estadual e municipal de incentivo às artes. Caucaia recebeu também na virada do milênio a primeira fábrica de disco do Ceará, a CD Mais, facilitando e aproximando a prensagem dos artistas, que antes tinham que recorrer a outros Estados.

Os anos 2000 possibilitou que artistas – ainda que sem a fartura de recursos que a Lei Jereissati injetou no setor em 90, possibilitando produções com os melhores equipamentos e arranjos feitos pelos mais talentosos músicos - tivessem acesso ao disco precocemente e com qualidade competitiva.

Mimi Rocha no Estúdio MR (Home Studio), Foto: Papinha Rodrigues, 2013

"Pelo menos para gravar, a cidade passa oferecer mais opções. Muita gente começa a carreira já com um material mais profissional. Tendo condição de gravar o seu disco. Acho que olhar para essa geração ou para as gerações que se encontram no ano 2000 a 2010 é olhar para esse cenário muito em mutação, do pondo de vista de comunicação, de acesso a gravação, da própria modificação do mercado musical. Aquele fosso entre os artistas locais, nacionais, entre quem não conseguia gravar um disco ou quem vendia um milhão de cópias, isso se modifica muito. E isso tem um impacto na nossa produção musical. A gente começa a ter muitos novos nomes, e é interessante que seja assim. Acho que a gente precisa ter diversidade para ter também qualidade. Ter o diferencial, aquilo que é inovador. A gente começa a ter mais artistas partindo mais cedo, chegando ao disco mais cedo"

Dalwon Moura, letrista, jornalista e crítico musica

Esse embaralhado de novas tecnologias, dos novos meios de comunicação, implicou naturalmente em uma maior concorrência. Em um maior desafio de comunicação, de visibilidade, de distribuição. De repente, artistas que trabalhavam em uma lógica local e que tinham o seu círculo de público, um espaço na cidade, um circuito certo de shows, passam a enfrentar alguma dificuldade para manter seu nicho de atuação.

Banda Donaleda, acervo Candeeiro Cultural

Em meio a tantas mudança, a década que se iniciou em 2000 foi repleta de altos e baixos, intercalando bons momentos a outros nem tão animadores. Sejam aos músicos da MPB, do rock underground, do blues, do reggae, de diferentes maneiras, a década se impôs aos artistas e vertentes musicais em atuação na cidade. O reggae, chegou a ter artistas de projeção nacional. O jazz e a música instrumental foram felizes no início da década, ganhando espaços nobres como o Festival Jazz & Blues, de Guaramiranga, mas perdeu a noite de Fortaleza; o chorinho, que viu o surgimento de uma nova geração de instrumentistas, ganha força e, com ele, o samba. Multiplicam-se os grupos, espaços e o público.

Registre-se também nesta nova década, a música que parte da periferia de Fortaleza, seja em bandas de rock ou nos grupos de Hip-Hop. Ainda que com pouca entrada em bairros centrais, grupos como Costa a Costa e o rapper Don-L conseguem nestes anos uma projeção fora do Estado. E se as apostas da antes eram restritas ao cenário da MPB, a nova cena que se impõe acaba por revelar a força de grupos como Cidadão Instigado - com um rock experimental que no início de 2000 era visto no calçadão da Praia de Iracema e no final da década estaria em discos de grandes nomes da música brasileira - ou o eletro-punk nada convencional do Montage.

O forró, gênero mais difundido e popular em Fortaleza, e no Ceará como um todo, nestes anos produziu ainda uma leva de bandas completamente diferente das que tinham começado sua produção em escala industrial, no início do anos 1990. Produziu nomes como Aviões do Forro, que chegou a gravar especial de Roberto Carlos. É hoje a vertente que mais emprega músicos no Estado. Mereceriam, portanto, um esforço de pesquisa e um capítulo à parte. Por hora, devido a limitações que fogem à real importância de citá-los - tendo em vista que são parte da música autoral cearense, embora inseridos em um contexto quase que estritamente comercial, do entretenimento e recheados de conteúdos questionáveis - nos restringiremos a este registro introdutório.

• • •

Entre os projetos bem sucedidos no campo da difusão musical, a Feira da Música de Fortaleza é talvez o mais abrangente e também o que mais reflete as mudanças no cenário musical da cidade. Concebida na virada da década de 1990 para 2000, em 2002 é realizada a sua primeira edição.

O projeto foi fruto de um esforço conjunto de alguns produtores locais, que em janeiro de 2001 fundaram a Associação dos Produtores de Disco do Ceará (Prodisc). Estavam na empreitada Olímpio Rocha, Humberto Pinho, representante do Estúdio Ararena, o violonista Manassés de Souza, que na época mantinha o estúdio Olho D'Água, o baixista e atual coordenador da Feira da Música, Ivan Ferraro, representando o estúdio e distribuidora Midia Mix. Estavam no grupo ainda o estúdio Pró-Audio, de Marcílio Mendonça, Planeta Estúdio, de Airton Montezuma e músicos avulsos.

A concepção inicial da Feira da Música, explica Ivan Ferraro, pautava-se em mesclar uma feira de discos a uma de equipamentos musicais, ao passo que se faria uma amostragem de bandas locais. A intenção, explica, era juntar em um mesmo evento a indústria fonográfica com a de equipamentos. Foi a primeira nesse formato na América do Sul.

O disco neste início de década, reforça, dentro da cadeia produtiva da música, tinha ainda a importância que lhe era depositada em anos anteriores. O próprio nome dado à associação realizadora do evento, deixava transparecer isso. O disco, em 2002, ainda era a menina dos olhos do mercado, mirado por músicos e produtores como o caminho a ser trilhado.

"É lógico que era um momento ainda indefinido. Parecia que a indústria ia caminhar bem. Embora ela já viesse tendo uma queda na venda de CDs, a pirataria já era um problema, mas a indústria ainda se mantinha como mainstream, sendo o mais importante. O foco era esse. O foco da cena local era realmente produzir alguma coisa que chegasse no mercadão de disco"

Ivan Ferraro, músico e diretor da Feira da Música de Fortaleza

Aos poucos, a proposta do evento foi sendo depurada e a própria visão de mercado dos realizadores mudou. A aposta nas duas indústrias - fonográfica e de equipamentos – não provou ser uma boa fórmula. O foco do evento em servir de vitrine para a exibição de artistas locais ao grande mercado, foi outra ideia que, já em 2005 estava sendo abandonada. A Feira da Música foi replicada em outras regiões do País, inserindo-se em meio a uma nova concepção de mercado chamada música independente. Não que o mercado independente fosse uma exclusividade dessa década. Mas a forma declarada, quase ideológica com que passou a ser defendida, aos poucos permitiu a estruturação de uma cadeia real de produção, à margem das grandes empresas internacionais. Focado na produção de discos, distribuição (especialmente online, com venda e download gratuito), e circulação à margem do "mercadão", com a estruturação de circuitos como Fora do Eixo, que hoje já possui diversas casas funcionando como pequenos centros culturais alternativos, e propiciando uma rede de contatos entre músicos e produtores.

Capa do disco "Jumentaparida" - Banda Jumeta Parida, 2002 (Independente - CD)

Temas voltados ao novo mercado, ao direito autoral, aos caminhos da cena local passaram pela mesa de debates da feira. Um encontro nacional de casas de shows aproximou também espaços da cidade abertos à música autoral local como o Buoni Amicci's, Hey Ho Rock Bar, Órbita, Café Teatro das Marias. Entre as bandas, é até difícil citar quem passou pelo evento, que intercalou ao longo de suas edições talvez a maior parte dos músicos que atuaram em Fortaleza, em especial, os novos.

"A Feira desde o início foi provocadora. Existia um preconceito muito grande com os movimentos mais roqueiros, punk, heavy metal, aqui em Fortaleza, de uma forma geral. Ainda era um underground muito sofrido na década de 1990. Então, desde o primeiro ano, na feira, a gente tem o palco do rock. Porque, de alguma forma,

a gente sabia que se tivesse que surgir alguma coisa era dali. Não era desses enlatados que vieram da Lei Jereissati. Viria dos movimentos que a galera fazia na garagem, no seu bairro, com a sua turma. O Forcados já existia, mas era o único. Desde começo, passaram desde as bandas do Movimento Cabaçal, Dona Zefinha, Jumenta Parida, 2Fuzz. No palco instrumental tivemos Cainã Cavalcante, Carlinhos Patriolino, Manassés. A Breculê passou pela Feira, o hip-hop, de Don-L, Costa a Costa, MH2O"

Ivan Ferraro, músico e diretor da Feira da Música de Fortaleza

Entre as mostras de música de relevância, criado em 2000, o Festival Jazz & Blues foi pioneiro na década (ao lado do Forcaos, criado ainda em 1999, e restrito ao rock pesado). Apesar da proposta inusitada – de oferecer música instrumental, inicialmente jazz e blues, como alternativa durante o carnaval e em uma cidade serrana (quando o costume do fortalezense era a praia, tomada por carros de som e axé music), o festival conseguiu firmar-se no calendário do Estado, estando hoje já em sua 13a edição.

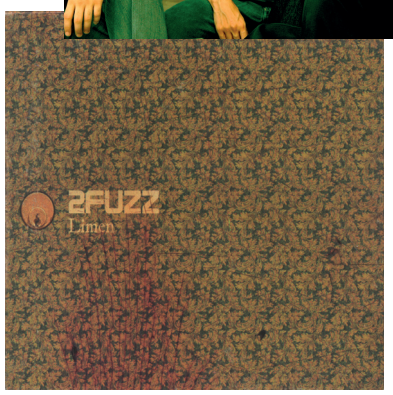
Diogo Farias, foto: Chico Gadelha, 2012 (Acervo Festival Jazz & Blues de Guaramiranga

O festival foi idealizado e coordenado pela Via de Comunicação e Cultura, que tem à frente Maria Amélia Mamede e Rachel Gadelha. A mostra conseguiu inserir Guaramiranga no circuito da música não só de Fortaleza, mas do País, recebendo ainda artistas estrangeiros, tanto da música instrumental como vocal. A partir de 2002, passou a ter edição após o Carnaval em Fortaleza.

Entre as atrações nacionais e internacionais que já participaram da mostra, estão Paquito D'Rivera, Stanley Jordan, Scott Henderson, Toots Thielemans, Ivan Lins, Hermeto Pascoal, Yamandu Costa, Jefferson Gonçalves. A história do Festival foi recentemente publicada no livro "**Nos Acordes do Jazz & Blues - Memórias do Festival Jazz & Blues de Guaramiranga**", assinado pelo jornalista Dalwon Moura e o fotógrafo Chico Gadelha.

Além de mostra, o festival desenvolveu projetos de formação musical, Música é Para a Vida e Residências Artísticas, coordenadas pelo flautista Heriberto Porto. Artistas do jazz e, em especial, do blues, tiveram no festival uma peça chave na firmação de uma cena em Fortaleza.

Banda 2Fuzz (Acervo Banda 2Fuzz)



Capa do disco "Limen" - Banda 2Fuzz, 2007 (Independente - CD)

Outro marco para a cena musical da Cidade no início dos anos 2000 foi a criação do Ceará Music. Embora, ao longo dos anos tenha perdido força e mudado seu foco de atuação (culminando com uma edição em 2012 dedicada apenas à música eletrônica), o evento gerou grande expectativa nos músicos da cidade, como uma possível vitrine de amplitude nacional. Desde a primeira edição, abriu-se espaço para apresentação de grupos locais.

Realizado pela primeira vez em em outubro de 2001, dias 11, 12 e 13, no Marina Park, o festival recebeu 37 atrações em dois palcos. No Palco Music, nomes como Kid Abelha, O Surto, O Rappa, Cassia Eller, Gabriel o Pensador, Biquini Cavadão; e no palco Pop, bandas como Nação Zumbi ao lado de atrações locais como Lili Alcalay, Matutaia, Jumenta Parida, Los Coçadores Del Chaco, Soul Zé e Diamante Cor de Rosa.

Rebatizados como Palco Brasilis e Palco Nativo, nos anos seguintes, entre os grupos do Ceará, passaram pelo festival 2Fuzz, Dr. Raiz, Conscientes do Sistema, Locomotiva, Switch Stance (que chegou a tocar no palco principal, o Brasilis, em 2004 e 2005), O Sonso (tocou no palco Brasilis em 2005), O Verbo, Donaleda, Renegados, Rubber Soul, Marajazz, Overtrio, Vulcane, Enverso, Telerama, Selvagens a Procura de Lei, Verona e Daniel Peixoto (Montage).

A presença da música eletrônica no festival foi uma crescente desde a segunda edição e, a partir da edição de 2007, com um dia dedicado apenas ao gênero. Vale ressaltar que, a partir de 2008, passou a receber shows internacionais, entre eles, o grupo The Black Eyed Peas, em 2010.

Em Fortaleza, a partir de meados da década, pipocaram festivais, direcionados a diferentes públicos e traçando diversos recortes na produção musical da cidade. O Centro Dragão do Mar recebe festivais como o "Alta Estação do Rock I", em 2002, o jornal O Povo realiza em 2003 e 2005 o Festival Vida & Arte, intercalando bandas nacionais e locais. O Festival Música na Ibiapaba é criado, em 2004, pela Secretaria da Cultura do Ceará, em meio a uma política de descentralização das ações culturais promovidas pelo Governo do Estado. Voltado para a formação - com uma semana de oficinas gratuitas na cidade de Viçosa do Ceará, incluindo hospedagem e alimentação a preço simbólico – o festival inclui também em sua programação shows de artistas cearenses e nomes de referência nacional, como Miúcha, Guinga, Johnny Alf. Em 2012 chegou a IX edição, realizado sempre durante o mês de junho.

O blues recebeu aliados como o Fórum de Harmônicas, realizado a partir de 2005 (exceto em 2007). O festival reuniu gaitistas de todo o País e do exterior, com participação de nomes como o cearense Diogo Farias, Flávio Guimarães, Jefferson Gonçalvez, Rick Estrin e Johnny Rover. Em 2008, ganha também uma mostra específica para as bandas, com o Canoa Blues, idealizado pelo jornalista Roberto Maciel e realizado anualmente em Canoa Quebrada. Os festivais tornam-se dois grandes palcos anuais do gênero, contribuindo para a hoje consolidada cena de Fortaleza.

Em 2006, surge o Ponto.Ce, outro festival que se tornaria referência no Estado. Voltado inicialmente para a cena rock, mudou o foco para os músicos independentes, passando a integrar a Rede Brasil de Festivais Independentes. Em 2012, agregou ainda a dança e o audiovisual, passando a festival independente de artes integradas.

Também em 2006, a Prefeitura de Fortaleza cria a Mostra de Música Petrúcio Maia, focada unicamente nos artistas de Fortaleza, como uma grande mostra da produção realizada na cidade. Centenas de atrações se revezam em seis palcos distribuídos entre as áreas de atuação das secretarias regionais do município. A mostra teve edições iniciais em 2006 e 2007. Foi retomada somente em 2010, quando passou a fazer parte da Feira da Música de Fortaleza, como etapa de seleção para o evento.

Na segunda metade da década, somente o Centro Cultural Banco do Nordeste, lançou simultaneamente em 2007 três mostras musicais (que em 2013 chegam a sétima edição): o Rock Cordel, a Mostra da Canção Brasileira Independente e o Festival BNB da Música Instrumental. Das três, o Rock Cordel é o que mais impressiona pelo volume de apresentações e o público que movimenta. Focado no rock, costuma ter todas as sessões esgotadas, independente do grupo que se apresente e, pelo espaço do auditório do CCBNB, com capacidade para 80 pessoas, sempre com público do lado de fora. A primeira edição, em 2007, contou com grupos Plastique Noir, Red Run, Volúpia, Cidadão Instigado, Dr. Raiz, Eletrocactus, Artur Menezes e Os Caras, Obskure, Clamus, Alegoria da Caverna, Telerama, Switch Stance, Dona Zefinha, George Belasco & o Cão Andaluz, Calé Alencar e Maracatú Nação Fortaleza, Maracatu Vigna Vulgaris, O Sonso e Monophone.

Banda Breculê, foto Igor Grazianno, 2010 (Acervo Banda Breculê)

Em ultura (Praia de Iracema). Foi ainda expandido para outros estados em que atua o CCBNB, com edições ainda em Vitória da Conquista (BA), Maceió (AL), Recife (PE) e Teresina (PI).

Grupo Cinco em Ponto, IX Festival de Inverno da Serra da Meruoca - Foto: Papinha Rodrigues, 2012 (Acervo SOLAR)

Em 2008, é lançada a Mostra UFC de Cultura, para múltiplas linguagens, que inclui na programação musical. A mostra abriu espaço para bandas universitárias e nomes como Pantch e as Rochas, Cidadão Instigado, Manassés, Rodger Rogério e Pessoal do Ceará, na primeira edição; Groovytown, Samba de Rosas, Batuqueiros da Caravana Cultural, Poesia Remix, Banda Cabaçal Fulô da Aurora, em 2009; também Syntagma, Os Malditos Rock Band, Marajazz e Breculê, em 2010.

Vale citar ainda festivais que surgiram após 2010, como o Ceará Instrumental (2010), que mobilizou naquele ano grande parte da cena instrumental da Cidade, tendo sua segunda edição em 2012, com shows no anfiteatro do Parque Ecológico do Cocó; e a primeira edição do Festival Fortaleza Instrumental, em 2013.

A cena musical do Estado, não apenas de Fortaleza, contou ainda com festivais competitivos, modalidade que, diferente da amostragem, envolve intérpretes e compositores lançando produções inéditas, geralmente apresentando ao público apenas uma música concorrente. Nesta modalidade, duas iniciativas tiveram grande importância nos anos 2000. O Festival de Camocim que, como trataremos mais adiante, encerrou suas atividades em 2003; e o Festival de Inverno da Serra da Meruoca. O festival chega à 10a edição em 2013 e é considerado o mais antigo do Estado em atividade. É realizado pela Associação Cultural Solidariedade e Arte (Solar) em parceria coma a Prefeitura de Meruoca e coordenado por Pingo de Fortaleza. Anualmente é realizada uma mostra competitiva específica para músicos residentes na macrorregião do Vale do Acaraú e outra geral, aberta para todo o Brasil. Participam 20 composições por edição, na categoria geral, selecionadas em duas semifinais e uma apresentação final, com oito atrações, gravada e transformada em disco.

Também entre as mostras competitivas, foi realizado em 2011 e 2012, no distrito de Caldas, em Barbalha o Caldas Fest; e em 2012, em Fortaleza, a primeira edição do Festival de Música da Assembleia Legislativa, promovido pelo parlamento cearense. A mostra conseguiu relativo êxito em mobilizar os músicos e o público local, sendo transmitida pela TV Assembleia.

• • •

A MPB talvez tenha sido um dos gêneros mais prejudicados na década, sob a perspectiva da força de mobilização de público e da quantidade de espaços dedicados a ela. Em comparação com a década anterior, o número de artistas na Cidade, cresceu, assim como os de discos lançados. Nas lembranças do letrista e produtor musical Alan Mendonça, o início dos anos 2000 foi marcado por um processo de distanciamento crescente entre os artistas do gênero e a universidade. A década anterior, de 1990, lembra, as universidades desempenhavam serviço primordial aos músicos do gênero, agindo como espaço de formação de público. Compositores e intérpretes como Isaac Cândido e Marcus Dias, Marcus Caffé, Kátia Freitas, David Duarte, surgidos naquela década, somavam-se a Pingo de Fortaleza, Calé Alencar e até Rodger Rogério, da geração de 1970, em apresentações nas calouradas da Concha Acústica da Universidade Federal do Ceará ou da Universidade de Fortaleza (Unifor). Além de divulgar estes artistas para um imenso público em potencial, em sua maioria, universitários e de classe média, as calouradas possibilitavam esse encontro entre as gerações.

"Tinha uma Fortaleza diferente, onde Centros Acadêmicos (Cas) e Diretórios Centrais dos Estudantes (DCEs) queriam esses caras ainda. Com bares como o Cais Bar funcionando, o Coração Materno. Então, eu percebia que tinha um cidade melhor para a musica, com mais publico interessado, consumidor daquilo. E como a gente foi se afastando da universidade, as calouradas foram mudando, não era mais MPB. Não era mais nem rock com letras melhores. Apareço na música nesse final de 1990, inicio de 2000 e o cenário foi mudando para a pior. Em termos de forca de produção. Grandes nomes da musica cearense do final da década de 1990, começo de 2000 tinham uma produção mais profissional. Com uma

abrangência maior. Acho que perdemos espaço. Hoje em dia acho a cidade muito fechada, com muito pouco espaço, muto pouco palco. Os bares mudaram. Instituições mudaram, foram desinteressando em receber a musica daqui"

Alan Mendonça, compositor e produtor musical

Joyce Custódio - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 (Acervo SOLAR)

Um contraponto a isso, talvez, seja a Mostra UFC de Cultura, a partir de 2008, que abriu novamente o palco da Concha Acústica para estes grupos, ainda que somente uma vez no ano. Ao longo da nova década, atesta Alan Mendonça, os artistas de MPB multiplicaram-se, mas em sua maioria, perderam dimensão, passando-se a produzir mais, mas com menos dinheiro. E para um público mais segmentado. A qualidade dos registros reflete um pouco essa nova realidade, com o aparecimento de inúmeras gravações com pouco esmero, tiragens cada vez menores e artistas com pouco tempo de estrada chegando ao disco.

No início dos anos 2000, os nomes com maior projeção em atuação na cena, eram de artistas surgidos na década anterior, como David Duarte, que conseguiu espaço em rádios comerciais e um público bem diversificado. Também estavam em Fortaleza artistas como Kátia Freitas e Cristiano Pinho, que conseguiam lotar espaços como o Anfiteatro do Centro Dragão do Mar em suas apresentações. Os dois deixaram a cidade, mudando-se para São Paulo. O mesmo fez Mona Gadelha, artista que havia estreado na década de 1980.

Uma boa mostra da produção de MPB nestes primeiros anos da década acontecia durante o festival de Camocim, festival criado décadas antes, em 1986. A última edição foi realizada em 2003. Neste início de década, o festival revelou nomes como o compositor Fernando Rosa, o letrista Francélio Figueiredo, Erminio Rodrigues, o grupo Cinco em Ponto, que trazia entre suas componentes a cantora Simone Sousa, a cantora Joyce Custódio, os grupo Argonautas (que, embora tenha sido criado em 1996, foi somente 2009 que chegou ao primeiro disco, "Interiores"), a cantora Jord Guedes, o grupo vocal Silêncio e Som, da cantora Luciana Costa. Também começam ali, músicos como Wilton Matos, Jácio Cidade, Ítalo Castelar e Luciano Albuquerque.

A nova cena, além de se conhecer, passa a interagir, a partir do festival de Camocim, com músicos como Edmar Gonçalves, Mário Mesquita (do Quinteto Agreste), Evaristo Filho, Calé Alencar, Pingo de Fortaleza e Joana Angélica. Desses encontros, segundo narra Alan Mendonça, nasceu um coletivo Chegança, que reunia em especial estes novos artistas em torno de uma ideia de reunir compositores e estabelecer uma cooperativa capaz de dar força de produção a seus artistas. A experiência não conseguiu a dimensão esperada por seus idealizadores e o grupo se desfez em 2006.

Evaristo Filho, foto Papinha Rodrigues, 2013 (Acervo SOLAR)

Entre os palcos do início da década para estas produções estavam o centro culturais, como CCBNB e CDMAC, o Cais Bar, que logo fecha as portas, e com ele também o Coração Materno e o Caros Amigos. Neste entremeio, outra iniciativa importante foi o Festival de Inverno da Serra da Meruoca, realizado a partir de 2004. O festival deu uma reanimada na cena de compositores, provocando novamente o encontro e favorecendo novas parcerias, aos moldes do que acontecia no Festival de Camocim.

Talvez tenha nascido aí a semente de um segundo grupo de compositores, formado no final da década. Em 2010, motivados em lançar suas composições e firmar novas parcerias, alguns músicos, novos e antigos, se reuniram em torno do coletivo Bora! Ceará Autoral Criativo. O projeto nasceu de maneira espontânea, do encontro de artistas. Entre os que também fizeram parte do Chegança estão Alan Mendonça, Joyce Custódio e Wilton Matos. Entre os novos, Davi Silvino, Carlos Hardy, Edinho Vilas Boas, Jefferson Portela, Daniel Sombra, Marcos Paulo Leão, Jânio Florêncio, Lídia Maria, Lia Veras, Lise Lopes, Marco Leonel Fukuda e Dan Pacheco-Figueiredo.

"A gente começou a se encontrar no pátio do curso de Arquitetura, coincidentemente o mesmo lugar que o Pessoal do Ceará se encontrava. Surge aí gente completamente nova, como o Edinho, Daniel Sombra e a gente começa a pensar nas primeira intervenções. De maio a setembro de 2010, a gente passa a se reunir aos domingos no Passeio Público para apresentar nossas composições. E a gente acaba paulatinamente juntando gente. Nesse momento acho que a musica cearense havia dado uma ventilada. Uma renovada. A negada tinha saído das cadeiras, não só pelo Bora. Talvez seja pelos próprios ciclos da cidade"

Alan Mendonça, compositor e produtor musical

O grupo chegou a lançar um disco em setembro do mesmo ano, que leva o nome do coletivo. Do disco, além dos músicos que se reuniam com frequência e identificavam-se como parte integrante, outros artistas foram convidados, cedendo faixas à coletânea. Participam, então, Fulô da Aurora e Osvaldo Zarco, Felipe Breier, Linfanco, Bosco Lisboa, Cinco em Ponto, Eletrocactus, Jácio Cidade, Argonautas, Breculê e Grupo Esquina Brasil.

"Achávamos que viriam outros discos. Rolou um certo cansaço com a Prefeitura de Fortaleza. A gente não ganhava nada, só o espaço e ainda botavam boneco. Era preciso um esforço grande para conseguir um som, juntando o equipamento que cada artista tinha ou pagando o aluguel do próprio bolso. Aos poucos, o pessoal começou a cansar disso e não tivemos como controlar"

Alan Mendonça, compositor e produtor musical

• • •

A reconhecida tradição do Ceará como celeiro de bons instrumentistas – a começar por mestres como Zé Menezes, passando por Manassés, Nonato Luiz, Alex Holanda, Adriano Giffoni, Jorge Helder, Tarcísio Sardinha, Luizinho Duarte, Antônio José Forte, Pantico Rocha, Carlinhos Patriolino – reflete na cena musical da cidade, de forma mais clara, por meio de grupos de música instrumental.

A lista é extensa. Mesmo com uma certa carência de formação, novos instrumentistas e grupos de música instrumental se destacam na década. Se nem sempre é possível que surjam trabalhos inovadores, de uma linha mais experimental, é considerável, ainda assim, a produção de bons discos, boas propostas de palco na cidade.

Neste contexto, sobressai-se o chamado instrumental brasileiro, música que incorpora um sotaque jazzístico e o improviso a ritmos brasileiros, como o samba, o baião, o maracatu.

"O Festival Jazz & Blues quando começa, em 2000, consegue atrair e mostrar principalmente para um público não iniciado que haviam instrumentistas com bastante qualidade e que havia condição de desenvolver uma cena instrumental em Fortaleza. Muitos deles estavam mais presentes na noite de Fortaleza do que hoje. A gente tinha casas como Caros Amigos, nos anos 1990, até início de 2000, que conseguiu apostar na música instrumental, tinha o calçadão da Praia de Iracema, embora já sofrendo, ainda era espaço de música. O Compasso abria para a música instrumental, o próprio Cais Bar, também"

Márcio Resende e banda The Bridge
Foto: Thiago Gaspar

Dalwon Moura, letrista, jornalista e crítico musica

Entre os instrumentistas que participaram da primeira edição do Festival Jazz & Blues estavam Márcio Resende, saxofonista e flautista, Pádua Pires, guitarrista, Adriano Azevedo, baterista, Gerônimo Neto, Edmundo Jr, Ricardo Leite e Rian Batista, baixistas, Dihelson Mendonça, pianista, Adriano Oliveira, Dustan Gallas, Cristiano Pinho, guitarristas.

Também Marcílio Homem, Marcos Façanha, Marcos Maia, violonistas, Elismario Pereira, saxofonista e Rossano Cavalcante, percussionista.

"Principalmente na primeira metade dos anos 2000, isso deu um impulso muito grande a música instrumental de Fortaleza. As vezes você tinha três ou quatro opções de instrumental nos bares. Hoje, esse espaço, nesse novo início de década, está bem mais restrito. Os músicos relatam isso. O público sente falta disso. Hoje, você depende mais de festivais, dos centro culturais, de eventos e projeto. Que aumentaram, mas essa geração hoje tem mais dificuldade de tocar na noite. De chegar a esse público"

Dalwon Moura, letrista, jornalista e crítico musica

Avaliando de uma maneira geral o caminho percorrido por esta cena em Fortaleza de 2000 a 2010, Dalwon identifica um bom momento na primeira metade da década, com o surgimento de novos grupos e instrumentistas com projetos solos, de espaços para música instrumental na noite e do Festival Jazz & Blues; e um segundo período de crise, caminhando para o final da década, com artistas enfrentando problemas como a redução de palcos e a dificuldade em formar plateia.

"A noite de Fortaleza mudou muito. A nossa cena musical, no que diz respeito às propostas artísticas, se enriqueceu muito ao longo da década, mas o cenário da noite, de bares, de casas de shows mais informais, onde as pessoas costumam conviver com a música mais espontaneamente não acompanhou isso. Deu uma certa uniformização. As coisas se tornaram mais repetitivas e se tornou mais difícil encontrar, como em meados dos anos 1990, artistas de um trabalho mais amadurecido e mais diverso fazendo o circuito da noite. A meu ver esse circuito foi se uniformizando ao longo da década de 2000 e se tornando menos interessante. Mesmo as vezes por motivos econômicos, por dificuldade das casas de apostar em formações maiores e a música instrumental sofreu com isso também"

Dalwon Moura, letrista, jornalista e crítico musica

Alguns elementos foram na contramão da crise. Centro culturais como o Dragão do Mar e o CCBNB reservam programação permanente aos shows de música instrumental; projetos avulsos da Prefeitura de Fortaleza, como o Projeto Sol Maior, no Passeio Público, no final da década, promovem apresentações semanais; surgem novos festivais, já citados e o Festival Jazz & Blues de Guaramiranga amplia a participação do instrumental brasileiro ano a ano.

Um contraponto à presença do jazz e do instrumental brasileiro na noite de Fortaleza é o chorinho. O gênero consegue espaço considerável e, assim como o samba, entra na "moda" de bares e restaurantes da cidade. A cena se consolidou em espaços como o Mercado dos Pinhões, o Passeio Público, bares e restaurantes como o Bar do Papai, além de ser presença garantida em festivais e na programação dos centros culturais.

• • •

A alternância entre momentos
bons grupos surgindo, discos sendo
mobilizado - e outros em que há a
é comum a outras cenas da cidade.
anos 1990, ganhou força. Em 1998,
das Tribos, nas proximidades do
de Iracema, um galpão que recebia
feiras e reggae aos sábados. Localizado
logo ampliado, em endereço ao lado
realizado em um grande terreno
para a rua. O local mobilizava um
cativo, semanalmente. Foi capaz
Rebel Lion, Donaleda, Tribo de Leões

Banda Insanity

de intensa produção – com
lançados e um público
sensação de vazio também
O reggae, no final dos
era inaugurado o Canto
Dragão do Mar, na Praia
shows de rock às sextas-
na rua José Avelino, 42, foi
do primeiro, com shows
aberto, com palco de costas
volume intenso público,
projetar bandas como a
e Kayangaço, além de ter

recebido shows de grupos de referência nacional e internacional, como The Wailers, Gladiators, Alpha Blondy, Gregory Isaacs, Eric Donaldson, Ponto de Equilíbrio e Adão Negro.

Os bons tempos do Canto das Tribos coincidiu também com o período de maior fertilidade na cena reggae local. A Rebel Lion, chegou a ser atração festejada do Acampamento Latino-Americano da Juventude, onde se apresentou nos anos de 1997, 1999 e 2000, tocando ao lado de nomes da música nacional. Em 2004, o reggae chegou a contar com um palco só para ele no Ceará Music, com atrações locais e nacionais. O ano de 2004, no entanto, marcou o início da decadência do Canto das Tribos, que fechou as portas dois anos depois.

Embora abrisse espaço para o rock, o Canto das Tribos ficou mesmo conhecido como um espaço genuinamente de reggae. Talvez não haja correspondente em força de uma casa como esta voltada especificamente para o rock. O gênero, entretanto, conseguiu uma maior amplitude, em número de público, de bandas, em termos de força política junto às secretarias de culturas e centros culturais, além de uma cena mais arraigada e duradoura.

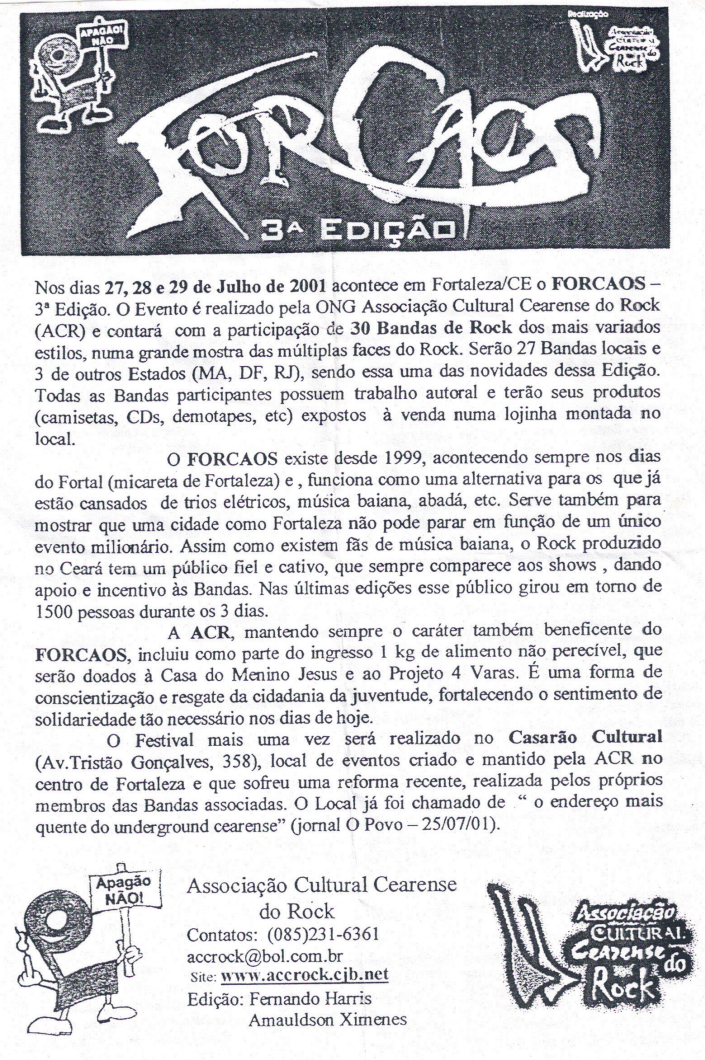
"Nessa década de 2000, aconteceram muitas coisas. Foi meio revolucionária. Primeiro que abriu-se o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em 1999, que ficou sendo um lugar para festivais. Abrigou a primeira mostra de bandas de rock do Ceará, no ano de abertura. O Dragão do Mar era um ponto de apoio legal para o rock. Depois, teve o Forcaos, festival criado pela Associação Cearense de Rock e que passou a ser palco anual importante. Além disso, teve uma coisa absurda que foi a propagação da internet. Isso também ajudou muito, porque era um modo fácil de divulgar as bandas. Tanto colocando as bandas na internet para o pessoal ver a cara delas, como divulgando os shows. Claro, a internet vem antes de 2000. Óbvio. Mas a partir de 2000 e no decorrer da década, a internet começou a ser muito utilizada. Tinha um site muito bacana chamado Fire Starter, que era um site de bandas do Ceará. Que ele colocava a foto, o release e a marca da banda e tinha uma agenda de shows para quem quisesse colocar. Tinha um fórum para as pessoas discutirem sobre o rock em Fortaleza. O rock descobriu a internet muito cedo"

George Fizzo, designer e músico, ex-integrante da banda Insanity

Testemunha desta cena rock desde os 16 anos, no início dos anos 1990, Frizzo narra a transição entre as décadas, quando o rock deixa o "undergroud", se organizando em torno da Associação Cearense de Rock (ACR), ganha a internet e passa a se apresentar em bares da noite, em calourada e até em centro culturais. Começa a chegar também da periferia da Cidade. O mercado da música atual em Fortaleza comporta, por exemplo, produtoras como a Panela Discos, radicada no Bom Jardim e que tem como lema trabalhar com bandas da periferia.

Entre os subgêneros do rock presentes no início da década na cena de Fortaleza estavam o hard core, punk rock, grunge, metal, metal clássico, trash metal, death metal, black metal. Também esse cenário se modificou ao longo dos anos, com o surgimento das chamadas bandas alternativas, dos grupos que aproximaram o rock da música popular, etc.

A abertura do Centro Dragão do Mar, analisa Frizzo, mudou a geografia do rock em Fortaleza. Em meados dos anos 1990, os espaços para shows estavam localizado essencialmente no Centro, em bares como Cidadão do Mundo, Teatro Bar Chico Anysio. A própria ACR, quando



Panfleto Forcaos

surgiu, era radicada no bairro, no Casarão Cultural. A sede abrigou as primeiras edições do Forcaos, o mais antigos festivais em atividade no Estado e também um dos mais importantes. Criado em 1999, o festival funcionava como uma alternativa rock ao Fortal ("carnaval" fora de época que promovia apresentações de grupos de axés em trios elétricos na Avenida Beira Mar), reunindo na programação, essencialmente, as bandas associadas, com uma vertente de rock pesado.

Na mesma época, em 1998 e 1999, foi realizado ainda o Anti-Fortal, com grupos de punk rock e hard core, sendo o primeiro ano no terreno baldio, localizado ao lado da loja Gaia, na Avenida Engenheiro Santana Jr., e o segundo no El Bodegon, já na Praia de Iracema. Reuniu bandas como Switch Stance, Straight Hate, Cuspe na Sola, Gargamaus, Desasters e Fuckness. Bares como Relicário, Celso 90 Graus, na antiga Praia de Iracema, também eram palco de shows de rock.

"O Forcaos, da ACR, com os shows no Casarão Cultural, chamava muita gente da periferia para assistir as bandas, também para tocar e participar da associação. Surgiu um monte de bandas com som mais underground, como Diagnosis, Veia Cava. A sede no Casarão Cultural encerrou as atividades quando a avenida foi interditada para o Metrofor. Por isso a ACR acabou batendo no Dragão do Mar. Foram marcantes para a construção da nova cena no entorno do Centro Dragão do Mar espaços como Hey Ho Rock Bar, em 2003, localizado na Rua José Avelino, 604, e, mais adiante o Noise 3D Club. Porque, até então, os shows aconteciam esporadicamente, mas não existia um espaço fixo, não existia uma casa de shows de rock. O Órbita abria para as bandas que tocavam cover, mas ainda não tinha o projeto Superdrive, que abriu para as bandas de música própria. O Noise e o Hey Ho foram muito importantes porque, a partir daí, as pessoas começaram a frequentar esses lugares e a fomentar uma possível cena de bandas. Rolou o surgimento de várias outras bandas, como Red Run, Telerama, Café Colômbia"

George Fizzo, designer e músico, ex-integrante da banda Insanity

Neste início de década, contribuíram também para essa nova cena o surgimento da Feira da Música, que desde a primeira edição manteve um palco exclusivo para as bandas de rock, e do Ceará Music. Quando foi criado o Ceará Music, lembra Frizzo, as bandas vislumbraram ali uma forma de atingir o mercado nacional da música, de ter contato com produtores das bandas que vinham se apresentar.

O rock havia ganhado espaço e começava a gerar produtos mais consistentes, com bandas de maior projeção local e até em outros Estados, com discos mais bem gravados e impressos. Os estúdios de ensaio se multiplicaram e tornaram-se mais acessíveis. Os home-studios de gravação também permitiam gravações mais baratas e em qualidade razoável. E a internet permitia que esse material chegasse a um público maior. Muda a forma das bandas se relacionarem com o mercado. Sem mais ilusão de um contrato milionário com uma grande gravadora (ou, pelo menos, com outras opções), elas procuravam se produzir, se divulgar e estabelecer seu mercado de atuação.

Capa do disco "Cabaçom" - Movimento Cabaçal, 2002 (Independente Coletivo - CD)

Destacou-se neste início de década as bandas do coletivo Movimento Cabaçal. Agruparam-se Soul Zé, Dr. Raiz (de Juazeiro do Norte), Dona Zefinha (de Itapipoca) e Jumenta Parida. Há controvérsias sobre o real caráter de movimento musical. Fechado nestas quatro bandas, tinham como ponto estético em comum a incorpação de elementos da música regional ao rock. O som moldado por cada banda, no entanto, era completamente distinto. As influências dos grupos iam de Raimundos, no caso da banda Jumenta Parida, a Chico Science, que influenciava mais fortemente o som da Soul Zé, ou mesmo dos reisados do crato, cocos, emboladas, maracatus, sons mais tradicionais do Ceará, na Dona Zefinha. Foi alvo de muitas críticas, mas conseguiu cumprir o papel de dar visibilidade às bandas.

Juntos, eles chegaram a lançar o disco "Cabaçom – a mostra de música do Movimento Cabaçal", em 2002, com quatro faixas para cada bandas. Aos poucos, foram se dispersando e até chegar ao ponto das bandas deixarem de tocar umas com as outras.

Outro registro importante para ilustrar a mudança no mercado do rock em Fortaleza foi a criação do selo Empire Records, do músico Maurílio Fernandes, vocalista da Switch Stance, que utilizou o mesmo nome de uma loja de discos onde havia trabalhado. O selo inicialmente lançava bandas de hardcore – aproveitando os contatos de Maurílio através da

Switch Stance no eixo Rio-São Paulo. Com o tempo, o leque de lançamento foi sendo ampliado e o selo chegou a promover, além da própria Switch Stance, grupos como Jumenta Parida, Capones, No Metal, Obskure, Insanity, 2Fuzz. O selo deixou de existir. A Empire Records continua atuando, mas apenas como estúdio de ensaio, gravação, aluguel de equipamentos e como produtora, sendo responsável por ações como o festival Ponto.Ce.

Frizzo avalia que, após alguns anos promissores, a cena rock de Fortaleza entrou em uma curva descendente. Fecham o Noise 3D Club (2007) e o Hey Ho Rock Bar (2010), bandas consolidadas na cena encerram suas atividades, como 2Fuzz, Switch Stance, Jumenta Parida, Macula, Insanity, Telerama, Monophonia, Café Colômbia. Outras como O Sonso e o Jardim das Horas (antigo Quarto das Cinzas) migram para São Paulo.

Ficam algumas boas vitrines para as bandas que continuam e as inúmeras outras que surgem: os festivais Ponto.Ce, o Rock Cordel (que em 2013 quase não é realizado devido à indefinição quanto ao futuro do CCBNB) e o Forcaos, promovido anualmente pela ACR, além do projeto Superdrive, da Órbita, que às sextas-feiras abre espaço para bandas autorais.

"O Rock Cordel, hoje, seria o maior, em termos de número. Mas essa restrição de lugares para tocar deu uma resfriada legal na cena. Das bandas que surgiram de 2010 a 2012, eu apontaria os Selvagens à Procura de Lei, Jorge Belasco e o Cão Andaluz, os Renegados, que já tem 20 anos na estrada, mas continuam atuantes. Mas eu percebo que já tivemos uma cena rock mais proativa. Hoje em dia, é muito forte o pensamento do 'não tem lugar, a gente não toca'. Antes, não tinha, a gente criava"

George Fizzo, designer e músico, ex-integrante da banda Insanity

Banda Macula

• • •

Por volta do ano 2000, era possível ver em bares como o extinto Up Blue, na Avenida Santos Dummont, figuras como o bluesman Felipe Cazaux ainda em início de carreira, com sua guitarra, apresentando seus primeiros acordes no blues. A cena de Fortaleza se restringia a grupos como a Matutaia e a banda do Kazane (hoje Kazane Blues), talvez o mais antigo blueseiro da cidade ainda em atividade.

Ao lado de nomes como Leonardo Vasconcelos, Artur Menezes, Diogo Farias, Roberto e Robério Lessa, o próprio Kazane, entre tantos outros, dariam corpo a cena ao longo da década, em uma crescente que pode ser exemplo para outras vertenes. Entre as novas bandas surgidas no início da década, estavam a Double Blues, da qual Felipe fazia parte, Blues Label e Overtrio.

"Eu comecei a tomar conhecimento dessa cena em 2000. Em 2000 eu tinha 17 anos. E estava no terceiro ano do colégio. Tocava metal, comecei a conhecer a galera que tocava blues. Ainda tinham poucas bandas. O Roberto Maciel dava um força para a gente e o Alexandre Rocha, que apresentava o programa Encontro com Blues, na Rádio Universitária. Mas o que rolava mesmo nessa época, que hoje não rola mais, era o pessoal do jazz. Juntava Marcos Maia, Márcio Resende, Boquinha, Pádua Pires, Denilson, o pessoal da Marajazz. A Lili Alcalay também fazia blues e jazz. Isso tinha muito. Foi quando eu conheci Rodrigo Gondim, que também tocava jazz, o Klaus Sena e Samuca, que fizeram a primeira formação da Double Blues"

Felipe Cazaux, músico

As bandas de blues da época, em especial, as novas bandas, tinham como referência o Festival Jazz & Blues, em Guaramiranga. Lá, era possível o contato com grupos experientes da cena de Rio de Janeiro e São Paulo, como os gaitistas

Felipe Cazaux - Foto: Chico Gadelha, 2012 (Acervo Festival Jazz & Blues de Guaramiranga

Jefferson Gonçalves e Flávio Guimarães. Outra referência importante para o início dessa popularização do blues, como cita Felipe Cazaux, era o programa Encontro com o Blues, dos jornalistas Roberto Maciel e Alexandre Rocha. A rádio acabava servindo como um ponto de encontro para os jovens músicos interessados no estilo, além de ser uma das poucas fontes de informação sobre o estilo. O Centro Cultural BNB promovia ainda cursos de história do blues, onde alguns destes músicos acabavam se conhecendo.

"Todo mundo fez esse curso. Porque a gente queria aprender e pegar nomes das referências do blues para ouvir as músicas. Como o Leonardo Vasconcelos, o Roberto Lessa, o Roberio Lessa, irmão dele, o Artur Menezes, o Eduardo, irmão dele, o Diogo Farias, o Carlinhos Perdigão"

Felipe Cazaux, músico

É nesta época que surge uma semente do que, anos depois, em 2007, se tornaria o projeto Casa do Blues, agregando diversas bandas da cidade e investindo na formação de plateia para o gênero. Os jornalistas Roberto Maciel e Alexandre Rocha reuniam-se com os músicos incentivando a formação de uma associação. Várias reuniões foram realizadas, mas a projeto não saiu do papel. Alexandre Rocha mudou-se de Fortaleza e, após sua partida, as bandas também deixaram a ideia de lado.

A Double Blues gravou seu disco de estreia no fim de 2003, "Looking For Trouble", que pode ser considerado o primeiro disco individual de uma banda de blues do Ceará. Antes deles, a Matutaia havia gravado o disco "É Rock", mas tocando rock e outros grupos haviam lançados produções coletivas. O disco só foi oficialmente lançado durante o carnaval de 2005.

Em meados da década, além do Festival Jazz & Blues, os grupos se apresentavam em espaços como The Wall, Choperia Zug, Café Pagliuca, Mucuripe Club, Órbita, Centro Dragão do Mar e Centro Cultural BNB. O Ceará Music também abria espaço para as bandas de blues, para apresentações em palcos como o Nativo ou Br Mania, variando de acordo com a edição.

Em 2006, Felipe Cazaux sai em carreira solo, inicialmente utilizando ainda o nome Double Blues, que em seguida foi abandonado. O seu primeiro disco solo, "Help The Dog", foi lançado em 2007. No mesmo ano, Artur Menezes também deixa a banda De Blues em Quando, da qual fez parte após deixar a Blues Label, passando a se apresentar como Artur Menezes e Os Caras.

O movimento de bandas veio em uma crescente desde o início da década, e na segunda metade dos anos 2000 apresentava um número bem superior de propostas, embora ainda dispersas. Em 2005, Fortaleza recebe a primeira edição do festival Oi Blues By Night, que teve como produtor local Roberto Maciel, depois o próprio Felipe Cazaux, e em um terceiro momento, por Artur Menezes.

"A gente tocava junto com os músicos de referência. Isso foi motivando os músicos. Eu abri o show do Nuno Mindelis, em 2007, para o Magic Slim, acho que o primeiro nome internacional que veio. Tudo isso vai ajudando, porque a cada show desses, a galera ia ficando com mais vontade. E as bandas que existem vão criando mais espaços. Vão vendo que está tendo publico. O público vai também entendendo melhor o que é"

Felipe Cazaux, músico

O projeto coletivo Casa do Blues foi criado em 2008 (ano em que era criado também o festival Canoa Blues), tendo Leonardo Vasconcelos como presidente. Com ele, estavam Artur Menezes, Roberto Lessa e Diogo Farias. O nome teve inspiração no projeto House of Blues, produzido por Kazane em 2007, que promovia apresentações de blues no Buoni Amicci's, pizzaria e boate localizada no entorno do Centro Dragão do Mar.

A Casa do Blues, na avaliação de Felipe, deu um impulso para fortificação da cena de Fortaleza produzindo ações com as bandas em conjunto. Uma das primeiras delas – e talvez a mais bem sucedida – contou com recursos da Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor) para promover shows gratuitos aos sábados, durante todo o ano de 2009, na praça do Mercado Joaquim Távora, localizada na Av. Pontes Vieira, próximo ao Parque Rio Branco. Passaram pelo projeto não só as bandas associadas da Casa do Blues, mas também outras da cena local e nacional. A praça, em pouco tempo, virou ponto de encontro para os admiradores do estilo.

"Em um primeiro momento, a Casa do Blues promoveu shows no Café Teatro das Marias, da Valéria Pinheiro, mas não tinha apoio, nem cachê, muitas vezes com som precário, e o pagamento das bandas dependiam da bilheteria. Quando começou na Praça Joaquim Távora, aí foi o grande 'boom'. Foi onde a gente formou muito público. Virou costume. Era um sábado mais lotado que o outro. Como era no mesmo canto, formou efetivamente um público. Foi um projeto perfeito para formação de público"

Felipe Cazaux, músico

Após o projeto, a cena blues de Fortaleza ganhou um novo ânimo. Entre os nomes que surgiam, de 2009 em diante, destaca-se Alisson dos Anjos, Blues On The Table, Aguardente Blues, Aguardente Blues, Rafael Balboa (músico da Full Time Rockers, que iniciou carreira paralela, tocando blues). A Casa do Blues chegou a alugar um endereço na Avenida da Universidade (Benfica) no final de 2010, mas o local ficou aberto por pouco tempo. Atualmente, a associação segue promovendo projeto pontuais. Em julho de 2012, eles gravaram um DVD "Casa do Blues – Ao Vivo", no Parque Adahil Barreto, que deve ser lançado ainda em 2013. O show de gravação foi uma mostra da dimensão que o estilo assumiu na cidade, reunindo no parque cerca de três mil pessoas. Participaram Artur Menezes, Felipe Cazaux, Blues Label, Puro Malte e De Blues em Quando.

"O que acho mais legal é que o Blues virou nesta década um estilo obrigatório em Fortaleza. Você faz uma Feira da Música, tem que ter uma banda de blues. É como o rock, que é um estilo mais consolidado. A Feira da Música sempre tem banda de blues, a Mostra Petrúcio Maia, também. Quanto mais banda tem, mais fácil disso continuar rolando. Porque sempre vai ter banda boa aparecendo. A gente conseguiu entrar no mercado. Eu acho que o blues passa por um bom momento"

Felipe Cazaux, músico

...

Dos sopros e espasmos que atingem de tempos em tempos a cena artística de Fortaleza, talvez um dos golpes mais iluminados dos últimos anos tenha sido deferido no ano de 2010: a Manifesta - Festival das Artes, realizada de em 12 horas

Manifesta!, 2012, Banda Selvagens à Procura da Lei, Dragão do Mar (Acervo Manifesta!)

Manifesta!, 2010, Theatro José de Alencar (Acervo Manifesta!)

Manifesta!, 2010, Theatro José de Alencar (Acervo Manifesta!)

de ocupação artística no Theatro José de Alencar, entre os dias 19 e 20 de setembro. Juntos, sem cachê e sem entrada, 350 artistas de circo, dança, performance, artes plásticas, audiovisual, teatro. E a música como protagonista.

Era o ano zero da segunda década do século XXI e o mote inicial era a celebração dos 30 anos da Massafeira Livre, movimentação que também ocupou o teatro com diversas artes em 1980. Um livro sobre o assunto estava sendo lançado junto à reedição do disco Massafeira, sob produção da filha de Ednardo, Júlia Limaverde.

Ansiando por fazer dos 30 anos da Massafeira um momento mais relevante que apenas o lançamento do disco, Júlia aliou-se a outros artistas da cidade, como o músico Daniel Medina, para traçar estratégias de mobilizar a cena. Sem dinheiro para cachê à infinidade de artistas que era sonhada comparecer ao dia, o grupo passou a mobilizar, em especial, via internet, com convocatórias, atraves do blog (manifestafestival.blogspot.com.br), via e-mail e redes sociais. Foram alguns meses de reuniões, conversas ao pé do ouvido, até convencer e empolgar com a ideia um número representativos de artistas da Cidade. Na imprensa, o Diário do Nordeste encerrou uma série sobre os 30 anos da Massafeira com matéria sobre a Manifesta que estaria por vir. O Jornal O Povo, o crítico musical Luciano Almeida estava no TJA e publicou resenha sobre o assunto.

Entre os manifestantes de múltiplas linguagens, Ricardo Guilherme interpretou textos de Augusto Pontes, lembrando a Massafeira, o ator Chicão Oliveira fez performance, também a Cia Verdade Cênica, Sílvia Moura apresentou-se com sua companhia de dança, houve recital dos poetas do Templo da Poesia, performance da Cia Luz, intervenção de artistas visuais como visual Rafael Limaverde, o Grupo Acidum, Raísa Cristina expondo telas, encontro de ilustradores do Baião Ilustrado.

E, na ponta desta movimentação, havia a ideia de interação da nova cena musical de Fortaleza com nomes da geração passada, que ainda estavam produzindo, mas não se cruzavam. Ednardo, Rodger Rogério, Calé Alencar, Lúcio Ricardo, Chico Pio e os irmãos Régis e Rogério Soares fizeram o show em memória a Massafeira. Na entrada do Theatro, no palco do jardim e dentro da caixa cênica, no palco principal, músicos da nova cena apresentaram simultaneamente. Em 12 horas de shows, o Theatro permaneceu cheio, com todos os seus espaços ocupados.

Entre os jovens músicos, estavam Vitoriano, ex-Alegoria da Caverna, ao lado de Gustavo Portela, o coletivo Bora! Ceará Autoral Criativo, recém-criado e em plena fase de criação, o coletivo Comparsas da Vivenda, que revelaria nomes como o compositor Caio Castelo e a intérprete Lorena Nunes, o grupo Breculê, que havia lançado disco naquele mesmo ano, também em um TJA lotado, Jonnata Doll & Garotos Solventes, Dead Leaves, Bosco Lisboa, Don L, Ivan Timbó, Fulô da Aurora, Baque Lírico, Daniel Medina, os brincantes do Tambô de Cabôco, Água de Quartinha, e até os roqueiros da banda Renegados, a época com quase 20 anos de estrada e Babi Guedes.

Não houve a idealizada interação entre os músicos da Massafeira e a nova cena musical de Fortaleza, mas o encontro no TJA, mais do que isso, mais do que dar corpo a um festival (que vem se firmando, já com três edições realizadas), foi um momento memorável de celebração, interação entre as diferentes linguagens e que conseguiu fazer um retrato do que era produzido na Cidade àquele ano. Parte da história construída a partir de 2000, parte do que veio ainda antes, e parte do que está por ser construído ainda por esta arte - que infla, esmorece, brilha, cambaleia, mas teima em ser feita no Ceará.

Discografia básica (2000 - 2012):

Lorena Nunes - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 (Acervo SOLAR)

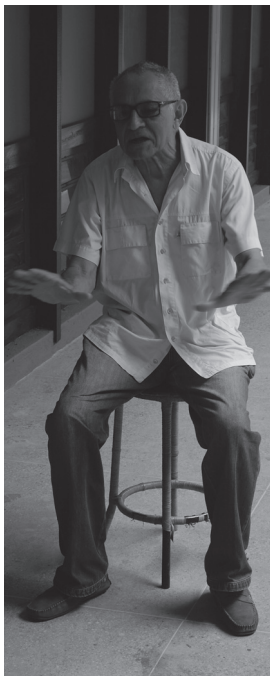
Caio Castelo - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 (Acervo SOLAR)

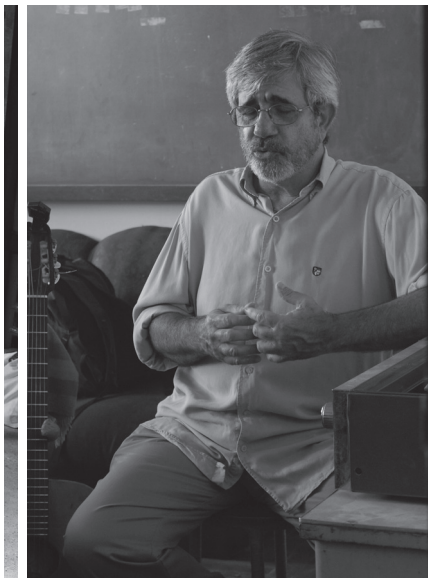
Banda Renegados - Foto: Papinha Rodrigues, 2012 (Acervo SOLAR)

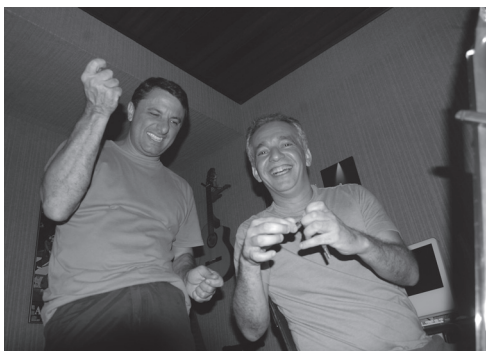
- Dragão Vivo, Calé Alencar, Dilson Pinheiro e Pingo de Fortaleza (2000)
- Única Pessoa, Ednardo (2000)
- Switch Stance, Switch Stance (2001)
- Jumenta Parida, Jumenta Parida (2002)
- Cabaçom – A mostra de música do Movimento Cabaçal, coletivo (2002)
- Palavra Música, David Duarte (2002)
- Próximo, Kátia Freitas (2002)
- Morador do Mato, Cainã Cavalcante (2002)
- Liberdade e Libertação, Donaleda (2003)
- Amousía, 2Fuzz (2003)
- Revendo Amigos, Manasses (2003)
- Raimundo Fagner & Zeca Baleiro, Fagner e Zeca Baleiro (2003)
- Do que se faz o tempo, Jácio Cidade (2004)
- Nonato Luiz & Antônio José Forte, Nonato Luiz e Antônio José Forte (2004)
- Casa Tudo Azul, Fausto Nilo (2004)
- Brasileirando, Adelson Viana (2004)
- Guaramiramga, Fernando Rosa (2004)
- Cidadela, Pádua Pires (2004)
- Choro em Sonata, Nonato Luiz (2004)
- GororobaPopSemberebaRockTudo , Alegoria da Caverna (2005)
- Miracula, Syntagma (2005)

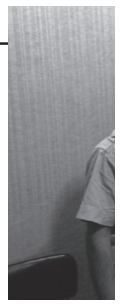
- Acústico, Belchior (2005)
- Tente Descobrir, Marimbanda (2005)
- Sambopeando, Brazuca (2006)
- Enquanto a Cidade Dorme, Alan Mendonça (2007)
- Zefinha Vai a Feira, Dona Zefinha (2007)
- *Help The Dog, Felipe Cazaux (2007)*
- *I Trust My Dealer,* Montage (2008)
- New Bossa, Márcio Resende (2008)
- Uma Canção na Rádio, Fagner (2009)
- Cortejo, Cristiano Pinho (2009)
- Interiores, Argonautas (2009)
- O Sonso, O Sonso (2010)
- Vidas Volantes, Breculê (2010)
- Movimento, Gustavo Portela (2010)
- Quando fevereiro chegar - Uma lírica de Fausto Nilo, coletivo (2010)
- O Trovador - Uma homenagem a *Evaldo Gouveia*, coletivo (2011)
- Early to Mary, Artur Menezes (2011)
- Parceiros, Amaro Penna e César Asfor (2012)
- Aprendendo a Mentir, Selvagens à Procura de Lei (2012)
- Querendo Tem, Fulô da Auroroa (2012)
- Janelas do Brasil, Amelinha (2012)
- Manual Prático da Saudade, Ayrton Pessoa (2012)

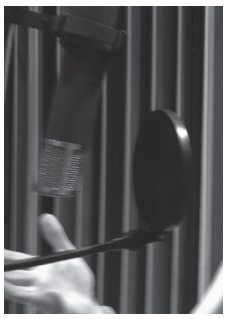
Imagem da parte interna do disco “Vidas Volantes” - Banda Breculê, 2010, foto Igor Grazianno (Acervo Banda Breculê)



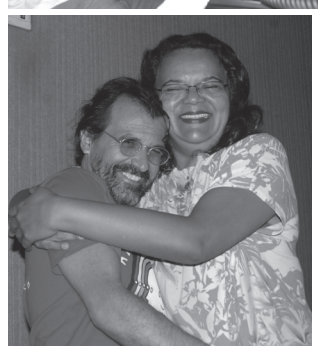


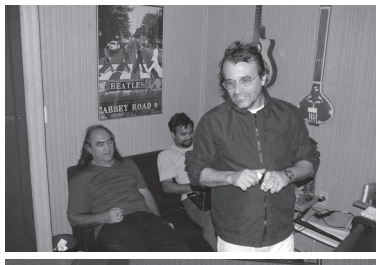




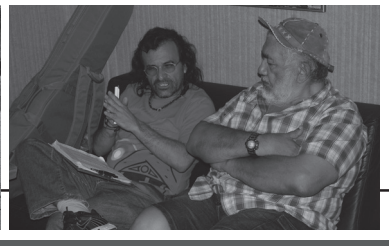


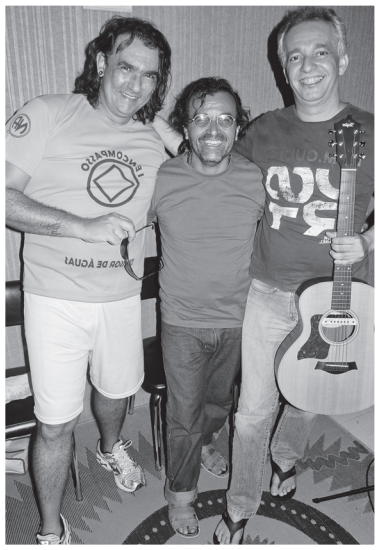
dos Técnicos
STUDIOS
Cia. dos Técnicos
STUDIOS



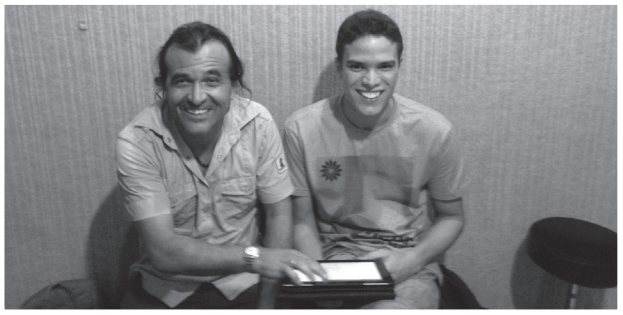


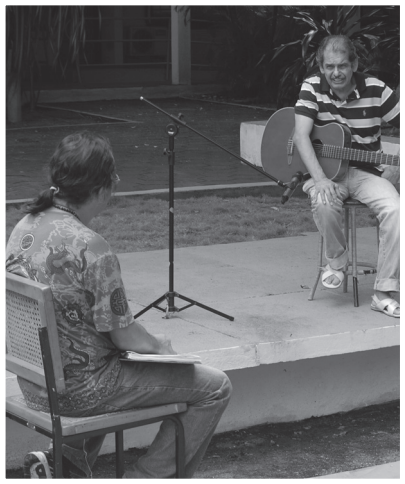
AVENIDA
Canon


BEATLES
ABBEY ROAD

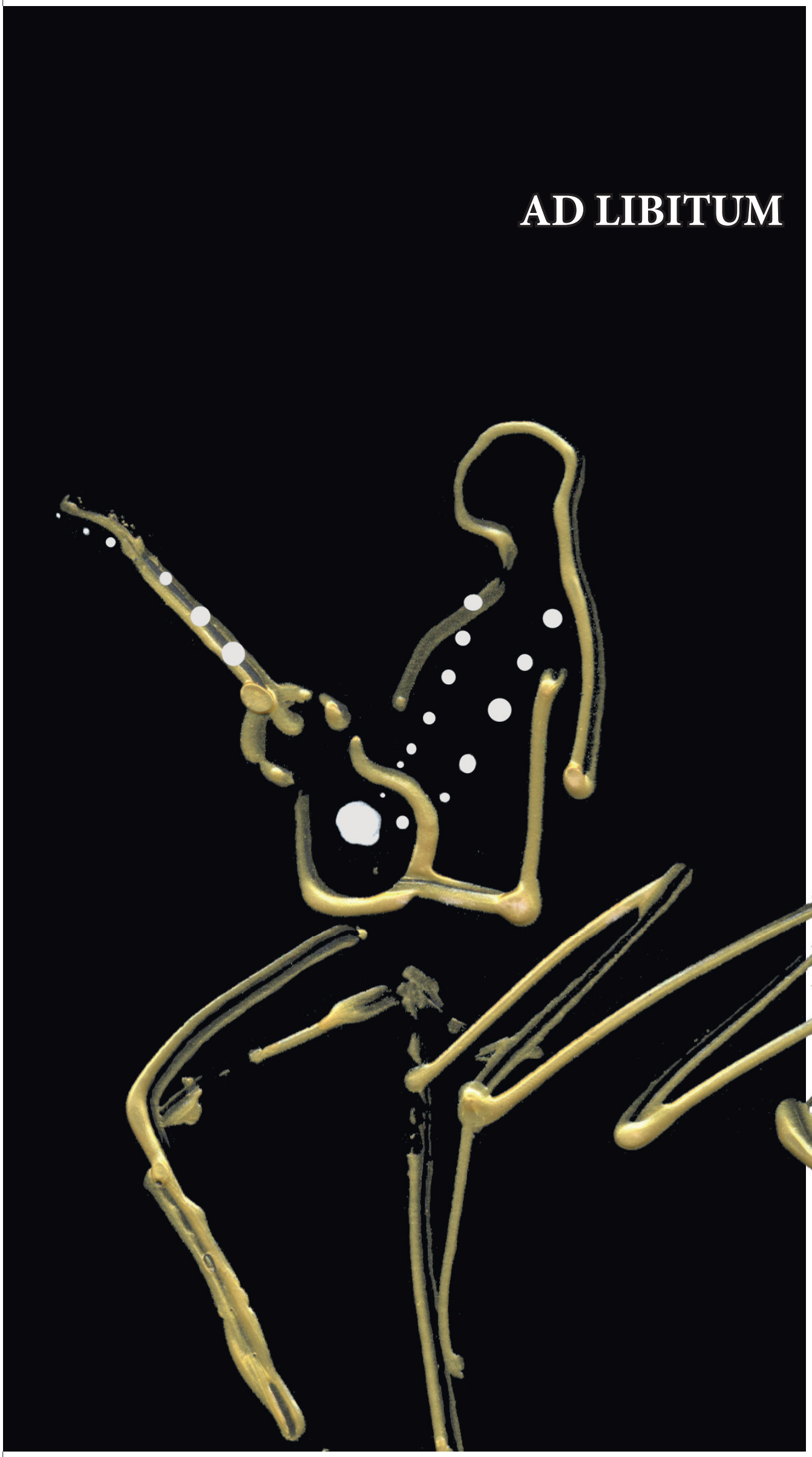


ABBEY ROAD





AD LIBITUM



Ceará da Música Plural

Flávio Paiva
(jornalista, colunista semanal do Diário do Nordeste e autor, dentre outros, dos livros/CDs "Flor de Maravilha", "Bendito Bacurau", "A Festa do Saci" e "A Casa do Meu Melhor Amigo" (todos editados pela Cortez Editora), nos quais combina literatura e música. flaviopaiva.com.br)

A música no Ceará vem de longe. Estava nas festas e cerimoniais dos nativos e entrou em permanente transformação com a chegada dos colonizadores, que trouxeram novos instrumentos, outros sentimentos, mais conflitos e razões para o cantar. Uma coisa foi acrescentando outra, remexendo oralidade e musicalidade, repercutindo os sons da natureza, o canto dos pássaros, a fala dos bichos, o bisbilhar dos riachos, o tac-tec das lutas e a sonoridade dos maracás, dos tambores, das rabecas e de outros instrumentos que ainda hoje são tocados por bandas, como a cabaçal do Irmãos Anicete e a cenomusical Dona Zefinha.

A Banda Cabaçal dos Irmãos Anicete sintetiza a musicalidade dos cariris, com suas onomatopéias da natureza e gestos do cotidiano da vida rural - Foto: de apresentação no CUCA Chê Guevara, na Barra do Ceará, em Fortaleza (2011).

Neste pequeno ensaio-memorial, abordo livremente questões dessa musicalidade, que vem dos nossos ancestrais e que está na alma da cearensidade, desde a alegria até o mau agouro. Um cearense sempre encontra razões para cantar, dando sentido a necessidades, desejos, aspirações e a toda sorte de sentimentos. No Ceará, o som faz parte de tudo aquilo com que se sonha, do que se faz, do que se sente. É uma linguagem, um modo de comunicação, de aproximação, de envolvimento individual e grupal. Com suas metáforas de vocabulário sonoro, essa linguagem nos vincula com o espaço e o tempo por meio de uma narrativa diversificada e plural.

A banda Dona Zefinha, de Itapipoca, desenvolve inovadores trabalhos cênico-musicais com forte essência da ancestralidade nativa cearense, como no espetáculo "Zefinha foi à feira", apresentado no Centro de Convenções do Ceará - Foto: de Alex Hermes (2008).

Tudo leva um cearense a gostar de música, a cantar, a compor. Mais do que adversa, humoral e festiva, a vida é som no Ceará. Somos uma gente musical, de inteligência musical, embora nem sempre nos demos conta disso. Durante o dia, fomos e somos guerreiros, vaqueiros, agricultores, comerciantes e, à noite, tocadores de viola, cantadores, recitadores de poesia; sem contar com o aboio, a mania de assobiar, as cantigas de campo, cantigas de feira, de missa, de roda, de dor de cotovelo e de ninar. Esse é um patrimônio cultural ainda pouco otimizado no seu caráter múltiplo e coletivo pelos poderes públicos e pela iniciativa privada, como fonte renovável de benefício social e econômico.

Maestro Gladson Carvalho, que defende a música como um instrumento de refinamento social, em show de lançamento do LP "América", da cantora Olga Ribeiro. Parque do Cocó, 1982.

O maestro Gladson Carvalho, criador e regente da Orquestra Filarmônica do Ceará, comentou comigo certa vez que, na sua experiência de aluno do maestro cearense Eleazar de Carvalho (1912 - 1996) e de organizador e dinamizador de orquestras no Ceará e na Paraíba, sempre observou com agradável surpresa o tanto que a música é um grande instrumento de refino do ser social. E desafiou-me a evocar alguma manchete de jornal que expressasse algo como "Trombonista matou a mulher", "Violinista assaltou um banco", "Cantora participa de sequestro". Depois disso fiquei pensando na relação que pode existir entre o aumento da violência e a redução das nossas oportunidades de acesso à música no nosso cotidiano.

O senso de pertença na cearensidade vem da vida nômade, por isso somos plurais e precisamos de sons para ordenar a nossa experiência, para dar sentido à pessoa, à comunidade e aos acontecimentos. Não interessa se o sanfonar veio ou vem do Luizinho Calixto, do Waldonys, do Adelson Viana, do Alves Nascimento, do Edson Távora, da dupla Ítalo e Renno ou dos foles perdidos nos palcos das bandas sem alma dos empresários de festa; o que vale é estarmos socialmente tecidos por um fio da música, nos mais variados estilos, gêneros, ritmos e temas. Infelizmente, por força de interesses hegemônicos de pequenos grupos associados ao mercado e ao poder, essa ignorância foi generalizada e a música do Ceará é pouco percebida na sua variedade sinérgica e integradora. Aliás, a imagem de crianças no interior tocando sanfona é um símbolo da nossa cultura que ainda não monumentalizamos.

Maestro Edson Távora em foto de divulgação do Projeto "Sexta com Arte" do Sindicato dos Jornalistas do Ceará, em 1996.

Movidos pela vontade de contribuir com a visibilidade da música plural no Ceará, o jornalista Moacir Maia e eu criamos e coordenamos, na segunda metade dos anos 1990 e início da década de 2000, um ambiente compartilhado para tratar de ações em favor do direito de oportunidade cultural no âmbito da música. Por meio desse instrumento mobilizador, que chamamos de "Fórum pelo Fortalecimento da Música Plural Brasileira", promovemos o diálogo e a aproximação entre artistas de campos estéticos diferentes e estimulamos as pessoas a, independentemente de serem ou não autoras, tornarem-se multiplicadoras da música desenvolvida à margem da indústria fonográfica, sobretudo quando esta transforma duvidosas mercadorias em produtos culturais.

Houve quem não gostasse da visibilidade que se foi engendrando com as ações do Fórum; quem visse na nossa proposta uma ameaça ao monopólio da música triste, do canto sofrido, da arte da depressão. E, lamentavelmente, muitos dos nossos músicos, compositores e cantores seguem essa lenga-lenga e querem ser aceitos pelos arquitetos dessa redução do olhar sobre o Ceará da musica plural. Um dia, pensando nesse paradoxo entre o peso da mesmice nostálgica e o espírito flutuante da musicalidade cearense, e após ler o ensaio "Sobre a brevidade da vida", do filósofo Sêneca (4aC – 65), compus um *tecnorapxote* de exaltação à purificação da cearensidade pela música e pela dança, intitulado "Xote para Sêneca", como resposta a esse estúpido fechamento estético.

A busca pela complementaridade de novos olhares e sonoridades levou Flávio Paiva a fazer o CD "Terra do Nunca", com a cantora maranhense Anna Torres e o baixista paulista Paulo Lepetit. Na foto, Flávio Paiva e Anna Torres. Imagem de Gentil Barreira (1997).

Como em outros trabalhos de experimentos musicais que fiz, procurei deixar claro que acredito na multiplicidade das fontes e das formas fundantes da nossa música e sua capacidade de ser mais do que música: "O xote é movimento / Fluindo sem parar / Uma sabedoria / Que sacode o Ceará". O "Xote para Sêneca" foi gravado no CD "Terra do Nunca - Flávio Paiva por Anna Torres e Paulo Lepetit" (Plural de Cultura, 1997), com a participação do *rapper* Rica Caveman, e no CD da Orquestra de Câmara Jovens solistas do Nordeste e Orquestra Filarmônica do Ceará (Independente, 2005), com interpretação de Carol Damasceno e Hérlon Robson, com regência de Gladson Carvalho. Com direção de Karla Holanda e Otávio Pedro, foi o videoclipe vencedor do Prêmio Dragão do Mar de Cinema e Vídeo/1998.

Karla Holanda, Otávio Pedro e Flávio Paiva na praia do Titanzinho, onde foi rodado o videoclipe da música "Xote para Sêneca" (Flávio Paiva), vencedor do Prêmio Dragão do Mar de Cinema e Vídeo/1998, com direção de Karla Holanda e Otávio Pedro - Foto: de Dário Gabriel (1998).

O bom de ser de um lugar onde a música é tão diversa, e mais do que música, é que as circunstâncias dos nossos cantares nos remetem a nós mesmos, em identificações interligadas por sons. O idioma estético da cearensidade é a música, com seus sotaques e ritmos. Somos

poliglotas nesse falar sonoro. Não dá para rotular, classificar, segregar. No Ceará não há música típica, nem um tipo de música originalmente prevalecente; há apenas música, como há pessoas e suas experiências pessoais e históricas. Conforme a oportunidade de acesso que temos a essa diversidade e pluralidade, cada cearense vai conferindo forma e significado a si mesmo e à nossa cultura, transformando-se na música que ouve e que toca, sem xenofobia e com orgulho agregador. Compomos e cantarolamos com facilidade porque somos atraídos por música como as abelhas são seduzidas pelas flores.

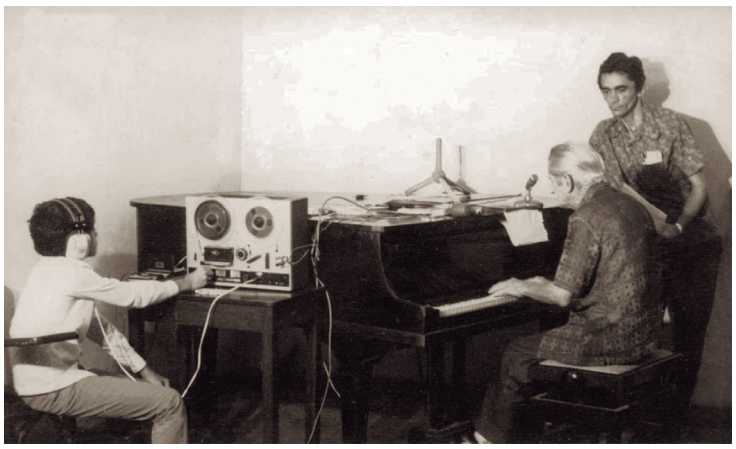
Nesse percurso, criamos também marcas musicais próprias, como o balanceio, de Aliardo Freitas, Lauro Maia e Danúbio Barbosa, que serviu de base para a criação do baião pelo compositor cearense Humberto Teixeira e pelo cantor pernambucano Luiz Gonzaga. Em "Tão fácil tão bom", Lauro Maia deu trato ao ritmo: "Balança o corpo pra lá / Balança o corpo pra cá / Agora dê um pulinho / E diga que sabe, que sabe dançá / O balancêi, balançá / Você já pode ensiná"; Teixeira e Gonzaga abriram novos caminhos com "Baião": "Eu vou mostrar pra vocês / Como se dança o baião / E quem quiser aprender / É favor prestar atenção / Morena chega pra cá / Bem junto ao meu coração / Agora é só me seguir / Pois eu vou dançar o baião / Eu já dancei balancê / Xamego, samba e xerém / Mas o baião tem um quê / Que as outras danças não têm".

Armando Telles gravou a música "Como me dá" (Calé Alencar / Flávio Paiva), um experimento de balanceio na tentativa de descobrir uma marca musical para o Ceará - Foto: de Flávio Paiva (1994).

Não fosse a política urbanizadora da era Juscelino Kubitscheck (presidente entre 1956 e 1961), que priorizou a bossa nova como símbolo de exportação de um Brasil moderno, o baião, que nasceu no Iguatu, teria uma presença internacional do nível do reggae. Em 1994, o compositor Calé Alencar e eu tentamos retomar essa questão, propondo uma nova versão de balanceio, e compusemos a música "Como me dá", gravada por Armando Telles no meu CD "Rolimã": "Danço reggae / danço samba / Danço rock e baião / Danço frevo e merengue / Gosto mesmo é de dançar / Mas tem um tal de Balanceio / Que parece brincadeira / Mexe aqui, mexe acolá / Vai mexendo sem parar / Como é bom, como me dá / Mais vontade de dançar / Eu vou até de manhã / Só nesse balancear / Como é bom como me dá / Mais vontade de dançar". Para fazer a liga com o original utilizamos o recurso de metacanção com a música "Eu vou até de manhã", de Lauro Maia, sucesso de 1945 no canto dos 4 Ases e 1 Curinga.

Mona Gadelha abriu no Ceará uma nova trilha para o rock e o pop, com composições originais. Na foto, a cantora gravando "Bolha", de Flávio Paiva, que também registrou o momento (1994).

Em situação normal, nossa mente musical se entrega às emoções e aos sentimentos mais distintos e surpreendentes. Lembranças, projeções e ideias chegam à nossa música sempre com a impressão de familiaridade de algo que nela se expressa. Ter um horizonte para estender o olhar é uma necessidade da nossa alma, embora seja também uma maneira de ter mais espaço para ouvir o trinado dos pássaros, o cricrilar dos grilos, o farfalhar das folhas das árvores, o sussurro dos ventos e o marulhar das ondas. Tudo "de ouvido", como se diz; tudo como eco da oralidade formadora da nossa cultura aberta. Para entender do que estou falando, basta ler o verso em que a compositora e cantora Mona Gadelha conta da reação de um amigo ao ser advertido por estar naturalmente de olho em outro rapaz: "Ele me deu um carão" ("Cinema Noir", 1996). Difícil imaginar a palavra "carão", no sentido de repreender, em um rock não cearense; mas está aí, porque "No Ceará é assim", como diz a composição de Carlos Barroso, sucesso silencioso e atemporal do grupo 4 Ases e 1 Coringa, desde 1941.


Luiz Assumpção registrou em "Vive seu Mané Chorando" a palavra "samba" com o sentido de festa, usado no Ceará desde os povos indígenas. Na foto, o pesquisador Nirez e seu filho Otacílio de Azevedo colhem depoimento do artista (1974).

Talvez esse caráter da música, como base para o jeito de ser de uma gente, merecesse um estudo antropológico. A ligação sonora entre o que fomos, o que somos e o que seremos quebra a estrutura da hipótese de nexo da narrativa dominante. O Ceará da música plural constitui-se de pedaços de emoções sentidas,

tocadas e cantadas, de acordo com os fatos pessoais e coletivos do nosso misto de etnias, lastreado no gênio insurgente da nossa herança tapuia. Em seu livro "Auxílio Luxuoso" (Annablume, 2003, p.152), Wander Nunes Frota menciona várias fontes que indicam, por exemplo, que o samba era uma festa popular de origem ameríndia, como deduziu o pesquisador e escritor sergipano Sílvio Romero (1851 - 1914). Na canção "Vive Seu Mané Chorando", Luiz Assumpção (1902 - 1987) fala de alguém que perdeu a mulher, depois de ela ter ido a uma festa em Mucuripe: "A Maria foi pro samba e sambando lá ficou" (1955).

No alto da Serra da Ibiapaba, a paisagem serena de Viçosa do Ceará é embalada pelo canto alegre do pífaro encantado de Alfredo Miranda - Foto: de Flávio Paiva (1995).

A musicalidade é um atributo da cearensidade que pode ser encontrado no sertão, no litoral e na serra. O jornalista cearense Pablo Assumpção Barros da Costa registrou em seu livro "Anicete - quando os índios dançam" (UFC, 1999), a propensão natural dos nossos ancestrais para o canto, a dança ou o mero assobio, em eventos de caráter medicinal, religioso e de prazer. Revela que quase tudo era motivo para música entre os cariris. "Era um povo que não fazia muita distinção entre a louvação sagrada e o gozo: os rituais místicos tinham caráter de regozijo e as festas de comemoração, seja pelo nascimento de um bebê, seja pela abundância na caça, eram igualmente sagradas" (p. 38). As bandas cabaçais, como a dos Irmãos Anicete, do Crato, com seus pífaros, caixas e zabumbas, refletem bem a essência dessas manifestações. Na Serra Grande (Ibiapaba), o som dos pífaros ecoa no toque gingado de um duende franco-tabajara, chamado Alfredo Miranda, que vive encantado em Viçosa do Ceará.

O rapper Erivan e a cantora Marta Aurélia ressignificam a canção tremembé "O-ÎANDÉ" em apresentação do show "Minha Alma", no BNB Clube - Foto: de Fernanda Oliveira (2009).

Enquanto o samba dos cariris fazia parte do ritual culinário de cozimento do cágado (sâmbà), no litoral, os tremembés dançavam o torém para comemorar a colheita do caju, na qual bebiam cuias e mais cuias de mocororó (aguardente fermentada de caju) ao som de maracá (aguaim). "A primeira descrição conhecida da dança do torém pertence ao Padre Antônio Tomás, feita por ocasião de sua visita pastoral a Almofala, Ceará, em 1892. Juvenal Galeno registrara a palavra em suas "Lendas e Canções Populares", como instrumento musical e dança", escreveu o pesquisador cearense Aloysio de Alencar Pinto (1911 - 2007), coordenador da pesquisa que resultou no "Torém/ Ceará - Documentário sonoro do folclore brasileiro nº 30" (Funarte/ MEC, 1975). A atriz, compositora e cantora Marta Aurélia inclui em suas apresentações a composição Água de Mani, uma das mais conhecidas do repertório remanescente dessa dança tremembé de roda e de terreiro.

O cantor Xerém foi o primeiro brasileiro a utilizar a palavra "Forró" em uma gravação, dentro do significado de "festa" integrada por variados ritmos do cancioneiro nordestino. Em 2003, sua neta paulistana Cris Aflalo gravou o CD "Só Xerém" - Foto: de Paulo Guimarães (2005).

No maciço do Baturité, os jenipapo-canindés também se valeram da música como companheira de sentido e seu mais destacado representante foi o cantor Xerém (1911 – 1979). E foi com um misto de trupe e grupo regional, apoiado em violão, cavaco, gaita, cuíca, pandeiro e vocal, que Pedro de Alcântara, o Xerém, gravou com a sua irmã Tapuia (Nadir Alcântara) o choro sertanejo "Forró na Roça" (1937), parceria com Manoel Queiroz, que dá nome ao disco identificado pelo pesquisador Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), como o primeiro a constar no título a palavra "forró".

Parceiro de outros artistas consagrados como Capitão Furtado e Zé Trindade, com composições gravadas por nomes como Aracy de Almeida e pela dupla Alvarenga e Ranchinho, Xerém tem lugar destacado na nossa galeria da música plural. Sua neta paulistana, Cris Aflalo, recuperou alguns de seus sucessos no disco "Só Xerém" (2003), produzido em parceria com o guitarrista Luiz Waack, com direito à participação especial de Hermeto Pascoal. Cris foi no fundo do baú do avô e lançou três inéditas: a bem-humorada "Pisa no Pilão", "Alegria comigo mora", que tem Oswaldinho do Acordeon, e "Raymunda Patuá", na qual a cantora preserva a estética de ruídos da bicharia, presente na música autóctone cearense e nos programas de rádio feitos por Xerém.

Cego Oliveira toca rabeca para Flávio Paiva, após entrevista em sua casa no sítio Cipó, interior de Juazeiro do Padre Cícero - Foto: de Jorge Henrique (1986).

O repertório das preciosidades musicais que cantam as particularidades da vida cearense e sua integração com outras gentes, revelando a nossa multifacetada visão de mundo, tem na poética oral do cordel, do repente, do coco e da embolada uma marca muito forte. O registro de mais de uma centena de rabequeiros, feita em quarenta e poucos municípios do Ceará, pelo pesquisador Gilmar de Carvalho e pelo fotógrafo Francisco Sousa ("Rabecas do Ceará", editado pelo Laboratório de Estudos da Oralidade da UFC, 2006), demonstra o quanto essa sonoridade da tradição persa está viva pelo sertão, embora não seja mais a preferida nas animações de sambas, forrós, cerimônias de casamento e comícios eleitorais. Encantado com essa travessia invisível das rabecas, escrevi na minha coluna semanal que "o rabequeiro, ao lado do repentista, do cantador e do violeiro, integra uma força cultural milenar que foi transplantada da península ibérica para o nordeste brasileiro onde vicejou quase sempre na marginalidade. O tocador de rabeca e a arte de poetizar tangendo o instrumento mistura arabidade, ibericidade e nordestinidade na formação das essências sonoras brasileiras" (Diário do Nordeste, 11/11/2008).

O tenor André Vidal interpreta "Serenata", adaptação do cancioneiro de domínio público, feita por Flávio Paiva e dedicada ao cantor lírico Paulo Abel do Nascimento - Foto: de Aline Monteiro (1994).

Ivanilde Rodrigues, uma das rainhas do rádio no Ceará, fazia dupla com Alan Neto, com o pseudônimo de Rouxinol e Bem-te-vi.

Quando eu trabalhava como repórter no jornal O Povo, tive a satisfação de acompanhar de perto as atividades do Cego Oliveira (1912 - 1997) na feira de Juazeiro do Padre Cícero e na casinha no sítio Cipó, onde ele morava. Na reportagem que fiz com ele ("Cego Oliveira e o despertar da imposição", O Povo, Segundo Caderno, pp. 4 e 5, 19/10/1986), compartilhei a sua angústia de ser parte de um veio cultural que parecia secar. Dentro dele, porém, pulsavam arquétipos de historicidade cheios de vigor. Lembro-me de que, extrarreportagem, perguntei a ele qual a cantiga mais remota das suas recordações e ele cantarolou uns versos soltos, anônimos e cheios de significados, que depois organizei com o título "Serenata", em uma adaptação gravada com ornamentação vocal do brilhante tenor cearense André Vidal, no meu CD "Rolimã" (Cameratti, São Paulo, 1994): "Minha gente eu vim de longe / somente a passear (...) eu sou filho da Europa (...) quando o navio atracou / saltei logo do vapor / aqui estou eu". Esse tipo de trama foi reforçando em mim o sentimento da pluralidade evidente em nossa música. Tanto que, neste caso, dediquei a "Serenata" ao prodigioso cantor lírico cearense Paulo Abel (1957 - 1992), que, além de ser múltiplo, foi um rompedor de fronteiras estéticas e geográficas.

Dilson Pinheiro, artista múltiplo, apresentador de televisão e carnavalesco destacado na construção da identidade foliã cearense - Foto: de arquivo do artista.

A pluralidade musical compõe a metanarrativa da cearensidade na sua mais larga e múltipla dimensão de beleza. Está nos aboios dos vaqueiros, nas violas e violeiros do ciclo do gado e do algodão (séculos XVII a XIX); nos autos populares, nas quadrilhas juninas, cada vez mais renovadas no interior e na capital, nas tiradas de coco de roda, com seus cantos de embolada ritmados com palmas, ganzá e caixão de madeira percutida à base de conchas; na influência das matrizes africanas, no jeito caboclo de fazer cortejo de maracatu, no glamour vocal de Ivanilde Rodrigues, Marilena Romero, Maria Guilhermina e outras rainhas do rádio cearense, nos forroboxotes e baiões cratenses de Xico Bizerra, no "Sax Blues", de Fernando Néri e Eurico Bivar, no piano que vira até pandeiro de Antônio José Forte, no canto esmerado da Aparecida Silvino, no forró de Eliane, na pegada afinada dos

Expedito 7 Cordas era zelador no edifício sede do Banco do Nordeste, na Praça Murilo Borges e, depois do expediente, integrava o "Cadência do Choro", regional que acompanhou a cantora Téti na gravação da música tema do documentário "Luiz Assumpção". Foto de Maria Rosa (1986). A música tema desses vídeo foi gravada por Ricardo Black no CD “Rolimã” (1994).

irmãos Régis e Rogério, no som pop-digital de Marcus Caffé, no dueto apaixonado de Ayla Maria e Raimundo Arraes e no instrumental leve e faceiro da banda Fulô de Araçá (Bárbara Sena, Brenna Freire, Clarissa Brasil, Cris Soares, Lídia Maria e Marília Magalhães).

Combinado dessa forma solta e sem arbitrar estilos, tempos, cantares e contextos diferentes, o decurso de ressignificação da nossa força musical apresenta também sua alma carnavalesca e de afoxé. Muitas das músicas, das loas e das inovações rítmicas que nasceram nas ruas de Fortaleza, na animação dos blocos, das escolas de samba e dos maracatus passam por criações de mestres e brincantes populares e de destacados artistas, tais como Lauro Maia, Luiz Assumpção, Raimundo Boca Aberta, Geraldo Barbosa, Descarte Gadelha, Ednardo, Calé Alencar, Cleide Pinheiro, Aluísio Silva, Cláudio Correia, Dilson Pinheiro, Stélio Valle e Pingo de Fortaleza. Da primeira metade do século XX ao início do século XXI, do bloco Prova de Fogo ao bloco Num Ispaia Sinão Ienche, a capital do Ceará teima em construir suas identificações foliãs; se não no Carnaval, pelo menos na espontaneidade divertida do Pré-Carnaval.

Ricardo Black conquistou o primeiro lugar como intérprete do V Canta Nordeste, o maior festival regional de música do Brasil, realizado pela TV Globo, com a música “Latitude”, de Flávio Paiva em parceria com Tato Fischer. Na foto de Adelmar Filho, o autor e o intérprete logo após a classificação em Fortaleza, quando se preparavam para vencer a segunda etapa, em São Luiz do Maranhão, e a final em Natal, no Rio Grande do Norte (1995).

Vitoriano, ex-Alegoria da Caverna, foi o artista cearense identificado pela cantora paulistana Andréia Dias como destacado nome da cena musical de Fortaleza, com quem compôs "Bandoleiro" para o disco Pelos Trópicos (2012). Na foto de Paulo Winz, registro da participação do artista no Festival BNB da Canção, no anfiteatro do Centro Dragão do Mar (2011).

A banda Obskure em gravação de videoclipe nas falésias do Morro Branco, em Beberibe. Foto de Karen Pedregal (2009).

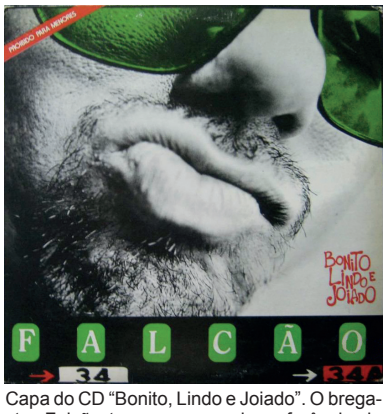
O violonista Tarcísio Sardinha ganhou esse apelido porque desde criança revelou-se um virtuoso das cordas e foi comparado com compositor e violonista paulista, Aníbal Sardinha, o Garoto (1915 - 1955). Foto de arquivo do artista.

Sempre que posso vou à Avenida Domingos Olímpio ver os encantadores desfiles dos maracatus. Aliás, costumo fazer isso desde que os cortejos saíam na Avenida Duque de Caxias. Foi lá que vi, pela primeira vez, o compositor Luiz Assumpção. Todo de cartola e ao lado da mulher Isaura, naquele ano de 1979 ele foi destaque da Escola Unidos da Vila. Tempos depois, em 1985, juntamente com as jornalistas Ariadne Araújo e Patrícia Alencar (à época, minhas colegas no Curso de Comunicação Social, da UFC), fizemos, sob a coordenação do professor Godofredo Pereira e com o apoio da então TV Educativa, um documentário com ele, no qual tínhamos Guilherme Neto cantando “Pobre Roceira” e o próprio Luiz Assumpção cantando e tocando – já com os dedos rijos – “Adeus Praia de Iracema”. A música tema (Luiz Assumpção – “A um carnavalesco na solidão”) foi composta por mim e pelo Tarcísio Matos e gravada pela Téti, acompanhada por um regional que tinha o Tarcísio Sardinha, o Expedito 7 Cordas e o Coleguinha do Pandeiro; composição que foi gravada também no meu CD “Rolimã”, na interpretação do Ricardo Black.

A sonoridade incomum da sanfona de Adelson Viana incorporou-se fraternalmente à música da cearensidade. Foto de Fávila Correia, para a capa do CD "Da cidade ao Sertão" (2010).

Ramos Cotoco é um dos símbolos da música boêmia e da sátira musical tão presentes no espírito cearense em todas as épocas. Artista plástico e poeta, Raimundo Ramos de Paula Filho ganhou o apelido porque não tinha o braço direito.

As influências circulares e espiraladas dessas constelações e nebulosas de fragmentos sonoros iluminados ainda estão presentes nos atuais coletivos musicais, a exemplo dos Comparsas da Vivenda, Panela Discos e Bora! Ceará Autoral Criativo, no teatro e palhaçaria da banda Dona Zefinha, na crônica-rock de Vitoriano, no death metal da banda Obskure (de Germano, Jolson e Amaudson Ximenes), no rap do Costa a Costa, nos chorinhos, sambas e MPB de bar de Paulo Façanha, Serrão, Felipe Cordeiro e Ciribáh Soares, nos arpejos nervosos da descoberta de que "Não adianta esperar pelo futuro", de Aline Costa, no house e punk da música eletrônica do Montage, de Leo Jucá e Daniel Peixoto, na coexistência do eletrônico com o acústico, em tempos lentos e deleitosa sonoridade do quarteto Jardim das Horas (Laya Lopes, Beto Gibbs, Carlos Gadelha e Raphael Haluli) e em toda a galera da zonavibe cearense em sua extensão além fronteiras.



Capa do CD "Bonito, Lindo e Joiado". O bregastar Falcão tornou-se a maior referência da música de escracho do Ceará.

Não vê, não ouve, não percebe quem não quer; quem por egoísmo tem medo de perder a hegemonia dos gêneros musicais que domina e quem por falta de acesso não consegue entender a grandeza da nossa música e gozar das suas ofertas de metáforas, sentimentos, emoções e fantasias. Convém realçar a ideia de que essa diversidade e multiplicidade são sedimentadas ao longo de décadas, também com a participação de artistas que adotaram o Ceará como lugar do coração, a exemplo dos maranhenses Luiz Assumpção, autor de clássicos do nosso cancioneiro, como "Siá Mariquinha" e "Adeus Praia de Iracema", e do compositor Catulo da Paixão Cearense (1863 - 1946), que, com saudades dos tempos em que morou em Maranguape, compôs, em parceria com João Pernambuco, a antológica "Luar do Sertão" (1914). Em tempos mais recentes, o Ceará seguiu adotando novos talentos, como o violonista Tarcísio Sardinha, também maranhense, e o sanfoneiro Adelson Viana, do Piauí.

No período de transição do século XIX para o século XX, a música popular urbana, tendente para a irreverência e a sátira, está bem refletida no imaginário sonoro do pintor Ramos Cotoco (1871 – 1916). No texto de apresentação do CD "Cantares bohêmios de Ramos Cotoco" (2006), a etnomusicóloga Luciana Giffoni explica como a gaiatice desse boêmio inveterado tematiza o cotidiano da capital cearense: "Sua música representa a informalidade de uma prática cultural urbana que envolve Fortaleza até hoje, nos bares, nas festas, nas atrações da noite cujo espírito boêmio se mantém" (p. 9 do encarte). O humor fino e a ironia lírica do maxixe Não fazem mal, traduzem bem a índole satírica da cearensidade: "Dizem que as moças namoram / Com todo e qualquer rapaz, / Tanto na porta da rua / Como na porta de atrás! / Não acredito! é mentira! (...) Contam que algumas casadas / Têm namoros escondidos; / E outras que fazem promessas / Pra que morram os maridos. / Não acredito! é mentira!" E por aí vai tecendo nossa alma musical.

O compositor Evaldo Gouveia é um dos grandes ícones da seresta brasileira, gravado por renomados e por jovens intérpretes da música romântica. Foto de divulgação do projeto de comemoração dos seus 80 anos (2011).

O humor, tanto quanto a música, também integra a alma cearense. E quando esses dois atributos culturais entram em fusão, a molecagem é boa, como no desanuviado disco "Bonito, lindo e joiado" (1991), do bregastar Falcão, na música "Padroeiro do Ceará" (1997), do palhaço Tiririca (parceria com N. dos Teclados) e no antológico forrolero "A rural" (1997), de Neo Pi Neo (Walmyr Rodrigues): "Arrumamalaê, arrumamalaê, Arrumamalaê / A rural rai arribá / Arrumamalaê, arrumamalaê, Arrumamalaê / A rural rai disabá". É genial essa composição, uma das músicas mais importantes do cancioneiro cearense, pois joga com arquétipos do Ceará profundo, na sua relação com as influências ibérica e moura. Em "Isso é que é forrock" (1997), o roqueiro cabra da peste, Beirão, afirma a força candanga de Orós no politicamente incorreto, como em "Menina de 12 anos": "Tinha apenas doze anos / quando Lino conheceu / Já transava sexo, drogamento, rock'n'roll / Ela, Lino / Eu e ela / Lino e eu" (Beirão e Zé Nobre).

O Ceará moleque e irreverente é parte significativa da nossa música plural, pelo fato de, a cada tempo, tocar literalmente a nossa trajetória de justaposição de identificações e negações, numa curiosa e até muitas vezes contraditória

Nas décadas de 1940 e 1950, Gilberto Milfont cruzou as fronteiras do Ceará e alcançou grande prestígio nacional, chegando a gravar cerca de cem discos de canção romântica e músicas de carnaval.

cumplicidade social e cultural. Na década de 1980, tivemos esse zigue-zague de palavras e ações representado no som da Banda Pré-Histórica das Moças Donzelas, formada por Lily Alcalay (venezuelana adotada pelo Ceará), Olga Ribeiro, Maira Sales, Gigi Castro, Eliana Olinda e Aurecy Pinheiro. Elas abriram uma nova janela na nossa música com um repertório variado e defendendo uma espirituosa opção pelo sensual, com origem nos segredos da alma feminina. Para facilitar a expressão do meu olhar sobre o valor dessa banda, recorro a um texto que escrevi à época: "As músicas interpretadas pelas Pré-Históricas seguem uma linha de papagaio enrolada em fio de alta tensão. Varia do tango/brega ao rock pauleira, passando pelo jazz, xaxado e balada" ("O ciclo performático das Moças Donzelas", p. 3, Segundo Caderno, O Povo, 25/09/1986). Com elas, a Idade da Pedra rolou, criou limo e está por aí, como tantas outras experiências sufocadas pela mediocridade das nossas estéticas dominantes.

De qualquer modo, é importante sabermos que temos essa diversidade inventiva, capaz de nos dar a sensação de que somos parte de algo maior. Às vezes saltamos décadas no escuro, perdemos o nosso tesouro musical de vista, mas isso não quer dizer que ele não existe mais. A boemia da Fortaleza de Ramos Cotoco, por exemplo, atravessou o tempo e aflorou na década de 1960, no Ceará seresteiro de Evaldo Gouveia. Nascido em Iguatu, em 1928, Evaldo passou dos 80 anos fazendo apresentações apaixonadas e apaixonantes. É um dos grandes nomes da nossa música plural. Suas parcerias com o espírito-santense Jair Amorim (1915 - 1993) rendeu mais de 150 sambas-canções abolerados, como "Sentimental demais" (1964), uma das composições de muito sucesso da dupla, gravadas pelo cantor mineiro Altemar Dutra (1940 - 1983): "Romântico é sonhar / E eu sonho assim / Cantando estas canções / Para quem ama igual a mim / E quem achar alguém / Como eu achei / Verá que é natural / Ficar como eu fiquei / Cada vez mais / Sentimental".

Vilamar Damasceno é um dos principais nomes da música cearense. Ele não precisou deixar o Ceará para ir além das suas fronteiras. Na foto, o "inimitável" observa o mar do Arraial Moura Brasil, em Fortaleza, por ocasião de reportagem de Flávio Paiva. Imagem de João Guimarães (1986).

A obra de Evaldo Gouveia, cantada por Nelson Gonçalves, Cauby Peixoto, Ângela Maria, Dalva de Oliveira, Maysa, Wilson Simonal, Gal Costa, Maria Bethânia e Julio Iglesias, dentre outros renomados intérpretes, tornou-se um ícone da seresta e continua entre as favoritas dos novos artistas românticos, como a cantora Carol Damasceno, que costuma cantar lindamente suas peças: "Alguém me disse / Que tu andas novamente / De novo amor / Nova paixão toda contente / Conheço bem tuas promessas / Outras ouvi iguais a essas / Este teu jeito de enganar / Conheço bem" ("Alguém me disse"). Desde que conheci o disco "Miss Perfumado" (1994), da cantora cabo-verdiana Cesária Évora (1941 – 2011), pensei imediatamente nas músicas de Evaldo Gouveia cantadas por ela, numa conexão internacional de sentimentos, belezas e ritmos. Provoquei o produtor Henilton Menezes a viabilizarmos essa ideia e quase deu certo. Ela aceitou, inclusive, gravar no Ceará, com a condição de que as composições fossem vertidas para o crioulo; mas o suposto patrocinador foi lento e Évora morreu.

Outro cearense de grande sucesso nacional na canção romântica e em músicas de carnaval nas décadas de 1940 e 1950 foi Gilberto Milfont. Ele gravou cerca de uma centena de discos e dividiu participações em shows e gravações memoráveis, como "Aquarela do Brasil" (Ary Barroso), com Núbia Lafayete. Como cantor, gravou músicas famosas, como "As aparências enganam" e "Castigo" (Lupiscínio Rodrigues), "Senhora" (Orestes Santos e Lourival Faissal), "Geremoabo" (Joubert de Carvalho), "Um falso amor e Pra seu governo" (Haroldo Lobo, Milton de Oliveira e Jorge de Castro). Como autor, foi gravado por estrelas da música, como Dick Farney ("Esquece") e Elizeth Cardoso ("Reverso").

O compositor e regente Alberto Nepomuceno, considerado o pai da música nacional de concerto, é um dos mais importantes dos artistas da música nascidos no Ceará. No início da avenida que leva o seu nome, uma estátua do maestro, autor do Hino do Ceará, rege a brasilidade a partir de Fortaleza - Foto: Flávio Paiva (2012).

A Orquestra de Câmara Eleazar de Carvalho é uma homenagem ao maestro cearense que, dentre outras atividades, regeu a Orquestra Sinfônica Brasileira, foi diretor artístico e regente das sinfônicas de São Paulo, Porto Alegre, João Pessoa e de St. Louis, Missouri (EUA) e tinha o grande sonho de implantar uma orquestra-escola no Brasil. Na foto de divulgação, a Camerata Eleazar de Carvalho em concerto no Theatro José de Alencar (2011).

Na década de 1960, a canção romântica cearense ganhou sensibilidade especial nas composições de Vilamar Damasceno (1946 – 1989), o "inimitável", com sua pegada de batuque no violão. De tanto tocar no rádio, o Vilamar passou a fazer parte das sonoridades públicas da música cearense. Certo dia, recebi na redação do jornal um telefonema informando que ele estava na miséria e que se não fosse socorrido morreria de cirrose hepática. Ele estava muito fragilizado, mas concordou em passar na minha casa para pegarmos o violão e produzirmos uma foto dele na Beira-Mar. A foto feita pelo João Guimarães saiu na capa, logo abaixo do título: "Angustiado, o inimitável já não suporta o abandono" (O Povo, 12/04/1986). Por cima da imagem, trechos de "Meu lamento" um dos seus sucessos: "Praia, ouve o lamento da minha solidão / meu coração já não suporta / não suporta tanto sofrimento".

Compositor de estilo musical caracterizado pelo atonalismo, dissonâncias e sonoridades descritivas, Liduino Pitombeira é Ph.D. em Harmonia e Composição pela Universidade de Louisiana (EUA) e ensina na Universidade Federal de Campina Grande (PB). Em Fortaleza, integrou a Banda Officina, de rock progressivo, o grupo Syntagma, de música antiga - Foto: arquivo do artista).

Os Vocalistas Tropicais tiveram, dentre outros méritos, o de serem os primeiros a repercutir o Baião, de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, para todo o Brasil, a partir do Rio de Janeiro, então capital do País.

Houve uma reação positiva e imediata dos leitores e, por meio de uma ampla campanha que se estendeu pelo rádio e pela televisão, Vilamar foi internado na Clínica de Psiquiatria São Gerardo, em Fortaleza, fato que registrei no texto "A resposta dos amigos e admiradores" (O Povo, 19/04/1986). O tempo passou e um belo dia ele apareceu na casa onde eu morava, na esquina da rua Adriano Martins com Sargento Hermínio, no Jacarecanga, para me mostrar em primeira mão o LP "Adeus ao Trovador" (1987). Foi muito emocionante. Por aquela época eu tinha estudado na Casa de Cultura Germânica, da UFC, e estava com a letra da versão alemã de "Manhã de Carnaval" (Luiz Bonfá / Antonio Maria).

Ele gostava da interpretação de Agostinho dos Santos (1932 - 1973) para "Manhã de Carnaval" e começou a tocá-la no meu violão; o mesmo que tinha usado para fazer a foto na praia no ano anterior. Eu cantarolava "Das Glück kam zu mir wie ein Traum, / Musik aus dem endlosen Raum / So wie ein Sonnenstrahl auf zartem Blütentau / im ersten Morgengrau, so war dein Kuß", algo como uma saudação à sorte que chegou como um sonho; e ele cantava "Manhã tão bonita manhã / Na vida uma nova canção". O nosso encontro rendeu nova matéria para o jornal, intitulada "Vilamar sacode a poeira e parte para nova chance" (O Povo, Segundo Caderno, p. 3, 3/2/1987). "Adeus ao Trovador" (Vilamar Damasceno / Suely Fernandes) foi um tributo de Vilamar ao seu ídolo, Altemar Dutra. Na letra, uma estrofe-síntese: "Ele se foi / mas deixou uma herança / a lembrança de lindas canções". Dois anos depois, Vilamar morreu e, em seguida, Fortaleza ganhou uma rua com o seu nome no bairro de Messejana.

Ednardo, ao lado de Rodger e Téti, fincou a marca da cearensidade na ebulição musical sudestina do início dos anos 1970, com a bandeira "Pessoal do Ceará". Na foto de divulgação, o artista em comemoração dos 30 anos do Massafeira Livre, evento que levou aproximadamente quarenta artistas e produtores para gravar um álbum duplo na então gravadora CBS.

Ao contrário da história de Vilamar Damasceno, que nasceu, viveu e morreu no Ceará, mesmo tendo gravado discos de alcance nacional, temos muitos destaques na costura da nossa música plural, que é feita em pesponto de artistas que deixaram as fronteiras do Ceará. O mais relevante de todos os que saíram para conquistar êxito fora é o compositor e regente Alberto Nepomuceno (1864 – 1920), que, além do seu valioso trabalho, deu uma contribuição conceitual

das mais importantes para a música brasileira, ao defender a ideia de que o Brasil precisava compor e cantar em português. Em sua homenagem, as pianistas Éster Salgado, Nadir Moraes e Branca Rangel criaram, em 1938, o Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, atualmente dirigido pela maestrina Mirian Carlos.

Toda vez que penso na pouca importância que os poderes públicos e a iniciativa privada dão à casa do Maestro, penso em uma de suas modinhas: "O meu pobre coração / vale mais que um paraíso / É uma casita ignorada / onde mora o teu sorriso", diz uma estrofe de "Cantigas" (Alberto Nepomuceno e Branca Colaço). Nepomuceno tem ainda uma estátua escondida no início da avenida que leva o seu nome, na divisa da Praia de Iracema com o centro histórico de Fortaleza. O campo lírico das modinhas e da música erudita tem na pluralidade cearense — constituída por filhos da terra e acolhidos — um elenco admirável de destacados compositores, instrumentistas, intérpretes e regentes, tais como Antônio Gondim, Beni Carvalho, Branca Rangel, Paurillo Barroso, Alberto Klein, Euclides da Silva Novo, Antônio Gondim, Eleazar de Carvalho, D'Alva Stella, Nízia Diogo, Maria Helena Barreto, Tarcísio José de Lima, Angelita Ribeiro, Liduino Pitombeira e Bia Drummond. No canto coral, nossa saga musical confunde-se, dentre outros, com os nomes Orlando Leite, Katie Lage, Paulo Abel do Nascimento, Izaíra Silvino e Erwin Schrader.

Seguindo a referência aos artistas que saíram do Ceará para fazer sucesso nacional, cabe realçar que, na era dos trios, dos cantores do rádio, na primeira metade do século XX, a música plural cearense alcançou grande visibilidade em todo o Brasil, com o Trio Nagô, formado por Evaldo Gouveia, Mário Alves e Epaminondas de Souza. Fenômenos da afinação e da harmonia vocal, o trio cearense tornou-se referência brasileira com sua mescla de bolero com música nordestina. De importância semelhante, tivemos ainda, nas décadas de 1940 e 1950, os Vocalistas Tropicais, conjunto vocal e instrumental integrado pelos cearenses Nilo Mota, Raimundo Jataí, Artur Oliveira, Danúbio Barbosa e pelo percussionista pernambucano Arlindo Borges, que tocava de balanceio a marchinhas carnavalescas.

O grupo O Peso foi uma das principais expressões do rock brasileiro nos anos 1970. Depois de sucesso meteórico com o LP Em busca do tempo perdido, o líder da banda, Luiz Carlos Porto teve curta carreira solo. Foto de João Guimarães, por ocasião de entrevista do cantor com Flávio Paiva (1986). Foto do site letradamusica.net

Todas essas movimentações tiveram muita relevância na construção das condições para a aceitação nacional da nossa música, a partir da indústria cultural instalada no Rio de Janeiro, que era a capital da República até o final da primeira metade do século passado. Entretanto, o ponto de inflexão que abriu as portas do sudeste, não somente para a música cearense, mas para a arte musical nordestina, ocorreu com a inovação rítmica e coreográfica do baião, que trazia, antes de tudo, uma divisão de tempo diferenciada pelo toque do triângulo e pelo diálogo deste com a sanfona e o zabumba. Formado pelos cearenses Evanor, Permínio e José de Pontes Medeiros, André Batista Vieira e Esdras Guimarães, o famoso grupo 4 Ases e 1 Coringa foi o responsável pelo lançamento, em 1946, do "Baião", de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga. Para reforçar a chegada da novidade em um ambiente musical predominantemente dominado pelo bolero, Gonzaga compôs com Zé Dantas (1921 – 1962) o baião "A Dança da Moda", que dizia assim: "No Rio tá tudo mudado / Nas noites de São João / Em vez de polca e rancheira / O povo só pede e só dança o baião (...) / É a dança da moda / Pois em toda a roda / Só pede / Só pede baião".

O compositor Tiago Araripe agrega artistas do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia e São Paulo no grupo Papa Poluição, que fez seu primeiro show paulista no Colégio Rio Branco (1975).

Com os negócios concentrados no Rio de Janeiro – que, embora tivesse perdido o posto de capital do País para Brasília, em 1960, continuava sendo a capital cultural do Brasil – as gravadoras multinacionais perceberam na música nordestina um precioso filão a ser explorado. Queriam lançar artistas nordestinos e o Nordeste desceu para lá. Seguindo o mapa da Região, de cima para baixo e da esquerda para a direita, sem considerar ordem

Com o CD "Solteira Producta" (2002), Karine Alexandrino iniciou o desenho de um novo estilo no mapa da diversidade criativa da música no Ceará, ao misturar modulações híbridas da eletrônica com sentimentalismo retrô. Não conseguiu escapar da pressão do contexto e teve a irreverência reprimida. Na foto, a cantora em show que teve palco dividido com Kátia Freitas, Valerie Mesquita e Mona Gadelha, produzido por Flávio Paiva no Parque do Cocó, em Fortaleza (1998).

cronológica de deslocamentos, podemos ver que de todos os estados nordestinos migraram bons artistas para o Sudeste: João do Vale, Alcione e Papete (Maranhão), Torquato Neto (Piauí), Hilton Acioli (Rio Grande do Norte), Zé Ramalho, Elba Ramalho e Vital Farias (Paraíba), Alceu Valença e Geraldo Azevedo (Pernambuco), Djavan (Alagoas), Clemilda (Sergipe), Caetano, Gil, Gal, Bethânia, Capinan, Elomar e Diana Pequeno (Bahia).

A estilização preciosa da musicalidade da caatinga tem em Eugênio Leandro o seu principal compositor e cantor no Ceará. Na foto, o artista em dia de entrevista para o Um Jornal Sem Regras, quando apresentou as composições do LP "Além das Frentes". Imagem de Jackson Araújo (1985).

O Ceará não poderia ficar de fora e seguiu o rastro do baião, participando dessa ocupação do cenário musical brasileiro. Na leva de cearenses, destacaram-se mais o Ednardo, com seu elevado talento de compositor e cantor, o Belchior, grande poeta e compositor, e o Raimundo Fagner, cantor destacado por sua agressividade competitiva. Fagner foi lançado com uma canção de Belchior, cuja melodia ele refez ("Mucuripe") e contou com a generosidade de Caetano Veloso, que aceitou apresentá-lo no disco de bolso do jornal O Pasquim, em 1972. Em seguida, a gravadora Continental gravou o LP "Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem" (1973), com Ednardo, Rodger e Téti, espirituosamente apelidado de "Pessoal do Ceará". E para dar impulso ao comparecimento cearense – que tinha ainda uma diversidade que ia de Amelinha, Petrúcio Maia, Jorge Melo, Cirino, Ângela Linhares e o Grupo Raízes, o Ricardo Bezerra, a Marlui Miranda – Elis Regina (1945 – 1982) incluiu "Como nossos pais" e "Velha roupa colorida", de Belchior, em turnê pelo Brasil, cujo show em Fortaleza eu tive a alegria de assistir no Centro de Convenções do Ceará, e que depois saiu com as duas músicas do compositor cearense no emblemático LP "Falso Brilhante" (1976).

Calé Alencar canta no Espaço Rogaciano Leite Filho, do Centro Dragão do Mar, na noite de lançamento do CD "Calé Alencar - 15 Anos 15 Loas + 1 Hino". Foto de Marina Cavalcante (2010).

Para conseguir superar suas insuficiências como compositor, Raimundo Fagner lançou mão do seu talento de cavador de espaços e se tornou executivo da indústria fonográfica (CBS), podendo interferir efetivamente em projetos de outros artistas e conseguindo isolar-se por um tempo razoável como um dos mais destacados cearenses da música no Brasil. Nesse esforço para se distinguir, usou do recurso de assinar, como se suas fossem, obras de outros autores, o que por um lado catapultou sua carreira e, por outro, o envolveu com reclamações legais de plágio, o que é lamentável. Aproveitou o poder que concentrara para dar vez ao arquiteto Fausto Nilo, seu leal amigo, que na atmosfera produtiva da gravadora passou a ser fornecedor de boas letras para artistas no nível de Geraldo Azevedo, Moraes Moreira, Ivan Lins, Dominguinhos e João Donato, dentre outros. Fausto vendeu os direitos de suas músicas e com isso o mercado cuidou de, ao longo dos anos, orientar vários artistas a gravá-las; nomes como Gal Costa, Elba Ramalho, Simone, a banda A Cor do Som e Zeca Baleiro. Com a tendência de esgotamento do modelo das gravadoras, a dupla Fagner e Fausto Nilo voltou para o Ceará e passou a ter muita influência nas políticas de cultura locais, inclusive em projetos de outros artistas, sobretudo no período mais fechado do governo tucano (de 1987 a 2002).

A cantora Olga Ribeiro, com figurino de Bia Castro e bordado de Nice Firmeza, lança o LP "América", produzido em parceria com Flávio Paiva, dentro das manifestações artísticas críticas aos 500 Anos do continente encontrado - Foto: Maurício Albano (1992).

Abidoral Jamacaru é um cantautor que se exprime como um pássaro, cujo trinado ecoa para além da Chapada do Araripe em busca dos horizontes perdidos da sã vocação de viver - Foto: Flávio Paiva (1997).

É sempre bom lembrar que a cena roqueira cearense também se fez presente na ebulição sudestina dos anos 1970. O grupo O Peso, criado e liderado por Luiz Carlos Porto, fez muito sucesso no Brasil. A banda, integrada por Carlinhos Scart, Constant Paineau, Gabriel O'Meara e Geraldo D'Arbilly, tendo Luiz Carlos no vocal, lançou em 1975 o proustiano LP "Em busca do tempo perdido", pela PolyGram. Mesmo não sendo nada fácil brilhar em uma paisagem musical de pop-rock, que tinha Raul Seixas, Secos & Molhados (Ney Matogrosso, João Ricardo e Gerson Conrad), Rita Lee e a banda Tutti Frutti, a música do O Peso, assim como o trabalho dos seus congêneres, O Terço e Casa das Máquinas, conseguiu boa visibilidade no País. Para ilustrar o lugar até onde chegou a banda cearense, basta dizer que no compacto duplo "Hit Pop", encartado na revista Pop (1975), O Peso, com a música "Não fique triste", dividiu o lado B com a faixa "Singing the blues", de Eric Clapton. No lado A, estavam Alice Cooper, com "Some Folks", e João Ricardo, com "Baby, baby, baby, baby, baby".

Fernando Catatau, líder da banda Cidadão Instigado, passou a ser um dos mais requisitados guitarristas da nova cena da Música Plural Brasileira, com suas combinações de poderosas melodias e ritmos. Foto de divulgação do show "Fernando Catatau ao Vivo", no projeto Instrumental Sesc Brasil (2010).

No início da década de 1980, chegamos a fazer algumas reuniões com o Luiz Carlos e com a cantora Idalina, na casa do poeta Farias Frazão (1950 - 1982), na rua 24 de Maio, quase esquina com Antonio Pompeu, onde funcionava a Cooperativa de Escritores e Poetas (CEP), um coletivo de literatura e música alternativa, do qual eu fazia parte. Ele já estava, no entanto, em uma situação difícil de intolerância e não deu para avançar. Tempos depois, o encontrei escorado em um poste na calçada do colégio Capistrano de Abreu, no bairro do Benfica. Tentei falar com ele, mas não houve resposta. O cabelo preto liso, caído pela testa, já não era mais o mesmo que regia as fãs nos agitos da banda. Para mim, ficara cristalizada a noção de que o sonho de volta do grupo O Peso tinha acabado.

Enquanto isso, em São Paulo, o compositor e cantor Tiago Araripe lançava o LP "Cabelos de Sansão" (Lira Paulistana, 1982), disco que contou com a participação especial de boa parte da galera da música de vanguarda em São Paulo, como Itamar Assumpção, Tetê Espíndola, Vânia Bastos e Passoca. Tiago, juntamente com o baixista Bill Soares e o batera Xico Carlos, integrara até então a metade cearense do grupo Papa Poluição, ao lado de Paulinho Costa, Luis Penna e Beto Carrera. Antes, o artista cearense havia feito um compacto em parceria com Tom Zé, pela gravadora Continental. No lado A, "Conto de fraldas" (Tom Zé) e no lado B, "Teu coração bate, o meu apanha" (Tiago Araripe / Décio Pignatari). E a pulsão do pop-rock cearense seguiu a vibração das cordas do baixista Jorge Helder, do piano de Francisco Casaverde, da textura vocal do Lúcio Ricardo e de toda a energia criativa dos shows e dos discos de artistas cativantes e de estética própria, como as compositoras e cantoras Mona Gadêlha, Válerie Mesquita, Kátia Freitas e Karine Alexandrino.

Com um conceito estruturado de MPB Infantil, Flávio Paiva lançou o CD "Samba-le-lê", na Praça Verde do Centro Dragão do Mar, com interpretação da cantora Olga Ribeiro (1999).

A década de 1980 foi marcada na música plural cearense pela reaproximação do urbano com o mundo rural. Anos de retomada do processo democrático no Brasil e de grande qualidade na voz das cantigas. E o Quinteto Agreste, formado por Mário Mesquita, Marcílio Mendonça, Tony Maranhão, Ademir do Vale e Arlindo Araújo, enchia as praças de Fortaleza cantando Patativa do Assaré (1909 - 2002): "Sou o sertanejo que cansa / De votá, com esperança

/ Do Brasil ficá mió; / Mas o Brasil continua / Na cantiga da perua / Que é: pió, pió, pió...". Em "Além das Frentes" (1986), Eugênio Leandro cantava "O jeito que Zé de Pedro arranjou / foi plantar flor no verão de manhã / Já que em frente cavada / não cresce um pé de algodão / Já que em terra de um só dono / não dá um pé de feijão", jogando eco poético na questão da reforma agrária, trabalho que o levaria a dividir com Xangai, Renato Teixeira e Cida Moreira o CD "Cantorias e Cantadores" (Kuarup, 1997).

César Barreto celebra o Cego Aderaldo no LP "Nordestinados" (1980), parcerias com o poeta pernambucano Marcus Acioly; Pingo de Fortaleza lança "Centauros e Canudos" (1986), em reverência à saga do líder religioso e social cearense Antônio Conselheiro (1830 - 1897), Abidoral Jamacaru chega com o "Avalon" (1986) e sua cosmogonia caririense; e Calé Alencar enfuna as velas do seu barco de composições com "Um pé em cada porto" (1989). Depois, Calé se transformaria também em um produtor de muito valor para o Ceará da música plural, ao trabalhar com estilos que variam do batuque a loas de maracatu, passando por coco, rap, samba, baião, calypso e Beatles. Um ponto de modulação nessa década foi o belo show "Iracema Instrumental" da Banda Officina, no Theatro José de Alencar (1986). Eugênio Matos (teclados), Cristiano Pinho (guitarra), Roberto Stepheson (sax), Pantico Rocha (bateria), Nélio Costa (baixo) e Ocelo Mendonça (cello e flauta), deixaram esse legado de qualidade e de competência artística e técnica, antes de partirem para a consolidação de suas carreiras fora do Ceará.

Em um país farto de bons violonistas, o cearense Nonato Luiz conquistou lugar de destaque nacional pela pulsação que imprime ao seu instrumento, somando paixão, agilidade, apuro técnico e tino inventivo com toque sedutor, arrojado e único. Foto publicada no folder do Projeto Sexta com Arte, do Sindicato dos Jornalistas do Ceará (1996).

Ao tentar organizar um pouco essas referências, mesmo sabendo que corro o risco imenso de cometer esquecimentos, reforço em mim o quanto o tesouro musical do Ceará está disperso. Tivéssemos uma política cultural estratégica, tudo isso estaria sistematizado e dinamizado para usufruto da população e como oferta cultural e turística. Temos o dom da pluralidade e da diversidade e esse é o tom do mundo que virá depois da hipermodernidade. Não há sentido deixar artistas significativos como o Adauto Oliveira e seu "Trem dos Beradeiros" (1992) para trás. Nem a Olga Ribeiro, com o "América" (1992) e o "Pão e Poesia" (1997), que produzimos juntos. Da mesma forma, não dá para fazer de conta que as sonoridades e temáticas do "Fruto Futuro" (1990), de Ronaldo Lopes, não existiram; ou que devemos seguir desperdiçando tudo o que um artista múltiplo como o Dilson Pinheiro pode nos oferecer com a sua genialidade. Nessas horas, escuto a "Bússola", de David Duarte, na interpretação de Edmar Gonçalves: "Diz onde é que está / Será que a vida separou alguém / Em algum lugar / Pra caber nas suas medidas / Pra andar lado a lado na curva / Pra gostar das mesmas cores / Pra usar suas meias palavras / Pra dizer que não está entendendo o mundo".

É por isso que o admirável Abidoral Jamacaru soltou o verbo em "Discurso", música que levou bons anos entre o momento em que foi composta e a data de gravação no CD "Bárbara" (2008): "Você diz que a sua ideia galopa veloz / porque a força da grana / virou seu corcel (...) / Por isso você pensa, / que é só você que pensa (...) / Eu escarro na sua retórica, / pois ela exala o odor do enxofre, / e a mim não engana! / Isso tá muito evidente (...) você me acua...eu lhe mostro os dentes! (...) / Se você pensa que eu sou maluco, / você pensou certo! / Isto é um jogo aberto, / eu não trago bandeira / a parte que eu gosto do abismo, é a beira!". Em 1997, ele gravou no CD "O Peixe", uma parceria nossa ("Estrelas Riscantes") com a qual homenageamos todos os artistas que fazem arte por uma força maior do que as recompensas de mercado: "Pensando bem / bom motivo ninguém tinha / pra ficar a me esperar (...) / E imerso no céu de estrelas riscantes / que não se foi / é bumba-boi, zabumba-boi (...) / Meu coração tem a sã vocação de viver".

Assim como Tiago Araripe, o guitarrista Fernando Catatau decidiu escapar da imobilidade estética imposta pelo grupo da dor, da tristeza e da depressão à música no Ceará e passou a recombinar os códigos da nossa diversidade criativa musical. Sobre o que percebia nos primeiros anos do seu trabalho e no destino

da sua banda, ainda se formando com Zé Rian, Dustan Galas e Régis Damasceno na calçada do Bar da Silva, na Varjota, em Fortaleza, escrevi o seguinte: "O descompromisso com a busca de fórmulas de sucesso é uma característica reveladora da essência da banda Cidadão Instigado. (...) A função da arte deixa de correr atrás do refrão artificializado, comumente perseguido pela turma do topa-tudo-por-dinheiro, para encontrar um sentido mais precioso, mais essencial ao prazer estético" ("Contadores de histórias", Caderno Vida & Arte, p. 8, O Povo, 25/04/2000).

O desenrolar dos fatos provou que Catatau tinha razão por não se deixar intimidar, conseguindo "se livrar do complexo de inferioridade que aprisiona e retarda a ascensão de novos talentos da nossa música, tão rica em seus contrastes e tão cheia de valores individuais" (idem). Tanto que optou pelo relacionamento mais estreito com o pessoal do Mundo Livre S/A e de outros grupos pernambucanos, tipo o Mestre Ambrósio, do Siba, e o Nação Zumbi, de Chico Science, que, combinando rock, cavalo marinho, maracatu e ritmos de forró conquistaram evidência nacional no guarda-chuva do movimento Manguebeat. A banda Cidadão Instigado passou a destacar-se pelas sonoridades experimentais de rock e música nordestina. E a Cidadão Instigado (Fernando Catatau, Regis Damasceno, Rian Batista, Samuca e Clayton Martins) avançou para ser a mais destacada banda cearense com ponto de apoio em São Paulo, cidade que assumiu o lugar do Rio de Janeiro como maior centro propulsor da velha e da nova indústria cultural no Brasil. Catatau tornou-se um dos mais requisitados guitarristas e produtor musical de artistas como Karina Buhr, Arnaldo Antunes, Otto, Siba e o ex-Mutante Arnaldo Baptista.

O Ceará da música plural é um Ceará lúdico em sua arqueologia sonora e poética. Em toda a minha vida senti isso e, em decorrência desse sentimento, sempre procurei aproximar os trabalhos que faço envolvendo música com o universo infantil. Daí os CDs "Rolimã" e o "Terra do Nunca". Quando o Lucas, meu primeiro filho, nasceu, compus dez cantigas para acolhê-lo, algumas delas em parcerias com João Monteiro Vasconcelos e Tarcísio Sardinha, todas gravadas pela maravilhosa cantora Olga Ribeiro ("Samba-le-lê", 1999). Dois anos depois, foi a vez de receber o Artur, meu segundo filho, e repeti o gesto, compondo outra dezena de canções, uma ou outra em parcerias com Alberto Lima, João Monteiro Vasconcelos e Ângela Linhares. E não parei mais de ter vontade de compor músicas infantis e infanto-juvenis para eles, para dar de presente ou para integrar a trilha sonora das histórias dos livros que passei a escrever, combinando literatura com música. Essa é uma contribuição de MPB Infantil que procuro dar à nossa pluralidade musical.

A música no Ceará sempre esteve adiantada no tempo, por estar permanentemente em diálogo com seu contexto antropofágico e fornecendo inúmeras versões do que somos e dos elementos que transitam pelo nosso inconsciente coletivo. A nossa música não é senão o sentido dos outros em nós e, de como dotados desse sentimento, temos acesso a nós mesmos. Assim, quando o bandolim é do Macaúba, do Jorge ou da Dona Mazé, o choro é cearense. Não é diferente com o violão do Tarcísio Sardinha, do Nonato Luís, do Manassés, do Zivaldo, do Marcos Maia, do Zé Menezes, do Celinho Barros, do Marcílio Homem, do Cainã Cavalcante ou do Francisco Soares (1905 - 1986). Música nova no Ceará é música que não se ouviu ainda e o resto é reinvenção da nossa alma constantemente disponível em seu vagar entre miudinho, batuque, xote, maxixe, xaxado, balanceio, baião, ligeira, coco, reggae, rock, aboios, repentes, benditos, ladainhas, loas de maracatu, dobrados, marchinhas, boleros, torém e o que a nossa dinâmica história cultural teimar de inventar e adotar.

Temos, portanto, um tesouro musical praticamente inédito, no sentido de ser pouco conhecido em sua multiplicidade e complexidade; um acervo precioso e pronto para ser descoberto, apreciado, reutilizado e ressignificado. O mapa da mina tem uma senha, que é não tratar esse repertório cultural como coisa do passado, mas como cobiçados recursos renováveis de um patrimônio imaterial indispensável a qualquer perspectiva de desenvolvimento econômico e social. Movimentar essa engrenagem enferrujada pela maresia do descaso e pelos rumores táticos da mediocridade, para adequá-la em seus pontos de convergência e discrepância à dinâmica dos bits e bytes, pode causar ruídos e emperramentos, mas vale a pena. As relíquias do Ceará da música plural precisam ser cultuadas e apropriadas em seu conjunto pela cearensidade, simplesmente porque fazem parte da sua essência e do seu potencial culturalmente edificante e socialmente transformador.

Artistas Cearenses: Os Festivais de Música, Sociabilidades e Indústria Cultural

Wagner Castro
(compositor e músico. Doutorando em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisador convidado do grupo História & Culturas da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Qual o interesse de um artista em participar de festivais? Em Fortaleza, como se deu a convergência, transição e troca de experiências dos músicos e cantores originados do rádio nos idos dos anos 50, com outros artistas dos idos dos anos 60 com o surgimento da televisão, as tensões e embate entre os jovens artistas universitários? Qual a importância para os novos artistas, geralmente oriundos da Universidade, para a "nova" "Música Popular Cearense", com os impasses surgidos com a Bossa Nova, Jovem Guarda, Tropicália e os festivais como meio de socialização, tensão, competição de músicos e divulgação dessas canções?

Tentar-se-á também compreender como aconteceu a aproximação de músicos, compositores, cantores e produtores, tendo os festivais de música como inserção na mídia, especialmente televisiva e o acesso ao sucesso ou não em suas carreiras.

Os festivais podem ser divididos em: festivais de amostragem (ou de exibição), em que não há classificação e ganhadores, e em festivais competitivos, geralmente com prêmios em dinheiro, com gravações servindo de prêmios; são seriados com várias eliminatórias como, por exemplo, alguns realizados em Fortaleza, tal como os "Nordestinos", em fins dos anos 60, ou ainda, os produzidos pela TV Excelsior, pela TV Record e pela TV Globo ao longo dos anos 60, 70 e meados de 80. Existem, também, os festivais cooperativos, como os de show de calouros, ou ainda, os de audições de final de semestre em escolas de música.

I, II E III FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR CEARENSE

Em meados dos anos 60 em Fortaleza chamam atenção os três festivais de amostragem produzidos pelo Departamento de Cultura do Conservatório Musical Alberto Nepomuceno e patrocinado pela Secretaria de Educação do Município, realizados na Concha Acústica da Universidade Federal do Ceará conhecidos como I, II e III Festival de Música Popular Cearense, organizados pela professora, D'Alva Stela e pelo professor e pianista, Orlando leite. Participaram desses festivais, especialmente cantores originados do rádio, como Moreira Filho e José Jataí. O primeiro se realizou em 1965 e homenageou os maestros, compositores e boêmios, Lauro Maia e Luiz Assunção.

Em 1968, o IV Festival foi realizado em fins de novembro e início de dezembro. Algumas questões chamam atenção a respeito desse festival. Primeiro, houve uma modificação do nome para **IV Festival da Música Popular do Ceará;** segundo, o festival passou a ser competitivo, pois o primeiro classificado ganharia uma assinatura do Jornal O Povo e NCr$ 500,00, doados pela Secretaria de Cultura do Estado; terceiro, a cobertura dada pelo Jornal O Povo, em seu caderno de cultura com publicações diárias das letras das músicas, seguidas de entrevistas com os candidatos, o que nos faz perceber uma espécie de mercado midiático; e quarto, o festival conseguia uma novidade: unir cantores e compositores do rádio – como Heitor Catunda, o violonista Aleardo Freitas e Luiz Assunção – e jovens secundaristas, como Raimundo Fagner, Marcus Francisco, Pretextato Melo e Marcus Vale, além de universitários, como Antônio Carlos Belchior, Jorge Melo, Gustavo Silva dentre outros.

Os secundaristas, Raimundo Fagner e Marcus Francisco, acabaram vencedores desse festival com o samba, "Nada Sou". Com a vitória, Fagner decidiu-se pela carreira artística e, logo depois, "integrando" a turma de cearenses a qual ficou conhecida no eixo sudeste / sul como "Pessoal do Ceará" com Belchior, Ednardo, Jorge Melo, Rodger Rogério, Téti, dentre

outros. Estimulados com a vitória, os secundaristas irão participar, logo na primeira semana de dezembro de 68, do I Festival de Música Popular Aqui. A despeito das intrigas e das controvérsias e lembranças de artistas e jurados sobre a participação de Piti, um integrante do grupo baiano Nós, Por Exemplo (grupo este que originou o movimento Tropicalista), o qual teria sido convidado a participar do festival para ganhar.

Capa do disco "I Festival de Música Popular Aqui no Canto" (independente Coletivo – 1969)

I FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR AQUI

O festival organizado por Aderbal Júnior (Aderbal Freire-Filho) na Rádio Assunção, com duas eliminatórias no prédio da escola Jesus, Maria José (hoje, tombado), classificou as doze melhores canções que tiveram como prêmio a gravação de um LP. O LP, também organizado por Aderbal Freire-Filho e com capa concebida por Antônio José Brandão, levava o mesmo nome do festival e pode ser considerado a primeira gravação do que se poderia considerar como "Música Popular Cearense" ou Música Universitária Cearense.

Em1969, tardiamente, os festivais de música alcançavam um caráter midiático, televisivo em Fortaleza com os "Festivais Nordestinos da Música Popular", promovidos pelos Diários Associados e realizados em quatro eliminatórias no Clube do Náutico Atlético Cearense, com transmissão da TV Ceará e da Ceará Rádio Clube. O jornal Correio do Ceará, pertencente ao grupo dos Diários Associados, fez a cobertura das quatro eliminatórias em Fortaleza dos quatro festivais.

Capa do Disco do Festival Nordestino da Canção - LP

OS FESTIVAIS NORDESTINOS

No I Festival Nordestino da Música Popular, o jornal faz referência às canções: "Chapéu de Palha", de Ednardo, "Bai, Bai Baião" (Rodger Rogério / Dedé Evangelista) e "Boca de Forno" (Tânia Barbosa de Araújo), ambas interpretadas pelo consagrado cantor Ray Miranda. "Bai, Bai, Baião" representou o Ceará na grande final desse festival competitivo e classificatório em Recife, empatando em segundo lugar com a canção, "Poema do Chapeuzinho Vermelho", dos baianos, Alcivando Luz e Jairo Simões.

Anúncio Jornal Correio do Ceará. 27.11.1970

Augusto Borges no Auditório no programa Show do Mercantil. Jornal Unitário, Fortaleza, 10.01 1971, p. 15.

Os prêmios da grande final de Recife foram os seguintes: para os autores das músicas: 1º lugar, um automóvel Chrysler; 2º lugar, NCr$ 10 mil, 3º lugar, NCr$ 5 mil; e para os intérpretes: 1º lugar, uma viagem de ida e volta aéreas a Lisboa; 2º lugar uma viagem ida e volta a Buenos Aires; e 3º uma viagem ao Rio de Janeiro. E ainda seria gravado um LP das 12 músicas da final de Recife. Rodger assim resumiu a mudança na sua condição social de músico, ao ser classificado em segundo lugar: "(...) Minha filha tinha nascido. Eu estava devendo dinheiro, uma pobreza desgraçada (...). Eu sei que era dinheiro demais, paguei minhas contas e comprei um carro (...). Foi um luxo! (risos)" (ROGÉRIO, Rodger, 2002, p. 12-13).

E os rapazes candidatos a artistas, que já participavam dos programas da televisão cearense como "Por que Hoje é Sábado", de Gonzaga Vasconcelos, e "Show do Mercantil", de Augusto Borges, conscientes do caráter midiático do festival, inscreveram-se: Ricardo Bezerra com Brandão, Jorge Melo, Belchior e Ednardo. Apesar dos elogios da letra e arranjo

Ray Miranda no Festival Nordestino da Música Popular

do público, dos jurados e jornalistas presentes no Clube do Náutico, o orgulho da finalíssima em Recife do II Festival Nordestino para o estado do Ceará foi o jovem Paulo Gomes, classificado em segundo lugar com seu samba "Ora Essa".

Em outubro de 1971, foi realizado o III Festival Nordestino da Música Popular pela documentação conseguida no jornal Unitário (19/10/71), Ednardo classificou-se na final de Fortaleza em segundo lugar com a canção, "Além Muito Além". Naquele momento, os Diários e Emissoras Associados já com problemas financeiros, notadamente pela ascensão da TV Globo, não tinham mais como organizar e divulgar festivais. Além disso, não representavam mais a grande mídia e nem era vislumbrada como investimento e interesse da indústria cultural pelos artistas vencedores dos seus festivais.

III FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Anúncio do Jornal Correio do Ceará. 14.08.1969

Os festivais continuam sendo uma forma de exposição da criatividade dos artistas e vitrine como forma de inserção de artistas ou candidatos a artista no mercado fonográfico, com menor ou maior intensidade, de acordo com momento histórico abordado. Foi assim que, ainda no final dos anos 60, surgiram os festivais Universitários. Em 1970 foi realizado o III Festival Universitário da Música Popular Brasileira que, além do Ceará, participavam os estados do Piauí, do Maranhão, do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Pouco lembrado, mas importante para a história fonográfica da música produzida no Ceará.

As Garotas 70 era um grupo vocal composto por três meninas afinadas que se apresentavam no programa Porque Hoje é Sábado, na TV Ceará, produzido e aprestado por Augusto Borges. Elas interpretaram, na eliminatória de Fortaleza, duas canções, "Gira Rola Mundo", de Pretestato Melo (Pitty Mello), e "Caravele", de Belchior, e Raimundo Fagner interpretou sua canção, "Manera Fru Fru, Manera", parceria com Ricardo Bezerra. Com uma sonoridade avançada para o modelo de festivais cearenses produzidos naquele momento, na audição dos jurados pareceu muito estranha e, assim, não foi classificada para a final no Rio de janeiro.

Garotas 70 com Belchior e Fagner

A respeito da eliminatória de Fortaleza, vale a pena a rememoração de Mary Pimentel, hoje, pesquisadora da música cearense: "(...) Fagner participou com a música *Manera Fru-Fru* com Ricardo Bezerra. Foi uma música que chocou porque era muito diferente e moderna. Já a canção, *Gira Rola Mundo* era mais quadradinha! Eu mesma gostava mais da *Manera Fru-Fru*". (risos) (PIMENTEL, Mary. 07.07.2004, p.10-11).

Apesar de não ter sido classificada para a final no Rio de Janeiro, a "música estranha", "Manera Fru Fru, Manera", acabou nomeando o primeiro LP de Raimundo Fagner em 1973. A interpretação, a melodia, o arranjo e a sonoridade tornaram-na um clássico na audição de artistas e amantes da música brasileira.

Capa do disco "Manera Fru Fru, Manera" - Fagner, 1973 (Philips - Polygram - LP)

Em verdade, Belchior nunca gravou a canção "Caravele". Todavia, o contato com artistas e produtores que transitavam nos programas "Porque Hoje é Sábado" e "Show do Mercantil", como Cidinha Campos, logo o fez perceber que a morada do sucesso tinha destino, o eixo sul. Partiu para São Paulo e em 1971 se inscreveu no IV Festival Universitário da Música Popular com a canção "Na Hora do Almoço". Esta acabou classificada em primeiro lugar no IV Festival Universitário promovido pela TV Tupi já em franca decadência. Mesmo com o primeiro lugar, "Na Hora do

Almoço", segundo Nelson Motta, não teria tido muita aceitação nas rádios, mas Belchior, em entrevista à jornalista Lêda Maria do jornal Unitário em Fortaleza, faz outro comentário: "Há uma grande aceitação da música, que está vendendo bem em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, e em breve será gravada por Maria Bethânia, Pedrinho Mattar e Jorge Melo" (UNITÁRIO, 05.10.1971, p. 6).

Ao que parece, com o apoio de Cidinha Campos, a canção teve mais divulgação nas rádios e Belchior entra no mercado fonográfico, conhece artistas consagrados e ganha fama.

O secundarista Raimundo Fagner, depois de não ser aprovado no vestibular na UFC, inventa de fazer vestibular na UNB em Brasília e passa para a Faculdade de Arquitetura. Mas o que o rapaz queria era a música e tinha o total apoio da irmã. Ao iniciar a faculdade, inscreveu três canções no I Festival de Música Jovem CAC-CEUB (Centro de Estudos Universitários de Brasília) sendo o grande vencedor com as canções: "Mucuripe" primeiro lugar; "Cavalo Ferro", prêmio de honra, e "Manera Fru-Fru, Manera", em sexto lugar em 1971.

Ao ser o destaque no I Festival e ficar muito conhecido no ambiente universitário, os próprios colegas de faculdade incentivaram-no a seguir a carreira artística. "O meu incentivo principal foram os amigos da faculdade" (FAGNER, Revista Entrevista, 1999, p. 31). Um ano depois, Fagner participará do II Festival do Ceub, mas agora como jurado e já famoso.

Os produtores da indústria cultural da gravadora Philips estavam bastante atentos ao rápido sucesso e ao retorno comercial do "garoto de Orós" para inscrevê-lo no VII FIC (Festival Internacional da Canção) que ocorreu naquele ano. "Preparei uma fita com dez músicas e amanhã eles me dariam o resultado de duas para o Festival". (O Globo, 04.06.1972). Nesta fita, constavam as canções: "Tranquilamente", de Petrúcio Maia; "Fim do Mundo", de Fagner e Fausto Nilo; "O Que Você Quiser", de Fagner; "Quatro Graus", de Fagner e de Dedé Evangelista dentre outras.

O VII FIC (Festival Internacional da Canção) aconteceu em setembro de 1972, organizado pela Secretaria de Turismo da Guanabara e pela TV Globo, com duas eliminatórias e uma final. A canção "Quatro Graus", de Fagner e Dedé Evangelista, professor da Universidade Federal do Ceará, participou da primeira eliminatória dentre outros artistas (Raul Seixas, Sérgio Sampaio, Walter Franco, Alceu Valença, Ruy Mauriti, Baden Powell e Paulo césar Pinheiro) e na segunda, mais dois cearenses, Ednardo e Belchior com a canção "Bip... Bip..." dentre outros artistas.

Famoso e consagrado pelo público e pela critica, Raimundo Fagner não desiste dos festivais. Os Festivais continuavam arrebatando plateias e interesse de cantores, de compositores, de gravadoras e de emissoras de televisão como a Tupi, e especialmente, a TV Globo naquela ocasião. Entre novembro e dezembro, foi realizado o Festival 79 de Música Popular, promovido pela Rede Tupi de Televisão no Anhembi, São Paulo. Com uma interpretação marcante, Fagner vence o Festival 79 de Música Popular com a bela canção, "Quem Me Levará Sou Eu", parceria de Dominguinhos e Manduka.

Obviamente, Fortaleza não era a única cidade do estado a viver uma efervescência cultural entre o final dos anos 60 e idos dos anos 70. Em 1971, no Cariri, os jovens artistas usavam as festas e espaços da cidade, criando o Festival da Canção do Crato. E a turma do Cariri, assim como Fortaleza, não parou de realizar festivais. O jornal O Povo, de outubro de 1973, numa pequena nota, trouxe o resultado do IV Festival da Canção do Cariri, promovido pelo Movimento de Juventude, em outubro, com a classificação das dez primeiras canções e das suas colocações; destacando as duas empatadas em primeiro lugar: "Lembranças do Carnaval", de Abidoral Jamacaru – que passou –, e "Cómoda Ação", de Jefferson Albuquerque e em segundo "Vietnã", de Luis Fedelis Lopes. Por essa época também, por intermédio de Vicente Lopes, soube-se da existência de festivais de música em Sobral.

Assim fica claro que nos idos dos anos 70 e 80 os festivais extrapolavam a provinciana Fortaleza. Como citando, antes o Festival Regional da Canção do Cariri, já no início dos anos 70, realizado na cidade de Crato, revelava artistas que ainda transitam no cenário musical como João do Crato, Luís Carlos Salatiel, Rubens Lisboa, os irmãos Pachelly Jamacaru e Abidoral Jamacaru. Em entrevista ao repórter Dalwton Moura, Abidoral rememorou a existência de cerca de oito ou nove festivais no Crato. "Meu irmão Pachelly botou uma música e ganhou esse festival. No outro ano, Salatiel botou e ganhou. Lá para o terceiro ou quarto,

eu ganhei um também, e voltei a ganhar em 75. A gente vivenciava música o dia inteiro" 1. Foi a partir dessa efervescência cultural que o compositor e musico, Marcílio Homem, natural de Juazeiro do Norte, participou com a sua canção, "Lágrimas de Seca", em 1978, no Festival Regional da Canção do Cariri.

Na segunda metade dos anos 70 aconteceu o Festival Musical do Mandacaru, o qual trazia uma curiosidade – era de âmbito estadual. Entre 1975 a 1978, Sobral recebeu em seu histórico Teatro São João, sempre em dois dias, os pretendentes a artista. Vicente Lopes venceu as três primeiras edições do Festival do Mandacaru com as respectivas canções: "Canto do Cisne" (1975), "Anonimato" (1976) e "Viravento" (1977). Visualizado com as três vitórias, Vicente Lopes integrará a Massafeira Livre e dividirá parcerias, especialmente com Ednardo. No III Festival do Mandacaru, Abidoral Jamacaru classificou-se em segundo lugar com canção "Aboio". Já em 1978, o primeiro e o segundo lugares ficaram com o grupo Quinteto Agreste, de Fortaleza, com as canções: "Retirante", de Mário Mesquita, e "Medo", parceria de Mário Mesquita e Arlindo Araújo; o terceiro lugar foi conquistado por "Sobralada", canção de Haroldo Holanda e Jáder de Menezes. Vale salientar que Haroldo Holanda e Clodoveu Arruda, conhecido como Veveu, coordenaram e dirigiram os quatro festivais.

O WOODSTOCK CEARENSE

Em 1976, o Festival da Tabuba ou Woodstock Cearense, como ficou conhecido na memória de artistas e espectadores, pode ser considerado um bom exemplo de Festival de Amostragem. Foi nesse festival que Calé Alencar conheceu muitos artistas: Fagner, Ricardo Bezerra, Wilson Cirino, e passou a conviver com uma família musical, os Fonteles: Ana (já falecida), Zezé, Jabuti, Tim, Nazaré e Anita, vindos da Parnaíba (PI) para morar em Fortaleza. Apresentaram-se, nesse festival, Rodger Rogério, Téti, Vicente Lopes, Ferrerinha (hoje, Francisco Casaverde), Caio Silvio e Graco, mas, ao que parece, o centro das atenções foi Ednardo, já consagrado no mercado fonográfico. Ao final de sua apresentação, ao descer para a sessão de autógrafos foi inquirido por um delegado da polícia federal: "'O senhor está preso por incitar a massa à rebeldia. (...)' Fui levado para um buraco, em um bar. 'O senhor vai ficar incomunicável. (...)' Então foi uma prisão rápida, mas muito constrangedora" (EDNARDO, 21.03.2003, p. 20,21-22).

FESTIVAL CREDIMUS DA CANÇÃO

Pela documentação, ao que parece, a partir de 1978, especialmente com os Festivais da Credimus, como ficaram conhecidos, outros candidatos a artista e alguns dos quais depois se tornaram artistas, mostraram a voz e a cara para o público cearense. Os Festivais da Credimus, em verdade, tratava-se do Festival do Jovem Compositor Cearense. Vale observar que alguns organizadores e participantes de festivais anteriores, nesse momento passaram a ser jurados dos "jovens", a saber: Mércia Pinto, Rodger Rogério, Ricardo Bezerra, Sérgio Costa e D'Alva Stela.

O I Festival do Jovem Compositor Cearense foi patrocinado pela Credimus Financeira, organizado por Franzé Santos e realizado em maio de 1978 no Teatro São José. Foi um festival classificatório e competitivo, cujas premiações seriam: 1º lugar, Cr$ 5.000,00; 2º lugar, Cr$ 3.000,00; o 3º lugar, 2.000,00; 4º lugar, 15 discos Odeon; 5º lugar, 10 discos RCA Victor; 6º lugar, 2 calças jeans (Saronord); e opcional, uma caderneta de poupança com depósito de Cr$ 1.000,00 para o melhor jingle da Credimus.

Cartaz do III Festival do Jovem Compositor Cearense. Crédimus, 1980

[1] MOURA, Dalwton. Diário do Nordeste. Caderno 3, Fortaleza, 13.08.2007.

O festival, segundo os artistas e jornal, teve grande participação do público, inclusive reagindo às apresentações (jogando bolinhas de papel, casca de banana e laranjas e vaiando a comissão julgadora, chamando-a de "Júri de 1965", por ter escolhido a canção, "Pé de Espinho", música dos irmãos de Ednardo; de acordo com o jornal Trinana do Ceará de 22 de maio. Versão contestada pelo hoje, colega de bairro e de noites de Bar do Vaval,2 Rogério Soares, irmão de Ednardo).

Téti e Fausto Nilo no Festival do Jovem Compositor Cearense. Crédimus (Acervo Téti)

E os festivais continuavam abrindo espaço para o mercado da música. As performances de Simone Gadelha (depois, Mona Gadelha) e de Lúcio Ricardo no festival renderam aos dois um convite e um aplaudido show no mês seguinte, patrocinado pela própria Credimus. "Hoje e amanhã: é a hora e a vez de ver o Grupo Perfume Azul e a genial Simone Gadelha. (...) Eles apresentam o incrementado show no Teatro de Arena Aldeota" 3.

O I Festival teve como primeiro lugar a canção: "Pé de Espinho" (Rogério Soares / Eugênio Stone / Luis Carlos Pinóchio); em segundo, "Em Cada Tela Uma História" (Lúcio Ricardo); e em terceiro, "Cor de Sonho", de Mona Gadelha. O II Festival do Jovem Compositor Cearense aconteceu em junho de 1979, ou seja, depois do evento cultural ou Festival de Amostragem, conhecido como Massafeira Livre, realizado nos dias 15,16, 17 e 18 de março daquele ano, no Theatro José de Alencar.

A pesquisa nos leva a crer que o I Festival de Jovem Compositor Cearense não foi importante apenas para os vencedores fazerem uma viagem, como os irmãos Soares, ou abrirem uma caderneta de poupança e para Lúcio Ricardo e Mona Gadelha serem divulgados e aplaudidos em seus shows, mas para se tornarem reconhecidos como artistas e alcançarem projeção. Assim foram convidados a integrar o projeto cultural da Massafeira Livre; além desses, foi convidado outro talentoso cantor e compositor, Wagner Costa, posteriormente, Taso Costa, o qual também havia participado do I Festival. E assim esses jovens artistas foram convidados a gravarem suas canções no álbum duplo do Massafeira Livre: "Isopor", de Taso Costa; "Pé de Espinho", de Régis e Rogério; "Em Cada Tela Uma História", de Lúcio Ricardo, e "Cor de Sonho", de Mona Gadelha 4.

Cartaz do I Festival do Jovem Compositor Cearense. Crédimus, 1978 (Acervo Franzé Santos)

O II Festival do Jovem Compositor Cearense foi realizado no Teatro São José, entre os dias 01,02 e 03 de julho de 1979. Com patrocínio da Secretaria de Cultura do Estado, Secretaria de educação do Município e Canal 10. Em relação ao primeiro, houve uma queda nas premiações: 1° lugar, Cr$ 3.000,00; 2º lugar, Cr$ 2.000,00 e 3º lugar, 1.000,00. Segundo o planejamento, no documento de apresentação do festival do organizador Franzé Santos, também participaram como

[2] O *Bar do Vaval* está localizado na esquina da rua Lauro Maia com a rua Artur Temóteo. Na rua Artur Temóteo moraram e quase vizinhos Ednardo e Raimundo Fagner no decorrer da adolescência à carreira artística. Hoje, as "segundas sem lei" já são referência na cidade pela saudável boêmia com a presença constante de artistas, políticos e admiradores de música.

[3] TORRES, Flávio. **Correio do Ceará**. 09.06.78. In: CASTRO, Wagner. No Tom da Canção Cearense: do rádio e TV, dos lares e bares na era dos festivais (1963-1979).

[4] CASTRO, Wagner. op.cit., p. 258.

patrocinadores as gravadoras EMI-Odeon, RCA-Victor, Continental, além da Coca-Cola, BD Sports e Romcy. Trantando-se, ao que parece, de um festival organizado por uma financeira, atraiu gravadoras e empresas do ramo do entretenimento.

O Festival aconteceria em duas eliminatórias, sendo executadas 32 composições em cada noite, das quais seriam 10 classificadas. Causou-me admiração o número de canções e autores dos quais eu nunca tinha ouvido falar. O documento de apresentação da segunda noite do festival assim relatava: "O júri deste festival é composto de jovens como vocês, são nomes que estão ligados aos acontecimentos artísticos e culturais da cidade: Jane Lane, Wagner Costa, Sandra Ibiapina, Tomaz Filho, Emanuel Carvalho, Rogerio Wilker, Nilo Sérgio comporão a comissão" 5.

Vale ressaltar a sensibilidade dos organizadores do festival em tornar alguns artistas participantes do ano anterior em jurados como foi o caso de Wagner Casta (Taso Costa). Não seria pertinente no momento explicitar todos os participantes e suas respectivas canções, as quais, devo admitir, não eram reconhecidos. No entanto, a 18ª canção da segunda eliminatória, "Mormaço", de Stélio Vale, a minha memória veio à tona. A primeira vez que vi Stelinho cantando foi no Bar Cio da Terra, no final dos anos 80 (ali, quase esquina da rua Tibúrcio Cavalcante com Tomás Acioli). Todavia, a documentação não revelava as finalistas e ganhadores do II Festival.

O III Festival do Jovem Compositor Cearense foi realizado em junho de 1980. Antigos artistas dos festivais nordestinos do final dos anos 60 marcavam ainda presença nos festivais da Financeira Credimus, como Luiz Sérgio, e Raimundo Cassundé e outros que haviam participado com mais frequência, como Heitor Catunda e Aleardo Freitas. Por outro lado, uma nova geração de artistas começou a despontar nesse ano no III Festival: Os já citados Lúcio Ricardo e Mona Gadelha e agora, Mário Mesquita, Eugênio Stone, Luiz Fidelis, Calé Alencar, Zezé Fonteles, Tarcísio José de Lima, Bernardo Neto e o musical e hoje, amigo e parceiro, Chico Pio.

Dever-se-ia, mais uma vez, chamar atenção para a composição dos jurados; antes julgado em vários festivais, Raimundo Fagner passa a julgador e é o presidente da comissão do referido festival.

O FESTIVAL DA CANÇÃO DO BNB

O Festival da Canção do BNB aconteceu no dia 6 de outubro de 1978 sob a coordenação da professora Núbia Brasileiro, na época, coordenadora do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, contando com a professora e maestrina, D'Alva Stela como presidente da comissão julgadora.

Foram dez as canções da fase final: "Samba pra esbanjar", de Luiz Sérgio Bezerra de Moraes; "Compre o Cine Rex pra mim", de Fernando Néri e Eurico Bivar; "Azar de sogra", de José Hairton Carvalho; "De volta", de César Barreto; "Sarcófago", de Gérson Oliveira e Júlio César; "Difícil Alegria", de Francisco Roberto Pinto e Hermano Carvalho; "Sina Sinal", de Eurico Bivar e Fernando Néri; "Conto de Fada em Tempo de Ciranda", de Ribamar Lopes; "Escaparate", de Flávio Almeida, Fernando Néri e Clébio Carneiro; e "Negra Paisagem", de José Guedes. Luiz Sérgio Bezerra de Moraes foi o grande vencedor com a sua canção, "Samba Pra Esbanjar". Logo, o rapaz de Várzea Alegre se impôs no cenário musical de Fortaleza. De "timbre de rouca", logo ficou conhecido no meu musical como "pato rouco". Eu tive o prazer de dividir algumas mesas de boemia com o Luiz Sérgio e, para ser honesto gostava muito da execução do seu violão.

O II Festival de Música do Povo aconteceu nos meses de novembro e dezembro de 1982, com as eliminatórias no Anfiteatro da Volta da Jurema e a final na Concha Acústica da Universidade Federal do Ceará (UFC), ambos em Fortaleza. Participaram do evento, dentre outros: João Wanderley Roberto Militão (conhecido artisticamente como Pingo de Fortaleza), com sua música "Fuga", em parceria com Rogério; Fernando Néri e Eurico Bivar, com "Diretrizes"; José Amaro (Peninha) com "Pretexto" (música vencedora), defendida por Álcio Barroso e Peninha; João Alves Bezerra de Moraes com "Assalto à

[5] SANTOS, Franzé. I Festival do Jovem Compositor Cearense. Ficha Técnica de Apresentação.

Língua Armada", defendida por seu irmão Luiz Sérgio Bezerra; Aulo Sílvio, irmão de Caio e Gracho Sílvio, com "Chá de Cidreira"; Tony Maranhão, do Quinteto Agreste, com "Sabor"; Eudes Fraga com "Saudade"; Paulo Rossiglow e Grupo Trem do Futuro, com a música "Trem do Futuro"; Cristiano Pinho com "Sinos do Dia"; e Ronaldo Lopes com "Memórias Agalopadas".

O Jornal O Povo e sua Rádio e a UFC promoveram o II Festival de Música do Povo. A comissão julgadora era formada pela compositora e cantora Mona Gadelha, pelo escritor e repórter do jornal O Povo, Rogaciano Leite Filho, pelo compositor e programador de som, Carlos Calvet, pelo poeta Nirton Venâncio, pelo comunicador da Rádio AM do Povo, Paulo Roberto, pelo compositor e integrante do setor de programação musical da FM d'O Povo, Haroldo Holanda, dentre outros. [6]

Em 1982 foi o ano que eu entrei na Universidade Estadual do Ceará no curso de História e aí passei a ter mais liberdade para transitar pela cidade. Cheguei a ver esse festival no Anfiteatro da Volta da Jurema. Devo confessar que eu tinha uma grande vontade de fazer parte daquela turma (daqueles caras cabeludos) que tinham coragem de mostrar seus trabalhos musicais em público, mas como eu era muito tímido ficava de observar. Até que a coragem veio.

FESTIVAL DE MPB NOSSA VOZ NOSSA VEZ

Cartaz do Festival de MPB Nossa Voz Nossa Vez, 1983 (Acervo Wagner Castro)

Ainda atuando como professor do ensino médio e cursinho e utilizando a música como metodologia de ensino durante 18 anos e, concomitantemente, compondo e gravando, resolvi pesquisar sobre a música, produzida no Ceará entre os anos 60 e 80. Ao delimitar a pesquisa de mestrado em História Social na Universidade Federal do Ceará, a qual se tornou o livro: No Tom da Canção Cearense: do rádio e TV, dos lares e bares na era dos festivais (1963-1979), devo confessar o alívio de não ter de falar de mim mesmo como candidato a artista de festivais.

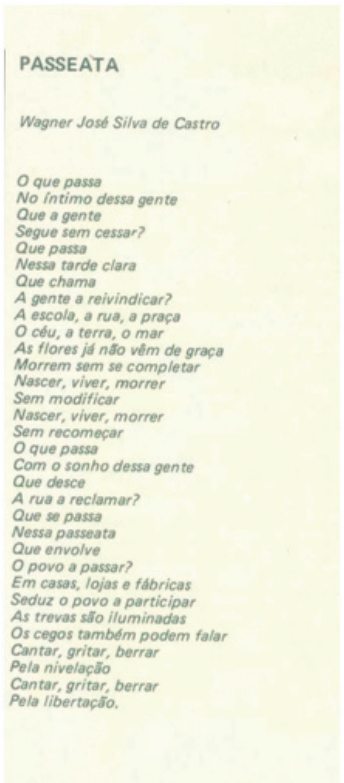
Na época, eu era estudante de história, da Universidade Estadual do Ceará e, logo, participei do C.A. como secretário de cultura. Como muitos garotos da época, nas horas vagas, era "inventador de música", (como diz o amigo Joaquim Ernesto). Eu soube pela impressa e na Universidade do "Festival de MPB Nossa Voz Nossa Vez", em 1983, sob a direção da Fundação Cearense de Artecultura (CEARTE) e promoção do Projeto Cultural do BNB Clube de Fortaleza.

O cenário coube a Audifax Rios; a criação de troféus, a Zennon Barreto e apresentação, a Cesar Barreto e a Dilson Pinheiro. Tendo como artista convidado, Fátima Goulart para a primeira semifinal, Clóvis Matias para a segunda e Geraldo Azevedo para a terceira. A direção musical e acompanhamento ficaram sob a responsabilidade do Grupo Sarabanda, (Luizinho Duarte, Tony Maranhão, Carlinhos Patriolino, Carlinhos Ferreira Lima, Cesar Barreto, Miguel Caldas e Ricardo Bacelar), tendo como comissão de seleção prévia: Mariângela Valente, André Batista Vieira (Melé), Luciano Maia, Cesar Barreto dentre outros.

Como estávamos sob a égide do regime civil militar, as canções deveriam ser escritas na Polícia Federal, em uma fita cassete com dez cópias da letra. Como eu não tinha recurso, lembro que gravei a canção "Passeata" apenas voz e violão, em um gravador, na casa de um colega próximo a minha casa, na rua Lauro Maia. Honestamente, como compositor de músicas engavetadas, não esperava jamais que fosse classificada para o festival, mas foi. E o pior, saiu a classificação no jornal e os meus pais ficaram sabendo e, devo admitir, eu era muito tímido.

Deve-se salientar que foi meu pai que me deu de presente um violão ao completar 15 anos, mas creio que não sabia que eu fosse inventar canções tão rapidamente, especialmente politizadas, que enfatizavam a violência e repressão do regime militar. A canção foi concebida depois de uma passeata, em frente à reitoria da Universidade Federal do Ceará. Daí o nome da canção, "Passeata" (com uma letra extremamente política). Diante da repressão, pulamos para dentro da UFC e os militares pararam. Na hora veio inspiração. Ao chegar

[6] II Festival de Música do Povo. Pesquisa e grande parte da escrita realizada por Haroldo Holanda.



PASSEATA

Wagner José Silva de Castro

O que passa
No íntimo dessa gente
Que a gente
Segue sem cessar?
Que passa
Nessa tarde clara
Que chama
A gente a reivindicar?
A escola, a rua, a praça
O céu, a terra, o mar
As flores já não vêm de graça
Morrem sem se completar
Nascer, viver, morrer
Sem modificar
Nascer, viver, morrer
Sem recomeçar
O que passa
Com o sonho dessa gente
Que desce
A rua a reclamar?
Que se passa
Nessa passeata
Que envolve
O povo a passar?
Em casas, lojas e fábricas
Seduz o povo a participar
As trevas são iluminadas
Os cegos também podem falar
Cantar, gritar, berrar
Pela nivelação
Cantar, gritar, berrar
Pela libertação.

Reprodução da letra da Canção "Passeata" no panfleto do Festival de MPB Nossa Voz Nossa Vez, 1983 (Acervo Wagner de Castro)

em casa, fiz a letra, depois traduzida por um amigo da Universidade em espanhol. Mas eu era muito tímido, não dava para cantar em espanhol.

Quem fez o arranjo da canção "Passeata" foi o Carlinhos Ferreira Lima (já falecido), o qual veio a participar como (arranjador e músico) mais tarde do meu primeiro disco, "Ambiguidades" de 1993. Eu Participei da segunda semifinal. No dia do ensaio final na Cearte, lembro que o Cesar Barreto e o Dilson Pinheiro chamaram-me e disseram: "Wagner, você vai cantar essa música mesmo?". E eu disse "por que não?". Eles foram enfáticos: "Você pode ser preso ao descer do palco". Lembro que eu falei o seguinte: "Mas se a inscrição foi feita na Polícia Federal, eles já sabem quem eu sou". Interpretei a canção, (inseguro, tímido, trêmulo) e ainda errei a letra na segunda eliminatória e aí não fui classificado, mas também não aconteceu nada depois da apresentação.

Eu tinha 20 anos. Por um lado fiquei muito orgulhoso de ter participado de um evento com canções de alto nível e com artistas, na época, já muito conhecidos no cenário musical e cultural cearense, os quais interpretaram suas canções também na segunda eliminatória, como: "Cheia" (Eugênio Leandro / Oswald Barroso), "Amor de Estoril" (Calé Alencar / Ângela Linhares); "Incelença para os Mortos" (Guaracy Rodrigues / João Wanderley Roberto Mulitão); "Um Passo na Liberdade" (Fred Carvalho) e "O Romance da Donzela com o Cavaleiro da Manhã" (Adauto Oliveira / Lourinaldo Vitorino).

Logo depois de interpretar a minha canção, fui para a plateia e, ao ouvir "O Romance da Donzela com o Cavaleiro da Manhã", fiquei emocionado e pensei essa canção tem quer ser classificada em primeiro lugar. E realmente foi o que aconteceu.

Esse festival é pouco ou quase não lembrado. Mas, ao analisar as fontes documentais (orais e hemerográficas), creio que pode ser considerado o mais importante festival de música produzido em Fortaleza depois da partida do "Pessoal do Ceará", especialmente de Belchior, Fagner, Ednardo e Rodger Rogério. Daí o motivo de não ter querido falar de mim mesmo, (não é conveniente para os historiadores). Obviamente não porque eu tenha participado, mas pela (consolidação de uma nova geração de artistas cearenses), mesmo que não tenham alcançado o sucesso (local ou nacional) como os da geração anterior. Mas, essa é outra questão a ser discutida a qual não convém no momento.

Em meados dos anos 80, com a efervescência cultural na Universidade, especialmente musical com o festival, para mim que conheci, na minha sala de aula, Tarcísio Câmara. No bar em frente à Universidade, vi aquele canhoto tocando violão com as cordas de destro. Ele, ao observar o meu olhar nos acordes, deu-me o violão e disse toca! Eu toquei umas canções do João Bosco. Ele gostou e disse: "Quero te mostrar um bar ali". Foi assim que virei boêmio e frequentador do Bar do Raimundinho, próximo ao Bar do Estoril, onde cheguei a ver cantar Petrúcio Maia.

Na noite (boemia) comecei a conviver com músicos e artistas, os quais havia conhecido no festival e obviamente passei a conhecer outros, como: Luciano Pereira, Paulinho do Pandeiro, Júnior da Cuíca, Lucinha Menezes, Serrão, Dunga, Rodger Rogério, Paulo Façanha, Humberto Pinho, Amaro Pena (Peninha), Rossé Sabadia, Pingo de Fortaleza, dentre outros, e alunos como Isaac Cândido e Eliane (depois conhecida como a rainha do forró) e Beto Paiva.

O Festival e a boemia foram tão importantes que, ao produzir o meu primeiro disco, "Ambiguidades", em 1993 (tido por Marcílio Mendonça como o último vinil da "MPB Cearense" produzido em Fortaleza), chamei os músicos arranjadores que havia conhecido no festival: Luizinho Duarte, Carlinhos Ferreira e Tony Maranhão, além de outros que passei a conhecer de shows e noitadas, como Cristiano Pinho, Mimi Rocha e Aroldo Araújo.

OS FESTIVAIS DE CAMOCIM

Os Festivais de Música de Camocim foram realizados anualmente entre os anos de 1986 e 2003. Quando em 1992 comecei a tirar as canções da gaveta, o Isaac Cândido ajudou a fazer a seleção das canções para o meu disco autoral. Por essa época, conheci o David Duarte em um festival no "Bar Cana Verde", próximo à rua Lauro Maia, onde a jovem e, hoje, prefeita de Fortaleza, Luizianne Lins, morava e costumava frequentar. Nessa época, passei a frequentar a casa do David Duarte, que na época, dividia o apartamento com o Abreu Marinho. Por intermédio do Isaac, em sua casa, conheci a mineira Andrea Rincon. Realmente, eu não queria incluir a canção "Naturalmente (Bicicleta)" no meu disco por achar uma canção principalmente voltada para ao público infantil. Mas o arranjo do Liduíno Pitombeira reverteu a minha ideia inicial e aí fiz a inscrição da canção no IV Camocim Verão Musical.

Capa do disco do VI Festival de Inverno da Serra de Meruoca, 2009 (Independente Coletivo SOLAR - CD)

Ao mostrar a canção para a Andrea Rincon na casa do Isaac, eu disse: "você quer interpretar essa canção que foi classificada para o festival de Camocim?". E ela simplesmente disse: "será um prazer". Mas, ao chegar a Camocim o prazer foi todo meu. Fui escalado para dividir o quarto do hotel com um cara chamado Chico Pio (hoje, amigo e parceiro), que eu já conhecia de vista do Cais Bar e pela TV dos programas do Will Nogueira. Ensaiando, entre canções e cervejas, a canção com a Andrea, o Abreu Marinho, que estava presente, começou a cantarolar a música. Diante da espontaneidade dos dois, eu disse: "que tal vocês interpretarem juntos a canção!?".

À noite ao observar a interpretação dos dois e o timbre da guitarra do Cristiano Pinho, fiquei estarrecido, parecia outra canção com a reação positiva do público. O jornalista Luciano Almeida Filho, da editoria do Caderno 3 do Jornal Diário do Nordeste, relatou o seguinte: "(...) Naturalmente" caiu na boca do público, que a chamava 'Bicicleta', ganhando força pela interpretação descontraída de Andrea Rincon e Abreu Marinho, levou o terceiro lugar (Cr$ 1 milhão) e colocou Wagner Castro (ex-Banda Scala) como compositor no circuito da música popular cearense". (ALMEIDA, Luciano. Caderno 3). Esse festival ainda trouxe uma novidade: foi transmitido pela TV Educativa, apesar do atraso de um dia. Todo o Ceará pode acompanhar o festival; uma boa ideia que poderia ser retomada pelas prefeituras e pelo Governo do Estado.

Capa do disco do IX Festival de Inverno da Serra de Meruoca, 2012 (Independente Coletivo SOLAR - CD)

Ao final, a premiação foi a seguinte: Em 1º lugar, Cr$ 2 milhões, "Boi Magia" (Edmar Gonçalves); em 2º lugar, Cr$ 1,5 milhões com a canção "Nau" (Chico Pio / Dunga); e em 3º lugar, Cr$ 1 milhão, "Naturalmente (Bicicleta)" (Wagner Castro) e Rossé Sabadia e seu vozeirão, (Cr$ 500,00) com "Relance" (Humberto Pinho / Tarcísio Pequeno), que também arrebatou o prêmio de melhor intérprete. E foi assim que eu conheci a passei a dividir parceria com alguns dos artistas do festival.

Dez anos mais tarde, lá estava eu participando do Festival de Camocim. Ainda nos idos dos anos 90 com a febre do grupo Legião Urbana, os alunos pediram que eu cantasse uma canção desse grupo Legião Urbana. Na ocasião lhes disse que não me sentia atraído pelas melodias e pelas abordagens elencadas nas

letras, que me pareciam canções para uma faixa etária de jovens, especialmente os adolescentes; e que eu nunca tinha tido problemas com meus pais e etc. A minha fala em sala de aula gerou um mal-estar, mas acabei cantando "Índios". Ficou claro para mim naquele momento que as minhas ideias (canções, músicos, melodias, artistas) já não correspondiam aos fatos; ou seja, não era mais de interesse da grande maioria dos alunos.

Pensando sobre esse mal-estar, em casa rabisquei partes da letra e nas andanças pela Praia de Iracema, no Cais Bar finalizei a letra: "falando de vento do litoral, da rua alegre (rua mais triste da Praia de Iracema), da saudade do Chacrinha, do Gonzaguinha, do Poetinha, da Pimentinha e tal" e entreguei ao Chico Pio. Dias depois, ele me liga com a música feita e com o título "Outra Saudade", dado por ele. Foi assim que a canção, "Outra Saudade" participou do XIV Festival de Música Popular de Camocim, em 2003.

Os arranjos ficaram por conta do violonista e compositor cearense, Marcílio Homem (também um dos arranjadores do meu disco), hoje radicado em Brasília. Foram três dias de apresentações de músicas inéditas "concorrendo aos prêmios para os 1º, 2º e 3º colocados (R$2mil, R$1,5mil e R$1mil, respectivamente; enquanto o melhor intérprete receberá R$800,00" (DIÁRIO DO NORDESTE, 14.07.2003, p.4).

O Chico Pio interpretou a música, mas não fomos classificados. De qualquer jeito, "Outra Saudade" já está gravada para integrar o meu próximo CD. A despeito de ouvir colegas explicitamente desejando o dinheiro dos prêmios, o que é normal a meu ver, mesmo não sendo nossa canção classificada para a final, o festival foi uma festa. Conversei, toquei, bebi com amigos e colegas que foram classificados de Fortaleza como: Serrão (que acabou vencendo o festival), Ciribá Soares, Beto Paiva, Melquíades, Evaristo Filho e Alan Mendonça (depois meus parceiros), Rogério Franco, Chico Barreto, Luciano Maia (depois também parceiro), Rogério Franco e Joaquim Ernesto.

Nos últimos anos, o Festival da Meruoca (competitivo e com nove edições seguidas realizadas de 2004 a 2012), o Festival de Música da Universitária FM (competitivo) e os Festivais de Amostragem de Blues (de Guaramiranga e da Ibiapaba) têm atraído músicos nacionais e estrangeiros. Fica claro, portanto, que os festivais não são atraentes apenas pelas premiações, mas também pelo encontro de músicos, das experiências musicais (audição dos trabalhos de outros artistas), pelas parcerias que brotam e pelo caráter boêmio e lúdico do evento, que é bem sedutor. Nesse cenário, os compositores e músicos cearenses continuam criando canções de qualidade ou não, com ou sem festivais.

Cantora e compositora Jord Guedes. Artista classificada em várias edições do Festival de Inverno da Serra da Meruoca.

REFERÊNCIAS

AIRES, Mary Pimentel. ***Terral dos Sonhos***: elementos para o estudo do "regional" na Música Popular Brasileira. Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará / Multigraf. Fortaleza, 1992.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de. (NIREZ). **O Balanceio de Lauro Maia**. 3 ed. (revista e ampliada). Fortaleza: Equatorial Produções, 1999.

CARVALHO, Gilmar de. **A Televisão no Ceará**: consumo, lazer e indústria cultural. 2 ed. Fortaleza: OMNI Editora Associados, 2004.

_____. Referências Cearenses na Comunicação Musical de Ednardo. Fortaleza, 1992.

CASTRO, Wagner. **No Tom da Canção Cearense**: do rádio e TV, dos lares e bares na era dos festivais (1963-1979).

HOLANDA, Haroldo. Arquivo dos Festivais.

MELLO, Zuza Homem de. **A Era dos Festivais**: uma parábola. São Paulo: Editora 34, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. **"Seguindo a Canção"**: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969). São Paulo: Annablume, 2001.

_____. **História & Música** – História Cultural da Música Popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ENTREVISTAS

Entrevista com o ator e teatrólogo **Aderbal Freire-Filho** em sua residência em Fortaleza no dia 16.01.2003.

Entrevista feita com o cantor e compositor **Ednardo** em um hotel na Praia de Iracema no dia 21.03.2003.

Entrevista feita com a professora e pesquisadora da música produzida no Ceará **Mary Pimentel** em sua residência no dia 07.07.2004.

Entrevista feita com o professor aposentado da UFC, cantor, compositor e ator **Rodger Rogério** em sua residência no dia 02.06. 2002.

JORNAIS

ALMEIDA, Luciano. **DIÁRIO DO NORDESTE**, Caderno 3, 1993.

UNITÁRIO, 18.12.1970.

UNITÁRIO, 05.10.1971, p. 6.

DIÁRIO DO NORDESTE, 14.07.2003, p.4.

TORRES, Flávio. **Correio do Ceará**. 09.06.78.

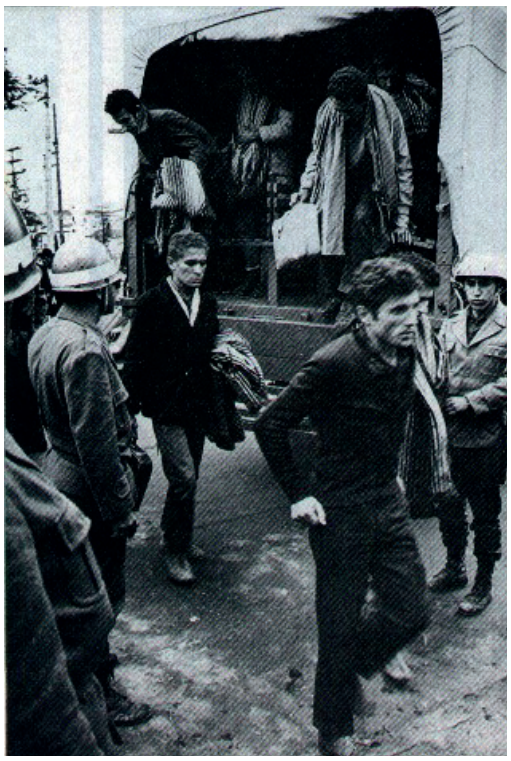
DOCUMENTOS

FAGNER, Revista Entrevista, 1999, p. 31.

SANTOS, Franzé. **I Festival do Jovem Compositor Cearense**. Ficha Técnica de Apresentação dos três festivais.

Algumas reflexões sobre os percursos da música cearense na contemporaneidade

Mary Pimentel
(Socióloga e professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Autora do livro "Terral dos Sonhos: Cearenses na Música Popular Brasileira – 1994)



Fausto Nilo é preso pelo Regime Militar ao participar do 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), Ibiúna - SP, 1968 (Acervo Wagner Castro)

O artigo tem como objetivo refletir sobre o processo evolutivo da música cearense focalizando o período compreendido entre as décadas de sessenta e setenta, momento de grandes transformações sociais, políticas, econômicas e culturais, que no Ceará se refletiram de uma forma peculiar caracterizada principalmente pela inserção dos criadores, compositores e artistas alencarinos no mercado de bens culturais brasileiro. Considerando períodos anteriores a essas décadas – quarenta e cinquenta – veremos o quanto diferencia-se, sobretudo no que diz respeito a relação com a indústria fonográfica.

Além disso, indicaremos algumas tendências estéticas e culturais na música cearense contemporânea. Como em diferentes períodos, artistas e músicos se posicionaram diante da indústria fonográfica; suas formas de criação e de inserção políticas nos processos culturais, as formas de difusão musical, são questões que norteiam nossas reflexões.

As décadas de sessenta e setenta trouxeram novos referenciais e códigos estético-artísticos, novos paradigmas culturais inaugurando uma nova linguagem musical. Essa nova linguagem estava embasada nas relevantes mudanças socioeconômicas e politico-culturais que fervilhavam no mundo, transformando comportamentos, hábitos, costumes e visões de mundo da juventude da época. A rebeldia do movimento da contracultura trouxe em seu bojo a contestação aos valores dominantes e significou um momento de revisão e afirmação de uma nova forma de fazer, de pensar e de sentir a realidade social.

No Brasil, esse movimento cultural teve como contraponto o contexto político de exceção do regime militar que impôs o silêncio, banindo e levando à clandestinidade partidos de oposição ao governo, sindicatos e associações de classe. A censura estendia-se à área cultural através de uma maior intervenção estatal nas formas de produção e criação artísticas, nos projetos educacionais.

Aliado ao projeto político, o plano de modernização tecnológica trouxe consigo o desenvolvimento de uma indústria cultural que, embora incipiente, ampliou os meios de comunicação massivos, tendo a televisão como um dos principais suportes de disseminação e divulgação da ideologia dominante.

Com todo o aparato técnico-científico e político, a voz estatal não conseguiu deter, entretanto, o grito da juventude que então se rebelava e foi exatamente na esfera da arte, em suas múltiplas manifestações, onde se desenvolveram as tentativas de abrir arestas, driblar o silêncio imposto.

E, dentre os setores de classe média, alguns segmentos incluindo intelectuais, artistas e estudantes, entre outros, se integraram numa intensa mobilização cultural em favor de uma arte emancipatória, libertadora e questionadora do establishment. O Centro Popular de Cultura (CPC), de União Nacional dos Estudantes (UNE), destacou-se como vanguarda, empreendendo profundas transformações nas formas culturais e artísticas da época, seja nas artes plásticas, no teatro, no cinema, na literatura.

Na área musical, a canção de protesto, o movimento tropicalista, a Jovem Guarda mudaram a feição da música popular brasileira introduzindo inovações tanto em suas incursões melódicas, harmônicas e rítmicas como em seus conteúdos letrísticos das canções e que, nos palcos dos grandes festivais de música, expuseram – de modo muitas vezes conflituoso – suas diferentes propostas estético-políticas.

Os sons de rebeldia e contestação da canção de protesto, a estética antropofágica do tropicalismo, o desejo, o sonho de amor e paz (ver The Beatles) do romantismo da juventude transviada chegaram em terras alencarinas e, amalgamados com referenciais regionais, influenciaram toda uma geração de criadores e artistas locais. O mundo estava mudando, a sociedade brasileira toda mudava e Fortaleza, como as demais grandes capitais, se urbanizava em seus modos de vida, entrava em cena e percebia que algo de extremamente novo estava no ar e que ninguém podia deter: o impulso criativo.

Alguns trechos da canção "Velha Roupa Colorida", de Antonio Carlos Belchior, um dos mais representativos compositores daquela geração, expressam esse desejo de mudança:

"Você não sente, nem vê mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo que uma nova mudança em breve vai acontecer. E o que há algum tempo era jovem e novo, hoje é antigo e precisamos todos rejuvenescer (...)".

O foco de irradiação da efervescência cultural em Fortaleza era a Universidade, centro aglutinador de artistas e intelectuais que mostravam uma grande disposição em influenciar, intervir e participar efetivamente do debate sobre as emergentes questões nacionais. Bem informados e articulados com o CPC da UNE, criaram o Centro Popular de Cultura da União Estadual dos Estudantes do Ceará. A ambiência da Universidade favoreceu a criação de grupos realizadores de atividades artísticas e culturais unindo teatro, música e cinema. Do grupo Cactus (1964) participavam Olga Paiva, Iracema Melo, Sérgio Costa, Cláudio Pereira, Rodger Rogério, Augusto Pontes, Flávio Torres, Hélio Leite, Francis Vale, Aderbal Júnior, José Alberto Cavalcante, Carlos Paiva, entre outros, concentrados nos Institutos Básicos de Matemática, Física e Química.

Essas atividades se estendiam para o interior do Ceará, para outras regiões e até para outros países através das caravanas da cultura.

Em 1966, com o fim da intervenção nos diretórios acadêmicos promovida pelos órgãos de repressão, foi criado outro organismo cultural – o Gruta (Grupo Universitário de Teatro e Arte) – que realizava suas atividades na Escola de Arquitetura e abrigava em seus quadros pessoas como Ruth Cavalcante, Fausto Nilo, Brandão, Petrúcio Maia, Leda Maria, Antonio Carlos Coelho, Heidelberg, Braguinha, Ângela, Mércia Pinto, entre outros.

Com relação ao Cactus, o Gruta tomou uma feição mais própria, menos atrelado aos moldes cepecistas sulistas, como bem salientou, antropofagicamente, Augusto Pontes, um dos intelectuais mais atuantes de sua geração, em entrevista à autora no ano de 1989.

"Comemos muito a cultura nacionais sempre querendo que a comida fosse melhor. Continuamos nesse banquete, mas começamos a botar os pratos na mesa para distribuir o nosso angu".

No campo restrito da criação musical, uma grande safra de novos compositores, músicos, letristas se integravam ao movimento cultural mais geral e davam um tom colorido, através da gestação criativa e coletiva de novas canções que viriam a caracterizar aquela geração e influenciar a música popular cearense, como também a música popular brasileira contemporânea.

Como um momento catártico, num mesmo período, muita gente começou a fazer música e tocar para os amigos, nas serenatas e nas festas de família, período que Gilmar de Carvalho denominou de dispersão, momento em que aqueles artistas iniciavam seu intercurso musical. O segundo período, o da concentração, refere-se ao momento no qual os compositores cearenses descobriram os bares da cidade – destaque para o Bar do Anísio, na avenida Beira-Mar – para onde convergiam.

Seguiam-se noites embaladas pela troca de informações musicais, pela formação de parcerias. Esses encontros possibilitaram uma progressiva socialização de informações e a participação cada vez maior dos artistas músicos no movimento cultural como um todo.

Os espaços de divulgação local foram ampliados com a realização de uma série de festivais de música os quais tiveram uma coloração local, agregando os compositores de uma maneira geral, mas levando-os a competir, o que caracterizava os festivais realizados no Sudeste do Brasil. Esse caráter agregador pode ser explicado não pela unicidade das propostas estético-artísticas, mas pela pulsão coletiva do fazer criativo.

Dentre os vários festivais realizados, o Festival de Música Aqui no Canto (dez/1968), como apoio simultâneo da Rádio Assunção, Diretório Acadêmicos da Escola de Arquitetura e Serviço Social e Organice-Estúdio, destacou-se por produzir o primeiro registro daquela geração de compositores. De forma artesanal, porque gravado em estúdio precário do ponto de vista técnico e independente – o Organice – reuniu doze músicas classificadas entre um total de cento e cinquenta inscritas no Festival. Compositores como Raimundo Fagner, Jorge Melo, Petrúcio Maia e Ricardo Bezerra participaram do disco.

Com esse feito foi dado o pontapé inicial para a incursão dos artistas cearenses no mercado local e, posteriormente, nacional. Metaforicamente, a canção "Pé de Sonhos", de Petrúcio Maia e Antônio José Soares Brandão, revela o inicio do sonho:

"No quintal por trás de casa tem um pé de sonhos que não pára de florar, florar a noite inteira. Cada sonho seu me faz sorrir e até cantar (...)".

Além dos festivais locais, outro fator que contribuiu significativamente para o processo de aglutinação e divulgação foram os programas de auditório apresentados ao vivo pela televisão local, a TV Ceará Canal 2, como o "Porque Hoje é Sábado" e "Gente Que A Gente Gosta" – apresentados por Gonzaga Vasconcelos – e o "Show do Mercantil", com Augusto Borges como apresentador.

Jorge Melo e Belchior (violão), Gonzaga Vasconcelos apresentando o programa "Gente que a Gente Gosta".

Em 1969, Belchior também produziu um programa musical na TV Ceará, vindo a tornar-se um espaço aberto especialmente para a revelação de valores novos.

Os primeiros indícios de que os compositores cearenses conseguiriam alçar voos mais altos ocupando, gradativamente, espaços no mercado fonográfico brasileiro, mesmo considerando que para isso precisariam romper barreiras encontradas ante uma máquina de cultura centralizada pelo Estado burocrático e monopolizado pelas empresas de comunicação, foram os festivais nordestinos da extinta TV Tupi, em 1971, projetando nomes como Rodger Rogério ("Bye bye, Baião"), Ednardo ("Beira-Mar"), Ricardo Bezerra, Petrúcio Maia, Belchior, Fagner, Lauro Benevides, Jorge Melo, Cirino, Luiz Fiúza, Ribamar, Pretextato Melo, Dedé, Branquinho, Sérgio Pinheiro, Manassés.

Capa do disco "Felicidade Geral" - Jorge Melo. 1976 (Polygram - Compacto duplo)

No mesmo ano, Belchior, o primeiro compositor da geração sessenta a sair de Fortaleza em busca de uma oportunidade no mercado da música popular brasileira, ganha no Rio de Janeiro o segundo Festival de Música Universitária da TV Tupi com a canção "Na Hora do Almoço". Esse prêmio foi importante não só do ponto de vista individual, mas para toda aquela geração de compositores que também buscava a divulgação dos seus trabalhos. A música, depois incluída em seu primeiro LP ("A Palo Seco"), gravado pelo selo Copacabana em 1974, obteve expressiva repercussão no circuito nacional do disco, abrindo portas para a música cearense.

Raimundo Fagner, no mesmo ano, participou de um festival em Brasília com três músicas, todas elas premiadas: primeiro lugar para Mucuripe, parceria com Belchior; sexto lugar com "Manera Fru fru, Manera", parceria com Ricardo Bezerra: melhor intérprete e melhor arranjo para "Cavalo-Ferro".

A necessidade de emigrar não foi, entretanto, geral entre os compositores. Petrúcio Maia, Brandão, Ricardo Bezerra e Fausto Nilo, entre outros, optaram por permanecer no Ceará. Esse último, grande letrista e poeta conseguiu um espaço permanente no mercado fonográfico brasileiro com suas várias canções na voz de diversos e importantes intérpretes.

Mas foi em 1971, que o Pessoal do Ceará (Rodger Rogério, Téti, Cirino, Jorge Melo e Fagner) chegou ao Sul do país. Ednardo somente no ano seguinte. O começo foi difícil. O contato com a grande metrópole, Rio de Janeiro, se por um lado gerava expectativas com respeito às possibilidades de divulgação, por outro lado trazia algumas dificuldades no que se refere à moradia e à situação de vida em geral. A ajuda dos amigos acolhendo-os em suas casas, o contato com pessoas relacionadas ao mundo artístico da música, da televisão, tiveram uma importância significativa naquele momento.

Em 1972, Rodger, Téti, Ednardo e Belchior foram convidados a participar de um programa semanal, produzido pela TV Cultura, como entrevistadores. As entrevistas eram realizadas através da música. A partir de dados sobre o trabalho e a vida dos entrevistados, Walter Silva (disc jóquei), Aldemir Martins (artista plástico), Paulo Autran (ator), Luiz Gonzaga (compositor), chegaram a compor uma média de vinte músicas por semana. A propósito, a música "Ingazeiras", de Ednardo, foi composta para uma entrevista com Aldemir Martins.

A partir daí surgiu a ideia da gravação de um disco com todo o grupo de compositores cearenses. Entretanto, como Belchior e Fagner já haviam assinado contrato com a Copacabana e Polygram, respectivamente, não foram cedidos para participar do disco.

Reunindo canções como "Beira-Mar" e "Terral", de Ednardo, "Cavalo Ferro", de Fagner e Ricardo Bezerra, o disco "Pessoal do Ceará – Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem", produzido por Walter Silva para a gravadora Continental, em 1972 constitui-se como marco na incursão dos novos compositores cearenses no mercado fonográfico.

O registro em disco da música popular cearense remonta ao começo do século XX, em 1908, com Raimundo Ramos Filho (Ramos Cotoco), pintor, poeta, músico e cantor com oito músicas gravadas por Mário Pinheiro na Casa Edson. Prossegue na década de vinte com Hilda Marçal, que teve suas músicas "Pequei em te Beijar" e "Beijos em Excesso", interpretadas por Francisco Alves.

Nos anos quarenta, Lauro Maia, compositor, instrumentista, arranjador e pesquisador do folclore cearense, teve sua música "Eu Vi Um Leão", gravada através do selo Odeon (1942) na interpretação do grupo Quatro Azes e Um Curinga. Em 1944, o mesmo grupo lança sua marcha "Trem de Ferro". No ano seguinte, Orlando Silva grava na Odeon "Só Uma Louca Não Vê", de Lauro, em parceria com seu cunhado Humberto Teixeira. Em 1946, o samba "Deus Me Perdoe", também de Lauro e Humberto, foi lançado por Ciro Monteiro. Os Vocalistas Tropicais, outro cearense lança o balanceio, ritmo criado por Aleardo Freitas e Danúbio Barbosa Lima e divulgado por Lauro Maia em criações como "Eu Vou Até de Manhã" e "Tão Fácil, Tão Bom". Luiz Assunção, em 1947, viu sua "Siá Mariquinha" gravada em caráter comercial. E a partir dos anos cinquenta, Evaldo Gouveia, integrante do Trio Nagô, conseguiu registrar centenas de canções, a maioria delas em parceria com o capixaba Jair Amorim.

Conjunto cearense 4 Ases e 1 Coringa que fez sucesso nacional em disco, rádio e cinema. Arquivo Nirez

Porém, o que diferenciou o ingresso desses músicos e compositores de gerações anteriores no mercado fonográfico do Pessoal do Ceará, foi sua forma de incursão: isolada. Apesar de terem propostas diversificadas, os compositores da geração sessenta uniam-se em torno de uma fazer cultural coletivo que envolvia, em consequência, um processo de profissionalização artística, base real para o conhecimento e o reconhecimento público.

A entrada dos compositores cearenses no mercado fonográfico coincide com um momento particular do desenvolvimento da música popular brasileira. A fase pós-tropicalista dos anos setenta deixou abertas várias brechas que foram sendo gradativamente ocupadas por novos compositores, novas influências.

João Bosco, compositor mineiro em parceria com o psiquiatra carioca Aldir Blanc e reunindo um cardápio de influências indo de Alberto Nepumuceno, passando por Ângela Maria, Elvis Presley até chegar em João Gilberto, surgiu como um dos mais sólidos compositores da era pós-tropicalista. Luiz Gonzaga Jr., ligado ao samba e à influência nordestina paterna, e Ivan Lins com toques do soul americano, despontavam.

O experimentalismo na música que tinha como fonte a ideia de Rogério Duprat de que "todo som é música, qualquer ruído é música" lançou nomes como Hermeto Pascoal, Airton Moreira, Egberto Gismonti, Walter Franco, Naná Vasconcelos e muitos outros.

Complementando todo esse caldeirão musical urbano de múltiplas tendências e influências, aportavam ao eixo Rio-São Paulo os compositores e músicos nordestinos. Foi a vez dos pernambucanos Alceu Valença, Geraldo Azevedo, o grupo Quinteto Violado, propondo a recriação do folclore, dos paraibanos Zé Ramalho e Elba Ramalho e dos cearenses Rodger, Téti, Ednardo, Belchior, Fagner e Cirino.

Capa do disco “Estrela Ferrada” - Cirino, 1979 (CBS EPIC - LP)

Durante toda a década de setenta, ao código urbano musical foram incorporadas novas tendências onde o regional emergia com muita força.

De um ponto de vista político e ideológico, a tendência foi a rotulação, cujo sentido passava muito longe da busca de identificação de uma especificidade cultural. Na verdade, a rotulação das expressões musicais regionais nos parece se constituir, naquele momento, como um mecanismo utilizado pela política cultural cujo objetivo era o fortalecimento da ideologia da unidade nacional. Unir diversidades culturais, mesmo que para isso elas não fossem reconhecidas como tais, constituía para o Estado o meio eficaz para uma política de integração. A mistura de vozes cantadas em uníssono coadunava perfeitamente com os objetivos nacionais.

Resguardando o caráter ideológico de rotulação, a verdade é que durante toda a década de setenta, a criação e produção artística do Pessoal do Ceará foi rica de realizações em discos gravados, participações em novelas, shows.

O ciclo criativo do Pessoal do Ceará teve continuidade com o movimento denominado Massafeira Livre, no final da década (1979) que teve como produtor geral o cantor e compositor Ednardo e como coordenador Augusto Pontes (falecido em 2009). O movimento reuniu no Theatro José de Alencar, em Fortaleza, entre os dias quinze e dezoito de março de 1979, mais de duas centenas de artistas cearenses numa verdadeira confraternização musical. Entre os compositores que participaram desse movimento estão: Ângela Linhares, Stone, Vicente Lopes, Luís Carlos, Lúcio Ricardo, Stélio Vale, Chico Pio, Ferreirinha, Caio e Graco, Tazo Costa, Citroen, Calé Alencar, Alano Freitas, Mona Gadelha, Zé Maria, Tânia Cabral, Pachelly Jamacaru e Clôdo.

Cartaz da Massafeira Livre, 1979

O movimento culminou com a gravação de um álbum duplo na Epic Gravadora CBS – Rio de Janeiro sob a direção artística, produção e estúdio de Ednardo, uma coprodução de Augusto Pontes e com a coordenação musical de Rodger Rogério, Petrúcio Maia e Stélio Vale. Do lançamento do álbum que ocorreu em Fortaleza (1980) participaram Zé Ramalho, Walter Franco, Túlio Mourão, Tuti Moreno, entre outros. Também nesse período foi concebido o álbum “Soro”, produzido por Raimundo Fagner que reuniu artistas de renome como Cirino, Nonato Luiz, Ferreira Gullar, Abel Silva, Belchior, Geraldo Azevedo, Fausto Nilo, Nubia Lafayette.

Stélio Valle observa o ensaio de músicos durante Massafeira

Régis, Calé Alencar e Stélio Valle no Massafeira Livre

Os compositores saídos do movimento da Massafeira, diferentemente do que ocorreu com o pessoal do Ceará dos anos sessenta, não sentiram a necessidade de migrar para o eixo Rio-São Paulo. A abertura de novos locais de apresentação, casas de espetáculos, espaços culturais, bares, restaurantes, e, principalmente, a criação do estúdio de gravação Pró-Áudio em maio de 1987, apontavam para a perspectiva de desenvolver uma produção local e a consolidação de um polo de divulgação. Implicava, portanto, na possibilidade de descentralização das atividades culturais dominadas que eram pelo eixo Rio-São Paulo, centros de difusão cultural.

Em termos de mercado fonográfico, a característica que predominou nos anos oitenta e noventa foi a produção independente de disco. Dos oito canais, passou-se a utilizar dezesseis e mixando no DAT (Digital Audio Tape), sistema dos mais modernos da época, tendo Marcílio Mendonça, como proprietário do empreendimento. Naquele período foram lançados pelo menos uma centena de títulos dos mais variados matizes, indo desde a música romântica, passando pelo rock, gospel e lambada.

Entre as produções podemos destacar: "Um Pé em Cada Porto", de Calé Alencar, "Lindo, Bonito e Joiado", do cantor e humorista Falcão, "Cheiro de Amor e Brasileirão", do compositor e sanfoneiro Diassis Martins. No gênero do rock destaca-se a demo-tape do grupo de punk rock Repressão X, a faixa "Nada é Impossível", que participou do LP coletânea "Ronda Alternativa", do selo paulistano Ataque Frontal. Outro destaque foi a gravação do 7 EP do grupo musical Insanity, denominado "Cryogenization" lançado pela gravadora potiguar Whiplash Discos.

Outro significativo lançamento foi do LP "Maculelê – Loas, Catu Ibijá", do cantor e compositor Pingo de Fortaleza, em 1991, gravado em Fortaleza. Este último, já havia gravado dois LPs independentes: "Centauros e Canudos", no Estúdio Sonoviso, em oito canais, no Rio de Janeiro (1986) e "Lendas Contendas", este por sua vez gravado no Estúdio Vilas Som (em 16 canais), em São Paulo (1987).

Eugênio Leandro, outro importante compositor cearense da geração oitenta gravou "Além das Frentes", produzido pela Cataventus e prensado pela Polygram no Rio de Janeiro (1986).

Ricardo Augusto em 1987, também grava no Pró-Áudio Estúdio, o disco "Fotografia", tendo como faixa de maior sucesso "Imaginação" interpretada por Kátia Freitas, compositora e intérprete cearense.

Muito importante também foi o movimento literário Nação Cariri surgido no final dos anos setenta que reunia nomes como Oswaldo Barroso, Rosemberg Cariry, Guaracy Rodrigues, Luciano Maia, Stênio Freitas, Raimundo Cavalcante e Marta Campos. O jornal Nação Cariri veiculou em todo território nacional e depois transformou-se em revista com publicação permanente durante sete anos.

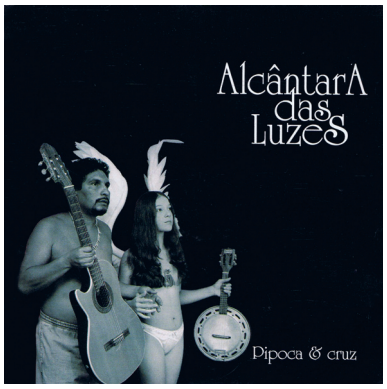
Rosemberg Cariry, escritor e cineasta, ao fundar a Cariry Filmes em 1982, realizou vários filmes de curta-metragem como também produziu discos de compositores e poetas populares cearenses como Patativa do Assaré, Cleivan Paiva, Bá Freire, entre outros.

Capa do disco "Fruto Futuro" - Ronaldo Lopes, 1990 (Independente - LP)

Dos movimentos populares de bairros, do movimento cultural autônomo dos artistas populares do Cariri, surgiram novos músicos e compositores, tais como Abidoral Jamacaru e Cleivan Paiva, do Cariri, e Ronaldo Lopes e Batista, do Pirambu, bairro periférico de Fortaleza.

A década de noventa é marcada pelo crescimento dos estúdios de gravação em Fortaleza e por uma maior diversidade de estilos musicais. Entre os estúdios podemos citar Trilha Sonora (Ronaldo Pessoa), Áudio-Design (Joaquim Saldanha), MV Estúdio (Moises Veloso), Planeta Estúdio (Airton Montezuma). Além do surgimento desses estúdios, é instalada no município de Caucaia, uma fábrica de CDs, a CD+, responsável pelo fomento e produção de artistas locais e de outros estados do país.

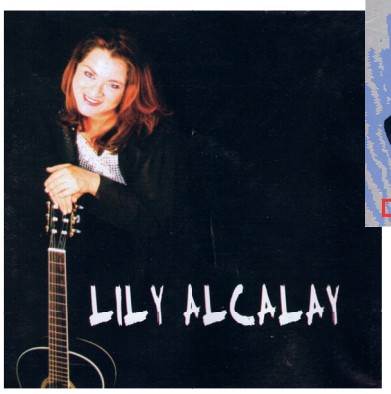
É importante destacar o surgimento e crescimento de uma indústria denominada forró eletrônico (também conhecido como Oxente Music), capitaneada pelo empresário Emanuel Gurgel, que criou a Som Zoom, complexo que envolvia rádio, estúdio, gravadora e um cast de bandas do gênero que ganhou visibilidade nacional com destaque para a banda Mastruz com Leite.



Capa do disco "Pipoca & Cruz" - Alcântara das Luzes, 2005 (Independente - CD)

Foi também nesta década, através da Secretaria da Cultura, que seria criada a "Lei Jereissati" (lei de incentivo à cultura) responsável pelo financiamento da produção de diversos CDs de artistas locais. A lei consistia na renúncia fiscal de 2% do ICMS das empresas sediadas no estado do Ceará que apoiassem os projetos apresentados pelos artistas. Entre os diversos CDs produzidos (e financiados pela lei) podemos citar os de Chico Pio, Serrão, Alcântara das Luzes, Flávio Paiva, Isaac Cândido, Cristiano Pinho, Marcos Maia, Olga Paiva, Karine Alexandrino, Aparecida Silvino, Manassés, Sávio Leão, Pingo de Fortaleza, Eugênio Leandro, Kátia Freitas.

Capa do disco "Digital" - Marcus Brito (Marcus Caffé), 1994 (Independente - CD)



Capa do disco "Lily Alcalay" - Lily Alcalay, 2002 (Independente - CD)

Presentemente a música cearense é marcada pela diversidade de estilos, pelo surgimento de festivais e novos espaços culturais. Festivais como o de Camocim, da Meruoca, de Jazz e Blues de Guaramiranga, da Ibiapaba realizados no interior do Ceará. Na capital, destacamos a Feira da Música de Fortaleza, o ForCaos, Rock Pró-Cultura, Ponto.CE, Panela Rock, ManiFesta! Festival das Artes e Mostra de Música de Fortaleza Petrúcio Maia.

Espaços culturais como o Centro Cultural Banco do Nordeste, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Centro Cultural do Bom Jardim e o recém-inaugurado Centro Cultural da Caixa Econômica têm contribuído para a difusão e divulgação dos trabalhos produzidos no estado do Ceará.

O surgimento da rede mundial de computadores (internet) é outro diferencial para quem vive da música atualmente. Trata-se de uma ferramenta que permite encurtar distâncias e percursos, dinamizando a comunicação entre os grupos e ajudando na difusão e divulgação.

É difícil num artigo descrever toda a riqueza da música cearense contemporânea tal a diversidade de gêneros e estilos musicais, novos músicos e compositores, bem como pela quantidade de títulos lançados no mercado cultural. De Lauro Maia passando pelos compositores do chamado Pessoal do Ceará, da Massafeira Livre, do "boom" da chamada produção independente dos anos oitenta e noventa até os dias atuais com a internet e as inovações tecnológicas, observa-se uma multiplicidade de interinfluências musicais amalgamada com as novas formas de produção. Como bem evidenciou Belchior na canção "Como nossos pais" a dialética entre o "velho e o novo" se traduz, hodiernamente, através de novos sons e tons que dão a cor da nova música cearense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Carvalho, Gilmar de. **Ednardo**. Revista de Comunicação Social. 1983/1984, Fortaleza.

_____. **Ceará. Voz Teimosa, Canto Torto**. Jornal da Música, Rio, junho/1977.

Castro, Wagner. "No Tom da Canção Cearense: do rádio e TV, dos lares e bares na era dos festivais (1963-1972)". Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Ceará. 2008.

Pimentel, Mary. **Terral dos Sonhos (O Cearense na Música Popular Brasileira)**, Fortaleza, Banco do Nordeste, 2ª edição, 2006.

Teixeira, Josy. "Muito além de apenas um rapaz latino-americano vindo do interior: investimentos interdiscursivos das canções de Belchior". Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Ceará. 2007.

Rogério, Pedro. **Pessoal do Ceará: habitus e campo musical na década de 1970**, Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. 2006.

Dos registros fonográficos no Ceará

Marcílio Mendonça
(produtor musical e proprietário do Proaudio Studio)

Corria o ano de 1988. Naquele tempo os anos, os meses, os dias passavam mais devagar. O Quinteto Agreste, grupo do qual eu fazia parte desde 1974, tinha gravado o LP "Pássaro de Luz" nos Estúdios Transamérica do RJ e tinha comprado e regressado com um equipamento bem moderno na época – gravador de fita ¼ de polegada, A80 – (Fig. 1 e Fig. 2) e mesa de oito canais – da marca Fostex – Model 450 – (Fig. 3) com intuito de criar um estúdio em Fortaleza que atendesse aos artistas da cidade, carentes de um estúdio multipistas, em que pudessem gravar seus trabalhos ao invés de ter que se deslocar para outras cidades como Recife, Belém, Rio de Janeiro ou São Paulo, como já era costume. Aqui em Fortaleza contávamos apenas com o trabalho dos pioneiros Mauro Coutinho, Paulo Guedes e Gurgel Tape (com o Adoaldo) que bravamente gravavam tudo em duas pistas e iam superpondo as gravações complementares de vozes e backvocais.

Fig. 1

Fig. 2

Nosso amigo César Barreto, cantor e compositor, querido amigo e parceiro do Quinteto em tantos projetos, tinha seu trabalho já estabelecido com um estúdio de quatro canais, na Rua Dr. José Lourenço, na Aldeota, chamado Cearte, entretanto estava desistindo do projeto quando nos convidou para ficarmos utilizando o local para cumprir o restante do contrato de aluguel. Foi uma oportunidade para colocarmos o equipamento em um local com algum tratamento acústico, e iniciarmos um trabalho em nossa terra.

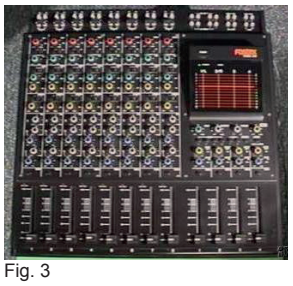


Fig. 3

O primeiro trabalho efetivo, de LP gravado inteiramente no estúdio, em 1988, ainda estúdio do Quinteto, foi o do nosso amigo Bernardo Neto, que junto do amigo Manuel Raposo idealizou o LP "Sumaré" para ser vendido junto com a revista "O Saco", importante publicação à época.

Em seguida conheci o Ronaldo Pessoa e Maria Helena Lage. Ronaldo, guitarrista muito competente, ex-Banda Posh (Tony Moraes, Ronaldo Pessoa, Luizinho Duarte, Edmundo Vitoriano Jr.) e, vinha junto com Maria Helena, exímia pianista e tecladista, contribuir para o LP "Fotografia" do compositor Ricardo Augusto, já médico, que desejava gravar suas músicas nas vozes de artistas conhecidos e de outros que estavam surgindo no cenário musical cearense, como Kátia Freitas, ainda uma menininha que já tinha uma voz marcante e afinadíssima, tão importante na era pré "auto-tune". Ronaldo e Maria Helena começaram a namorar no decorrer da gravação do disco, que se tornou um ponto de convergência de vários artistas novos e mais experientes. Desse disco, além do casal acima, tivemos o surgimento do Ricardo Bacelar, pianista, tecladista, ainda muito jovem e cheio de ideias, misturando sua técnica de pianista apurado com o rock n' roll (viria depois a se tornar membro do Hanói Hanói, importante banda de rock nacional dos anos 90.O resultado foi um disco super eclético e que até hoje simboliza uma época muito importante na música cearense. Paralelo a isso foram surgindo trabalhos de vinhetas para rádios (Casablan-ca!) e jingles comerciais, alguns feitos já com Ronaldo, Bacelar e Maria Helena. Fizemos no estúdio um importante trabalho do Calé Alencar que contou com metais e vocais, já com influência forte do maracatu, um LP bem enraizado mas com proposta bem moderna de sonoridades mistas. E foram sendo gravados outros projetos. Proporcionalmente ao crescimento do meu sentimento que o projeto do estúdio ia deslanchar de vez, diminuía o sentimento do Mário

e Arlindo, meus companheiros de luta no Quinteto e sócios, de que o estúdio fosse dar algum resultado. Comecei a sentir que o estúdio teria um futuro promissor, coisa que meus companheiros não compartilhavam, infelizmente.

Diante disso, começou a crescer minha amizade com o Ronaldo que começou a fazer planos e que resolveu me revelar após algum tempo, junto da Maria Helena, já sua noiva. Ronaldo e Maria Helena foram, apesar de meu desincentivo, fazendo planos cada vez mais incisivos até que me ofereceram a ideia de criarmos um estúdio juntos. Inicialmente fui radicalmente contra, afinal ali estavam muitos anos de amizade e parceria no Quinteto.

O resultado os músicos contemporâneos nossos o sabem. Diante de tanta insistência, e talvez pelas forças do destino, vim a criar o Proaudio Studio, em 1988/89 com Ronaldo e Maria Helena, com o auxílio de minha mulher Goretti, que a princípio não concordava, mas que aos poucos aceitou a ideia e se tornou nosso apoio fundamental nas questões financeiras e organizacionais, administradora nata e de formação que é. Interessante frisar que a grande atração da época era o Yamaha SPX 900, processador digital de reverber e outros efeitos. Anteriormente usara equipamentos analógicos de pouca qualidade de áudio.

Ali no estúdio, renunciei ao meu papel de músico, tive que virar o técnico e produtor. No início, Ronaldo aprendeu alguma coisa comigo, mas logo desenvolveu suas aptidões.

Ele começou avidamente a vender e produzir comerciais para empresas de amigos e depois partiu para as agências, que na época faziam questão de gravar todos os jingles no sudeste. Nessa época, já acostumados a criar jingles para as agências locais, mas que gravavam fora, chegaram ao estúdio Dilson Pinheiro e Amaro Penna, em parceria, prontos para começar a produzir conosco. Bem posteriormente Amaro Penna, (Peninha), aliado a Humberto Pinho, Renato Pinto e Fagner criaram o Estúdio Ararena, porém depois de Amaro ter-se juntado com Dilson e Airton Montezuma para criar o Planeta Studio que depois passou a ser somente do Airton. Foi uma fase muito boa, de muito boas produções. Ronaldo e Maria Helena continuavam produzindo, mais e cada vez melhor. Ao chegarem os primeiros produtores mais populares ao estúdio, que costumavam gravar em Recife e Belém, praças mais adiantadas na indústria fonográfica na época, vejo hoje que ali começava um novo ciclo. Vieram Natinho da Ginga, Nilton Costa, Netinho dos Teclados (hoje Netinho do Ceará) e outros, que também gravavam como cantores. A partir desse fato, senti que teríamos que ter nossos produtores musicais, aqui do Ceará e produzindo com nosso jeito. Zé do Norte, que eu já conhecia como um tecladista de banda de baile (Alta Tensão) foi o primeiro a ser tratado como produtor musical independente em nosso estúdio. Fez muitos e muitos LPs, trazendo o Tarcísio Sardinha como violonista e guitarrista, o Aragão como baterista, o Toinho e depois o Luisinho como baixistas e muita gente boa surgiu em seguida.

A procura era tanta que os trabalhos eram marcados com até 30 dias de antecedência, pois instituímos uma agenda organizada para dar conta de tanto trabalho e a hora era marcada e paga em valor de dólar, na falta de uma moeda estável na época. Esse foi um costume que eu trouxe da gravação do Quinteto no grande estúdio Transamérica do RJ.

Fig. 4

Vieram os católicos: Grupo Recado dirigido pela Inês, Ministério Grão de Trigo pelo Musse Jereissati e o Shalom dirigido pelo Alberto. Gravaram muitos LPs de sucesso que ainda rodam e vendem na seara católica. O A.M.E, grupo espírita, também gravou com a direção experiente do Tarcísio José de Lima.

Os discos passavam até meses sendo gravados. E foram longas noites e muitos dias de trabalho. De todos os gêneros musicais. Do brega ao erudito. Falcão gravou o seu célebre "Bonito, lindo e joiado" (Fig. 4) em 1992 e despontou no cenário nacional. Ronaldo Pessoa e eu nos revezando até que chamamos o Hamilton Silva para nos ajudar. Era baixista, morava próximo e era interessado. Até hoje é um profissional correto e requerido para bons trabalhos.

Início dos 90, Black Banda no auge dos bailes. Um belo dia chega no estúdio o Emanoel Gurgel, empresário da banda. Gravamos uma música para o carnaval e o cantor era o Renato Black. Foi aí que conheci o Emanoel, figura singular. Era empresário do setor têxtil e via futuro como empresário da música. E viu certo. Cansado de pedir para a Black Banda tocar forró, pois segundo ele, enchia o salão, resolveu apostar e criou a Banda Aquarius que tinha Carlos Rilmar como cantor, na esperança de fazer valer sua sugestão de repertório. Nessa época o Paulo Ney e banda fazia sucesso, enchendo os clubes, começando a tocar às 22h e só terminando às 5h, sem intervalo, coisa de que as bandas mais tradicionais não abriam mão.

Emanoel de tão chateado que ficou com a Aquarius, que era dele, montou então uma banda simples com bateria, baixo, guitarra, sanfona, triângulo e duas ou três vozes e passou a ditar o repertório deles, exclusivamente de forró. Estava formado o Forró Mastruz com Leite, em 1992. Com a ajuda do Will Nogueira passou a tocar na FM 93 as fitas cassetes que eram gravadas nas festas, com o famoso "- É o Forró Mastruz com Leite!" que identificava o grupo dentre os demais. Essa foi a sacada. E o sucesso veio rápido. Festas, shows, televisão local etc.

Mas tinha um grupo de pessoas que não se agradou daquele fenômeno todo. Se diziam prejudicados, pois criavam e não recebiam nada por isso. Nessa época o ECAD e as associações de compositores eram apenas para as músicas de fora. Nada havia de organizado aqui. Foram os compositores ao Emanoel, que fez um acordo importante na ocasião, doando uma sede para uma futura associação local. Daí em diante, querendo deixar tudo legal, surgiu a Passaré Edições Musicais, a Gravadora SomZoom e toda a estrutura que existe até hoje e foi em determinada época a maior do nordeste brasileiro, chegando a comercializar num mês só, regularmente, mais de 400.000 CDs. Mas voltemos ao grito, assinatura ou "aluguel" como os músicos chamavam a identificação da banda que passou a ser marca dos grupos da SomZoom.

Emanoel tinha fechado com a Continental para fazer o primeiro LP da banda. Nos períodos finais de gravação, eu já tinha gravado todo o LP do Mastruz e já estava me preparando para mixá-lo quando recebi um telefonema do Emanoel: "Segura aí, mixa agora não, que eu vou hoje à noite com a Kátia, o Neto e o Marabá pra colocar a assinatura nas músicas". Eu estranhei, mas julguei que ele queria fazer uma cópia para as rádios, em fita rolo, que era costume na época, com a assinatura. Foi aí que, quando ele chegou, botou os meninos no estúdio e mandou fazer as assinaturas. Ao final perguntei: Faço as cópias pra rádio? Faço duas mixagens? Ele: "Não, mixa assim mesmo". E eu: "Como? Com as assinaturas? Pro LP da Continental? Tá brincando!" E ele: "Faça o que eu digo e você vai ver que será o LP mais vendido já gravado em seu estúdio".

E aconteceu exatamente isso.

O tempo passou, logo depois apareceu uma banda chamada Forró Maior de Campina Grande, futura Forró Maior, do empresário Francisco Possidônio que viria a possuir outro grupo de bandas e entre elas o Forró Legal e Unidos do Forró. Após o sucesso do 1º LP do Mastruz, Emanoel muito ardilosamente não renovou com a Continental, detentora do primeiro LP até hoje, e antes de montar o estúdio SomZoom me chamou para uma conversa. Propôs-me sociedade para o novo negócio, mas queria que eu fosse sozinho, deixando de lado a sociedade com o Ronaldo Pessoa. Fiquei bastante honrado com o convite, mas falei a ele que não daria certo, pois achava, e acho, que uma sociedade que tem partes muito desproporcionais não tem chances de vingar por muito tempo. Ele, um empresário, deixando o ramo da confecção e entrando na música com uma boa condição, diferente de mim, ainda começando e com poucas posses, além de não querer deixar o Ronaldo sozinho, na época, ainda muito verde. Sinceramente. Ele, então, me pediu, para que se pudesse, desse a ele o apoio técnico necessário para ele começar o trabalho no novo estúdio. Prontamente concordei. Passei a ir semanalmente ao seu estúdio mixar os trabalhos gravados no SomZoom, muitas vezes chegando às 22h e retornando às 2h da madrugada, com o apoio do músico e técnico Eliseu Ribeiro, do produtor Ferreira Filho, depois do saudoso Carlinhos Ferreira e do Érico Paiva (Sapão), grande técnico, e de muitos outros que me ajudaram a enfrentar as noites e os domingos e feriados. Nessa época, ambos os estúdios usavam o mesmo modelo de console de mixagem: M-3500 da Tascam (Fig. 5). Só que eu usava um gravador E-16 da Fostex (fita de ½ ") (Fig. 6) e o SomZoom usava um MSR 24 (fita de 1"). Antes tinha usado a simples mesa Model 450 de 16 canais da Fostex (Fig. 7).

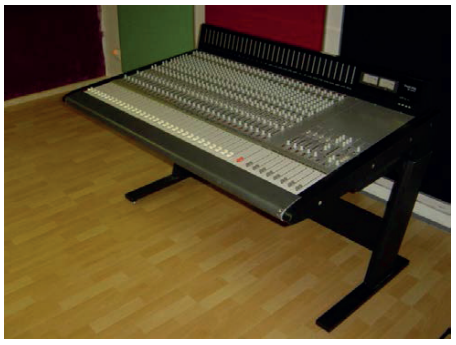


Fig. 5

Fig. 6

Fig. 7

Tudo isso me ajudou muito, pois além de ser bem pago, atraí muitas bandas para gravar no meu estúdio naqueles anos 90. Surgiu o ADAT gravador digital criado pela Alesis, baseado em fitas de videocassete que gravavam 8 canais cada, mas que permitiam o sincronismo entre vários. Logo em seguida, em 1994, Ronaldo Pessoa e sua Maria Helena se desligaram de nós amigavelmente e criaram o seu Trilha Sonora, até hoje estúdio mais dedicado aos jingles comerciais, mostrando ser essa a maior vocação do meu antigo sócio. Foi e é feliz em seu estúdio e isso me envaidece muito, por ter apoiado um cara que realmente escolheu o caminho certo.

Aí surgiu o CD. Gravamos o primeiro CD com Ayla Maria e Raymundo Arrais, com produção musical do Wladislau Pontes. Impecável, todo feito em computador usando teclados MIDI, entre eles o célebre Yamaha W-30. Porém, após a gravação de vários CDs vimos que não podíamos ficar para trás. O som não ficava tão alto quanto outros feitos fora. Precisávamos de um equipamento de masterização. Pesquisei e, com a ajuda do Emanoel Gurgel, conseguimos comprar uma cara estação Sonic Solutions, equipamento único na época, dedicado à masterização. Um ano depois, em março de 1997 o Proaudio Studio mudava da nossa casa no Bairro Ellery, sobre a garagem, para uma boa casa no São João do Tauape. (Fig. 8) Rua calma. Terminamos a reforma e comprei novos equipamentos, agora em boa parte digitais, com ajuda de empréstimo ao BNB. Sucesso. Gravamos muito, com dois estúdios ao mesmo tempo, inclusive. Chegamos a gravar mais de 150 CDs num só ano de trabalho, uma média altíssima. Passei a gravar vários CDs instrumentais de forró com a direção de Carlinhos Ferreira, pelo SomZoom novamente. Quase dois anos sem interrupção. Começaram a surgir novos estúdios na cidade, entretanto.

Fig. 8

Com o tempo, deixei de ir mixar os trabalhos lá na SomZoom que passou a contar com o trabalho total de sua equipe.

Gravamos o primeiro trabalho ao vivo no Ceará, em 1993, com o Pingo de Fortaleza no Theatro José de Alencar. Tivemos que praticamente transferir todo o estúdio para o Theatro, torcendo para o sincronismo dos ADATs(Fig. 9) funcionar direitinho. Ficou um trabalho muito interessante, inclusive pelas diferentes nuances de cada música, captando a vibração do público com fidelidade. Depois gravamos outro CD com Pingo, Calé e Dilson Pinheiro, também muito importante na carreira dos três, no Teatro do IBEU.

Fig. 9

Em 2000 gravamos mais um CD do Falcão, agora com a direção de Raimundo Fagner.

Depois construímos um outro estúdio num primeiro andar feito especialmente para isso, instalando nele o primeiro equipamento Pro Tools da cidade. Era 2001.

Vários produtores musicais vieram a trabalhar conosco em nossos estúdios. Dentre eles podemos destacar além dos já citados, Marcos Farias e Dorgival Dantas, que hoje tem destaque como cantor e compositor nacional.

Fig. 10

De lá pra cá, vários projetos importantes vêm sendo feitos, entre eles CDs da muitas bandas de forró com sucesso nacional, artistas gospel e uma gama muito interessante de artistas de MPB etc.

Para encerrar, quero registrar nosso trabalho em captura, mixagem e masterização Fig .10) de áudio de muitos DVDs aqui e em outros estados. Dentre os mais recentes temos o de César Nascimento, importante artista do Maranhão, com destaque nacional.

Massafeirantes

Calé Alencar
(cantor, compositor e produtor musical)

Massafeirantes são todos os caminhos e todas as músicas, os tempos e gerações se cruzando um abraço sonoro na cidade e outras linguagens e todas as artes abraçando os lugares da cidade e soando ressoando revolvendo sacudindo a poeira um som de feirantes da massa e sendo juntos cada um é um e é junto e somos do mesmo saco de farinha d'água da terra da luz.

Naquele momento de instante em instante ia um lá dizer ouvir e cantar e tinha gente pra ouvir e ver e tinha gente pra dizer gente pra cantar o som assobiando pelas entranhas do Zé de Alencar em quatro dias do povo todo junto dentro e fora do teatro e se deu assim um batismo no fogo coletivo e foi o que era e é e será sempre com a música no sangue do olho a música no gen na alma luz e espírito soando ressoando a música levando o povo através dos tempos e gerações se cruzando um abraço sonoro na cidade.

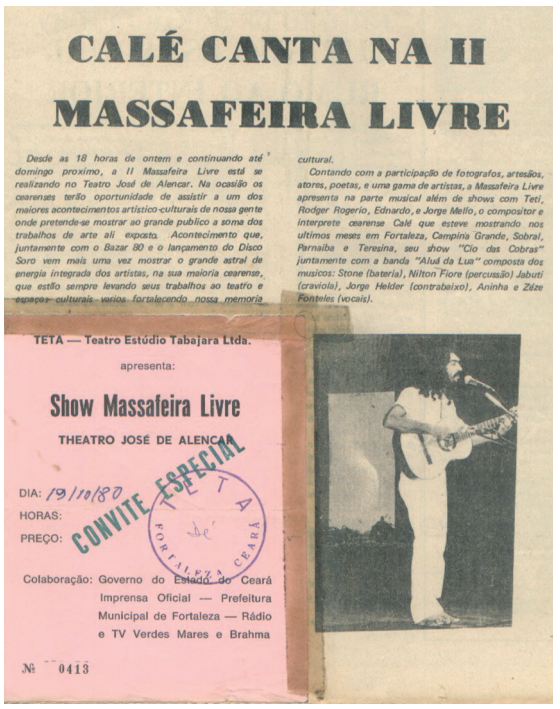
Ana Fonteles, Zezé Fonteles, Calé Alencar e Jabuti - Massafeira, Theatro José de Alencar, 1979 (Acervo Calé Alencar)

Lá no começo era gente chegando pra cantar pra fazer a festa juntando música com dança artes e malazartes poesia com cinema teatro com pintura tudo arte tudo tem seu tempo e a hora era agora ou nunca. Foi assim que aconteceu a feira da massa criativa uma cadeia produtiva da cultura que juntou a noite com o dia a tarde com a manhã e ninguém tinha mais domínio nem o tempo se pertencia.

Foi assim de um jeito tão intenso que até o tempo foi tomado como pertence. O violão era de ninguém o piano tinha sido de alguém o microfone era de todos e o palco foi dentro e fora do Theatro José de Alencar. Quatro dias de folia, um carnaval fora de época, de 15 a 18 de março de 1979, nem careta nem micareta. Foi massa, cara. A nossa cara ali, pra quem quisesse beijar, a cara a tapa, a voz no mundo e as palavras na ponta da língua.

A parte musical seguiu pro Rio algum tempo depois e em outubro de 1980, de 16 a 19, finalmente lançamos o álbum duplo gravado na CBS ocupando o palco do TJA outra vez.

O tempo da gestação foi vivido no Rio de Janeiro, dias de convívio, rodas de conversa e violão, andanças nas calçadas de Santa Tereza, ir e vir e dormir no bondinho, passos pela madrugada botando sentido nas ruas cariocas e eu mesmo aproveitei pra ver Luiz Melodia, no Teatro Ipanema, com Stélio Vale e Lúcio Ricardo; Elomar, no Teatro Municipal de Niterói, com Amelinha, Zé Ramalho e Cirino. Com Fernanda vi Esposamante num cinema da Cinelândia. Com Renato das Neves, Cirino, Mozart e Simplício fui a Santos cantar Luiz Gonzaga e tomar quentão. Com Cira fui à Fonte da Saudade. Pelas ruas do morro de Santa Tereza encontrei muitas vezes Lauro Benevides, Luís Carlos Porto e Nelson Cavaquinho e lá também conheci a casa de Zé Tarcísio, irmão até hoje.



CALÉ CANTA NA II
MASSAFEIRA LIVRE

Desde as 18 horas de ontem e continuando até domingo proximo, a II Massafeira Livre está se realizando no Teatro José de Alencar. Na ocasião os cearenses terão oportunidade de assistir a um dos maiores acontecimentos artístico-culturais de nossa gente onde pretende-se mostrar ao grande publico a soma dos trabalhos de arte ali exposta. Acontecimento que, juntamente com o Bazar 80 e o lançamento do Disco Soro vem mais uma vez mostrar o grande astral de energia integrada dos artistas, na sua maioria cearense, que estão sempre levando seus trabalhos ao teatro e espaços culturais varios fortalecendo nossa memoria cultural.

Contando com a participação de fotografos, artesãos, atores, poetas, e uma gama de artistas, a Massafeira Livre apresenta na parte musical além de shows com Teti, Rodger Rogerio, Ednardo, e Jorge Mello, o compositor e interprete cearense Calé que esteve mostrando nos ultimos meses em Fortaleza, Campina Grande, Sobral, Parnaiba e Teresina, seu show "Clo das Cobras" juntamente com a banda "Aluá da Lua" composta dos musicos: Stone (bateria), Nilton Fiore (percussão) Jabuti (craviola), Jorge Helder (contrabaixo), Aninha e Zéze Fonteles (vocais).

TETA — Teatro Estúdio Tabajara Ltda.
apresenta:
Show Massafeira Livre
THEATRO JOSÉ DE ALENCAR
DIA: 19/10/80
HORAS:
PREÇO:
CONVITE ESPECIAL
TETA FORTALEZA CEARÁ
Colaboração: Governo do Estado do Ceará
Imprensa Oficial — Prefeitura
Municipal de Fortaleza — Rádio
e TV Verdes Mares e Brahma
Nº 0413

Matéria Jornal II Massafeira Livre, convite especial show Massafeira Livre (Lançamento LP's), 1980 (Acervo Calé Alencar)

As gravações do disco Massafeira aconteceram em dias e noites de festejo, um entrançado de gente nos corredores do estúdio e todo mundo aprendendo com todo mundo. Além da gravação do disco, quase todos participamos de um show do Ednardo na Gama Filho, um verdadeiro festival cearense naquela noite de 1979. Gravado o disco, muitos dos que voltaram à Fortaleza estiveram nos momentos de música da reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, encontro de grande importância à época pelo que carregava de teor político e de afirmação da nossa indignação e da capacidade de todos em dizer não à ditadura militar.

Téti e Calé Alencar, Massafeira Livre, Theatro José de Alencar, 1979 (Acervo Calé Alencar)

Vale lembrar que nem todos os artistas da música presentes aos quatro dias da Massafeira no TJA participaram do disco, algumas reuniões no apartamento do Ednardo lá perto do aeroporto antigo definiram quem participaria. Nem todas as músicas gravadas entraram no disco. Tempo Ruim, música de Alano Freitas cantada por Ana Fonteles, e Ave de Arribação, criada e interpretada pelo paraibano Jairo Mozart, ficaram de fora do antológico disco vendido numa promoção que anunciava 2 Lps pelo preço de 1. Também merece esclarecimento o crédito dos intérpretes da faixa Jardim do Olhar (Água), de Stélio Vale, Chico Pio e Fausto Nilo. Onde se lê Coro Massafeira, nome inventado sabe-se lá por quem, leia-se Zezé Fonteles, Téti, Rogério Soares, Rodger Rogério, Chico Pio, Calé Alencar e Ângela Linhares.

Cartaz Massafeira II, 1980

Olhando desta distância de 30 e poucos anos, a Massafeira ainda pulsa com sua força singular e plural. Como pulsou no Balanço da Massa, quando botamos o bloco na rua pra pular o carnaval com a nossa música no Fortal. Como pulsou nos shows da Praça do Ferreira e do Theatro José de Alencar, nas comemorações dos 30 anos do evento, com muita música e o lançamento do livro e do disco, agora em CD mas sem a faixa Frio da Serra, cantada por Fagner, Marta Lopes e Ednardo, por conta da intransigência da viúva do Petrúcio Maia.

Tantos vetores, direções, caminhos, pensamentos, ajuntamento de cabeças fazendo música sem que soasse um discurso único, ajustadinho, cada um na sua. Assim mesmo tem o Ceará ali, no tom poético, no cancioneiro, sol, luz, serra, mar e sertão. Tem também as antenas captando o som dos mundos, que o Ceará não é não foi e nem Ceará uma ilha e nossa música não cabe num aquário.

E assim sendo vem esse povo todo cantando depois de tantos esses anos ainda loucos e sedentos uns mais e outros mais ainda uns menos também outros quase nada.

Não há considerações gerais a fazer, tá tudo aí para quem quiser ver, como diz a canção do Tom Zé. Pela lembrança, por tudo de bom que vivemos, pela música que caminhamos e pelos caminhos que cantamos peço a bênção a Augusto Pontes, Zé Maia, Patativa do Assaré, Ana Fonteles, Petrúcio Maia e Stélio Vale, em qualquer dimensão, e em qualquer não dimensão peço a bênção e mando um axé para Cirino e Tazo Costa.

Os nomes estão. As músicas postas. Arregacemos as oiças e abramos os braços para Pachelly Jamacaru, Rodger Rogério, Lúcio Ricardo, Mona Gadelha, Brandão, Belchior, Vicente Lopes, Fausto Nilo, Fagner, Eugênio Stone, Graco, Gerardo Gondim, Caio Sílvio, Francisco Casaverde, Régis e Rogério, Chico Pio, Zezé Fonteles, Eduardo Praciano, Téti e Tânia Cabral, damas e cavaleiros andantes deste ambiente musical cearense e interplanetário, todos atuantes ainda hoje e navegando serelepes pelas infovias sonoras do dia a dia onde cabemos todos feito bombons em vasos de cristal.

Poetas-letristas (1972-2012)
Mestres Cearenses do Encanto das Palavras

Guaracy Rodrigues
(poeta, letrista, teatrólogo e pesquisador da cultura indígena no Ceará)

O poeta letrista e o músico-letrista são duas categorias de artistas que interagem com a poesia de maneira diferenciada dentro ou através da produção ou da obra de arte chamada canção. Nesta resenha histórica comentarei apenas aspectos da fenomenologia poética dos letristas na Música Popular Cearense.

Podemos observar que a letra de música, por si só, é uma obra completa e, portanto, um gênero independente. Por possuir, apesar de outros elementos como a imagem, o movimento e o som, é por si mesma uma linguagem.

Diferentemente da poesia e por ser parte de uma totalidade, na canção a letra deve estar em sincronia com a música tendo por referência a sonoridade, o ritmo e as proporções de cada melodia, mas a letra seleciona e influencia a música, como origem ou como estrutura, criando o que tecnicamente chamamos de prosódia.

Desde eras muito remotas da humanidade, quando cantos ligados à espiritualidade, narrativas em forma de versos, dentre outras expressões exprimiam sentimentos religiosos ou populares, letra e música formavam uma expressão indissolúvel. Não se trata de um texto submisso à melodia (ou contrário disso). Há simultaneidade em sua produção. E na perspectiva de suas relações, tendo em vista o magnetismo que as atraem pelo ritmo, som e letra seguem num impulso de vibração harmoniosa.

A existência da canção se concretiza no canto e nas ondas sonoras que nos chegam aos ouvidos. Ela se distancia da poesia, na razão em que não precisa de rigor formal, totalmente, ou em parte; as palavras aí são usadas em seu sentido conotativo ou simbólico, já que na letra se apresenta objetivamente com função e síntese e a plena realização de sua intencionalidade. Portanto, é inalienável a canção, que existe para ser cantada, ter um texto e é nele que fica evidente o conteúdo da linguagem.

Saliente-se que as letras das canções recorrem com frequência às onomatopeias, às sílabas vazias de sentido, destinadas a serem sustentáculos, da melodia como uma função meramente poética, tipo "laiá laia", "sabá dabá", ou como fez um dos nossos melhores letristas com o sintagma "vaila vaila" (Brandão). A canção popular é o lugar de uma espécie de catarse verbal onde se pode assumir o prazer da diversão com as palavras, os sons, as assonâncias, dissonâncias, rimas, imagens e metáforas e o non-sense. A canção pode por muitas vezes, por isso mesmo ser chamada de linguagem em liberdade. As letras de músicas não deixam de ser assim um desafio artístico ou uma tomada de consciência da particularidade dos diferentes códigos que imbricam nessa modalidade de arte em que se inserem.

Optamos nesse texto inicial por contestar, expor poetas letristas e compositores letristas da música popular no Ceará, encaixando-os no critério da historicidade, devido a dificuldade de separá-los por características ou estilos.

A nível nacional, nos anos de 1970, muitos poetas renomados iriam produzir letras e através delas, transformar as plateias brasileiras, conquistando prestígio e aplausos. Podemos citar Vinicius de Moraes – foi o primeiro deles, Aldir Blanc, Fernando Brant, Torquato Neto, Luis Carlos Capinan, Cacaso, Abel Silva, Sidney Miller – e outros que viriam surgir no Ceará a partir de 1972.

No Ceará, a partir de 1972, o país passava por grandes transformações, o espaço nacional passava a ser ocupado pelos artistas que daqui saíam rumo ao eixo-sul, destacando-se nesse primeiro momento o "Pessoal do Ceará", capitaneados por Ednardo, Rodger Rogério, e Téti; na retaguarda estavam Fagner e Belchior, para quem os festivais de música e o acesso às gravadoras eram os objetivos imediatos. Para o Pessoal do Ceará, havia a intenção de criar um movimento com os "artistas da terra", mas, aos poucos, talvez forçados pela necessidade de batalharem seus próprios projetos, seguiram rumos diferentes.

GRACO

Buscando um trabalho mais independente.

Matéria de Jornal

A trajetória individual desse grupo, com certeza, influenciou muito o que aconteceria nos anos que se seguiram. O trabalho desses artistas determinou pela qualidade de letra e música, o crescimento do nível de exigência do que se produzia no Ceará.

Entre os letristas que se destacaram e produziram bastante para os novos cearenses, como também para novos intérpretes no sul do país, estavam Fausto Nilo, Augusto Pontes, Graco, Dedé Evagelista, Antonio José Soares Brandão (o Brandão) e Ricardo Bezerra. Fausto Nilo acabou também indo morar no eixo Rio-São Paulo, dedicando-se muito mais à composição de letras, fazendo isso profissionalmente, junto a outros artistas, tendo gravado maior número de músicas que todos eles. Uma de suas primeiras músicas em parceria com Petrúcio Maia foi:

DOROTHY L'AMOUR
(PETRÚCIO MAIA E FAUSTO NILO)

Dorothy L'amour
Com amor te matei
Sereia
Na areia do cinema
Dorothy L'amour
Com ardor te adorei
O drama da primeira fila
Adorei o drama
O teu sabor azul
Estranho como a primeira
A primeira Coca-cola
Era miragem
Fantasia de um mundo blues
E eu fui chorar
Na areia Dorothy L'amour
Por que sangrar
Meu nativo coração do sul
Ah eu fui naufragar
Em teus olhos de mar azul
A tua cor
O teu nome mentira azul
Tudo passou
Teu veneno teu sorriso blues
Ai, hoje eu sou
Água-viva dos mares do sul
Não quero mais chorar
Te rever Dorothy L'amour
(Brasília, 1971)

Capa do disco "Verso e Voz ao Vivo" – Fausto Nilo, 2004 (Independente – CD)

Capa do disco "Cantos do Planeta" – Petrúcio Maia e Bigha, 1996 (Independente – CD)

Fausto Nilo segue a máxima de Torquato Neto que afirmava: "Há muitas maneiras de fazer música brasileira, eu prefiro todas elas".

Compondo com uma diversidade de parceiros, o letrista conquistou grande apuro técnico e poético, colocando-se ao lado dos maiores letristas brasileiros.

O letrista cearense Brandão, impecável poeta, metafórico, precursor ecológico, linguístico, mundano, intenso em imagens e trágicas paixões. Sempre que o encontrava pelas noites do Estoril, em meados da década de 1970, ele erguia o copo num brinde e dizia: "trabalhadores da Etiópia...". Depois saíamos sem destino de bar em bar. Ele me dizia que Petrúcio Maia tinha colocado música em "Frio da Serra".

CEARENSES QUE FICARAM

A poesia de Brandão

Foto de Mauri Melo

Houve um tempo em que a Escola de Arquitetura abrigava a maioria dos artistas da cidade. De lá partiam todas as idéias, toda uma atividade cultural, que envolvia principalmente a música. Era a escola dos compositores. Entre eles, Ricardo Bezerra, Fausto Nilo e Antonio José Soares Brandão, o Brandão.

Além das discussões quentes do "Bar do Anísio", foi essa atividade intensa da Escola de Arquitetura que fez surgir toda uma geração de artistas e muitas canções que hoje fazem parte do repertório da chamada "música cearense".

Poeta, arquiteto compositor ou simplesmente "uma pessoa que escreve", Brandão foi um dos que participou ativamente dessas reuniões, desses momentos. Ligado também ao desenho foi ele quem fez a capa do álbum "Massafeira" e uma das pessoas que muito acreditou no acontecimento. "Participei da Massafeira desde o início e a considero algo muito importante na cidade. Uma coisa que marcou. A Massafeira foi uma espécie de renascimento cultural de Fortaleza. Um caminho que foi aberto para muita gente nova".

Parceiro em muitas canções de Ednardo, Ricardo Bezerra, Petrúcio Maia e Caio Silvio. Para citar apenas algumas, com Ednardo, ele fez "Alazão", "Vaila" e "Acalmar-se", com Petrúcio fez "Frio da Serra", "Rio do Ouro" e "Papéis de Chocolates", e com Ricardo Bezerra, fez "La Condessa". Todas gravadas. Brandão nunca "batalhou" para que estas músicas se transformassem em disco. Deixou a tarefa aos intérpretes.

Criador também da capa do disco "Cauim" de Ednardo, ele no entanto, revela que não tem pretensões de fazer carreira nas artes plásticas. "Eu tenho uma atividade de desenho. Mas não tenho pretensões. Tendo mentido muito nos desenhos que faço, uma coisa que não acontece quando escrevo".

"Os cearenses são desunidos"

Brandão considera o ato de escrever como uma necessidade fisiológica. Com muitas músicas inéditas, algumas feitas recentemente com Caio e outras com Alano, ele tem a preocupação voltada para a literatura. "Escrevo todo dia. Desde que apreendi a escrever que escrevo. É difícil falar na poesia. Não me preocupo com uma coisa que vai sair dali. Escrevo sobre tudo. Não é uma coisa só intimista, só regionalista. É qualquer coisa que me interesse. Escrevo muito também sobre Arquitetura e pretendo ser mais responsável com a minha atividade literária."

Brandão só publicou um livro: Todas as Noites. Mas pretende mostrar outros. A poesia para ele, é diferente de uma letra de música. "Geralmente faço a letra e dou para alguém fazer a música. Mas também faço o contrário, ou seja, coloco letra numa música. Mas o ritmo de uma poesia é diferente da de uma letra. A poesia vai ser apenas lida".

Ele foi da segunda turma da faculdade e viveu toda uma militância profissional.

"Gosto de Fortaleza, nunca pensei em sair"

"A faculdade sempre foi o foco. Existia um diretório um espaço e bastante liberdade".

Sobre o atual movimento de música no Ceará, Brandão não tem muitas coisas boas para citar. "É lamentável que hoje as pessoas concoram ao invés de se unirem. No meu tempo não havia isso, essa concorrência. Todo mundo se ajudava. Os cearenses são desunidos. Falta um plasma político por trás desse negócio. As pessoas não se interessam em saber as razões políticas e históricas das coisas e quem tempo sem ter uma peça infantil".

Brandão foi um que ficou. Mesmo sabendo das dificuldades de publicação e de desenvolver um trabalho artístico, em Fortaleza. "A música é um trabalho muito difícil. Um ambiente cheio de aves de rapina. Além disso, tem aquela coisa de ter nascido aqui, família, amigos. Também tem a vocação. Nunca pensei em sair. Sempre gostei de Fortaleza. Fui muitas vezes. Teve uma época que passei o tempo todo viajando. Principalmente para Salvador, Recife e Brasília.

Matéria de Jornal

FRIO DA SERRA

(PETRÚCIO MAIA E BRANDÃO)

Lá em baixo no espaço
As casas estão com frio
Eu vou passar a caminho
Daquela estação do Rio

Nesta serra ninguém me vê caminhar
Ninguém me vê caminhar
Eu vou cantar no serão da praça vazia
Pela mão do poste velho
Vou descer o barranco desfeito na luz

Cantar pra quem não vai me ouvir
Sentar na estrada
Contar o meu dinheiro
Arrumar o cabelo e seguir

Eu perguntava: "Brandão, onde você foi plantar o seu 'Pé de Sonhos'?" E ele respondia:
"No quintal por trás de casa
Tem um pé de sonhos
Que não para de florar
Florar a noite inteira
Ada sonho seu me faz sorrir
Até cantar"

(Trecho de "Pé de Sonhos" – Petrúcio Maia, com letra de Brandão – LP "Manera Fru Manera" / 1973)

Já o Augusto Pontes, foi um letrista visionário, ele aglutinava os novos, estimulava-os com sua criação e sensibilidade. Às vezes, bombástico em suas críticas, era um desmistificador dos valores estabelecidos. Não gosto de chamá-lo de guru: era uma pessoa especial, sem apegos. Foi um dos gestores do fazer artístico no Ceará, da abertura dos espaços. Sobretudo, um poeta da musicalidade cearense, uma das melhores de sua safra: "Lupicínica":

LUPICÍNICA

(PETRÚCIO MAIA E AUGUSTO PONTES)

Vamos acabar com essa briga, amor
Que eu estou cansado
Fique aqui ao meu lado e não fale mais
Que eu estou calado
E não balance essa chave
Vai acordar meu remorso
A tua bolsa, guarda segredos de mim
E por mais que eu mexa e remexa
É você que não deixa ver
Quantas vezes eu mudei de conversa
Pra não falar
Tantas vezes eu dobrei a esquina pra não ver
E hoje, sinto ciúmes até da tua falta
Mas não vou mais
Matar ninguém por tua causa
Mate-me, que eu já te matei
Inutilmente bêbado
Triste como um peixe afogado
Na madrugada sonolenta
De bolero em bolero
Acuerdame da qui a poco
Você está com a vida que pediu a Deus

Ricardo Bezerra é um dos mais experientes e queridos poetas-letristas da nossa geração. Com uma rara sensibilidade estética, dedicou sua poesia a esmero estilístico das formas musicais, é pianista e arquiteto, e cercou-se dos nossos melhores letristas e melodistas, ora como músico, ora como poeta, compondo com Fagner, Brandão, Ângela Linhares, Ednardo, Rodger e outros. "Cavalo Ferro" é especial:

CAVALO FERRO

(FAGNER E RICARDO BEZERRA)

Montado num cavalo ferro
Vivi campos verdes, me enterro
terras trópico-americanas
Trópico-americanas, trópico-americanas
E no meio de tudo, num lugar ainda mudo
Concreto ferro, surdo e cego
Por dentro desse velho, desse velho

Ricardo Bezerra, foto Papinha Rodrigues, 2013 (Acervo SOLAR)

Desse velho mundo
Pulsando num segundo letal
No planalto central
Onde se divide, se divide, se divide
O bem e o mal
Vou achar o meu caminho de volta
Pode ser certo, pode ser direto
Caminho certo sem perigo, sem perigo
Sem perigo, sem perigo fatal.

EDNARDO

A determinação plural e a delicadeza de propósitos são duas coisas muito presentes em Ednardo. Quando o encontrei uma vez em um programa de rádio em Iguatu, pude sentir isso nele e também um ponto de equilíbrio muito centrado que acredito seja o elã que o transformou ou que o moldou em um grande artista. É algo assim muito burilado, mas que permanece ali dentro dele sem peso, som que se evola, poesia que se extravasa de uma pura fonte, como se já não incomodasse ansiedade de buscar as coisas e tudo fosse pleno num mundo onde todos os seres humanos fossem artistas.

O tempo se transmutou para não sei onde, o trabalho de um homem nunca termina. Há sons, imagens, canções, vozes, palavras perdidas numa cibernética da espiritualidade, onde não alcançamos, ou talvez ainda esteja longínquo esse horizonte de eventos. A memória permanecerá? Será eterno o retorno? Os portais estão apenas abertos para o sonho de um artista verdadeiro, ainda há muitas travessias, além da juventude da maturidade, a vida nos impõe como a Ulisses, todos os dias, o seu canto de sereia, a nos arrastar no voo encantado de outro Pavão Misterioso.

PAVÃO MISTERIOSO
(EDNARDO)

Pavão misterioso
Pássaro formoso
Tudo é mistério
Nesse teu voar
Ai se eu corresse assim
Tantos céus assim
Muita história
Eu tinha pra contar...
Pavão misterioso
Nessa cauda
Aberta em leque
Me guarda moleque
De eterno brincar
Me poupa do vexame
De morrer tão moço
Muita coisa ainda
Quero olhar...
Pavão misterioso
Pássaro formoso
Tudo é mistério
Nesse seu voar
Ai se eu corresse assim
Tantos céus assim

Na poesia de Ednardo, força e clareza da "Terra da Luz"

Entrevista a CONCY BESERRA

Fotos de M. CUNHA

"O pueta Ednardo trabalha os códigos. O músico Ednardo elabora os signos. É desta perfeita fusão códigos/signos seem as consequencias de um trabalho que já nasceu maduro: "Terra da Luz". Obra instigante e poética, celebra o percurso de um novo caminho para este cearense que, cantando o seu tempo e o sentimento do seu povo, tem conquistado um espaço cada vez mais luminoso, no circuito da música popular brasileira. "Terra da Luz", marca, com efeito, a estréia do cantor na Emi–Odeon, numa proposta que dimensiona, através de repertório amplo e inquieto, o encontro do homem consigo mesmo e a possibilidade de seu reencontro com o mundo.

Responsável por uma bem sucedida trajetória profissional, Ednardo apresenta como saldo a gravação de sete discos, produtos de sua passagem por quatro diferentes gravadoras, inúmeros shows realizdos, a maioria dos quais alvo escolhido para excelente receptividade de público e crítica. Residindo os três últimos anos em Fortaleza, onde conseguiu produzir coisas importantes como os Lps "Ednardo" e "Imã", ele realizou também o Projeto Massafeira, que originou o álbum duplo de mesmo nome, envolvendo a participação de uma série de cantores, intérpretes e instrumentistas da terra.

PESSOAS NÃO ANTENADAS

Reclamando ter sido, durante quase todo esse período, praticamente ignorado por pessoas "não antenadas", mais preocupadas com o que ocorre no eixo Rio/São Paulo, ele diz que muito do que fez ficou desconhecido pelo grande público. A importância da Massafeira, porém, é a seu ver, um fato incontestável, uma vez que, acredita "não ter havido um outro trabalho assim grupal que tenha realizado a gravação de um Lp duplo, sem um direcionamento objetivo dos interesses do meio discográfico, e que foi gerado fora do eixo Rio-São Paulo".

Tendo acostumado o público cearense a ser o primeiro a tomar conhecimento de seu trabalho, lançando oficialmente todos os seus discos no Ceará, numa iniciativa que denominou de "nadando contra a maré", dessa vez ele decidiu nadar a favor das águas, apresentando "Terra da Luz" inicialmente à platéias do Sul do País, para, em seguida, percorrer as outras regiões, devendo retornar ao nosso Estado apenas no final do corrente ano. O esquema escolhido e a qualidade do trabalho o deixam tranqüilo, contudo, quanto ao sucesso a ser conquistado, garantindo, entre outras coisas que, "Terra da luz é o meu momento. Aqui e agora. É também o meu testemunho sobre como compreendi e vivenciei toda a década de 70".

TRANSAÇÃO ANTROPOFÁGICA

E acrescenta:"Terra da Luz seqüência todo um trabalho por mim realizado e, mais que um testemunho do meu momento, contém toda uma transação antropofágica, musicalmente falando, envolvendo coisas básicas da existência, como felicidade, alegria e amor, sentimentos que apontam posições e caminhos comportamentais.

Com um trabalho firmado na pesquisa dos sons e de elementos que fazem parte da tradição e do folclore nordestino, a poesia de Ednardo defende a vida como a raiz mais básica do homem, de sua relação humana, numa proposta maior, que transcende qualquer sentimento regionalista. "Nasci aqui no Nordeste, como poderia ter nascido em qualquer parte. Minha formação é universal, é cósmica".

Se dizendo um músico de formação muito anárquica, por resultar de uma série de diferentes experiências, ele diz que sempre escutou de tudo, em matéria de música. "Aos cinco anos comecei a tocar piano e nessa época já escutava mestres do gênero clássico, ouvindo muito também, Luiz Gonzaga. A loucura dos Beatles e dos Rolling Stones, bem como uma infinidade de boleros, foram coisas que estiveram presentes na minha adolescência, me dando certa informação. Stravinski, Chopin, Tropicália e Antônio Silva me deram a informação básica de tudo que faço."

"Terra da Luz" tem toda uma transação antropofágica

FORÇA GUERREIRA

Confiante no futuro da música popular brasileira, ele diz que esta compõe um movimento que sempre esteve e sempre se manterá ativo, porque as pessoas não param nunca de nascer, de crescer, de fazer e de acontecer, embora falte a algumas delas a força guerreira que impulsiona grandes realizações. Embora reconhecendo que o centro Sul é ainda a única região a reunir condições propícias para produção e difusão de determinados trabalhos - "o Nordeste não possui estrutura para transação de discos"- Ednardo assegura que diversos caminhos estão sendo trilhados. "Tudo é uma questão de não perder tempo esperando e botar o pé na estrada".

Depois de passar por três gravadoras, "em busca de um espaço adequado," o artista se diz satisfeito com a política de trabalho seguida pela Odeon, "a gravadora rainha", na sua opinião. "Até o final da década passada explica - existia um relacionamento mesquinho entre as gravadoras e os artistas novos, cobrando que estes obtivessem aceitação imediata em termos de vendagens, ou então, a repetição duma coisa que já estava acontecendo, o que não me interessava. Meu propósito era pegar tudo que estava acontecendo e dar continuidade". O que a Odeon procura fazer agora, eu sinto que vai de encontro as minhas perspectivas de trabalho" - complementou.

"A arte não tem necessidade de se engajar politicamente"

UNIDADE E LINEARIDADE

Ednardo contesta todos os rumores que asseguram a existência de uma grave crise na vendagem e produção de discos. A seu ver o fator é decorrente do próprio dia-a-dia. "O mundo está sempre em transformação e tudo o mais só tende a sofrer alterações. Mas há lugar para todos e o que é bom se impõe". E é por pensar assim que ele marca um novo tempo com "Terra da Luz" - um disco forte, instigante, bem cuidado em termos de poesia e ritmo contagiantes.

A unidade conquistada como somatório de todos esses apelos, é uma coisa que tem marcado toda a obra de Ednardo, que revela ter sempre enorme cuidado com todo disco que faz. "A unidade obtida é uma coisa bem variada. O lance de perceber a unidade de uma coisa é justamente descobrir em que estrada ela está viajando. Eu acho que não existe coisas antípodas, em termos de arte. A poesia, o desenho, o canto, o teatro, o cinema, tudo é muito ligado e se enquadra numa unidade. As pessoas também se acostumaram a procurar unidade só no óbvio. Unidade não quer dizer linearidade. É outra loucura".

ARTE E POLÍTICA

Como não poderia deixar de ser, Ednardo mostra-se também, um pouco preocupado com o destino político do Brasil, cujo regime vigente é considerado, por ele, decadente, "centrado em valores antigos, que orienta o homem para mil inquietações". Acreditando que o povo sempre esteve e está capacitado a escolher seus representantes, "embora a voz do povo, não seja a voz de Deus", ele afirma que teme apenas com as pessoas que se propõem a ocupar determinados cargos. "Nenhum desses políticos que estão aí, está vendo a real necessidade de mudanças. Todos estamos tão amargurados com os 18 anos de repressão que vivemos, que as perspectivas de cada um se colocam de forma adulterada, por não termos condições de viver o presente e decidir a partir dele".

Falando sobre o compromisso político - social que o artista pudesse ter, nesse momento, ele afirma: "A arte é extremamente ampla. Ela não tem necessariamente que se engajar em qualquer tipo de sistema político para ser grande como arte. Uma pessoa que sabe e que se "liga" nas coisas tem um posicionamento político muito profundo, porque toda ação no cotidiano dela será orientada por isso. Os que se filiam a partidos, e isso não cabe a mim questionar, talvez preenchem dentro delas a necessidade de se sentirem atuantes no processo existencial" –finalizou.

Matéria de Jornal

Muita história
Eu tinha prá contar...
Pavão misterioso
Pássaro formoso
No escuro dessa noite
Me ajuda, cantar
Derrama essas faíscas
Despeja esse trovão
Desmancha isso tudo, oh!
Que não é certo não...
Pavão misterioso
Pássaro formoso
Um conde raivoso
Não tarda a chegar
Não temas minha donzela
Nossa sorte nessa guerra
Eles são muitos
Mas não podem voar...

BELCHIOR

Belchior é dono de uma das bagagens mais expressivas da música cearense. Seu estilo realista na construção da fotografia de sua época é desmistificador, anticonservador e filosófico. Cronista irônico da hipocrisia dos costumes e das contradições do cinismo humano. Traduziu com grandeza sua formação literária dos clássicos, vide a "Divina Comédia Humana" e "Elogio da Loucura". Escreveu e cantou principalmente as tragédias individuais das pessoas anônimas e esquecidas. "Bel" nem não telúrico, quando poeticamente inovador e polêmico. Demolidor do sedentarismo dos valores padrões, tornou-se nômade como os cantadores primitivos. Suas letras são provocadoras e de um romantismo caótico. Questionador da rebeldia sem causa, é um artista intenso e um profeta da nossa vanguarda colonizada.

ALUCINAÇÃO

(BELCHIOR)

Eu não estou interessado
Em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia
Nem no algo mais
Nem em tinta pro meu rosto
Ou oba oba, ou melodia
Para acompanhar bocejos
Sonhos matinais...
Eu não estou interessado
Em nenhuma teoria
Nem nessas coisas do oriente
Romances astrais
A minha alucinação
É suportar o dia-a-dia
E meu delírio
É a experiência
Com coisas reais...

O POVO

Segundo Caderno

Fortaleza, Sábado, 10 de setembro de 1988

Poeticamente Belchior

Nélson Augusto

Mesmo sem frequentar as concorridas paradas de sucesso das rádios comerciais e aparecer nos programas televisivos e revistas supercoloridas, o cearense Belchior sempre lota os locais onde se exibe. O mais atual exemplo disso aconteceu no Teatro João Caetano no Rio de Janeiro, numa temporada que se estenderu durante todos os fins de semana do mês passado. Aliás, isso é uma constante desde quando seu elepê "Alucinação" foi lançado no final dos anos setenta. O artista esteve em Fortaleza para um compromisso artístico, quando cantou no lançamento do álbum "Fotografia", de seu conterrâneo Ricardo Augusto. Na oportunidade, conversou acerca dos planos de sua carreira e em particular do seu novo elepê "Elogio da loucura", que será lançado no final de setembro.

Apesar de estar mais presente nos veículos de comunicação no início de sua carreira Belchior acredita que os seus shows sempre foram a força motriz maior que impulsiona sua arte. Sobre o sucesso de suas apresentações na casa de espetáculos carioca, ele dá um veredo: "Nós tivemos durante o mês inteiro no João Caetano, de segunda a sexta-feira e colocamos 32 mil pessoas durante as quatro semanas. Inclusive nos dias dos shows, os ingressos esgotavam às 17 horas e só era encontrados no cámbio negro".

Paralelo a esse sucesso dos espetáculos no João Caetano, Belchior também se apresentava nos fins de semana nas cidades fluminenses próximas ao Rio de Janeiro, com a mesma intensidade de público. Diante disso, Belchior concorda que se entivesse fazendo parte da mídia seria melhor para a divulgação de seu trabalho, pois não tem precisoesito que suas composições ficam parte das programações de emissoras populares, pelo contrário. "Eu adoraria estar no rádio e na televisão, como ocorreu no início, quando minha música tinha mais penetração nos meios de comunicação. No entanto, desde esse começo o grande ponto de divulgação do meu trabalho foi mesmo o show. De 82 para cá, venho fazendo uma média de mais de 150 apresentações por ano. Isso vem renovando e fazendo um público cativo, mesmo sem a intermediação do rádio e a televisão. É ótimo para mim".

Logo depois de uma tentativa de um trabalho alternativo, com o álbum "Cenas do próximo capítulo", lançado em 85, Belchior voltava ao multinacionais um ano depois com o elepê "Melodrama". Para ele era a retomada da mídia, o que no entanto não aconteceu. "Quando me referi a retomada da mídia, foi a minha disposição de retomar a televisão e o rádio, reservar tempo também para eles. Isso porque do ponto de vista da mídia impressa e da divulgação do meu trabalho em show, sempre foi uma coisa permanente. Ainda faço parte de uma geração para quem o debate cultural e contato com o jornalista de música é importante. Tenho notado que, tanto do lado dos jornalistas, como dos artistas, vem se perdendo o gosto pela discussão cultural: ou o artista se torna muito sensível com a crítica jornalística ou essa não se interessa pela própria discussão que o artista quer colocar".

O hábito do cachimbo é marca registrada do compositor

Embora Belchior ache extremamente romântico ter sua música tocada no rádio, afirma que para seu trabalho ser veiculado nessa mídia, depende da influência da gravadora. No entanto, também reconhece que de vez em quando, as emissoras estão reagindo uma composição sua. "O meu repertório no rádio a cada ano vai sendo enriquecido com uma canção do passado que começa a tocar novamente depois que o disco sai de cena".

Com relação aos espaços radiofônicos para os nordestinos, muitos artistas reclamam das emissoras do sul do país que não executam suas músicas. Os programadores alegam o forte sotaque e muitas vezes até a inclusão da sanfona para não os tocarem. Um compositor chegou a afirmar que para ter uma canção veiculada, a única maneira era "desiliazar", ou seja gravar uma "criação" de Michael Sullivan e Paulo Massadas e/ou que tenha sido "arranjada" por Lincoln Olivetti, os grandes experts fabricadores de sucessos da atual "MPB".

Com essa afirmação, o artista se referiu diretamente ao recente sucesso de Fagner em todo o Brasil. "Deslizes", que foi feito por Michael Sullivan e Paulo Massadas. Sobre essa explosão. Belchior toma sua posição: "O Fagner é um grande intérprete e é o cearense de maior sucesso no Brasil. Isso foi conquistado pelo esforço, persistência, perseverança e pelo talento dele. Também pelo fato de ter se associado a pessoas que sempre tiveram o faro do sucesso. Massadas/ Sullivan é uma dupla de supersucessos. Dentro do trabalho de intérprete do Fagner "Deslizes" é uma música cabível, bem povão. Acho que está bem dentro do que ele está se propondo a fazer no momento. É sucesso absoluto".

Apesar de terem começado juntos na vida artística, os trabalhos de Belchior e Fagner sempre foram propostas diferentes. O primeiro sempre procurou mostrar também seu trabalho como compositor e o segundo preocupou-se tornar-se conhecido e vender um número maior de discos. Tentar traçar um paralelo entre a obra dos dois é uma coisa difícil, embora o sobralense tenha se posicionado. "É como comparar um trabalho de tendência popular com outro de tendência literária. Eu faço poesia cantada. São outras condições estéticas que não dão para comparar com um trabalho que se corre vulgarmente no rádio que é a música de comunicação".

ELOGIO DA LOUCURA

Não fugindo as regras de seus outros lançamentos, o novo elepê de Belchior também traz como mensagem literária seu questionamento maior. É o disco "Elogio da loucura", que será colocado no mercado no final deste mês e segundo seu autor, o fio condutor vem bem mais cáustico que os anteriores. "É um álbum bastante radical no ponto de vista das letras. Eu próprio não permito que seqüer do meu repertório, entrasse músicas mais leves. São letras sólidas e críticas que não permitiram incluir canções simples e vulgares para perseguir o sucesso. O produtor queria colocar uma que se enquadrasse nas programações de rádio, mas, no final, prevaleceu a consciência do artista, com o apoio do produtor", afiantou Belchior.

Como ocorreu em "Divina comédia humana", ele retomou uma obra literária clássica para dar nome a seu recente trabalho. Sobre essa escolha, o artista cearense explica que, "Elogio da loucura é um título apropriado do Erasmo de Roterdan. O disco tem dois temas fundamentais: dois lados diferentes: um chama-se 'Lira dos vinte anos', inspirado num livro romântico de Álvares de Azevedo e o outro é "Amor de perdição", que é um resgate do título de um romance do Camilo Castelo Branco".

Ao falar de modo específico das duas propostas artísticas, Belchior afirmou que, "O lado "Lira dos vinte anos" são canções sobre as suas últimas duas décadas da vida brasileira. Dou continuidade a linha ácida, crítica e bastante filosófica que começou com "Alucinação" e comenta de um modo lírico e humorado e tenta aprofundar a consciência jovem e o espírito aventureiro dos anos 60 e 70. São canções de escárnio e mal-dizer sobre a nossa própria estrada, um trabalho cheio de ironia, em cima de uma coisa que tem sido vital para a cultura nova do Brasil. O outro lado são baladas de amor desesperadas, cujas letras são da tradição literária do romantismo: o amor que é descontrole dos sentidos, imaginário, passa pela expressão da individualidade e afirmação da pessoa contra a massificação. É todo dentro do idelário romântico, não do mau gosto, brega ou em doenças do espírito, como se vê muito hoje em dia".

Além do lançamento de "Elogio da loucura", Belchior está fazendo um levantamento geral de tudo que produziu. Isso faz parte de um projeto que futuramente terá oito álbuns produzidos por ele. O primeiro da série é todo cantado pelo norte-americano Lee Robinson, com músicas feitas em inglês, por Belchior e composições suas já famosas, traduzidas para o idioma do Tio Sam. O segundo é "Uns Ilustres Desconhecidos", duze interpretações de pessoas que ainda não "explodiram" na MPB para canções do artista cearense. Ambos, já estão sendo colocados nas lojas do sul do País.

Feita da vida por ser um dos enfocados numa tese de um brazilianista que defenderá uma tese sobre os letristas mais importantes para a MPB nas décadas 60/70, que inclui entre outros Capinam, Torquato Neto, Caetano Veloso e Gilberto Gil, Belchior também está satisfeito com a nova safra dos cearenses com que está querendo trabalhar. Cita os músicos Luiz Miguel Baiozi, Carlinhos Ferreira (sax), Ricardo Bacelar (Teclados), Nilton Fiori (percussão), Jabuti (guitarra) e Luiz Duarte (bateria) e os intérpretes Kátia Freitas, Rosa Sabadia e Ricardo Augusto, com os quais pretende trocar experiências futuras.

Belchior lança no fim do mês seu álbum "Elogio da loucura"

Matéria Jornal O Povo

Um preto, um pobre
Uma estudante
Uma mulher sozinha
Blue jeans e motocicletas
Pessoas cinzas normais
Garotas dentro da noite
Revólver: cheira cachorro
Os humilhados do parque
Com os seus jornais...
Carneiros, mesa, trabalho
Meu corpo que cai
Do oitavo andar
E a solidão das pessoas
Dessas capitais
A violência da noite
O movimento do tráfego
Um rapaz delicado e alegre
Que canta e requebra
É demais!...
Cravos, espinhas no rosto
Rock, Hot Dog
"Play it cool, Baby"
Doze Jovens Coloridos
Dois Policiais
Cumprindo o seu duro dever
E defendendo o seu amor
E nossa vida
Cumprindo o seu duro dever
E defendendo o seu amor
E nossa vida...
Mas eu não estou interessado
Em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia
Nem no algo mais
Longe o profeta do terror
Que a laranja mecânica anuncia
Amar e mudar as coisas
Me interessa mais
Amar e mudar as coisas
Amar e mudar as coisas
Me interessa mais...
Um preto, um pobre
Uma estudante
Uma mulher sozinha
Blue jeans e motocicletas
Pessoas cinzas normais
Garotas dentro da noite
Revólver: cheira cachorro
Os humilhados do parque
Com os seus jornais...

Carneiros, mesa, trabalho
Meu corpo que cai
Do oitavo andar
E a solidão das pessoas
Dessas capitais
A violência da noite
O movimento do tráfego
Um rapaz delicado e alegre
Que canta e requebra
É demais!...
Cravos, espinhas no rosto
Rock, Hot Dog
"Play it cool, Baby"
Doze Jovens Coloridos
Dois Policiais
Cumprindo o seu duro dever
E defendendo o seu amor
E nossa vida
Cumprindo o seu duro dever
E defendendo o seu amor
E nossa vida...

Mas eu não estou interessado
Em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia
Nem no algo mais
Longe o profeta do terror
Que a laranja mecânica anuncia
Amar e mudar as coisas
Me interessa mais
Amar e mudar as coisas
Amar e mudar as coisas
Me interessa mais...

(Sem querer parecer cabotino, gostaria de pedir permissão aos leitores desta prosa pra descrever na terceira pessoa um pouco das andanças de minha prática como poeta-letrista)

Guaracy Rodrigues surgiu no cenário musical como poeta letrista e teatrólogo em 1970, com a letra de "Rua do Bloco", uma parceria com Paulo Gomes no Festival de Carnaval Asta, concorrendo com Fagner e o letrista Ricardo Bezerra.

O povo cantava (era uma marcha-rancho) e continuou cantando, pois a Radio P.RE-9 fez uma gravação e colocou no ar, durante todo o carnaval de 1970. Depois Gauaracy foi morar no Rio de Janeiro fazer Letras e Teatro. Na época Sidney Muller era diretor da Sala Corpo e Som do Museu de Arte Moderna. Sendo indicado por uma amiga sua, apresentou para ele um projeto sob sua direção chamado "Movimento Aberto".

Esse trabalho foi muito importante naquele momento. Nele eram apresentados cada semana dois compositores inéditos, com um já consagrado. Estes shows duraram quase um ano, passando por ali grandes nomes da MPB ao mesmo em que revelava novos talentos.

Essa atividade como diretor de shows lhe possibilitou dirigir shows na FUNARTE, com o "Seis e Meia", inspirado nesse seu projeto. Foi a partir daí que começou a fazer letras para muitos artistas e acessar as editoras. Fez músicas para Joanna, Emílio Santiago, Flavio Venturini, Phernanda (França). Depois de uma década, voltou ao Ceará, conheceu Pingo de

Fortaleza e começou uma parceria duradoura, a partir da retomada de temas históricos que merceiam ser revisitados e esse foi um caminho que rendeu frutos até hoje:

CENTAUROS E CANUDOS

(PINGO DE FORTALEZA E GUARACY RODRIGUES)

Guaracy Rodrigues e Pingo de Fortaleza, foto Papinha Rodrigues, 2013 (Acervo SOLAR)

Na terra ficou um risco
De talhe foice e cangaço
Corisco ficou arisco
A história apressou o passo

Quando o povo ergue Canudos
Com a força que tem no braço
Algo de novo nascia
Pelo canto dos espaços
Centauros do apocalipse
No mundo houve um eclipse

Mas logo se alumiou
Quando surgiu Antônio Conselheiro
Com fogo pelo sertão inteiro
Com chumbo grosso nas armas
E a promessa de libertar os brasileiros

Veredas desse sertão
Onde o povo luta e farreia
Nas águas dos Araguaias
Canudos e lua cheia

"Ó meu Antoi Conselheiro,
Que mora no pé da serra,
Olha o som da corneta
E olha a pancada da caixa de guerra.
A estrela d'Alva é bonita,
Quando vem rompendo a aurora,
Os passarim ficam tristes, ai, ai,
E as aves num canto choram".

(trecho de domínio popular coletado por Rosemberg Cariri e adptado por Pingo de Fortaleza)

Muitas outras músicas suas foram gravadas, não só no Ceará, mas em outros lugares, com parceiros e interpretes. Podemos citar Chico César, Gereba, Garfunkel, Paulinho Moska, Nilson Chaves, Edmar Rocha, Acauã, Rosamato, Téti, Ná Ozetti, Assunção, Myrla Muniz, Rui Farias, Edinho Vilas Boas e outros.

COMO CRIA UM POETA - LETRISTA?

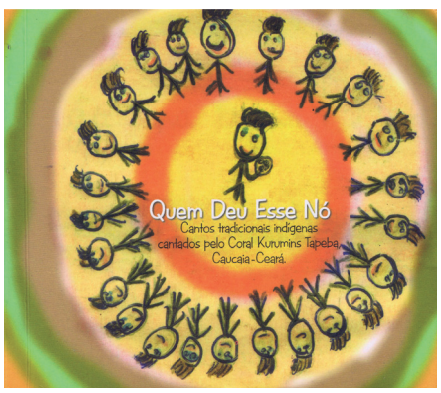
Letrista, para mim, é um poeta com linguagem própria para música; tem que saber falar a linguagem própria das notas e saber fazer o verso musical.

O poeta precisa da metáfora, ela é a superação da essência sobre a nacionalidade da rima e da métrica. É ir além do conceito daquilo que se quer dizer. É o fluxo mais puro do texto sobre o transitório do cotidiano. A letra é o encaixe perfeito da emoção nos códigos interiores dos sons da sensibilidade. A grande escola dos letristas no nordeste é a dos repentistas de cantoria de viola. A rima é necessária. Ela é que faz o encanto das palavras, embora haja exceções. Um repentista é um colecionador de rimas e só pode dominá-la quem sabe cantar liberto. Há quem diga que a voz de alguns dos intérpretes nordestinos, especialmente do Ceará, é voz de nasalidade acentuada, mas entendemos que não é bem assim. Isso acontece por questão de herança étnica, a fonalidade de nossas línguas indígenas é vibrante e muito musical. Por se dizer popularmente que cearense "fala cantando". O letrista precisa trabalhar também essas nuances, na construção de sua obra.

Ô JANDÊ

(ÍNDIOS TREMEMBÉ DE ALMOFALA)

Ô Jandê ecôguirá
Guraripe napurãna, ô manguê
Ô Jandê ecôguirá
Guraripe napurãna, ô manguê
Ai ô manguirá, ô manguirá
Ai ô manguirá, ô manguirá
Ô manguirá, ô manguirá



Capa do disco "Quem Deu Esse Nó" – Povo Tapeba, 2007 (independente – CD)

* (uma jandaia muita rápida apanha o peixe e desaparece no mangue)

O poeta russo Serguei Iessienin escreveu: "É preciso estar ardendo em sentimentos para se incendiar alguém". Penso eu que foi isso que aconteceu com as pessoas que viveram o "Massafeira", um movimento entre 1979 e 1980 no Ceará. Podemos sentir isso nas fotos dos livros, no rosto das pessoas, nas canções. Elas estavam "incendiadas". Pode ter sido um movimento de arte diferenciado, um surto encantatório que pairou sobre o tempo; era só emoção criadora. Penso numa nebulosa que passa por uma transformação pra tornar uma galáxia. Ednardo estava iluminado quando conseguiu ver tudo aquilo. Como canção emblemática desse movimento, podemos citar "Água (Jardim do Olhar)" de Chico Pio, Stélio do Vale e Fausto Nilo.

JARDIM DO OLHAR

(CHICO PIO, STÉLIO VALE, FAUSTO NILO)

Água, nascente jardim
Começa no fim
Da cantiga da serra ou será

Mágoa que mora em mim
Água dos olhos, vai noutras águas
Correndo assim, que a cidade é ruim
Minha amiga é da terra ou será
Mágoa sai fora de mim
Lava meus olhos tão rasos d'água

Stélio Valle (Acervo Tieta Pontes)

Nascente jardim, o mato é feliz
O motor da natureza é quem diz
A luz que brilha em teu olhar
E a serra escuta o meu cantar
E o remédio é cantar
Com os olhos rasos d'água

O Brandão definiu muito bem aquele momento do Massafeira, como o renascimento das artes cearenses, foi simbólico e belo. Mas os tempos são transitórios como a vida, já dizia uma letrista pouco conhecida chamada Yeda Estergilda.

Para um poeta, movimento significa permanência inquieta. Luis Carlos Capinan, um dos maiores poetas-letristas desse país costumava dizer: "É importante não se perder a capacidade de identificar os sinais, de entender as linguagens, desde as mais simples às mais elaboradas, desde o código dos pescadores ao código eletrônico, e colocar com isso tudo a substância do momento transformada. Recolocar o objetivo humano de levar as coisas pra frente".

O Nação Cariri foi um movimento que trouxe, na década de 1980, para cena, outros poetas e letristas, dentre eles, Rosemberg Cariry, Patativa do Assaré, Abidoral Jamacaru, Pachelly, Luis Carlos Salatiel, Firmino Holanda e Oswald Barroso, a clamar naqueles anos de inquietação e contestação:

"Nação Cariri não é apenas um nome, é muito mais que um sentimento, de ideologia, um tempo que se espalha grávido de possiblidades de sonhos reinventados até a práxis cotidiana de germinar estradas e semear o "pão y vozes, y cânticos y ventos y cristais y buritis maduros nesses desertos plantados no coração dos homens." (Editorial Jornal Nação Cariri). Dessa safra, Eugênio Leandro musicou o poema de Oswald Barroso "Catavento":

CATAVENTO
(EUGÊNIO LEANDRO E OSWALD BARROSO)

Sou um gentio
Que não tem água
Não tem rio e não tem mar
Só um pomar de cajueiro
Um jasmineiro pra aguar

Ca ca tá vento vento
Oi, Catavento
Catavento só tem vento
Só tem tempo pra catar
Ca ca tá vento vento
Oi, Catavento
Que geme geme
Chora chora
E não tem hora pra parar

Oi catavento
Só tem água só tem mágoa
Pra catar
Catavento um espantalho
De que me valho pra chorar

Sou um gentio
Que não tem água

Oswald Barroso (Acervo Oswald Barroso)

Não tem rio e não tem mar
Só um pomar de cajueiro
Um jasmineiro pra aguar

Nessa vida eu só preciso
De um sorriso pra florar
Terra seca desse meu peito
Oi, dê um jeito de arrancar

Ca ca tá vento vento
Oi, Catavento
Que geme geme
Chora chora
E não tem hora pra parar

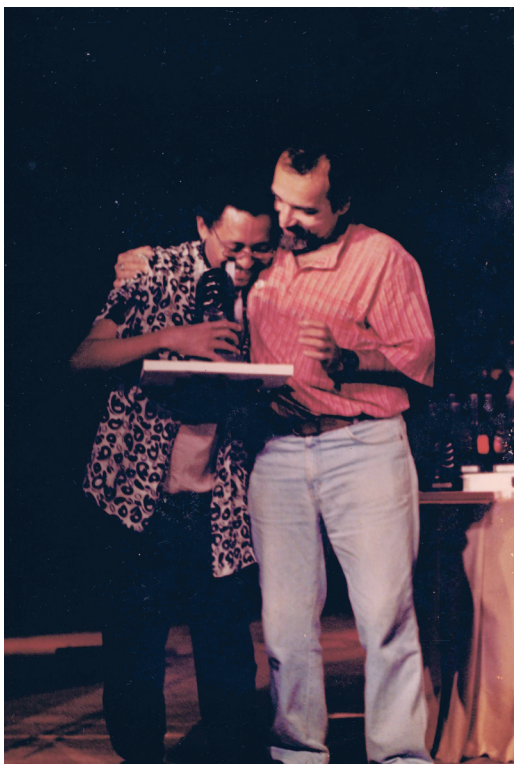
Ca ca tá vento vento
Oi, Catavento
Oi, Roda roda cata-vento
Traz o tempo de cantar.

Depois do Nação Cariri, a partir de 1987, iniciou-se um outro processo de aglutinação dos poetas-letristas trabalhando com o resgate e registro da memória, indo ae encontro ao fortalecimento da tradição e da cultura popular. Entre esses artistas estão incluídos Pingo de Fortaleza, Descartes Gadelha, Raimundo Cassundé, José Maria Mapurunga, Luciano Clever Flávio Paiva, Ronaldo Cavalcante, Eurico Bivar, Inês Mapurunga, José Mapurunga, Alcântara das Luzes, Raimundo Cavalcante, Ronaldo Lopes, Claudo Ferreira, Luis Fidelis, Alcio Barroso, Dideus Sales, David Duarte, Cumpadre Barbosa, Ricardo Augusto, Tarcísio Matos, Evaristo Filho, Rogério Franco, Augusto Moita, Luciano Maia, Dimas Macedo e Fernando Néri, dentre outros.

FERNANDO NÉRI

Tremenda experiência como letrista e músico, colecionador de prêmios, um dos mais festejados compositores de Fortaleza, egresso do palco universitário e dos movimentos culturais, especialmente dos palcos noturnos, da poesia urbana. Letrista de linguagem concisa e despojada – lírico e social no conteúdo das canções. Músico elaborado de reconhecida competência. Boêmio de academia ou carteirinha, antes de tudo, um poeta intimista e complexo. Intérprete de voz sensível e afinada, profundo conhecedor da seara musical cearense, irônico e bem humorado. A maioria de suas canções continua inéditas à espera de gravação.

Néri e Pingo (letrista) realizaram uma bem sucedida trajetória como parceiros nos últimos vinte anos. A canção “Cantares” (Pingo/Néri), de estilo polifônico, com versos góticos e melodia bachiana nos remete a lembranças ancestrais.



Fernando Néri e Guaracy Rodrigues (Acervo Tieta Pontes)

"CANTARES"

(PINGO DE FORTALEZA E FERNANDO NÉRI, 1996)

Som de um cantador
Voo de um sonhador
Sílabas-asas cantigas soltai
Deixai no ar esse dom
Delas se ouvirão
Vãos mil amores tão
Ou ira e raiva e ódio e paixão
Missa ou conflagração
Tanto faz ser aqui
Tanto faz se for lá
Encanto que há em si
Quem não há de cantar
Soa bem em Paris
E em Belém vai soar
Sons em Belém do Pará
Tanto traz o que foi
Quanto traz o que vai
Ser e ainda não foi
E o que não poderá
Tanto aqui como lá

Som de um cantador
Voo de um sonhador
Sílabas-asas cantigas soltai
Deixai no ar esse dom
Canto faz por um triz
Tanta gente chorar
Canto faz reaver
O que não vai voltar
Canto eu em Paris
E tu choras no mar
Tu choras no Ceará

Tanto faz ser aqui
Tanto faz se for lá
Encanto que há em si
Quem não há de chorar
Tanto aqui como lá
Voo de um cantador

Capa do disco "Casa Aberta" – Rui Farias, 2011 (Independente – CD)

Ao entrar na era hipereletrônica, novo fluxo de construtores da letra musical cearense emerge nas conexões da contemporaneidade planetária, criando a pluralidade de produtos na teia sonora da internet. São poetas-letristas digitais: Alan Mendonça, Augusto Moita, Chico Barreto, Fernando Rosa, Dalwton Moura, Joaquim Ernesto, Marcus Rocha, Fábio Marques, Rosemberg Cariri, Oswald Barroso, Rui Farias, Silvio Barreira, Edilberto Figueiredo, Marcos Dias, Jord Guedes, Claudinho Lima, Henrique Beltrão, entre tantos outros.

Pingo de Fortaleza e Henrique Beltrão (Acervo Henrique Beltrão)

ALAN MENDONÇA

Poeta-letrista com bagagem e estrada como se costuma dizer. Sensibilidade disponível a mil por tempo indeterminado, artista múltiplo ou multimídia, focado e articulado. Tem sempre um poema ou uma letra na ponta da língua. Um poeta antenado com a sua raça e a sua ferramenta, a palavra. Alan é simples e descolado no reino dos fazedores de versos, embora seja profundo e sofisticado como os grandes talentos. A poesia não é a arte de criar versos fáceis e banais. É um estranho e mágico fio de superação constante do estabelecido. Para ela, a lógica é um fantasma. Alan Mendonça caminha seguro por esse fio. Não tenho dúvida nenhuma, por isso aposto nele.

Porões, Bosques e Jardins

(Pingo de Fortaleza / Alan Mendonça)

Te puseram argola vinda da Angola.
De Moçambique veio Guerra.
Do Cabo Verde as medidas
De outra medida secreta.
Reis em cima, reis em baixo
Das brancas lusitanas caravelas.
Em nome de Deus o pecado
Mas tudo é reinventado
Siemba, tango, fado
Maracatus e blues
E cai do céu todo estrelado
O todo que é azul.
De cuba veio os charutos
Da Alemanha os absurdos
De outro lugar uma bola.
Do céu veio a esmola...
Entre o congo e o congado
Entre senhores quase escravos
Que ainda rezam em Tupi.
Te vi quase criado
Meu chão... quase país.
Com teu sotaque em latim falseado
Teus Deuses foram crucificados
Porões, bosques e jardins.
Mas em meus olhos puxados
Te vi um Brasil remodelado
"North América" guarani
E o mundo toma enlatados
Milk shakes de sapoti.

Alan Mendonça. Foto: Lili Rodrigues (Acervo Alan Mendonça).

Por fim, as emoções são críticas, jornalísticas, crônicas do irreal, perfis ambíguos, descrédito da mesmice, desconforto, distúrbio letal, caos coletivo, anticlímax da condição humana, destruição dos valores perduráveis e irracional diversidade, cotidiano excêntrico. Supertragédia sem nexo. Inconstância meteórica das obras criadas. Talentos desaparecidos, Assassinatos culturais. Sábios sem vestígios. Obsessivas paixões. O delírio da natureza. Será possível renascer a poesia? O sol ainda brilhará nas letras das canções do amanhã.

Pingo de Fortaleza – Ressonâncias de Um Centauro 30 Anos de Uma Obra

Joanice Sampaio
(jornalista, produtora cultural, cantora e compositora)

Fortaleza respirava os ares da abertura política do período de repressão imposto pelo regime militar, então caminhando para a extinção em 1985. A anistia trouxe de volta quem partiu para o exílio. Nas Terras de Alencar, a Massafeira Livre, evento multicultural, havia tomado conta do Theatro José de Alencar, ousaram, seus artistas partiram rumo ao Sul que seduz para concretizar em disco duplo seus sonhos e mostrar além da riqueza da música de cá, a beleza da arte cearense e apontar aos novos que muita gente boa estava chegando para continuar a tecer as rendas da cultura cearense.

Nesta linha evolutiva, o movimento estudantil e a efervescência cultural deste emanado ambientavam-se no bairro Benfica, onde se situam a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a então Escola Técnica Federal do Ceará (atualmente Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE), que ainda são polos importantes e aglutinadores de manifestações culturais. É neste contexto e ambiência que surge para o cenário musical e artístico, o jovem João Wanderley Roberto Militão, cuja identidade de cidadão cultural atende por Pingo de Fortaleza. E foi justamente no auditório da Faculdade de Direto da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 1983 que, com violão e versos musicados de sua lavra e de parceiros que Pingo, como era então conhecido, protagonizou seu primeiro show "Que Espetáculo é Este?" sob a direção de Guaracy Rodrigues, demarcando seu lugar na música cearense. No ano anterior já havia realizado apresentações significativas, tais como na abertura do show de Geraldo Azevedo, na quadra do SESC (São Sebastião), promovido pelo DCE da UFC. Daí em diante, cumprindo a missão de todo artista, correr mundo para levar sua arte, foi ao solo árido de Canudos, à gélida Suécia, depois subir a Serra da Meruoca, Brasil afora. Inspiração, discos, livros, parceiros, shows, terreiros e batuques de maracatu, pesquisa, avenida, carnaval, e mais contribuição cultural à luz do Solar. No quase apocalíptico 2012, o menestrel intera 30 anos de carreira.

I - PRIMEIRAS RESSONÂNCIAS

Conjunto Prefeito José Walter, situado na região Sul de Fortaleza, no final dos anos 1970 era incipiente bairro da capital cearense, primeiro grande conjunto habitacional desta cidade, visto ter sido fundado no início desta década e por ser distante dos bairros centrais, ainda conservava ares de cidade do interior.

Após residir no Centro de Fortaleza, próximo à Praia de Iracema, a família Militão passa a habitar o referido conjunto habitacional. A mudança proporcionou ao jovem Pingo, apelido de João Wanderley Roberto Militão, nascido em 08 de fevereiro de 1963, o contato direto com a música, que não fazia parte de maneira explícita do universo de sua casa, embora seu pai o levasse a lugares e eventos realizados na cidade. "Até então a música não estava presente na minha casa, mas meu pai me leva para alguns lugares.

Cartaz show "Que Espetáculo é Este?" – Pingo de Fortaleza, 1983 (Acervo Pingo de Fortaleza)

Eu me lembro de um bumba-meu-boi no Mucuripe, eu lembro do carnaval de rua. A música não era muito visível lá em casa", recorda.

Ali, começam as primeiras descobertas musicais, as primeiras experimentações, as primeiras composições. Na escola, forma a primeira banda e realiza as primeiras apresentações, de maneira informal, ainda sem pretensão profissional.

"Eu sei que quando eu cheguei aos 10, 12 anos, um amigo meu conseguiu uma radiola e eu ouvia algumas músicas na radiola dele. E havia uma família em frente lá de casa onde todos eles eram músicos, que é a família do Dedé Nunes. O Dedé tocava, o pai tocava, todos tocavam violão o dia todo, a noite toda. Aí era um momento de inspiração ouvi-los e vê-los um pouco".

Pingo de Fortaleza (criança) – Acervo Pingo de Fortaleza

Mas foi sua irmã, Regina Elisabete, incentivada a adentrar no mundo das notas musicais ao ganhar um violão. O instrumento não despertou o interesse da moça. Mas assim como aconteceu com Tom Jobim e tantos outros, o violão serviu para o imberbe Pingo que de maneira autodidata aprendeu a manuseá-lo tirando as primeiras notas.

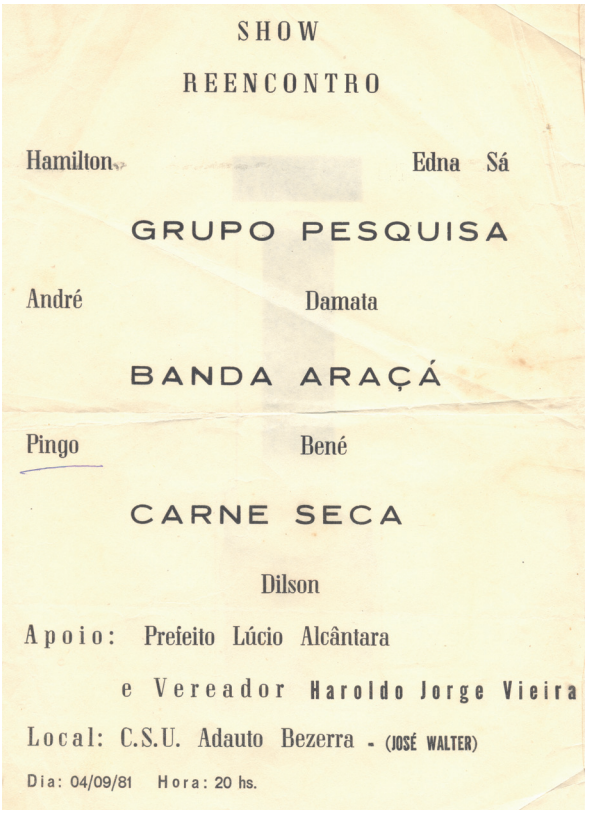
"Tomei conta desse violão, comecei a tocar com uns amigos na escola, formamos uma banda de lata. O conjunto chamava Pop Som. O empresário era até o Omar[1] que hoje virou bonequeiro profissional. Então era minha turma de quinta, sexta série. Aí, comecei a compor para esse grupo logo de início. Eu não gostava de cantar as canções dos outros e de certa forma tinha dificuldade de ouvir e aprender e aquilo me dava uma impaciência danada! Sabe, é mais fácil fazer uma que tentar ficar pegando isso aí (risos). Comecei a compor mesmo e fazer poemas para esse grupo ainda na escola primária, eu fazia de 5ª à 8ª série no Polivalente", recorda.

Ainda no bairro, as festas eram outras fontes de informação musical. "Terminei o meu primeiro grau no Polivalente em 1978, já tocando violão, já tendo uns amigos que tocavam, já tendo algumas composições e tendo experiência com esse grupinho que ensaiava no quintal lá de casa e indo pros sons (festas), pras tertúlias. Eu gostava muito de música, a gente ouvia tudo, ouvia rock pesado, ouvia Raul Seixas, ouvia tudo".

O universo musical e cultural se alargara, quando de seu ingresso, em 1979, no curso de Edificações da Escola Técnica Federal do Ceará. O local além de lugar de estudos serviu para trocar experiências musicais e produção com a criação e participação em novas bandas. Uma delas era o conjunto da desta escola integrada pelos músicos Liduíno Pitombeira e Potty Fontenele, hoje maestros de grande reconhecimento.

"Enquanto essa galera era do conjunto titular da escola técnica, eu era do reserva e fazia zoada com alguns amigos nos domingos de recreação da ETFC". A atmosfera cultural também o encaminhou às artes cênicas, culminando com seu ingresso num grupo de teatro da Escola Técnica para o qual compunha canções para os espetáculos.

Nesta época, Pingo participa do show coletivo, "Reencontro", no Centro Social Urbano (CSU) do José Walter com participação de Dilson Pinheiro, Dilan, Damata, dentre outros. E enquanto isso, devido ao seu engajamento



Cartaz show "Reencontro", 1981 – Acervo Pingo de Fortaleza

[1] Omar Rocha, bonequeiro e diretor do grupo Circo Tupiniquim.

no movimento estudantil, as portas se abrem para as primeiras apresentações além-José Walter, principalmente no bairro do Benfica, onde estão situados alguns equipamentos culturais de Fortaleza como a Universidade Federal do Ceará, Conservatório de Música Alberto Nepomuceno (onde também funcionava o curso de música da Universidade Estadual do Ceará – UECE), além da Própria Escola Técnica Federal do Ceará.

"Eu participava do centro cívico da ETFC, discutia com a galera, participava da militância, comecei a participar das atividades do (dia) 1.o de Maio, do Dia do Estudante, fiz show pela Umes na Praça do Ferreira com Nonato Natureza, os artistas do Zé Walter misturados com o pessoal da Escola Técnica", relembra.

Neste espaço, a Escola Técnica interagia com a UFC devido à proximidade. "Em 1980, com o ressurgimento do movimento estudantil; em 1981, eu já estava participando dos shows do movimento universitário".

Cartaz show "Massa Show 81", 1981 – Acervo Pingo de Fortaleza

Entra para o curso de licenciatura em música, em 1982, e participa do grupo de teatro Curumim; fazia artesanato. Começou a fazer poesia e shows no movimento universitário. Embora seu nome não conste no cartaz, participou do show Arte no CEU, foram 12 horas de música na Quadra do CEU. Começou a tocar nas greves: "82 pra mim é um marco porque é o ano em que eu começo a me inserir profundamente dentro do circuito de música, no curso de licenciatura, fazendo música... E aí eu faço um show de abertura pra Geraldo Azevedo no ginásio do SESC num desses shows promovidos pelo DCE da universidade; eu e Marta Aurélia", pontua.

Todo este arcabouço permitiu que o Pingo fosse percebido pelo público como um compositor de canções socialmente engajadas e mais à frente, como regional. "Havia esse engajamento sim e não era aleatório. Era ideológico. Por que na década de 80, o Brasil ainda vivia a ameaça da ditadura. Eu militei no movimento estudantil, tive oportunidade de participar de grupos clandestinos e havia o PCB, o Prestismo. Eu era vinculado ao Prestismo, daquele de ter reunião clandestina. Havia segmentos que não concordavam com a abertura. Tinha a censura nas letras. Tinha de levar as letras na Polícia Federal para carimbar, senão a gente não podia cantar".

Pingo de Fortaleza, Socorro Abreu, Rosemberg Cariry e Oswald Barroso (década de 1980) – Acervo Pingo de Fortaleza

A militância acontecia no bairro José Walter. Segundo Pingo, havia próxima à sua casa uma família integrante deste universo. No bairro havia o jornal militante "Mutirão". Participou da criação da Umes. Ainda em 1982 filia-se ao Partido dos Trabalhadores (PT) e participa do primeiro show do partido do ex-presidente da República, Lula, em Fortaleza.

Neste ano também, participou do II Festival de Música do O POVO, realizado pelo Sistema O POVO de Comunicação, defendendo a canção "Fuga", de sua autoria em parceria com Rogério, uma amigo de adolescência do bairro

Roze e Pingo de Fortaleza, II Festival de Música do O Povo, 1982 – Acervo Pingo de Fortaleza

José Walter. Os festivais eram fortes vitrines e portas de entrada para a indústria fonográfica. No Ceará, os fortes exemplos são as participações de Fagner, Rodger Rogério, Belchior e Ednardo que se consagraram em festivais de música realizados tanto no Ceará quanto no eixo Rio-São Paulo. Ressalte-se que no estado há tradição na realização de festivais de música, principalmente no final dos anos 1970 e nos anos 1980.

CADERNO 2 O POVO — Fortaleza, 10/12/83

O canto social no show de Pingo

Quase trinta pessoas, entre músicos, atores e técnicos, serão mobilizadas durante o show do cantor e compositor Pingo, hoje e amanhã à noite no Auditório da Faculdade de Direito, a partir das 20h30min. Com o título geral de "Que Espetáculo é Este" o show aborda ousadamente uma temática social e política, entremeando músicas com textos poéticos e pequenas cenas teatrais. Divide-se em vários momentos, entre os quais um dedicado à resistência da música latino-americana, outro à sátira da dominação cultural, além de uma grande variedade de formas musicais, que vão desde o rock pesado ao cantochão de "Veredas e Sertões".

Uma promoção do Diretório Central dos Estudantes (UFC), "Que Além da voz e violão de Pingo, presente a voz de Marta Aurélia, guitarra e viola de Zé Eugênio, baixo elétrico de Renato, bateria de Sergilário, percussão de Marcos Melo, flauta transversal de Raimundo Bentes e viola de Gutemberg.

Na parte teatral, onde os textos deverão valorizar e reforçar a linguagem musical, participarão os atores Armênia Gonçalves (Curumim), Itton Lopes, Carlinhos, Rijanda Aristóteles, Guaracy Rodrigues, Rosângela Aguiar e Rose Bezerra (Grupo Semeadura). Os textos são de autoria dos próprios autores, havendo a inclusão do poema "A Luta" de Pablo Neruda.

UM ARTISTA POPULAR

Pingo começou em 1978, fazendo show no bairro do José Walter. Em seguida, como aluno daquela escola, participou do conjunto da Escola Técnica Federal. Depois se integrou no Movimento Universitário, - como aluno de música da UFCE. Junto com outros artistas universitários, participa ativamente de shows nas faculdades e praça. Se liga também ao grupo Nação Cariry, com o qual desenvolve trabalhos artísticos, por ele chamados "de base", em apresentações populares nos bairros da periferia da capital e cidades do interior do Estado, geralmente sem nenhuma infra-estrutura, onde o cantor, acompanhado apenas do seu violão, mostrava seu trabalho e debatia sua mensagem com o público popular.

Além disso, Pingo, um dos mais importantes valores da novíssima música cearense, sempre teve uma ligação estreita com o teatro. Além de, como bonequeiro e músico, ser um dos principais integrantes do Grupo Curumim, musicou letras para diversas peças, como um poema de Diogo Fontenelle para o espetáculo de lançamento da Revista Comboio pelo Grupo Literarte, letras da peça "O Pão", atualmente em montagem pelo Grupo de Arte Popular e pelo Grupo Independente de Teatro Amador, assim como para a peça "Suor, o sal da terra", dos alunos da Escola Técnica Federal do Ceará.

Por último, durante um show pela legalização da UNE, promovido pelo Diretório Central dos Estudantes (UFC), participou ao lado de Geraldo Azevedo, fazendo a abertura.

PROPOSTA DIFERENTE

Pingo fala das novidades trazidas na forma de trabalhar o show. Uma delas é a participação dos músicos na elaboração dos espetáculos. "Os instrumentistas estão deixando de ser músicos passivos atrás a linguagem falada", explica ele. Destaca a participação de José Eugênio, um músico que tem um posicionamento crítico frente à realidade social, participando inclusive do movimento de bairro.

Pingo, um astro da novíssima música cearense, mostra seu canto

Matéria Jornal O Povo, dezembro de 1983 – Acervo Pingo de Fortaleza

No ano seguinte, passa a integrar o movimento Nação Cariri juntamente com Guaracy Rodrigues, Oswald Barroso e Rosemberg Cariry. O Nação Cariri era um movimento artístico e político. Defendia que a arte podia ser usada de forma política e podia fazer avançar o nível de consciência das pessoas e trabalhava no universo das lutas populares, do reconhecimento da cultural popular. Juntos, editavam o jornal de mesmo nome que posteriormente se tornou revista de grande referência na cultura do Ceará.

II - QUE ESPETÁCULO É ESTE? E OUTROS MAIS

Ainda não havia lançado disco. A oportunidade para o público de então conhecer suas músicas eram os shows. Em dezembro de 1983, com a direção de Guaracy Rodrigues e com certo aparato de produção, finca bandeira definitiva como profissional da música. Intitulado "Que espetáculo é este?", o show promovido pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal do Ceará (UFC), numa mini-temporada (10 e 11 de dezembro) teve as participações da atriz, jornalista e cantora Marta Aurélia e dos músicos Zé Eugênio (viola-guitarra), Renato (baixo), Sergilário (bateria), Marcos Melo (percussão), Raimundo Bentes (flauta transversa) e Gutemberg (viola). Do trovador, as canções amparadas nos temas sociais, carregadas de poesias amparadas pelo violão sua marca registrada até hoje. O show não passou em brancas nuvens ganhando espaço na mídia:

"O show aborda ousadamente uma temática social e política, entremeando músicas com textos poéticos e pequenas cenas teatrais. Divide-se em vários momentos, entre os quais dedicados à resistência da música latino-americana, outro à sátira da dominação cultural, além de uma grande variedade de formas musicais, que vão do rock pesado ao cantochão de "Veredas e Sertões". ("O canto social no show de Pingo", Caderno 2, O Povo, fort. 101283.

NEM SÓ SONS

A ideia surgiu no lançamento da revista Comboio. Pingo, Fernando Néri e o ator Carlos Magno, conceberam um novo show: "Nem só Sons". A exemplo do show de estreia foi promovido pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e pela Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura teve como palco a Cearte.

CADERNO
O POVO

PROJETO PIXINGUINHA

A voz dos cearenses

Protesto dos artistas

Matéria Jornal O Povo, 1985 – Acervo Pingo de Fortaleza

Em matéria no jornal O Povo, 1984, dizia: "O teatro e a música se encontram para demonstrar a musicalidade do teatro e a teatralidade da música".

Unidas numa concepção cênica dramática e musical, as composições de Pingo e Fernando Néri, poemas musicados pelos dois músicos e textos dos componentes do movimento Nação Cariri e da revista Comboio: Oswald Barroso, Rosemberg Cariry, Laerte Magalhães, Guaracy Rodrigues e Eurico Bivar (falecido em 2010).

CANÇÕES NA JANELA

Em 1985, Pingo já era reconhecido como um nome importante da cena artística do Ceará. Veio a oportunidade de participar de um dos mais importantes eventos da cultura brasileira: o Projeto Pixinguinha.

O POVO — Sexta-feira 31/01/86. 3 * SEGUNDO CADERNO

Show

Fernando Nery e Pingo "Por todos os cantos"

O ecletismo de Fernando Nery e a temática social de Pingo na Faculdade de Direito

Depois da experiência ano passado com "Nem só sonhos", Fernando Nery e Pingo estão novamente juntos para outro encontro musical. Desta vez os dois artistas cearenses sobem ao palco para apresentar o show "Por todos os cantos", hoje, às 21h30min, na Faculdade de Direito, numa promoção do Projeto Rondon. Com produção artesanal dentro das condições apresentadas pela falta de patrocínio, os cantores estão presentes com voz e violão, por uma questão de necessidade. Apresentação com banda exigiria mais trabalho e principalmente recursos, daí a opção pelo simples e criativo.

Dois meses de produção, com muita luta, Pingo e Fernando Nery procuram suprir a carência dos grandes espetáculos, com o potencial teatral, cênico e musical, intercalando textos e procurando movimentar o público através de jogos dramáticos. Recheado de surpresas quanto à forma, os cantores garantem que em "Por todos os cantos" é um convite à participação e interação das pessoas. No total, o show reunirá 20 músicas, sendo dez de cada compositor.

CONVIVÊNCIA MUSICAL

Uma temática variada compõe a linha artística da apresentação da dupla, de conteúdo abrangendo vários temas, desde o físico ao ideológico, social ao político, "por todos os cantos das idéias musicais", acrescenta Pingo. "Procuramos todas as formas, em particular, uma temática nossa, como artistas trabalhadores que somos". Apesar de trabalharem juntos, Fernando Nery e Pingo, não têm relação em termos de criação. "A convivência musical tem sido nos próprios trabalhos que temos realizado; desde que nos conhecemos", lembra Pingo.

Aliás, os dois se conhecem desde o movimento universitário, passando em seguida pelo Nação Cariri, grupo Comboio, "Nem só sonhos", em contar as apresentações esporádicas em shows na cidade, no interior e em São Luís, Maranhão." As diferença que existem são comuns. O importante é conciliar no show as diferenças que existem. Nós estamos, cada vez mais, somando e temos consciência de que podemos conviver normalmente sem por em risco a seriedade dos shows, como este por exemplo", afirma Pingo.

Ele define sua música como de raízes latino-americanas, ritmo nordestino, sem preconceitos às outras formas musicais, "e geralmente com uma temática forte, mais social" diz o artista que cantará no show músicas com parcerias de Guaracy Rodrigues, Oswald Barroso, Eurico Bivar e Wilson Gadelha. Com oito anos de estrada, Pingo está voltado no momento, para o projeto de disco "Centauros e Canudos", uma produção independente, que espera lançar no 1o. de maio.

TRABALHO ECLÉTICO

Conhecido no movimento musical e teatral, Fernando Nery define seu trabalho como eclético, tanto em termos de tema como musicalmente. "Convivem no que eu faço, temas sociais e otimistas, com rock, balada, samba, regae. O parceiro mais constante tem sido Eurico Bivar, com quem desenvolve formas musicais".

No início das apresentações, Fernando teve incluídas três músicas no festival de BNB, em 1978. Depois viajou para Brasília, onde participou da Feira Pixinguinha, no ano seguinte. Logo depois, ele viajou para Araraquara, (SP), onde desenvolveu trabalhos literários e musicais, inclusive participando de festivais e em circuitos universitários. Em 1983, retorna a Fortaleza integrando o movimento musical nas universidades e o grupo de teatro Literarte, Nação Cariri e Comboio, com shows nas caravanas. Neste mesmo ano lança o livro "Na pele de cada coisa".

Fernando Nery destaca que "Por todos os cantos" é um show artesanal, com simplicidade, "mas com proposta de mostrar um trabalho, que possa garantir assim a sobrevivência do artista, como trabalhadores que somos", diz o compositor que teve a música "Diretrizes" gravada pelo cearense Marquinhos Moura, dele em parceria com Eurico Bivar. Para finalizar, Pingo e Fernando fazem um convite ao público" a que compareça ao show. Esperamos a presença de todos".

Matéria Jornal O Povo show "Por Todos os Cantos" – Fernando Néri e Pingo de Fortaleza, 1985 – Acervo Pingo de Fortaleza

Criado em 1977, pela Fundação Nacional de Artes (Funarte), idealizado pelo poeta e produtor Hermínio Bello de Carvalho. O projeto faz circular pelo Brasil, espetáculos de música brasileira que reuniam duas ou três atrações, a preços populares. Através do projeto, inúmeras cidades brasileiras puderam assistir a espetáculos de grandes artistas da MPB, como os veteranos Cartola, Jackson do Pandeiro e Marlene, além dos iniciantes de então: Marina Lima, Djavan e Zizi Possi; e ainda Edu Lobo, João Bosco, Nara Leão, Paulinho da Viola, Alceu Valença e muitos outros.

A chegada do projeto ao Theatro José de Alencar permitiu a Pingo e aos artistas Paraíba (hoje Parahyba Kid) e Nanam se apresentarem na categoria Janela para os Novos, abrindo shows de nomes importantes da MPB, como, Téti, Oswaldinho do Acordeom e Teca Calazans.

Ainda em 1985, dividiu-se entre as iniciativas musicais e o magistério, pois ensinou educação artística em mais de uma dezena de escolas de Fortaleza. Assim, Pingo apresenta na cidade em parceria com Fernando Néri o show "Por Todos os Cantos".

III - DESEJO DO ARTISTA: OS DISCOS, ESTRADA - CENTAUROS E CANUDOS

O tempo de estrada na seara artística da capital cearense permitiu, como é natural, certo amadurecimento e o surgimento maior de composições. E não diferente de todo artista e principalmente no tocante à música, o desejo de registrar aquilo que deriva de suas inspirações e parcerias. É o momento de reunir canções e transpô-las para o disco.

Cartaz do show de lançamento do LP "Centauros e Canudos" – Pingo de Fortaleza, agosto de 1986 – Acervo Pingo de Fortaleza

Desta intenção, brota do artista em 1986, o LP "Centauros e Canudos". O formato predominava no mercado à época. O disco de estreia, fez com que Pingo saísse do Ceará em direção ao Rio de Janeiro, para produzi-lo, pois o Ceará não dispunha de estrutura técnica: estúdios e fábrica de discos – quadro se reverte entre o final da década de 1980 e meados dos anos 1990, com o surgimento do Pró-Áudio Studio e posteriormente da fábrica de CD, CD+, localizada em Caucaia.

Tendo como referência a qualidade do LP "Além das Frentes", do cantor e compositor cearense Eugênio Leandro, Pingo ruma para o Rio de Janeiro e chama para trabalhar o disco Toninho Barbosa, mesmo técnico de som do disco do músico cearense Eugênio Leandro e também utiliza o mesmo estúdio de gravação, o Sonoviso.

Gravado de forma independente, sem selo de gravadoras, "Centauros e Canudos" não fugiu aos percalços – recursos mínimos, a falta de grande apoio, sem contar o fator pessoal, que segundo Pingo, foi a falta de casa, ter de sair de Fortaleza. Por tudo isso, o disco foi gravado em tempo recorde, a voz colocada em um único dia!

Na história deste disco é importante rememorar uma iniciativa entre os artistas cearenses daquela época: a realização de mutirão para ajudar algum artista seja para a gravação de disco,

lançamentos etc. Os mutirões eram espetáculos coletivos reunindo artistas das mais diversas linguagens, como atesta a matéria do jornal O Povo, do dia 30 de abril de 1986:

"A ideia de um show em mutirão pela arte não é nova na noite cearense. Ano passado quando Eugênio Leandro foi ao Sul gravar o seu LP fez uma experiência semelhante. E deu certo. Agora ela se repete com Pingo interessado em gravar no circuito carioca o seu primeiro LP (...)".

Realizado no bar Ponte para o Céu, o mutirão de Pingo chamou-se "Acordes de Schoonenborch" e dele participaram Calé Alencar, Stélio Valle, Téti, César Barreto, Paraíba, Jabuti, Amaro Pena, Arlindo Araújo, Ronaldo Lopes, Gigi, Adauto Oliveira, Olguinha, Rogério Franco, Fernando Néri, Falcão, Zé Eugênio, Marcos Maia, Costa Sena, Rosemberg Cariry, Oswald Barroso, Guaracy Rodrigues e outros. O show para angariar recursos e também homenagear Pingo foi promovido com o apoio da Associação dos Músicos de Fortaleza (FAM) e da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal do Ceará.

Foto show "Centauros e Canudos" – Pingo de Fortaleza, agosto de 1986 – Acervo Pingo de Fortaleza

Lua – Em quarto crescente. Noite ideal para idas a shows, restaurantes e teatro.

Segundo Caderno

— Sexta-feira, 15/8/86 O POVO

O violão e a voz são as armas de Pingo na defesa da autêntica música nordestina

Com um trabalho que pode ser considerado uma autêntica resistência cultural aos padrões da atual música popular brasileira, o cantor, compositor e músico Pingo lança esta noite e amanhã, às 21 horas, no Teatro da Emcetur o LP de estréia, "Centauros e Canudos". Gravado nos estúdios da Sonoviso, no Rio de Janeiro, teve os arranjos feitos por Tarcísio Lima e está sendo colocado no mercado fonográfico de maneira alternativa. No espetáculo, primeiro de apresentação de seu lançamento musical, o artista cearense subirá ao palco com a Camerata do Sesi que tornará o clima bastante sonoro por causa dos instrumentos unidos à acústica do teatro.

CENTAUROS E CANUDOS

Gota pura no mar de lama

NELSON AUGUSTO

Matéria jornal O Povo, agosto de 1986

"Centauros e Canudos" teve os arranjos de Tarcísio José de Lima. Na capa, um arrojado trabalho do artista plástico Eurico Bivar e um projeto gráfico que trazia um livreto de 12 páginas em papel couchê, com texto de Firmino Holanda escrito à mão pelo então artista gráfico e atual "megastar" Falcão. Eusélio Oliveira ajudou com as fotos históricas. O LP teve a participação dos músicos Jaques Morelembaum executando violoncelo, Paulo Russo, no baixo acústico, entre alguns grandes instrumentistas brasileiros; e no repertório as canções "Centauros e Canudos", "Centauro Guerreiro", "Forró do Tempero", "Martelo" e outras, fruto de suas parcerias com Guaracy Rodrigues, Oswald Barroso, Rosemberg Cariry, Dedé, Eurico Bivar, Diogo Fontenele e Leite Júnior. E contou com o apoio da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Lançado em Fortaleza no Teatro da Emcetur em dois shows nos dias 15 e 16 de agosto de 1986, com a participação de integrantes da Camerata do SESI. A sua tiragem limitada e, por conseguinte, não reedição, transformou o LP, hoje uma espécie de objeto cult, encontrado em sites de leilão e compras como o Mercado Livre.

O projeto "Memória 107", da Rádio Universitária FM 107,9, produzido pelo jornalista Nelson Augusto, reeditou em 2000, o disco no formato CD, com o título "Cancioneiro de Canudos", acrescido de sete faixas de outros trabalhos de Pingo de Fortaleza sobre a temática de Canudos, mais a faixa inédita "Outros 500" composta para o enredo do ano 2000 do Maracatu Az de Ouro, sucesso do carnaval cearense daquele ano.

De acordo com o produtor do álbum, em seu site Nelsons (nelsons.com.br), "são 74 minutos de puro deleite da atmosfera musical que sempre é interpretada pelos participantes do evento pelos mártires de Canudos, promovido todos os anos no início do mês de outubro no local onde existiu a cidade idealizada por Antônio Conselheiro".

Aqui, a letra da canção que dá título ao disco:

CENTAUROS E CANUDOS
(Pingo de Fortaleza/Guaracy Rodrigues)
Na terra ficou um risco
De talhe, foice, cangaço.
Corisco ficou arisco,
A história apressou o passo,
Quando o povo ergueu Canudos
Com a força que tem o braço.
Algo de novo nascia
Pelo canto dos espaços,
Centauros do apocalipse
No mundo houve um eclipse,
Mas logo se alumiou,
Quando surgiu Antônio Conselheiro
Com fogo pelo sertão inteiro,
Com chumbo grosso nas armas
E a promessa de libertar os brasileiros.
Veredas desse sertão,
Onde o povo luta e farreia,
Nas águas do araguaias,
Canudos é lua cheia.

"Ó meu Antoi Conselheiro2,
Que mora no pé da serra,
Olha o som da corneta
E olha a pancada da caixa de guerra.
A estrela d'Alva é bonita,
Quando vem rompendo a aurora,
Os passarim ficam tristes, ai, ai,
E as aves num canto choram."
(trecho de domínio popular coletado por Rosemberg Cariry e adaptado por Pingo de Fortaleza)

Capa e contracapa do disco "Centauros e Canudos" – Pingo de Fortaleza, 1986 (Independente – LP)

Capa e contracapa do disco "Cancioneiro de Canudos" – Pingo de Fortaleza, 2000 (Independente, Memória 107 – CD)

"Só ouvi 'Centauros e Canudos' 20 anos depois, às vezes fica difícil ouvir nossos próprios trabalhos, pois você não relaxa, mas um dia eu estava na casa da minha mãe, estava tranquilo de noite, não tinha nenhum outro disco pra ouvir e botei o disco. Que disco legal! Passei 20 anos pra ouvir o que é o disco. Esse disco pra mim é uma bênção, pois me levou para missa de Canudos e ao teatro", lembra.

[2] As apresentações de Pingo no evento fez este trecho de domínio público voltar a ser cantado na Missa pelos Mártires de Canudos.

O HOMEM, A TERRA: CANUDOS

De passagem por Fortaleza, no segundo semestre de 1986, em entrevista na Rádio Universitária FM, o cantor baiano e pesquisador sobre Canudos, Fábio Paes, tomou conhecimento do trabalho de Pingo, no caso, seu disco de estreia, "Centauros e Canudos".

Segundo Caderno

O POVO

Pingo de Fortaleza

Novo cearense na velha Canudos

NELSON AUGUSTO

Matéria Jornal O Povo, 1986

Ouvindo as canções do LP, o pesquisador se encantou com o que ouviu e viu que se encaixava perfeitamente na proposta da Terceira Missa pelos Mártires de Canudos, realizada anualmente em Canudos.

Segundo matéria escrita por Nelson Augusto para o Segundo Caderno do Jornal O Povo, publicada em 24 de outubro de 1986:

"A presença do cearense se deu de maneira específica, pois seu trabalho musical "Centauros e Canudos" se identifica bastante com as lutas populares e em particular com a da Coordenação do Novo Movimento Histórico de Canudos que revive fielmente a história do arraial planejado por Conselheiro".

A audição rendeu-lhe convite para participação no evento artístico-político-religioso. E foi acompanhado do jornalista Nelson Augusto (enviado pelo jornal O Povo para cobrir a Missa) que Pingo tomou a rota para a região Canudos, na Bahia e participou da celebração. A oportunidade permitiu o contato e intercâmbio com outros artistas, como, Gereba (do grupo Bendegó), Wilson Aragão, Chico de Oliveira, Roze, além de ter sido uma ponte para que o trabalho do músico fosse conhecido em outros rincões brasileiros, surgindo convites para lançar o disco em Salvador e São Paulo, bem como acesso à imprensa.

Cartaz 3ª Missa Pelos Mártires de Canudos, 1986 – Acervo Pingo de Fortaleza

Cartaz da peça teatral "O Conselheiro e Canudos – Verde Sombra", 1987 – Acervo Pingo de Fortaleza

Durante alguns 11 anos (1986-1997) o músico participou de outras edições da Missa. Foi também por sua participação que foi batizado com o nome artístico que leva até hoje: Pingo de Fortaleza.

Até então apenas assinando Pingo (apelidado por haver nascido prematuro) desde os tempos dos movimentos artísticos do bairro José Walter, a denominação "Pingo de Fortaleza", aconteceu devido ao coordenador artístico da Missa, que ao preparar o cartaz de divulgação resolveu situar de onde vinha o convidado cearense.

A temática conselheirista levou Pingo de Fortaleza a dialogar novamente com as artes cênicas: no espetáculo "O Conselheiro de Canudos", com os atores José Dummont, B. de Paiva e Ricardo Guilherme. Responsável pela direção musical da peça, tocando ao vivo, foi encenada em importantes teatros e centros culturais do país. Enquanto dedicava-se a este projeto, arquitetava o segundo disco.

TEATRO

O CONSELHEIRO E CANUDOS — Direção de B. de Paiva. Com José Dumont, Ricardo Guilherme, B. de Paiva, Carlos Tamanini, no Teatro Aloísio Magalhães (Centro de Convenções). A peça permanecerá em cartaz até hoje. O Conselheiro e Canudos conta a trajetória de Antônio Conselheiro e da Guerra de Canudos, a partir do texto Os Sertões, de Euclides da Cunha.

O REI DA VELA — De Oswald de Andrade. Dirigido por Hugo Rodas. Com João Antônio, Dimer Monteiro, Fernanda Mee, Plínio Mosca, Suzy Capó e grande elenco. Estréia dia 22, às 21:15 horas, na Sala Martins Penna. A peça permanecerá em cartaz até o dia 3 de maio. Ingressos, Cz$ 70.

INFANTIL

A ARARA ENCANTADA — De Barale Neto. Direção de Tininha Calazans e Barale Neto. Até o dia 26 de abril, todos os sábados e domingos, às 17 horas, no Teatro Aloísio Magalhães (Centro de Convenções). Ingressos a Cz$ 50.

José Dumont, Pingo, Carlos Tamanini, B. de Paiva e Ricardo Guilherme formam o elenco da peça **O Conselheiro e Canudos** em cartaz no teatro Aloísio Magalhães

Matéria jornal O Globo, 1987

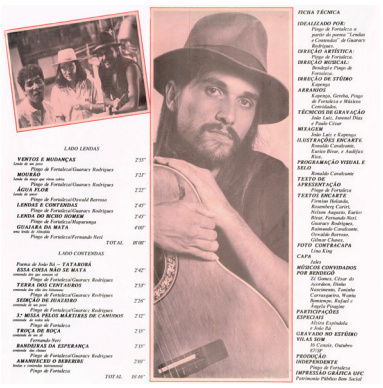
SURGE "LENDAS E CONTENDAS"

Capa do disco "Lendas e Contendas" – Pingo de Fortaleza, 1988 (Independente – LP)

Em 1988, sua discografia ganha um novo elemento: o LP "Lendas e Contendas". O disco gravado desta vez em São Paulo teve a arte da capa feita pelos artistas plásticos cearenses Ronaldo Cavalcante, Audífax Rios e Eurico Bivar. No quesito musical, as participações de outros músicos: arranjos de Bendegó e Tarcísio José de Lima e a participação de Alzira Espíndola. Os integrantes do grupo Bendegó, Kapenga e Gereba, dividiram com Pingo de Fortaleza a direção musical.

Mesmo considerando ser um disco mais aberto a outras sonoridades, "Lendas e Contendas" ainda trazia a atmosfera de Centauros e Canudos. Daí considera-o continuidade do primeiro disco e trazia novamente um manifesto à indústria do disco.

Se para produzir "Centauros e Canudos", Pingo lecionou Educação Artística em diversos colégios de Fortaleza para juntar recursos, desta vez vendeu a "Velha Brasília Branca" comprada com os shows do primeiro disco para produzir o "Lendas e Contendas". A iniciativa também contou com os mesmos apoiadores do disco anterior.


Contracapa do disco "Lendas e Contendas" – Pingo de Fortaleza, 1988 (Independente – LP)

O disco, com capa sofisticada como o "Centauros e Canudos", teve a mesma tiragem do anterior – 3 mil cópias – e novamente pôs o músico na estrada. Foram inúmeras viagens para shows de temporada nacional, inclusive lançou na primeira campanha de Lula para presidente da República, em São Bernardo (SP) e participou do programa "Som Brasil", da Rede Globo, na época apresentado pelo ator Lima Duarte. No programa cantou a canção "Mourão". No ano seguinte, faz temporada de shows no Uruguai, sua primeira apresentação fora do país.

"É um Corisco que não se entrega, de corpo e disco fechados com as sete chagas do talento", definiu o parceiro Guaracy Rodrigues a nova empreitada do cantor.

"Lendas e Contendas" ainda trazia a "marca" da música social, engajada, mas também sem deixar de lado as referências e o imaginário da cultura popular nordestina.

"Em minha arte agrego sempre aquilo que me vem de inspiração e atualmente tenho usado pouco essas nomenclaturas (música engajada), por compreender que todos os gêneros estão de certa forma conjugados e que está cada vez mais é difícil e perigoso usar estas compartimentações no campo da cultura e da arte", define o cantor em 2012.

ANOS 90 - NOVAS RESSONÂNCIAS, NOVOS CAMINHOS

Contracapa e capa do disco "Maculelê – Loas Catu Ibyjá" – Pingo de Fortaleza, 1991 (Independente – LP) Obra: Bico de Pena de Ronaldo Cavalcante

A partir desta década, novas vertentes e a atuação artística se estendem a outras diretrizes. Um novo matiz musical soma-se ao seu trabalho, referenciado-o na cultura do Carnaval cearense: o maracatu, consequência de seu terceiro disco "Maculelê", uma projeção desta manifestação presente de forma contundente na cidade de Fortaleza. A composição homônima, fruto de diversas parcerias com Guaracy Rodrigues é uma de suas canções mais emblemáticas com total aceitação do público. É a marca registrada do músico.

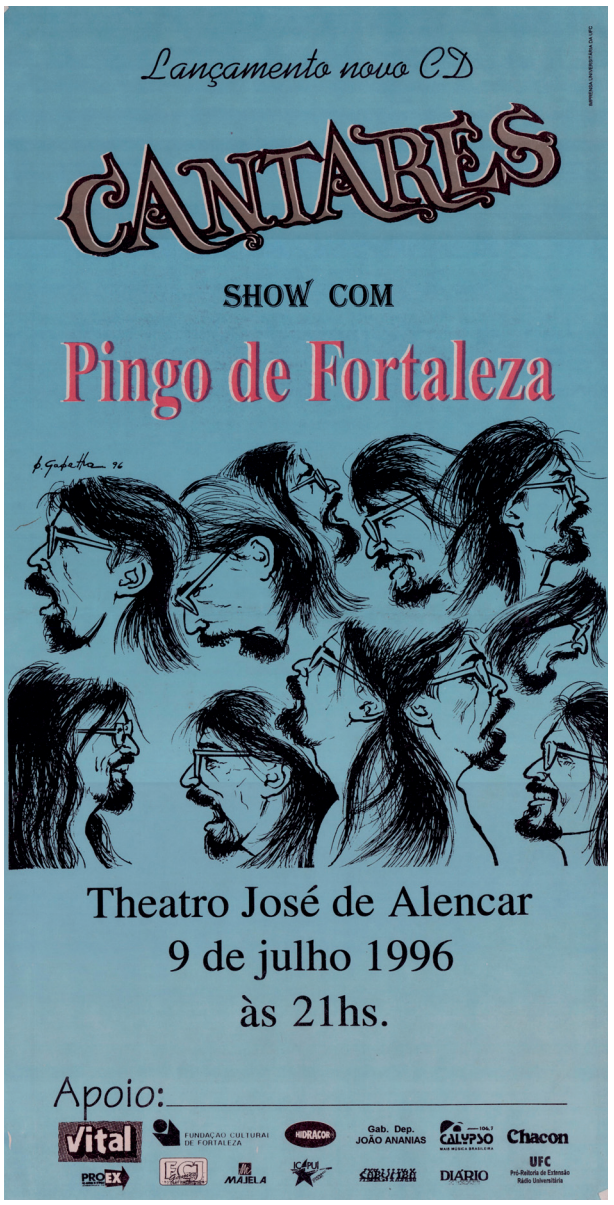
"Se eu não cantar 'Maculelê' as pessoas não me deixam ir embora. E o 'Maculelê' tem essa energia mesmo", conta.

Lançado em 1991, no ano seguinte o músico cumpriu temporada nacional, participando também do programa "Sem Censura", da TV Cultura. Nesta época realiza o mapeamento cultural do município de Icapuí, no Ceará. Dois anos depois realizou a produção e direção do LP "Icapuí por todos os Cantos", com compositores do município. Idealizou e produziu, ao lado do jornalista Nelson Augusto e do músico Eugênio Leandro, o "Ceará em Canto", evento reunindo mais de 50 shows de artistas cearenses.

Outro traço de seu empreendedorismo se dá em 1993 quando completando 10 anos de carreira, grava e lança o CD "Pingo de Fortaleza ao Vivo". O disco foi o primeiro gravado ao vivo em formato digital no Ceará. Gravado no Theatro José de Alencar durante shows realizados em maio do mesmo ano, reuniu 17 composições pinçadas dos três discos anteriores – "Centauros e Canudos", "Lendas e Contendas" e "Maculelê". O lançamento foi em dezembro e no mesmo local, com as participações Descartes Gadelha e de Nilton Fiori na percussão.

Capa e contracapa do disco "Pingo de Fortaleza ao Vivo" – Pingo de Fortaleza, 1993 (Independente – CD)
OBS: Este CD possui três tiragens com capas distintas

Não diferente, "Pingo de Fortaleza ao Vivo" teve temporada nacional e internacional. Em 1994, Pingo, realizou apresentações na Suécia e Suíça, totalizando 23 shows, inclusive no Polo Norte sueco. Faz a primeira participação no programa "Viola, Minha Viola", da TV Cultura, apresentado pela cantora e folclorista Inezita Barroso. Em 1995, um novo show em temporada nacional, "Solecanto", título da canção composta no período da turnê sueca e que hoje é emblematicamente utilizada por vários grupos e em processos diversos, como em rituais nos Andes, biodança, casamentos etc. Novamente participa de programa de TV nacional, o "Jô Onze Meia", apresentado por Jô Soares e é responsável pelo mapeamento cultural do município de Quixadá, na região Centro-Sul do Ceará.



Cartaz do show de lançamento do cd "Cantares" – Pingo de Fortaleza, 1996 (Acervo Pingo de Fortaleza)

Contracapa e capa do disco "Cantares" – Pingo de Fortaleza (Independente – CD)
OBS: Este cd possui duas tiragens com capas distintas

SOLENCANTO

(Pingo de Fortaleza)

São muitas estações na vida
Na terra quantas situações
Nem sempre tudo está
A nos favorecer
Mas o dia pode ser
O que se quer
O sol está nos olhos de quem brilha
O céu está nos olhos de quem vê no sol
A poesia da alegria de viver

PINGO de Fortaleza Sverigeturné 94

Folklore från Brasilien

Pingo de Fortaleza, populär folksångare och gitarrist som spelar Forró, Baiao, Martelo- och Guarânia-rytmer.

FRAMTIDSJORDEN **NATURSKYDDSFÖRENINGEN** **STUDIEFRÄMJANDET**

Med stöd av SIDA och Svenska Institutet

Cartaz da temporada do show “Pingo de Fortaleza” na Suécia, 1994.

Diário do Nordeste

Página 4

CADERNO 3

DICA DO DIA

Divulgação

Dilson Pinheiro, Pingo de Fortaleza e Calé Alencar que fazem o show hoje "Dragão ao Vivo"

Na batida do maracatu

Um passeio pela cultura afro na perspectiva do maracatu. Ou seja, no que ele tem de mais particularmente cearense: a lentidão na sua batida, o falso negrume, os índios e os cortejos suntuosos. Se a melhor comparação for um mergulho no universo de som e cores da história da escravidão e abolição dos negros, pois que não seja negada a força da metáfora.

O que importa é que toda a riqueza desses detalhes e síntese da espontânea cultura cearense, alicerçada no maracatu, integram o tema do disco Dragão Vivo, de Calé Alencar, Dílson Pinheiro e Pingo de Fortaleza, que será lançado hoje, no anfiteatro do Espaço Cultural Dragão do Mar, a partir das 21 horas.

A apresentação e o lançamento do disco, resultado e uma garimpagem de loas, maracatus, afoxés, balanceios, batuques, cocos e baiões, fazem parte do Projeto "Lançamentos Especiais", uma promoção da Secretaria de Cultura e Desporto.

O show quer deixar a modéstia de lado e ousar tanto na forma quanto no conteúdo. Na forma, a idéia dos realizadores é que o espetáculo seja muito mais rico do que o levado pelas agremiações para as ruas, especialmente no Carnaval. Para tanto, Calé, Dílson e Pingo vão estar reunidos a uma banda com 14 músicos (inclusive com os instrumentos elétricos) mais a participação dos maracatus Az de Ouro, Nação Pirambu e o Grupo de Capoeira Terreiro do Brasil.

No conteúdo, as pretensões não são menos ambiciosas. Pingo, por exemplo, entende que a reunião dos três compositores em torno do tema do maracatu é uma forma de retomar a união dos músicos cearenses, numa terceira edição melhorada e enriquecida pela experiência artística. Dois ensaios anteriores e precursores podem-se dizer os movimentos "Pessoal do Ceará", de 1974, e "Massa Feira", de 1980.

"O que nos importa mais é que estamos reunindo em torno de uma tema, em que serão mostradas todas as nuances e variações ritmicas do Maracatu. Com isso, queremos ganhar cada vez mais músicos para esse gênero, bem como consolidar o gosto do cearense por essa manifestação cultural", afirma Dílson Pinheiro.

O CD, que estará sendo vendido a partir de hoje, por R$ 15,00 nas lojas Aki Discos, é muito mais do que uma coletânea de músicas dos três compositores dedicados ao tema ao longo das carreiras. Há também uma faixa em homenagem a Raimundo Alves Feitosa, o Raimundo Boca Aberta, fundador do Az de Ouro, em 1936.

Existe ainda uma homenagem a Alberto Nepomuceno, com uma versão do Hino do Ceará (composição e música de Nepomuceno e Tomás Lopes), em ritmo de batuque. Aliás, Calé observa não ser apenas uma homenagem ao maior maestro cearense. De acordo com ele, é também uma forma didática de divulgar valores do Ceará, ao mesmo tempo em que dissemina o orgulho pela cearensidade.

"Não podemos reclamar que o Maracatu está sem espaços. O que queremos é consolidar vitórias, bem como cada vez mais destacar o valor cultural das raízes afros no Ceará, que são o Maracatu, a luta de Dragão do Mar, um cabloco cearense que antecedeu os movimentos abolicionistas e a musicalidade cearense que tem nesse tema uma forte inspiração", diz Calé Alencar.

Serviço

Show "Dragão ao Vivo" com os cantores Calé Alencar, Dilson Pinheiro e Pingo de Fortaleza, hoje, às 21 horas, no Anfiteatro do Centro Dragão do Mar. Participação da Banda Kizumba, do Maracatu Az de Ouro, Nação Pirambu e grupo de capoeira Terreiro do Brasil.

Matéria jornal Diário do Nordeste show "Dragão Vivo" – Pingo de Fortaleza, Dilson Pinheiro e Calé Alencar, 2000

Show "Dragão Vivo" – Mestre Juca e Pingo de Fortaleza, foto Amatércio, 1999 (Acervo Calé Alencar)

Em 1996 é a vez de dar vida ao CD "Cantares", reunindo suas experiências nos álbuns anteriores e sua inspiração em suas viagens ao exterior ("Cantares", "Belo Monte" e outras) e sem ser diferente, o projeto cumpre temporada nacional e na Argentina e Uruguai. E em 1998, dá continuidade à temporada nacional do show. Participa em Fortaleza do show de lançamento do CD "Arte em Movimento", do Movimento dos Sem Terra (MST) em que participam Chico César, Leci Brandão, Beth Carvalho interpretando composições de integrantes do movimento agrário. Pingo interpreta a canção "Companheiro de Guevara", composta por Ademar Bogo. Este projeto também seguiu temporada nacional.

Em 1999, juntamente com os parceiros Calé Alencar e Dilson Pinheiro canta a tradição e a tradução do maracatu cearense em show-homenagem aos 160 anos de nascimento de Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar. O show realizado e gravado ao vivo no Teatro do Ibeu acrescentou mais um álbum na discografia de Pingo de Fortaleza: "Dragão Vivo", este em parceria com Dilson Pinheiro e Calé Alencar.

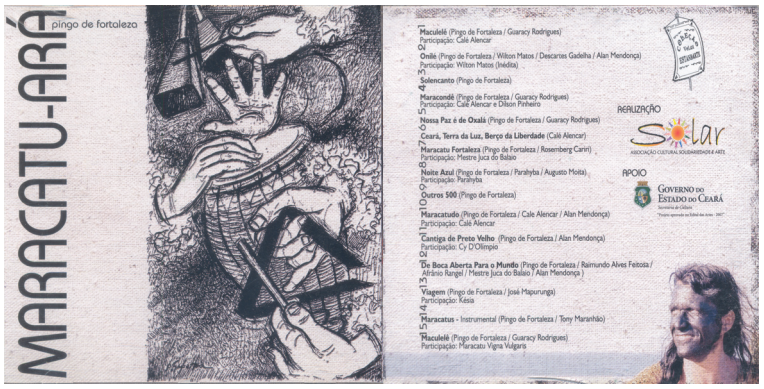
O disco, centrado no maracatu e suas variações, fazia leituras modernas em diálogo com arranjos eletrônicos. A respeito deste disco, o cantor e compositor Dilson Pinheiro em matéria do caderno Vida & Arte do Jornal O Povo, de 14 de julho de 2000, declarou:

"É hora de dar visibilidade à nossa tradição musical. Em todo o mundo estão sugando os nossos ritmos. Por que não dar origem a um movimento local que valorize as variações e riquezas desse batuque?".

MARACATU, MARACÁ, MARACATU

A respeito de sua ligação com o maracatu, Pingo de Fortaleza comenta em entrevista à autora:

"A musicalidade do maracatu está inserida. O maracatu sempre entrou em meus trabalhos porque é o seguinte: depois dessa música "Maculelê" não podia nem sair e nem posso sair do maracatu, porque essa é uma música considerada forte pelas pessoas. Sempre encerro os shows com essa música. É uma coisa natural fazer e através do "Maculelê" eu conheci as pessoas do maracatu, fui pegar instrumento nas casas das pessoas pra tocar aqui a batida do maracatu como eles tocavam os instrumentos lá do Vozes da África: o Descartes tocando maracatu de rua. Se você observar talvez seja o primeiro maracatu gravado com a sonoridade de rua. Eu acho que é esse. Não sei, pode ter um anterior. Este é de 1991. Minha vinculação veio com essa música, depois em todos os discos eu coloquei uma música de maracatu, o "Solencanto", "Maracundê" no "Lógica". No "21 Anos", aí eu já coloquei um bocado de coisa. Na peças de teatro, "O Mágico de Oz", que ganhou prêmio. Tem a Késia cantando um maracatu, a própria "Noite Azul", estilizada, mas tem no "Prata" ("Prata 950"), no "Axé de Luz", de mantras tem, nos três (discos) instrumentais tem.



Capa e contracapa do disco "MARACATU-ARÁ" – Pingo de Fortaleza, 2006 (Independente, SOLAR – CD)

Realmente a partir desta música eu fui convidado pelos grupos institucionais, chegamos a criar um e aí você faz hoje só no palco, na avenida, faz nos ensaios. Realmente o maracatu passou a fazer parte do meu trabalho. É uma das vertentes que hoje eu milito. Eu tenho o trabalho instrumental, tenho o trabalho do universo do maracatu. Você soma. Mas essa parte veio pra ficar".

CARNAVAL **CADERNO3**

DIÁRIO DO NORDESTE | FORTALEZA, CEARÁ - TERÇA-FEIRA, 13 DE FEVEREIRO DE 2007

Batuques do maracatu

O cantor e compositor Pingo de Fortaleza lança um novo CD, hoje, às 19 horas, durante os ensaios do Maracatu Solar, no Benfica

O novo disco de Pingo de Fortaleza reúne 15 composições que revelam seu envolvimento com o universo do maracatu, por meio de seus vários olhares. A riqueza do maracatu cearense pode ser traduzida no batuque dolente da agremiação Àz de Ouro, que está presente nas músicas "Outros 500" (Pingo de Fortaleza) e "Nossa Paz é de Oxalá" (parceria do compositor com Guaracy Rodrigues) ao intitulado hip hop "Maracatudo" (parceria com Calé Alencar e Alan Mendonça).

Pingo e Guaracy repetem a parceria em "Maracondê", música que mescla o batuque do Àz de Ouro com o do Maracatu Nação Baobá. Outra canção do CD, "Ceará Terra da Luz, Berço de Liberdade" (Calé Alencar), recebe o batuque do Maracatu Nação Fortaleza. Das canções incluídas no disco, algumas são inéditas e outras fazem parte da discografia de Pingo de Fortaleza.

Uma das canções inéditas é "*Onilê*" (parceria com Wilton Matos, Descartes Gadelha e Alan Mendonça), composta este ano como loa oficial do Maracatu Àz de Ouro. É interpretada por Pingo de Fortaleza e Wilton Matos, numa levada inspirada nos maracatus existentes na capital cearense até a década de 50. "Noite Azul" (parceria com Augusto Moita e Parahyba) é outra inédita do disco, com participação de Parahyba em dueto com Pingo.

O PINGO DE FORTALEZA vivenciou 16 anos da história do Maracatu de Fortaleza e, agora, lança CD FOTO: REPRODUÇÃO

A loa "De boca aberta para o mundo" (parceria com Raimundo Alves feitosa, Afrânio Rangel, Mestre Juca do Balaio e Alan Mendonça), que completa a lista de músicas inéditas do disco, é uma colagem em homenagem aos 70 anos de existência do maracatu Àz de Ouro, cantada no carnaval de 2006. O CD ainda apresenta os clássicos maracatus de Pingo de Fortaleza, entre eles "Maculelê" (parceria com Guaracy Rodrigues), em uma versão ao vivo de 1990.

"Maculelê" é apresentada como faixa bônus, de uma forma inédita, numa releitura da Banda Maracatu Vigna Vulgaris, presente no CD "Dragão Vivo", lançado em 2000. "Maracatu-ará" é o décimo sexto disco de Pingo. Em 23 anos de carreira, o cantor e compositor vem mantendo um ritmo permanente de produção, sempre agregando as manifestações tradicionais da cultura cearense.

"O disco é resultado dos meus 16 anos de vivência dentro das instituições do maracatu. É um CD temático, num universo de grande importância para a cultura do Ceará, já que o maracatu é uma das maiores referências da musicalidade do Estado", avalia Pingo. O disco, segundo ele, revela as variações rítmicas do maracatu cearense, contemplando o batuque de algumas das mais importantes agremiações de Fortaleza. ■ (JL)

■ Serviço:
Lançamento do CD "Maracatu-ará", de Pingo de Fortaleza, hoje, às 19 horas, na Associação Cultural Solidariedade e Arte - Solar (Avenida da Universidade, 2323, Benfica). Valor do disco: R$ 10,00 (metade do que for arrecadado com a venda do CD será doado para o Maracatu Solar). Informações: (85) 3226.1189.

Matéria jornal Diario do Nordeste, fevereiro de 2007

III – OBRA PERENE

INSTRUMENTAIS: VIOLÃO EM PRIMEIRO PLANO

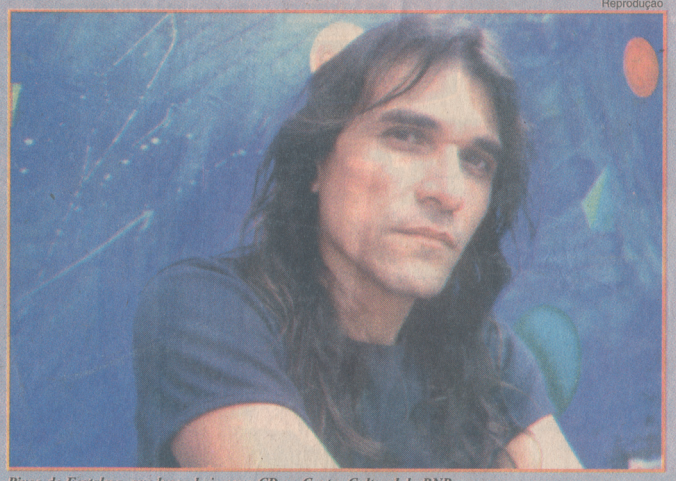
"Pingo de noite e de dia, com sua inspiração, vive a pingar melodia, ao som do seu violão" (Patativa do Assaré)

A versatilidade de Pingo de Fortaleza encontrou vazão na música instrumental. O violão afiado e a pegada firme, às vezes de tom renascentista, foi também consequência de muitas vezes ter a impossibilidade de se apresentar com uma estrutura maior e uma banda. O instrumento exigiu mais estudo. Marca registrada de seu trabalho, o violão reina absoluto em três discos instrumentais: "Pingo de Fortaleza – Instrumental", gravado em 1999, teve as participações de nomes de referência na música instrumental brasileira, os cearenses Manassés, Nonato Luiz e Marcus Maia. Neste ano nos meses de abril e maio realiza temporada de 12 shows na Espanha.

Capa e contracapa do disco "Pingo de Fortaleza Instrumental" – Pingo de Fortaleza, 1999 (Independente – CD)

Pingo de Fortaleza lança "Instrumental"

Reprodução



Pingo de Fortaleza, que lança hoje novo CD no Centro Cultural do BNB

Peitudo. Essa é a fama do cantor e compositor Pingo de Fortaleza, como é mais conhecido o músico João Vanderlei Roberto Militão. Depois de três discos, dois CDs, inclusive a primeira gravação digital ao vivo do Ceará, Pingo de Fortaleza lança mais um trabalho, desta vez somente com músicas instrumentais. No álbum, apoiado pela Tim, através da Lei Federal de Incentivo à Cultura, ele reúne temas já interpretados e gravados por ele com criações inéditas.

Numa época em que muita gente fica sem gravar o primeiro disco, Pingo mostra que, com talento e muita força de vontade, é possível manter-se fiel ao seu estilo. Dentro de um mês, o músico lança um outro disco, com novas composições. Por enquanto, ele divulga o seu "Instrumental", cujo lançamento acontece hoje, no Centro Cultural do Banco do Nordeste. "Mas a tônica do meu trabalho continua sendo a letra", enfatiza, desde já.

Prematuro, o músico ganhou, desde criança, o apelido de Pingo. "O topônimo só apareceu quando fui me apresentar em Nova Canudos, numa missa em honra ao arraial, em 86. O Nélson Augusto foi divulgar a minha apresentação e colocou esse nome. Agora tentaram até me promover a 'Ceará', mas vai ficar sendo mesmo 'Fortaleza'", ressalta o próprio.

E diga-se logo que a ligação com a história de Conselheiro e seus seguidores é uma das marcas da música de Pingo. Ainda nos anos 80, ele chegou a fazer a direção musical de "Conselheiro e Canudos", uma peça interpretada por José Dumont, com direção de B. de Paiva. "Depois, foram muitas viagens a Canudos. Mas não quero que meu trabalho fique limitado a temas", ressalva.

O show de hoje terá a participação de dois violonistas: o filho, Teuí, e o diretor musical do disco, Marcos Maia. Com o professor do Curso Superior de Música da UECE, Pingo interpreta quatro faixas, entre as mais belas do disco: "Belo Monte", "Boas Festas", "Caminho de Luz" e "De Quixeramobim a Canudos". "Belo Monte" constava de "Cantares", segundo CD de Pingo, que também reuniu a faixa homônima.

"De Quixeramobim a Canudos", registrada em 93, no disco ao vivo, conta ainda com as participações de outros grandes violonistas cearenses: Nonato Luiz e Manassés, dono do Olho D'Água, o estúdio onde foi gravado, masterizado e mixado o disco. "São três grandes violonistas do país que me honram nesse começo de estrada", comenta o violonista, cujo estilo valoriza o timbre de seu instrumento, ora pelo dedilhar das notas, ora por suas batidas intensas. "É um violão mais renascentista", define.

Nonato aparece ainda em "Suíte Nordestina em Ré Menor", um pout-pourri das canções "Lamento Sertanejo", "Sodade", "Arreios de Prata", "Cantiga Caicó" e "Cajuína", e "Cantares", um tema conhecido do repertório de Pingo, também um dos pontos altos do disco. Quanto a Manassés de Sousa, diretor musical de "Lógica", o próximo álbum de Pingo, a ser lançado dentro de um mês, sua viola de 12 cordas marca presença ainda, além de "De Quixeramobim a Canudos", em "Pequeno Tema" e "Caminho de Luz", uma viagem por lugarejos longínquos, em um tema mais elaborado, na companhia de Pingo e Marcos Maia. Sozinho, Pingo também revela versatilidade. Principalmente no medley "Lendas e Contendas/Centauro Guerreiro", que dá fôlego ao disco, com ótimos solos.

Henrique Nunes
Da Editoria do Caderno 3

Serviço

Instrumental - Show de lançamento do CD homônimo do músico Pingo de Fortaleza. Local: Centro Cultural do Banco do Nordeste (Centro). A partir de meio-dia. Grátis.

Matéria jornal Diário do Nordeste, 2000

Capa do disco "Zoeira" – Pingo de Fortaleza, 2004 (independente – CD)

Depois, lança "Zoeira", em 2004, no qual os violões têm bases percussivas baseadas em células rítmicas de manifestações musicais presentes no Ceará (cabaçal, capoeira, maracatu etc.), além de variações criadas por Pantico Rocha. E em 2010 lança o CD "Ressonância Instrumental", com violão e acompanhamento da Orquestra de Câmara do SESI.

"Se observar, não tem nenhum (disco) igual ou parecido. Nunca fiz um trabalho pensando num retorno global. Ia fazendo e sempre fazendo.

A vertente instrumental culmina com a orquestra. A partir dos discos, do palco, comecei a tocar violão, que eu gostava, pra me acompanhar e acabei desenvolvendo uma técnica mínima. Com o disco "Ao Vivo", fiz voz e violão. Eu fiz umas canções que ficaram sem letra, só instrumental. Em 1999, 2000 junto com o "Lógica", eu lanço o "Instrumental", que é o primeiro. Só violão. Esse disco até hoje tem referência porque participam dele Manassés, Nonato Luiz e Marcos Maia (também diretor musical do disco). Esse trabalho eu aprimorei em 2004 com o "Zoeira", que é violão e percussão".

vida & arte — O POVO — FORTALEZA-CE, QUARTA-FEIRA, 21 de setembro de 2005

DÁRIO GABRIEL - 03.11.1998

PINGO de Fortaleza: show que une as células rítmicas do popular cearense

A ZOEIRA DE PINGO

LANÇAMENTO O cantor e compositor cearense Pingo de Fortaleza lança hoje, às 19h, no Espaço Cultural da CDL, seu 10º CD, *Zoeira*. O show está inserido na programação do projeto "Quarta na Cultura do Centro", com entrada franca

Desenvolvido peo Instituto CDL de Cultura e Responsabilidade Social, o projeto "Quarta da Cultura no Centro" traz na noite desta quarta-feira (21), às 19h, o cantor e compositor Pingo de Fortaleza no lançamento de seu mais recente álbum, o CD intitulado Zoeira. Com entrada franca, a apresentação terá a companhia dos músicos Tony Ma anhão (violão) e Rossano Cavalcante (percussão), ocorrendc no Espaço Cultural da CDL.

Contabilizando 21 anos de estrada, Pingo, neste trabalho, dá uma continuidade à sua sonoridade de caráter instrumental. Misturando as células rítmicas do maracatu ao balanceio dos índios Tremebé e das tradicionais bandas cabaçais, ele incorpora também os violões para dar mais base à técnica da música clássica. Na ocasião, o cantor contará ainda com a participação especial do Maracatu Az de Ouro.

A inserção no meio artístico deu-se antes mesmo da adolescência. No início dos anos 80, Pingo estreou nos palcos com *Que Espetáculo é Este*. Três anos mais tarde, surgia o primeiro LP (*Centauros e Canudos*). As viagens pelo Brasil afora tomaram forma só a partir de 1987; posteriormente o exterior também fez parte dos seus planos. Em *Zoeira*, que conta no CD com a presença do percussionista Pantico Rocha, composições diversas e loas próprias completam o repertório.

SERVIÇO

Quarta da Cultura no Centro – O projeto convida o cantor e compositor cearense Pingo de Fortaleza, acompanhado de banda, para lançar seu 10º CD, *Zoeira*. Hoje, às 19h, no Espaço Cultural da Câmara dos Dirigentes Lojistas – CDL (rua 25 de Março, 882). Entrada franca.

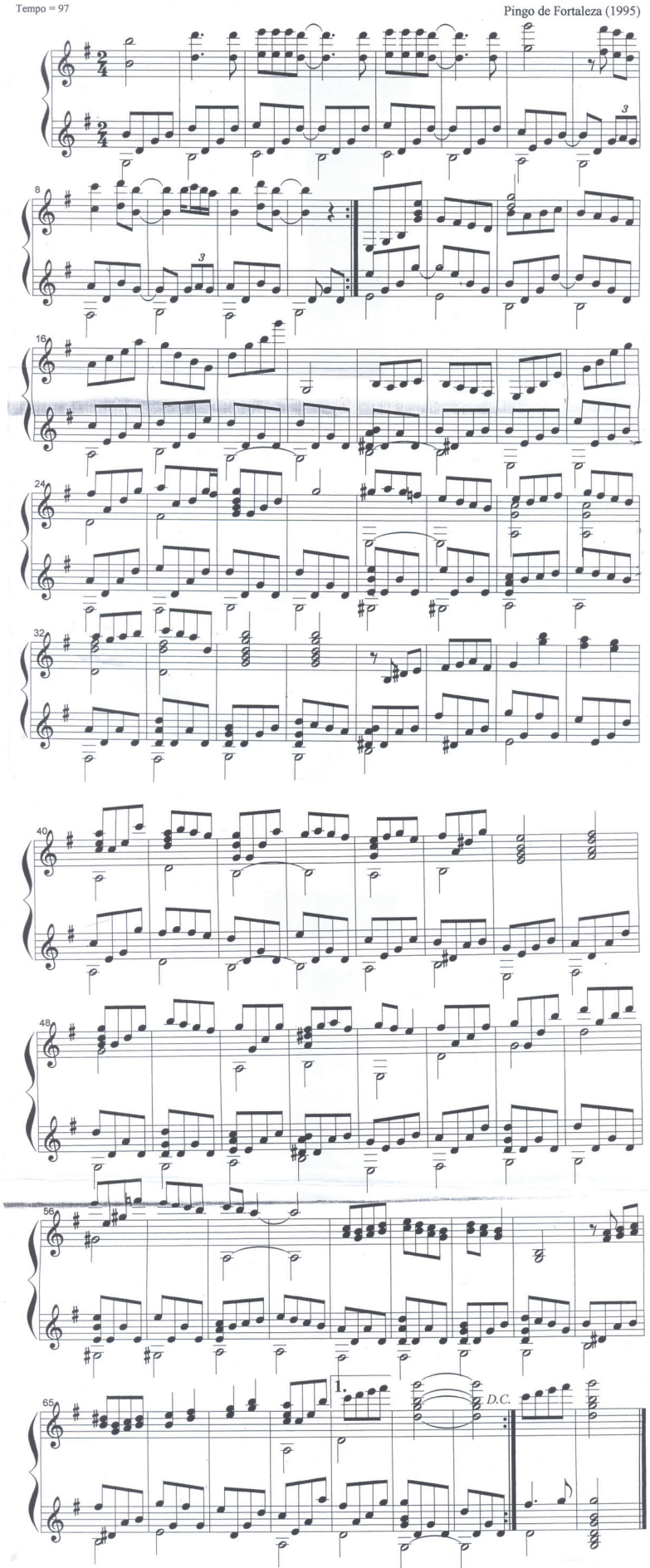
Matéria jornal O Povo, 2004

Belo Monte

(Arr. 1º violão - Marcos Maia)

Tempo = 97

Pingo de Fortaleza (1995)



Partitura da música “Belo Monte” (Pingo de Fortaleza), arranjo para violões Marcos Maia

ELE POR ELAS

Com uma obra sempre reinventada e revisitada, em 2002, pela primeira vez reuniu algumas das principais cantoras cearenses das mais diferentes vertentes e gerações, no projeto "Solo Feminino". Uma espécie de mapeamento das vozes femininas do Ceará rendeu a produção de dois álbuns – "Solo Feminino" e "Solo Feminino 2".

Capa do disco "Solo Feminino 2" – Pingo de Fortaleza, 2006 (Independente – CD)

Reunindo repertório inédito, diversificado, os discos trazem composições de Pingo de Fortaleza, algumas em parcerias com, Alan Mendonça, Haroldo de Campos, Margarita Solare, Guaracy Rodrigues e Fernando Néri. As canções foram direcionadas para cada interpretação. Das 16 faixas, duas regravações, "Mourão" – interpretada por Myrlla Muniz – e "Caminho de Luz", na voz de Aparecida Silvino.

"Uma das canções mais linda que já gravei da vida! "Caminho de Luz"! Todo o processo foi maravilhoso! O convite do Pingo que acolhi com alegria. A gravação, onde senti arrepios pelo corpo inteirinho! Os shows que vieram a seguir, onde sempre estive ao lado do Pingo! E até hoje é bom porque escuto a canção sempre! O Pingo também fez um vídeo lindo dela e rola no YouTube e vez por outra chega por aqui. Bem, essa experiência é uma que não esqueço, pela força da canção, pela alegria que ela proporciona a quem a escuta e pela magia desse compositor tão radiante! Eu sou feliz por estar neste projeto e que venham muitos outros", declara Aparecida Silvino.

Em matéria do show de lançamento de "Solo Feminino", no Caderno Vida & Arte do jornal O Povo do dia 17 de julho 2002, Pingo afirmou:

"Neste CD por ser com poucos recursos sonoros, só voz e violão, as mulheres estão sempre em primeiro plano. Eu, como compositor, sempre tive vontade de ver as minhas músicas interpretadas por outras vozes e as mulheres, pra mim, são muito importantes. Cada música foi direcionada para uma cantora, algumas eu dizia: 'não, essa daqui não fica boa nessa, fica em fulana e por aí vai'".

"Adorei participar desse projeto do meu amigo Pingo de Fortaleza, foi uma honra! O trabalho do Pingo é lindo e o disco ficou lindo também", elogia a cantora Lúcia Menezes.

No primeiro CD "Solo Feminino" (voz e violão), foram reunidas as participações de Fhátima Santos, Mona Gadelha, o quinteto Cinco em Ponto, Myrlla Muniz, as saudosas Késia e Lily Alcalay, Aparecida Silvino, Anunciação, Téti, Marta Aurélia, Cida Olímpio, Ana Célia, Joyce Custódio, Iarin Medeiros e Cida Moreira.

"Pingo é um dos artistas mais empreendedores que conheço. Realiza e faz bonito. Além disso, consegue agregar as pessoas, tornando realidade aquilo que considero o mais bonito na arte da música, que é a celebração", Mona Gadelha intérprete da canção "Negreiros".

Já no CD "Solo Feminino 2", produzido em 2006, as intérpretes percorrem as criações de Pingo em parcerias com Alan Mendonça, Oswald Barros, José Mapurunga, Fernando Néri, Guaracy Rodrigues, Augusto Moita e Dalwton Moura. O CD apresenta as vozes femininas acompanhadas pelo pianista Tony Maranhão. As 16 faixas dos dois discos do projeto "Solo Feminino" trazem uma faixa-bônus, cada uma interpretada pelo próprio compositor. O projeto é uma trilogia ainda a ser fechada com o disco em que outras intérpretes serão acompanhadas por acordeom.

Em "Solo Feminino 2", foram envolvidas as cantoras, Joana Angélica, Lupe Duailibe, Grupo Vocal Silêncio e Som, Karla Karenina, Ayla Maria, Linda Pedra, Eliahne Brasileiro, Patrícia Oliveira, Cristina Franciscute, Deninha Carvalho, Masor Costa, Ângela Linhares, Dione Morais, Tailândia Montenegro, Daniela Montezuma e Luana Marley.

O PRATA É POP

Um disco pop. em comemoração aos 25 anos de carreira completados em 2007, embora só tenha sido lançado em 2009, "Prata 950" imprime nova feição a tudo que produziu até ali, mesmo que no CD "Lógica", lançado em 2000, Pingo já anunciasse sua verve eclética. O décimo oitavo disco teve pré-lançamento no VIII Acampamento Latino-Americano da Juventude de Icapuí, abrindo show para o cantor e compositor paulista Nando Reis.

Capa do disco "Prata 950" – Pingo de Fortaleza, 2009 (Independente – CD)

Definido como um disco simples, pois as canções eram mais diretas em sua comunicabilidade, de arranjos simplificados, canções com refrão, pontuadas por baladas, acompanhado de formação de banda básica, pode-se dizer que o "Prata 950" é um disco mais solto, mas sem perder a beleza, a poesia e a qualidade. E também mostrava Pingo com outro visual, longe da costumeira cabeleira longa.

No "Prata", como é chamado, o repertório é composto por 12 faixas, em sua maioria inéditas, além de algumas regravações – "Canções de Redenção", "Lógica", "Procura" e "Corpo Total". Entre as inéditas, a emocionante "Balada pra Ana", parceria com Augusto Moita em homenagem à cantora Ana Fonteles, falecida em 2005; o maracatu reestilizado, "Noite Azul", "Prata 950" e "Aproveite o Dia", primeira parceria com o poeta Henrique Beltrão. O CD conta ainda com vocais dos irmãos Marcelo Pinheiro e Ricardo Pinheiro integrantes da banda de rock Renegados.

"Foi uma honra para nós ter participado da gravação e de vários shows de divulgação do disco "Prata 950". Vejo sem dúvida no Pingo um artista extremamente produtivo em sua carreira, com diversos projetos sempre com o compromisso com a pesquisa em sua poética e que procura experimentar novas linguagens quando diversifica suas parcerias com grupos de resgate do Maracatu, nas composições com vários autores, nos solos femininos onde coloca seu trabalho na voz de diversas cantoras intérpretes da nossa música, nos trabalhos instrumentais e com orquestra, nos livros lançados, produções de festivais e outros trabalhos", afirma Marcelo Pinheiro, guitarrista e vocalista da banda Renegados.

Querendo que o disco chegasse ao maior número de pessoas, aderiu à internet para realizar esta difusão. Para isto foi criado o blog pingodefortaleza.blogspot.com onde hospeda, além do "Prata 950", outros de sua discografia. Ainda explorando os recursos da web para difundir sua obra, disponibiliza em seu canal no YouTube, clipes de suas canções.

"Prata 950" teve algumas execuções em rádios comerciais de Fortaleza e alguns shows. No Réveillon de Fortaleza em 2009, Pingo foi uma das atrações juntamente com Margareth Menezes, Zeca Pagodinho, Dados Villa-Lobos e Marcelo Bonfá, Waldonys e outros mais.

6 | caderno3 DIÁRIO DO NORDESTE | FORTALEZA, CEARÁ - SEXTA-FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 2010

ENTREVISTA PINGO DE FORTALEZA MÚSICO

De novo visual, o cantor e compositor Pingo de Fortaleza renova também sua música em torno de uma linguagem mais pop, em que contou com músicos como Mimi Rocha e a banda Renegados

Prata de Fortaleza

Celebrando 28 anos de carreira, o cantor e compositor Pingo de Fortaleza relança hoje, no Teatro Sesc Senac Iracema, seu 18º álbum, "Prata 950", marcado por uma linguagem pop, calcada pela participação da banda Renegados, mas que ainda preserva os lastros regionais da música do cantor e compositor cearense. A Renegados participa do show de hoje, junto ao Maracatu Solar e ao poeta Henrique Beltrão

HENRIQUE NUNES
Repórter

Como você chegou, e esta, foi mato pop? O que representa esta guinada, quando você comemora seus já 28 anos de carreira?

Este formato é apenas mais um dos meus trabalhos, pois, observando meus discos (18), consigo perceber que todos são diferentes tus suas concepções sonoras e timbres, pelo próprio fato da dinâmica cultural, da minha dinâmica pessoal e profissional. O "Prata 950" representa este momento de alegria que estou vivendo, é uma guinada em termos, porque o trabalho acaba agregando toda minha experiência anterior. Com este disco eu queria quebrar um pouco esta dicotomia regional x universal, principalmente em relação a minha produção, que sempre foi vista de forma equivocada como regional, porque na minha cabeça nunca existiu esta separação. O maracatu cearense é tão universal como a sonoridade deste meu CD é regional.

Odisco tem as releituras de "Lógica", "Filhos" e "Canção de Pedra". Como foram estas adaptações a este formato?

Estas canções sempre tiveram uma resposta muito positiva do público em geral, mas não se sobressaiam no conjunto dos CDs que elas faziam parte. Por exemplo, a letra da música "Lógica" sempre foi muito elogiada pela sua contundência, pensei em fazer um arranjo que evidenciasse a letra, assim como também "Coração de Pedra". Com a canção "Filhos", já é outra história, essa música teve um clipe dirigido pelo Petrus Cariry com quatro prêmios nacionais e uma demanda muito grande em relação ao acesso a esta obra, que estava apenas no CD "21 Anos". Portanto, como o "Prata 950" se propunha a ter uma unidade estética, fizemos esta adaptação, mantendo em linhas gerais a ideia central daquela música.

O que representam as parcerias deste novo álbum, inclusive com instrumentistas como o pessoal do Renegados e as abordagens musicais e poetas "incidentais"?

Sempre gostei de produzir com muitos parceiros e gente envolvida nos diversos processos de feitura dos meus trabalhos. Faz parte de mim esta necessidade de dividir, de agregar valores, ao que se produz. Estes parceiros representam novas relações de amizade, de profissionalismo, fugindo um pouco de uma relação mais temática e de universos iguais. Os Renegados fazem um trabalho super legal, bacana, com comprometimento com suas necessidades artísticas e o "Prata 950" chamava esta mudança, essa interrelação com outros segmentos da música cearense. Quanto aos músicos que compõem o CD, que são quatro apenas, sempre venho tocando com eles, desde o CD "Lógica" (gravado em 2000). Com Mimi Rocha, que foi diretor musical do "Prata 950", venho desenvolvendo já outros trabalhos e acredito que até para ele este CD representou mudança. Já Denilson Lopes (bateria), Marcus Vinnie (teclado) e Edmundo Jr. (baixo), trabalhei com eles no CD e show "Dragão Vivo", em parceria com Calé Alencar e Dilson Pinheiro (1999 a 2001). Eles têm sido músicos que sempre me acompanham em meus shows, já existe uma relação de identidade mútua entre nós. Quanto aos parceiros incidentais, que vão de Fernando Pessoa a Gilberto Gil, passando por Eugênio Leandro, eles conjugam com suas obras em pequenas citações para conciliar as vezes um pensamento, uma ideia musical, e acentuar este link geral entre as culturas dos povos e a produção artística contemporânea.

Qual o balanço destes 28 anos, vividos sempre aqui?

Numa perspectiva geral, de muita gratidão, em ter nascido nesta terra, em ter nascido sob esse sol maravilhoso, de ter conseguido aprender a fazer minha paixão que é a música, em relação à possibilidade de construir de muitas parcerias, e de concretizar muitos trabalhos. As vezes foram mais fáceis, mais difíceis, com muita alegria ou às vezes com sofrequidão, o importante é que nestes 28 anos, eu consegui emergir que existe uma continuidade de trabalhos que eu vou conseguindo mostrar e partilhar com as pessoas. Me sinto feliz sempre em poder compartilhar minhas criações e vou sempre tentando reinventá-las, gerando a possibilidade que elas atinjam de forma melhor e maior sempre um número significativo de pessoas. Penso que eu posso ser um pequeno exemplo que no Ceará é possível fazer música, produzir CDs, tocar, fazer shows, mesmo que a gente enfrente os limites de forma diferente, às vezes das próprias criações, até os mais diversificados mecanismos de difusão.

Outra "guinada" é a mercadológica, você está disponibilizando o álbum no seu blog, e vendendo a preço de custo. Como você avalia este processo?

Um processo natural, hoje é viável a percepção que o objeto disco (o CD) é apenas mais uma maneira de fazer as canções chegarem às pessoas, mas existem outras formas, mais práticas, mais econômicas e diretas, como a internet. Sempre me propus a disponibilizar minha obra para quem se interessa por ela, desde parceiros que quiseram gravar em seus trabalhos a cidadãos que utilizam as músicas como trilhas. Incluindo grupos diversos, como, por exemplo, a comunidade nos Andes boliviano que utiliza a canção "Solucionato" como um de seus mantras. A forma de disponibilizar em blog é um passo a mais nesse sentido, pra atender a demanda que extrapola os contatos físicos e atender a tempo a necessidade de ter acesso à obra, embora ainda existam várias pessoas que fazem questão de receber seu CD, de ter contato direto com o artista. Quanto ao custo, hoje realmente você pode fazer e reproduzir um CD com menos gastos de produção e pode, naturalmente, repassar isso para o preço final do produto.

E a mudança do visual?

Uma vontade de expressar física-

MPB

Baladas e visual pop

A banda com Edmundo Jr (baixo), Marcus Vinnie (teclados e loops), Denilson Lopes (bateria) e ainda Marcelo e Ricardo Pinheiro (guitarra e bateria da banda Renegados), sob arranjos e a direção musical de Mimi Rocha (guitarra, violão, banjo e loops), renova o som de Pingo de Fortaleza, em seu "Prata 950", seu 18º álbum. Fotos de Lili Rodrigues basearam a capa (do designer Marildo Monteiro), inspiradas na linguagem visual pop e que traz Pingo de visual novo, com o cabelo cortado à máquina. A renovação às já registradas "Filhos", "Lógica" e "Coração de Pedra". Entre versão para "Redemption Song" (Bob Marley), poemas próprios, de Gilberto Gil e de Fernando Pessoa, destaca-se "Aproveite o dia", parceria com o professor e radialista Henrique Beltrão, que mescla folk e eletrônico entre lições para o cotidiano. A canção "Procura" traz uma linha melódica, favorecida pelo teclado de Vinnie, que remete a de "Lógica". Ele é fechada pela releitura do cantor sobre o poema "Autopsicobiografia", do português Fernando Pessoa. Ainda com referências eletrônicas, é o maracatu suingado "Noite Azul" (Pingo/Parahyba/Augusto Moita). Maracatu que continua vertendo referências mouras na nova leitura de "Coração de Pedra", agora com citações de "Domingo no Parque" e "Parabolicamará", de Gil. Fluindo seu canto a uma direção mais leve, às vezes quase independente, Pingo leva outras baladas bem sacadas, com arranjos sempre diretos, mas trabalhados com coerência e sutileza, ao ritmo de seu violão. (HN)

CD

Prata 950 Pingo de Fortaleza

INDEPENDENTE 2009 12 FAIXAS R$ 5

LANÇAMENTO Hoje, às 20 horas, no Teatro do Sesc Senac Iracema (Rua Boris, 90, ao lado do Centro Dragão do Mar). Ingressos: R$ 10,00 (meia) e R$ 5,00 (meia). Contato: 3252-2215 e 3226-1898. O álbum encontra-se disponível no www.pingodefortaleza.blogspot.com

mente este momento. Durante 30 anos, usei sempre o mesmo visual, chegou o momento de me ver diferente. Tenho 46 anos, seis filhos, já sou avô, e você começa a perceber que o tempo passa de verdade e que, de certa forma, você também está passando. Então, essas mudanças acabam sendo importantes para você também se revigorar. Fiz também em função do "Prata 950", cortei os cabelos, coloquei um brinco de prata. Essa mudança acompanha a concepção da música "Prata 950", e do próprio CD, de que ninguém é 100% só uma coisa, uma imagem, uma música, um elemento apenas. Somos muito mais porque temos a possibilidade de "... percentual da mistura que nos acrescenta...". ●

COMENTE
caderno3@diariodonordeste.com.br

Matéria Jornal Diário do Nordeste, 2009

ORQUESTRA E MANTRA

Se com o "Prata 950", Pingo abriu um novo viés de sua obra, em 2010, com leitura inusitada, o músico percorreu parte de suas criações. Um novo projeto soma-se aos seus discos instrumentais. Desta vez acompanhado pela Orquestra de Câmara de SESI, sob a regência do maestro Vasquen Fermanian, realizou o "Ressonância Instrumental –Pingo de Fortaleza e Orquestra de Câmara do SESI".

Capa do disco "Axé de luz – Pingo de Fortaleza e Parceiros", 2011 (Independente – CD)

"A vertente instrumental culmina com a orquestra. É um disco que me ensinou muito sobre música, me ensinou a ouvir. Realmente quando eu tocava com aquela orquestra, eu ouvia aquela orquestra. Dá vontade de parar o violão e ficar ouvindo. Depois aprendi a fazer isso com banda, a ouvir o conjunto. É um disco diferente, ousado. Pra mim foi importante chamar os meninos do SESI porque o projeto é uma escola de formação de músicos. O Vasquen, eu tenho um grande reconhecimento pelo trabalho dele", declara.

Capa e contracapa do disco "Ressonâncias Instrumental" – Pingo de Fortaleza, 2010 (Independente – CD)

O concerto de lançamento, memorável, integrou a programação do primeiro centenário do Theatro José de Alencar que recebeu homenagem no projeto gráfico do CD. Ali, o público conferiu nova roupagem para "Veredas e Sertões", "Balada pra Ana" e as inéditas, "Felicidades", "Baião de Cordas" e a imortal "Maculelê". No lançamento, pela primeira vez uma orquestra tocou acompanhada do batuque de maracatu, no caso, com a participação do Maracatu Solar.

E na constante busca de dimensionar sua produção, o artista finaliza o ano de 2011 com o álbum "Axé de Luz – Pingo de Fortaleza e Amigos". O disco surgiu da necessidade de agradecimento do compositor às coisas boas.

"As pessoas sempre me disseram que minhas composições são de 'natureza mântrica'". Depois, pesquisou sonoridades, entrou em estúdio e com o apoio do músico Marcus Vinnie nos arranjos e instrumentação, reuniu músicos, compositores e cantores amigos como, Edinho Vilas Boas, Serrão, Calé Alencar, Marta Aurélia, Eliahne Brasileiro e Edmar Gonçalves emprestaram suas vozes para interpretar suas parcerias com Guaracy Rodrigues, Augusto Moita, Silvio Gurjão, Fernando Néri, Henrique Beltrão, Chico Pio, Descartes Gadelha e o próprio Marcus Vinnie.

As 16 composições são vestidas da sonoridade oriental somadas aos sons de instrumentos típicos da música indiana como citar, harmônio e flautas diversas.

A simplicidade deu o clima do disco: sem divulgação na grande imprensa, por opção do compositor, o CD foi difundido apenas em redes sociais. No lugar de capa e encarte, o disco vinha embalado em papel de pão. Os lançamentos aconteceram nas residências de amigos e quem quisesse pagava o CD em um balaio colocado sobre um tapete "persa chinês" (brinca o compositor) e colocava em troca o valor que desejasse pelo disco. Toda a renda arrecadada com o Axé de Luz foi revertida para o Centro de Apoio às Mães de Pessoas Especiais (Campe).

INDIVIDUAL E COLETIVO: PARCEIROS

"Sempre gostei de somar muito. Eu penso a partir do individual, mas o trabalho é coletivo em sua concepção e feitura". A respeito desta afirmação é fácil confirmá-la. Desde os tempos do movimento estudantil até realizar os discos, as produções, os eventos, as parcerias são constantes: Guaracy Rodrigues, Rosemberg Cariry, Augusto Moita, Fernando Néri, Eurico Bivar, Oswald Barroso, Tony Maranhão, Alan Mendonça, Dalwton Moura, Parahyba, Carlos Nelton, Calé Alencar, Dilson Pinheiro, Descartes Gadelha, José Mapurunga e o mais recente, Henrique Beltrão.

"Pingo de Fortaleza é ave rara, dessas que cantam e voam sempre em bando. Na solidão, o mundo fica miúdo; junto com seus pares e parceiros, ele o agiganta. Dele digo que pensa no plural e sente no coletivo. Sempre com gosto, Pingo reúne as pessoas pra compartilhar saberes e sentires. Quer desfile com o Maracatu Solar, quer em visita às crianças de um hospital, quer ele esteja em seu familiar repouso no alto do Morro Branco, ele nunca está de todo sozinho. Sua casa tem muro de vento, pra toda gente poder passar. Seja fazendo um livro, mais um disco ou um espetáculo, cada gesto seu sabe a um chamado: vamos juntos! Com espírito de comunhão – é assim que Pingo de Fortaleza tece suas parcerias com quem teve essa alegre honraria, como eu. Para o mar do altruísmo verdejar de coração, às vezes basta um pingo dessa fortaleza de união. Saravá, amigo meu!", Henrique Beltrão - Poeta, radialista, professor, parceiro e amigo.

A respeito de sua longa amizade e parceria com Pingo de Fortaleza, o cineasta, escritor e compositor cearense, Rosemberg Cariry, relata:

"Conheci o Pingo de Fortaleza no final da década de 1970, momento intenso da vida política e cultural brasileira, quando o povo se manifestava nas ruas pela redemocratização do país e pela anistia, movimento libertário que se prolongaria pela década de 1980, até o movimento Diretas Já, em 1983-84. Em 1980, no Ceará, um grupo de jovens organizou um movimento artístico chamado Nação Cariri, com publicação de revistas e livros, produção de shows, exposições e gravações de discos. Datam daí minhas primeiras parcerias com o Pingo de Fortaleza, que participava da cena musical fortalezense e acompanhou a Caravana do Nação Cariri por muitas cidades do interior do Ceará. Em Fortaleza, os shows aconteciam, junto com os recitais e apresentações de peças teatrais, não apenas nos bares da Praia de Iracema e do Pici, mas também em bairros e favelas da cidade. Fazíamos, na época, uma arte bem ligada aos movimentos políticos de esquerda e era importante esta comunicação com o povo. O Nação Cariri buscava também uma valorização das artes populares por meio de nomes como Patativa do Assaré, Cego Oliveira, Mestre Aldenir, Irmãos Aniceto e muitos outros, que chegavam do Cariri como grandes novidades para o movimento artístico urbano daquele período. O Pingo foi importante na ligação deste movimento com os maracatus de Fortaleza e com o movimento social que retomava as histórias das lutas populares, notadamente de Canudos (a partir de 1983), pelas suas canções e ligação com cantores e compositores da Bahia, como Gereba e Fábio Paes. Eram muitos os seus parceiros, entre os quais me encontro, mas não podemos deixar de citar Guaracy Rodrigues, Oswald Barroso, Fernando Néri, José Mapurunga, Alan Mendonça, Augusto Moita e Henrique Beltrão, dentre outros. Este fazer musical generoso, registrado em muitos LPs e CDs, ia muito além da arte e da política, pois se tratava também de um exercício de amizades bem sólidas, plantadas naqueles tempos, jamais abaladas em todos estes anos de lutas e percalços da história do nosso país. Somos ainda hoje amigos e 'companheiros de viagem'. Pingo de Fortaleza é um bom exemplo do vigor e da tenacidade dos nossos artistas populares, que teimam sempre em resistir e, em meio às maiores dificuldades, arrancam do cotidiano e da alma a necessária canção".

BATUQUES E SINGULARIDADES: LIVROS

A busca constante por novas sonoridades, a criação das letras poéticas e a vivência na cultura do maracatu o fizeram mergulhar na história da nação de maracatu mais antiga do Ceará: o Maracatu Az de Ouro. Fundado em 1936, a não existência de registro histórico sobre a agremiação chamou a atenção de Pingo de Fortaleza.

"Além de explicitar suas principais características, suas participações no Carnaval de Rua de Fortaleza, o livro apresenta as memórias de diversos brincantes do Maracatu Az de Ouro, tais como: Raimundo Alves Feitosa (fundador), Mestre Juca do Balaio, Afrânio Rangel, Malu (calungueira), Clementino (índio) e Paulo Tadeu (presidente de Honra). Com prefácio de Rosemberg Cariry e Gilmar de Carvalho, a edição do livro contou ainda com o apoio do Banco do Nordeste do Brasil - BNB e da Caixa Econômica Federal, e vem preencher uma enorme lacuna de registros sobre este universo" – Jornal O Povo.

O livro acompanhado de um CD foi lançado no dia 22 de setembro de 2008, dentro da programação da 13º Congresso Brasileiro de Folclore, na Praça Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, com a participação de artistas e do Maracatu Az de Ouro, então comemorando seu aniversário de 71 anos de fundação.

4 | Caderno3 — DIÁRIO DO NORDESTE — FORTALEZA, CEARÁ - TERÇA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO DE 20

ENSAIO

Pingo de Fortaleza lança livro na Bienal

Cantor e compositor publica "Singular e Plural", reconstituição da história e da estética do Maracatu do Ceará

IRACEMA SALES
Repórter

Mostrar a multiplicidade de ritmos do maracatu- performance que reúne música e dança tendo sua origem nas festas de coroação dos reis negros africanos que encontram no Brasil identificação nas irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, sendo transposto para o cortejo de coroamento de uma rainha, durante o Carnaval, em especial de Fortaleza – constitui o fio condutor do livro "Singular e Plural – a história e a diversidade rítmica do maracatu cearense contemporâneo", do cantor, compositor e pesquisador João Wanderley Roberto Militão, conhecido como Pingo de Fortaleza. O lançamento do livro, que traz um rico material de pesquisa, além de partituras demonstrando a variedade de ritmos e fotografias, acontece logo mais, às 18h, no Espaço Cordel da X Bienal Internacional do Livro no Ceará, com apresentação do maracatu Solar, que promete materializar essas diferenças rítmicas da manifestação cultural desenvolvida por 14 grupos de Fortaleza. A musicista e educadora musical, Catherine Furtado Santos, vai reger o batuque Solar. Conforme analisa o tor, é natural que o marac por ser uma manifestação cu ral tradicional, esteja sempr renovando. "Está associad uma liberdade estética", c pleta, justificando as experin tações dos ritmos, citando "coco de maracatu", "samb maracatu" , "batuque de m catu", entre outros.

A pesquisa concentra-se de os anos 1940, quando é l tificada uma polirritmia no racatu, a partir dos relatos f pelo musicólogo carioca Heitor Correa Azevedo, tra do estudo do maracatu "A Ouro", quando o seu funda Raimundo Boca Aberta tr lhava com diversos ritmos, mo o congo e o coco, até ch às décadas de 1980 e 1 quando a variedade dos rit passa a ser retomada pelos pos cearenses. Este é o segu livro do autor e tem como pr pal proposta "discutir a mus dade dos maracatus no Ce Descartes Gadelha, artista p co, compositor e ritmista, bém dá algumas pistas par clarecer um pouco mais s essa multiplicidade de rit no maracatu cearense. Ping Fortaleza explica que, uma supostamente atribuída ao racatu 'Morro do Moinho' século XIX, apresenta esse ço, que ganha força com o r tro, em 1943, pelo pesquisa "A multiplicidade rítmi estética do maracatu de For za consolida-se com a cria em 2006, do maracatu So que tem à frente o auto obra. Desde 2007 que a miação defende a mescla d mos nas suas apresentações

Mais informações:
Lançamento do livro "Singular Plural", de Pingo de Fortaleza, 18h, no Espaço Cordel da X Bie Internacional do Livro no Cear (Centro de Eventos do Ceará - Avenida Washington Soares, Contato: (85) 3226.1189

LIVRO

Singular e Plural – a histór e a diversidade rítmica do maracatu cearense contemporâneo
Pingo de Fortaleza
SOLAR
2012, 103 páginas
Preço a definir

O Maracatu Solar, uma das referências contemporâneas na tradição do maracatu; O grupo tem Pingo como um de seus brincantes e protagonistas

Matéria jornal Diário do Nordeste, lançamento livro "Singular e Plural – A História e a Estética do Maracatu Cearense Contemporâneo" – Pingo de Fortaleza, 2012

"Tenho mantido um envolvimento com o universo da cultura do maracatu do Ceará desde 1990, quando criei a canção 'Maculelê'. Acho que o livro traduz um pouco todo o meu aprendizado neste segmento e revela através da história do Maracatu Az de Ouro que ainda precisamos de muitos registros para reconhecer profundamente a rica e significativa presença do maracatu na cidade de Fortaleza", afirmou em entrevista ao blog Cariri.

2 Em destaque — 5º CICLO DE FORMAÇÃO — FORTALEZA - CE - SEGUNDA-FEIRA - 22 DE AGOSTO DE 2011 — O POVO — ROBERIO ARAÚJO/ DIVULGAÇÃO

Café Alencar e Pingo de Fortaleza abrem a programação hoje, às 18h30min, com uma conversa musical sobre a história e a estética do maracatu cearense

Maracatu cearense é tema de seis oficinas na sede da Associação Solar

De hoje ao próximo sábado, a Associação Cultural Solidariedade e Arte (Solar) realiza mais um Ciclo de Formação em sua sede. Gratuitas, seis oficinas darão conta da história e da estética do maracatu cearense

Tendo como objetivo aprofundar os conhecimentos e práticas no universo do maracatu cearense, não só entre seus brincantes, mas também na perspectiva de formar novos adeptos dessa manifestação emblemática da cultura cearense - e especificamente da capital Fortaleza -, a Associação Cultural Solidariedade e Arte (Solar) realiza de hoje (22) a sábado (27), no Benfica, seu *5º Ciclo de Formação: Maracatu Cearense*, desta vez sob os aspectos da História e Estética.

Gratis

Com inscrições gratuitas, o cronograma irá destacar seis oficinas, sendo a primeira logo mais à noite, das 18h30min às 21 horas, ministrada por Café Alencar e Pingo de Fortaleza. Amanhã, no mesmo horário, será a vez dos ritmos com o artista plástico, músico e griô da Solar, Descartes Gadelha, com a participação de Catherine Furtado. A partir de quarta, os temas abordados serão Coreografias; Prática Vocal de Loas (Preparação Vocal); Práticas Integradas do Maracatu, culminando com um ensaio do Maracatu Solar.

SERVIÇO

5º CICLO DE FORMAÇÃO: MARACATU CEARENSE - HISTÓRIA E ESTÉTICA
Quando: de hoje (22) a sábado (27), sempre das 18h30min às 21 horas.
Onde: sede da Solar (avenida da Universidade, 2333 - bairro Benfica).
Inscrições gratuitas.
Outras infos: 3226 1189 / associacaosolar@gmail.com.

Matéria Jornal O Povo sobre a SOLAR

SOB A LUZ DO SOLAR

Ligado ao maracatu desde "Maculelê", por alguns anos conduziu o Maracatu Az de Ouro. Portanto, foi macumbeiro1 do maracatu mais antigo do Ceará. "O Az de Ouro é a paixão da tradição, é o mais antigo. Onde aprendi tudo que sei de maracatu de rua mesmo, de ritmo, de ala...", reconheceu a importância do Az de Ouro em entrevista à revista cultural Canto da Iracema, em 2007.

E para continuar contribuindo com o maracatu cearense, Pingo de Fortaleza junto com outros parceiros pensaram a criação de um maracatu como programa, no qual diversas atividades de formação cultural orbitando entorno da cultura afro-brasileira, nasceu em 2006, o Maracatu Solar, como parte dos programas da ONG Associação Cultural Solidariedade e Arte (Solar), criada um ano antes.

Desta construção participaram Descartes Gadelha, Alan Mendonça, Inês Mapurunga, Wilton Matos, Lúcio Picanço, Marcondes Tavares, entre outros e os membros efetivos da SOLAR, Arnóbio Santiago, Patrício Barros, Tieta Pontes e Jorge Ramos (falecido em 2009 e homenageado pelo maracatu SOLAR em 2010 com o tema "São Jorge Solar").

[1] Tirador da loa do maracatu.

O Solar traz a musicalidade, a rítmica e principalmente o figural dos maracatus antigos aliando os elementos e a estética do artesanato cearense. A nova proposta foi levada para a Avenida Domingos Olímpio, templo do carnaval de rua de Fortaleza e desde então consta na programação na festa e participa dos mais importantes eventos realizados no Ceará, além de contribuir enormemente para a cultura e sobretudo, para a manutenção da cultura do maracatu.

"Outro motivo de choque, foi porque a gente trabalhou também o ritmo dessa década porque os registros da década de 40 e 60 são de um maracatu acelerado embora algumas lentas, a gente percebe que não podem ser cantadas nessa divisão mais aceleradas, teriam de ser cantadas na lenta, a gente supõem assim, que teriam de ter dois ou mais ritmos. Eles coexistiam. Mas um registro de 1943 do Raimundo Alves, fundador do Az de Ouro, é um registro de batuque mesmo, de macumba, como era denominada a loa e o cantor, denominado macumbeiro", explica.

VI - IMPRESSÕES DO CENTAURO

DIALOGANDO COM A NOVA GERAÇÃO

"O diálogo com os mais novos começou, principalmente, com o Alan Mendonça. Alan tinha muitos parceiros novos. Eu o considero uma pessoa nova ainda, apesar de experiente. O pessoal da banda Vigna Vulgaris veio junto, particularmente meu filho criador da Vigna, junto com o Brenner. Mais recentemente com os Renegados, Wilton Matos e outros. Acho essa intersecção com esses grupos importante porque você vai fazendo um link. Eu sempre procurei lincar o meu trabalho que fiz antes e faço agora e vou fazer depois, eu faço com os parceiros. Nesses discos do projeto "Pérolas" eu tento "lincar" desde o Fagner até a Lorena Nunes, desde o Ciço Lifrate, compositor inédito em disco natural de Lavras da Mangabeira, desde o Guaracy (Rodrigues) parceiro até o Henrique Beltrão, que é parceiro mais novo1. Eu faço esse link todo. Eu faço assim, como esses trabalhos têm pouca tiragem, e de certa forma pouca difusão, você tem de estar lincando da mesma forma com as gerações. O Ceará faz isso bem, embora visivelmente se ache que não. Se você for pesquisar a fundo você vai ver o que o Pessoal do Ceará interagiu muito bem com o pessoal do Massafeira, esse pessoal do Massafeira interagiu com o pessoal da década de 80, no caso Calé, comigo, Dilson (Pinheiro),

Lorena Nunes e Pingo de Fortaleza - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 (Acervo SOLAR)

Eugênio Leandro com Lúcio Ricardo e muitos outros. E nós que somos dessa década de 80 com o pessoal da década de 90, e agora com os mais novos. Então há esses links às vezes por afinidades estéticas, afinidades de amizade. Eu acho legal porque você tem de estar trazendo isso, atualizando porque o trabalho não teve uma abrangência de difusão universal. Então se você não estiver atualizando, fazendo releituras também, trazendo essas músicas, cantando com essa moçada as coisas podem estar se perdendo. É tanto que na minha trajetória de disco você vai ver que de vez em quando eu faço um marco. No caso depois desses três LPs, eu gostava mais dos meus shows ao vivo do que dos discos. Isso é uma coisa difícil de explicar. Você não escuta os discos. Você escuta aquela hora que você errou, escuta o sufoco da sua viagem... Por isso fiz o 'Ao Vivo' logo seguida. O que eu fiz: eu cantei todas as músicas que eu achava legal dos três LPs e alguma coisa nova. Aí já vou cantar uma canção de amor, vou cantar o maracatu, no final vou cantar o 'Centauros e Canudos', cantar as lendas. Acho que você aprende mais rápido a linguagem de palco, no meu caso, que a linguagem de estúdio, que ainda hoje estou tentando aprender. Mas a linguagem de palco acho que aprendi um pouco mais cedo.

A gente aprende. Foram tantos os desafios de ter de entrar no palco, passar por tantas situações difíceis que você olha e diz: 'O que é que vou fazer aqui hoje?!'. O cara lhe anunciar como Pim lá numa comunidade rural 'Hoje tem o Pim!' Aí o cara não terminava a palavra na radiadora que rodou a comunidade toda, a moçada doida pra ver o Pim e o cara não dizia a última sílaba e anunciar quem vai cantar aqui é Pingo. E no final pra justificar o cara ainda explica que 'o trabalho

[1] Parceria iniciada em 2009 no disco "Prata 950".

dele Pingo não é bom como do Pim. Ninguém gosta não. Ninguém gosta como gosta do Pim, mas vocês vão gostar'. Em outra ocasião cantar enquanto as pessoas aguardavam ansiosas a realização de um 'bingo' de uma cesta básica e ser anunciado, confundido com esse bingo e ser até vaiado pra acontecer o bingo e não o Pingo (risos). Então foram diversas circunstâncias e você acaba aprendendo a se sair de todas elas".

Marcos Lessa e Pingo de Fortaleza - Foto: Papinha Rodrigues, 2013 (Acervo SOLAR)

MERCADO CEARENSE

"Praticamente nesse período: 1980, 1990 era muito pequeno. Você tinha um projeto da prefeitura, um do governo do estado, se tivesse. SESC ainda não atuava, o BNB ainda não atuava. Você tinha os bares ou você produzia independente seu shows fazendo nos teatros, as pessoas iam e você corria o risco da bilheteria. Ou você fazia dois, três projetos desses e ia tocar em alguns bares. Realmente os espaços eram muito pequenos e reduzidos fisicamente, o público também (penso que ainda são). Nós tivemos na década de 80 um projeto bom que era nas praças que era o projeto Luiz Assunção. Eu nunca participei, mas alguns companheiros participaram. Esse projeto deixou de existir. Não tinha muito onde fazer, você não tinha casas de espetáculos onde pudesse fazer de forma permanente os seus shows e nem um público contínuo e isso eu acho que Fortaleza ainda carece de uma cadeia produtiva maior, mas consideravelmente os espaços se ampliaram, nos últimos anos. Você pode fazer um espetáculo em 10, 15 lugares se você batalhar bastante, mas também depois se esgota. E lá fora não. A gente chegava num SESC São Paulo tinha cento e tantas unidades, fazia prefeitura, viaja pra outro canto, fazia Funarte. Aqui sempre era limitado. Por isso que eu não ficava muito aqui e não sei se era por questão de ter esse engajamento eu sentia limitações nesses espaços também. Então era uma coisa mútua".

RELAÇÃO COM A MÍDIA

"Você nunca tocou em rádios amplas. (O trabalho) sempre tocou um pouco na Universitária FM da UFC. Mas hoje você tem a Câmara, a Assembleia. Você acaba tocando um pouquinho. Também teve um período que eu toquei em outras rádios. Rádio comunitária tocava algumas coisas. Mas nunca foi intensa. A difusão sempre foi pequena através do rádio e da televisão. A difusão maior foi na imprensa escrita, que sempre foi benevolente com as coisas daqui. Se você observar, o pessoal daqui, dos cadernos de cultura sempre deu espaço à produção local e isso tem de reconhecer. Analisando e estudando esses jornais você vê que a coisa vem se ampliando, sempre existiu e vem se ampliando cada vez mais. Hoje tem a mídia virtual das redes sociais e outros canais na Internet, e esse instrumento é um caminho que vem sempre trilhando e acho conveniente disponibilizar minha obra neste espaço".

QUAL O DISCO MAIS DESAFIADOR?

"Com certeza foi o primeiro: pela historia dele, de entrar num estúdio pela primeira vez, de encarar cantar, de não saber fazer nada, de viajar pro Rio de semileito Itapemirim, ficar hospedado numa casa que não é a sua, ficar longe da sua família, de sair atrás de músicos, de sentir que o trabalho que estava preparado às vezes não está tecnicamente preparado para aquilo. O segundo não. Você já sabia o caminho embora faça diferente acaba ficando uma coisa normal fazer. Todos têm os seus desafios. Mas o desafio maior foi o primeiro".

JÁ FEZ O DISCO QUE QUERIA?

"Interessante esta pergunta. Todos eu quis fazer. Nunca deixei de fazer aquilo que eu queria. Nunca deixei de fazer aquele que eu queria. Eu acho que é sempre o próximo, o que você quer fazer, não pode deixar de fazer. Porque são todos bem diferentes dessa cronologia, depois eu fui pro maracatu através do 'Maculelê', que é uma composição minha no ritmo de coroação do maracatu cearense (o mesmo de Pavão Misterioso do Ednardo) em parceria com Guaracy Rodrigues. Essa música composta em 89-90 vai servir de referência para o LP 'Maculelê Loas Catu Ibijá', lançado em 1991 (o Maracatu é outra referência que entra na minha obra como Canudos que não sai mais). Deste disco foram feitas mil cópias. Este sim pode ser considerado raro pela tiragem, pela capa, pelo bico de pena duplo do Ronaldo Cavalcante. Esse já foi feito aqui. A partir de 88, 89, as pessoas começam a gravar seus discos aqui no Ceará, que aí é o 'Fotografia' (de Ricardo Augusto), o

'Sumaré' (de Bernardo Neto). Então, em 91 eu fiz esse disco no Marcílio2 tentando reproduzir essa sonoridade do maracatu cearense. Aí é um disco também ainda temático, é o terceiro disco, é o terceiro temático que aí eu tento reproduzir a história do maracatu nas músicas. Eu encontro o Descartes Gadelha que vai ser meu parceiro a vida toda, o Calé que vai ser meu parceiro a vida toda, o Guaracy que já era. Aí eu vou trazendo todos que já eram pra cá, o Guaracy, o Fernando Néri compõe 'Guajara da Mata' comigo aqui. Mas aqui eu agrego mais: agrego o Calé interpretando 'Maculelê', agrego o Descartes que vai ser sempre meu parceiro no processo criativo dentro do universo do maracatu e em outros processos. Aqui eu começo minha música instrumental porque aqui eu fiz três músicas. No 'Lendas e Contendas' existe uma música instrumental chamada 'Amanheceu o Beberibe', mas aqui eu consolido o trabalho instrumental com três (músicas) e depois vou fazer três instrumentais em função dessas experiências, de aprender a tocar violão, estudar o violão. Que era uma coisa: o que era o instrumental? Você não tinha show com banda, não tinha dinheiro pra poder pagar banda, raramente se pagava um cachê que pudesse pagar banda. Aí comecei: vou aprender a tocar minhas músicas aqui fazer voz e violão. Aí tive que aprender a tocar violão e compor. O violão parte como uma necessidade de uma base para fazer isso. Os discos, todos eles eu fiz, da maneira que eu quis, dentro da realidade que eu pude fazer. Porque se você considerar ideal, você nunca vai chegar ao disco ideal".

30 ANOS DE CARREIRA

"Minha primeira impressão é de gratidão, de felicidade pelo o que eu consegui fazer; a todos os parceiros, os amigos, os apoiadores, os músicos, os diretores musicais, os artistas gráficos... porque assim, eu consegui fazer isso não sozinho, foi sempre com a ajuda de todos, com a parceria de todos. Acho que é uma produção bastante significativa de discos, de músicas gravadas. Acho que temos esse problema da difusão, que não é só meu é de toda produção considerada independente, mas hoje essa produção tem a Internet como aliada. Estou procurando utilizar estes mecanismos. Já recebi depoimentos de que algumas canções são importantes para pessoas, melhoraram suas vidas. Eu faço música porque eu sinto a necessidade basicamente de criar. Não seria o que eu sou sem criar, sem viver com a música. Primeiro, essa é uma verdade minha, pessoal. Depois a gente produz porque você sente a necessidade de compartilhar e compartilha através do registro. Você recebe o retorno das pessoas, é muito gratificante. Pra mim é importante. É um sentimento de gratidão a todos que me acompanham, me estimulam".

VII - CENTAURIANAS

DISCOGRAFIA

1986 - Centauros e Canudos

1988 - Lendas e Contendas

1991 - Maculelê

1993 - Pingo de Fortaleza Ao Vivo

1996 - Cantares

1998 - Arte em Movimento (CD produzido pelo Movimento dos Sem Terra. Participação)

1999 - Dragão Vivo (em parceria com Calé Alencar e Dilson Pinheiro)

1999 - Pingo de Fortaleza Instrumental

2000 - Lógica

2000 - Outros 500 (CD do Maracatu Az de Ouro com a faixa "Outros 500" de Pingo de Fortaleza. Participação)

2000 - Cancioneiro de Canudos

2001 - Maracatus e Batuques (Participação)

2002 - Solo Feminino

2003 - O Mágico Entre Nós (em parceria com José Mapurunga)

2003 - Cantigas do Divino Nascimento (em parceria com José Mapurunga)

2003 - Caixa Patativa (CD Duplo. Participação)

2004 - 21 Anos

[2] Marcílio Mendonça, ex-integrante do grupo Quinteto Agreste, proprietário do Estúdio Pró-Áudio.

2004 - Zoeira

2004 - Pingo de Fortaleza 21 anos

2005 - O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá (em parceria com José Mapurunga - inédito)

2006 - Solo Feminino 2

2007 - Maracatu-Ará

2009 - Prata 950

2010 - Ressonância Instrumental

2011 - Cantos de Axé de Luz – Pingo de Fortaleza e Amigos

LIVROS

Maracatu Az de Ouro – 70 anos de Memórias, Loas e Batuques. Omni Editora e SOLAR (2008).

Singular e Plural – A História e a Diversidade Rítmica do Maracatu Cearense Contemporâneo (2012). Publicação: SOLAR (Associação Cultural Solidariedade e Arte).

VII - RESSONÂNCIA FINAL

Pingo é de fato, um mágico entre nós. Com a resistência de um conselheirista, segue no solo por vezes cáustico da arte, plantando boas sementes para que colhamos e nos deleitemos com a poesia, a harmonia de eternas canções, brotadas em solos femininos ou na avenida por onde o cortejo do maracatu-ará desfila sob as bênçãos solares. Mágico, porque consegue imprimir leveza e magia nos percalços e materializa o pulsar do coração de poeta. Um manancial criativo.

Independente sim, afinal conduz o leme de seu barco artístico como quis e sempre ancora no cais dos amantes do lirismo, da boa música e da cultura brasileira. Acima de tudo, a obra de Pingo de Fortaleza é do mundo e a cada trabalho, a cada projeto, surpreende. Pingo de Fortaleza também é um defensor da arte, das identidades culturais, dos saberes. Um ente cultural completando 30 anos de caminhada, cantoria, de ousadia, talento. Com ou sem negrume é o ser brincante no Carnaval de Rua de Fortaleza, o macumbeiro da loa que leva junto com tanta gente que faz o Solar brilhar e brincar onde quer que chamem o maracatu para desfilar. Pingo identifica e dignifica a arte cearense. Com Calé Alencar e Descartes Gadelha, forma a santíssima trindade do Maracatu. Referencial do batuque, musicalidade carregada de energias positivas. Será por isso que há quem ache sua música espiritual? Não há engano sobre este pensamento, pois a música, poesia, enfim, a arte é o espírito manifesto e dele emanam. Dividir a criação de suas canções com parceiros, dividir com o público, tocar no coração daqueles que lhe ouvem, ouviram e ouvirão, é celebrar. É como exercer sacerdócio, mas um sacerdócio liberto das indumentárias prisionais, liberto dos dogmas. Assim, segue Pingo de Fortaleza compartilhando o pão espiritual de sua música e comunga ele com alegria com quem chegar.

VIII - REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Nelson. Pingo de Fortaleza novo cearense na velha Canudos. Jornal O Povo, Fortaleza, 24 de outubro de 1986, Segundo Caderno, p.1.

_____. Centauros e Canudos: Gota pura no mar de lama. Jornal O Povo, Fortaleza, 15 de agosto de 1986, Segundo Caderno, p.1.

DIVERSIDADE E EMOÇÃO NO CD SOLO FEMININO. Diário do Nordeste, Domingo Cultura Fortaleza, 10 de março de 2002.

JORGE, Ricardo. Pingo traz Cantares em dose dupla no TJA. Diário do Nordeste, Fortaleza, 09 de julho de 1996, Caderno 3.

LANÇAMENTO: UM DISCO MACULELÊ. Jornal da Cidade, Aracaju, 22 de novembro de 1991.

MARACATU ELETRÔNICO. Jornal O Povo, Fortaleza, 14 de julho de 2000, Caderno Vida & Arte, p. 1B.

MÚSICA ENGAJADA. Jornal O Povo, Fortaleza, 11 de setembro de 1998, Caderno Vida & Arte.

MUTIRÃO DE ARTISTAS PARA AJUDAR O SONHO DE PINGO. Jornal O Povo, Fortaleza, 30 de abril de 1986.

NUNES, Henrique. Pingo de Fortaleza lança Instrumental. Diário do Nordeste, Caderno 3. Fortaleza, 01 de Setembro de 2009.

NEM SÓ SONS TRAZ O TEATRO E A MÚSICA PARA A CEARTE. Jornal O Povo, Fortaleza, 1984.

O CANTO SOCIAL NO SHOW DE PINGO. Jornal O Povo, Fortaleza, 10 de dezembro de 1983, Caderno 2, p.15.

PARA CANTAR PINGO. Jornal O Povo, Fortaleza, 17 de julho de 2002, Caderno Vida & Arte, p.1.

PINGO LANÇA CD GRAVADO AO VIVO NO TJA. Jornal O Povo, Fortaleza, 20 de dezembro de 1993, Caderno B, p.4.

PINGO DE FORTALEZA LANÇA CD GRAVADO AO VIVO NO TJA. Jornal O Povo, Fortaleza, 20 de dezembro de 1993, Caderno B, p.4.

PINGO DE FORTALEZA LANÇA PRATA 95O. Diário do Nordeste, Fortaleza, 25 de julho de 2009, Caderno 3, p.1.

PROJETO PIXINGUINHA – A VOZ DOS CEARENSES. Jornal O Povo, Fortaleza, 03 de maio de 1985.

PÚBLICO CONSAGRA II FESTIVAL DE MÚSICA. Jornal O Povo, Fortaleza, 1983.

PINGO DE FORTALEZA EM CONCERTO. Diário do Nordeste, Fortaleza, 17 de março de 2010, Caderno 3.

UM SHOW DE MÚSICA E POESIA. Diário do Nordeste, Fortaleza, 17 de março de 2010, Caderno 3.

SAMPAIO, Joanice. Música Plural Brasileira. Monografia. 2009.

_____. Pingo de Fortaleza. Revista Canto da Iracema. N.0 29, Ano 8. Fortaleza, outubro de 2007.

INTERNET

http://blogkariri.blogspot.com.br/2012/04/pingo-de-fortaleza-uma-chuva-de.html. Acesso em 12 de novembro de 2012.

http://www.dicionariompb.com.br. Acesso em 15 de outubro de 2012.

http://www.historia.ufc.br. Acesso em 10 de novembro de 2012.

http://www.pragmatizes.uff.br. Acesso em 10 de novembro de 2012.

http://musicadoceara.blogspot.com. Acesso em 15 de outubro de 2012.

http://www.nelsons.com.br. Acesso em 15 de outubro de 2012.

http://www.opovo.com.br/app/divirta-se/2007/09/19/noticiasdivirtase,730284/livro-conta-a-historia-do-maracatu-az-de-ouro.shtml Acesso em 10 de novembro de 2012.

http://www.vceventos.com.br/folclore2007/pingo.html. Acesso em 10 de novembro de 2012.

http://www.youtube.com/watch?v=sLOCxbDCYFY. Acesso em 10 de novembro de 2012.